

José Fleurí Queiroz

BURI-SP

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA “SINHANINHA”

***ESCOLA DO ESPIRITISMO MORAL,
FILOSÓFICO E CRISTÃO.***

ESCOLA DO ESPIRITISMO MORAL, FILOSÓFICO E CRISTÃO.

CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO DO ESPIRITISMO
O GRANDE DESCONHECIDO (J.HERC. PIRES)
O TESOURO DOS ESPÍRITAS (MIGUEL VIVES)
PUREZA DOUTRINÁRIA (J. HERC. PIRES)

REVISTA ESPÍRITA. DEZEMBRO DE 1861. Págs. 387-402.

ALLAN KARDEC

1. – Até o presente, embora muito numerosos, os Espíritas se têm disseminado por todos os países, o que não é um dos caracteres menos salientes da doutrina. Como uma semente levada pelo vento, ela fixou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que sua propagação não é efeito de uma camarilha (grupo de pessoas influentes em torno do governante), nem de uma influência local e pessoal. A princípio isolados, os adeptos se surpreenderam hoje com seu número; e como a similitude de idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim, de toda parte nos pedem instruções a propósito, manifestando o desejo de união à Sociedade central de Paris. É, pois, chegado o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a *Organização do Espiritismo*. Sobre a formação das sociedades espíritas, *O Livro dos Médiuns* (2ª. Edição) contém observações importantes, às quais remetemos os interessados, pedindo-lhes meditem com cuidado. Diariamente a experiência vem lhes confirmar a justeza, que lembraremos de modo sucinto, acrescentando instruções mais circunstanciadas.

2. – Inicialmente falemos dos adeptos ainda isolados em meio a uma população hostil ou ignorante às idéias novas. Diariamente recebemos cartas de pessoas que estão neste caso e perguntam o que podem fazer, na ausência de médiuns e de co-participantes do Espiritismo. Estão na situação em que, apenas há um ano, se achavam os primeiros Espíritas dos mais numerosos centros de hoje; pouco a pouco multiplicaram-se os adeptos e há cidades onde quase se contaram por unidades isoladas, mas hoje o são por centenas e milhares; em breve dar-se-á o mesmo em toda parte; é uma questão de paciência. Quanto ao que devem fazer, é muito simples. A princípio podem trabalhar por conta própria, penetrar-se da doutrina pela leitura e meditação das obras especiais; quanto mais se aprofundarem, mais verdades consoladoras descobrirão, confirmadas pela razão. Em seu isolamento, devem julgar-se felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitassem a colher na doutrina uma satisfação pessoal, seria uma espécie de egoísmo. Em razão de sua própria posição, têm uma bela e importante missão a cumprir: a de espalhar a luz em seu redor. Os que aceitarem essa missão e não se deixarem deter pelas dificuldades, serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de haver feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição;

serão motivo da troça e dos sarcasmos dos incrédulos, mesmo da malevolência das pessoas interessadas em combater a doutrina; mas onde estaria o mérito se não houvesse obstáculos a vencer? Assim, aos que fossem detidos pelo medo pueril do que diriam, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar. Mas aos que têm a coragem de sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a fazer se limita a falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem a pregar e, sobretudo, sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a todo custo. *O Espiritismo não deve ser imposto: vem-se a ele porque dele se necessita*, e porque ele dá o que não dão as outras filosofias. Convém mesmo não entrar em explicações com os incrédulos obstinados: seria dar-lhes muita importância e os levar a pensar que se depende deles. Os esforços feitos para os atrair os afastam e, pelo amor-próprio, eles resistem na sua oposição. Eis por que é inútil perder tempo com eles; quando a necessidade se fizer sentir, virão por si mesmos. Enquanto se espera, é preciso deixá-los tranqüilos, satisfeitos no seu ceticismo que, acreditai, muitas vezes lhes pesa mais do que eles manifestam. Porque, por mais que digam, a idéia do nada após a morte tem algo de mais apavorante, de mais pungente que a própria morte.

Ao lado dos trocistas encontrar-se-ão pessoas que perguntarão: “Que é isto?”. Esforçai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando-lhes explicações conforme as disposições que nelas encontrardes. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados a esmo: no número, muitos caem nas pedras e nada produzem; mas se um único tiver caído em terra fértil, julgai-vos feliz: cultivai-a e estareis certos de que essa planta, frutificando, terá renovos. Para alguns adeptos, a dificuldade é responder a certas objeções; a leitura atenta das obras lhes fornecerá os meios; mas, sobretudo, poderão ajudar-se, para tal efeito, da brochura que vamos publicar sob o título: *Refutação das críticas contra o Espiritismo, do ponto de vista materialista, científico e religioso*.

(continua no Capítulo II)

*

RELIGIÃO ESPÍRITA

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO: (A. KARDEC) - CAPÍTULO I – “NÃO VIM DESTRUIR A LEI”.

1: Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para dar-lhes cumprimento. Porque em verdade vos digo que o céu e a terra não passarão, até que não se cumpra tudo quanto está na lei, até o último jota e o último ponto. (Mateus, V: 17-18).

7. Da mesma maneira que disse o Cristo: “Eu não venho destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento”, também o Espiritismo nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas o desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito sob forma alegórica. Ele vem cumprir, na época predita, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside, assim como preside ao que igualmente anunciou: a regeneração que se opera e que prepara o Reino de Deus sobre a Terra.

LIVRO DA ESPERANÇA (EMMANUEL) – “CULTO ESPÍRITA”.
(Págs. 15-17).

O Culto Espírita, expressando veneração aos princípios evangélicos que ele mesmo restaura, apela para o íntimo de cada um, a fim de patentear-se. Ninguém precisa inquirir o modo de nobilitá-lo com mais grandeza, porque reverenciá-lo é conferir-lhe força e substância na própria vida.

Mãe, aceitarás os encargos e os sacrifícios do lar, amando e auxiliando a Humanidade, no esposo e nos filhos que a Sabedoria Divina te confiou. Dirigente, honrarás os dirigidos. Legislador, não farás da autoridade instrumento de opressão. Administrador, respeitarás a posse e o dinheiro, empregando-lhes os recursos no bem de todos, com o devido discernimento. Mestre, ensinarás construindo. Pensador, não torcerás as convicções que te enobrecem. Cientista, descortinarás caminhos novos, sem degradar a inteligência. Médico, viverás na dignidade da profissão sem negociar com as dores dos semelhantes. Magistrado, sustentarás a justiça. Advogado, preservarás o direito. Escritor, não molharás a pena no lodo da viciação, nem no veneno da injúria. Poeta, converterás a inspiração em fonte de luz. Orador, cultivarás a verdade. Artista, exaltarás o gênio e a sensibilidade sem corrompê-los. Chefe, serás humano e generoso, sem fugir à imparcialidade e à razão. Operário, não furtarás o tempo, envilecendo a tarefa. Lavrador, protegerás a terra. Comerciante, não incentivarás a fome ou o desconforto, a pretexto de lucro. Exator, aplicarás os regulamentos com equidade. Médiun, serás sincero e leal aos compromissos que abraças, evitando perverter os talentos do plano espiritual no profissionalismo religioso.

O culto espírita possui um templo vivo em cada consciência na esfera de todos aqueles que lhe esposam as instruções, de conformidade com o ensino de Jesus: “O reino de Deus está dentro de vós” e toda a sua teologia se resume na definição do Evangelho: “a cada um por suas obras”.

À vista disso, prescindindo de convenção (acordo, pacto, ajuste, o que resulta de um acordo tácito entre os membros de um mesmo grupo social) e pragmática (coleção de regras ou de fórmulas que regulam os atos e cerimônias da corte e da Igreja), temos nele o caminho libertador da alma, educando-nos o raciocínio e sentimento, para que possamos servir na construção do mundo melhor.

*

PASSES E ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

*

FILOSOFIA ESPÍRITA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS (A. KARDEC). Questões 886 – “CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO” – e 887 – “AMAI OS VOSSOS INIMIGOS”.

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? – *Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas*

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: - *“Amai-vos uns aos outros, como irmãos”*. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes, porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus ensinou ainda: *“Amai aos vossos inimigos”*. Ora, um amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos? – *Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores, pela vingança nos colocamos abaixo deles.*

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS (EMMANUEL). “SE TIVERES AMOR”. (Pag.15).

Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas... Encontrarás nos caluniadores almas invigilantes que a peçonha do mal entenebreceu, e releva-rás toda ofensa com que te martirizem as horas... Surpreenderás nos maldizentes criaturas desprevenidas que o veneno da crueldade enlouqueceu, e desculparás toda injúria com que te deprimam as esperanças... Observarás no onzenário (que cobra juro exorbitante) a vítima da ambição desregrada, acariciando a ignomínia da usura em que atormenta a si próprio, e no viciado o irmão que caiu voluntariamente na poça de fel em que arruína a si mesmo... Reconhecerás a ignorância em toda manifestação contrária à justiça e descobrirás a miséria por fruto dessa mesma ignorância em toda parte onde o sofrimento plasma o cárcere da delinquência, o deserto do desespero, o inferno da revolta ou o pântano da preguiça...

Se tiveres amor saberás, assim, cultivar o bem, a cada instante, para vencer o mal a cada hora... E perceberás, então, como o Cristo fustigado na cruz, que os teus mais acirrados perseguidores são apenas crianças de curto entendimento e de sensibilidade enfermiça, que é preciso compreender e ajudar, perdoar e servir sempre, para que a glória do amor puro, ainda mesmo nos suplícios da morte, nos erga o espírito imperecível à bênção da vida eterna.

*

O CONSOLADOR (EMMANUEL). Segunda Parte. FILOSOFIA. VIDA. APRENDIZADO. Questões 115 a 130.

115. *É a Filosofia a interpretação sintética de todas as atividades do espírito em evolução na Terra?* – A Filosofia constitui, de fato, a súpula das ati-

vidades evolutivas do Espírito encarnado na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas uma à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas.

116. *O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?* – Como a maioria das criaturas humanas se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus. Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117. *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias experiências do Espírito sobre a Terra?* - Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118. *Como se registram as experiências do Espírito em sua encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subseqüentes?* – É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119. *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?* - Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfeibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120. *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?* – Diremos melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

(continua no capítulo II)

*

FILOSOFIA GERAL

Livro: ENSINAMENTOS BÁSICOS DOS GRANDES FILÓSOFOS.

NATUREZA DO UNIVERSO

(O mundo, no qual você e eu vivemos, já existia muito antes de nós. Como surgiu? Foi criado ou sempre existiu? Quem ou o que o fez e como foi feito? As árvores, estrelas, homens e mulheres existem realmente ou são simples cria-

ções de nosso espírito ou do espírito de Deus? Como veio a existir o universo e de que é feito?)

Não existe quem não tenha indagado como surgiu o mundo. Ele, com suas flores, rios, rochas, céu, estrelas, sol e lua, tudo isso não surgiu por mero acaso, costumamos raciocinar. Tudo o que vemos em torno de nós, tudo que conhecemos, deve ter-se transformado, no que é hoje, por algum processo. Se pudéssemos compreender esse processo, compreenderíamos a natureza do universo.

Os primeiros homens, dos quais temos registro, tinham teorias sobre o começo e a natureza das coisas. Teceram-nas para suas religiões, e os sacerdotes e religiosos explicaram-nas aos jovens que, por sua vez, as transmitiram aos filhos. Uma dessas teorias encontra-se no *Gênese*, o primeiro livro da Bíblia. Ele nos diz que Deus criou o mundo do nada em seis dias, fez a luz e as trevas, o sol, a lua e as estrelas, a terra e as águas e, finalmente, fez todas as coisas vivas, inclusive o homem. Depois, quando tudo ficou terminado e o homem e a mulher foram colocados num belo jardim, Deus veio ao mundo e passeou pelo jardim, satisfeito com Sua obra.

Teoria dos Primeiros Filósofos Gregos

Os primeiros filósofos, os gregos, mostraram-se grandemente interessados no problema da natureza do universo. Realmente, foi o primeiro que atacaram. Assim como as crianças costumam quebrar os brinquedos para descobrir de que são feitos, aqueles filósofos da infância da raça humana procuraram *quebrar* no espírito, o universo e penetrar no mistério da formação de todas as coisas nele encontradas. “De que *matéria* provêm todas as coisas?” inquiriam a si mesmos.” “Como se explica que existam tantas coisas no universo?”

Tales. Que viveu em Mileto, na Grécia antiga (cerca de 600 A.C.), foi o primeiro a propor uma solução para esse problema. Declarou aos vizinhos que a água é a *matéria* donde tudo se origina. Via-a transformando-se em sólido – gelo – quando congelada, e em ar – vapor – quando aquecida. Raciocinava, pois, que tudo, desde a rocha mais dura até ao mais leve ar, se origina da água e para ela acaba voltando.

Anaximandro. Pouco tempo depois, outro cidadão de Mileto, *Anaximandro*, escrevia que a primeira *matéria*, de que tudo é feito, não era a água, conforme Tales havia sugerido, porém, uma massa viva que enche todo o espaço. A essa massa deu o nome de *infinito*. No começo dos tempos, dizia ele aos companheiros, essa massa, esse *infinito*, era inteiriço, não estava partido em pedaços. Continha, porém, *movimento*. O *movimento* fê-lo começar a agitar-se para cima e para baixo, para a frente e para trás, e em volta. Lentamente, foram as peças destacando-se da massa, surgindo assim, eventualmente, as coisas que agora temos no universo. Acreditava ele que, à medida que o movimento prosseguia, aqueles inúmeros pedaços começaram a voltar e foram-se reunindo, e a massa, o *infinito*, reassumiu a forma inteiriça original. Anaximandro fez uma exposição muito minuciosa sobre a maneira como acreditava se tivessem originado dessa massa o mundo, o sol, as estrelas, o ar, os animais, os peixes e o homem.

Anaxímenes. Um terceiro filósofo de Mileto, *Anaxímenes*, não se satisfez com as teorias expostas pelos dois pensadores que o haviam precedido. Aventou a idéia de ser o ar a primeira *matéria* de que tudo o mais, no universo, é feito. Compreendeu que o homem e os animais respiram o ar e podem viver, e, raciocinando, declarou que o ar se transforma em carne, osso e sangue. Prosseguindo em seu raciocínio, disse que o ar pode transformar-se em vento, nuvens, água, terra e pedra.

Esses três filósofos de Mileto, estavam interessados em descobrir a *matéria* de que é feito tudo o mais. Seguiu-os um grupo de filósofos que, conquanto se interessasse pelo mesmo problema, tinha mais interesse em descobrir os processos a que as muitas coisas, no universo, se acham relacionadas. Foram os *pitagóricos*, um grupo ou escola fundada por *Pitágoras*.

Pitágoras. Pitágoras e os pitagóricos impressionaram-se com o fato de muitas coisas, no mundo, se acharem ligadas por processos que podiam ser enunciados pelos números. Por exemplo: a resistência de um fio ou de um pedaço de tripa acha-se relacionada ao seu comprimento, num modo que pode ser expresso em número. Por isso – raciocinavam – o número deve ser a *matéria* que os filósofos procuram. Para eles, os números passaram a ser coisas e entidades; começaram, então, a ensinar que todo o universo fora construído de números. Acreditavam que, abrangendo a oitava harmônica oito notas, o algarismo oito representa amizade. O ponto – afirmavam – é o um, e a linha, o dois. E assim prosseguiram e desenvolveram um complicadíssimo sistema de números, em seus esforços para demonstrar que tudo é realmente feito de números.

(continua no capítulo II)

*

CIÊNCIA ESPÍRITA

O LIVRO DOS MÉDIUNS (A. KARDEC). Cap. I, EXISTEM ESPÍRITOS? Questão 01:

A causa principal da dúvida sobre a existência dos Espíritos é a ignorância da sua verdadeira natureza. Imaginam-se os Espíritos como seres à parte na Criação, sem nenhuma prova da sua necessidade. Muitas pessoas só conhecem os Espíritos através das estórias fantasiosas que ouviram em criança, mais ou menos como as que conhecem História pelos romances. Não procuram saber se essas estórias, desprovidas do pitoresco, podem revelar um fundo verdadeiro, ao lado do absurdo que as choca. Não se dão ao trabalho de quebrar a casca da noz para descobrir a amêndoa. Assim, rejeitam toda a estória, como fazem os religiosos que, chocados por alguns abusos, afastam-se da religião.

Seja qual for a idéia que se faça dos Espíritos, a crença na sua existência decorre necessariamente do fato de haver um princípio inteligente no Universo, além da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta do referido princípio. Partimos, pois, da aceitação da existência, sobrevivência e individualidade da alma, de que o Espiritualismo em geral nos oferece a demonstração teórica dogmática, e o Espiritismo a demonstração experimental.

SEARA DOS MÉDIUNS (EMMANUEL). Questão n. 01 de O Livro dos Médiuns: “NUM SÉCULO DE ESPIRITISMO”.

Num século inteiro de atividades, temos visto a Ciência procurando apaixonadamente as realidades do Espírito. Provas indiscutíveis não lhe foram regateadas. E tantas foram elas que Richet conseguiu articular, com êxito, as bases clássicas da Metapsíquica, usando recursos tão demonstrativos e convincentes quanto aqueles empregados na exposição de qualquer problema de patologia ou botânica. Sábios distintos, entre os quais Wallace e Zöllner, Crookes e Lombroso, Myers e Lodge, mobilizando médiuns notáveis, efetuaram experiências de valor incontestado.

Entretanto, se nos vinte lustros passados a mediunidade serviu para atender aos mistérios brilhantes da observação científica, projetando inquirições do homem para a Esfera Espiritual, é justo satisfaça agora às necessidades morais da Terra, carreando avisos da Esfera Espiritual para o homem.

Se o primeiro século de Doutrina Espírita viu realizações admiráveis, desde os cálculos profundos da física nuclear aos fundamentos da astronáutica, surpreendeu, igualmente, calamidades terríveis, como sejam: as guerras de conquista e rapinagem, nas quais os campos de prisioneiros foram teatro para os mais hediondos espetáculos de barbárie e degradação, em nome do direito; a técnica da destruição de cidades em massa; as inquisições religiosas, amordaçando a liberdade de consciência; a proliferação das indústrias do aborto, às vezes com o amparo de autoridades respeitáveis; a onda crescente dos suicídios; o delírio dos entorpecentes; o abuso da hipnose; o lenocínio transformado em costume elegante da vida moderna; o aumento dos chamados crimes perfeitos, com manifesta perversão da inteligência, e a percentagem assustadora das moléstias mentais com alicerces na obsessão.

Desse modo, não nos basta apenas um “espiritismo científico” que despenda indefinida quota de tempo averiguando a sobrevivência do ser, além do sepulcro. Embora a elevação de propósitos dos pesquisadores eminentes, que tateiam os domínios da alma, não podemos esquecer a edificação do sentimento.

É assim que, repetindo as lições do Cristo para o mundo atormentado, não nos achamos simplesmente diante de um “espiritismo social”, mas em pleno movimento de recuperação da dignidade humana, porquanto, em verdade, perante o materialismo irresponsável, a sombrear universidades e gabinetes, administrações e conselhos, laboratórios e templos, cenáculos e multidões, o Evangelho de Jesus, para esclarecimento do povo, tem regime de urgência.

*

A GÊNESE. (A. KARDEC). Cap.XIV, item 46: OBSESSÕES E POSSESSÕES.

Assim como as moléstias são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre a decorrência de uma imperfeição moral, que dá entrada a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma causa física; a uma causa moral, será preciso contrapor uma causa moral. Para se preservar das moléstias, fortifica-se o corpo; para garantir-se contra a obsessão, será preciso fortificar

a alma; daí resulta, para o obsedado, a necessidade de trabalhar para sua própria melhoria, o que geralmente basta, na maior parte dos casos, para o desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de pessoas estranhas. Tal socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente perde por vezes a sua vontade e o seu livre arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que mais freqüentemente tem sua origem nas relações que o obsedado teve com ele, em uma existência precedente. No caso de obsessão grave, o obsedado está como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É do fluido que será preciso desembaraçar-se; ora, um mau fluido não pode ser repellido por um mau. Por uma ação idêntica à do médium curador no caso de moléstia, será preciso expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor. Esta é a ação mecânica, porém que nem sempre basta; será preciso, também, e acima de tudo, agir sobre o ser inteligente ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e esta autoridade não é dada senão à superioridade moral; quanto maior é esta, maior a autoridade.

Mas nem tudo se resume nisso: para assegurar o livramento será necessário levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com a finalidade de sua educação moral; então pode-se ter a doce satisfação de livrar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo a situação, traz seu auxílio de vontade e de oração; não é assim quando o doente, subjugado pelo Espírito enganador, se ilude a respeito das qualidades de seu dominador, e se compraz no erro em que este o mergulhou; pois, então, longe de auxiliar, ele repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (Livro dos Médiuns, cap. XXIII). Em todos os casos de obsessão, a oração é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

*

OPINIÃO ESPÍRITA. (EMMANUEL). De A Gênese, Cap. XIV, item 46: PRECE E OBSESSÃO.

A Providência Divina, pelas providências humanas, sustenta o amparo indiscriminado a todas as criaturas, mas estatui a reciprocidade em todos os processos de ação pelos quais a bondade da vida se manifesta.

Comparemos a prece e a obsessão ao anseio de saber e ao tormento da ignorância. O professor esclarece o discípulo mas não lhe dispensa a aplicação direta ao ensino. E se o aluno é surdo-mudo, mesmo assim, para instruir-se, é obrigado a concentrar muitas das possibilidades da visão e da audição nas sutilezas do tato, se quer assimilar o que aprende.

Recorramos, ainda, à lição viva que surge, entre a doença e o remédio. Administrar-se-á medicamento ao enfermo, mas não se pode eximi-lo do curso necessário. E se o paciente não consegue ou não deve acolher os recursos precisos, através da boca, é constrangido a recebê-los por intermédio dos poros, das veias ou de outros canais do corpo. Todo socorro essencial ao veí-

culo físico reclama a participação do próprio veículo físico. Ninguém extingue a própria fome pelo esôfago alheio.

Assim, também, nas necessidades do espírito. Na desobsessão, a prece indica a atividade libertadora, no entanto, não exonera o interessado da obrigação de renovar-se pelo serviço e pelo estudo, a fim de que se lhe areje a casa íntima, de vez que todos aqueles que se acumpliciaram conosco, na prática do mal, em existências passadas, somente se transformam para o bem, quando nos identificam o esforço, por vezes difícil e doloroso, da nossa reeducação, na prática do bem.

Resumindo, imaginemos o irmão obsidiado, ainda lúcido, como sendo prisioneiro da própria mente, convertida então em cela escura e comparemos o socorro espiritual à lâmpada generosa. Obsessão é o bolo pestífero transformado em caprichoso ferrolho na sombra. Oração é luz que se acende. A claridade traça orientação do que se tem a fazer, mas o detento é chamado a tomar a iniciativa do trabalho para libertar a si mesmo, removendo corajosamente o tenebroso foco de atração.

*

NO LIMIAR DO AMANHÃ. (J. HERCULANO PIRES). “A BUSCA DA VERDADE”.

Professor, considero o Espiritismo uma tentativa ingênua de racionalizar a Religião. As transmissões de fé não são racionais. São realizações emocionais para ajudarem o homem a suportar a vida. Como o senhor me responderia a isto?

Respondo que continua em vigor o seu preconceito. O senhor está tratando com preconceito o problema religioso. Quem lhe disse que se chegou à conclusão, do ponto de vista científico e religioso, de que a religião seja isto, apenas um problema emocional? Não. O senhor conhece, por exemplo, a posição pragmática de William James, nos Estados Unidos, no tocante às religiões? O senhor sabe que ele encarou as religiões sob o ponto de vista racional e didático e chegou à conclusão de que a Religião tem uma finalidade prática, muito importante, na vida humana?

O senhor sabe que Augusto Comte, o grande filósofo do Positivismo, que fez a sua filosofia baseada inteiramente no estado subjetivo da ciência, acabou criando aquilo que ele chamou a religião da humanidade? Sabe que no Rio de Janeiro existem centros positivistas, onde o senhor pode assistir às cerimônias religiosas? Que Augusto Comte confirmou a existência da Metafísica, baseando-se nas experiências concretas e positivas? Que para ele as religiões não tratavam de um Deus imaterial, abstrato, mas daquilo que ele chamava a Deusa, que é a própria humanidade, o culto da humanidade?

A religião não tem apenas um sentido emocional, mas tem também um sentido de busca da Verdade. A religião faz parte do Campo do Conhecimento. No tocante ao Espiritismo, nós consideramos o Conhecimento, no sentido geral, em três campos, três grandes províncias, por assim dizer, que são: a Ciência, a Filosofia e a Religião. As ligações entre esses campos do conhecimento são ligações praticamente genéticas. Por que? Porque sempre a Ciência nasce da experiência do homem, no contato com a Natureza, da sua pro-

cura em conhecer a realidade das coisas, em descobrir as leis que governam as coisas e servir-se delas, para poder utilizar-se delas.

A Ciência dá os dados sobre a realidade. Estes dados vão levar o homem a formular um conceito da Natureza, a criar uma concepção do mundo, da vida. Essa concepção do mundo é a Filosofia. Então, a Ciência nasce da experiência humana na Terra. A Filosofia nasce das conquistas da Ciência. Estas conquistas da Ciência se projetam na concepção do mundo formal, que é a Filosofia e permitem que o homem tenha um comportamento adequado àquilo que ele considera ser o mundo, na feição moral. Mas a moral mostra que o homem não é um ser efêmero, como nos parece, pela sua aparência material. Assim, o ser, que sobrevive após a morte, nos leva, naturalmente, à Religião. A Religião é, então a busca da Verdade, da mesma forma que a Ciência, da mesma forma que a Filosofia. Cada uma testa, estrutura o seu conhecimento; cada uma no seu campo. Todas elas exercem em conjunto, uma função, que é a busca da Verdade.

O senhor se engana, portanto, ao considerar a Religião como, apenas, um campo de emoção. O senhor fala isso por causa da fé. Mas é preciso lembrar que Allan Kardec fez a crítica da fé e chegou à conclusão de que a fé verdadeira é a fé que se ilumina, à luz da razão.

*

TÉCNICA DA COMUNICAÇÃO

Carlos Prates

Livro de Comunicação, Oratória e Marketing Pessoal:

Falando em Público com Sucesso - Como tornar-se um campeão da oratória.

1

Por que temos medo de falar em público?

Pesquisas afirmam que, depois da morte, o maior medo do Ser Humano é o de falar em público. Este medo é atribuído à preocupação que temos de não sermos aceitos pelos ouvintes, medo de falhar e conseqüentemente sofrer hostilidades e medo do ridículo. Os mais tímidos não suportam ser o centro das atenções e muitos se consideram inferiores aos ouvintes.

Entretanto, muitos de nossos alunos afirmam que as causas mais fortes para os seus medos estão relacionadas com situações desfavoráveis no passado, geralmente na infância, tendo como cenários as suas residências e escolas. Aqui estão alguns depoimentos: “meus pais são tímidos (ou autoritários)”; “meu professor e alguns colegas zombavam da minha voz porque eu gaguejava”; “eu não me achava bonita e não gostava do meu corpo”; “os colegas diziam que para eu ser burro só faltava comer capim”.

Em função do medo, o nosso corpo libera uma grande quantidade de adrenalina e podemos sentir a boca seca, o coração bater acelerado, tremores, “dá um branco” e as idéias desaparecerem, um vazio no estômago, suarmos frio ou exageradamente, sensação de que o chão está afundando, entre outras.

Não fique triste e não se desespere que isso pode ser resolvido e acontece com milhares de pessoas.

Os tempos mudaram, os pais e os professores também e chegou o momento de vencermos este medo. Antes de darmos algumas dicas e técnicas, você deve estar consciente que somente o treino e a sua persistência serão capazes de ajudá-lo na melhoria da comunicação interpessoal.

(continua no capítulo II)

*

PARAPSIKOLOGIA

A Parapsicologia, também conhecida como Pesquisa Psi, é o estudo de certos fenômenos presumivelmente não creditados pelas outras ciências. Da forma como é tratada no Brasil, trata-se de uma pseudociência, que até o presente momento não possui embasamento empírico ou trabalhos publicados em periódicos científicos internacionais. Uma nova disciplina científica, no entanto, sucessora da Parapsicologia clássica, toma as alegações paranormais como objeto de estudo: “Pesquisa Psi”. A “Pesquisa Psi” distingue-se da Parapsicologia (como compreendida popularmente no Brasil) por não ter objetivos religiosos e por usar exclusivamente o método científico como meio de avaliar as alegações paranormais. No Brasil, o principal grupo de Pesquisa Psi - introdutor do termo no país.

Definição

A Parapsicologia é a área e conhecimento que estuda certos eventos raros associados à experiência humana.

Há uma tradição dentro do senso-comum que sustenta que os mundos subjetivo e objetivo são completamente distintos, sem que haja qualquer imbricação entre eles. O subjetivo existe “aqui, dentro da cabeça”, enquanto que o objetivo existe “lá, no mundo externo”. A Parapsicologia é o estudo de fenômenos que sugerem que a dicotomia estrita entre objetivo/subjetivo pode ser, ao contrário, parte de um conjunto, com alguns fenômenos entremeando ocasionalmente o que é puramente subjetivo e o que é puramente objetivo. Chamamos tais fenômenos de “anômalos” porque são difíceis de serem explicados pelos modelos científicos atuais. Ex.: a psicocinesia (PK) e os fenômenos sugestivos da sobrevivência após a morte, incluindo as experiências próximas da morte, as aparições e a reencarnação. A maioria dos parapsicólogos, atualmente, espera que estudos adicionais venham finalmente explicar essas anomalias em termos científicos, apesar de não estar claro se eles podem ser completamente compreendidos sem expansões significativas (poderia se dizer revolucionárias) do estado atual do conhecimento científico. Outros pesquisadores assumem a posição de que modelos científicos já existentes, tais como os de percepção e de memória, são adequados para explicar alguns dos fenômenos parapsicológicos.

Tradicionalmente, a Parapsicologia é definida como a disciplina científica que tem como objeto de estudo a possível interação extra-sensório-motora entre o ser humano e o meio (que inclui outros seres humanos e outros seres vivos). Dizendo de outra maneira, a Parapsicologia estuda: a) a hipótese da existência de uma forma de obtenção de informações (comunicação) que prescindia da utilização dos sentidos humanos conhecidos (ESP percepção extra-sensorial: telepatia, clarividência e precognição) e, b) a hipótese da existência de uma forma de ação humana sobre o meio físico em que não seriam utilizados quaisquer mediadores ou agentes (músculos ou forças físicas) conhecidos (PK psicocinesia). Um dos problemas cruciais em Parapsicologia é a utilização de uma definição negativa de seu objeto de estudo, ou seja, a dizer-se o que os fenômenos parecem não ser e não o que eles de fato sejam. Este problema reflete a falta de uma teoria unificadora para os fenômenos psi. Não que não existam teorias e modelos, o que não existe é uma teoria que possa dar conta, ao mesmo tempo, das observações de casos espontâneos e dos dados oriundos da pesquisa experimental.

(continua no capítulo II)

*

<p>MENSAGENS ESPIRITUAIS</p> <p>RECEBIDAS NO LICEU ALLAN KARDEC</p>

012) ACORDEMOS! CAMINHEMOS! NÃO OLHEMOS PARA TRÁS!

Quase dois mil anos são passados de Sua passagem! De Seus ensinamentos! E quão pouco, ou quase nada fizemos! O que esperamos? Aguardamos o quê para agarrar a enxada e limparmos o campo que está à nossa frente!?

Continuamos olhando para trás medindo, somando o que já fizemos, como se já tivéssemos feito muito! Quão preguiçosos somos! Continuando a achar que nosso esforço despendido nas tarefas de nosso aperfeiçoamento já basta!

Que preguiçosos! Continuamos esperando uma outra grande aparição do Mestre para, só assim, nos levantarmos e pegar a enxada! Já não bastou Seu grande sacrifício? Precisamos imolá-Lo novamente!?

Acordemos, não olhemos a tarefa que ficou para trás, pois o campo à nossa frente é ainda muito grande e a toda hora crescem ervas daninhas engolindo a colheita boa!

Acordemos! Caminhemos! Não olhemos para trás!

Vamos reviver Seu sofrimento para não esquecermos que o que Ele fez já foi demais. Agora é a nossa vez. Caminhemos!

Coragem, Fé e Luta. Não esperemos Sua volta porque Ele já está aqui. Deus abençoe a nós todos.

Um amigo protetor e vigilante.

(Espírito: Um amigo protetor e vigilante. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. Buri. 26/03/1999).

*

013) ORAÇÃO DE MANHÃ, À TARDE E À NOITE!

Nesta vida atormentada que vivemos, principalmente nos dias de hoje, precisamos estar sempre atentos para nossas ações e nossos pensamentos, para que eles sejam os mais sadios possíveis, para não cairmos no desespero; e, só na Oração é que vamos nos fortalecer para suportarmos os percalços da vida. Só na Oração obteremos Fé para agüentarmos e suportarmos, pois a fase em que nos arrastamos é muito pesada para podermos suportar sem queda.

Força irmãos, Fé e Muita Oração e que Deus nos ajude!

Oração de manhã, à tarde e à noite!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 23/04/1999).

A nossa cruz só não nos será pesada se a carregarmos com Fé e Paciência. (Adélia). Precisamos nos unir para obtermos um trabalho edificante.

*

014) ONTEM, HOJE, AMANHÃ!

O tempo é Agora, Hoje. O Ontem já passou! Tiremos dele algum proveito. E o Amanhã vai depender de Hoje e de Ontem!

Lutemos, irmãos! Coragem! Em frente! Com as lições de Ontem, caminhemos Hoje para um Amanhã de luz, de progresso, de paz, de crescimento íntimo. Fé e Luta! Enfrentem com coragem o Hoje, porque no Amanhã, por certo, colheremos desta lavoura.

Boa noite. Aqui, hoje, uma irmãzinha que muito os quer: Aninha!

(Espírito: Aninha. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 06/11/1999).

*

087) A ÁRVORE QUE NÃO DÁ FRUTOS SERÁ ARRANCADA...!

Graças a Deus irmãos, estamos novamente reunidos em Seu santo nome.

Venho, por meio deste irmão, falar-lhes para essa nova etapa de luta que recomeça. Estudem muito irmãos, sobre a doutrina de Jesus, e não percam uma só oportunidade de poderem exercer os dons que Deus lhes deu, através de seus desígnios.

Façam o máximo que puderem e estarão galgando novos degraus na escalada do progresso na Terra.

Estudar e praticar, eis a questão! Árvore que não cresce não dá sombra e nem frutos e será arrancada pela raiz.

Que as bênçãos do Divino estejam com todos e todos os familiares.

(Esp.: Joaquim Médiun: João Bueno. Liceu Allan Kardec. – Buri. 14/01/2004).

*

166) COMPREENSÃO E CARIDADE!

Amigos: diariamente atravessam em nossa existência irmãos menos providos de conhecimento e com maus pensamentos a nós dirigidos, provocando-nos a repulsa.

São criaturas menos providas de amor e paz: entretanto fazem parte das nossas provas que, se vencidas, proporcionarão o nosso crescimento e evolução. Por outro lado, para que isso se realize, são necessárias, de nossa parte, a compreensão e caridade para com elas, para que também se beneficiem, pois só obtemos aquilo que proporcionamos aos outros!

Deus abençoe a todos e fortaleça-os na missão que devem cumprir!

(Esp.: Irmão Auxiliador. Médiun: Maurício. Liceu Allan Kardec. – Buri - 13/10/2006).

*

169) ESPÍRITO GRACIANO. MÉDIUM: NENA.

Sou um privilegiado porque posso estar entre vocês e participar desses estudos muito bem conduzidos, que nos trazem luz e esperança. Gosto de estar aqui entre vocês. E sou agradecido pelo que tenho recebido. Desejo muito amor e paz a todos! Bênçãos do Céu para todos! Que todos continuem este trabalho maravilhoso de divulgação dessa doutrina espírita, ainda não aceita por muitos. Obrigado irmãos. Boa noite!

(Espírito Graciano. Médiun: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 20/10/2006).

*

206) QUEREM A TÃO SONHADA PAZ?

Irmãos que aqui estão reunidos, em nome de Deus! Esperança, é o que quero para vocês! Vocês estão aflitos? Querem a tão sonhada paz? Então rezem, peçam a Deus a compreensão e ela virá! Virão, também, acompanhada da paz, a harmonia e esperança.....

(Espírito anônimo. Médiun Carolina. Liceu Allan Kardec. Buri. 20/03/2007).

*

PRÁTICA MEDIÚNICA

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

O CONSOLADOR. (EMMANUEL) “PRÁTICA”. Questões 372 a 381.

372. Como devemos entender a sessão espírita? - A sessão espírita deveria ser, em toda parte, uma cópia fiel do cenáculo fraterno, simples e humilde do Tiberíades, onde o Evangelho do Senhor fosse refletido em espírito e verdade, sem qualquer convenção do mundo, de modo que, entrelaçados todos

os pensamentos na mesma finalidade amorosa e sincera, pudesse a assembléia constituir aquela reunião de dois ou mais corações, em nome do Cristo, onde o esforço dos discípulos será sempre santificado pela presença do amor.

373. *Como deve ser conduzida uma sessão espírita, de sua abertura ao encerramento?* – Nesse sentido, há que considerar a excelência da codificação kardequiana; contudo, será sempre útil a lembrança de que as reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembléias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstendo-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade.

374. *Nas sessões, os dirigentes e os médiuns têm uma tarefa definida e diferente entre si?* – Nas reuniões doutrinárias, o papel do orientador e o do instrumento mediúnico devem estar sempre identificados na mesma expressão de fraternidade e de amor, acima de tudo; mas, existem características a assinalar, para que os serviços espirituais produzam os mais elevados efeitos, salientando-se que os dirigentes das sessões devem ser o raciocínio e a lógica, enquanto o médium deve representar a fonte de água pura do sentimento. É por isso que, nas reuniões onde os orientadores não cogitam da lógica e onde os médiuns não possuem fé e desprendimento, a boa tarefa é impossível, porque a confusão natural estabelecerá a esterilidade no campo dos corações.

375. *Os agrupamentos espiritistas podem ser organizados sem a contribuição dos médiuns?* – Nas reuniões doutrinárias, os médiuns são úteis, mas não indispensáveis, porque somos obrigados a ponderar que todos os homens são médiuns, ainda mesmo sem tarefas definidas, nesse particular; podendo cada qual sentir e interpretar, no plano intuitivo, a palavra amorosa e sábia de seus guias espirituais, no imo da consciência.

376. *Será aconselhável a determinação de dias da semana para a realização normal das sessões espíritas?* – Qualquer dia e hora podem ser consagrados ao bom trabalho da fraternidade e do bem, sempre que necessário; mas, nas reuniões dedicadas ao esforço doutrinário, faz-se imprescindível a metodização de todos os trabalhos em dias e horas prefixados.

(continua no capítulo II)

*

LICEU ALLAN KARDEC
ESCOLA DO ESPIRITISMO MORAL,
FILOSÓFICO E CRISTÃO

CAPÍTULO II

ORGANIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

O que impediu a expansão do Espiritismo na Europa do século XIX, de maneira a poder renovar a velha criminosa concepção do mundo ainda hoje dominante, foi simplesmente o seu aspecto religioso. Como no Cristianismo Primitivo, o Espiritismo foi acolhido com ansiedade pelas camadas pobres da população, que o converteram por toda parte numa nova seita cristã.

Nesse aspecto devocional as camadas superiores viam apenas o religiosismo popularesco, dotado da mesma fé ingênua de toda a religiosidade massiva. Contra essa avalanche de crentes humildes, predispostos ao beatismo, surgiram pequenos grupos de pessoas cultas, que lutaram muitas vezes com entusiasmo, mas acabaram cedendo à pressão dos preconceitos. Esses grupos se fecharam em sociedades de elite, desligados do povo, ou simplesmente desapareceram por falta de elementos dispostos ao trabalho árduo e à luta constante em defesa da doutrina. Padres e médicos aproveitaram-se disso para tentar asfixiar, acompanhados por pastores protestantes de produtivos rebanhos, o Renascimento Cristão. A palavra Cristianismo gerara um estereótipo enriquecido pelo duplo prestígio das classes dominantes e das igrejas tradicionais. As corporações científicas e as associações profissionais de médicos representavam a reação científica e as igrejas cristãs a cólera divina, disparando os raios do Olimpo contra os renegados. Apesar desses fogos cruzados sobre as suas cabeças descobertas, os espíritas conseguiram compreender os princípios fundamentais da doutrina, na sua luta pacífica no desespero das guerras impiedosas. (Livro: Curso Dinâmico do Espiritismo. J. Herculano Pires).

*

REVISTA ESPÍRITA – DEZ/1861

Continuação do Cap. I

3. – Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O aumento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de constituir numa cidade e, sobretudo, numa cidade populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias, que é obstáculo para muitos. Por outro lado, é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É necessário, pois, cuidar de multiplicar os grupos particulares. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente, pela afinidade de gostos, de

sentimentos, de hábitos e de posição social; todos ali se conhecem e, como são reuniões particulares, tem-se liberdade de número e de escolha dos que nela são admitidos.

4. – O sistema de multiplicação dos grupos tem ainda como resultado, conforme o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo naturalmente é dirigido pelo chefe da casa, ou por aquele que para isso for designado; não há, a bem dizer, presidente oficial, pois tudo se passa em família. O dono da casa, como tal, tem toda a autoridade para manter a boa ordem. Com uma sociedade propriamente dita, há necessidade de um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, numa palavra, uma complicação de engrenagens, que a má vontade de alguns dissidentes mal intencionados poderia comprometer.

*

RELIGIÃO ESPÍRITA

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPITULO XIX

A FÉ QUE TRANSPORTA MONTANHAS

PARÁBOLA DA FIGUEIRA QUE SECOU

8. E ao outro dia, como saíssem de Betânia, teve fome. E tendo visto ao longe uma figueira, foi lá a ver se acharia nela alguma coisa; quando chegou a ela, nada achou, senão folhas, porque não era tempo de figos. E falando-lhe, disse: Nunca jamais coma alguém fruto de ti para sempre. E no outro dia pela manhã, ao passarem pela figueira, viram que ela estava seca até às raízes. Então, lembrando Pedro, disse para Jesus: Olha, Mestre, como secou a figueira que tu amaldiçoaste. E respondendo Jesus, lhe disse: Tende fé em Deus. Em verdade vos afirmo que todo o que disser a este monte: Tira-te, e lança-te ao mar, e isto sem hesitar seu coração, mas tendo fé de que tudo o que disser sucederá, ele o verá cumprir assim. (Marcos, XI: 12-14 e 20-23).

9. A figueira seca é o símbolo das pessoas que apenas aparentam o bem, mas na realidade nada produzem de bom: dos oradores que possuem mais brilho do que solidez, dotados do verniz das palavras de maneira que estas agradam aos ouvidos; mas, quando as analisamos, nada revelam de substancial para o coração; e, quando as acabamos de ouvir, perguntamos que proveito tivemos.

É também o símbolo de todas as pessoas que podem ser úteis e não o são; de todas as utopias, de todos os sistemas vazios, de todas as doutrinas sem bases sólidas. O que falta, na maioria das vezes, é a verdadeira fé, a fé realmente fecunda, a fé que comove as fibras do coração, em uma palavra, a fé que transporta montanhas. São árvores frondosas, mas sem frutos, e é por isso que Jesus as condena à esterilidade, pois dia virá em que ficarão secas até às raízes. Isso quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não produziram nenhum bem para a humanidade, serão reduzidas a nada; e que todos os homens voluntariamente inúteis, que não se utilizaram dos recursos de que estavam dotados, serão tratados como a figueira seca.

*

PASSES E ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

*

FILOSOFIA ESPÍRITA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

VIII – INFLUENCIA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS

CONTECIMENTOS DA VIDA

533. Podem os Espíritos fazer que se obtenham os dons da fortuna, desde que solicitados nesse sentido?

– Às vezes, como prova, mas freqüentemente se recusam, como se recusa a uma criança um pedido inconsiderado.

533-a. São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

– Uns e outros. Isso depende da intenção. Mas, em geral, são os Espíritos que querem arrastar-vos ao mal e que encontram um meio fácil de o fazer, nos prazeres que a fortuna proporciona.

534. Quando os obstáculos parecem vir fatalmente contra aos nossos projetos, seria por isso influência de algum Espírito?

– Algumas vezes são os Espíritos: outras vezes, e o mais freqüentemente, é que vos colocaste mal. A posição e o caráter influem muito. Se vos obstinais numa senda que não é a vossa, os Espíritos nada têm com isso; sois vós mesmos que vos tornais o vosso mau gênio.

535. Quando nos acontece alguma coisa feliz, é ao nosso Espírito protetor que a devemos agradecer?

– Agradecei sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se faz, e depois aos bons Espíritos, que foram os seus agentes.

535-a. Que aconteceria se esquecêssemos de agradecer?

– O que acontece aos ingratos.

535-b. Há entretanto muita gente que não ora nem agradece, e para quem tudo sai bem.

– Sim, mas é necessário ver o fim; pagarão bem caro essa felicidade passageira que não merecem, porque, quanto mais tenham recebido, mais terão de restituir.

*

CIÊNCIA ESPÍRITA

O LIVRO DOS MÉDIUNS

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

200. Trataremos aqui, especialmente, dos médiuns escreventes, porque é este o gênero de mediunidade que mais se expandiu, e também porque é há um tempo o mais simples, o mais cômodo, o que proporciona resultados mais satisfatórios e mais completos. É ainda o que todos ambicionam. Infelizmente não há, até o presente, nenhum meio de diagnosticar, mesmo de maneira aproximativa, que se possui essa faculdade. Os sinais físicos que alguns tomam

por indícios nada têm de certo. Podemos encontrá-la nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, qualquer que seja o temperamento, o estado de saúde ou o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de constatar a sua existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, por meio de cestas e pranchetas ou diretamente pela mão. Sendo este último modo o mais fácil, e podemos dizer que o único hoje empregado, é o que de preferência recomendamos. O processo é dos mais simples. Consiste unicamente em pegar-se um lápis e papel e pôr-se em posição de escrever, sem qualquer outra preparação. Mas, para se conseguir bom resultado, são indispensáveis muitas recomendações.

201. No tocante às condições materiais, recomendamos evitar-se tudo o que possa impedir o livre movimento da mão. É mesmo preferível que ela não se apóie inteiramente no papel, A ponta do lápis deve manter o contato necessário para escrever, mas não para oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se começa a escrever corretamente, porque então nenhum obstáculo poderia deter a mão. Essas são apenas as preliminares do aprendizado.

202. Pode-se usar indiferentemente a pena ou o lápis. Alguns médiuns preferem a pena, mas ela só pode servir para os que estão formados e escrevem calmamente. Há os que escrevem com tal velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou pelo menos muito incômodo. Acontece o mesmo com a escrita sacudida ou irregular, e quando se trata de Espíritos violentos, que batem com a ponta e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder conversar com Espíritos de pessoas queridas, mas essa impaciência deve ser moderada, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta quase sempre dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. Somente na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito comunicante.

Pode ser, portanto, que o Espírito desejado não esteja em condições propícias, apesar de se encontrar presente. Como pode ser, ainda, que ele não tenha possibilidade nem permissão de atender ao apelo. Convém, pois, no princípio, abster-se o médium de chamar um determinado Espírito, porque muitas vezes acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário tratar do desenvolvimento da faculdade, fazendo para isso um apelo geral e se dirigindo sobretudo ao seu anjo guardião.

Não há para isso fórmulas sacramentais. Quem pretender oferecer uma fórmula pode ser firmemente taxado de impostor, porque para o Espírito a forma nada vale. Entretanto a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes:

“Rogo a Deus todo poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo, fazendo-me escrever; rogo também ao meu Anjo Guardião que me assista e afaste de mim os Espíritos maus”.

Espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode ser um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda. Num caso ou noutro, geralmente ele se dá a conhecer escrevendo o nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das que requerem maior experiência, pois são poucos os iniciantes que não estejam expostos a ser enganados. Tratamos disso logo mais, em capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender, como os de parentes e amigos. Nesse caso a evocação pode ser feita assim:

“Em nome de Deus todo poderoso, rogo ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou ainda: Rogo a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou por outras palavras correspondentes a esse mesmo pensamento”.

É também necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de maneira que as respostas sejam dadas simplesmente por um sim ou não. Por exemplo: Estás aí? Queres responder? Podes fazer-me escrever? etc. Mais tarde, essa precaução será desnecessária. No começo, trata-se de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a coisas de interesse privado, e sobretudo que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver o capítulo especial sobre Evocações)

204. Mais importante a se observar, do que a maneira de fazer o apelo, é a calma e o recolhimento que se deve ter, junto a um desejo ardente e uma firme vontade de êxito. E por vontade não entendemos aqui um desejo efêmero e incosequente, a cada momento interrompido por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada com firmeza, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações.

Nada mais resta então a fazer, senão isto: renovar todos os dias a tentativa, durante dez minutos, um quarto de hora ou mais de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se necessário. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e elevado. Mas é bom lembrar que, quando se propõe aos Espíritos a questão de saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente. Propõe-se ao Espírito uma questão geral e ele responde de maneira geral. Como se sabe, nada mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e nos mais diversos graus. Pode-se, portanto, ser médium sem o perceber e num sentido diferente do que se pensa.

A esta questão vaga: Sou médium? O Espírito responde: Sim. A esta mais precisa: Sou médium escrevente? Ele pode responder: Não. Deve-se ainda conhecer a natureza do Espírito interrogado. Há Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estúrdios. Eis porque aconselhamos dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidades de êxito.

*

<p>MENSAGENS ESPÍRITAS RECEBIDAS NO LICEU ALLAN KARDEC</p>

015) NOSSO RETORNO. NOSSO PEQUENO GRUPO!

Boa noite, irmãos. Ora, Viva! Estamos presentes mais uma vez! Tentando... Saibam que nossos agrupamentos estão se formando em nome de Jesus. Não nos preocupemos em ser um número reduzido, em comparação aos demais grupos; pois nossos queridos irmãozinhos estão equivocados: não agem com a naturalidade que Cristo nos ensinou. Fantasiam atitudes e gestos espalhafatosos em Seu nome, com resultados, muitas vezes, até desesperadores, quando não levam à loucura. Oremos por eles, irmãos! Pois ainda estão no começo; um dia eles chegarão onde estamos e, então, aí é que começarão a entender que Jesus sempre foi simples em suas maneiras e espera que assim também o sejamos. Continuemos com fé, com trabalho, sem espalhafatos. Não esperem palmas, ou salvos para o nosso procedimento. Sejam sempre o Grupo de Jesus em toda a sua simplicidade e toda a sua Intenção.

Deus nos abençoe. Sou eu, Dolores, que fiquei feliz pelo nosso retorno. Boa noite.

(Espírito: Dolores. Médium: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 06/11/1999).

*

091) NÃO PERCAM UM SÓ MOMENTO COM PENSAMENTOS FÚTEIS!

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos em nome de Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso irmão maior.

Queridos irmãos, os ensinamentos são maravilhosos. Não percam um só minuto de vossos dias com coisas ou pensamentos fúteis, que não levam a nada! Relembrai durante todo o tempo dos ensinamentos de Jesus, aqui ministrados, e dai provas de que assimilaram a lição. Junto ao povo é que servirão de ferramentas de Deus para a alavanca do progresso moral na Terra. Não requeiem, jamais, da tarefa; não se furtem aos compromissos assumidos no plano espiritual e, já que estão no caminho certo, aproveitem a oportunidade. Sempre com fé em Deus, haveremos de vencer as dificuldades.

Que Deus e Jesus abençoem a todos e todos os familiares!

(Esp.: Joaquim. Médium: João Bueno. L. Allan Kardec. – Buri. 25/02/2004).

176) BENEVOLÊNCIA!

Benevolência, benevolência, não sejam preguiçosos... Sejam benevolentes já. Não esperem possíveis momentos apropriados. Sejam benevolentes vinte e quatro horas por dia. Sejam benevolentes sempre, a todo instante.

Que seus pensamentos sejam dirigidos para o bem de todos os irmãos. Sejam benevolentes desde o raiar do dia ao cair da noite. Sejam benevolentes.

Benevolência, irmãos. Benevolência: esse é o primeiro passo para começar a caridade, para você começar a ser melhor. Benevolência, não se esqueça!

Amoleçam vossos corações. Seus corações estão duros; por isso não estão conseguindo ser benevolentes. Insistam, resistam à dureza de seus corações. Sejam benevolentes. A benevolência é necessária para a sua salvação.

(Espírito: sem assinatura. Médiun: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 03/11/06).

*

181) QUEQUEQUÊ! (Querer para os outros o que queremos para nós próprios.)

Na noite e ao relento fui ao teu encontro! Não te achei, mas tenho certeza que estavas lá. A escuridão estava dentro de mim... que não sabia a luz procurar.

Hoje, sei o caminho, basta amar! Deus nos quer a Seu lado, basta procurar!

(Há muito, Sonia, nossa irmã, vem querendo manifestar-se e dizer-nos que a simplicidade é necessária para estarmos ao lado de nosso Pai. Que a Verdade é tão simples: basta procurar os caminhos da bondade, do amor ao próximo, da fé no Criador. Somos todos filhos de Deus; portanto, somos iguais e devemos, sempre, desejar ao próximo aquilo que queremos para nós).

Deus abençoe a todos. Irmão Auxiliador.

(Esp.: Irmão Auxiliador. Médiun: Maurício. L. Al. Kardec. – Buri. 24/11/2006).

*

217) NEM MEU NOME LEMBRO MAIS...

Assinalar o meu nome é importante para mim. O que quero escrever não é tão simples. Tenho vontade de estar aí com vocês... é, estou, mas não é bem assim... Sinto medo, e estou só, estou desencarnado há muito pouco tempo.... quero os meus amigos, parentes,... não os vejo, Por quê? Nem o meu nome os deles lembro mais.

Quero dizer que não estou feliz, mas vejo uma luz pequena. Sou amigo de você e do Maurício. Estou triste.

Espírito não identificado. Médiun Carolina. Liceu Allan Kardec. Buri. 24/04/2007.

*

218) APRENDAM DE MIM, QUE SOU MANSO...

**Dirijamos o nosso pensamento a Deus, é Ele que nos move e nos dá a mão para seguirmos. Estejam certos que, sem Sua presença, continuamos e-
xhaustos e não chegaremos a lugar nenhum.**

**Portanto, ouçam o que Cristo nos ensinou: “amai a Deus e ao próximo”.
“Aprendam de mim que sou manso de coração”. Sejam justos... Enquanto é
tempo, e o tempo é a mola que nos impulsiona a Ele, Deus, Nosso Pai!**

**Estou com vocês meus irmãos e é claro que estarei sempre aqui entre
vocês.**

Sejam bons e estejam sempre com Deus! Boa noite!

Médium Carolina. Liceu Allan Kardec. Buri. 15/05/2007.

*

PRÁTICA MEDIÚNICA

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

*

FOTOGRAFIA E TELEGRAFIA DO PENSAMENTO

A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora pouco explanadas. Como todas as que não apresentam ligação com as leis que, por sua essência, devem ser universalmente difundidas, foram relegadas para segundo plano, não obstante serem de capital importância e poderem os elementos que elas contêm concorrer para a elucidação de muitos problemas que ainda se acham sem solução.

Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, dá primeiramente os traços gerais, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. O mesmo sucede em Espiritismo.

As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. Por isso é que, durante certo tempo, forçoso se torna pôr de lado o estudo dessas questões.

Com efeito, poder-se-ia logicamente falar de fotografia e de telegrafia do pensamento, antes de estar demonstrada a existência da alma que manobra os elementos fluídicos e a dos fluidos que permitem se estabeleçam relações entre duas almas distintas? Ainda hoje, talvez, mal começamos a estar suficientemente esclarecidos para a elaboração de tão vastos problemas! Entretanto, não se acharão deslocadas aqui algumas considerações de natureza a preparar as bases para um estudo mais completo.

Limitado em suas idéias e aspirações, tendo circunscritos os seus horizontes, o homem precisa concretar todas as coisas e pôr-lhes etiquetas, a fim de guardar delas apreciável lembrança e basear seus futuros estudos nos dados que haja reunido. Pelo sentido da vista foi que lhe vieram as primeiras noções do conhecimento. Foi a imagem de um objeto que lhe ensinou a existência desse objeto. Quando conheceu muitos objetos, tirou deduções das impressões diferentes que eles lhe produziam no íntimo do ser, fixou na inteligência a quintessência deles por meio do fenômeno da memória. Ora, que é a memória, senão um espécie de álbum mais ou menos volumoso, que se folheia para encontrar de novo as idéias apagadas e reconstituir os acontecimentos que se foram? Esse álbum tem marcas nos pontos capitais. De alguns fatos o indivíduo imediatamente se recorda; para recordar-se de outros, é-lhe necessário folhear por longo tempo o álbum.

A memória é como um livro! Aquele em que lemos algumas passagens facilmente no-las apresenta aos olhos; as folhas virgens ou raramente perlustradas têm que ser folheadas uma a uma, para que consigamos reconstituir um fato sobre o qual pouco tenhamos demorado a atenção. Quando o Espírito encarnado se lembra, sua memória lhe apresenta, de certo modo, a fotografia do fato que ele procura. Em geral, os encarnados que o cercam nada vêem; o álbum se acha em lugar inacessível ao olhar deles; mas, os Espíritos o vêem e folheiam conosco. Em dadas circunstâncias, podem mesmo, deliberadamente, ajudar a nossa pesquisa, ou perturbá-la.

O que se produz de um encarnado para um desencarnado também se verifica do desencarnado para o vidente. Quando se evoca a lembrança de certos fatos da existência de um Espírito, apresenta-se-lhe a fotografia desses fatos; e o vidente, cuja situação espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele e, até, em determinadas circunstâncias, vê o que o Espírito não vê por si mesmo, tal como um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que este tenha disso consciência e lembrar-lhe fatos de há muito esquecidos. Quanto aos pensamentos abstratos, por isso mesmo que existem, tomam corpo para impressionar o cérebro; têm de agir naturalmente sobre este e, de certo modo, gravar-se nele. Ainda neste caso, como no primeiro, parece perfeita a semelhança entre os fatos da terra e os do espaço.

Já tendo sido o fenômeno da fotografia do pensamento objeto de algumas reflexões nossas na *Revista*, para maior clareza reproduziremos alguns trechos do artigo em que o assunto foi tratado e que completaremos com outras observações novas.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som.

Pode-se, pois, dizer, com verdade, que há ondas nos fluidos e radiações de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e radiações sonoras. Ainda mais; criando **imagens fluídicas**, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar tomando aí um corpo e, de certo modo, **fotografando-se**.

Se um homem, por exemplo, tiver a idéia de matar alguém, embora seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é acionado por essa idéia e a reproduz com todos os matizes. Ele executa fluidicamente o gesto, o ato que o indivíduo premeditou. Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal qual lhe está na mente. É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico. É assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos corporais. Estes vêem as impressões interiores que se refletem nos traços fisionômicos: a cólera, a alegria, a tristeza; a alma, porém, vê nos traços da alma os pensamentos que não se exteriorizam.

Entretanto, se, vendo a intenção, pode a alma pressentir a execução do ato que lhe será a conseqüência, não pode, contudo, determinar o momento em que ele será executado, nem lhe precisar os pormenores, nem mesmo afirmar que ele se realize, porque ulteriores circunstâncias podem modificar os planos concebidos e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento; o que vê é a preocupação ocasional ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más. Daí os erros nas previsões de alguns videntes.

Quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio de um homem, eles apenas podem pressentir-lhe a probabilidade, de acordo com o pensamento que vêem; mas, não podem afirmar que se dará de tal forma, ou em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, além disso, da extensão e da clareza da vista psíquica. Nalguns indivíduos, desen-

carnados ou encarnados, limita-se a um ponto ou é difusa, ao passo que noutros é nítida e abrange todo o conjunto dos pensamentos e das vontades que hajam de concorrer para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a mais perspicaz vista psíquica. (Veja, em *A Gênese*, o capítulo sobre a **Presciência**.)

A teoria das criações fluídicas e, por conseguinte, da fotografia do pensamento, é uma conquista do moderno Espiritismo e pode, doravante, considerar-se como firmada em princípio, ressalvadas as aplicações de minúcias, que não de resultar da observação. Este fenômeno é incontavelmente a origem das visões fantásticas e desempenha grande papel em certos sonhos.

Quem na Terra sabe de que maneira se estabeleceram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados ou, antes, descobertos, dado que nada se inventa, pois que tudo existe em estado latente, cabendo aos homens apenas os meios de pôr em ação as forças que a Natureza lhes oferece?

Quem sabe quanto tempo foi necessário para que os homens usassem da palavra de modo perfeitamente inteligível?

Aquele que soltou o primeiro grito inarticulado tinha sem dúvida uma certa consciência do que queria exprimir, mas os a quem ele se dirigiu nada a princípio compreenderam. Só ao cabo de longo lapso de tempo se verificou a existência de palavras convencionadas, depois a de frases abreviadas e, por fim, discursos inteiros.

Quantos milhares de anos não foram necessários para que a Humanidade chegasse ao ponto em que hoje se encontra! Cada progresso nos modos de comunicação, nas relações entre os homens, foi sempre assinalado por uma melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo a indivíduo se tornam mais estreitas, mais regulares, a necessidade se faz sentir de uma nova e mais rápida forma de linguagem, mais apropriada a pôr os homens em comunicação instantânea e universalmente uns com os outros.

Por que não teria cabimento no mundo moral, de encarnado a encarnado, por meio da telegrafia humana, o que ocorre no mundo físico, por meio da telegrafia elétrica? Por que as relações ocultas que ligam, de maneira mais ou menos consciente, os pensamentos dos homens e dos Espíritos, por meio da telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens, de modo consciente?

A telegrafia humana! Aí está uma coisa de molde certamente a provocar o riso dos que se negam a admitir o que não caía sob os sentidos materiais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos.

O homem exerce ação direta sobre as coisas, assim como sobre as pessoas que o cercam. Frequentemente, uma pessoa de quem se faz pouco caso a exerce decisiva sobre outras de reputação muito superior. Isto decorre de que na Terra se vêem muito mais máscaras do que semblantes e de que aí o olhar tem a obscurecê-lo a vaidade, o interesse pessoal e todas as paixões más. A experiência demonstra que se pode atuar sobre o espírito dos homens, à revelia deles.

Um pensamento superior, **fortemente pensado**, permita-se-nos a expressão, pode, pois, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de perto ou de longe homens que nenhuma idéia fazem da maneira por que ele lhes chega, do mesmo modo que muitas vezes aquele que o emite não faz idéia do efeito produzido pela sua emissão. É esse um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras. Juntai-lhe a das inteligências dos desencarnados e imaginai, se o conseguirdes, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas.

Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal.

Pela telegrafia do pensamento, ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as conseqüências, para outrem, de um pensamento perverso, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas conseqüências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem.

Que serão, senão conseqüência da telegrafia do pensamento, esses choques misteriosos que nos advertem da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo gênero que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos arrastam para certos Espíritos e nos afastam de outros?

Há nisto certamente um campo imenso aberto à observação, mas de que ainda não temos senão o esboço; o estudo dos pormenores será a conseqüência de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos entre uns e outros. (Temos aqui um exemplo da maneira porque Allan Kardec, graças à sua compreensão global dos problemas, passava facilmente da teoria à prática, dando aplicação moral às suas conclusões científicas. Da técnica da *fotografia do pensamento* ele passa naturalmente, por necessidade lógica, sem nenhum esforço ou artifício, às conseqüências morais e espirituais das novas leis descobertas. Por outro lado, devemos observar a segurança de Kardec ao afirmar: “A teoria das criações fluídicas, e por conseguinte da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e pode, de agora em diante, considerar-se estabelecida em princípio, salvo as aplicações de pormenores resultantes da observação”. Trechos como esse nos mostram que Kardec estava plenamente seguro do que afirmava, seguro de suas conquistas científicas no campo da investigação psíquica. Os que hoje o consideram superado, sem sequer se darem ao esforço de estudar as suas o-

bras, têm aqui uma excelente oportunidade de reflexão a respeito da seriedade e da importância atual dos seus trabalhos. *Nota de J. Herculano Pires.*)

*

LICEU ALLAN KARDEC

***ESCOLA DO ESPIRITISMO MORAL, FILOSÓFICO
E CRISTÃO.***

PRIMEIRO ANO (2007)

ORGANIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

REVISTA ESPÍRITA. DEZEMBRO DE 1861. Págs. 387-402.

ALLAN KARDEC

1. – Até o presente, embora muito numerosos, os Espíritas se têm disseminado por todos os países, o que não é um dos caracteres menos salientes da doutrina. Como uma semente levada pelo vento, ela fixou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que sua propagação não é efeito de uma camarilha (grupo de pessoas influentes em torno do governante), nem de uma influência local e pessoal. A princípio isolados, os adeptos se surpreenderam hoje com seu número; e como a similitude de idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim, de toda parte nos pedem instruções a propósito, manifestando o desejo de união à Sociedade central de Paris. É, pois, chegando o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a *organização do Espiritismo*. Sobre a formação das sociedades espíritas, o *Livro dos Médiuns* (2ª. Edição) contém observações importantes, às quais remetemos os interessados, pedindo-lhes meditem com cuidado. Diariamente a experiência vem lhes confirmar a justeza, que lembraremos de modo sucinto, acrescentando instruções mais circunstanciadas.

2. – Inicialmente falemos dos adeptos ainda isolados em meio a uma população hostil ou ignorante às idéias novas. Diariamente recebemos cartas de pessoas que estão neste caso e perguntam o que podem fazer, na ausência de médiuns e de co-participantes do Espiritismo. Estão na situação em que, apenas há um ano, se achavam os primeiros Espíritas dos mais numerosos centros de hoje; pouco a pouco multiplicaram-se os adeptos e há cidades onde quase se contaram por unidades isoladas, mas hoje o são por centenas e milhares; em breve dar-se-á o mesmo em toda parte; é uma questão de paciência. Quanto ao que devem fazer, é muito simples. A princípio podem trabalhar por conta própria, penetrar-se da doutrina pela leitura e meditação das obras especiais; quanto mais se aprofundarem, mais verdades consoladoras descobrirão, confirmadas pela razão. Em seu isolamento, devem julgar-se felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitassem a colher na doutrina uma satisfação pessoal, seria uma espécie de egoísmo. Em razão de sua própria posição, têm uma bela e importante missão a cumprir: a de espalhar a luz em seu redor. Os que aceitarem essa missão e não se deixarem deter pelas dificuldades, serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de haver feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; serão motivo da troça e dos sarcasmos dos incrédulos, mesmo da malevolência das pessoas interessadas em combater a doutrina; mas onde estaria o mérito se não houvesse obstáculos a vencer? Assim, aos que fossem detidos pelo medo pueril do que diriam, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar. Mas aos que têm a coragem de sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a fazer se limita a falar abertamente do Espiritismo, sem afeição, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem a pregar e, sobretudo, sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a todo custo. *O Espi-*

ritismo não deve ser imposto: vem-se a ele porque dele se necessita, e porque ele dá o que não dão as outras filosofias. Convém mesmo não entrar em explicações com os incrédulos obstinados: seria dar-lhes muita importância e os levar a pensar que se depende deles. Os esforços feitos para os atrair os afastam e, pelo amor-próprio, eles resistem na sua oposição. Eis por que é inútil perder tempo com eles; quando a necessidade se fizer sentir, virão por si mesmos. Enquanto se espera, é preciso deixá-los tranqüilos, satisfeitos no seu ceticismo que, acreditai, muitas vezes lhes pesa mais do que eles manifestam. Porque, por mais que digam, a idéia do nada após a morte tem algo de mais apavorante, de mais pungente que a própria morte.

Ao lado dos trocistas encontrar-se-ão pessoas que perguntarão: “Que é isto?”. Esforçai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando-lhes explicações conforme as disposições que nelas encontrardes. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados a esmo: no número, muitos caem nas pedras e nada produzem; mas se um único tiver caído em terra fértil, julgai-vos feliz: cultivai-a e estareis certos de que essa planta, frutificando, terá renovos. Para alguns adeptos, a dificuldade é responder a certas objeções; a leitura atenta das obras lhes fornecerá os meios; mas, sobretudo, poderão ajudar-se, para tal efeito, da brochura que vamos publicar sob o título: *Refutação das críticas contra o Espiritismo, do ponto de vista materialista, científico e religioso*.

3. – Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O aumento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de constituir numa cidade e, sobretudo, numa cidade populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias, que é obstáculo para muitos. Por outro lado, é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É necessário, pois, cuidar de multiplicar os grupos particulares. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente, pela afinidade de gostos, de sentimentos, de hábitos e de posição social; todos ali se conhecem e, como são reuniões particulares, tem-se liberdade de número e de escolha dos que nela são admitidos.

4. – O sistema de multiplicação dos grupos tem ainda como resultado, conforme o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo naturalmente é dirigido pelo chefe da casa, ou por aquele que para isso for designado; não há, a bem dizer, presidente oficial, pois tudo se passa em família. O dono da casa, como tal, tem toda a autoridade para manter a boa ordem. Com uma sociedade propriamente dita, há necessidade de um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, numa palavra, uma complicação de engrenagens, que a má vontade de alguns dissidentes mal intencionados poderia comprometer.

5. – A tais considerações, longamente desenvolvidas no *Livro dos Médiuns*, adicionaremos uma, que é preponderante. O Espiritismo ainda não é visto com bons olhos por todo o mundo. Dentro em pouco compreender-se-á que é de todo o interesse favorecer uma crença que melhora os homens e é uma garantia da ordem social. Mas, até que estejam convencidos de sua benéfica influência sobre o espírito das massas e de seus efeitos moralizadores, os adeptos devem esperar que, seja por ignorância do verdadeiro objetivo da doutrina, seja em vista do inte-

resse pessoal, suscitar-lhe-ão embaraços; não só serão ridicularizados, mas, quando virem quebradas as armas do ridículo, *serão caluniados*. Serão acusados de loucura, de charlatanismo, de irreligião, de feitiçaria, a fim de contra ele amotinar o fanatismo. Loucura! Sublime loucura esta que faz crer em Deus e no futuro da alma! Para os que em nada crêem, com efeito, é loucura que faz a volta ao mundo e atinge os homens mais eminentes. Charlatanismo! Eles têm uma resposta peremptória: o desinteresse, pois o charlatanismo jamais é desinteressado. Irreligião! Eles que, desde que são Espíritas, são mais religiosos do que antes. Feitiçaria e comércio com o diabo! Eles, que negam a existência do diabo e só reconhecem a Deus como Senhor Onipotente, soberanamente justo e bom. Singulares feiticeiros estes que renegariam o seu senhor e agiriam em nome de seu antagonista! Na verdade o diabo não deveria estar contente com seus adeptos. Mas as boas razões são as mínimas preocupações dos que querem travar discussões; quando alguém quer matar seu cão, diz que está danado. Felizmente a Idade Média lança os últimos e pálidos clarões sobre o nosso século. Como o Espiritismo lhe vem dar o golpe de misericórdia, não é de admirar vê-la tentar um supremo esforço. Mas, tenhamos certeza, a luta não será longa. Contudo, que a certeza da vitória não nos torne imprudentes, porque uma imprudência poderia, senão comprometer, pelo menos retardar o sucesso. Por esses motivos, a constituição de sociedades numerosas talvez encontrasse obstáculos em certas localidades, ao passo que o mesmo não ocorreria com as reuniões familiares.

6. – Acrescentemos mais uma consideração. As sociedades propriamente ditas estão sujeitas a numerosas vicissitudes. Mil e uma causas, dependentes ou não de sua vontade, podem conduzir à dissolução. Suponhamos que uma sociedade espírita tenha reunido todos os adeptos de uma mesma cidade e que, por uma circunstância qualquer, deixe de existir. Eis os membros dispersos e desorientados. Agora, se em vez disto, houver cinquenta grupos, se alguns desaparecerem, sempre restarão outros, e outros se formarão: são outras tantas plantas vivazes, que brotam apesar de tudo. Não tendes num campo só uma grande árvore; o raio pode abatê-la. Tende cem e o mesmo raio não atingiria a todas; e, quanto menores, menos expostas estarão.

Assim, tudo milita em favor do sistema que propomos. Quando um primeiro grupo, fundado em qualquer parte, se tornar muito numeroso, que faça como as abelhas: que enxames saídos da colméia materna fundem novas colméias que, por sua vez, formarão outras. Serão outros tantos centros de ação, irradiando em seu respectivo círculo, e mais poderosos para a propaganda do que uma sociedade única.

7. – Admitida, pois, em princípio, a formação dos grupos, resta o exame de várias questões importantes. A primeira de todas é a uniformidade na doutrina. Essa uniformidade não seria melhor garantida por uma sociedade compacta, pois os dissidentes sempre teriam facilidade de se retirar, formando grupo à parte. Quer a sociedade seja una, ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base, que os grupos adotarem. Ela será completa em todos os que seguirem a linha traçada pelo *Livro dos Espíritos* e pelo *Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não dar lugar a interpretações divergentes, condição essencial de toda nova doutrina.

Até o presente essas obras servem de regulador à imensa maioria dos Espíritas e por toda parte são acolhidas com inequívoca simpatia; os que delas quise-

ram afastar-se puderam reconhecer, por seu isolamento e pelo decrescente número de seus partidários, que não tinham a seu favor a opinião geral. Tal assentimento, dado pelo maior número, tem grande valor: é um julgamento que não poderia ser suspeito de influência pessoal, desde que espontâneo e pronunciado por milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos pediram para as traduzir em diversas línguas: espanhol, inglês, português, alemão, italiano, polonês, russo e até em tártaro. Sem presunção podemos, pois, recomendar o seu estudo e a sua prática às diversas reuniões espíritas, e isto com tanto mais razão quanto são as únicas, até o momento, em que a Ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria apenas abordaram alguns pontos isolados da questão. Aliás, não temos absolutamente a pretensão de impor as nossas idéias; emitimo-las, por ser direito nosso. Que as adotem aqueles a quem elas convêm; os outros têm o direito de as rejeitar. As instruções que damos são, pois, e naturalmente, para os que marcham conosco, para os que nos honram com o título de *seu chefe espírita* e de modo algum pretendemos regulamentar os que querem seguir outra via. Entregamos a doutrina que professamos à apreciação geral. Ora, temos encontrado bastantes aderentes para nos dar confiança e nos consolar de algumas dissidências isoladas. Aliás, o futuro será o juiz em última instância. Com os homens atuais desaparecerão, pela força das coisas, as suscetibilidades do amor-próprio ferido, as causas de ciúme, de ambição, de frustração de esperanças materiais. Não mais considerando as pessoas, ver-se-á apenas a doutrina e o julgamento será imparcial. Quais as idéias novas que, no seu aparecimento, não tiveram seus contraditores mais ou menos interessados? Quais os propagadores dessas idéias que não foram alvo dos ataques da inveja, sobretudo se o sucesso lhes coroou os esforços? Mas voltemos ao nosso assunto.

8. – O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições é a homogeneidade, sem a qual não haveria comunhão de pensamento. Uma reunião não pode ser estável, nem séria, se não houver simpatia entre os componentes. E não pode haver simpatia entre pessoas que têm idéias divergentes e que fazem uma oposição surda, quando não aberta. Longe de nós, com isso dizer que seja necessário abafar a discussão, porque, ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e de todos os fenômenos. Fica, pois, bem entendido que cada um pode e deve emitir sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua e não para esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemática que nos levantamos; contra as idéias preconcebidas, que não cedem, nem mesmo ante a evidência. Tais pessoas incontestavelmente são uma causa de perturbação, que é preciso evitar. A este respeito, as reuniões espíritas estão em condições excepcionais. O que elas requerem, acima de tudo, é o recolhimento. Ora, como estar recolhido se, a cada momento, a gente é distraída por uma polémica acrimoniosa? Se reina entre os assistentes um sentimento de azedume e quando se sente, em torno de si, seres que sabemos hostis e em cujo rosto se lê o sarcasmo e o desdém por tudo quanto não concorda com a sua opinião?

9. – No *Livro dos Médiuns* (n. 28) traçamos o caráter das principais variedades de Espíritas. Sendo tal distinção importante para o assunto que nos ocupa, julgamos dever lembrá-la.

Pode-se pôr em primeira linha os que acreditam pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios de que

pouco se ocupam e cujo alcance não os preocupa. Chamamo-los *Espíritas experimentadores*.

Vêm a seguir os que vêm no Espiritismo algo além dos fatos. Compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral dele decorrente, mas não a praticam; extasiam-se ante as belas comunicações, como ante um sermão eloqüente, que ouvem mas não aproveitam. A influência sobre o seu caráter é insignificante ou nula; em nada mudam seus hábitos e não se privam de nenhum prazer: o avarento é sempre sovina, o orgulhoso sempre cheio de si, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles a caridade cristã é apenas uma bela máxima e os bens deste mundo os arrastam na sua estima sobre os do futuro. São os *Espíritas imperfeitos*.

Ao lado destes há outros, mais numerosos do que se pensa, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas a praticam e a aceitam em todas as suas conseqüências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar estes curtos instantes para avançar na via do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas más inclinações; suas relações são sempre seguras, porque a convicção os afasta de todo mau pensamento. Em tudo a caridade é sua regra de conduta. São os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*.

10. – Se bem compreendido o que precede, compreender-se-á também que um grupo formado exclusivamente por elementos desta última classe estaria nas melhores condições, porque entre praticantes da lei de amor e de caridade é que se pode estabelecer uma séria ligação fraternal. Entre homens para quem a moral é mera teoria, a união não seria durável; como não impõem nenhum freio ao orgulho, à ambição, à vaidade e ao egoísmo, não o imporão, também, às suas palavras; quererão primar, quando deveriam descer; irritar-se-ão com as contradições e não terão escrúpulos em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros Espíritas, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de benevolência recíproca; sentem-se à vontade nesse meio simpático, ao passo que há constrangimento e ansiedade num ambiente misto.

11. – Isto está na natureza das coisas e nada inventamos a respeito. Daí se segue que, na formação de grupos, deva exigir-se a perfeição? Seria simplesmente absurdo, pois seria querer o impossível e, neste ponto, ninguém poderia pretender dele fazer parte. Tendo por objetivo a melhoria dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática os ensinamentos dos Espíritos. O verdadeiro Espírita não é o que alcançou a meta, mas o que seriamente quer atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, será bom Espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de se emendar. Para ele o Espiritismo é a verdadeira regeneração, porque rompe com o passado; indulgente para com os outros, como quereria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malévola nem cortante contra ninguém. Aquele que, numa reunião se afastasse das conveniências não só provaria uma falta de cortesia e de urbanidade, mas uma falta de caridade; aquele que se chocasse com a contradição e pretendesse impor a sua pessoa ou as suas idéias, daria prova de orgulho. Ora, nem um, nem outro estaria no caminho do verdadeiro Espiritismo, isto é, do Espiritismo cristão. Aquele que pensa ter uma opinião mais justa que os outros, poderá fazê-la aceitar melhor pela doçura e pela persuasão; seu azedume seria mal calculado.

12. – A simples lógica demonstra, pois, a quem quer que conheça as leis do Espiritismo, quais os melhores elementos para a composição dos grupos realmente sérios, e não hesitamos em dizer que são estes que têm a maior influência na propagação da doutrina. Pela consideração que impõem, pelo exemplo que dão, de suas conseqüências morais, provam a sua gravidade e impõem silêncio à troça que, quando se ataca ao bem, é mais que ridícula, porque odiosa. Mas que quereis que pense um crítico incrédulo, que assiste a experiências, cujos assistentes (componentes) são os primeiros a considerá-la um brinquedo? Dela sai ainda mais incrédulo do que entrou.

13. – Acabamos de indicar a melhor composição dos grupos. Mas a perfeição não é mais possível nos conjuntos do que nos indivíduos. Indicamos os objetivos e dizemos que quanto mais nos aproximarmos deles, tanto mais satisfatórios serão os resultados. A gente é, por vezes, dominada pelas circunstâncias, mas é à eliminação dos obstáculos que se devem dar todos os cuidados. Infelizmente, quando se cria um grupo, a gente é muito pouco rigorosa na escolha, porque, antes de tudo, quer formar um núcleo. Para nele ser admitido, quase sempre basta um simples desejo ou uma adesão às idéias mais gerais do Espiritismo. Mas, tarde é que se percebe ter-se facilitado.

14. – Num grupo sempre há o elemento estável e o flutuante. O primeiro é composto de pessoas assíduas, que formam a base; o segundo, das que são admitidas temporária e acidentalmente. É à composição do elemento estável que é essencial prestar escrupulosa atenção e, neste caso, não se deve hesitar em sacrificar a quantidade à qualidade, porque é ele que impulsiona e serve de regulador. O elemento flutuante é menos importante, porque se tem liberdade de modificá-lo à vontade. Não se deve perder de vista que as reuniões espíritas, como, aliás, todas as reuniões em geral, têm as fontes de sua vitalidade na base sobre que se assentam; neste particular, tudo depende do ponto de partida. Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a doutrina a sério e cujo caráter *conciliatório* e benevolente seja conhecido. Formado esse núcleo, ainda que de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, quer para as admissões, quer para a realização de sessões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém-vindos terão que se conformar. Essas regras podem sofrer modificações conforme às circunstâncias; mas há algumas que são essenciais.

15. – Sendo a unidade de princípios um dos pontos essenciais, ela não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter opinião formada. A primeira condição a impor, se não se quiser distrair, a cada instante, por objeções ou por perguntas ociosas é, então, o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina do *Livro dos Espíritos*, além de outras condições especiais, julgadas a propósito. Isto quanto aos membros titulares e dirigentes. Para os assistentes, que geralmente vêm para adquirir um pouco mais de conhecimentos e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; contudo, como os há que poderiam causar perturbação com observações fora de propósito, é importante assegurar-se de suas disposições. É necessário, sobretudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem quer que seja atraído por motivo frívolo.

16. – A ordem e a regularidade dos trabalhos são igualmente essenciais. Consideramos eminentemente útil abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens do *Livro dos Médiuns* e do *Livro dos Espíritos*. Por esse meio ter-se-ão sempre presentes à memória os princípios da ciência e os meios de evitar os esco-

lhos encontrados a cada passo na prática. Assim, a atenção fixar-se-á sobre muitos pontos que, por vezes, escapam numa leitura particular e poderão ocasionar comentários e discussões instrutivas, das quais os próprios Espíritos poderão participar.

Não é menos necessário recolher em pastas todas as comunicações recebidas, por ordem de data, com indicação do médium que serviu de intermediário. Esta última referência é útil para o estudo do gênero da faculdade de cada um. Muitas vezes, porém, acontece que tais comunicações se perdem de vista, tornando-se letra morta. Isto desencoraja os Espíritos que as haviam dado, visando à instrução dos assistentes. É necessário, pois, fazer uma coleta das mais instrutivas e lê-las de tempos em tempos. Por vezes estas são de interesse geral e não são dadas pelos Espíritos apenas para a instrução de uns poucos e serem arquivadas. Assim, é útil que sejam do conhecimento de todos pela publicidade. Examinaremos esta questão em artigo no próximo número, indicando o modo mais simples, o mais econômico e, ao mesmo tempo, o mais próprio para alcançar o objetivo.

17. – Como se vê, nossas instruções se dirigem exclusivamente aos grupos formados por elementos sérios e homogêneos; os que querem seguir a rota do Espiritismo moral, visando o progresso de cada um, fim essencial e único da doutrina; enfim, aos que nos querem mesmo aceitar por guia e levar em conta os conselhos de nossa experiência. É incontestável que um grupo formado nas condições indicadas funcionará com regularidade, sem entraves e de maneira proveitosa. O que um grupo pode fazer, outros também o podem. Suponhamos, então, numa cidade, um número qualquer de grupos constituídos nas mesmas bases; haverá necessariamente entre eles unidade de princípios, pois seguem a mesma bandeira; união simpática, pois sua máxima é amor e caridade; numa palavra, são os membros de uma mesma família, entre os quais nem haveria concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, desde que todos sejam animados dos mesmos sentimentos para o bem.

18. – Entretanto, seria útil que houvesse entre eles um ponto de ligação, um centro de ação. Conforme as circunstâncias e as localidades, os diversos grupos, pondo de lado questões pessoais, poderiam designar para isto o que, por sua importância e posição relativa, fosse o mais apto para dar ao Espiritismo um impulso salutar. Conforme a necessidade e se fosse preciso evitar suscetibilidades, um grupo central, formado de delegados de todos os grupos, tomaria o nome de *grupo diretor*. Na impossibilidade de nos correspondermos com todos, com estes teríamos relações mais diretas. Também poderíamos, em certos casos, designar uma pessoa mais especialmente para nos representar.

Sem prejuízo das relações que se estabelecessem, pela força das coisas entre os grupos de uma mesma cidade, que marchassem por uma via idêntica, uma assembléia geral anual poderia reunir os Espíritos dos diversos grupos numa festa familiar, que seria, ao mesmo tempo, a festa do Espiritismo. Seriam pronunciados discursos e lidas comunicações mais notáveis, ou apropriadas às circunstâncias.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade, também o é entre os grupos diretores de diversas cidades, desde quando entre eles haja comunhão de vistas e de sentimentos, isto é, desde que possam manter relações recíprocas. Indicaremos os meios para isto, quando falarmos do modo de publicidade.

19. – Como se vê, tudo isto é de execução muito simples e sem engrenagens complicadas; mas tudo depende do ponto de partida, isto é, da composição

dos grupos primitivos. Se formados de bons elementos, serão outras tantas boas raízes que darão bons renovos. Se, ao contrário, forem formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de Espíritas duvidosos, mais ocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que esperar polêmicas irritantes e sem saída, pretensões pessoais, estremecimentos de suscetibilidades e, em conseqüência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros Espíritas, tais quais os definidos, que vêm o objetivo essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação da personalidade, condescendência e benevolência e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações. Eis por que temos insistido tanto sobre as qualidades fundamentais.

20. – Talvez digam que essas restrições severas constituem um obstáculo à propagação. É um erro. Não julgueis que abrindo a porta ao primeiro que aparecer façais mais prosélitos: a experiência aí está para mostrar o contrário. Seríeis assaltados por uma multidão de curiosos e indiferentes, que ali viriam como a um espetáculo. Ora, os curiosos e os indiferentes são embaraços e não auxiliares. Quanto aos incrédulos por sistema ou por orgulho, por mais que lhos mostrei, não tratarão disso senão com zombaria, porque não o compreenderão e não querem dar-se ao trabalho de compreender. Já o dissemos e não seria demais repetir, a verdadeira propagação, a que é útil e frutífera, é feita pelo ascendente moral das reuniões sérias. Se não as tivesse havido senão destas, os Espíritas seriam ainda mais numerosos, porque, força é dizer, muitos foram desviados da doutrina porque só assistiram a reuniões fúteis, sem ordem e sem seriedade. Sede, pois, sérios em toda a acepção da palavra e as pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam com convicção e tanto pregam pelo exemplo quanto pela palavra.

21. – Do caráter essencialmente sério das reuniões não se deve inferir que se tenham de proscrever sistematicamente as manifestações físicas. Como dissemos no *Livro dos Médiuns* (n. 326), elas são de incontestável utilidade, do ponto de vista do estudo dos fenômenos e para convicção de certas pessoas; mas, para tirar proveito sob esse duplo ponto de vista, há que excluir-se todo pensamento frívolo. Uma reunião que possuísse um bom médium de efeitos físicos e que se ocupasse desse gênero de manifestações com ordem, método e seriedade, *cujas condições morais oferecesse toda a garantia contra o charlatanismo e a fraude*, não só poderia obter coisas notáveis, do ponto de vista fenomênico, mas produziria muito bem. Assim, aconselhamos a não desprezar esse gênero de experiência, desde que se disponham de médiuns adequados e, para tanto se organizassem sessões especiais, independentes daquelas dedicadas a comunicações morais e filosóficas. Os médiuns possantes dessa categoria são raros; mas há fenômenos que embora mais vulgares, não são menos interessantes e concludentes, porque provam, de maneira evidente a independência do médium. Deste número são as comunicações pela típtologia alfabética, que às vezes dá os mais imprevistos resultados. A teoria desses fenômenos é necessária para se dar conta da maneira como se operam, pois é raro que levem uma convicção profunda aos que não os compreendem. Ela tem, além disso, a vantagem de dar a conhecer as condições normais em que os mesmos se podem produzir, e conseqüentemente, evitar as tentativas inúteis e permitir descobrir a fraude, caso ocorresse em qualquer parte.

Equivocaram-se supondo fôssemos sistematicamente contrário às manifestações físicas; preconizamos e preconizaremos sempre as comunicações inteligentes, sobretudo as que têm alcance moral e filosófico, porque só elas tendem para o

objetivo essencial e definitivo do Espiritismo; quanto às outras, jamais lhes contestamos a utilidade, mas nos levantamos contra o deplorável abuso que delas fazem, ou podem fazer, contra a exploração feita pelo charlatanismo, contra as más condições em que são realizadas as mais das vezes, e que se prestam ao ridículo; dissemos e repetimos que as manifestações físicas são o começo da ciência e que não se avança ficando no *a, b, c*; que se o Espiritismo não tivesse saído das mesas girantes, não teria crescido como cresce e que talvez hoje nem mais se falasse dele. Eis porque nos esforçamos por fazê-lo entrar na via filosófica, certo de que, então, dirigindo-se mais à inteligência do que aos olhos, tocaria o coração e não seria uma coisa da moda. É com esta condição única que poderia fazer a volta ao mundo e implantar-se como doutrina. Ora, o resultado ultrapassou, e de muito, a nossa expectativa. Às manifestações físicas só damos uma importância relativa e não absoluta. Aí está o nosso erro, aos olhos de certas pessoas que delas fazem uma ocupação exclusiva e nada mais vêem. Se delas não nos ocupamos pessoalmente é porque nada de novo nos ensinariam e temos coisas mais essenciais a fazer. Longe de censurar os que delas se ocupam, ao contrário os encorajamos, desde que o façam em condições realmente proveitosas. Sempre que conhecermos reuniões desse gênero, dignas de confiança, seremos os primeiros a recomendá-las à atenção dos novos adeptos. Tal é, sobre o assunto, a nossa profissão de fé categórica.

22. – Dissemos no começo que diversas reuniões espíritas pediram para se unir à Sociedade de Paris; usaram até a palavra *filiar-se*. A respeito faz-se necessária uma explicação.

A Sociedade de Paris foi a primeira a constituir-se regular e legalmente. Por sua posição e pela natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo e, em nossa opinião, justifica o título de *Sociedade Iniciadora*, que lhe deram os Espíritos. Sua influência moral se fez sentir longe e, embora seja numericamente restrita, tem consciência de ter feito mais pela propaganda do que se tivesse aberto suas portas ao público. Formou-se com o único objetivo de estudar e aprofundar a ciência espírita. Para isto nem necessita de um auditório numeroso nem de muitos membros, desde que sabe que a verdadeira propaganda é feita pela *influência dos princípios*. Como não é movida por qualquer interesse material, um excesso numérico lhe seria mais prejudicial que útil. Assim, verão multiplicar-se ao seu redor as reuniões particulares formadas em boas condições, e com as quais poderia estabelecer relações de confraternidade. Ela não seria conseqüente com seus princípios, nem estaria à altura de sua missão, se pudesse conceber à sombra da inveja. Os que a julgassem capaz disto não a conhecem.

Estas observações bastam para mostrar que a Sociedade de Paris não poderia ter a pretensão de absorver as outras sociedades, que se pudessem formar, em Paris ou alhures, com os mesmos procedimentos habituais. A palavra *filiação* seria, pois, imprópria, porque suporia uma espécie de supremacia material, a que absolutamente não aspira e que, até, teria inconvenientes. Como Sociedade iniciadora e central, pode estabelecer com os outros grupos ou Sociedades relações puramente científicas; mas a isto se limita o seu papel; não exerce qualquer controle sobre essas Sociedades, que em nada dependem dela e ficam inteiramente livres de se constituir como bem o entenderem, sem ter que dar contas a ninguém, e sem que a Sociedade de Paris tenha que se imiscuir seja no que for em seus negócios. Assim, as Sociedades estrangeiras podem formar-se nas mesmas bases, declarar

que adotam os mesmos princípios, sem depender dela senão pela concentração dos estudos, dos conselhos que lhe puder pedir e que ela terá prazer em dar.

Por outro lado, a Sociedade de Paris não se gaba de estar, mais que as outras, ao abrigo das vicissitudes. Se, por assim dizer, as tivesse em suas mãos e se, por uma causa qualquer, cessasse de existir, a falta de um ponto de apoio resultaria em perturbação. Os grupos ou Sociedades devem buscar um ponto de apoio mais sólido que numa instituição humana, necessariamente frágil. Eles devem adquirir sua vitalidade nos princípios da doutrina, que são os mesmos para todas e que a todas sobrevivem, estejam ou não esses princípios representados por uma sociedade constituída.

23. – Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para evitar qualquer equívoco ou falsa interpretação, as relações que estabelecer com as sociedades estrangeiras são extremamente simplificadas; limitam-se a relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem qualquer sujeição. Permutarão o resultado de suas observações, quer através de publicações, quer de correspondência. Para que a Sociedade de Paris possa estabelecer essas relações, é preciso necessariamente que elas sejam fixadas às das sociedades estrangeiras, que entendem marchar pelo mesmo caminho e adotar a mesma bandeira. Ela as inscreverá na lista de seus correspondentes. Se houver vários grupos numa cidade, serão representados pelo grupo central, de que falamos no parágrafo 18.

24. – Indicaremos agora alguns trabalhos aos quais poderão concorrer as diversas Sociedades de maneira útil. A seguir indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não possuindo todos a soberana ciência, podem encarar certos princípios de um ponto de vista pessoal e, conseqüentemente, nem sempre estarem de acordo. O melhor critério da verdade está naturalmente na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos, por espíritos diferentes e por meio de médiuns estranhos uns aos outros. Assim foi composto o *Livro dos Espíritos*. Mas ainda restam muitas questões importantes a serem resolvidas desta maneira, e cuja solução terá tanto maior autoridade quanto obtida por grande maioria. Assim, na ocasião, a Sociedade de Paris poderá dirigir perguntas desta natureza a todos os grupos correspondentes que, através de seus médiuns, pedirão a solução a seus guias espirituais.

Outro trabalho consiste nas pesquisas bibliográficas. Existe um grande número de obras antigas e modernas, nas quais se encontram testemunhos mais ou menos diretos em favor das idéias espíritas. Uma coleção desses testemunhos seria tarefa muito preciosa, mas é quase impossível que seja feita por uma só pessoa. Ao contrário, torna-se fácil, se cada um quiser colher alguns elementos em suas leituras e estudos e os transmitir à Sociedade de Paris, que os coordenará.

25. – No estado atual das coisas, esta é a única organização possível do Espiritismo. Mais tarde, as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada se deve fazer de inoportuno; já é muito que em tão pouco tempo os adeptos se tenham multiplicado a ponto de conduzir a este resultado. Há nesta simples disposição um quadro que pode estender-se ao infinito, pela mesma simplicidade das engrenagens. Não busquemos, pois, complicá-las, com receio de obstáculos. Os que têm a gentileza de nos testemunhar alguma confiança podem estar certos de que não os deixaremos para trás e que tudo virá a seu tempo. Só a esses, como dissemos, nos dirigimos nestas instruções, sem a pretensão de nos impormos aos que não marcham conosco.

Para denegrir, disseram que queríamos fazer escola no Espiritismo. E, por que não teríamos esse direito? O Sr. De Mirville não tentou fundar uma escola demoníaca? Por que seríamos obrigados a seguir a reboque deste ou daquele? Não temos o direito de ter uma opinião, formulá-la, publicá-la e proclamá-la? Se ela encontra tão numerosos aderentes, é que, aparentemente, não a julgam destituída de senso comum. É culpa nossa, aos olhos de certa gente, se não nos perdoam por havermos chegado primeiro que eles e, sobretudo, haver triunfado? Que haja, pois uma escola, já que assim o querem. Para nós será uma glória escrever em sua fachada: *Escola do Espiritismo Moral, Filosófico e Cristão*. E convidamos todos os que têm por divisa *amor e caridade*. A todos que se ligam a esta bandeira, todas as nossas simpatias e o nosso concurso jamais faltará.

ALLAN KARDEC

CAPÍTULO I

O SENTIDO DA VIDA

(o homem nasceu para evoluir, para progredir)

(Livro: “O Sentido da Vida”. José Herculano Pires. Edit. Paidéia. 1^a. ed. 2005.)

O fardo da existência torna-se demasiado pesado para a criatura humana, quando, vencendo os primeiros anos de ilusão e de fácil entusiasmo, ela se encontra envolvida na dura e monótona rotina cotidiana. Os dias e as noites se tornam iguais, ou variam muito pouco, e não raro da pior maneira. Sobrevem para o homem o cansaço das obrigações que o escravizam, o perigo constante da doença, do desemprego, dos acidentes e da morte, para ele mesmo e para os que lhe são mais caros, a incerteza dos dias futuros e a angústia das dificuldades financeiras.

Os ricos, bem aquinhoados pela fortuna, despreocupam-se de muitas dessas coisas, que pesam mais fortemente na vida obscura de milhares de pobres, de milhares de pessoas que vivem do suor de seu próprio rosto. Mas, mesmo para eles, a vida reserva o seu quinhão de desilusões e de amarguras. E não raro ela se torna tão amarga, através das dificuldades de família, das lutas inglórias com amigos e parentes, das decepções de toda espécie, que o homem aparentemente felizardo, senhor de grandes fortunas, se enche de tédio e procura uma saída no suicídio ou nas dissipações e no tumulto das paixões impuras.

Os cientistas e os artistas, dizia Goethe, empenham-se no caminho de suas conquistas e realizações, e de nada mais precisam. Os religiosos apegam-se à fé, e conseguem superar os próprios dissabores. Entretanto, se analisarmos melhor esses velhos conceitos, à luz das experiências reais, veremos que nem a Ciência, nem a Arte ou a Filosofia, nem a Religião, conseguem de fato salvar o homem do vazio da vida, quando este vazio se lhe apresenta em todo o seu horror. O estímulo de viver, que esses ramos do conhecimento humano conseguem despertar, pode também esgotar-se, levando o cientista, o artista, o filósofo e o religioso ao desespero e à descrença.

Diante disso, procuraram os homens construir várias espécies ou sistemas de explicações para a vida. Numerosos livros foram escritos, milhares de conferências são diariamente pronunciadas, no intuito de tornar suportável a existência para todos, aplainando o escarpado caminho dos desiludidos e descrentes.

Desses sistemas, há um que podemos chamar de heróico. É o materialista, que explica a vida como uma fatalidade natural a que não podemos fugir e que devemos enfrentar com energia e serenidade, sem nos atemorizarmos e sem cometermos a fraqueza de uma deserção. Belo sistema para as almas fortes, dotadas da intuição inata de que a vida tem um objetivo oculto, embora intelectualmente o neguem. Mas de que serve todo o heroísmo desse sistema para a grande massa do povo, que não tem disposição para o heroísmo? Se nos fosse possível tornar materialista um povo inteiro, toda uma nação, veríamos a que extremos de desespero e de loucura este belo sistema nos levaria.

Há um sistema que poderíamos chamar de superficial, e que se enquadra, na filosofia clássica, na corrente do ceticismo, que nos vem do filósofo grego Pirron (aproximadamente 360-270 a.c.). Este sistema nada explica nem quer explicar. Limita-se a considerar a vida como um fato consumado, diante do qual não nos resta fazer outra coisa, senão suportá-la. Para os temperamentos frios, naturalmente indiferentes e egoístas, ele pode servir. Mas há momentos em que o próprio egoísta se vê apanhado num torniquete do qual não pode sair, e não raro sente que o seu sistema de indiferença lhe escapa das mãos, deixando-o sozinho e desarmado diante do imenso mistério do mundo e da vida.

Há um sistema que chamaríamos de otimista, e que não se funda no pensamento de Epicuro porque é muito inconseqüente para ter as suas raízes em tão esplêndida fonte. Segundo ele, a vida é bela, o mundo é magnífico, e o homem nasceu para gozar as delícias da vida e os esplendores do mundo. Quando, premido pela doença ou por qualquer outros motivos imperiosos, não pode satisfazer a esse objetivo único da existência, deve ele corajosamente estourar os miolos com uma bala ou atirar-se do último andar do mais elegante arranha-céu. Este sistema encontra, hoje, intérpretes mais ou menos avançados em certos ramos da chamada filosofia existencialista.

Mas há outro sistema que se enquadra na estrutura doutrinária das várias religiões dominantes no mundo, segundo o qual o homem nasceu para sofrer, e o seu destino é a dor, a amargura, a desesperança, a luta constante com as adversidades insuperáveis. É o sistema doloroso do misticismo exasperante, que o povo, entretanto, procura sempre dosar com sua esperança ilógica nos milagres e nas providências dos santos e dos anjos. Há um lema para este sistema, que todos nós conhecemos, e não raro repetimos, por força do hábito: “A felicidade não é deste mundo.”

O Espiritismo, entretanto, ao surgir na Terra, em forma de filosofia e portanto de interpretação da vida, em meados do século dezenove, opôs-se desde logo a todos esses sistemas. Negou que a vida não tenha objetivo nem significação, combateu a teoria do prazer material como finalidade da existência humana e manifestou-se contrário à idéia de que o homem nasceu para sofrer. Os espíritos que deram a Kardec a tarefa de codificar a doutrina ensinaram-lhe outro sistema, diferente de todos os anteriores. E abriram, com ela, perspectivas novas e mais amplas para a inteligência humana, horizontes mais vastos para o coração angustiado do homem terreno, que se debatia entre a crença empírica numa vida futura e a descrença científica, cada vez mais desesperada, em qualquer possibilidade de sobrevivência.

O Espiritismo renovou fundamentalmente a concepção humana da vida e do mundo, ensinando ao homem que ele não nasceu para passar a vida em prazeres nem para sofrer, mas apenas para evoluir, para progredir, como tudo evolui e progride ao nosso redor, na natureza e na própria sociedade. A dor deixou de ser um castigo imposto ao homem pela absurda vingança de Deus contra o casal primitivo, o prazer deixou de ser o objetivo aceitável da existência corpórea, e ambos, prazer e dor, passaram a ser meras decorrências de um processo mais amplo e mais complexo, em que o homem se acha envolvido, para crescer e se desenvolver, em espírito e verdade.

*

I - RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE (J. Herculano Pires): Tema: “Desenvolvimento Espiritual”. (Págs.102-104).

Não podemos entender o problema religioso, fora da perspectiva histórica. Falar em verdades eternas, instituições divinas, revelações supremas, às quais teríamos de submeter-nos, como um rebanho ao pastor, é simplesmente fugir ao esclarecimento do assunto. A mística das revelações constitui um período histórico necessário, nas fases primárias do desenvolvimento humano. Com o decorrer do tempo, esse período foi superado. O homem tornou-se capaz de pensar de maneira aguda e produtiva, de criticar suas concepções anteriores e de criar meios de investigação dos mistérios da vida e do mundo, com sua própria inteligência. Nesse momento, compreendeu a relatividade das antigas verdades absolutas.

O Espiritismo se caracteriza, em face das religiões atuais, por essa posição racional, quanto ao problema religioso. As pessoas que não conhecem o Espiritismo, em geral o confundem com simples formas de sincretismo religioso ou de superstições primitivas. Pensam que Espiritismo é evocação de espíritos, magia, feitiçaria, e coisas semelhantes. Assim, ao lerem o que acabamos de escrever, pensam que estamos sofismando. Aconselhamos essas pessoas a consultarem as obras básicas da doutrina, em especial “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, para verem que estamos com a razão.

As religiões antigas, anteriores ao Cristianismo, apresentavam-se como revelações divinas, feitas pelos deuses mitológicos. A religião judaica, de que nasceu a cristã era a revelação de Jeová ao povo eleito. O Cristianismo apareceu de maneira diferente, como uma religião didática, ensinada por um homem. A revelação divina se tornava humana. Mas a imaginação do tempo, apegada ao maravilhoso, em breve rejeitou essa modificação. Jesus foi devolvido do plano histórico ao mitológico e transformado em Deus. O Cristianismo absorveu, então, a mística e a magia das revelações divinas do passado, confundindo-se com elas. Tornou-se uma “religião revelada”, como as outras, e adquiriu o mesmo poder de coação, impondo-se aos homens pelo prestígio do mistério. Mas o próprio Cristo já havia previsto esse fato, e anunciou a ressurreição de seus princípios, para quando a mente humana atingisse a maturidade. É o que vemos no Evangelho de João, com o anúncio do Consolador.

Quase dois mil anos correram sobre as palavras de Jesus, mas o momento de maturidade chegou. Nos séculos dezessete e dezoito vemos acentuar-se o processo de maturação mental da humanidade, e no século dezenove encontramos o homem numa fase de plena libertação espiritual. É então que aparece o Espiritismo. Não como revelação divina, no sentido das religiões antigas, mas como um vasto processo de descoberta do espírito. Kardec o apresenta, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, como III Revelação, mas esclarece o sentido novo dessa revelação.

Nada mais claro do que a explicação de Kardec, em “A Gênese”, sobre a natureza do Espiritismo. Revelar, diz ele, é mostrar alguma coisa que estava oculta. Nesse sentido, o Espiritismo é, ao mesmo tempo, revelação divina e revelação humana. Divina, quando os Espíritos, por suas manifestações, revelam aos homens a natureza do mundo espiritual. Humana, quando os homens, por suas investigações, penetram os segredos desse mundo. A revelação espírita não é, portanto, absoluta, imposta aos homens pelos deuses ou por Deus. É o resultado de uma conjugação de esforços. Os Espíritos, homens desencarnados, e os Homens, espíritos encarnados, dão-se as mãos para descobrirem a verdade espiritual, no plano natural e não do mistério.

Há duas formas de revelação, diz Kardec: a divina e a científica. As religiões antigas aceitavam a primeira e nela se baseavam. Daí seu caráter absolutista, sua arrogância na imposição de princípios indiscutíveis. O Espiritismo aceita a segunda e nela se baseia. Daí seu caráter científico. Os Espíritos ajudam os homens a penetrarem os segredos do mundo espiritual. Não são mestres superiores e infalíveis, mas colaboradores. Não possu-

em a sabedoria suprema dos deuses, mas a relativa, das criaturas. A revelação divina se humaniza de novo no Espiritismo, despojando-se dos elementos místicos e mágicos do passado. Os princípios racionais, ensinados por Jesus, ressurgem no momento exato da maturidade mental da humanidade. A profecia do Mestre se cumpre, não de maneira milagrosa, mas dentro do processo histórico, como uma antevisão do desenvolvimento evolutivo da espécie.

As verdades eternas, as instituições divinas e as revelações supremas, que antes exerciam seu domínio mágico sobre os homens, perdem o velho prestígio. O homem, libertado do temor do mistério e do temor dos deuses, aprende a conquistar por si mesmo o conhecimento das coisas espirituais, como conquistou o das coisas materiais. Dentro da relatividade de sua natureza, aprende que as verdades eternas lhe são ainda inacessíveis. Aprende, sobretudo, que antes de conhecer o absoluto, terá de evoluir no relativo. A religião volta a adquirir, assim, o caráter didático do ensino de Jesus. Não é mais um plano de salvação imediata, mas uma escola de salvação progressiva.

É por isso que o Espiritismo não se proclama como religião única, fora da qual não haverá salvação. Essencialmente evolucionista, ele nos mostra a religião como um processo de desenvolvimento espiritual do homem. Nas fases primitivas, a religião se traduzia em mistério e magia. Nas fases posteriores da evolução humana, ela se traduz em compreensão espiritual. Os mistérios, as fórmulas sacramentais, a consagração de objetos, os ritos, são apenas instrumentos primários do desenvolvimento espiritual. Mas chega o momento em que o homem se liberta de tudo isso, para atingir aquilo que Jesus chamava: “adorar a Deus em espírito e verdade”.

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO: (A. KARDEC) - CAPÍTULO I
– “NÃO VIM DESTRUIR A LEI”.

1: Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para dar-lhes cumprimento. Porque em verdade vos digo que o céu e a terra não passarão, até que não se cumpra tudo quanto está na lei, até o último jota e o último ponto. (Mateus, V: 17-18).

7. Da mesma maneira que disse o Cristo: “Eu não venho destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento”, também o Espiritismo nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas o desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito sob forma alegórica. Ele vem cumprir, na época predita, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside, assim como preside ao que igualmente anunciou: a regeneração que se opera e que prepara o Reino de Deus sobre a Terra.

LIVRO DA ESPERANÇA (EMMANUEL) – “CULTO ESPÍRITA”. (Págs. 15-17).

O Culto Espírita, expressando veneração aos princípios evangélicos que ele mesmo restaura, apela para o íntimo de cada um, a fim de patentear-se. Ninguém precisa inquirir o modo de nobilitá-lo com mais grandeza, porque reverenciá-lo é conferir-lhe força e substância na própria vida.

Mãe, aceitarás os encargos e os sacrifícios do lar, amando e auxiliando a Humanidade, no esposo e nos filhos que a Sabedoria Divina te confiou. **Dirigente**, honrarás os dirigidos. **Legislador**, não farás da autoridade instrumento de opressão. **Administrador**, respeitarás a posse e o dinheiro, empregando-lhes os recursos no bem de todos, com o devido discernimento. **Mestre**, ensinarás construindo. **Pensador**, não torcerás as convicções que te enobrecem. **Cientista**, descortinarás caminhos novos, sem degradar a inteligência. **Médico**, viverás na dignidade da profissão sem negociar com as dores dos semelhantes. **Magistrado**, sustentarás a justiça. **Advogado**, preservarás o direito. **Escritor**, não molharás a pena no lodo da viciação, nem no veneno da injúria. **Poeta**, converterás a inspiração

em fonte de luz. **Orador**, cultivarás a verdade. **Artista**, exaltarás o gênio e a sensibilidade sem corrompê-los. **Chefe**, serás humano e generoso, sem fugir à imparcialidade e à razão. **Operário**, não furtarás o tempo, envilecendo a tarefa. **Lavrador**, protegerás a terra. **Comerciante**, não incentivarás a fome ou o desconforto, a pretexto de lucro. **Exator**, aplicarás os regulamentos com equidade. **Médium**, serás sincero e leal aos compromissos que abraças, evitando perverter os talentos do plano espiritual no profissionalismo religioso.

O culto espírita possui um templo vivo em cada consciência na esfera de todos aqueles que lhe esposam as instruções, de conformidade com o ensino de Jesus: “O reino de Deus está dentro de vós” e toda a sua teologia se resume na definição do Evangelho: “a cada um por suas obras”.

À vista disso, prescindindo de convenção (acordo, pacto, ajuste, o que resulta de um acordo tácito entre os membros de um mesmo grupo social) e pragmática (coleção de regras ou de fórmulas que regulam os atos e cerimônias da corte e da Igreja), temos nele o caminho libertador da alma, educando-nos raciocínio e sentimento, para que possamos servir na construção do mundo melhor.

O CÉU E O INFERNO.(A. KARDEC). Primeira parte. Cap. V, “O PURGATÓRIO”. Item 6:

O Espírito culpado sofre primeiramente na vida espiritual em razão dos graus da sua imperfeição; sofre depois na vida corporal que lhe é dada como meio de reparação. É por isso que ele se reencontra com as pessoas que tenha ofendido, seja em situações semelhantes àquelas em que praticou o mal, seja em situações que representam o seu reverso, como neste exemplo: estar na miséria se foi um mau rico ou numa condição humilhante se foi um orgulhoso.

O fato de haver expiação no mundo espiritual e na Terra não representa um duplo castigo para o Espírito. É o mesmo castigo que se prolonga na vida terrena, com o fim de facilitar o seu adiantamento através de um trabalho efetivo. Dele depende tirar o proveito. Não é melhor para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o Céu, do que ser condenado sem remissão ao deixá-la?

Esta liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo aos seus esforços e seja o artífice do seu futuro*. Se ele for infeliz por maior ou menor tempo, não poderá queixar-se senão de si mesmo, pois o caminho do progresso está sempre aberto para ele.

JUSTIÇA DIVINA (EMMANUEL). “BOM COMBATE”. (Págs.15/16).

Voltando à Pátria Espiritual, depois da morte, estamos freqüentemente na condição daquele filho pródigo da parábola, de retorno à casa paterna para a bênção do amor.

Emoção do reencontro. Alegria redescoberta. Entretanto, em plena festa de luz, quase sempre desempenhamos o papel do conviva de cérebro deslumbrado, trazendo espinhos no coração. Por fora, é o carinho que nos reúne. Por dentro, é o remorso que nos fustiga. Vanguarda que fulgura. Retaguarda que obscurece. Êxtase e dor. Esperança e arrependimento. Reconhecidos às mãos luminosas que nos afagam, muitos de nós sentimos vergonha das mãos sombrias que oferecemos.

E porque a Lei nos infunde respeito à justiça, aspiramos a debitar a nós próprios o necessário burilamento e a suspirada felicidade. Rogamos, dessa forma, a reencarnação, à guisa de recomeço, buscando a tarefa que interrompemos e a afeição que traímos, o dever esquecido e o compromisso menosprezado, famintos de reajuste.

Agradece, assim, o lugar da prova em que te situas. Corpo doente, companheiro difícil, parente complexo, chefe amargo e dificuldade constante são oportunidades que se renovam. Todo título exterior é instrumentação de serviço. A existência terrestre é O BOM COMBATE. Defeito e imperfeição, débito e culpa são inimigos que nos defrontam.

Aperfeiçoamento individual é a única vitória que não se altera. E, em toda parte, o verdadeiro campo de luta somos nós mesmos.

A GÊNESE (A. KARDEC). Cap. II: DEUS. EXISTÊNCIA DE DEUS. Itens 1 a 7.

1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o eixo sobre que repousa o edifício da criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo.

2. Constitui princípio elementar que se julgue uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se veja a causa. Se um pássaro que corta os ares for atingido por um projétil mortal, deduz-se que um hábil atirador o atingiu, mesmo que não se veja o atirador. Portanto, nem sempre é necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3. Outro princípio igualmente elementar, tão verdadeiro que é admitido como axioma, é que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Se perguntassem quem é o construtor de um mecanismo engenhoso, que pensaríamos daquele que respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que ela deve ter sido produzida por um homem de gênio, porque só uma alta inteligência poderia concebê-la. Reconhece-se, no entanto, que terá sido obra de um homem, porque se sabe que a coisa não está acima da capacidade humana; mas ninguém dirá que ela saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela seja o trabalho de um animal, ou o produto do acaso.

4. Por toda parte se reconhece a presença do homem em suas obras. A existência dos homens antediluvianos não seria provada somente pelos fósseis humanos, mas, também, e com tanto mais certeza, pela presença nos terrenos da sua época, de objetos trabalhados pelos homens; um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo, bastarão para atestar sua presença. Pela grosseria ou pela perfeição do trabalho, se reconhecerá o grau de inteligência e de aperfeiçoamento daqueles que a realizaram. Se, pois, caso vos encontrásseis num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrisseis uma estátua digna de Fídias, não hesitaríeis em dizer que ela devera ter sido obra de uma inteligência superior à dos selvagens, pois estes seriam incapazes de havê-la produzido.

5. Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que preside a todas as coisas, reconhecemos que nenhuma há que não ultrapasse o mais alto alcance da inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são o produto de uma inteligência superior à humanidade, a não ser que admitamos haver efeito sem causa.

6. A isto, alguns opõem o seguinte raciocínio: as obras ditas da Natureza são o produto de forças materiais que atuam mecanicamente, como consequência das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma em sua espécie, por força dessas mesmas leis; cada indivíduo é semelhante àquele de onde ele saiu; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração, são subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo sucede com os animais. Os astros se formam pela atração molecular, e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da lei da gravitação. Esta regularidade mecânica no emprego das forças naturais não indica uma inteligência autônoma. O homem movimenta seu braço quando quer e como quer; aquele, porém, que o movesse no mesmo sentido, desde seu nascimento até sua morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdadeiro; porém essas forças são efeitos que devem ter uma causa, e ninguém pretende que estas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas;

não são inteligentes por si mesmas, o que ainda é verdadeiro; mas são postas em funcionamento, distribuídas, adequadas às necessidades de cada coisa, por uma inteligência que não é a do homem. A aplicação útil destas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo move-se com regularidade automática, e esta regularidade é que constitui seu mérito. A força que o faz agir é toda material e de nenhum modo inteligente; porém, que seria deste pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego dessa força, para o fazer funcionar com precisão? Pelo fato de que a inteligência não está no mecanismo do pêndulo, e pelo fato de que ela não é visível, seria racional concluir que ela não existe? Ela é conhecida pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando um relógio vos dá, no momento necessário, a indicação do que tendes necessidade, algum dia terá vindo ao pensamento de alguém, dizer: Aí está um relógio bem inteligente?

Assim é com o mecanismo do Universo: **Deus não se mostra, mas afirma-se mediante suas obras.**

7 A existência de Deus é, pois, um fato assente, não só pela revelação, mas também pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram revelação, e no entanto crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima do poder humano, e por isso concluem que elas são provenientes de um ente superior à humanidade. Não são eles mais lógicos do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

O CONSOLADOR (EMMANUEL). Terceira Parte. RELIGIÃO. VELHO TESTAMENTO. REVELAÇÃO. Questões 260 a 267.

260. *Em face da Ciência e da Filosofia como interpretar a Religião nas atividades da vida?* – Religião é um sentimento Divino, cujas exterioridades são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos. As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.

261. *“No princípio era o Verbo...” - Como deveremos entender esta afirmativa do texto sagrado?* – O apóstolo João ainda nos adverte que “o Verbo era Deus e estava com Deus”. Deus é amor e vida e a mais perfeita expressão do Verbo para o orbe terrestre era e é Jesus, identificado com a sua misericórdia e sabedoria, desde a organização primordial do planeta. Visível ou oculto, o Verbo é o traço da luz divina em todas as coisas e em todos os seres, nas mais variadas condições do processo de aperfeiçoamento.

262. *Por que razão a palavra das profecias parece dirigida invariavelmente ao povo de Israel?* – Em todos os textos das profecias, Israel deve se considerada como o símbolo de toda a humanidade terrestre, sob a égide sacrossanta do Cristo.

263. *Deve-se atribuir ao judaísmo missão especial, em comparação com as demais idéias religiosas do tempo antigo?* – Embora as elevadas concepções religiosas que floresceram na Índia e no Egito e todos os grandes ideais de conhecimento da divindade, que povoaram a antiga Ásia em todos os tempos, deve-se reconhecer no judaísmo a grande missão da revelação do Deus único. Enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina. Por esse motivo, não obstante os compromissos e os débitos penosos que parecem perpetuar os seus sofrimentos, através das gerações e das pátrias humanas no doloroso curso dos séculos, o povo de Israel deve merecer o respeito e o amor de todas as comunidades da Terra, porque somente ele foi bastante grande e unido para guardar a idéia verdadeira de Deus, através dos martírios da escravidão e do deserto.

264. *Como deve ser considerada, no Espiritismo, a chamada “Santíssima Trindade”, da teologia católica?* – Os textos primitivos da organização cristã não falam da concepção da Igreja Romana, quanto à chamada “Santíssima Trindade”. Devemos esclarecer, ainda, que o ponto de vista católico provém de sutilezas teológicas sem base séria nos ensinamentos de Jesus. Por largos anos, antes da Boa Nova, o bramanismo guardava a concepção de Deus, dividido em três princípios essenciais, que os seus sacerdotes denominavam Brama, Vishnu e Çiva. Contudo, a Teologia, que se organizava sobre os antigos princípios do politeísmo romano, necessitava apresentar um complexo de enunciados religiosos, de modo a confundir os espíritos simples, mesmo porque sabemos que se a Igreja foi, a princípio, depositária das tradições cristãs, não tardou muito que o sacerdócio eliminasse as mais belas expressões do profetismo, inumando o Evangelho sob um acervo de convenções religiosas, e roubando às revelações primitivas a sua feição de simplicidade e de amor. Para esse desiderato, as forças que vinham disputar o domínio do Estado, em face da invasão dos povos considerados bárbaros, se apressaram, no poder, em transformar os ensinamentos de Jesus em instrumento da política administrativa, adulterando os princípios evangélicos nos seus textos primitivos e assimilando velhas doutrinas como as da Índia legendária, e organizando novidades teológicas, com as quais o Catolicismo se reduziu a uma força respeitável, mas puramente humana, distante do Reino de Jesus, que, na afirmação do Mestre, simples e profunda, não tem ainda fundamentos divinos na face da Terra.

265. *Como interpretar a antiga sentença – “Deus fez o mundo do nada”?* – O primeiro instante da matéria está, para os Espíritos da minha esfera, tão obscuro quanto o primeiro momento da energia espiritual nos círculos da vida universal. Compreendemos, contudo, que, sendo Deus o Verbo da Criação, o “nada” nunca existiu para o nosso conceito de observação, porquanto o Verbo, para nós outros, é a luz de toda a Eternidade.

266. *Os dias da Criação, nas antigas referências do Velho Testamento, correspondem a períodos inteiros da evolução geológica?* – Os dias da atividade do Criador, tal como nos refere o texto sagrado, correspondem aos largos períodos de evolução geológica, dentro dos milênios indispensáveis ao trabalho da gênese planetária, salientando-se que, com esses, a Bíblia encerra outros grandes símbolos inerentes aos tempos imemoriais, das origens do planeta.

267. *Qual a posição do Velho Testamento no quadro de valores da educação religiosa do homem?* – No quadro de valores da educação religiosa, na civilização cristã, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou como a fonte-máter da revelação divina.

*

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “Os Fatos e a Doutrina”.

Desde o aparecimento do Espiritismo, numerosos esforços vêm sendo feitos para negar a natureza dos fatos espíritas, diminuir a sua significação, ridicularizá-los, atribuí-los à fraude ou misturá-los com ilusionismo e hipnotismo. As forças e as pessoas empenhadas nessa inglória tarefa partem da suposição de que, negados ou deturpados os fatos, a doutrina pereceria. Entretanto, a história dessa luta demonstra o contrário. Os fatos espíritas não podem ser negados nem confundidos com fenômenos de outra natureza, e o combate que a eles se move só tem servido para intensificar a propagação da doutrina.

No capítulo sexto das “Conclusões” de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec declara: “Seria fazer uma idéia bem falsa do Espiritismo, acreditar que ele tira sua força da prática das manifestações materiais, e que, portanto, entrando essas manifestações pode-se minar-lhe as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom-senso.” A seguir, o codificador explica que os fenômenos espíritas existem desde todos os tempos, não se podendo escondê-los ou sufocá-los, precisamente por serem naturais. Tratando-se, pois, de fatos naturais, lutar contra eles é lutar contra a natureza, contra a realidade.

Mas por que o codificador afirma que a força do Espiritismo não está nos fatos, e sim na doutrina? Pois não são os fatos a própria base objetiva da doutrina? Se lhe tirarmos essa base real, a doutrina não estará ameaçada? Claro que sim, e o próprio Kardec o diz, no mesmo capítulo citado. Mas diz também que, por serem naturais esses fatos, ninguém os conseguirá subtrair das bases doutrinárias. Ninguém poderá nunca impedir as comunicações mediúnicas, em suas diversas modalidades. Elas são universais, de todos os tempos e de todas as latitudes, entre todos os povos.

Kardec, porém, deixa claro que o Espiritismo não é um acervo de fatos, um conglomerado de fenômenos materiais, e sim uma filosofia, uma doutrina. Os fatos espíritas, como o demonstrou Ernesto Bozzano, apoiado nas pesquisas dos antropólogos e etnólogos André Lang e Freedom Lang, são a fonte natural de que nasceram todas as religiões. Por outro lado, as religiões se alimentam constantemente nessa fonte. Eles são, por isso mesmo, tão importantes para o Espiritismo quanto para outras doutrinas. E a força do Espiritismo não decorre dos fatos, mas dos princípios que ele construiu sobre esses fatos, interpretando-os da maneira legítima, através da razão e do bom senso.

Enganam-se, portanto, os que combatem a fenomenologia espírita com o fim de impedir a propagação do Espiritismo. Mais acertados estão os que lutam contra a doutrina, contra os princípios filosóficos e religiosos do Espiritismo. Negar a doutrina, mesmo a peso de sofismas, é mais fácil do que negar os fatos em que ela se assenta. Mas ainda nesse terreno é preciso convir que a luta não é muito fácil. Porque a doutrina espírita não apresenta incongruências. Não disfarça os seus princípios em zonas obscuras, sob o nevoeiro do mistério ou a proteção de interpretações místicas.

Um amigo de Cairbar Schutel, materialista, depois de haver lido “O Livro dos Espíritos”, fez-lhe esta declaração: “Não aceito a premissa de que parte este livro. Mas, se ela for verdadeira, não há maior monumento de lógica do que este”. As incoerências, contradições e absurdos que até hoje tem sido apontados na obra de Kardec não passam de deformações intencionais ou feitas por espíritos apaixonados. Foi por isso que Camile Flamarion, à beira do túmulo de Kardec, chamou-o de “Bom senso encarnado”. E é por isso que insistimos sempre na necessidade de leitura e estudo da obra de Kardec. Obra, aliás, que não é somente dele, mas também e principalmente dos Espíritos.

A leitura dos livros fundamentais do Espiritismo é indispensável não só aos adeptos, como também aos adversários sinceros. Aqueles adversários que não querem jogar com sofismas, nem usar as armas fáceis da deturpação, precisam enfronhar-se dos princí-

pios espíritas, para lutarem com lealdade contra eles. E os espíritas que realmente estejam a par da sua doutrina, não temem nem detestam os adversários. Primeiro, por que eles sabem que é dever do espírita respeitar a liberdade de consciência. Depois, por terem a demonstração histórica de que os adversários bem intencionados acabam rendendo-se à evidência da verdade, e os mal intencionados nada mais fazem do que pôr lenha na fogueira do Espiritismo. Até hoje, os adversários têm sido úteis à doutrina. Quanto mais pregam e escrevem contra ela, mais auxiliam a sua propagação.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS (A. KARDEC). Questões 886 – “CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO” – e 887 – “AMAI OS VOSSOS INIMIGOS”.

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? – *Benivolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas*

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: - “*Amai-vos uns aos outros, como irmãos*”. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes, porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus ensinou ainda: “*Amai aos vossos inimigos*”. Ora, um amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos? – *Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores, pela vingança nos colocamos abaixo deles.*

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS (EMMANUEL). “SE TIVERES AMOR”. (Pag.15).

Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas... Encontrarás nos caluniadores almas invigilantes que a peçonha do mal entenebreceu, e relevarás toda ofensa com que te martirizem as horas... Surpreenderás nos maldizentes criaturas desprevenidas que o veneno da crueldade enlouqueceu, e desculparás toda injúria com que te deprimam as esperanças... Observarás no onzenário (que cobra juro exorbitante) a vítima da ambição desregrada, acariciando a ignomínia da usura em que atormenta a si próprio, e no viciado o irmão que caiu voluntariamente na poça de fel em que arruina a si mesmo... Reconhecerás a ignorância em toda manifestação contrária à justiça e descobrirás a miséria por fruto dessa mesma ignorância em toda parte onde o sofrimento plasma o cárcere da delinquência, o deserto do desespero, o inferno da revolta ou o pântano da preguiça...

Se tiveres amor saberás, assim, cultivar o bem, a cada instante, para vencer o mal a cada hora... E perceberás, então, como o Cristo fustigado na cruz, que os teus mais acirrados perseguidores são apenas crianças de curto entendimento e de sensibilidade enfermiça, que é preciso compreender e ajudar, perdoar e servir sempre, para que a glória do amor puro, ainda mesmo nos suplícios da morte, nos erga o espírito imperecível à bênção da vida eterna.

O CONSOLADOR (EMMANUEL). Segunda Parte. FILOSOFIA. VIDA. APRENDIZADO. Questões 115 a 130.

115. *É a Filosofia a interpretação sintética de todas as atividades do espírito em evolução na Terra?* – A Filosofia constitui, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas uma à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas.

116. *O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?* – Como a maioria das criaturas humanas se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus. Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117. *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias experiências do Espírito sobre a Terra?* – Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118. *Como se registram as experiências do Espírito em sua encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subseqüentes?* – É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119. *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?* – Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfectibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120. *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?* – Diremos melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

121. *O meio ambiente influi no espírito?* – O meio ambiente em que a alma renasceu, muitas vezes constitui a prova expiatória; com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência.

122. *Que se deve fazer para o desenvolvimento da intuição?* – O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os seus aspectos.

123. *Deve o crente criar imposições absolutas para si mesmo, no sentido de alcançar mais depressa a perfeição espiritual?* – O crente deve esforçar-se o mais possível, mas, de modo algum, deve nutrir a pretensão de atingir a superioridade espiritual completa, de uma só vez, porquanto a vida humana é aprendizado de lutas purificadoras e, no cadinho do resgate, nem sempre a temperatura pode ser amena, alcançando, por vezes, ao mais alto grau para o desiderato (aspiração) do acrisolamento (purificação). Em todas as circunstâncias, guarde o cristão a prece e a vigilância: prece ativa, que é o trabalho do bem, e vigilância, que é a prudência necessária, de modo a não trair novos compromissos. E, nesse esforço, a alma estará preparada a estruturar o futuro de si mesma, no caminho

eterno do espaço e do tempo, sem o desalento dos tristes e sem a inquietação dos mais afoitos.

124. *Qual a importância da palavra humana para as conquistas evolutivas do espírito?* – A palavra é um dom divino, quando acompanhada dos atos que a testemunhem; e é através de seus caracteres falados ou escritos que o homem recebe o patrimônio de experiências sagradas de quantos o antecederam no mecanismo evolutivo das civilizações. É por intermédio de seus poderes que se transmite, de gerações a gerações, o fogo divino do progresso na escola abençoada da Terra.

125. *Reconhecendo que os nossos amigos do plano espiritual estão sempre ao nosso lado, em todos os trabalhos e dificuldades, a fim de nos inspirar, quais os maiores obstáculos que a sua bondade encontra em nós, para que recebamos o seu socorro indireto, afetuoso e eficiente?* – Os maiores óbices psíquicos, antepostos pelo homem terrestre aos seus amigos e mentores da espiritualidade, são oriundos da ausência de humildade sincera nos corações, para o exame da própria situação de egoísmo, rebeldia e necessidade de sofrimento.

126. *As vibrações relativas ao bem e ao mal, emitidas pela alma encarnada no seu aprendizado terrestre, persistem no Espaço para exame e ponderação do futuro?* – Haveis de convir conosco que existem fenômenos físicos, transcendentem em demasia, para que possamos examiná-los devidamente, na pauta exígua dos vossos conhecimentos atuais. Todavia, em se tratando de vibrações emitidas pelo Espírito encarnado, somos compelidos a reconhecer que essas vibrações ficam perenemente gravadas na memória de cada um; e a memória é uma chapa fotográfica, onde as imagens jamais se confundem. Bastará a manifestação da lembrança, para serem levadas a efeito todas as ponderações, mais tarde, no capítulo das expressões do mal e do bem.

127. *O preceito do “corpo são, mentalidade sadia”, poderá ser observado tão somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?* – No que se refere ao “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes no problema da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento (degeneração) moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia (raça pura) ou pelas competições estranhas dos grupos sectários (fanáticos), desviando de suas nobres finalidades um dos grandes movimentos coletivos em favor da confraternização e da saúde. Bastará essa observação para compreendermos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma.

128. *A vida do irracional está revestida igualmente das características missionárias?* – A vida do animal não é propriamente missão, apresentando, porém, uma finalidade superior que constitui a do seu aperfeiçoamento próprio, através das experiências benfeitoras do trabalho e da aquisição, em longos e pacientes esforços, dos princípios sagrados da inteligência.

129. *É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?* – A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes conseqüências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos. Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

130. *Operários do aprendizado terrestre, como devemos encarar o texto sagrado do “lembra-te do dia de sábado para santificá-lo”, quando as obrigações de serviço proporcionam para isso os domingos?* – O descanso dominical deve ser sagrado pelo homem, não por se tratar de um domingo, mas em virtude da necessidade de se estabelecer uma pausa semanal aos movimentos da vida física, para o recolhimento espiritual da alma em si mesma, no caminho das atividades terrestres. O repouso dominical substitui perfeitamente o sábado antigo, salientando-se que a rigidez da sua observância foi instituída pelos legisladores hebreus, em virtude da ambição e da prepotência dos senhores de escravos, numerosos na época, e que somente desse modo, atendiam à medida de humanidade, concedendo uma trégua ao esforço exaustivo que costumava aniquilar a existência de servos fracos e indefesos. O descanso semanal deve ser sempre consagrado pelo homem às expressões de espiritualidade da sua vida, sem se dar, porém, a qualquer excesso no domínio da letra, nesse particular, porque, após a palavra de Moisés, devemos ouvir a lição do Senhor, esclarecendo que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.

NO LIMIAR DO AMANHÃ. (J. HERCULANO PIRES).

“TUDO RENASCE”.

A natureza oferece-nos a lição permanente da ressurreição. A vida é uma sucessão de ciclos. Nada morre. Nada se acaba. Tudo volta na morte aparente e na ressurreição permanente. Acontece com os homens, que vão e voltam, na sucessão das gerações. Os pregoeiros da vida única, condoídos da morte intuitiva, querem separar o homem da natureza, torná-lo criatura marginal, na obra de Deus. Mas Deus nos ensina, a cada momento, que nada se acaba, que tudo se renova. Deus planta-nos os signos das coisas, a ressurreição do dia e da noite; as estações do ano, dos séculos e dos milênios; o ritmo dos vegetais; o ciclo das águas; a rotação da Terra e dos astros. Tudo nos lembra a renovação constante da vida que jamais perece. A relva rompe-se nas calçadas de pedra e nas lajes dos túmulos. É a vida que renasce triunfante, negando a morte.

A linguagem simbólica de Deus na natureza adverte-nos que nada se acaba, que tudo se transforma, num impulso da evolução. Uma estrela apaga-se no céu e outra nasce no céu. Mas a visão espiritual, no seio de todas as grandes religiões, proclama em todo o mundo a ressurreição do homem, após a morte, ressuscitando o Espírito, como ensina o Apóstolo Paulo, através da reencarnação. Há duas formas de ressurreição: morremos na Terra, para ressuscitarmos na Vida Espiritual; morremos no Mundo dos Espíritos, para nascermos no mundo dos homens. Cada nascimento na Terra é uma ressurreição na carne.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, essa é a lei, proclamou Kardec. Hoje, o problema da reencarnação é um problema da Ciência, da investigação científica, nos maiores centros culturais do mundo. Nas universidades americanas e nas universidades russas, no Ocidente e no Oriente, os cientistas pesquisam a reencarnação

Você crê na reencarnação? Não perca tempo, a reencarnação não é mais uma questão restrita. Estude o problema. Pergunte a você mesmo se é lógico, se é admissível que tudo renasça, menos o homem. Por que motivo o homem, a mais alta conquista da evolução em nosso Planeta, seria o único ser, a única coisa destinada a perecer quando nada perece? A cada minuto que passa, entramos no amanhã. A cada passo que damos, o passado fica para trás, estamos na grande viagem do tempo sem fim. O momento presente é o encontro entre o passado e o futuro. Quem se agarrar ao passado, perderá a sua vida; a vida atual, o momento presente, carregado de oportunidades para o futuro. Não seja um retrógrado. Abandone na estrada o baú das velharias. Olhe para a frente e marche para o mundo. Mas não pense que o passado esteja perdido. Nada se perde, tudo se transforma. É do passado que nasce o presente. É do presente que nasce o futuro. Pense bem nisso. Ontem, construímos o futuro de hoje. Hoje, estamos preparando o que seremos amanhã. Não lamente o passado e não tenha medo do amanhã. Na verdade, o amanhã está em suas mãos, você pode fazê-lo como quiser. Um amanhã carregado de folhas mortas, ou de um

verde florido, como a primavera; feche os olhos um pouco e se lembre de ontem. Veja bem: foi no ontem que você preparou o hoje. Tudo de bom que você fez ontem é a alegria e a bondade no hoje que você está vivendo. Tudo de mal que você fez ontem é a maldade do hoje que lhe atormenta.

Tudo o que você fez hoje vai modelar, daqui a pouco, o amanhã, o que você será amanhã, que chega a cada instante. Nada se perde. Tudo se transforma em nossas mãos. Não tenha medo de você. Pense no Mestre e Senhor. Porque Ele disse: “Quem se apega à sua vida, perdê-la-á. E quem a perder por amor de Mim, encontrá-la-á.” Guarde, no caminho, o baú das velharias. O caminho de hoje está cheio de esperanças. Colha, no hoje, as flores do amanhã. Não alimente as nuvens de desgraça e da maldade, porque elas se acumularão, no seu horizonte, ameaçando temporais. Pense no céu azul que lhe espera, além da linha do horizonte. E marche confiante para o amanhã.

A CAMINHO DA LUZ. (EMMANUEL). – “INTRODUÇÃO”.

Enquanto as penosas transições do século XX se anunciam ao tinido sinistro das armas, as forças espirituais se reúnem para as grandes reconstruções do porvir. Aproxima-se o momento em que se efetuará a aferição de todos os valores terrestres para o ressurgimento das energias criadoras de um mundo novo, e natural é que recordemos o ascendente místico de todas as civilizações que surgiram e desapareceram, evocando os grandes períodos evolutivos da Humanidade, com as suas misérias e com os seus esplendores, para afirmar as realidades espirituais acima de todos os fenômenos transitórios da matéria. Esse esforço de síntese será o da fé reclamando a sua posição em face da ciência dos homens, e ante as religiões da separatividade, como a bússola da verdadeira sabedoria.

Diante dos nossos olhos de espírito passam os fantasmas das civilizações mortas, como se permanecêssemos diante de um “écran” (tela cinematográfica) maravilhoso. As almas mudam a indumentária carnal, no curso incessante dos séculos; constroem o edifício milenário da evolução humana com as suas lágrimas e sofrimentos, e até nossos ouvidos chegam os ecos dolorosos de suas aflições. Passam as primeiras organizações do homem e passam as suas grandes cidades, transformadas em ossuários silenciosos. O tempo, como patrimônio divino do espírito, renova as inquietações e angústias de cada século, no sentido de aclarar o caminho das experiências humanas. Passam as raças e as gerações, as línguas e os povos, os países e as fronteiras, as ciências e as religiões. Um sopro divino faz movimentar todas as coisas nesse torvelinho maravilhoso. Estabelece-se, então, a ordem equilibrando todos os fenômenos e movimentos do edifício planetário, vitalizando os laços eternos que reúnem a sua grande família.

Vê-se, então, o fio inquebrantável que sustenta os séculos das experiências terrestres, reunindo-as, harmoniosamente, umas às outras, a fim de que constituam o tesouro imortal da alma humana em sua gloriosa ascensão para o Infinito. As raças são substituídas pelas almas e as gerações constituem fases do seu aprendizado e aproveitamento; as línguas são formas de expressão, caminhando para a expressão única da fraternidade e do amor, e os povos são os membros dispersos de uma grande família trabalhando para o estabelecimento definitivo de sua comunidade universal. Seus filhos mais eminentes, no plano dos valores espirituais, são agraciados pela Justiça Suprema, que legisla no Alto para todos os mundos do Universo, e podem visitar as outras pátrias siderais, regressando ao orbe, no esforço abençoado de missões regeneradoras dentro das igrejas e das academias terrenas.

Na tela mágica dos nossos estudos, destacam-se esses missionários que o mundo muitas vezes crucificou na incompreensão das almas vulgares, mas, em tudo e sobre todos, irradia-se a luz desse fio de espiritualidade que diviniza a matéria, encadeando o trabalho das civilizações, e, mais acima, ofuscando o “écran” (tela) das nossas observações e dos nossos estudos, vemos a fonte de extraordinária luz, de onde parte o primeiro ponto geométrico desse fio de vida e de harmonia, que equilibra e satura toda a Terra numa apo-

teose de movimento e divinas claridades. Nossos pobres olhos não podem divisar particularidades nesse deslumbramento, mas sabemos que o fio da luz e da vida está nas suas mãos. É Ele quem sustenta todos os elementos ativos e passivos da existência planetária. No seu coração augusto e misericordioso está o Verbo do princípio. Um sopro de sua vontade pode renovar todas as coisas, e um gesto seu pode transformar a fisionomia de todos os horizontes terrestres.

Passaram as gerações de todos os tempos, com as suas inquietações e angústias. As guerras ensangüentaram o roteiro dos povos nas suas peregrinações incessantes para o conhecimento superior. Caíram os tronos dos reis e esfacelaram-se coroas milenárias. Os príncipes do mundo voltaram ao teatro de sua vaidade orgulhosa, no indumento humilde dos escravos, e, em vão, os ditadores conclamaram, e conclamam ainda, os povos da Terra, para o morticínio e para a destruição. O determinismo do amor e do bem é a lei de todo o Universo e a alma humana emerge de todas as catástrofes em busca de uma vida melhor.

Só Jesus não passou, na caminhada dolorosa das raças, objetivando a dilaceração de todas as fronteiras para o amplexo universal. Ele é a Luz do Princípio e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo. Seu coração magnânimo é a fonte da vida para toda a Humanidade terrestre. Sua mensagem de amor, no Evangelho, é a eterna palavra da ressurreição e da justiça, da fraternidade e da misericórdia. Todas as coisas humanas passaram, todas as coisas humanas se modificarão. Ele, porém, é a Luz de todas as vidas terrestres, inacessível ao tempo e à destruição. Enquanto falamos da missão do século XX, contemplando os ditadores da atualidade, que se arvoram em verdugos das multidões, cumpre-nos voltar os olhos súplices para a infinita misericórdia do Senhor, implorando-lhe paz e amor para todos os corações.

*

III – CIÊNCIA ESPÍRITA.

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE (J. Herculano Pires. Edit. Paidéia. SP., 9ª. edição, Abril/2004). Tema – “Ciência e Superstição”.

Em artigo distribuído pela APLA, aos jornais de todo o mundo, Chapman Pincher escreve de Londres, estranhando que o nosso século, considerado Idade da Ciência, seja também a Grande Idade da Superstição. Mas, procurando explicar essa situação contraditória, faz uma descoberta curiosa: a de que a ciência gera a superstição. Como se vê, trata-se de uma explicação dialética, bem ao gosto do século. Mas uma explicação que não passa de simples paliativo.

Qual a razão por que o nosso século seria a Grande Idade da Superstição? Primeiro, segundo explica Chapman Pincher, por causa dos Discos Voadores. Depois, porque há uma crença geral em “poltergeists”, ou seja: “em espíritos sobrenaturais e dotados da capacidade de mover objetos materiais”. E depois, ainda, porque milhões de pessoas, em todo o mundo, acreditam que os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos e até mesmo materializar-se”.

A posição do Sr. Pincher não é única. Há milhares de intelectuais, pelo mundo inteiro, escrevendo artigos, pronunciando conferências, dando aulas e publicando livros, nesse mesmo sentido. Para todos eles, aceitar a possibilidade da existência de espíritos é revelar atraso mental, apego a superstições superadas pelo desenvolvimento das ciências. Que resposta podemos dar a esses homens ilustres, não raro dotados de grande capacidade mental, que relegam ao porão do subconsciente as nossas mais sólidas convicções?

Há espíritas que se impressionam com isso. Muitos nos escrevem, perguntando como explicar-se a existência de tanta e tão ferrenha negação, de parte de homens esclarecidos. A melhor resposta nos é dada pela própria história da chamada “superstição espírita”. Até hoje, desde as famosas investigações da Sociedade Dialética de Londres, para desfazer a “praga do século”, - que era então, e isso no século XIX, o Espiritismo -, ne-

ningum investigador sério pôs a mão no fogo sem ser queimado. Quer dizer: até hoje, nenhum cientista que se atreveu, com seriedade, a investigar os fatos espíritas, deixou de comprová-los. E muitos tornaram-se espíritas, inclusive o maior deles, que foi William Crookes, o Einstein do século dezanove.

O que acontece, pois, é que o Sr. Pincher, e muitos outros como ele, apegam-se aos seus conhecimentos com o mesmo fanatismo dos supersticiosos. Não são mais do que supersticiosos de outra categoria. Acreditam piamente que a concepção científica do mundo é a última palavra no plano do conhecimento, esquecidos das tremendas lacunas, das falhas gigantescas, das enormes manchas de dúvida e incerteza que revelam a necessidade de maiores investigações e maior ponderação. Esquecem-se de que as ciências, todas elas, estão ainda em desenvolvimento, constituem processos inacabados. E assim como as religiões, apoiando-se no pressuposto da revelação divina, julgam-se no direito de sustentar seus dogmas absolutos, assim, também, estes agnósticos se consideram, com apoio nas conquistas da ciência, com o direito de impor os seus dogmas, igualmente absolutos.

Para escrever o que escreveu, o Sr. Pincher deve ignorar as experiências da Metapsíquica, da Parapsicologia e da Ciência Psíquica Inglesa. Deve ignorar também as investigações de certos religiosos, inclusive da comissão de pastores anglicanos, que há poucos anos, na própria Inglaterra, agindo em defesa de sua religião, mas sendo sinceros, tiveram de concluir pela realidade da fenomenologia espírita. Deve ignorar, ainda, as pesquisas do Prof. Price, da Universidade de Oxford, que concluem pela mesma realidade. Deve, enfim, ignorar muita coisa, apesar de todo o seu possível saber.

E entre as coisas que o Sr. Pincher ignora podemos incluir esta: não é a ciência que gera superstições, mas a incapacidade da ciência é que transforma em superstições muitas coisas reais, que podiam ser explicadas. Essa incapacidade, por sua vez, decorre em grande parte do dogmatismo científico de que o Sr. Pincher é um exemplo. Uma das coisas que mais se apontavam contra a realidade dos fatos espíritas, no século dezanove, era o chamado “absurdo” dos fenômenos de levitação. Como se poderia admitir a levitação, se ela contrariava a lei da gravidade? Entretanto, o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, incumbiu-se de investigar os fatos e chegou a descrever a própria mecânica da levitação. Sua teoria de alavanca fluídica, experimentalmente comprovada, figura no “Traité de Metpsychique”, de Richet. Provou Crawford que a levitação não contrariava nenhuma lei científica.

Quanto à materialização, que tanto aborreceu o Sr. Pincher, sua prova científica não foi feita pelos espíritas, mas por sábios como Crookes, que era físico, e Richet, fisiologista. Dois sábios que não se fecharam em posições dogmáticas, mas procuraram verificar o que havia a respeito de problemas tão complexos. Não é científica, como bem dizia Ernesto Bozzano, a atitude dos que, em nome de princípios, negam os fatos que os contrariam. Estamos certos de que, se o Sr. Pincher pensasse um pouco nessa afirmação de Bozzano, não continuaria a escrever contra a ciência que tanto ama, para acusá-la de mãe da superstição. Apesar de dialética, essa posição é muito cômoda para um homem que distribui pensamentos pelo mundo, através de agências jornalísticas. Porque o mundo, apesar dos pesares, está cheio de gente que conhece muita coisa que o Sr. Pincher ignora.

O LIVRO DOS MÉDIUNS (A. KARDEC). Cap. I, EXISTEM ESPÍRITOS?
 Questão 01:

A causa principal da dúvida sobre a existência dos Espíritos é a ignorância da sua verdadeira natureza. Imaginam-se os Espíritos como seres à parte na Criação, sem nenhuma prova da sua necessidade. Muitas pessoas só conhecem os Espíritos através das estórias fantasiosas que ouviram em criança, mais ou menos como as que conhecem História pelos romances. Não procuram saber se essas estórias, desprovidas do pitoresco, podem revelar um fundo verdadeiro, ao lado do absurdo que as choca. Não se dão ao traba-

lho de quebrar a casca da noz para descobrir a amêndoa. Assim, rejeitam toda a estória, como fazem os religiosos que, chocados por alguns abusos, afastam-se da religião.

Seja qual for a idéia que se faça dos Espíritos, a crença na sua existência decorre necessariamente do fato de haver um princípio inteligente no Universo, além da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta do referido princípio. Partimos, pois, da aceitação da existência, sobrevivência e individualidade da alma, de que o Espiritualismo em geral nos oferece a demonstração teórica dogmática, e o Espiritismo a demonstração experimental.

SEARA DOS MÉDIUNS (EMMANUEL). Questão n. 01 de O Livro dos Médiuns: “NUM SÉCULO DE ESPIRITISMO”.

Num século inteiro de atividades, temos visto a Ciência procurando apaixonadamente as realidades do Espírito. Provas indiscutíveis não lhe foram regateadas. E tantas foram elas que Richet conseguiu articular, com êxito, as bases clássicas da Metapsíquica, usando recursos tão demonstrativos e convincentes quanto aqueles empregados na exposição de qualquer problema de patologia ou botânica. Sábios distintos, entre os quais Wallace e Zöllner, Crookes e Lombroso, Myers e Lodge, mobilizando médiuns notáveis, efetuaram experiências de valor incontestes.

Entretanto, se nos vinte lustros passados a mediunidade serviu para atender aos misteres brilhantes da observação científica, projetando inquirições do homem para a Esfera Espiritual, é justo satisfaça agora às necessidades morais da Terra, carreando avisos da Esfera Espiritual para o homem.

Se o primeiro século de Doutrina Espírita viu realizações admiráveis, desde os cálculos profundos da física nuclear aos fundamentos da astronáutica, surpreendeu, igualmente, calamidades terríveis, como sejam: as guerras de conquista e rapinagem, nas quais os campos de prisioneiros foram teatro para os mais hediondos espetáculos de barbárie e degradação, em nome do direito; a técnica da destruição de cidades em massa; as inquisições religiosas, amordaçando a liberdade de consciência; a proliferação das indústrias do aborto, às vezes com o amparo de autoridades respeitáveis; a onda crescente dos suicídios; o delírio dos entorpecentes; o abuso da hipnose; o lenocínio transformado em costume elegante da vida moderna; o aumento dos chamados crimes perfeitos, com manifesta perversão da inteligência, e a percentagem assustadora das moléstias mentais com alicerces na obsessão.

Desse modo, não nos basta apenas um “espiritismo científico” que despenda indefinida quota de tempo averiguando a sobrevivência do ser, além do sepulcro. Embora a elevação de propósitos dos pesquisadores eminentes, que tateiam os domínios da alma, não podemos esquecer a edificação do sentimento.

É assim que, repetindo as lições do Cristo para o mundo atormentado, não nos achamos simplesmente diante de um “espiritismo social”, mas em pleno movimento de recuperação da dignidade humana, porquanto, em verdade, perante o materialismo irresponsável, a sombrear universidades e gabinetes, administrações e conselhos, laboratórios e templos, cenáculos e multidões, o Evangelho de Jesus, para esclarecimento do povo, tem regime de urgência.

O CONSOLADOR (EMMANUEL). CIÊNCIA. CIÊNCIAS FUNDAMENTAIS. QUÍMICA. Questões 01 a 14.

1. *Tem o Espiritismo absoluta necessidade da ciência terrestre?* – Essa necessidade de modo algum pode ser absoluta. O concurso científico é sempre útil, quando oriundo da consciência esclarecida e da sinceridade do coração. Importa considerar, todavia, que a ciência do mundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do Espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria das características morais do homem.

2. *Se reconhecermos a Química, a Física, a Biologia, a Psicologia e a Sociologia como as cinco ciências fundamentais, qual será a posição da ciência da vida, em relação às demais?* – A Química e a Física, estudando a ação íntima dos corpos, suas relações entre si e as suas propriedades, constituem a catalogação dos valores da ciência material. A Psicologia e a Sociologia, examinando a paisagem dos sentimentos e os problemas sociais, representam a tábua de classificação das conquistas da ciência intelectual. No centro de todas está a Biologia, significando a ciência da vida em suas profundezas, revelando a transcendência da origem – o Espírito, o Verbo Divino. Até agora, a Biologia está igualmente encarcerada nas escolas materialistas da Terra, porém, nas suas expressões mais legítimas, evolverá para Deus, com as suas demonstrações sublimes, cumprindo-nos reconhecer que, mesmo na atualidade, seus enigmas profundos são os mais nobres apelos à realidade espiritual e ao exame das fontes divinas da existência.

3. *No campo da Química, as forças do plano espiritual auxiliam o homem terrestre?* – Os prepostos de Jesus espalham-se por todos os setores do trabalho humano e, em todos os tempos, cooperaram com o homem no seu esforço de aperfeiçoamento; aliás, os estudiosos e os cientistas do planeta não criaram os fenômenos químicos, que sempre existiram desde a aurora dos tempos, afirmando uma inteligência superior. Os homens, em verdade, aprenderam a química com a Natureza, copiaram as suas associações, desenvolvendo a sua esfera de estudos e inventaram uma nomenclatura, reduzindo os valores químicos, sem lhes apreender a origem divina.

4. *Nos estudos da Química, avaliam-se em cerca de um quarto de milhão as substâncias da Terra, que podem ser reduzidas, aproximadamente, como originárias de noventa elementos. Quando os estudos dessa ciência forem ampliados, poderão reduzir-se, ainda mais, as fontes de origem?* – A Química necessita apresentar essa divisão de elementos para a catalogação dos valores educativos, com vistas às investigações de natureza científica, no mundo; contudo, se na sua base estão os átomos, na mais vasta expressão de diversidade, mesmo assim tenderá sempre para a unidade substancial, em remontando com as verdades espirituais às suas fontes de origem. Aliás, em se tratando das individualizações químicas, já conheceis que o hidrogênio, no quadro dos conhecimentos terrestres, é o elemento mais simples de todos. Seu átomo é a forma primordial da matéria planetária, constituindo-se do sistema absolutamente simplificado, porque composto de um só elétron, de onde partem as demais individualizações no mecanismo evolutivo da matéria, em suas expressões rudimentares.

5. *Nos chamados movimentos brownianos (De R. Brown. Movimento browniano, movimento desordenado que efetuam as partículas de dimensões da ordem de algumas micras em suspensão num líquido ou num gás) e nas afinidades moleculares poderemos observar manifestações de espiritualidade?* – Nos chamados movimentos brownianos, bem como nas atrações moleculares, ainda não poderemos ver, propriamente, manifestações de espiritualidade, como princípio de inteligência, mas fenômenos rudimentares da vida em suas demonstrações de energia potencial, na evolução da matéria, a caminho dos princípios anímicos, sob a bênção de luz da natureza divina.

6. *Houve uma unidade material para a formação das várias expressões orgânicas existentes na Terra?* – Assim como o químico humano encontra no hidrogênio a fórmula mais simples para estabelecer a rota de suas comparações substanciais, os espíritos que cooperaram com o Cristo, nos primórdios da organização planetária, encontraram, no protoplasma (substância gelatinosa que constitui a massa essencial da célula animal o vegetal, sendo a base das funções vitais), o ponto de início para a sua atividade realizadora, tomando-o como base essencial de todas as células vivas do organismo terrestre.

7. *Existe uma lei de progresso para a individualização química?* – Na concretização dos valores espirituais, a lei é de evolução para todos os seres e coisas do Universo. As individualizações químicas possuem igualmente a sua rota para obtenção das primeiras expressões anímicas, sendo justo observarmos que, no círculo industrial, a indivi-

duação é trabalhada pelos processos mais grosseiros, até que possa ser aproveitada pelo agente invisível na química biológica, onde entra em novo ciclo vital, na ascensão para o seu destino.

8. *Qual a diferença observada pelos Espíritos entre a química biológica e a industrial?* – Na primeira preponderam os ascendentes espirituais, em todas as organizações; ao passo que na segunda todos os fatores podem ser de atuação propriamente material. Nisso reside a grande diferença. É que, na intimidade da célula orgânica, o fenômeno da vida sumete-se a um agente divino, em sua natureza profunda, e, nos compostos industriais, as combinações químicas podem obedecer a um agente humano.

9. *A radioatividade opera a destruição ou a evolução da matéria?* – Através da radioatividade (Propriedade dos núclídeos instáveis de perder espontaneamente sua massa emitindo partículas ou radiações eletromagnéticas), verifica-se a evolução da matéria. É nesse contínuo desgaste que se observam os processos de transformação das individualizações químicas, convertidas em energia, movimento, eletricidade, luz, na ascensão para novas modalidades evolutivas, em obediência às leis que regem o Universo.

10. *Onde a fonte de energia para a matéria, de vez que a radioatividade opera incessantemente, trabalhando as suas forças?* – O Sol é essa fonte vital para todos os núcleos da vida planetária. Todos os seres, como todos os centros em que se processam as forças embrionárias da vida, recebem a renovação constante de suas energias através da chuva incessante dos átomos, que a sede do sistema envia à sua família de mundos, equilibrados na sua atração, dentro do Infinito.

11. *Como deveremos compreender a assertiva dos químicos: “nada se cria, nada se perde”?* – Em verdade, o espírito humano não cria a vida, atributo de Deus, fonte da criação infinita e incessante; contudo, se o homem não pode criar o fluido da vida, nada se perde da obra de Deus em torno dele, porque todas as substâncias se transformam na evolução para mais alto.

12. *Em face da exatidão com que se efetuam as combinações naturais da química orgânica, como entender as diversas expressões da natureza em seus primórdios?* – As expressões diversas da Natureza terrestre, em suas primitivas agregações moleculares, obedeceram ao pensamento divino dos prepostos de Jesus, quando nas manifestações iniciais da vida sobre a crosta do orbe. Remontando a essas origens profundas, podeis observar, então, o esforço dos Espíritos sábios do plano invisível, na manipulação dos valores da química biológica nos primórdios da vida planetária, estabelecendo a caracterização definitiva dos processos da Natureza na fixação das espécies, prevendo todo mecanismo da evolução no futuro, e entregando o seu trabalho às leis da seleção natural que, sob a égide de Jesus, prosseguiriam no aperfeiçoamento da obra terrestre através do tempo.

13. *As forças espirituais organizaram igualmente a atmosfera do mundo?* – Isso é indubitável. A inteligência com que foram dispostos os elementos do cenário, para o desenvolvimento da vida no planeta, vo-lo comprova. A algumas dezenas de quilômetros foram colocados os revestimentos do ozônio, destinados a filtrar os raios solares, dosando-lhes a natureza para a proteção da vida. Da atmosfera recebeis a maior porcentagem de nutrição para o entretenimento das células. E como o nosso escopo não é o de citações eruditas, nem o de redizer os preceitos científicos do mundo, lembremos que um homem, na manutenção da sua vida orgânica, necessita de regular quantidade de oxigênio, quinze gramas de azoto (alimentar) e quinhentos gramas de carbono (alimentar). O oxigênio é uma dádiva de Deus para todos as criaturas; quanto ao azoto e ao carbono, é pela sua obtenção que o homem luta afanosamente na Terra, recordando-nos a exortação dos textos sagrados ao espírito que faliu – “comerás o pão com o suor do teu rosto”. O problema básico da nutrição, nessa conta de química, é uma reafirmação da generosidade paterna do Criador e do estado expiatório em que se encontram as almas reencarnadas neste mundo.

14. *Como compreender a afirmativa dos astrônomos relativamente à morte térmica do planeta?* – É certo que todo organismo material se transformará, um dia, revestindo novas formas. As energias do Sol, como as forças telúricas do orbe terrestre, serão esgotadas aqui, para surgirem noutra parte. Alguns astrônomos calculam a morte térmica do planeta para daqui a um milhão de anos, aproximadamente. Já se disse, porém, que a vida é o eterno presente. E o nosso primeiro dever não é o de contar o tempo, demarcando, em bases inseguras, a duração das obras conhecidamente transitórias, mas o de valorizá-lo como oportunidade sagrada para as edificações definitivas do nosso espírito, as quais são inacessíveis a todas as transformações da matéria, em face do Infinito.

A GÊNESE. (A. KARDEC). Cap. XIV, item 46: OBSESSÕES E POSSESSÕES.

Assim como as moléstias são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre a decorrência de uma imperfeição moral, que dá entrada a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma causa física; a uma causa moral, será preciso contrapor uma causa moral. Para se preservar das moléstias, fortifica-se o corpo; para garantir-se contra a obsessão, será preciso fortificar a alma; daí resulta, para o obsedado, a necessidade de trabalhar para sua própria melhoria, o que geralmente basta, na maior parte dos casos, para o desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de pessoas estranhas. Tal socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente perde por vezes a sua vontade e o seu livre arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que mais freqüentemente tem sua origem nas relações que o obsedado teve com ele, em uma existência precedente. No caso de obsessão grave, o obsedado está como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É do fluido que será preciso desembaraçar-se; ora, um mau fluido não pode ser repellido por um mau. Por uma ação idêntica à do médium curador no caso de moléstia, **será preciso expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor**. Esta é a ação mecânica, porém que nem sempre basta; será preciso, também, e acima de tudo, **agir sobre o ser inteligente** ao qual é preciso ter o direito de **falar com autoridade, e esta autoridade** não é dada senão à superioridade moral; quanto maior é esta, maior a autoridade.

Mas nem tudo se resume nisso: para assegurar o livramento será necessário levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com a finalidade de sua educação moral; então pode-se ter a doce satisfação de livrar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo a situação, traz seu auxílio de vontade e de oração; não é assim quando o doente, subjugado pelo Espírito enganador, se ilude a respeito das qualidades de seu dominador, e se compraz no erro em que este o mergulhou; pois, então, longe de auxiliar, ele repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (Livro dos Médiuns, cap. XXIII). Em todos os casos de obsessão, a oração é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

OPINIÃO ESPÍRITA. (EMMANUEL). De A Gênese, Cap. XIV, item 46: PRECE E OBSESSÃO.

A Providência Divina, pelas providências humanas, sustenta o amparo indiscriminado a todas as criaturas, mas estatui a reciprocidade em todos os processos de ação pelos quais a bondade da vida se manifesta.

Comparemos a prece e a obsessão ao anseio de saber e ao tormento da ignorância. O professor esclarece o discípulo mas não lhe dispensa a aplicação direta ao ensino. E se

o aluno é surdo-mudo, mesmo assim, para instruir-se, é obrigado a concentrar muitas das possibilidades da visão e da audição nas sutilezas do tato, se quer assimilar o que aprende.

Recorramos, ainda, à lição viva que surge, entre a doença e o remédio. Administrar-se-á medicamento ao enfermo, mas não se pode eximi-lo do concurso necessário. E se o paciente não consegue ou não deve acolher os recursos precisos, através da boca, é constringido a recebê-los por intermédio dos poros, das veias ou de outros canais do corpo. Todo socorro essencial ao veículo físico reclama a participação do veículo físico. Ninguém extingue a própria fome pelo esôfago alheio.

Assim, também, nas necessidades do espírito. Na desobsessão, a prece indica a atividade libertadora, no entanto, não exonera o interessado da obrigação de renovar-se pelo serviço e pelo estudo, a fim de que se lhe areje a casa íntima, de vez que todos aqueles que se acumpliciaram conosco, na prática do mal, em existências passadas, somente se transformam para o bem, quando nos identificam o esforço, por vezes difícil e doloroso, da nossa reeducação, na prática do bem.

Resumindo, imaginemos o irmão obsidiado, ainda lúcido, como sendo prisioneiro da própria mente, convertida então em cela escura e comparemos o socorro espiritual à lâmpada generosa. Obsessão é o bolo pestífero transformado em caprichoso ferrolho na sombra. Oração é luz que se acende. A claridade traça orientação do que se tem a fazer, mas o detento é chamado a tomar a iniciativa do trabalho para libertar a si mesmo, removendo corajosamente o tenebroso foco de atração.

OBRAS PÓSTUMAS. (A. KARDEC). – PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIONAL: I – DEUS.

Existe um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. A prova da existência de Deus está no axioma: **não há efeito sem causa.** Vemos constantemente multidão de efeitos inumeráveis, cuja causa está fora da humanidade, não podendo esta pois produzi-los, nem sequer explicá-los. A causa, que está acima da humanidade, é o que se chama: **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hé, Grande Espírito,** etc., segundo as linhas, os tempos e os lugares. Aqueles efeitos não se produzem ao acaso, fortuitamente e sem ordem; desde a organização do mais pequeno inseto, do mais pequeno grão, até à lei que rege os mundos suspensos no espaço, tudo atesta um pensamento, uma combinação, uma providência, uma solicitude superiores a toda concepção humana. A causa desses efeitos é por conseguinte soberanamente inteligente.

Deus é eterno, imutável, imaterial, uno, onipotente, soberanamente justo e bom.

Deus é **eterno**, porque se houvesse tido princípio, alguma coisa teria existido antes dele; teria saído do nada, ou seria criação de um ser anterior. É por esta dedução que gradativamente nos elevamos ao infinito na eternidade.

Deus é **imutável**, porque se assim não fora, se estivesse sujeito a modificações, as leis, que regem o universo, não poderiam ter estabilidade.

Deus é **imaterial** ou de natureza oposta ao que chamamos matéria, pois que se o não fora, se fosse da natureza da matéria, seria como esta, sujeito às flutuações e transformações: não seria pois **imutável**.

Deus é **uno**, pois que se múltiplo fora, múltiplas seriam as vontades; e, conseqüentemente, impossível seria a unidade de vista e de ação na criação e na manutenção da ordem universal.

Deus é **onipotente**, porque é uno. Se não possuísse o absoluto poder, haveria algum ser mais poderoso; não seria o criador de todas as coisas, e aquelas, que não tivesse criado, seriam obras de outro Deus.

Deus é **soberanamente justo e bom**, porque a sabedoria das suas leis, revelando-se nas menores como nas maiores coisas, não permite pôr-lhe em dúvida a justiça e a bondade.

Deus é infinito em todas as suas perfeições. Se fosse possível admitir imperfeição em qualquer dos atributos divinos, se se lhe suprimisse a menor parcela de **eternidade**, de **imutabilidade**, de **imaterialidade**, de **unidade**, de **onipotência**, de **justiça e bondade**, ficar-se-ia logicamente no direito de admitir um ser dotado de tudo quanto lhe faltasse. Então esse ser, mais perfeito que ele, seria o verdadeiro Deus.

NO LIMIAR DO AMANHÃ. (J. HERCULANO PIRES). “A BUSCA DA VERDADE”.

Professor, considero o Espiritismo uma tentativa ingênua de racionalizar a Religião. As transmissões de fé não são racionais. São realizações emocionais para ajudarem o homem a suportar a vida. Como o senhor me responderia a isto?

Respondo que continua em vigor o seu preconceito. O senhor está tratando com preconceito o problema religioso. Quem lhe disse que se chegou à conclusão, do ponto de vista científico e religioso, de que a religião seja isto, apenas um problema emocional? Não. O senhor conhece, por exemplo, a posição pragmática de William James, nos Estados Unidos, no tocante às religiões? O senhor sabe que ele encarou as religiões sob o ponto de vista racional e didático e chegou à conclusão de que a Religião tem uma finalidade prática, muito importante, na vida humana?

O senhor sabe que Augusto Comte, o grande filósofo do Positivismo, que fez a sua filosofia baseada inteiramente no estado subjetivo da ciência, acabou criando aquilo que ele chamou a religião da humanidade? Sabe que no Rio de Janeiro existem centros positivistas, onde o senhor pode assistir às cerimônias religiosas? Que Augusto Comte confirmou a existência da Metafísica, baseando-se nas experiências concretas e positivas? Que para ele as religiões não tratavam de um Deus imaterial, abstrato, mas daquilo que ele chamava a Deusa, que é a própria humanidade, o culto da humanidade?

A religião não tem apenas um sentido emocional, mas tem também um sentido de busca da Verdade. A religião faz parte do Campo do Conhecimento. No tocante ao Espiritismo, nós consideramos o Conhecimento, no sentido geral, em três campos, três grandes províncias, por assim dizer, que são: a Ciência, a Filosofia e a Religião. As ligações entre esses campos do conhecimento são ligações praticamente genéticas. Por que? Porque sempre a Ciência nasce da experiência do homem, no contato com a Natureza, da sua procura em conhecer a realidade das coisas, em descobrir as leis que governam as coisas e servir-se delas, para poder utilizar-se delas.

A Ciência dá os dados sobre a realidade. Estes dados vão levar o homem a formular um conceito da Natureza, a criar uma concepção do mundo, da vida. Essa concepção do mundo é a Filosofia. Então, a Ciência nasce da experiência humana na Terra. A Filosofia nasce das conquistas da Ciência. Estas conquistas da Ciência se projetam na concepção do mundo formal, que é a Filosofia e permitem que o homem tenha um comportamento adequado àquilo que ele considera ser o mundo, na feição moral. Mas a moral mostra que o homem não é um ser efêmero, como nos parece, pela sua aparência material. Assim, o ser, que sobrevive após a morte, nos leva, naturalmente, à Religião. A Religião é, então a busca da Verdade, da mesma forma que a Ciência, da mesma forma que a Filosofia. Cada uma testa, estrutura o seu conhecimento; cada uma no seu campo. Todas elas exercem em conjunto, uma função, que é a busca da Verdade.

O senhor se engana, portanto, ao considerar a Religião como, apenas, um campo de emoção. O senhor fala isso por causa da fé. Mas é preciso lembrar que Allan Kardec fez a crítica da fé e chegou à conclusão de que a fé verdadeira é a fé que se ilumina, à luz da razão.

IV – PRÁTICA MEDIÚNICA.

O LIVRO DOS MÉDIUNS. Segunda Parte. CAP. XVII.
 “DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE”. Questões 200 a 204.

200. Trataremos aqui, especialmente, dos médiuns escreventes, porque é este o gênero de mediunidade que mais se expandiu, e também porque é a um tempo o mais simples, o mais cômodo, o que proporciona resultados satisfatórios e mais completos. É ainda o que todos ambicionam. Infelizmente não há, até o presente, nenhum meio de diagnosticar, mesmo de maneira aproximativa, que se possui essa faculdade. Os sinais físicos que alguns tomam por indícios nada têm de certo. Podemos encontrá-las nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, qualquer que seja o temperamento, o estado de saúde ou o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de constatar a sua existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, por meio de cestas e pranchetas ou diretamente pela mão. Sendo este último modo o mais fácil, e podemos dizer que o único hoje empregado, é o que de preferência recomendamos. O processo é dos mais simples. Consiste unicamente em pegar-se um lápis e papel e pôr-se em posição de escrever, sem qualquer outra preparação. Mas, para se conseguir bom resultado, são indispensáveis muitas recomendações.

201. No tocante às condições materiais, recomendamos evitar-se tudo o que possa impedir o livre movimento da mão. É mesmo preferível que ela não se apoie inteiramente no papel. A ponta do lápis deve manter o contato necessário para escrever, mas não para oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se começa a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo poderia deter a mão. Essas são apenas as preliminares do aprendizado.

202. Pode-se usar indiferentemente a pena ou o lápis. Alguns médiuns preferem a pena, mas ela só pode servir para os que estão formados e escrevem calmamente. Há os que escrevem com tal velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou pelo menos muito incômodo. Acontece o mesmo com a escrita sacudida ou irregular e quando se trata de Espíritos violentos, que batem com a ponta e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder conversar com Espíritos de pessoas queridas, mas essa impaciência deve ser moderada, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta quase sempre dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. Somente na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito comunicante.

Pode ser, portanto, que o Espírito desejado não esteja em condições propícias, *apesar de se encontrar presente*. Como pode ser, ainda, que ele não tenha possibilidade nem permissão de atender ao apelo. Convém, pois, no princípio, abster-se o médium de chamar um determinado Espírito, porque muitas vezes acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário tratar do desenvolvimento da faculdade, fazendo para isso um apelo geral e se dirigindo sobretudo ao seu anjo guardião.

Não há para isso fórmulas sacramentais. Quem pretender oferecer uma fórmula pode ser firmemente taxado de impostor, porque para o Espírito a forma nada vale. Entretanto a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. Pode se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes: *Rogo a Deus todo poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo, fazendo-me escrever, rogo também ao meu Anjo guardião que me assista e afaste de mim os Espíritos maus*. Espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode ser um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda. Num caso ou noutro, geralmen-

te ele se dá a conhecer escrevendo o nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das que requerem maior experiência, pois são poucos os iniciantes que não estejam expostos a ser enganados. Tratamos disso logo mais, em capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender, como os de parentes e amigos. Nesse caso a evocação pode ser feita assim: *Em nome de Deus todo poderoso, rogo ao Espírito de fulano que se comunique comigo*. Ou ainda: *Rogo a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo*. Ou por outras palavras correspondentes a esse mesmo pensamento.

É também necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de maneira que as respostas sejam dadas simplesmente por um *sim* ou *não*. Por exemplo: *Estás aí? – Queres responder? ...Podes fazer-me escrever?* etc. Mais tarde, essa precaução será desnecessária. No começo, trata-se de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a coisas de interesse privado, e sobretudo que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver o capítulo especial sobre *Evocações*.)

204. Mais importante a se observar, do que a maneira de fazer o apelo, é a calma e o recolhimento que se deve ter, juntos a um desejo ardente e uma firme vontade de êxito. E por vontade não entendemos aqui um desejo efêmero e inseqüente, a cada momento interrompido por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada com firmeza, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações. Nada mais resta então a fazer, senão isto: renovar todos os dias a tentativa, durante dez minutos, um quarto de hora ou mais de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se necessário. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO. (J. HERCULANO PIRES).

INFORMAÇÕES PRELIMINARES.

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo (concernente à psique, à alma; que diz respeito à vida mental nos seus aspectos conscientes e/ou inconscientes) humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tíques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatórios.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais freqüentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Na Antigüidade a obsessão era tratada com violência. As práticas do exorcismo, até hoje vigentes no Judaísmo e no Catolicismo, destinam-se a afastar o demônio de maneira agressiva e violenta. No Espiritismo o método empregado é o da persuasão progressiva do obsessor e do obsedado. É o que se chama de doutrinação, ou seja, esclarecimento de ambos à luz da Doutrina Espírita. Não se usa nenhum ingrediente especial. Emprega-se apenas a prece e a conversação persuasiva. Esclarecido o obsedado, atinge-se o obsessor, que ficam, por assim dizer, vacinados contra novas ocorrências obsessivas.

O PASSE. SUAS ORIGENS, APLICAÇÕES E EFEITOS

O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. Mas há um passado histórico que não podemos esquecer. Desde as origens da vida humana na Terra encontramos os ritos de aplicação dos passes, não raro acompanhados de rituais, como sopro, a fricção das mãos, a aplicação de saliva e até mesmo (resíduo do rito do barro), a mistura de saliva e terra para aplicação no doente. No próprio Evangelho vemos a descrição da cura de um cego por Jesus usando essa mistura. Mas Jesus agiu sempre racionalmente em seus atos e em suas práticas, de maneira que essas descrições, feitas entre quarenta e oitenta anos após a sua morte, podem ser apenas influência de costumes religiosos da época. Todo o seu ensino visava afastar os homens das superstições vigentes no tempo. Essas incoerências históricas, como advertiu Kardec, não podem provir dele, mas dos evangelistas. Caso contrário, Jesus teria procedido de maneira incoerente no tocante aos seus ensinamentos e seus exemplos, o que seria absurdo.

O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje envolvem alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado já há muito superado. Os espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas à prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações.

As encenações preparatórias: mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só serve para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas *ilhas mediúnicas*, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa – condenadas por Kardec – nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.

Todas essas tolices decorrem essencialmente do apego humano às formas de atividades materiais. Julgamo-nos capazes de fazer o que não nos cabe fazer. Queremos dirigir, orientar os fluidos espirituais como se fossem correntes elétricas e manipulá-los como se a sua aplicação dependesse de nós. O passista espírita consciente, conhecedor da doutrina e suficientemente humilde para compreender que ele pouco sabe a respeito dos fluidos espirituais – e o que pensa saber é simples pretensão orgulhosa – limita-se à função mediúnica de intermediário. Se pede a assistência dos Espíritos, com que direito se coloca depois no lugar deles? Muitas vezes os Espíritos recomendam que não se façam movimentos com as mãos e os braços para não atrapalhar os passes. Ou confiamos na ação dos Espíritos ou não confiamos e neste caso é melhor não os incomodarmos com os nossos pedidos.

O passe espírita é prece, concentração e doação. Quem reconhece que não pode dar de si mesmo, suplica a doação dos Espíritos. São eles que socorrem aqueles por quem pedimos, não nós, que em tudo dependemos da assistência espiritual.

A DOCTRINAÇÃO.

A Doutrinação é a moderna técnica espírita de afastar os espíritos obsessores através do esclarecimento doutrinário. Essa técnica é moderna e foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as práticas bárbaras do Exorcismo, largamente usada na Antigüidade, tanto na medicina como nas religiões. O conceito do doente mental como possessão demoníaca, gerou a idéia de espancar o doente para retirar o Demônio do seu corpo. Nos hospitais a cura se processava através de espancamentos diários. Nas Religi-

ões recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objetos sagrados como crucifixos, relíquias, rosários e terços, medalhas, aspersão de água benta, ameaças e xingos, queima de incensos e outros ingredientes, pancadas e torturas. As formas de exorcismo mais conhecidas entre nós são a judaica e a católica, sendo a judaica mais racional, pois nela se empregavam também o apelo à razão do Dibuk, considerado como espírito demoníaco ou alma penada. A tradução da palavra hebraica Dibuk, que nos parece mais acertada é a de alma penada, pois os judeus reconheciam e identificavam o espírito obsessivo como espírito humano de pessoa morta que se vingava do obsedado ou cobrava débitos dele e da família. No exorcismo católico prevaleceu até hoje a idéia de possessão demoníaca.

As pesquisas espíritas, do século passado (XIX), levaram Kardec a instituir e praticar intensivamente a doutrinação como forma persuasiva de esclarecimento do obsessivo e do obsedado, através de sessões de desobsessão. Ambos necessitam de esclarecimento evangélico para superarem os conflitos do passado. Afastada a idéia terrorista do Diabo, o obsessivo e obsedado são tratados com amor e compreensão, como criaturas humanas e não como algoz satânico e vítima inocente. A doutrinação espírita humanizou e cristianizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, influenciando nos novos rumos que a Medicina tomava nesse sentido. Alguns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os espíritos sofredores, que são os obsessivos, permanecem mais ligados à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, os Espíritos Benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessivos. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessivos necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos espíritos desencarnados é uma necessidade.

Pensemos um pouco no que ficou dito sobre relação e evolução. Os planos espirituais são superpostos. A partir da Terra, constituem as chamadas esferas da tradição espiritualista européia, segundo o esquema da Escala Espírita (Livro dos Espíritos) como regiões destinadas aos vários graus ou ordens dos espíritos. Essas esferas ou planos espirituais são mundos que se elevam ao infinito. Quanto mais elevado o mundo, mais distanciado está do nosso mundo carnal. A doutrinação existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo, onde os espíritos dos mundos imediatamente superiores vêm colaborar conosco, ajudar-nos e orientar-nos no trabalho doutrinário. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos espíritos bons. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar de seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar espíritos quem tiver amor e humildade.

Mas é importante não confundirmos humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas ou agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador, firmado em sua humildade natural – decorrente da consciência que tem das suas limitações humanas – trata o obsessivo com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os espíritos inferiores. Esses espíritos sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusermos. Essa autoridade só a conseguimos através de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos. As nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem a nossa autoridade sobre os obsessivos. Isso nos mostra o que é a moral: *poder espiritual que*

nasce da retidão do espírito. Não se trata da moral convencional, das regras da moral social, mas da moral individual, íntima e profunda, que realiza a integração espiritual do ser voltado para o bem e a verdade.

Mas essa integração não se consegue com sistemas ou processos artificiais, com reformas íntimas impostas de fora para dentro como geralmente se pensa. Existe a moral exógena, que nos é imposta de fora pelas conveniências da convivência humana. Essa moral exógena, pelo simples fato de se fundar em interesses imediatos do homem e não do ser é a casa construída na areia segundo a parábola evangélica. A moral de que precisamos é endógena, vem de dentro para fora, brota da compreensão real e profunda do sentimento da vida. É a moral espontânea, determinada por uma consciência esclarecida e não se rende aos interesses imediatistas da vida social. Este é um problema em que precisamos pensar, meditar a sério e a fundo para podermos adquirir a condição de doutrinar com eficiência, dando amor, compreensão e estímulo moral aos espíritos inferiores. O Espiritismo, como acentuou Kardec, é uma questão de fundo e não de forma.

A doutrinação praticada com plena consciência desses princípios atinge o obsessor, o obsedado, os assistentes encarnados e desencarnados e particularmente ao próprio doutrinador, que se doutrina a si mesmo, doutrinando os outros. Note-se a importância e o alcance de uma doutrinação assim praticada. É ela a alavanca com que podemos deslocar a mente do charco de pensamentos e sentimentos inferiores, egoístas e maldosos em que se afundou. É por isso mesmo, a alavanca com a qual podemos mover o mundo, como queria Arquimedes, para colocá-lo na órbita do Espírito. Para podermos usar essa alavanca a todos os instantes: no silêncio da nossa mente, na atividade incessante do nosso pensamento, a conversação séria ou até mesmo fútil, nas relações com o próximo, nas discussões dos mais variados problemas, na exposição dos princípios doutrinários aos que desejam ouvir-nos, numa carta, num bilhete, numa saudação social – mas sempre com discrição, sem insistências perturbadoras, sem carranca e seriedade formal. O primeiro sintoma da nossa compreensão desse problema é a alegria que nos ilumina por dentro e se irradia ao nosso redor, contagiando os outros. Porque a vida é uma bênção e portanto é alegria e não tristeza, jovialidade e não carrancismo.

Não estamos na vida para sofrer mas para aprender. Cada dificuldade que nos desafia é uma experiência de aprendizado. O sofrimento é consequência da nossa incompreensão da finalidade da vida. Desenvolvendo a razão no plano humano, o ser se envaidece com a sua capacidade de julgar e comete os erros da arrogância, da prepotência, da vaidade, da insolência. Julga-se mais dotado que os outros e com mais direitos que eles. Essa é a fonte de todos os males humanos. A doutrinação espírita, equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas. Foi isso o que Jesus ensinou ao dizer: “Os que se apegam à sua vida perdê-la-ão, mas os que perderam por amor a mim, esses a encontrarão”.

A meditação sincera e desinteressada sobre estas coisas é o caminho de nossa libertação e da libertação dos outros. Só aquele que está livre pode libertar.

O CONSOLADOR. (EMMANUEL) “PRÁTICA”. Questões 372 a 381.

372. *Como devemos entender a sessão espírita?* - A sessão espírita deveria ser, em toda parte, uma cópia fiel do cenáculo fraterno, simples e humilde do Tiberíades, onde o Evangelho do Senhor fosse refletido em espírito e verdade, sem qualquer convenção do mundo, de modo que, entrelaçados todos os pensamentos na mesma finalidade amorosa e sincera, pudesse a assembléia constituir aquela reunião de dois ou mais corações, em nome do Cristo, onde o esforço dos discípulos será sempre santificado pela presença do amor.

373. *Como deve ser conduzida uma sessão espírita, de sua abertura ao encerramento?* – Nesse sentido, há que considerar a excelência da codificação kardequiana; contudo, será sempre útil a lembrança de que as reuniões doutrinárias devem observar o má-

ximo de simplicidade, como as assembléias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstando-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade.

374. *Nas sessões, os dirigentes e os médiuns têm uma tarefa definida e diferente entre si?* – Nas reuniões doutrinárias, o papel do orientador e o do instrumento mediúnicos devem estar sempre identificados na mesma expressão de fraternidade e de amor, acima de tudo; mas, existem características a assinalar, para que os serviços espirituais produzam os mais elevados efeitos, salientando-se que os dirigentes das sessões devem ser o raciocínio e a lógica, enquanto o médium deve representar a fonte de água pura do sentimento. É por isso que, nas reuniões onde os orientadores não cogitam da lógica e onde os médiuns não possuem fé e desprendimento, a boa tarefa é impossível, porque a confusão natural estabelecerá a esterilidade no campo dos corações.

375. *Os agrupamentos espiritistas podem ser organizados sem a contribuição dos médiuns?* – Nas reuniões doutrinárias, os médiuns são úteis, mas não indispensáveis, porque somos obrigados a ponderar que todos os homens são médiuns, ainda mesmo sem tarefas definidas, nesse particular; podendo cada qual sentir e interpretar, no plano intuitivo, a palavra amorosa e sábia de seus guias espirituais, no imo da consciência.

376. *Será aconselhável a determinação de dias da semana para a realização normal das sessões espíritas?* – Qualquer dia e hora podem ser consagrados ao bom trabalho da fraternidade e do bem, sempre que necessário; mas, nas reuniões dedicadas ao esforço doutrinário, faz-se imprescindível a metodização de todos os trabalhos em dias e horas prefixados.

377. *Há estudiosos da Doutrina que se afastam das reuniões, quando as mesmas não apresentam fenômenos. Como se deve proceder para com eles?* – Os que assim procedem testemunham, por si mesmos, plena inabilitação para o verdadeiro trabalho do Espiritismo sincero. Se preferem as emoções transitórias dos nervos ao serviço da auto-iluminação, é melhor que se afastem temporariamente dos estudos sérios da Doutrina, antes de assumirem qualquer compromisso. A compreensão do Espiritismo ainda não está bastante desenvolvida em seu mundo interior, e é justo que prossigam em experiências para alcançá-la.

O êxito dos esforços do plano espiritual, em favor do Cristianismo redivivo, não depende da quantidade de homens que o busquem, mas da qualidade dos trabalhadores que militam em suas fileiras.

378. *Por que motivo a doutrinação e a evangelização nas reuniões espiritistas beneficiam igualmente os desencarnados, se a estes seria mais justo o aproveitamento das lições recebidas no plano espiritual?* – Grande número de almas desencarnadas nas ilusões da vida física, guardadas quase que integralmente no íntimo, conservam-se, por algum tempo, incapazes de apreender as vibrações do plano espiritual superior, sendo conduzidas por seus guias e amigos redimidos às reuniões fraternas do Espiritismo evangélico, onde, sob as vistas amoráveis desses mesmos mentores do plano invisível, se processam os dispositivos da lei de cooperação e benefícios mútuos, que rege os fenômenos da vida nos dois planos.

379. *Como deverá agir o estudioso para identificar as entidades que se comunicam?* – Os Espíritos que se revelam, através das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas idéias e pela essência espiritual de suas palavras. Determinados médiuns, com tarefa especializada, podem ser auxiliares preciosos à identificação pessoal, seja no fenômeno literário, nas equações da ciência, ou satisfazendo a certos requisitos da investigação; todavia, essa não é a regra geral, salientando-se que as entidades espirituais, muitas vezes, não encontram senão um material deficiente que as obriga tão-só ao indispensável, no que se refere à comunicação. Devemos entender, contudo, que a linguagem do Espírito é universal, pelos fios invisíveis do pensamento, o que, aliás, não invalida a necessidade de um estudo atento acerca de todas as idéias lançadas nas mensagens medi-

anímicas, guardando-se muito cuidado no capítulo dos nomes ilustres que porventura subscrevam. Nas manifestações de toda natureza, porém, o crente ou o estudioso do problema da identificação não pode dispensar aquele sentido espiritual de observação que lhe falará sempre no imo da consciência.

380. *É justo que o espiritista, depois de sofrer pela morte a separação de um ente amado, provoque a comunicação dele nas sessões medianímicas?* – O espiritista sincero deve buscar o conforto moral, em tais casos, na própria fé que lhe deve edificar intimamente o coração. Não é justo provocar ou forçar a comunicação com esse ou aquele desencarnado. Além de não conhecerdes as possibilidades de sua nova condição na esfera espiritual, deveis atender ao problema dos vossos méritos. O homem pode desejar isso ou aquilo, mas há uma Providência que dispõe no assunto, examinando o mérito de quem pede e a utilidade da concessão. Qualquer comunicado com o Invisível deve ser espontâneo, e o espiritista cristão deve encontrar na sua fé o mais alto recurso de cessação do egoísmo humano, ponderando quanto à necessidade de repouso daqueles a quem amou, e esperando a sua palavra direta, quando e como julgarem os mentores espirituais conveniente e oportuno.

381. *Muita gente procura o Espiritismo, queixando-se de perseguições do Invisível. Os que reclamam contra essas perturbações estão, de algum modo, abandonados de seus guias espirituais?* – A proteção da Providência Divina estende-se a todas as criaturas. A perseguição de entidades sofredoras e perturbadoras justifica-se no quadro das provações redentoras, mas, os que reclamam contra o assédio das forças inferiores dos planos adstritos ao orbe terrestre, devem consultar o próprio coração antes de formularem as suas queixas, de modo a observar se o Espírito perturbador não está neles mesmos. Há obsessores terríveis do homem, denominados “orgulho”, “ vaidade”, “preguiça”, “avareza”, “ignorância” ou “má-vontade”, e convém examinar se não se é vítima dessas energias perversoras que, muitas vezes, habitam o coração da criatura, encegüecendo-a para a compreensão da luz de Deus. Contra esses elementos destruidores faz-se preciso um novo gênero de preces, que se constitui de trabalho, fé, esforço e boa-vontade.

V – FILOSOFIA GERAL.

LIVRO: ENSINAMENTOS BÁSICOS DOS GRANDES FILÓSOFOS. Autor – S.E. Frost Jr. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. Editora Cultrix. São Paulo.

INTRODUÇÃO

Todo homem, lavrador ou banqueiro, empregado ou chefe, cidadão ou governante, é, no verdadeiro sentido, um filósofo. Sendo humano, possuidor de cérebro e sistema nervoso altamente desenvolvidos, tem que pensar; e o pensamento é a estrada que conduz à Filosofia.

O mundo em que vivemos não nos permite descansar. Constantemente nos incita e desafia com problemas para que os resolvamos, exigindo que ajamos sensatamente se não quisermos ser destruídos pelas forças nele existentes. Nascem, assim, as experiências – fome e satisfações, dores e prazeres, espetáculos, sensações, sons e uma legião de outras.

Mas não podemos descansar satisfeitos, com um acervo de experiências sem relação entre si e disseminadas, ao acaso, pela vida. Temos que tomar nossas próprias experiências e tecê-las, formando com elas uma espécie de padrão, um todo mais ou menos satisfatório. Esse padrão, esse todo, é a nossa filosofia.

Sua filosofia, leitor, é o significado que o mundo tem para você. É sua resposta à pergunta: “Por quê?” Ao adaptar suas experiências ao todo, relacionando-as entre si, dirá então do mundo: “Essa é a maneira pela qual as coisas se relacionam. Esse é o mundo conforme eu o compreendo. É essa a minha filosofia.”

Sua filosofia e a daqueles cujos nomes aparecem nos compêndios apenas diferem no seguinte: eles usam maior número de experiências ao formarem seus padrões, os padrões que os satisfazem, e são mais cautelosos e mais minuciosos no adaptarem-nas a estes últimos; são padrões mais completos, mais compreensivos, mais lógicos, mais consistentes e mais exatos.

Quais os grandes problemas filosóficos que nos deixam, a todos nós, intrigados e aos quais os grandes filósofos, em todos os tempos, procuraram responder? Vemos que existem dez, os quais sempre desafiaram os homens e as mulheres que pensam.

O primeiro é: *Qual a natureza do universo?* Surgiu através de um ato de criação divina ou resultou de um processo de desenvolvimento gradual? De que substância ou substâncias se criou? Como se modifica?

O segundo é: *Qual o lugar do homem no universo?* É o homem a realização suprema de um universo criador e em desenvolvimento ou simples pó no espaço infinito? Importa-se o universo com você e comigo ou valemos tanto quanto um grão de areia de uma praia imensa? Podemos moldar o universo como o desejamos ou acabará ele destruindo-nos?

O terceiro grande problema: *Que é o bem e que é o mal?* Como devemos conhecer um e outro? Algum poder divino instituiu normas para ambos, para todo o sempre, ou são questões de cultura local? Existe o bem na própria natureza das coisas ou é algo que nós mesmos podemos determinar? Como distinguir o bem do mal?

O quarto é: *Qual a natureza de Deus?* É Deus um ser semelhante ao homem, que governa o universo e é Ele um espírito que paira sobre todas as coisas? É todo-poderoso, todo-bondade e todo-justiça ou apenas outra pessoa com um pouco mais de poder e discernimento que você e eu?

O quinto problema acha-se relacionado à questão do *Destino* versus *livre-arbítrio*. Somos pessoas livres, que podem fazer as próprias escolhas e determinar as próprias ações, sem que nada as impeça, ou estamos marcados por um destino sobre o qual não temos controle algum? Podemos determinar o futuro em qualquer sentido significativo, ou já está tudo determinado para nós desde o começo dos tempos?

O sexto diz respeito à *Alma e à imortalidade*. Que é a alma, sobre a qual tanto ouvimos falar? É de tal natureza que vive depois da morte do corpo ou morre com ele? Existe vida futura, na qual o bem é recompensado e o mal punido, ou a morte assinala o fim de tudo?

O sétimo problema está nas questões sobre *O homem e o Estado*. É o Estado uma criação do homem, que se concretizou para servi-lo, ou é algo que tem origem divina? Recebem os governantes de Estados o seu poder dos governados ou de Deus? Tem o homem direito a rebelar-se contra os governantes e a criar uma nova espécie de Estado? Qual a melhor forma de Estado e qual a pior?

O oitavo é: *O homem e a educação*. Que é a educação? Por que temos um sistema educacional e por que mandamos os filhos à escola? Quem deve controlar a educação, o povo ou o Estado? Destina-se a educação a fazer os homens livres ou homens que servirão cegamente a um Estado todo-poderoso?

O nono problema gira sobre *O Espírito e a matéria*. Qual é superior: o espírito ou a matéria? É esta última uma criação do espírito ou é o espírito apenas outra espécie de matéria? Pode o espírito ser superior à matéria e livre dela, ou está ligado à matéria, que está condenada? É a matéria a fonte de todos os males do mundo? Como pode o espírito permanecer puro e, ao mesmo tempo, habitar o corpo?

E, finalmente, o décimo, que versa sobre *As idéias e o pensamento*. Donde vêm as idéias? São inerentes à própria natureza do espírito ou nos vêm de fora dele? Quais as

leis que regem o pensamento? Como podemos ter segurança de que nosso pensamento está certo? Tem ele valor no mundo ou é mera ficção?

LICEU ALLAN KARDEC

“CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO” – 1º. ANO

CAPÍTULO II

REVISTA ESPÍRITA – ANO DE 1861

CARTA SOBRE A INCREDELIDADE – JANEIRO/1861

(Nota de José Fleuri: Trata-se de belo resumo da Teoria e Prática do Espiritismo, elaborado por um colega de Allan Kardec, pouco antes da publicação de “O Livro dos Médiuns”, tendo merecido a aprovação do Codificador).

PRIMEIRA PARTE – (Págs. 16 a 24)

Um dos nossos colegas, o sr. Canu, outrora muito imbuído dos princípios materialistas, e que o Espiritismo levou a uma apreciação mais sadia das coisas, acusava-se de se ter feito propagandista de doutrinas que ora considera subversivas da ordem social. No intuito de reparar aquilo que razoavelmente considera uma falta, e para esclarecer aqueles a quem havia transviado, escreveu a um de seus amigos uma carta sobre a qual entendeu pedir-nos conselho. Afigurou-se-nos que ela correspondia tão bem ao objetivo visado, que lhe pedimos nos permitisse a sua publicação, que certamente agradará aos nossos leitores.

Ao invés de abordar frontalmente a questão do Espiritismo, que teria sido repellido pelas pessoas que não admitem ser a alma, a sua base; sobretudo ao invés de lhes pôr sob os olhos os estranhos fenômenos que teriam negado ou atribuído a causas comuns, ele remonta às origens. Com razão procura torná-las espiritualistas, antes de as tornar espíritas. Por um encadeamento de idéias perfeitamente lógico, chega à idéia espírita como conseqüência. Evidentemente, é esta a marcha mais racional.

A extensão desta carta obriga-nos a dividir a sua publicação.

“Paris, 10 de novembro de 1860.

Meu caro amigo,

Desejas uma longa carta sobre o Espiritismo. Procurarei satisfazer-te como melhor puder, enquanto espero a remessa de importante obra sobre a matéria, a qual deve aparecer no fim do ano. Serei obrigado a começar por algumas considerações gerais, para o que necessário se torna remontar à origem do homem. Isto alongará um pouco a minha carta, mas é indispensável à compreensão do assunto.

Natureza Espiritual. Natureza Material. O movimento e a Lei do Progresso

Diz-se comumente: tudo passa! Sim; tudo passa. Mas geralmente a esta expressão também se dá uma significação muito afastada da que lhe é própria. Tudo passa – mas nada acaba, senão a forma. Tudo passa, no sentido de que tudo marcha e segue o seu curso; mas não um curso cego e sem objetivo, embora jamais deva acabar. O movimento é a grande lei do universo, na ordem moral como na ordem física; e o fim do movimento é a progressão para o melhor; é um trabalho ativo, incessante e universal; é o que podemos chamar *o progresso*. Tudo está submetido a esta lei, exceto Deus. Deus é o seu autor; a criatura lhe é instrumento e objeto.

A Criação compõe-se de duas naturezas distintas: a natureza material e a natureza intelectual. Esta última é o instrumento ativo; a outra é o instrumento passivo. Esses dois instrumentos são complementos recíprocos, isto é, um sem o outro seria de emprego absolutamente nulo. Sem a natureza intelectual, ou o espírito inteligente e ativo, a natureza material, isto é, a matéria ininteligente e inerte seria perfeitamente inútil, pois nada poderia por si mesma. Sem a matéria inerte, o espírito inteligente também não teria maior po-

der. Ainda o mais perfeito instrumento seria como se não existisse, caso não houvesse um espírito inteligente para dele se servir. O mais hábil operário, o cientista da mais alta classe seriam tão impotentes quanto o mais perfeito idiota, se não tivessem instrumentos para desenvolver a sua ciência e manifestá-la.

Eis aqui o lugar e o momento de fazer notar que o instrumento material não consiste apenas no cepilho do carpinteiro, no cinzel do escultor, na palheta do pintor, no escalpelo do cirurgião, no compasso e na luneta do astrônomo: também consiste na mão, na língua, nos olhos, no cérebro, numa palavra, na reunião de todos os órgãos materiais necessários à manifestação do pensamento, o que naturalmente implica na denominação de instrumento passivo a própria matéria sobre a qual a inteligência opera por meio do instrumento propriamente dito. É assim que uma mesa, uma casa, um quadro, considerados em seus elementos componentes, não são menos instrumentos que a serra, o cepilho, o esquadro, o prumo, o pincel que os produziram, que a mão e os olhos que os dirigiram, enfim que o cérebro que presidiu a essa direção. Ora, tudo isto, inclusive o cérebro, foi o instrumento complexo de que se serviu a inteligência para manifestar o seu pensamento, a sua vontade, que era produzir uma forma, e essa forma ou era uma mesa, ou uma casa, ou um quadro, etc.

Inerte por natureza, informe por essência, a matéria não adquire propriedades úteis senão pela forma que se lhe imprime, o que levou um célebre fisiologista a dizer que a forma era mais necessária que a matéria – proposição talvez um tanto paradoxal, mas que prova a superioridade do papel desempenhado pela forma nas modificações da matéria. De acordo com esta lei é que Deus, se assim me posso exprimir, dispôs e modificou incessantemente os mundos e as criaturas que os habitam, segundo as formas que melhor convêm aos seus propósitos para a harmonização do universo. E é sempre segundo essa lei que as criaturas inteligentes, agindo incessantemente sobre a matéria, como o próprio Deus, mas secundariamente, concorrem para a sua transformação contínua, transformação da qual cada grau, cada estágio é um passo no progresso, ao mesmo tempo que manifestação da inteligência que o leva a esse passo.

É assim que tudo na Criação está em movimento e sempre em progresso; que a missão da criatura inteligente é ativar esse movimento no sentido do progresso, e que por vezes o faz mesmo sem o saber; que o papel da criatura material é obedecer a esse movimento e manifestar o progresso da criatura inteligente; que a Criação, enfim, considerada em seu conjunto ou em suas partes, realiza incessantemente os desígnios de Deus.

Sem sair do nosso planeta, quantas pessoas ditas inteligentes realizam uma missão da qual estão longe de suspeitar! De minha parte confesso que ainda há bem pouco tempo eu era desse rol. Não me sentiria nem por isso constrangido em deixar aqui algumas palavras sobre a minha própria história.

Perdoar-me-ás essa pequena digressão, que talvez tenha o seu lado útil.

Da educação católica ao Espiritismo

Educado na escola do dogma católico, não tendo desenvolvido a reflexão e o exame senão bastante tarde, fui, durante muito tempo, um crente fervoroso e cego; certamente não o esqueceste. Sabes, porém, que mais tarde caí no excesso contrário. Da negação de certos princípios que minha razão não podia admitir, concluí pela negação absoluta. O dogma da eternidade das penas sobretudo me revoltava. Eu não podia conciliar a idéia de um Deus, que me diziam infinitamente misericordioso, com a de um castigo perpétuo para uma falta passageira; o quadro do inferno, de suas fornalhas, de suas torturas materiais me parecia ridículo e uma paródia do Tártaro dos Pagãos. Recapitulei minhas impressões de infância e lembrei-me de que, por ocasião da minha primeira comunhão, diziam-nos que não se devia orar pelos danados, por lhes ser isto de nenhum proveito; aquele que não tivesse fé era votado às chamas; e bastava uma dúvida sobre a infalibili-

dade da Igreja para se ser danado; que o próprio bem que fizéssemos aqui não nos poderia salvar, de vez que Deus colocava a fé acima das melhores ações humanas. Essa doutrina havia-me tornado ímpio, endurecendo-me o coração. Olhava os homens com desconfiança e ao menor peca-dilho eu cria ver a meu lado um condenado de quem deveria fugir como da peste, e ao qual, em minha indignação, eu teria recusado um copo d'água, dizendo-me a mim mesmo que Deus lhe recusaria ainda mais. Se ainda existissem fogueiras, eu teria empurrado para elas todos os que não tivessem fé ortodoxa, ainda que fosse meu próprio pai.

Nessa situação de espírito eu não podia amar a Deus, mas temê-lo. Mais tarde uma porção de circunstâncias, que seria longo enumerar, vieram abrir-me os olhos e eu rejeitei os dogmas que não se acomodavam à minha razão, porque ninguém me havia ensinado a pôr a moral acima da forma. Do fanatismo religioso, caí no fanatismo da incredulidade, a exemplo de tantos companheiros de infância.

Não entrarei em minúcias que nos levariam muito longe. Apenas acrescentarei que, depois de haver perdido, durante quinze anos, a doce ilusão da existência de um Deus infinitamente bom, poderoso e sábio, da existência e da imortalidade da alma, enfim hoje encontro de novo, não uma ilusão, mas uma certeza tão completa quanto à de minha existência atual, quanto à de que te escrevo neste instante.

Eis, meu amigo, o grande acontecimento de nossa época, o grande acontecimento que nos é dado ver realizar-se em nossos dias: a prova material da existência e da imortalidade da alma.

Voltemos ao fato. Mas para te fazer melhor compreender o Espiritismo, vamos remontar à origem do homem, assunto sobre o qual não nos demoraremos.

A formação do globo terrestre e a origem do homem

É evidente que os globos que povoam a imensidade não foram feitos unicamente tendo em vista a sua ornamentação. Têm também uma finalidade útil, ao lado da agradável: a de produzir e alimentar os seres vivos materiais, que são instrumentos apropriados e dóceis a essa multidão infinita de criaturas inteligentes que povoam o espaço e que são, em definitivo, a obra-prima, ou antes, o objetivo da Criação, pois que só eles têm a faculdade de lhe conhecer, admirar e adorar o autor.

Cada um dos globos espalhados no espaço teve o seu começo, quanto à forma, num tempo mais ou menos afastado. Quanto à idade da matéria que o compõe, é um segredo que não nos importa aqui conhecer, de vez que a forma é tudo para o objeto que nos ocupa. Com efeito, pouco nos importa que a matéria seja eterna, ou apenas de criação anterior à formação do astro, ou, ainda, contemporânea a essa formação. O que é necessário saber é que o astro foi formado para ser habitado. Talvez não seja fora de propósito acrescentar que essas formações não são feitas em um dia, como dizem as Escrituras; que um globo não sai repentinamente do nada coberto de florestas, de prados e de habitantes, como Minerva saiu armada, dos pés à cabeça, da cabeça de Júpiter. Não: Deus seguramente procede com mais lentidão; tudo segue uma lei lenta e progressiva, não porque Deus hesite ou tenha necessidade de lentidão, mas porque suas leis são assim e são imutáveis. Aliás, aquilo a que nós, seres efêmeros chamamos lentidão, não o é para Deus, para quem o tempo nada é.

Eis, pois, um globo em formação, ou, se quiseses, já formado. Muitos séculos ou mesmo milhares de séculos devem passar antes que ele seja habitável. Mas, enfim, chega o momento. Após modificações numerosas e sucessivas de sua superfície, começa pouco a pouco a cobrir-se de vegetação. (Falo da Terra e não pretendo, a não ser por analogia, fazer a história dos outros globos, cujo fim, evidentemente, é o mesmo, mas cujas modificações físicas podem variar). Ao lado da vegetação aparece a vida animal, uma e outra na sua maior simplicidade, pois esses dois ramos do reino orgânico são necessários um ao outro, fecundam-se mutuamente, alimentam-se reciprocamente, elaborando ao mesmo

tempo a matéria inorgânica, para torná-la cada vez mais apropriada à formação de seres cada vez mais perfeitos, até que ela tenha atingido o ponto de poder produzir e alimentar o corpo que deve servir de habitação e instrumento ao ser por excelência, isto é, o ser intelectual que dele deve servir-se, que, por assim dizer, o espera para manifestar-se e que sem ele não poderia manifestar-se.

Eis-nos chegados ao homem!

Como se formou ele? Isto ainda não é o problema: formou-se segundo a grande lei da formação dos seres – eis tudo. Pelo fato de não ser conhecida, esta lei não deixa de existir. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie de planta? Os de cada espécie animal? Cada um deles se formou à sua maneira, segundo a mesma lei. O que é certo é que Deus não teve necessidade de se transformar em oleiro, nem de sujar as mãos no barro para formar o homem, nem de lhe arrancar uma costela para formar a mulher. Essa fábula, aparentemente absurda e ridícula, pode bem ser uma imagem engenhosa, a ocultar um sentido penetrável por espíritos mais perspicazes que o meu. Como, porém, não entendo disso, aqui faço ponto.

Então aqui está o homem material habitando a Terra e habitado ele próprio por um ser imaterial, do qual é instrumento. Incapaz de qualquer coisa por si mesmo, como em geral o é a matéria, não se torna apto para qualquer coisa senão pela inteligência que o anima; mas essa mesma inteligência, criatura imperfeita, como tudo quanto é criatura, isto é, como tudo quanto não é Deus, necessita aperfeiçoar-se; e é precisamente para esse aperfeiçoamento que lhe é dado o corpo, pois que sem a matéria o Espírito não poderia manifestar-se, nem, conseqüentemente, melhorar-se, esclarecer-se e enfim progredir.

A reencarnação

Considerada coletivamente, a humanidade é comparável ao indivíduo: ignorante na infância, ela se esclarece à medida que os anos passam. Isto se explica naturalmente pelo mesmo estado de imperfeição em que se achavam os Espíritos, para cujo avanço esta humanidade foi feita. Mas quanto ao Espírito, considerado individualmente, não é numa existência única que pode adquirir a soma de progresso que é chamado a realizar. Eis porque um número mais ou menos grande de existências corpóreas lhes são necessárias, conforme o emprego que faça de cada uma delas. Quanto mais houver trabalhado o seu adiantamento em cada existência, menos existências deverá passar; e como cada existência corpórea é uma prova, uma expiação, um verdadeiro purgatório, tem interesse de progredir o mais rapidamente possível, para ter que sujeitar-se ao menor número de provas, de vez que o Espírito não retrograda. Cada progresso realizado lhe é uma conquista assegurada, que nada poderia retomá-la. De acordo com este princípio, hoje demonstrado, torna-se evidente que quanto mais rapidamente marchar, mais cedo alcançará o fim.

Resulta do que precede, que cada um de nós não está hoje em nossa primeira existência corpórea; estamos muito distanciados e, talvez, mais distanciados ainda da última, porque nossas existências primitivas devem ter-se passado em mundos muito inferiores à Terra, à qual chegamos quando o nosso Espírito teria atingido um estado de perfeição em relação com esse astro. Do mesmo modo, à medida que progredirmos, passaremos a mundos superiores, muito mais adiantados que a Terra, sob todos os pontos de vista, avançando assim, de degrau em degrau, sempre para o melhor. Antes, porém, de deixarmos um globo, parece que nele passamos várias existências, cujo número não é, todavia, limitado, mas antes, subordinado à soma de progresso que tivermos realizado.

Prevejo uma objeção em teus lábios.

Esquecimento do passado. Espíritos errantes. Novas reencarnações

Tudo isto, dir-me-ás, pode ser verdadeiro; como, porém, de nada me lembro; como acontece o mesmo com os outros; tudo quanto se tiver passado em nossas precedentes existências é como se não se tivesse passado; e, assim sendo em cada nova existência, ao

nosso Espírito pouco importa ser imortal ou morrer com o corpo, se, conservando a individualidade, nós não temos consciência de sua identidade.

Com efeito, para nós seria o mesmo. Mas não é assim. Não perdemos a lembrança do passado senão durante a vida corpórea; readquirimo-la com a morte, isto é, ao despertar o Espírito em sua verdadeira existência – a de Espírito livre, em relação à qual as existências corpóreas podem ser comparadas àquilo que é o sono para o corpo.

Em que se tornam as almas dos mortos enquanto esperam uma nova reencarnação?

As que não deixam a Terra ficam errantes em sua superfície, vão sem dúvida aonde lhes apraz, ou, pelo menos, aonde podem, conforme o grau de progresso, mas, em geral, pouco se afastam dos vivos e, sobretudo, daqueles a quem são afeiçoados, quando têm afeição a alguém – a menos que lhes sejam impostos deveres a cumprir alhures. Estamos, pois, em todos os instantes, cercados por uma multidão de Espíritos conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos, que nos vêem, nos observam, nos ouvem; destes, uns participam de nossas penas, como de nossas alegrias, enquanto outros sofrem com os nossos prazeres ou gozam com as nossas dores, ao passo que outros, finalmente, a tudo se mostram indiferentes, exatamente como acontece na Terra, o que é bem compreensível; não tendo necessidades materiais a satisfazer, nem obstáculos do mesmo gênero a vencer; se viveram bem, isto é, se nada têm ou pouco têm a lamentar em sua última existência corpórea, gozam em paz o testemunho de sua consciência e do bem que fizeram; se viveram mal; se foram maus, como lá o são a descoberto, pois não podem se dissimular sob o envoltório material, sofrem a vergonha de se verem conhecidos e apreciados; sofrem a presença daqueles a quem ofenderam, desprezaram, oprimiram, bem como a impossibilidade, em que se acham, de subtrair-se aos olhares de todos; sofrem, finalmente, o remorso que os rói, até que o arrependimento os venha aliviar – o que acontece mais cedo ou mais tarde – ou que uma nova encarnação os subtraia, não às vistas de outros Espíritos, mas às próprias vistas, tirando-lhes momentaneamente a consciência de sua identidade; então, perdendo a lembrança do passado, sentem-se aliviados.

Mas, também, é o momento em que para eles começa uma nova prova. Se tiverem a sorte de sair dela melhorados, gozam o progresso realizado; se não se melhorarem, voltam aos mesmos tormentos, até que, por fim, se arrependam ou aproveitem uma nova existência.

Há um outro gênero de sofrimento: o experimentado pelos piores e mais perversos Espíritos. Inacessíveis à vergonha e ao remorso, estes não experimentam os seus tormentos; seus sofrimentos são, entretanto, mais vivos, porque, sempre empolgados pelo mal, mas impotentes para o fazer, sofrem a inveja de ver os outros mais felizes ou melhores que eles próprios, como sofrem, ao mesmo tempo, a raiva de não poderem saciar o seu ódio e entregar-se a todas as suas más inclinações. Oh! estes sofrem muito mais, como te disse, mas não sofrerão senão enquanto não se melhorarem. Ou, em outros termos, até o dia que melhorarem. Muitas vezes, não prevêem esse termo: são tão maus, tão enegüecidos pelo mal, que nem suspeitam a existência de um melhor estado de coisas; conseqüentemente, não imaginam que seu sofrimento deva acabar um dia, circunstância que os obstina no mal e lhes agrava os tormentos. Como, entretanto, não podem fugir sempre à sorte comum, que Deus reserva a todas as criaturas sem exceção, chega um momento em que lhes é preciso, finalmente, seguir a rota ordinária. Por vezes esse dia está mais próximo do que se poderia supor ao observar a sua perversidade. Alguns têm sido vistos, que se convertem de repente, e de repente seus sofrimentos cessam; entretanto, ainda lhes restam rudes provas a passar na Terra em sua próxima encarnação: é preciso que se depurem, expiando as próprias faltas e isto, em definitivo, é mais que justo; seja como fôr, já não têm que temer a perda do progresso realizado, pois não podem retroceder.

Eis, meu amigo, o mais sucintamente e o mais claramente, que me foi possível fazer, uma exposição da filosofia do Espiritismo, tal qual pelo menos me era possível fa-

zê-lo numa carta: Dela encontrarás desenvolvimento mais completo até este momento, e também os mais satisfatórios no Livro dos Espíritos, fonte onde bebi aquilo que me fez o que sou.

Passemos agora à prática.

CARTA SOBRE A INCREDELIDADE – FEVEREIRO/1861

CONCLUSÃO. - (Págs. 52 a 58)

Manifestações dos Espíritos. A morte

Desde que o homem existe na Terra, existem Espíritos; e, assim, desde então eles se manifestam aos homens. A História e a tradição formigam de provas a esse respeito, embora uns não compreendam os fenômenos de tais manifestações, outros não tenham coragem de os divulgar, por medo da cadeia ou da fogueira, e outros, ainda, tomem esses fatos como superstição ou charlatanismo, por pessoas prevenidas, ou porque têm interesse em que a luz não se faça, seja, enfim, porque são levados à conta do demônio, por uma outra classe de interessados, o certo é que, até estes últimos tempos, embora bem constatados, esses fenômenos ainda não tinham sido explicados de modo satisfatório ou, pelo menos, a verdadeira teoria ainda não tinha caído no domínio público, provavelmente porque a humanidade ainda não se achava madura para isto, como para muitas outras coisas maravilhosas, que se realizam em nossos dias. À nossa época estava reservado o desenvolvimento, no mesmo meio século do vapor, da eletricidade, do magnetismo animal, pelo menos como ciências aplicadas e, enfim, o Espiritismo, de todas a mais maravilhosa, não só na constatação material de nossa existência imaterial e de nossa imortalidade, mas ainda no estabelecimento de relações, por assim dizer, materiais e constantes, entre nós e o mundo invisível. Que conseqüências incalculáveis não irão nascer de tão prodigioso acontecimento! Mas, para não falar senão daquilo que no momento mais fere a generalidade das criaturas, da morte, por exemplo, nós a vemos reduzida ao seu verdadeiro papel de acidente natural, necessário, quase diria feliz, perdendo assim o seu caráter de acontecimento doloroso e terrível, pois que, para os que a sofrem, ela representa o momento de despertar; pois que, desde o dia seguinte ao da morte de um ente querido, nós que ficamos poderemos continuar nossas relações íntimas como no passado! Nada mudaram senão as nossas relações materiais! Não o vemos mais, não o tocamos mais, não mais ouvimos a sua voz: mas continuamos a trocar com ele os nossos pensamentos, como em vida, e muitas vezes, até, muito mais frutuosa para nós. Depois disto, que é o que resta de tão doloroso? E, se acrescentarmos ao que precede a certeza de que não mais estamos separados dele senão por alguns anos, alguns meses, talvez alguns dias, não será tudo isto para transformar num simples acontecimento útil aquilo que até hoje, com raríssimas exceções, os mais decididos não podiam encarar sem terror, e que, certamente, constitui o tormento contínuo da vida inteira de muitos homens? Mas eu me afasto do assunto.

Teoria fisiológica da prática das comunicações

Antes de explicar-te a prática muito simples das comunicações, queria tentar dar uma idéia da sua teoria fisiológica que construí para mim. Não a dou como certa, pois ainda não a vi explicada pela Ciência; mas pelo menos me parece que deve se aproximar dela.

Age o Espírito sobre a matéria tanto mais facilmente quanto mais esta é disposta de modo adequado a receber a sua ação. Por isto não age diretamente sobre toda espécie de matéria, posto pudesse agir indiretamente, desde que entre ele e essa matéria existissem certas substâncias de uma organização graduada, que pusesse em contato os dois extremos, isto é, a matéria mais bruta e o Espírito. É assim que o Espírito de um homem vivo desloca pesados blocos de pedra, os trabalha, os coordena com outros, formando um todo que chamamos casa, coluna, igreja, palácio, etc. Foi o homem-corpo o autor de tudo isso? Quem ousaria dizê-lo?... Sim; foi ele quem fez tudo isso, como é a minha pena que escreve esta carta. Mas, voltemos, porque me sinto novamente derivando.

Como se põe o Espírito em contato com o pesado bloco de pedra que quer deslocar? Por meio da matéria escalonada entre ele e o bloco. A alavanca põe o bloco em relação com a mão; a mão põe a alavanca em relação com os músculos; os músculos põem a mão em relação com os nervos; os nervos põem os músculos em relação com o cérebro; e o cérebro põe os nervos em relação com o Espírito, a menos que haja uma matéria ainda mais delicada, um fluido que ponha o cérebro em relação com o Espírito. Seja como for, um intermediário a mais ou a menos não infirma a teoria. Quer aja o Espírito em primeira ou em segunda mão sobre o cérebro, age sempre de muito perto; de sorte que, retomando os contatos em sentido contrário, ou antes, na sua ordem natural, eis o Espírito agindo sobre uma matéria extremamente delicada, organizada pela sabedoria do Criador, de maneira adequada a receber diretamente, ou quase diretamente, a ação de sua vontade. Esta matéria, que é o cérebro, age por meio de suas ramificações, a que chamamos nervos, sobre uma outra matéria menos delicada, mas que o é ainda bastante para receber a ação destes – os músculos; os músculos imprimem movimento às partes sólidas que são os ossos do braço e da mão, enquanto que as outras partes da estrutura óssea, recebendo a mesma ação, servem de ponto de apoio ou sustentáculo. A parte óssea quando, por si mesma, não é ainda suficientemente forte ou suficientemente longa para agir diretamente, multiplica a sua força servindo-se da alavanca, e eis o pesado bloco inerte obediente e dócil à vontade do Espírito que, sem essa hierarquia, nenhuma ação teria sobre ele.

Procedendo do mais para o menos, eis que os menores feitos do Espírito ficam explicados, assim como, em sentido contrário, se vê como pode o Espírito chegar a transportar montanhas, secar lagos, etc. E em tudo isso o corpo quase que desaparece em meio à multidão de instrumentos necessários entre os quais apenas representa o primeiro papel.

Quero escrever uma carta. Que devo fazer? Pôr uma folha de papel em relação com o meu Espírito, como pouco antes punha um bloco de pedra. Substituo a alavanca pela pena e a coisa está feita. Eis a folha de papel repetindo o pensamento do meu Espírito, como há pouco o movimento transmitido ao bloco manifestava a sua vontade.

Se meu Espírito quer transmitir mais diretamente, mais instantaneamente o seu pensamento ao teu, desde que nada se oponha, como a distância ou a interposição de um corpo sólido, sempre por meio do cérebro e dos nervos, ele põe em movimento o órgão da voz que, ferindo o ar de vários modos, produz certos sons variados e convencionais, que representam o pensamento, os quais vão repercutir sobre o teu órgão auditivo, que os transmite ao teu Espírito, por meio de teus nervos e de teu cérebro. E é sempre o pensamento manifestado e transmitido por uma série de agentes materiais graduados e interpostos entre seu princípio e seu objeto.

Se verdadeira a teoria acima, parece que agora nada mais fácil do que explicar o fenômeno das manifestações espíritas e, particularmente, da escrita mediúnica, que é o que nos ocupa no momento.

A evocação e a escrita mediúnica

Sendo a substância psíquica idêntica em todos os Espíritos, seu modo de ação sobre a matéria deve ser o mesmo para todos: só o seu poder deve ter uma gradação. Sendo a matéria dos nervos organizada de maneira a poder receber a ação de um Espírito, razão não existe para que não a possa receber de um outro, cuja natureza não difere da do primeiro; e desde que a substância de todos os Espíritos é da mesma natureza, todos os Espíritos devem ser aptos a exercer, não direi a mesma ação, mas o mesmo modo de ação sobre a substância, todas as vezes que se achem em condições de poder fazê-lo. Ora, é isto o que acontece nas evocações.

Que é a evocação?

É um ato pelo qual um Espírito, dono de um corpo, pede a outro Espírito ou, muito simplesmente, lhe permite servir-se de seu próprio órgão, de seu próprio instrumento, para manifestar o seu pensamento ou a sua vontade.

Nem por isso o dono abandona o seu corpo; pode momentaneamente neutralizar sua própria ação sobre o órgão da transmissão, deixando-o à disposição do outro que, entretanto, não pode dele servir-se senão enquanto o outro o permitir, em virtude do axioma de direito natural, de que cada um é senhor em sua casa. Contudo, é preciso se diga que no Espiritismo, como nas sociedades humanas, acontece que o direito de propriedade nem sempre é escrupulosamente respeitado pelos senhores Espíritos e que muitos médiuns têm sido surpreendidos por terem dado hospedagem a seres não convidados e até indesejáveis. Mas isto é um dos mil insignificantes aborrecimentos da vida, os quais devemos saber suportar, tanto mais quanto, na espécie, eles sempre têm o seu lado útil, quando mais não fosse, porque nos experimentam, ao mesmo tempo em que são a prova manifesta da ação de um Espírito estranho sobre o nosso órgão, fazendo-nos escrever coisas que estávamos longe de imaginar ou que não tínhamos a menor vontade de ouvir. Entretanto, isto só acontece aos médiuns incipientes: quando formados, já lhes não acontece ou, pelo menos já não se deixam pilhar.

Médiuns escreventes, videntes, auditivos, intuitivos, falantes, de efeitos físicos

Cada um é apto a ser médium? Naturalmente assim deveria ser, embora em graus diversos, como em aptidões diversas. Eis a opinião do Sr. Kardec: Há médiuns escreventes, videntes e auditivos, como há médiuns intuitivos, isto é, médiuns que escrevem, que são os mais numerosos e os mais úteis; que vêem os Espíritos; que os ouvem e conversam com eles como com os vivos, embora sejam raros; outros recebem em seu cérebro o pensamento do Espírito evocado e o transmitem pela palavra. Raramente um médium possui simultaneamente várias faculdades. Existem ainda médiuns de outro gênero, isto é, cuja simples presença num lugar permite a manifestação dos Espíritos, quer por meio de golpes vibrados, quer pelo movimento dos corpos, tal como o deslocamento de um guéridon (Mesa de três pés), o levantamento de uma mesa ou qualquer outro objeto. Foi por este meio que os Espíritos começaram a manifestar-se, revelando a sua existência. Ouviste falar das mesas girantes e da dança das mesas: riste e eu também ri. Que queres? Foram os primeiros meios de que os Espíritos se serviram para chamar a atenção. Assim foi reconhecida a sua presença, depois do que, com o auxílio da observação e do estudo, foram descobertas no homem faculdades até então ignoradas, por meio das quais pode ele entrar em comunicação com os Espíritos. Não é maravilhoso isto? Entretanto é apenas natural, somente que – eu te repito – estava reservada à nossa era fazer a descoberta e a aplicação desta Ciência, como de muitos outros maravilhosos segredos da Natureza.

Desenvolvimento da Psicografia – Médium escrevente

Agora, para nos pormos em relação com os Espíritos ou, pelo menos, para ver se somos aptos a fazê-lo pela escrita, toma-se de uma folha de papel e de um lápis macio, ficando em posição de escrever. É sempre bom começar por dirigir uma prece a Deus, depois evoca-se um Espírito, isto é, pede-se-lhe a bondade de vir comunicar-se conosco, fazendo-nos escrever; por fim espera-se, sempre na mesma posição.

Há pessoas que têm a faculdade mediúnica de tal modo desenvolvida, que escrevem logo de começo. Outras, ao contrário só vêem a faculdade desenvolver-se com o tempo e a perseverança. Neste caso renova-se a sessão todos os dias, para o que basta um quarto de hora. É inútil ultrapassar esse período; mas, tanto quanto possível, deve repetir-se todos os dias, de vez que a perseverança é uma das primeiras condições de sucesso. Também é necessário fazer sua prece e sua evocação com fervor; mesmo repeti-la durante o exercício; ter vontade firme, um grande desejo de êxito e, sobretudo, não se distrair. Uma vez obtida a escrita, as últimas precauções tornam-se desnecessárias.

Quando se está para escrever, sente-se em geral um ligeiro frêmito na mão, às vezes precedido de uma leve dormência na mão e no braço, outras vezes uma pequena dor nos músculos do braço e da mão: são os sinais precursores e, quase sempre, certos, de que está próximo o momento do sucesso; este, por vezes é imediato; outras, porém, se faz es-

perar um ou vários dias, mas nunca tarda demasiadamente. Apenas para chegar a tal ponto é preciso mais ou menos tempo, o que pode variar de um instante a seis meses, mas – eu to repito – bastam quinze minutos de exercício diário.

Quanto aos Espíritos que podem ser evocados para tais exercícios preparatórios, é preferível dirigir-se ao seu Espírito familiar, que sempre está próximo e jamais nos deixa, enquanto que os outros podem estar apenas momentaneamente ou não estar no momento em que o evocamos e, por uma causa qualquer impossibilitados de atender ao nosso apelo, como por vezes acontece.

O Espírito familiar, que até certo ponto confirma a teoria católica do anjo da guarda, não é, entretanto, exatamente aquilo que nos apresenta o dogma católico. É apenas o Espírito de um mortal, que viveu como nós, mas que é muito mais adiantado que nós e, conseqüentemente, nos é infinitamente superior em bondade e em inteligência; que realiza, assim, missão meritória para si, proveitosa para nós e que, desse modo, nos acompanha neste mundo e no outro, até ser chamado a uma nova encarnação, ou que nós mesmos, chegados a um certo grau de superioridade, sejamos chamados, na outra vida, a realizar missão semelhante junto a um mortal menos evoluído do que nós.

Solidariedade universal: mundo visível e mundo invisível

Tudo isto, meu caro amigo, entra maravilhosamente, como o vês, nas nossas idéias de solidariedade universal. Tudo isto, mostrando-nos essa solidariedade estabelecida em todos os tempos e funcionando constantemente entre nós e o mundo invisível, prova-nos evidentemente não ser uma utopia da concepção humana, mas uma das leis da Natureza; que os primeiros pensadores que a pregavam não a inventaram, mas apenas a descobriram; que, enfim, estando nas leis da Natureza, será chamada fatalmente a se desenvolver nas sociedades humanas, a despeito das resistências e obstáculos que ainda lhe possam antepor os cegos adversários.

Maneira de proceder à evocação para o desenvolvimento de qualquer faculdade mediúnica que eventualmente se possua e o tempo necessário

Só me resta falar da maneira de evocar. É a coisa mais simples. Não há para isto nenhuma fórmula cabalística ou obrigatória: tu te diriges ao Espírito nos termos que te convêm – eis tudo.

Para te dar melhor a compreender a simplicidade da coisa, entretanto, dar-te-ei a fórmula que eu mesmo emprego:

“Deus, Todo-Poderoso! permite a meu bom anjo (ou ao Espírito de Fulano, caso se prefira) comunicar-se comigo e fazer-me escrever.” Ou, então: “Em nome de Deus Todo-Poderoso eu te peço, meu bom anjo (ou Espírito de Fulano) que te comunique comigo.”

Agora queres o resultado de minha própria experiência? Ei-lo:

Depois de seis semanas, mais ou menos, de exercícios infrutíferos, um dia senti a mão tremer, agitar-se e de súbito traçar com o lápis caracteres informes. Nos exercícios seguintes tais caracteres, embora sempre ininteligíveis, tornaram-se mais regulares: eu escrevia linhas e páginas com a velocidade de minha escrita ordinária, mas sempre ilegíveis. Outras vezes traçava rubricas de toda sorte, pequenas, grandes, às vezes em todo o papel. Outras vezes eram linhas retas, de alto a baixo, ou transversais; ainda outras eram círculos, grandes, pequenos, e tão repetidos uns sobre os outros que a folha de papel ficava enegrecida pelo lápis.

Enfim, depois de um mês de exercícios os mais variados, mas também os mais insignificantes, comecei por aborrecer-me e pedi ao meu Espírito familiar que me fizesse pelo menos traçar letras, caso não pudesse fazer-me escrever palavras. Então obtive todas as letras do alfabeto, mas não consegui mais que isso.

Neste ínterim, minha mulher, que sempre tivera o pressentimento de não possuir a faculdade mediúnica, decidiu-se, entretanto, a experimentar e, ao cabo de quinze dias, pôs-se a escrever corretamente e com grande facilidade. Mais feliz do que eu, portanto, fazia-o muito corretamente e muito legível.

Um dos nossos amigos conseguiu, desde o segundo exercício, garatujar como eu, mas foi tudo. Não esmorecemos por isto e nos convencemos de que era uma prova e que, mais cedo ou mais tarde, escreveríamos. É preciso ter paciência: é fácil. Numa outra carta entreter-nos-emos com as comunicações que obtivemos por minha mulher e que, por mais singulares que pareçam, são sobretudo muito concludentes quanto à existência dos Espíritos. Chega por hoje: eu devia fazer-te uma exposição que, embora sumária, pudesse abarcar o conjunto da teoria espírita. Espero isto baste para excitar tua curiosidade e, sobretudo, despertar o teu interesse. A leitura das obras especializadas a que irás dedicar-te fará o resto.

Esperando a obra prática de que te falei, remeterei brevemente a obra filosófica intitulada “O Livro dos Espíritos”. Estuda, lê, relê, experimenta, trabalha e, sobretudo, não desanimes: a coisa vale a pena. Ainda mais: não liguês atenção aos que riem; há muitos que não riem mais, embora ainda estejam de posse de todos os órgãos que lhes serviam para tanto.

A ti e até breve,

CANU.

REVISTA ESPÍRITA – JANEIRO DE 1861

O ESPÍRITO BATEDOR DE AUBE – (Págs.24 a 30)

Um dos nossos assinantes nos transmite detalhes muito interessantes sobre manifestações que se deram, e se dão ainda agora, numa localidade do departamento de Aube, cujo nome silenciaremos, uma vez que a pessoa em cuja casa ocorrem os fenômenos não gosta de ser assaltada por numerosas visitas de curiosos, que não deixariam de ir procurá-la. Essas manifestações barulhentas já lhe produziram vários dissabores. Aliás, o nosso correspondente nos conta os fatos como testemunha ocular e nós o conhecemos bastante para sabê-lo digno de confiança.

Extraímos as passagens mais interessantes de seu relato:

“Há quatro anos, em 1856, na cidade onde resido, em casa do Sr. R..., deram-se manifestações que, até certo ponto, lembram as de Bergzabern (Vide Revista Espírita, maio, junho e julho de 1858); então eu não conhecia aquele senhor; só mais tarde travamos conhecimento, de sorte que é por informações que sei dos fatos então ocorridos. As manifestações haviam cessado há muito tempo e o Sr. R... julgava-se livre delas quando, há pouco tempo, recomeçaram como outrora. Então pude ser testemunha durante alguns dias seguidos. Assim, contarei o que vi.

“A pessoa que é objeto dessas manifestações é o filho do Sr. R..., de dezesseis anos e que, portanto, tinha doze quando as manifestações ocorreram pela primeira vez. É um rapaz de inteligência excessivamente acanhada, que não sabe ler nem escrever e que raramente sai de casa. Quanto às manifestações ocorridas em minha presença, com exceção do balançar do leito e da suspensão magnética, o Espírito imitou mais ou menos em tudo o de Bergzabern: as pancadas e as arranhaduras foram as mesmas; assoviava, imitava o ruído da lima e da serra e atirou através do quarto pedaços de carvão vindos não se sabe de onde, pois não havia carvão no cômodo onde nos encontrávamos. Os fenômenos geralmente se produzem desde que o menino está deitado e começa a dormir. Durante o sono fala ao Espírito com autoridade e assume o tom de comando de um perfeito oficial superior, apesar de jamais ter assistido a exercícios militares: simula um combate, comanda a manobra, conquista a vitória e se julga nomeado general no campo de batalha. Quando ordena ao Espírito que dê umas tantas pancadas, acontece por vezes que este dá mais do que lhe é ordenado. Então o menino pergunta: “Como farás para tirar as pancadas que deste a mais? Aí, o Espírito se põe a raspar, como se apagasse alguma coisa. Quando o menino comanda, fica numa grande agitação e por vezes grita tão forte que a voz se extingue numa espécie de estertor. Sob comando, o Espírito bate todas as marchas francesas e estrangeiras, mesmo as dos chineses. Não lhes pude verificar a exatidão, pois não as conheço. Mas freqüentemente acontecia que o menino dissesse: “Não é assim! Recomece!” E o Espírito obedecia. Devo dizer de passagem que, durante o sono e comandando, o menino é muito grosseiro.

“Uma noite eu assistia a uma dessas cenas. Havia cinco horas que o filho R... se achava em grande agitação. Experimentei acalmá-lo por meio de passes magnéticos. Logo, porém, tornou-se furioso e revolveu toda a cama. No dia seguinte deitou-se à minha chegada e, como de costume, adormeceu em poucos minutos. Então as pancadas e arranhaduras começaram. De repente disse ao Espírito: “Vem cá; eu vou te adormecer.” E com grande surpresa nossa, magnetizou-o, apesar da resistência do Espírito, que parecia recusar-se, segundo depreendo de sua conversação. Depois o despertou, desmagnetizando-o como o teria feito um profissional. Percebi, então, que dava a impressão de recolher muito fluido, que me atirou em cima, apostrofando-me e injuriando-me. Ao despertar não tinha a menor idéia do que se havia passado.

“Longe de se atenuarem, os fatos se agravam mais e mais de modo aflitivo, para exasperação do Espírito, que certamente teme perder o domínio que exerce sobre o rapaz. Quis perguntar-lhe o nome e os antecedentes, mas só obtive mentiras e blasfêmias. Aqui é

ocasião de advertir que fala pela boca de um rapaz que lhe serve de médium falante. Em vão tentei despertar-lhe os melhores sentimentos por meio de boas palavras: responde-me que a prece de nada lhe serve; que experimentou aproximar-se de Deus, mas só encontrou gelo e nevoeiro. Então me chama de beato e, sempre que oro mentalmente, observo que se enfurece e bate com redobrada intensidade. Diariamente traz objetos muito volumosos, ferro, cobre, etc., etc. Quando lhe pergunto onde os obtém, responde que os tira de gente desonesta. Se lhe prego moral, fica irado. Uma noite me disse que se eu insistisse quebraria tudo; que não iria embora antes da Páscoa. Depois cuspiu-me no rosto. Perguntado por que motivo assim se ligava ao jovem R..., respondeu: “Se não fosse este, seria um outro.” O próprio pai não está livre dos assaltos desse Espírito malévolos. Muitas vezes seu trabalho é interrompido porque aquele lhe bate, puxa-lhe as roupas e o belisca até sangrar.

“Fiz o que foi possível, mas já não tenho recursos. Ademais, é tanto mais difícil obter bons resultados quanto é certo que os R..., a despeito do desejo de livrar-se do Espírito, que lhes ocasionou verdadeiros prejuízos, e são obrigados a trabalhar para viver, não me ajudam, pois sua fé em Deus não tem muita consistência.”

Omitimos uma porção de detalhes que apenas corroborariam aquilo que referimos. Contudo, dissemos o bastante para mostrar que se pode dizer desse Espírito, como de certos malfeitores: é da pior espécie.

Na sessão da Sociedade de 9 de novembro último foram dirigidas a São Luis, as seguintes perguntas a respeito:

1. Teréis a bondade de dizer-nos alguma coisa sobre o Espírito que obsidia o jovem R...? – A inteligência do moço é das mais fracas; e, quando o Espírito dele se apodera, fica completamente alucinado, tanto mais quanto mais mergulhado no sono. Assim, o raciocínio nada pode sobre o seu cérebro. Então se entrega à obsessão desse Espírito turbulento.

2. Pode um Espírito relativamente superior exercer sobre outro uma ação magnética e paralisar as suas faculdades? – Um bom Espírito nada pode sobre outro a não ser moralmente; nunca fisicamente. A fim de paralisar pelo fluido magnético terá que agir sobre a matéria; e o Espírito não é matéria semelhante a um corpo humano.

3. Como, então, pretende o jovem R... magnetizar o Espírito e o adormecer? – Ele assim o imagina; e o Espírito se presta à ilusão.

4. O pai deseja saber se não haveria um meio de se desembaraçar desse hóspede importuno; se ainda por muito tempo seu filho estaria sujeito a essa prova... – Quando o jovem estiver desperto dever-se-á, junto com ele, evocar bons Espíritos, a fim de o pôr em contato com estes e, por tal meio, afastar os maus, que o obsidiam durante o sono.

5. Poderíamos agir assim, evocando, por exemplo, esse Espírito, a fim de o moralizar ou, talvez, o próprio Espírito do rapaz? – Talvez não seja possível no momento: são ambos muito materializados. É necessário agir diretamente sobre o corpo do ser vivo, por meio da presença de bons Espíritos, que virão a ele.

6. Não compreendemos bem a resposta. – Digo que é necessário chamar o concurso de bons Espíritos, que poderão tornar o rapaz menos acessível às impressões dos maus Espíritos.

7. Que poderemos fazer por ele? – O mau Espírito que o obsidia não o largará facilmente, desde que não é fortemente repellido por ninguém. Vossas preces, vossas evocações são fraca arma contra ele. Seria necessário agir direta e materialmente sobre a pessoa a quem ele atormenta. Podeis orar, pois a prece é sempre boa. Não o conseguireis, entretanto, por vós mesmos, se não fordes secundados por aqueles mais interessados no caso, a saber, os pais. Infelizmente, estes não têm aquela fé em Deus que centuplica as

forças, e Deus não ouve senão aqueles que a eles se dirigem com confiança. Assim, não podem queixar-se de um mal para o qual nada fazem para evitar.

8. Como conciliar a sujeição desse jovem sob o império de tal Espírito, com a autoridade que sobre ele exerce aquele, de vez que ordena e o Espírito obedece? – O Espírito desse moço é pouco adiantado moralmente, mas o é mais do que se pensa, em inteligência. Em outras existências abusou de sua inteligência, não dirigida para um fim moral, mas, ao contrário, para objetivos ambiciosos. Agora encontra-se em punição num corpo que não lhe permite livre curso à inteligência e o mau Espírito aproveita a sua fraqueza. Ele se deixa levar em questões sem importância, porque o sabe incapaz de lhe ordenar coisas sérias: e o Espírito abusa. A Terra formiga de Espíritos assim, em punição em corpos humanos. Eis porque há tantos males de todos os matizes.

OBSERVAÇÃO: A observação vem confirmar esta explicação. Durante o sono, o menino mostra uma inteligência incontestavelmente superior à de seu estado normal, o que prova um desenvolvimento anterior, mas reduzido a estado latente sob esse novo envoltório grosseiro. É só nos momentos de emancipação da alma, nos quais não sofre tanto a influência da matéria, que sua inteligência se expande, e no qual também exerce uma espécie de autoridade sobre o ser que o subjuga. Mas reduzido ao estado de vigília, suas faculdades se anulam sob o invólucro material que a comprime. Não está aí um ensino moral prático?

Revelamos o desejo de evocar esse Espírito, mas nenhum dos médiuns presentes se interessa em servir-lhe de intérprete. A Srta. Eugênia, que também havia mostrado repugnância, repentinamente tomou o lápis num movimento involuntário e escreveu:

1. Não queres? Ah! tu escreverás. Pensas que não te dominarei. Pois bem: eis-me aqui. Mas não te espantes. Eu te farei ver minha força. (Nota: Então o Espírito faz a médium desferir um soco na mesa e quebrar vários lápis.)

2. Já que está aqui, diga-nos por que motivo se ligou ao filho do Sr. R... – Até parece que eu teria que vos fazer confidências! Para começar, sabeí que tenho uma grande necessidade de atormentar alguém. Um médium ativo me repeliria. Eu me apego a um idiota que não me opõe nenhuma resistência.

3. NOTA: Alguém ponderou que, a despeito desse ato de covardia, esse Espírito não deixa de ter inteligência. Este responde sem que lhe tenham perguntado diretamente; - Um pouco. Não sou tão tolo quanto pensais.

4. Que era você em vida? – Não era grande coisa: um homem que fêz mais mal do que bem, pelo que é cada vez mais castigado.

5. Desde que você é punido por ter feito mal, deve compreender a necessidade de fazer o bem. Não quer tratar de se melhorar? – Se quiserdes ajudar-me, eu perderia menos tempo.

6. Não pedimos mais que isso. Necessário, porém, é que você tenha vontade. Ore conosco: isto o ajudará. (Aqui o Espírito dá uma resposta blasfema).

7. Chega! Não queremos ouvir mais. Esperávamos despertar em você alguns sentimentos bons. Foi com este objetivo que o chamamos. Mas desde que você responde a nossa benevolência com palavras vis, pode retirar-se. – Ah! aqui pára a vossa caridade! Porque pude resistir um pouco, vejo que essa caridade logo estaca. É que não valeis mais do que eu. Sim: poderíeis moralizar-me mais do que pensais, se soubésseis vos conduzir, para começar, no interesse do idiota que sofre, do pai que não se assusta muito e finalmente no meu, se assim vos agrada.

8. Diga-nos o seu nome, a fim de que possamos chamá-lo. – Oh! meu nome pouco vos importa: chamai-me, se quiserdes, o Espírito do jovem idiota.

9. Se quisemos fazê-lo calar é porque disse uma palavra sacrílega. – Ah! ah! o senhor chocou-se! Para saber o que há na lama é preciso revolvê-la.

10. Alguém observa: Esta imagem é digna do Espírito – é ignóbil. – Que-reis poesia, moço? Ei-la: Para conhecer o perfume da rosa é necessário cheirá-la.

11. Desde que você disse que poderíamos ajudá-lo, um dos presentes se oferece para o instruir. Quer atendê-lo quando for evocado? – Para começar, quero ver se me convém. (Depois de uns instantes de reflexão acrescenta:) Sim; irei.

12. Por que se enfurecia o filho do Sr. R..., quando o Sr. L... queria magnetizá-lo? – Não era ele quem se encolerizava: era eu.

13. Por que? – Não tenho nenhum poder sobre esse homem, que me é superior: por isso não posso suportá-lo. Ele quer arrebatar-me aquele que tenho sob o meu domínio. E isso eu não quero.

14. Você deve ver ao seu redor Espíritos mais felizes que você. Sabe por que? – Sim; o sei: são melhores do que eu.

15. Compreende então que, se em lugar de fazer o mal, fizesse o bem, você seria feliz como eles? – Não desejava mais que isso; mas é difícil fazer o bem.

16. Talvez difícil para você; mas não impossível. Compreende que a prece pode exercer grande influência em sua melhora? – Não digo que não: refletirei. Chamai-me algumas vezes.

OBSERVAÇÃO: Como se vê, o Espírito não desmentiu o seu caráter. Entretanto, mostrou-se menos recalcitrante no fim, o que prova que não é inteiramente impermeável ao raciocínio. Ele dispõe de remédio mas é preciso um concurso de vontades ora inexistentes a fim de o dominar inteiramente. Isto deve ser um ensinamento para as pessoas que poderiam achar-se em casos semelhantes.

Sem dúvida esse Espírito é muito mau e pertence ao *bas-fonds* (camadas miseráveis da sociedade, escória, ralé) do mundo espírita. Pode-se dizer que é brutalmente mau, mas que em seres semelhantes há mais recursos que nos hipócritas. Sem sombra de dúvida são muito menos perigosos que os Espíritos fascinadores que, com o auxílio de certa dose de inteligência e uma falsa aparência de virtude, sabem inspirar em certas pessoas uma cega confiança em suas palavras, confiança de que mais cedo ou mais tarde serão vítimas, porque esses Espíritos jamais agem com vistas ao bem: têm sempre uma segunda intenção. “O Livro dos Médiuns” terá como resultado – assim o esperamos – pôr-nos em guarda contra suas sugestões, o que, seguramente, lhes não agradará. Como é bem de ver, entretanto, tão pouco nos inquietamos com sua má vontade quanto com a dos Espíritos encarnados, que eles podem suscitar contra nós. Do mesmo modo que os homens, os maus Espíritos não vêem com bons olhos aqueles que, desmascarando as suas torpezas, lhes tiram os meios de fazer o mal.

LICEU ALLAN KARDEC

“CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO” – 1^O. ANO

CAPÍTULO III

I - RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “MORAL E RELIGIÃO”.

Numerosas vezes temos assinalado o sentido profundamente religioso de “O Livro dos Espíritos”. Há estudiosos, entretanto, que não percebem esse sentido, preferindo encarar a obra fundamental da doutrina como simplesmente filosófica. Por isso, fazendo coro com os adversários do Espiritismo, inadvertidamente, chegam a negar o seu aspecto religioso. Dessa falsa posição resultam lamentáveis confusões, tanto entre adeptos pouco inteirados do assunto, quanto entre leigos que se interessam pela doutrina.

Emmanuel definiu o Espiritismo, na obra “O Consolador”, como sendo “um triângulo de forças espirituais.” A base desse triângulo, que se assenta na terra, tem como ângulos a Ciência e a Filosofia. O vértice, que se volta para o céu, é a Religião. Essa imagem corresponde exatamente à definição de Kardec, em “O que é o Espiritismo”, quando o codificador afirma que o Espiritismo é ao mesmo tempo Ciência e Filosofia, de Conseqüências Morais.

O fato de Kardec não haver mencionado a palavra “religião”, faz com que alguns estudiosos rejeitem a semelhança que apontamos. Convém lembrar, porém, que Kardec era discípulo de Pestalozzi, cuja doutrina pedagógica só admitia a religião como moral. Para o grande mestre de Yverdun, a religião se manifestava através de três fases. Havia a religião animal, a religião social e a religião moral. Somente esta última, depurada de todos os convencionalismos sociais, e por isso mesmo traduzindo-se por moralidade pura, no mais alto sentido da palavra, era digna de figurar em sua doutrina pedagógica.

Além disso, é preciso convir que Kardec, ao formular a sua definição, já havia recebido as instruções do Espírito da Verdade, que lhe anunciavam o restabelecimento do Cristianismo Primitivo. Ora, esse Cristianismo puro havia sido deturpado pelas influências daquilo que Pestalozzi chamava “religião social”, e que Bergson definiria, em nossos dias, como “religião estática”. Mas a “religião social” era a única forma de religião admitida na época. Fiel aos princípios da filosofia pedagógica em que formara o seu espírito, fiel aos ensinamentos espirituais recebidos, e fiel ainda ao ensino de Jesus nos Evangelhos (Veja-se a passagem da mulher samaritana), Kardec substituiu a palavra “religião”, que poderia provocar confusões, pela palavra “moral”, que livrava o Espiritismo de qualquer interpretação dogmática e infiltração ritual.

Se estas razões de ordem histórica, e portanto concretas, não bastassem, teríamos ainda a própria declaração de Kardec a respeito, no seu derradeiro discurso, e teríamos também a sua definição religiosa em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Mas não se precisa de tanto, para compreender o sentido religioso do Espiritismo. Basta a análise do próprio texto de “O Livro dos Espíritos”, que começa pela definição de Deus, aponta Jesus como o modelo humano e termina tratando das leis morais, da lei religiosa de adoração, e das penas e gozos futuros. Negar que tudo isto seja religião é a mesma coisa que negar a existência da luz solar.

Por tudo isso, alegra-nos a publicação do livro de Emmanuel, “Religião dos Espíritos”, psicografado por Chico Xavier. O luminoso guia espiritual não vem apresentar-nos, nesse pequeno grande livro, nenhuma doutrina pessoal, mas apenas uma tentativa de aprofundamento espiritual do aspecto religioso de “O Livro dos Espíritos”. À maneira do que fez com os Evangelhos, em tantas mensagens esclarecedoras, Emmanuel comenta questões da obra básica da doutrina, penetrando-lhes o sentido espiritual.

Este pequeno-grande livro é portanto um convite, como o diz o autor, no prefácio, ao estudo mais aprofundado da religião “em espírito e verdade” que a obra básica nos oferece. Emmanuel declara esperar a colaboração dos “companheiros de tarefa”. Essa colaboração só pode ser dada por aqueles que forem capazes de se dedicar ao estudo da obra básica, penetrando-lhe “a essência redentora”. Kardec acentuava que o Espiritismo “não é uma questão de forma, mas de fundo”. O problema da religião espírita insere-se exatamente nessa definição do codificador.

Tratando-se de uma “religião em espírito e verdade”, segundo a definição de Jesus, no episódio da mulher samaritana; de uma religião moral, segundo Pestalozzi; de uma religião dinâmica, liberta de formalismo, de acordo com a definição bergsoniana; ou de moralidade pura, segundo o próprio Kardec; a religião espírita não pode ser encarada de maneira formal, mas substancial. Quando pomos de lado a letra que mata, para penetrar o espírito que vivifica, tudo se esclarece.

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – CAPÍTULO XVII, SEDE PERFEITOS. ITEM 10: “O HOMEM NO MUNDO”.

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração daqueles que se reúnem sob o olhar do Senhor, implorando a assistência dos Bons Espíritos. Purificai, portanto, os vossos corações. Não deixai que pensamentos fúteis ou mundanos os perturbem. Elevai o vosso espírito para aqueles a quem chamais, a fim de que eles possam, encontrando em vós as disposições favoráveis, lançar em profusão as sementes que devem germinar nos vossos corações, para neles produzir os frutos da caridade e da justiça.

Não penseis, porém, que ao vos exortar incessantemente à prece e à evocação mental, queiramos levar-vos a viver uma vida mística, que vos mantenha fora das leis da sociedade em que estais condenados a viver. Não. Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens; sacrificai-vos às necessidades, e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Fostes chamados ao contato de espíritos de naturezas diversas, de caracteres antagonicos: não melindrai a nenhum daqueles com quem vos encontrardes. Estai sempre alegres e contentes, mas com a alegria de uma boa consciência e a ventura do herdeiro do céu, que conta os dias que o aproximam de sua herança.

A virtude não consiste numa aparência severa e lúgubre, ou em repelir os prazeres que a condição humana permite. Basta referir todos os vossos atos ao Criador, que vos deu a vida. Basta, ao começar ou acabar uma tarefa, que eleveis o pensamento ao Criador, pedindo-lhe, num impulso da alma, a sua proteção para executá-la ou a sua bênção para a obra acabada. Ao fazer qualquer coisa, voltai vosso pensamento à fonte suprema; nada façais sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar os vossos atos.

A perfeição, como disse o Cristo, encontra-se inteiramente na prática da caridade sem limites, pois os deveres da caridade abrangem todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada. O homem que vivesse isolado não teria como exercer a caridade. Somente no contato com os semelhantes, nas lutas mais penosas, ele encontra a ocasião de praticá-la. Aquele que se isola, portanto, priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de perfeição: só tendo de pensar em si, sua vida é a de um egoísta. (Ver cap. V, n. 26).

Não imagineis, portanto, que para viver em constante comunicação conosco, para viver sob o olhar do Senhor, seja preciso entregar-se ao cilício e cobrir-se de cinzas. Não, não, ainda uma vez: não! Sede felizes no quadro das necessidades humanas, mas que na vossa felicidade não entre jamais um pensamento ou um ato que possa ofender a Deus, ou fazer que se vele a face dos que vos amam e vos dirigem.

LIVRO: NA ERA DO ESPÍRITO (FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E J. HERCULANO PIRES):

“LUZ PARA TODOS”(EMMANUEL)

Estariam os princípios espíritas endereçados à segregação para uso exclusivo daqueles irmãos que carregam provas visíveis no plano material? Encontramos, com frequência, na Terra, quem suponha deva ser a Nova Revelação limitada ao trabalho em favor dos que sofrem a penúria do corpo, sob pena de perder a própria simplicidade. (A Nova Revelação perder a simplicidade). Entretanto, a fulguração solar será menos luz quando clareia o recôncavo de um vale e o topo de um arranha-céu ao mesmo tempo? E, acaso, a fonte se diminuirá em grandeza por deixar-se canalizar em serviço à cidade grande, após haver saciado a sede dos lares do campo?

Decerto, a mensagem da Vida Maior tem significação mais imediata em auxílio a quantos se vejam no mundo em dificuldades abertas, seja no chão das exigências primárias da natureza ou na sombra das grandes tribulações em que a inconformidade os compele a se tornarem francamente infelizes. Imperioso, porém, pensar naqueles outros companheiros da humanidade que a vida situou em outros setores.

Não é a face externa da criatura que lhe determina o grau da necessidade espiritual.

Dói-nos ver as mãos que se nos estendem nas ruas, à cata de pão; no entanto, será justo, igualmente, compreender os obstáculos daqueles que se esfalfam em serviço para que haja pão, tanto quanto possível, à mesa de todos.

Aflige-nos registrar os empecos (obstáculos) do amigo em profissão singela, cujo salário não lhe satisfaz a todos os requisitos da vida simples, mas não nos será lícito esquecer os óbices (empecilhos) daqueles que se atormentam na orientação da oficina para que o trabalho não se perturbe ou escasseie.

Magoa-nos surpreender irmãos diversos, acomodados nos palheiros humildes que lhes servem de residência; contudo, não podemos desconhecer os impedimentos daqueles outros que encanecem (branqueiam os cabelos) nas administrações, construindo caminhos ao progresso e traçando horizontes ao reconforto geral.

Sensibiliza-nos o martírio das mães que vagueiam nas vias públicas à busca de socorro para filhinhos padecentes; entretanto, seria injusto desconsiderar o sofrimento daquelas outras que se aniquilam, pouco a pouco, dentro de casa, em posição de incessante sacrifício, para sustentarem os descendentes, de modo a que a dignidade humana possa honrosamente sobreviver.

Refletamos no conjunto dos problemas humanos e a ninguém deserremos da verdade e do amor, de vez que em qualquer situação pertencemos todos a Deus e, segundo as nossas necessidades, é natural que Deus nos atenda a cada um.

“O HOMEM NO MUNDO”(IRMÃO SAULO/J.HERCULANO PIRES)

O Espiritismo é um processo de integração do homem no mundo e não de fuga. Todas as formas de isolamento social e de segregação religiosa são condenadas pela doutrina. Os resíduos do sectarismo (sectário: diz do partidário fanático e extremado de uma seita religiosa) religioso, alimentados em várias encarnações, permanecem ainda bastante ativos em alguns adeptos, fazendo-os sonhar com um isolacionismo sectário que atenta contra a própria essência dos ensinamentos espíritas. É o fermento velho a que se referiu Jesus, como vemos no Evangelho.

O Cristianismo teve de enfrentar esse mesmo problema em seu desenvolvimento. E, apesar da vitória das correntes cristãs mais ativas, não foi possível evitar-se a criação de ordens e congregações dedicadas à vida contemplativa, empenhadas na fuga ao mundo

para o encontro com Deus. Essa tendência à fuga é característica das religiões orientais. Basta compararmos a vida contemplativa e os ensinamentos disciplinares de Buda com a vida ativa e os ensinamentos morais do Cristo, para vermos a diferença entre o espírito oriental e o espírito ocidental nas religiões.

Na mensagem intitulada “O homem no mundo”, constante do capítulo XVII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, encontramos o seguinte trecho: “Não penseis que, ao vos exortar à prece e à evocação mental, queiramos levar-vos a viver uma vida mística que vos mantenha fora das leis da sociedade. Não. Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens. Sacrificai-vos às necessidades e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com o sentimento de pureza que as possa purificar”. E no capítulo “A Lei de Sociedade”, de *O Livro dos Espíritos*, a afirmação é taxativa: “Os homens são feitos para viver em sociedade”.

Os médiuns e doutrinadores espíritas têm uma missão eminentemente social. Para bem cumprir essa missão devem servir-se de todos os meios, os mais eficientes possíveis, de divulgação da doutrina. E foi o próprio Jesus quem ensinou que não devemos esconder a lâmpada embaixo da cama, mas colocá-la no alto, para que ilumine a todos.

O CÉU E O INFERNO (A.KARDEC). CAP.III, 1^A.PARTE, “O CÉU”.

“A VIDA SOCIAL”

8. A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca que os homens têm entre si. **A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.**

A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo aquilo que constitui o homem de bem ou perverso, tem por móvel, por objetivo e estímulo, as relações do homem com os semelhantes.

Para o homem que vivesse insulado não haveriam vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, anularia o próprio bem.

LIVRO: JUSTIÇA DIVINA (EMMANUEL). “VIRTUDE SOLITÁRIA”

Há quem deseje tranqüilidade ideal na Terra, com a pretensão de fugir ao erro. Casa branca no alicerce da serra, com o vale rente. Fontes claras, correndo perto, e jardim florido. Clima doce e perfume da natureza. Nenhum aborrecimento. Nenhum cuidado. Falta alguma. Problema algum. Solidão saborosa em que o morador consiga estirar-se, inerte, em poltronas e redes.

No entanto, é no trato da luta que as forças se enrijam e as qualidades se aperfeiçoam. Considerando-se que o mal é a experiência inferior nos quadros da experiência mais nobre, é no serviço do amparo mútuo e da tolerância recíproca que havemos de transformá-lo em bem duradouro, como se tomássemos as nossas próprias sombras de ontem para convertê-las na luz de hoje.

Livres, estamos interligados perante a Lei, para fazer o melhor, e, escravizados aos compromissos expiatórios, estaremos acorrentados uns aos outros no instituto da reencarnação, segundo a Lei, para anular o pior que já foi feito por nós mesmos nas existências passadas.

Ninguém progride sem alguém.

Abençoemos, assim, as provações que nos abençoam. Trabalho é ascensão. Dor é burilamento. Toda adversidade avisa, todo sofrimento instrui, todo pranto lava, toda dificuldade esclarece e toda crise seleciona.

Virtude solitária é pão na vitrine. Competência no palanque é usura da alma. Todos somos alunos na escola da vida. E ninguém consegue aprender sem dar a lição.

A GÊNESE (A. KARDEC). CAP. XI – GÊNESE ESPIRITUAL: “PRINCÍPIO ESPIRITUAL”. Item 28:

Quando os Espíritos adquiriram em um mundo a soma de progresso que compor-te o estado daquele mundo, eles o deixam para se encarnar noutra mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim por diante, até que a encarnação em um corpo material já não lhes é mais útil; passam a viver exclusivamente na vida espiritual, na qual progredem ainda num outro sentido e mediante outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade; admitidos aos conselhos do Todo-Poderoso, recebem o seu pensamento, e tornam-se seus mensageiros, seus ministros diretos, para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos que se encontram em diferentes graus de progresso.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, em qualquer grau da hierarquia em que se encontrem, desde o menor até o maior, têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo: todos são úteis ao conjunto ao mesmo tempo que são úteis a si mesmos; aos menos adiantados, como se se tratasse de simples serviçais, incumbe uma tarefa material, a princípio inconsciente, depois gradualmente intelectual. Por toda parte se exerce a atividade do mundo espiritual, e nela não se encontra a inútil ociosidade, em nenhum lugar.

A coletividade dos Espíritos é, de alguma forma, a alma do Universo; é o elemento espiritual que age em todas as partes, sob o impulso do pensamento divino. Sem este elemento, nada há senão a matéria inerte, sem objetivo, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais que deixam uma multidão de problemas insolúveis; pela ação do elemento espiritual **individualizado**, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser; tudo se explica; eis porque sem a espiritualidade, o homem esbarra com dificuldades insuperáveis.

LIVRO: OPINIÃO ESPÍRITA (EMMANUEL/A.LUIZ). “NA LUZ DO TRABALHO”

Beneficência é também agradecer o trabalho alheio e caminhar construindo.

Quando transites na estrada, lança um pensamento de gratidão aos que se feriram nas lajes para que a tivesses; fartando-te à mesa, lembra as dilacerações do lavrador que tratou a semente para que o pão te regalasse; no lar, recorda os que te levantaram o agasalho doméstico, muitas vezes, à custa da própria vida; no simples copo de água que te aplaque a sede, podes meditar nos braços que se conjugaram, em múltiplas tarefas, a fim de que a recolhesses, pura, do filtro...

Em toda parte, inclina-se a vida, à frente de nós, amparando-nos, atenta, de modo a que aprendamos dela o dom de servir.

Não há fruto que apareça maduro. Humilde molho de maravalhas (lascas de madeira) que te garanta o lume exigiu laboriosa atividade da Criação. Tudo o que existe de útil reclamou humildade, disciplina, constância, paciência.

A Sabedoria Divina tudo dispôs para que os grandes e pequenos se entrelacem, na sustentação do bem eterno, conservando cada qual em seu nível de distinção.

O sol alimenta o verme. O verme aduba a terra. A planta nutre o sábio. O sábio ergue a escola.

Por mais brilhe no firmamento, a estrela não faz o papel da flor que perfuma e o oceano imponente não substitui o regato, que canta ignorado nas entranhas da gleba, para que o vale se coroe de verdura.

Tudo se esforça, junto de nós, para que a alegria nos sobeje, além do necessário.

Se já atingiste o discernimento iluminado pela convicção da imortalidade, possuis bastante acústica (impressão que os sons causam no ouvido) no raciocínio para assinalar o apelo constante da vida: trabalha, trabalha!...

Se já sabes que outros mundos se seguem a este mundo por degraus de evolução, não desconheces que o teu merecimento, aqui ou além, será medido por tuas obras.

Não te dês, assim, ao logro do desânimo e nem te confies ao perigoso luxo do tédio.

Reflitamos nas forças do Universo, que nos servem infatigavelmente sem perguntar, e para que a beneficência se nos alteie, genuína, do coração, trabalhemos e trabalhemos.

O CONSOLADOR (EMMANUEL). RELIGIÃO. VELHO TESTAMENTO. “LEI”, QUESTÕES 268 a 274.

268. *Os dez mandamentos recebidos por Moisés no Sinai, base de toda justiça até hoje, no mundo, foram alterados pelas seitas religiosas?* – As seitas religiosas, de todos tempos, pela influenciação de seus sacerdotes, procuram modificar os textos sagrados; todavia, apesar das alterações transitórias, os dez mandamentos, transmitidos à Terra por intermédio de Moisés, voltam sempre a ressurgir na sua pureza primitiva, como base de todo o direito no mundo, sustentáculo de todos os códigos da justiça terrestre.

269. *Como entender a palavra do Velho Testamento quando nos diz que Deus falou a Moisés no Sinai?* – Estais atualmente em condições de compreender que Moisés trazia consigo as mais elevadas faculdades mediúnicas, apesar de suas características de legislador humano. É inconcebível que o grande missionário dos judeus e da Humanidade pudesse ouvir o Espírito de Deus. Estais, porém, habilitados a compreender, agora, que a Lei ou a base da Lei, nos dez mandamentos, foi-lhe ditada pelos emissários de Jesus, porquanto todos os movimentos de evolução material e espiritual do orbe se processaram, como até hoje se processam, sob o seu augusto e misericordioso patrocínio.

270. *Apesar de suas expressões tão humanas, Moisés veio ao mundo como missionário divino?* – Examinando-se os seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou a grande tarefa do missionário hebreu, legítimo emissário do plano superior, para entregar ao mundo terrestre a grande e sublime mensagem da primeira revelação. Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da Humanidade ignorante e materialista.

271. *Moisés transmitiu ao mundo a lei definitiva?* – O profeta de Israel deu à Terra as bases da Lei divina e imutável, mas não toda a Lei, integral e definitiva. Aliás, somos obrigados a reconhecer que os homens receberão as revelações divinas de conformidade com a sua posição evolutiva.

Até agora, a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo (ressuscitado, que voltou à vida), traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus-Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. É que, com o Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade. A Justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, conseqüentemente, esclarece os seus divinos ensinamentos. Eis por que, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimadas realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros.

272. *Qual a significação da lei de talião “olho por olho, dente por dente”, em face da necessidade da redenção de todos os espíritos pelas reencarnações sucessivas?* – A lei de talião prevalece para todos os espíritos que não edificaram ainda o santuário do amor nos corações, e que representam a quase totalidade dos seres humanos. Presos, ainda, aos milênios do pretérito, não cogitaram de aceitar e aplicar o Evangelho a si próprios, permanecendo encarcerados em círculos viciosos de dolorosas reencarnações expiatórias e purificadoras. Moisés proclamou a Lei antiga, muitos séculos antes do Senhor. Como já foi dito, o profeta hebraico apresentava a Revelação com a face divina da Justiça; mas, com Jesus, o homem do mundo recebeu o código perfeito do Amor. Se Moisés ensinava o “olho por olho, dente por dente”, Jesus-Cristo esclarecia que o “amor cobre a multidão dos pecados”. Daí a verdade de que as criaturas humanas se redimirão pelo amor e se elevarão a Deus por ele, anulando com o bem todas as forças que lhes possam encarcerar o coração nos sofrimentos do mundo.

273. *Qual é verdadeiramente o segundo mandamento? – “Não farás imagens esculpadas das coisas que estão nos céus”, etc., segundo alguns textos, ou “Não tomar o seu santo nome em vão”, conforme o ensinamento da igreja católica de Roma?* – A segunda fórmula foi uma tentativa de subversão dos textos primitivos, levada a efeito pela Igreja Romana, a fim de que o seu sacerdócio encontrasse campo livre para desenvolvimento das heranças do paganismo, no que se refere às pomposas demonstrações do culto externo.

274. *Qual a intenção de Moisés no Deuteronômio, recomendando “que ninguém interrogasse os mortos para saber a verdade”?* – Antes de tudo, faz-se preciso considerar que a afirmativa tem sido objeto injusto de largas discussões por parte dos adversários da nova revelação que o Espiritismo trouxe aos homens, na sua feição de Consolador. As expressões sectárias, todavia, devem considerar que a época de Moisés não comportava as indagações ao Invisível, porquanto o comércio com os desencarnados se faria com um material humano excessivamente grosseiro e inferior.

*

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “CRISTIANISMO DE CRISTO”. Pag.51.

A posição do Espiritismo no mundo atual é das mais curiosas. Certas pessoas o consideram tão elevado, tão puro, tão exigente no plano moral, que confessam: “Não posso me dizer espírita, pois ainda não atingi a perfeição necessária”. Outras, pelo contrário, sentem arrepios ao simples enunciar do nome da doutrina, pois entendem que Espiritismo é coisa diabólica, imoral, detestável. Entre os intelectuais, uns declaram enfaticamente: “Espiritismo é ciência; o vulgo não pode entendê-lo”. Outros, porém, o desprezam: “Nada tem de científico, pois é simples superstição, sem conteúdo e sem base”.

De vez em quando aparecem figuras de destaque, nos meios científicos ou clericais, revestidas de títulos pomposos, afirmando que os fatos espíritas não passam de traças ou de ocorrências de natureza puramente hipnótica. Escrevem livros, fazem conferências, dão entrevistas e chegam a praticar exibições hipnóticas em teatros e estações de televisão, para “provar” que o Espiritismo não existe. Ao mesmo tempo, figuras de destaque, inclusive nos meios clericais, reprovam essas atitudes e entendem que os fatos espíritas merecem maior atenção, maior cuidado no seu trato, não podendo ser confundidos com fenômenos comuns de sugestão e hipnotismo.

Em meio a essas contradições, o espírito do povo poderia sentir-se perplexo. Entretanto, o que se nota é que a perplexidade pertence mais às elites, pois o povo compreende pouco das altas disputas dos “doutores” e está acostumado a espetáculos de toda espécie. Longe de aceitar sugestões perturbadoras, o povo, na sua simplicidade e pureza de coração e entendimento, prefere decidir pela sua própria experiência. E esta lhe mostra,

dia a dia, que os fatos espíritas são realidades inegáveis e que o Espiritismo é antes de tudo uma doutrina consoladora, que tanto socorre as necessidades do homem encarnado, quanto ilumina o espírito a respeito dos problemas que ele terá de enfrentar após a morte.

Essa curiosa situação do Espiritismo lembra exatamente o que aconteceu com o Cristianismo no mundo antigo. O apóstolo Paulo, - que era um “apóstolo espiritual”, pois só se converteu e seguiu Jesus graças a um fato mediúnico, - escreveu que os cristãos pregavam uma doutrina que era “escândalo para os judeus e loucura para os gregos”. Porque pregavam o Cristo crucificado, num mundo em que o importante era a vitória social do homem. E judeus, gregos e romanos, cheios de ambição e vaidade, apegados aos seus preconceitos religiosos e culturais, consideravam o Cristianismo uma heresia obscura e uma religião de escravos. Apesar disso, a mensagem cristã espalhou-se no meio do povo, produziu os seus efeitos e transformou o mundo.

Pouco importa que os poderosos de hoje, como Paulo antes do episódio mediúnico da Estrada de Damasco, cheios de sabedoria mundana, de ciência imprecisa ou de intransigência dogmática, lutem contra o Espiritismo. A doutrina nascente encerra em seus princípios todos os germes de um mundo novo, que em breve se firmará sobre a Terra. Traz com ela uma nova ciência, uma nova filosofia e uma nova religião. Sua força renovadora é portanto imensa, e seu processo de penetração é o mesmo da fonte poderosa em que hauriu os seus princípios: o Cristianismo do Cristo, e não o dos seus intérpretes.

Não se inquietem, pois, os meios espíritas, com as ondas de combate à doutrina, que de vez em quando agitam o mundinho estreito do meio em que vivemos. Não se combate senão o que constitui uma ameaça, o que representa alguma coisa. O Espiritismo é combatido justamente por ameaçar os erros dominantes em todos os setores do pensamento contemporâneo, como o Cristianismo combatia os do mundo antigo. Mas, na sua qualidade de prolongamento histórico, e portanto natural e necessário, do Cristianismo, possui o Espiritismo o mesmo impulso dinâmico que levou aquele à vitória.

A mensagem espírita, que é mensagem cristã renovada pelo Consolador, penetra sutilmente nas consciências e nos corações, pelo simples fato de corresponder plenamente aos mais profundos anseios das almas, nesta hora de transição da vida na Terra.

Porque um novo céu e uma nova terra estão sendo elaborados, segundo a profecia apocalíptica, e o Espiritismo é a mensagem nova do Cristo aos corações que sonham com um mundo melhor e mais belo. Não importa que haja os que esbravejam contra a alvorada nascente. O sol nunca pediu licença para nascer e iluminar o mundo. Não importa que haja vacilantes e inquietos. Os ventos novos de um novo dia sopram rajadas de coragem e serenidade, nos rumos do futuro.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS. QUESTÕES 264 E 265: “ESCOLHA DAS PROVAS”

264. O que orienta o Espírito na escolha das provas? – *Ele escolhe as que podem servir de expiação, segundo a natureza de suas faltas, e fazê-lo adiantar mais rapidamente. Uns podem impor-se uma vida de misérias e provações para tentar suportá-la com coragem; outros, querem experimentar as tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas, pelo abuso e o mau emprego que se lhes pode dar e pelas más paixões que desenvolvem; outros, enfim, querem ser provados nas lutas que terão de sustentar no contato com o vício.*

265. Se alguns dos Espíritos escolhem o contato com o vício, como prova, há os que o escolhem por simpatia e pelo desejo de viver num meio adequado aos seus gostos, ou para poderem entregar-se livremente às suas inclinações materiais? – *Há, por certo, mas só entre aqueles cujo senso moral é ainda pouco desenvolvido; a prova decorre disso, e eles a sofrem por tempo mais longo. Cedo ou tarde compreenderão que a satisfação das paixões brutais tem para eles conseqüências deploráveis, que terão de sofrer durante*

um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado até que eles tenham compreendido suas faltas, pedindo por si mesmos o meio de resgatá-las em provas proveitosas.

NA ERA DO ESPÍRITO (EMMANUEL)

“JOVENS DIFÍCEIS” (EMMANUEL)

Terás talvez contigo jovens difíceis para instalar convenientemente na vida. Inquestionavelmente é preciso apoiá-los quanto se nos faça possível. Capacitemo-nos, porém, de que ampará-los não será traçar-lhes a obrigação de copiar-nos os tipos de felicidade ou vivência. Claro que não nos compete o direito de abandoná-los a si próprios quando ainda inexperientes. Entretanto, isso não significa devamos destruir-lhes a vocação, furtando-lhes a autenticidade em que se lhes caracteriza a existência.

Sonharemos para nossos filhos, no Mundo, invejável destaque nas profissões liberais com primorosas titulações acadêmicas, mas é provável hajam renascido conosco para os serviços da gleba, aspirando a adquirir duros calos nas mãos a fim de se realizarem na elevação que demandam. De outras vezes ideamos para eles a formação do lar em que nos premiem o anseio de possuir respeitáveis descendentes. No entanto, é possível estejam conosco para longas experiências em condições de celibato, carregando problemas e provas que lhes dizem respeito ao burilamento espiritual. Às vezes gritamos revoltados contra eles, exigindo nos adotem o modo de ser. Frequentemente, porém, se isso acontece, acabamos por perdê-los em mãos que lhes deslustram os sentimentos ou lhes estragam a vida, quando não os empurramos, inconscientemente, para a fumaça dos tóxicos ou para os despenhadeiros do desequilíbrio mental com que se matriculam nos manicômios.

Compadecer-te dos filhos que pareçam diferentes de ti. Aceita-os como são e auxilia a cada um deles na integração com o trabalho em que se façam dignos da vida que vieram viver. Ampara-os sem imposição e sem violência. Antes de te surgirem à frente por filhos de teu amor, são filhos de Deus, cujo Amor Infinito vela em nós e por nós.

Ainda mesmo quando evidenciem características inquietantes, abençoa-os e orienta-os, quanto possível, a fim de que se mantenham por esteios vivos de rendimento do bem no Bem Comum.

E mesmo quando não te possam compartilhar do teto e se te afastem da companhia, a pretexto de independência, abençoa-os mesmo assim, compreendendo que todos nós, desde que nos vinculemos à ordem e ao trabalho no dever que nos compete, sem prejudicar a ninguém, desfrutamos por Lei Divina o privilégio de descobrir qual é para nós o melhor caminho de agir e servir, viver e sobreviver.

“O AMPARO DOS PAIS” (IRMÃO SAULO, ou, J.HERCULANO PIRES)

Todos os jovens precisam do amparo dos pais, embora na adolescência, em geral, a rebeldia dos filhos seja inevitável. Uma tradição de severidade paterna, pautada pelo autoritarismo político e religioso, deu aos pais o conceito errôneo de que devem sujeitar os filhos – e particularmente os jovens – aos seus princípios e maneira de ser. Mas os jovens trazem a sua própria personalidade e o seu próprio roteiro de vida, e justamente nessa fase da adolescência estão firmando o seu *eu* diante do mundo.

É conhecido o problema da “crise da adolescência”, sobre a qual Maurice Debesse escreveu um dos seus livros mais belos e profundos. Mas é em René Hubert, no capítulo sobre a Psicologia da Juventude, de sua “Pedagogia Geral”, que encontramos maior sintonia com os princípios espíritas. Psicólogos e Pedagogos conhecem bem esse problema que responde pelo chamado “conflito de gerações”. Emmanuel nos dá a sua chave ao lembrar que cada espírito já traz para a Terra a sua prova e o seu roteiro de serviço, escolhidos livremente na vida espiritual segundo as suas necessidades de evolução e aprimoramento.

O amparo dos pais não pode ser dado por meio de imposição e autoritarismo, sob pena de deixar de ser amparo para se transformar em tirania. Se o “conflito de gerações” sempre existiu no mundo, agora se mostra mais violento porque o tempo da tirania está no fim e porque a era de transição em que vivemos acentua nos jovens os anseios do futuro. Os pais só poderão ampará-los se tiverem amor suficiente para compreendê-los e ajudá-los sem exigências. Esta é também uma hora de aprendizado para os pais. E só o amor verdadeiro pelos filhos pode socorrê-los.

O jovem de hoje é o homem de amanhã. Os tempos mudam e não podemos querer sujeitá-los ao nosso modelo. Qualquer coação paterna só poderá afastá-los de casa e da família, lançando-os a meios e companhias perigosos. A verdadeira educação é o equilíbrio entre o amor e a compreensão. A energia paterna e a disciplina filial brotam naturalmente entre essas duas margens, fluindo como as águas de uma fonte na paisagem da vida.

O CONSOLADOR (EMMANUEL). Segunda Parte. FILOSOFIA. VIDA. “EXPERIÊNCIA”: (Questões 131 a 135).

131. *Como adquire experiência o Espírito encarnado?* – A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito, como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. É trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.

132. *Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?* – Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens. O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloqüente testemunho. Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

133. *Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?* – Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos. A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escolha do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular.

134. *Como pode o homem agravar ou amenizar o determinismo de sua vida?* – A determinação divina na sagrada lei universal é sempre a do bem e da felicidade, para todas as criaturas. No lar humano, não vedes um pai amoroso e ativo, com um largo programa de trabalhos pela ventura dos filhos? E cada filho, cessado o esforço da educação na infância, na preparação para a vida, não deveria ser um colaborador fiel da generosa providência paterna pelo bem de toda a comunidade familiar? Entretanto, a maioria dos

pais humanos deixa a Terra sem ser compreendida, apesar de todo o esforço despendido na educação dos filhos.

Nessa imagem muito frágil, em comparação com a paternidade divina, temos um símile da situação. O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina, e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida. Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.

Nesse trabalho de ordenar com Deus, o filho necessita considerar o zelo e o amor paternos, a fim de não desviar sua tarefa do caminho reto, supondo-se senhor arbitrário das situações, complicando a vida da família humana, e adquirindo determinados compromissos, por vezes bastante penosos, porque, contrariamente ao propósito dos pais, há filhos que desbaratam os “talentos” colocados em suas mãos, na preguiça, no egoísmo, na vaidade ou no orgulho.

Daí a necessidade de concluirmos com a apologia (defesa) da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age com a sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que o seu esforço individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.

135. *Se o determinismo divino é o do bem, quem criou o mal?* – O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita (indevida) na harmonia divina.

Eis o mal.

Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime.

Eis o resgate.

Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas.

O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências. Mas, como Jesus, e os seus prepostos são seus cooperadores divinos, e eles próprios instituem as tarefas contra o desvio das criaturas humanas, focalizam os prejuízos do mal com a força de suas responsabilidades educativas, a fim de que a Humanidade siga retamente no seu verdadeiro caminho para Deus.

(continua no próximo capítulo).

LIVRO “EMMANUEL” (EMMANUEL). “QUATRO QUESTÕES DE FILOSOFIA.

Determinismo e Livre-arbítrio

Pergunta – O futuro, de um modo geral, estará rigorosamente determinado, como parece demonstrado pelos fenômenos ditos premonitórios, ou esses fenômenos envolvem um determinismo conciliável com os dados imediatos da consciência sobre os quais são geralmente estabelecidas as noções de liberdade e responsabilidade individuais? E em que termos, nestes últimos casos, se exerce esse determinismo, do ponto de vista teleológico (teleologia = doutrina que considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins)?

Resposta – Os seres da minha esfera não conhecem o futuro, nem podem interferir nas coisas que lhe pertencem. Acreditamos, todavia, que o porvir, sem estar rigorosamente determinado, está previsto nas suas linhas gerais.

Imaginaí um homem que fosse efetuar uma viagem. Todo o seu trajeto está previsto: dia de partida, caminhos, etapas, dia de chegada. Todas as atividades, contudo, no transcurso da viagem, estão afetadas ao viajante, que se pode desviar ou não do roteiro traçado, segundo os ditames da sua vontade. Daí se infere que o livre-arbítrio é lei irrevogável na esfera individual, perfeitamente separável das questões do destino, anteriormente preparado. Os atos premonitórios são sempre dirigidos por entidades superiores, que procuram demonstrar a verdade de que a criatura não se reduz a um complexo de oxigênio, fosfato, etc., e que, além das percepções limitadas do homem físico, estão as faculdades superiores do homem transcendente.

O Tempo e o Espaço

Pergunta – O espaço e o tempo serão apenas formas viciosas (subjetivas) do intelecto, ou terão uma expressão objetiva no esquema da realidade pura? E, neste último caso, quais serão as relações fundamentais entre espaço e tempo?

Resposta - No esquema das realidades eternas e absolutas, tempo e espaço não têm expressões objetivas; se são propriamente formas viciosas do vosso intelecto, elas são precisas ao homem como expressões de controle dos fenômenos da sua existência. As figuras (tempo e espaço), em cada plano de aperfeiçoamento da vida, são correspondentes à organização através da qual o Espírito se manifesta.

Espírito e Matéria

Pergunta – Será lícito (permitido, correto, justo) considerar-se espírito e matéria como dois estados alotrópicos (mudança de forma) de um só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpetuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitária do Universo?

Resposta – É lícito (permitido, correto, justo) considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância. O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos.

A ciência terrena, no estudo das vibrações, chegará a conceber a unidade de todas as forças físicas e psíquicas do Universo. O homem, porém, terá sempre um limite nas suas investigações sobre a matéria e o movimento. Esse limite é determinado por leis sábias e justas, mas, cientificamente, poderemos classificar esse estado inibitório como oriundo da estrutura do seu olho e da insuficiência das suas faculdades sensoriais.

O Princípio de Unidade (Perfeição)

Pergunta – Todos nós temos consciência dos princípios de unidade e variação, ou de universalidade e individualidade, que funcionam juntos em nosso mundo. Onde se encontra o ponto de interação, ou lugar de reunião desses dois termos opostos?

Resposta – Se temos aí consciência dos princípios de unidade e variação, ainda aqui os observamos, sem haver descoberto o seu ponto íntimo de união.

Todavia, o princípio soberano de unidade absorve todas as variações, crendo nós que, sem perdermos a consciência individual no transcurso dos milênios, chegaremos a reunir-nos no grande princípio de unidade, que é a perfeição.

*

III – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “PROVAS EMPÍRICAS”. Pág.16.

“Por que materializar espíritos, quando o que mais precisamos é de espiritualizar homens?” pergunta-nos um leitor. A resposta é simples: porque assim provamos a existência do espírito. As tentativas de espiritualização do homem através da razão e da fé, de que a Idade Média nos oferece o mais completo exemplo, não deram os resultados desejados. Pelo contrário: o desenvolvimento do materialismo, através das ciências empíricas, ameaçou de destruição completa o edifício milenar da fé. E foi exatamente nessa hora que os fenômenos espíritas reagiram contra o materialismo, usando, como diz Kardec, as mesmas armas deste e no seu próprio campo de ação.

As pessoas satisfeitas com as teorias espirituais que esposam, em geral não compreendem a necessidade de provas materiais da existência do espírito. Mas a própria história se incumbe de nos mostrar que essas provas são necessárias, a começar pelo episódio de São Tomé. Os homens se dividem, segundo um princípio filosófico, em racionais e empíricos. Os racionais se contentam com a demonstração de tipo silogístico, aristotélico, mas os empíricos exigem a experiência concreta, querem pôr os dedos nas chagas. E se os primeiros são bem-aventurados, nem por isso o Cristo desprezou os segundos, pois submeteu-se à prova. Por outro lado, é preciso convir que Kant tinha razão, ao mostrar que a razão pura pode levar-nos a todas as antinomias.

Há muitos espíritas que nunca puseram os dedos nas chagas. Muitos bem-aventurados que se fizeram espíritas por força do simples raciocínio. Mas há outros que só chegaram à concepção espírita depois de longas lutas, anos de dúvida e hesitação, durante os quais as provas materiais exerceram papel decisivo no seu processo pessoal de espiritualização. Os fenômenos físicos da mediunidade: “raps”, movimento de objetos, materializações e desmaterializações parciais ou totais, e voz direta (pelo qual os espíritos falam diretamente, vibrando sua voz no ar, sem se servirem do aparelho vocal do médium), constituem a base das pesquisas científicas do Espiritismo. E alguém poderá alegar a inutilidade dessas pesquisas, na era científica em que vivemos?

Quantos desesperos, quantas angústias, foram e são minorados pelas experiências de materialização! Isso prova que as materializações não pertencem apenas à ciência, mas também à religião. São uma das formas mais eficientes de consolação oferecidas pela doutrina espírita. Frederico Figner e sua esposa, desolados com a perda de sua filha Rachel, só encontram consolo quando a menina se materializa nas famosas sessões da médium Ana Prado, no Pará, provando-lhes que não havia sido destruída pela morte e pedindo à mãe que tirasse o luto. Lombroso, o grande criminologista italiano, sente-se renovado ao ver sua mãe materializada, numa sessão com Eusápia Paladino. As materializações consolam, confortam, renovam o homem, abrem-lhe perspectivas novas ao pensamento, demonstrando de maneira concreta a continuidade da vida após a morte. Foi graças a elas que Richet, o grande fisiologista, depois de angustiantes dúvidas, rendeu-se à evidência da sobrevivência e declarou, numa carta a Cairbar Schutel: “A morte é a porta da vida”.

Há quem se mostre aterrorizado com a possibilidade dos fenômenos de materialização, como aconteceu com o escritor Thomaz Man. O medo da morte, cultivado no homem ocidental através de milênios, tem raízes profundas. Mas há também os que se ale-

gram e se entusiasma com eles, como o escritor Denis Bradley em “Rumo às Estrelas”. A verdade, porém, é que, existindo os fenômenos, devem ser objeto de pesquisa. O Espiritismo não os utiliza somente para provar a sobrevivência espiritual, mas também e principalmente para investigar as relações existentes entre o sensível e o inteligível, a forma e a matéria, o corpo espiritual (do apóstolo Paulo) e o corpo material, a alma e o corpo das concepções religiosas. Esse problema é de importância fundamental para o homem, muito mais que a desintegração atômica e a conquista do espaço sideral. E os fenômenos de materialização encerram os segredos da sua solução.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS. Cap. II. O Maravilhoso e o Sobrenatural. Questão n. 7, “**O Pensamento**”.

Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia com certa razão ser suspeita de ilusória. Mas quem nos diria então porque ela se encontra tão viva entre todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Isso, dizem alguns críticos, é porque o homem, em todos os tempos, teve amor ao maravilhoso. – Mas que é o maravilhoso, segundo vós? – Aquilo que é sobrenatural. – E que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às leis da Natureza. – Então conheceis tão bem essas leis que podeis marcar limites ao poder de Deus? Muito bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que elas não são e não podem ser uma dessas leis. Observai a Doutrina Espírita e vereis se no seu encadeamento elas não apresentam todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que os princípios filosóficos até agora não puderam resolver.

O pensamento é um atributo do Espírito. A possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos, e, portanto de transmitir-nos o seu pensamento é uma conseqüência, podemos dizer, da sua própria constituição fisiológica. Não há, pois, nesse fato, nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. (A Parapsicologia confirma hoje, cientificamente, através de pesquisas de laboratório, a naturalidade desses fenômenos. Nota do tradutor José Herculano Pires). Mas que um homem morto e bem morto possa ressuscitar corporalmente, que os seus membros dispersos se reúnam para restabelecer-lhe o corpo, eis o que é maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Isso, sim, seria uma verdadeira interrogação, que Deus só poderia fazer através de um milagre. Mas não há nada de semelhante na Doutrina Espírita.

SEARA DOS MÉDIUNS (EMMANUEL). “**Cartão de Visita**” (O pensamento)

Em qualquer estudo da mediunidade, não podemos esquecer que o pensamento vige na base de todos os fenômenos de sintonia na esfera da alma. Analisando-o, palidamente, tomemos a imagem da vela acesa, apesar de imprópria para as nossas anotações. A vela acesa arroja de si fótons ou força luminosa. O cérebro exterioriza princípios inteligentes ou energia mental. Na primeira, temos a chama. No segundo, identificamos a idéia. Uma e outro (chama e cérebro) possuem campos característicos de atuação, que é tanto mais vigorosa quanto mais se mostre perto do fulcro emissor. No fundo, os agentes a que nos referimos são neutros em si.

Imaginemos, no entanto, o lume conduzido. Tanto pode revelar o caminho de um santuário, quanto a trilha de um pântano. Tanto ajuda os braços do malfeitor na execução de um crime, quanto auxilia as mãos do benfeitor no levantamento das boas obras. Verificamos, no símile, que a energia mental, inelutavelmente ligada à consciência que a produz, obedece à vontade. E, compreendendo-se no pensamento a primeira estação de abordagem magnética, em nossas relações uns com os outros, seja qual for a mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico.

Observa, pois, os próprios impulsos. Desejando, sentes. Sentindo, pensas. Pensando, realizas. Realizando, atraís. Atraindo, refletés. E, refletindo, estendes a própria influência, acrescida dos fatores de indução do grupo com que te afinas.

O pensamento é, portanto, nosso cartão de visita. Com ele, representamos ao pé dos outros, conforme nossos próprios desejos, a harmonia ou a perturbação, a saúde ou a doença, a intolerância ou o entendimento, a luz dos construtores do bem ou a sombra dos carregadores do mal.

O CONSOLADOR (EMMANUEL). CIÊNCIA. FÍSICA. Questões 15 a 26.

15. *Existem Espíritos especialmente encarregados da execução das leis físicas no planeta terrestre?* – Essa verdade é incontestável, e o homem poderá examinar e estudar constantemente, auferindo o melhor proveito na sua rotina de esforços perseverantes; porém, todas as definições do materialismo serão inúteis em face da realidade irrefutável dos fatores transcendentais, em todos os grandes fenômenos físicos da Natureza.

16. *As novas revelações científicas positivadas pelos professores Thomson, Rutherford, Ramsay e Soddy, entre outros, no campo da Física, sobre os átomos e os electrons, são passíveis de fornecer o exato conhecimento de todas as etapas da evolução animica?* – A ciência, propriamente humana, poderá estabelecer bases convencionais, mas não a base legítima, em sua origem divina, porquanto os átomos e os electrons são fases de caracterização da matéria, sem constituírem o princípio nessa escala sem-fim, que se verifica, igualmente, para o plano dos infinitamente pequenos.

17. *Como são considerados, no plano espiritual, os conhecimentos atuais da Física na Terra?* – As noções modernas da Física aproximam-se, cada vez mais, do conhecimento das leis universais, em cujo ápice repousa a diretriz divina que governa todos os mundos. Os sistemas antigos envelheceram. As concepções de ontem deram lugar a novas deduções. Estudos recentes da matéria vos fazem conhecer que os seus elementos se dissociam pela análise, que o átomo não é indivisível, que toda expressão material pode ser convertida em força e que toda energia volta ao reservatório do éter universal. Com o tempo, as fórmulas acadêmicas se renovarão em outros conceitos da realidade transcendente, e os físicos da Terra não poderão dispensar Deus nas suas ilações, reintegrando a Natureza na sua posição de campo passivo, onde a inteligência divina se manifesta.

18. *Onde o ponto imediato de observação para que a Física reconheça a existência de Deus?* – Desde o ponto inicial de suas observações, a Física é obrigada a reconhecer a existência de Deus em seus divinos atributos. Para demonstrar o sistema do mundo, o cientista não recorreu ao chamado “eixo imaginário”? Basta essa incógnita para que o homem seja conduzido a ilações mais altas, no domínio do transcendente. A mecânica celeste prova a irrefutabilidade da teoria do movimento. O planeta move-se na imensidade. A matéria vibra nas suas mais diversificadas expressões. Quem gerou o movimento? Quem forneceu o primeiro impulso vibratório no organismo universal? A Ciência esclarece que a energia faz o movimento, mas a força é cega e a matéria não tem características de espontaneidade. Só na inteligência divina encontramos a origem de toda coordenação e de todo equilíbrio, razão pela qual, nas suas questões mais íntimas, a Física da Terra não poderá prescindir da lógica com Deus.

19. *As noções de física conhecidas pelos homens são definições reais e definitivas?* – Os homens possuem da matéria a conceituação possível de ser fornecida pela sua mente, compreendendo-se que o aspecto real do mundo não é aquele que os olhos mortais podem abranger, porquanto as percepções humanas estão condicionadas ao plano sensorial, sem que o homem consiga ultrapassar o domínio de determinadas vibrações. Mergulhadas nas vibrações pesadas dos círculos da carne, as criaturas têm notícias muito imperfeitas do Universo, em razão da exigüidade dos seus pobres cinco sentidos. É por isso que o homem terá sempre um limite nas suas observações da matéria, força e movimento, não só pela deficiência de percepção sensorial, como também pela estrutura do olho, onde a

sabedoria divina delimitou as possibilidades humanas de análise, de modo a valorizar os esforços e iniciativas da criatura.

20. *Como poderemos compreender o éter?* – Nos círculos científicos do planeta muito se tem falado do éter, sem que possa alguém fornecer uma imagem perfeita da sua realidade, nas convenções conhecidas. E, de fato, o homem não pode imaginá-lo, dentro das percepções acanhadas da sua mente. Por nossa vez, não poderemos proporcionar a vós outros uma noção mais avançada, em vista da ausência de termos de analogia. Se, como desencarnados, começamos a examiná-lo na sua essência profunda, para os homens da Terra o éter é quase uma abstração. De qualquer modo, porém, busquemos entendê-lo como fluido sagrado da vida, que se encontra em todo o cosmo; fluido essencial do Universo, que, em todas as direções, é o veículo do pensamento divino.

21. *Pode a Física oferecer-nos elementos para apreciar o plano divino da evolução?* – Também aí podereis observar a profunda beleza das leis universais. Ao sopro inteligente da vontade divina, condensa-se a matéria cósmica no organismo do Universo. Surgem as grandes massas das nebulosas e, em seguida, a família dos mundos, regendo-se em seus movimentos pelas leis do equilíbrio, dentro da atração, no corpo infinito do cosmo.

O ciclo da evolução apresenta aí um dos seus aspectos mais belos. Sob a diretriz divina, a matéria produz a força, a força gera o movimento, o movimento faz surgir o equilíbrio da atração e a atração se transforma em amor, identificando-se todos os planos da vida na mesma lei de unidade estabelecida no Universo pela sabedoria divina.

22. *A substância é igual em todos os mundos? Como compreender a revelação dos espectroscópios (Aparelho que fornece uma representação visual de um espectro de frequência ou de energia; espectro = fantasma, aparição ilusória.)?* – Reconhecido o axioma de que o Universo obedece a uma lei de unidade, somos obrigados a reconhecer que o que se encontra no todo existe igualmente nas partes. Contudo, o espectroscópio não vos poderá revelar todas as substâncias que se encontram nos outros mundos, e não podemos esquecer que a Terra é um apartamento muito singelo dentro do edifício universal, sem que possamos conhecer, pelos seus detalhes modestos, a grandeza infinita da obra do Criador.

23. *Existe uma lei de equilíbrio e uma lei de fluidos?* – As grandes leis gerais do equilíbrio têm a sua sede sagrada em Deus, fonte perene de toda vida. E, em se falando da lei de fluidos, cada orbe a possui de conformidade com a sua organização planetária. Com relação ao plano terrestre, somente Jesus e os seus mensageiros mais elevados conhecem os seus processos, com a devida plenitude, constituindo essa lei um campo divino de estudos, não só para a mentalidade humana, como também para os seres desencarnados que já se redimiram dos labores mais grosseiros junto dos círculos da carne, a fim de evolutivarem nas esferas mais próximas do cenário terrestre.

24. *As leis da gravitação são análogas em todos os planetas?* – As leis da gravitação não podem ser as mesmas para todos os planetas, mesmo porque, em face da vossa evolução científica, já compreendeis que os princípios newtonianos foram substituídos, de algum modo, pelos conceitos de relatividade, conceitos esses que, por sua vez, seguirão, igualmente, o curso progressivo do conhecimento.

25. *O teledinamismo (teledinâmica = Transmissão à distância da força, em particular da força elétrica) é aplicado nas relações entre os planos visível e invisível?* – Sendo o teledinamismo a ação de forças que atuam à distância, cumpre-nos esclarecer que, no fenômeno das comunicações, muitas vezes entram em jogo as ações teledinâmicas, imprescindíveis a certas expressões do mediunismo.

26. *Ante os princípios da Física, como poderemos compreender o magnetismo e quais as suas características no intercâmbio entre encarnados e desencarnados?* – O magnetismo é um fenômeno da vida, por constituir manifestação natural em todos os se-

res. Se a ciência do mundo já atingiu o campo de equações notáveis nas experiências relativas ao assunto provando a generalidade e a delicadeza dos fenômenos magnéticos, deveis compreender que as exteriorizações dessa natureza, nas relações entre os dois mundos, são sempre mais elevadas e sutis, em virtude de serem, aí, uma expressão de vida superior.

A GÊNESE (A. KARDEC). CAP. III: “O BEM E O MAL”, ITENS 1 a 10.

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo tal princípio todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo que dele provém deve participar de seus atributos, pois que aquilo que é infinitamente sábio, justo e bom, não pode produzir nada que seja desrazoável, mau e injusto. Portanto, o mal que observamos não pode ter sua origem nele.

2. Se o mal fosse atribuição de um ente especial, chamado Ahriman ou Satanás, de duas coisas uma: **1) ou tal entidade seria igual a Deus**, e por conseguinte tão poderoso quanto ele, teria existido por toda a eternidade como ele **ou, 2) lhe seria inferior**.

No primeiro caso (igual a Deus), haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra houvesse feito, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de visão que se revela na disposição do universo.

No segundo (inferior a Deus), sendo esta entidade inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinada; não podendo ter existido, como ele, por toda a eternidade, sem ser seu igual, teria tido um começo; se ele foi criado, não o pode ter sido, senão por Deus; Deus teria assim criado o Espírito do mal, o que seria a negação da infinita bondade. (Vide ‘Céu e Inferno Segundo o Espiritismo’, Cap. X, ‘Os Demônios’.)

3. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie físicos ou morais, que afligem a humanidade, apresentam duas categorias que é necessário distinguir: tais são os males que o homem pode evitar, e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, colocam-se os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abarcar o conjunto das finalidades do Criador; julga as coisas do ponto de vista de sua personalidade, dos interesses de grupos e das convenções que para si criaram, as quais não existem na ordem da Natureza; é por isso que ele freqüentemente encontra coisas más e injustas, as quais consideraria justas e admiráveis, se percebesse suas causas, sua finalidade e o resultado final. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo traz o sinal da sabedoria infinita e ele se inclinará diante de tal sabedoria, mesmo em relação às coisas que não compreende.

4. O homem recebeu como partilha uma inteligência com cujo auxílio pode anular, ou pelo menos em grande parte atenuar, os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais saber adquire, e mais avança em civilização, menos são desastrosos tais flagelos; com uma organização social sabiamente previdente poderá mesmo neutralizar as suas conseqüências, uma vez que não as poderá evitar totalmente. Deus deu ao homem, pelas faculdades de que dotou o seu Espírito, os meios de paralisar no futuro até mesmo os efeitos daqueles flagelos que têm sua utilidade no quadro geral da Natureza, os quais, contudo, atualmente atingem os homens no presente.

É assim que ele saneia os terrenos insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza os terrenos incultos, e exerce seu engenho na preservação das inundações; edifica para si habitações mais sadias, mais sólidas, a fim de resistir aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera, e coloca-se ao abrigo das intempéries; é assim, enfim, que pouco a pouco, a necessidade o estimula à criação das ciências, com cujo auxílio melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

5. Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante ao exercício de sua inteligência, de todas as faculdades físicas e morais, mediante o incitamento à pesquisa dos meios de se subtrair aos mesmos males. Se nada receasse, nenhuma necessidade o levaria à busca do que é melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; nada inventaria e nada descobriria. **A dor é o agulhão que empurra o homem para a frente na via do progresso.**

6. Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem criou para si, por seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cobiça, de seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas geram, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo mais forte, enfim, da maior parte das moléstias.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria, as quais não têm outra finalidade senão o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que é necessário para segui-las; seu caminho é traçado por sua consciência; a lei divina está gravada em seu coração; e, além disso, Deus as faz lembrar sem cessar, por seus messias e seus profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, moralizá-lo, aperfeiçoá-lo, e nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todos os lugares. **Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não é duvidoso que evitaria os males mais amargos, e que viveria feliz sobre a terra.** Se não o faz, é em virtude de seu livre-arbítrio, e disso ele sofre as conseqüências. (**Evangelho Segundo o Espiritismo**, cap. V., ns. 4,5,6 e seguintes).

7. Deus, porém, cheio de bondade colocou o remédio ao lado do mal, isto é, do próprio mal faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e faz com que o homem sinta necessidade de mudar de caminho; instruído pela experiência, é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por efeito de seu livre arbítrio; quando penetra num caminho melhor, o faz por efeito de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro traçado. A necessidade o obriga a se melhorar moralmente pelo desejo de ser mais feliz, assim como esta mesma necessidade o impeliu a melhorar as condições materiais de sua existência (n. 5).

8. Pode-se dizer que **o mal é a ausência do bem, como o frio é a falta do calor. O mal não é um atributo distinto, assim como o frio não é um fluido especial; um é a negação do outro.** Onde o bem não existe, forçosamente existe o mal; deixar de fazer o mal já é o começo do bem. **Deus não quer senão o bem; o mal provém unicamente do homem. Se na criação houvesse um ser predisposto ao mal, ninguém o poderia evitar; porém, tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, e tendo ao mesmo tempo seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitará o mal quando quiser.**

Tomemos, para comparação, um fato vulgar. Um proprietário sabe que a extremidade de seu campo é um lugar perigoso no qual poderia perecer ou machucar-se quem ali se aventurasse. Que faz ele para evitar os acidentes? Coloca nas proximidades de tal lugar um aviso proibindo que prossigam os que por ali passam, devido ao perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não lhe dá atenção e ultrapassa tal lugar, e se assim chega a um mau resultado, a quem poderá ele responsabilizar, senão a si mesmo?

Assim sucede com todo o mal; o homem o evitaria se observasse as leis divinas; para exemplificar, Deus colocou um limite à satisfação de suas necessidades; o homem é advertido à saciedade; se ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As moléstias, as enfermidades, a morte que delas podem resultar, são o resultado de sua imprevidência, e não de ato de Deus.

9. Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem, e sendo o homem criado por Deus, dir-se-ia, ter Deus criado senão o mal, pelo menos a causa do mal; tivesse ele feito o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente ao bem; ora, em virtude de seu livre-arbítrio, ele não é fatalmente levado, nem ao bem, nem ao mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse o fruto de seu próprio trabalho, a fim de que tivesse o mérito desse trabalho, do mesmo modo que carrega a responsabilidade do mal que é feito por sua vontade. Levanta-se, pois, a questão, de saber qual é, no homem, a fonte da propensão para o mal. (Nota: O erro consiste em pretender que a alma saia perfeita das mãos do Criador, enquanto que este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da purificação gradual do Espírito e sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude de seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e que alcançasse suas finalidades mediante uma vida militante, e em resistência ao mal. Se houvesse criado a alma perfeita como ele, e, ao sair de suas, já lhe houvesse assegurado sua beatitude eterna, ele a teria feito, não à sua imagem, mas sim, semelhante a si próprio – Bonnamy, Juiz de instrução: “A Razão do Espiritismo”- cap. VI).

10. Se estudarmos todas as paixões, e assim também todos os vícios, veremos que ambos têm seu princípio no instinto de conservação. Tal instinto existe com toda sua força, nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais à animalidade; aí ele domina sózinho, porque em tais seres, ainda não existe o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu na vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, pois que a inteligência domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases de sua existência corporal, apenas tem necessidades materiais a satisfazer, e com vistas a esta finalidade o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, **materialmente falando**. Entretanto, saindo desse período, tem outras necessidades; a princípio necessidades semimorais e semimateriais, e depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele abafa o jugo da matéria, avança em sua estrada providencial, aproxima-se de seu destino final. Se, ao contrário, deixa dominar-se por ela, o Espírito se retarda, assemelhando-se ao bruto. **Nesta situação, o que outrora era um bem, porque era uma necessidade de sua natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade, mas porque tal se torna nocivo à espiritualização do ser.** De modo semelhante: o que é qualidade na criança torna-se defeito no adulto. Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de progresso.

Logo, todas as paixões têm sua utilidade providencial; sem isso, Deus teria feito algo de inútil e de nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais adiante, esclarecido por seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem e o mal.

LIVRO: OPINIÃO ESPÍRITA (EMMANUEL/A.LUIZ) – “QUANDO SOFRERES” (Mensagem referente ao item 5, Cap. III, de A Gênese – O Bem e o Mal – acima estudado)

Quando sofreres, pensa no indefinível poder da renovação que flui dos vencidos!...

Os gritos dos déspotas da antiguidade que pompeavam irrisório triunfo desapareceram, encaminhados pela morte à piedade da cinza para que se lhes apagasse a memória, mas a justiça tomou as lágrimas de quantos lhes caíram sob os carros sanguinolentos para gravar as leis (Códigos Penais e Civis) que enobrecem a Humanidade.

Os sarcasmos dos que traficavam com a vida dos semelhantes foram abafados na estreiteza do túmulo, mas o pranto dos escravos, que cambaleavam aos rebenques (pequeno chicote de couro, geralmente em forma de bengala) do cativo, lavou os olhos das nações conscientes, para que contemplassem o clarão inextinguível da liberdade.

Quando sofreres por alguém ou por alguma causa nobre, medita naquele que a Sabedoria Divina enviou à Terra, para o engrandecimento de todos. A Eterna Bondade fê-lo nascer, sob cânticos angélicos ao fulgor de uma estrela, e consentiu que se lhe negasse um berço entre os homens. Situou-lhe a divina embaixada, entre aqueles que detinham no

mundo as mais elevadas noções religiosas e não impediu lhe ignorassem a presença. Dotou-o de carismas sublimes com que reerguesse os paralíticos e iluminasse os cegos e deu-lhe a estrada por moradia. Colocou-lhe a ciência do Universo na palavra simples, mas não lhe deu qualquer cenáculo de pedra aos ensinamentos, conquanto providenciasse para que os deserdados e os enfermos, os cansados e os infelizes lhe integrassem a assembléia de ouvintes na largueza do campo. Revestiu-lhe a influência pessoal com todos os atributos do bem e deixou que o mal lhe alcançasse o círculo dos amigos mais íntimos. E quando lhe tapizaram (atapetaram) o caminho com palmas de vitória, no intuito de lhe entregarem o cetro da autoridade, permitiu que a sombra envolvesse aqueles que mais o admiravam e, quase defronte a eminência do Moriah (montanha), em cujo tope se erguia o templo de Salomão, como sendo o mais suntuoso dos monumentos levantados na Terra, em louvor do Deus único, não obsteu se lhe desse um monte desolado para a morte num lenho entre malfeitores, a fim de que ele formasse entre os milhões de aflitos e incompreendidos de todos os tempos!...

Quando sofreres para que haja bondade e verdade, felicidade e concórdia, pensa em Cristo e compreenderás que ninguém consegue realmente auxiliar a ninguém sem amor e sem dor.

OBRAS PÓSTUMAS (A. KARDEC). PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIONAL, II – A ALMA.

Há no homem um princípio inteligente que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.

Se o pensamento fosse propriedade da matéria, a matéria bruta pensaria; mas a matéria inerte evidentemente não possui faculdades intelectuais e o corpo logo que morre cessa de manifestar pensamentos; portanto é de rigor concluir que a alma é independente da matéria e que os órgãos corpóreos não são senão instrumentos de que se serve o homem para transmitir os pensamentos. (Este princípio está hoje confirmado pela Ciência, graças às pesquisas da Parapsicologia. O Prof. Rhine e todos os cientistas da sua escola sustentam que a mente e o pensamento não são físicos, mas extrafísicos. Há no homem um elemento não material que é a alma. Também na Física já se descobriu a antimatéria. Nota do Revisor J.Herculano Pires)

As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.

Se, como julgam os materialistas, o pensamento fosse uma secreção do cérebro, como a bÍlis o é do fÍgado, resultaria que, morto o corpo, a inteligência e as qualidades morais do homem ficariam reduzidas a nada; os pais, os amigos e todos, a quem se amasse, ficariam para sempre perdidos; o mérito do talento nada valeria, porque só ao acaso deveria as faculdades transcendentais pela organização que teve e entre o imbecil e o sábio a diferença seria apenas de mais ou menos massa cerebral.

As conseqüências desses princípios seriam que o homem, nada esperando depois desta vida, nenhum interesse teria em fazer o bem; que o que é natural é procurar ele todo o gozo possível, mesmo à custa dos outros; que seria estúpido privar-se do que lhe apraz por causa de outrem; que o egoísmo seria o mais racional dos seus sentimentos; que o infeliz, perseguido pela adversidade, o que melhor pode fazer é matar-se, uma vez que, tendo fatalmente de reduzir-se a nada, teria a vantagem de abreviar o tempo de sofrimentos.

A doutrina materialista é pois a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios; a negação da caridade, origem de todas as virtudes, pedra angular da ordem social – bem assim como a justificação do suicídio. (A situação atual do mundo, dominado pelo materialismo teórico e prático, é a mais absoluta confirmação desse princípio. Neste volume o leitor encontrará mensagens espirituais dirigidas a Kardec prevendo essa situação e anunciando grandes *catástrofes morais*. A passagem do religiosismo dogmático para o materialismo dogmático equivale ao salto de um extremo a outro. O Espiritismo aparece como a síntese histórica dessa contradição, oferecendo aos homens a solução cultural do impasse a que chegaram. Nota do Revisor)

A independência da alma é provada pelo Espiritismo.

A existência da alma é provada pelos atos inteligentes do homem, os quais decorrem necessariamente de uma causa inteligente e jamais de uma causa inerte. A sua independência da matéria é demonstrada de modo patente pelos fenômenos espíritas, que a mostram agindo por si mesma; e o é principalmente, pela experiência do seu despreendimento, durante a vida, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir separada do corpo.

A química separa os elementos constitutivos da água, patenteando-lhe propriedade, bem como pode decompor e recompor o corpo composto.

Pois bem!, o Espiritismo pode, do mesmo modo, separar os dois elementos constitutivos do homem: **o espírito e a matéria, a alma e o corpo**; pode separá-los e reuni-los à vontade, donde decorre a prova de sua independência. (Richet assinalou, no *Tratado de Metapsíquica*, a vocação experimental de Kardec e a importância da sua contribuição para o desenvolvimento das Ciências Psíquicas. Todos os princípios do Espiritismo foram submetidos por ele a experiências científicas e a rigorosos processos de análise lógica. A operação referida acima decorre de experiências realizadas milhares e milhares de vezes na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, bem como pelos grandes cientistas franceses, ingleses, alemães, italianos, russos e de outros países que se dedicaram à pesquisa nesse campo. Hoje, os parapsicólogos repetem com êxito essas experiências, confirmando a veracidade dos princípios fundamentais do Espiritismo. Ver *Parapsicologia, Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires, especialmente o capítulo intitulado *Espiritismo e Parapsicologia*. Nota do Rev.).

A alma sobrevive ao corpo e conserva a individualidade depois da morte.

Se a alma não sobrevivesse ao corpo, a única perspectiva do homem seria o nada, do mesmo modo como se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se ela não conservasse a individualidade, isto é, se se perdesse no seio do grande todo, como gotas d'água no oceano, valeria isto pelo nada do pensamento humano, e as conseqüências seriam absolutamente as mesmas como se o homem não tivesse alma.

A sobrevivência da alma prova-se de maneira irrecusável e por assim dizer palpável pelas comunicações espíritas. A sua individualidade demonstra-se pelo caráter e qualidades próprias a cada uma; essas qualidades, distintas umas das outras, constituem a personalidade; se se confundissem em um todo comum, as qualidades de todas seriam unificadas.

Além dessas provas, ainda temos a material das manifestações visuais ou aparições, que são tão freqüentes e tão autênticas a ponto de não deixarem a menor dúvida. (As pesquisas atuais já resultaram na admissão da sobrevivência por vários psicólogos dos mais eminentes. Whately Carington, de Cambridge, Inglaterra, chegou mesmo a elaborar uma teoria da sobrevivência da mente após a morte. Soal, da Universidade de Londres; Harry Price, de Oxford; Rudolph Tischner, de Berlim e numerosos norte-americanos chegaram a conclusões semelhantes. Rhine e sua esposa, a profa. Louise Rhine, chegaram também a essa conclusão, como se pode ver pelo livro *Canais Ocultos da Mente*, desta última. A admissão geral da sobrevivência já se impõe ao mundo das Ciências. A primeira a demonstrar essa verdade através da experimentação foi a Ciência Espírita. Nota do Revisor.)

A alma é feliz ou infeliz depois da morte, segundo o bem ou o mal, que fez na vida.

Desde que se admite um Deus, soberanamente justo, é impossível crer-se que as almas tenham a mesma sorte. Se o criminoso e o virtuoso tivessem a mesma posição depois da morte, inútil seria praticar o bem, e seria negar a justiça de Deus supor que ele não faz diferença entre os que praticam o bem e os que praticam o mal, o que seria a negação da sua justiça. Deus não seria justo se, não sendo o mal punido na terra e o bem premiado, não o punisse ou galardoasse depois da vida terrestre.

As penas e recompensas futuras nós as conhecemos, materialmente, pelas comunicações com as almas dos que viveram entre nós, e nos vêm descrever as suas felicidades ou infelicidades, a natureza de umas e outras e o que as causam. (As pesquisas espíritas confirmaram cientificamente os princípios fundamentais das religiões. O problema das penas e recompensas de após morte é amplamente analisado por Kardec, no livro *O Céu e o Inferno*. Veja-se na *Revista Espírita*, particularmente na seção intitulada *Palestras Familiares de Além Túmulo*, o método rigoroso seguido por Kardec na investigação das condições do Espírito após a morte. Assim, os grandes princípios religiosos foram submetidos à prova científica no campo da pesquisa psíquica. Nota do Revisor.)

Deus, a alma, a sobrevivência e a individualidade da alma depois da morte do corpo, as penas e as recompensas futuras – eis os princípios fundamentais de todas as religiões.

O Espiritismo vem acrescentar às provas morais desses princípios, as provas materiais através dos fatos e da experimentação, cortando assim pela raiz os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, não há razão para a incredulidade. E assim o Espiritismo restitui a fé aos que a perderam e dissipa as dúvidas aos que vacilam.

IV – PRÁTICA MEDIÚNICA

LIVRO: EMMANUEL (EMMANUEL). “MENSAGEM AOS MÉDIUNS”.

Venho exortar a quantos se entregaram na Terra à missão da mediunidade, afirmando-lhes que, ainda em vossa época, esse posto é o da renúncia, da abnegação e dos sacrifícios espontâneos. Faz-se mister que todos os Espíritos, vindos ao planeta com a incumbência de operar nos labores mediúnicos, compreendam a extensão dos seus sagrados deveres para a obtenção do êxito no seu elevado e nobilitante trabalho.

Médiuns! A vossa tarefa deve ser encarada como um santo sacerdócio; a vossa responsabilidade é grande, pela fração de certeza que vos foi outorgada, e muito se pedirá aos que muito receberam. Faz-se, portanto, necessário que busqueis cumprir, com severidade e nobreza, as vossas obrigações, mantendo a vossa consciência serena, se não quiserdes tombar na luta, o que seria crestar com as vossas próprias mãos as flores da esperança numa felicidade superior, que ainda não conseguimos alcançar! Pesai as conseqüências dos vossos mínimos atos, porquanto é preciso renunciéis à própria personalidade, aos desejos e aspirações de ordem material, para que a vossa felicidade se concretize.

VIGIAR PARA VENCER

Felizes daqueles que, saturados de boa-vontade e de fé, laboram devotadamente para que se espalhe no mundo a Boa Nova da imortalidade. Compreendendo a necessidade da renúncia e da dedicação, não repararam nas pedras e nos acúleos (espinhos) do caminho, encontrando nos recantos do seu mundo interior os tesouros do auxílio divino. Acendem nos corações a luz da crença e das esperanças, e se, na maioria das vezes, seguem pela estrada incompreendidos e desprezados, o Senhor enche com a luz do seu amor os vácuos abertos pelo mundo em suas almas, vácuos feitos de solidão e desamparo.

Infelizmente, a Terra ainda é o orbe da sombra e da lágrima, e toda tentativa que se faz pela difusão da verdade, todo trabalho para que a luz se esparja fartamente encontram a resistência e a reação das trevas que vos cercam. Daí nascem as tentações que vos assediam, e partem as ciladas em que muitos sucumbem, à falta da oração e da vigilância apregoadas no Evangelho.

QUEM SÃO OS MÉDIUNS NA SUA GENERALIDADE

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre, são Espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia.

AS OPORTUNIDADES DO SOFRIMENTO

As existências dos médiuns, em geral, têm constituído romances dolorosos, vidas de amarguras dificuldades, em razão das necessidades do sofrimento reparador; suas estradas, no mundo, estão repletas de provações, de continências (estado de uma pessoa que se abstém de todo prazer carnal) e desventuras. Faz-se, porém, necessário que reconheçam o ascetismo e o padecer, como belas oportunidades que a magnanimidade da Providência lhes oferece, para que restabeçam a saúde dos seus organismos espirituais, combalidos nos excessos de vidas mal orientadas, nas quais se embriagaram à saciedade com os vinhos sinistros do vício e do despotismo.

Humilhados e incompreendidos, faz-se mister que reconheçam todos os benefícios emanantes das dores que purificam e regeneram, trabalhando para que representem, de fato, o exemplo de abnegação e do desinteresse, reconquistando a felicidade perdida.

NECESSIDADE DA EXEMPLIFICAÇÃO

Todos os médiuns, para realizarem dignamente a tarefa a que foram chamados a desempenhar no planeta, necessitam identificar-se com o ideal de Jesus, buscando para alicerces de suas vidas o ensinamento evangélico, em sua divina pureza; a eficácia de sua ação depende do seu desprendimento e da sua caridade, necessitando compreender, em toda a amplitude, a verdade contida na afirmação do Mestre: “Dai de graça o que de graça receberdes.”

Devendo evitar, na sociedade, os ambientes nocivos e viciosos, podem perfeitamente cumprir seus deveres em qualquer posição social a que forem conduzidos, sendo uma de suas precípuas obrigações melhorar o seu meio ambiente com o exemplo mais puro de verdadeira assimilação da doutrina de que são pregoeiros.

Não deverão encarar a mediunidade como um dom ou como um privilégio, e sim como bendita possibilidade de reparar seus erros de antanho, submetendo-se, dessa forma, com humildade, aos alvites e conselhos da Verdade, cujo ensinamento está, frequentemente, numa inteligência iluminada que se nos dirige, mas que se encontra igualmente numa provação que, humilhando, esclarece ao mesmo tempo o espírito, enchendo-lhe o íntimo com as claridades da experiência.

O PROBLEMA DAS MISTIFICAÇÕES

O problema das mistificações não deve impressionar os que se entregam às tarefas mediúnicas, os quais devem trazer o Evangelho de Jesus no coração. Estais muito longe ainda de solucionar as incógnitas da ciência espírita, e se aos médiuns, às vezes, torna-se preciso semelhante prova, muitas vezes os acontecimentos dessa natureza são também provocados por muitos daqueles que se socorrem das suas possibilidades.

Tende o coração sempre puro. É com a fé, com a pureza de intenções, com o sentimento evangélico, que se podem vencer as arremetidas dos que se comprazem nas trevas persistentes. É preciso esquecer os investigadores cheios do espírito de mercantilismo!... Permanecei na fé, na esperança e na caridade em Jesus-Cristo, jamais olvidando que só pela exemplificação podereis vencer.

APELO AOS MÉDIUNS

Médiuns, ponderai as vossas obrigações sagradas! preferi viver na maior das provações a cairdes na estrada larga das tentações que vos atacam, insistentemente, em vossos pontos vulneráveis.

Recordai-vos de que é preciso vencer, se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória. Aquele que se apresenta no Espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos, exímio na estratégia e tino militares. O homem que se vence faz o seu corpo espiritual apto a ingressar em outras esferas e, enquanto não colaborardes pela obtenção desse organismo etéreo, através da virtude e do dever cumprido, não saireis do círculo doloroso das reencarnações.

O LIVRO DOS MÉDIUNS (A. KARDEC). 2ª. Parte. Cap. XVII. Questões 205 a 210. “DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE”.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e elevado. Mas é bom lembrar que, quando se propõe aos Espíritos a questão de saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente. Propõe-se ao Espírito uma questão geral e ele responde de maneira geral. Como se sabe, nada há mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e nos mais diversos graus. Pode-se, portanto, ser médium sem o perceber e num sentido diferente do que se pensa.

A esta questão vaga: *Sou médium?* o Espírito responde: *Sim*. A esta mais precisa: *Sou médium escrevente?* ele pode responder: *Não*. Deve-se ainda conhecer a natureza do Espírito interrogado. Há Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estúrdios (estouvados, extravagantes). Eis porque aconselhamos dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver a possibilidade de êxito.

206. Um meio que dá quase sempre bom resultado é o emprego, como auxiliar momentâneo, de um bom médium escrevente flexível e já formado. Se ele puser a mão ou os dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que ela não se mova imediatamente. Compreende-se o que então se passa: a mão que segura o lápis torna-se uma espécie de apêndice da mão do médium, como o seria a cesta ou a prancheta. Mas isso não impede que esse exercício seja realmente útil quando se pode empregá-lo, pois que, freqüente e regularmente repetido, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Às vezes, também, basta magnetizar com essa intenção o braço e a mão do que deseja escrever. Muitas vezes o magnetizador se limita a pousar sua mão no ombro da pessoa, e temos visto ela escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito se pode ainda produzir sem nenhum contato e pelo simples efeito da vontade. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu poder, para produzir esse resultado, deve exercer um grande papel, e que um magnetizador incrédulo exerceria fraca ou nenhuma ação. (Pode-se alegar atualmente que o magnetismo não tem essa força, pois na verdade não passaria de simples efeito da sugestão. Mas o problema da hipnose ainda não está suficientemente esclarecido, como alguns pretendem. É bom lembrar que nas atuais pesquisas de telepatia conseguiu-se hipnotizar pessoas à distância, sem que elas o soubessem.. Vejam-se as experiências de Héricourt, Pierre Janet e Gilbert. Mais recentemente as “sugestões à distância” de Vassiliev, na Rússia. Nota do tradutor J.Herculano Pires).

O concurso de um guia experimentado é também muito útil, algumas vezes, para indicar ao iniciante uma série de pequenas precauções que ele costuma negligenciar, em detrimento da rapidez do seu progresso. É útil, sobretudo, para esclarecê-lo quanto à natureza das primeiras perguntas e a maneira de fazê-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa quando a gente se tornou bastante hábil.

207. Outro meio que pode também contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e da mesma intenção. Todas, guardando absoluto silêncio, num recolhimento religioso, simultaneamente experimentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo guardião ou a algum Espírito simpático. Uma delas pode também fazer, sem designação especial e por todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo, por exemplo: *Em nome de Deus todo poderoso rogamos aos bons Espíritos que se dignem comunicar-se pelas pessoas aqui presentes*. É raro que entre elas não haja algumas que dêem prontamente sinais de mediunidade ou mesmo escrevam de maneira fluente em pouco tempo.

Fácil compreender o que se passa nessa circunstância. As pessoas unidas por uma mesma intenção formam um todo coletivo, cujo poder e cuja sensibilidade aumentam por

uma espécie de influência magnética que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa conjugação de vontades há os que encontram em meio aos assistentes o instrumento que lhes convém. Se não for um, será outro e eles o aproveitam.

Esse meio deve sobretudo ser empregado pelos grupos espíritas que não dispõem de médiuns, ou que não os têm em número suficiente. (As explicações científicas tendem para o efeito da sugestão. Muitos “experts”, como afirma Robert Amadou, “facilmente demonstram que se trata de simples sugestão”, e assim por diante. É realmente uma “fácil” descoberta, mas as comunicações posteriormente obtidas demonstram de maneira mais complexa, através de notáveis seqüências de provas, exatamente o contrário dessas hipóteses levianamente levantadas e sustentadas em nome das Ciências. Nota do tradutor.)

208. Tem-se procurado encontrar processos para a formação de médiuns, bem como meios de diagnosticar a mediunidade. Até o momento não conhecemos outros mais eficazes do que esses que indicamos. Supondo que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é de ordem inteiramente material, algumas pessoas pretendem vencê-lo por uma espécie de ginástica quase capaz de deslocar o braço e a cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos chega através do Atlântico, não só por não termos nenhuma prova de sua eficácia, mas por estarmos convencidos de que pode ser perigoso para as compleições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso. Se não existirem os germes da faculdade, nada a poderá dar, nem mesmo a eletrização das pessoas, que sem êxito algum já foi empregada.

209. A fé não é condição obrigatória para o iniciante. Ela secunda os esforços, não há dúvida, mas não é indispensável. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Vimos pessoas completamente incrédulas ficarem espantadas de escreverem sem querer, enquanto crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que essa faculdade se relaciona com predisposições orgânicas. (As experiências de escrita automática na Psicologia, iniciadas por Pierre Janet, comprovam esta observação de Kardec. O fenômeno é natural e ocorre em qualquer circunstância. O problema da fé está ligado ao aspecto religioso do Espiritismo e sua importância é fundamental no tocante aos resultados que se queiram obter. A ação da fé se manifesta no controle das manifestações, afastando influências negativas e permitindo obter-se comunicações de Espíritos amigos, de entes queridos ou de entidades superiores. Nota do tradutor J. Herculano Pires).

210. O primeiro indício da disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar. Quase sempre, de início, traça apenas sinais sem significação. Depois, os caracteres se tornam mais precisos, e por fim a escrita se processa com a rapidez da escrita normal. Mas é sempre necessário abandonar a mão ao seu movimento natural, não embaraçando-a nem propelindo-a.

Certos médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é bastante raro. Outros fazem por muito tempo apenas traços e verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para desenterrar-lhes a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida que um Espírito se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem de inútil. Nesse caso, deve-se redobrar o fervor no apelo aos Espíritos bons. Se apesar disso não houver modificação, é necessário parar, desde que nada se obtém de sério. Pode-se fazer a tentativa diariamente, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos, para não se dar oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações acrescenta um Espírito: “Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais. Quando, após alguns meses, não obtiverem mais do que insignificâncias, como um *sim* ou um *não*, ou letras isoladas, será inútil persistir, gastando papel em pura perda”. São médiuns, mas *médiuns improdutivos*. Aliás, as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como exercícios a cargo de Espíritos secundários, pelo que não se deve atribuir-lhes senão um valor medíocre. Trata-se de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para treinarem o médium iniciante. Não acrediteis jamais que Espíritos elevados levem o médium a fazer esses exercícios preparatórios. Mas acontece que, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos prosseguem e se ligam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desen-

volverem. Cabe a eles fazer o necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.

Livro: OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO. (J. HERCULANO PIRES). O QUE É A OBSESSÃO?. ORIENTAÇÃO PARA O TRATAMENTO DOS CASOS DE OBSESSÃO.

OBSESSÃO: O SENTIDO DA VIDA (Pag. 9).

Porque e para que vivemos? A resposta a esta pergunta é de importância capital para compreendermos o problema da obsessão. Segundo o Espiritismo, vivemos para desenvolver as potencialidades psíquicas de que todos somos dotados. Nossa existência terrena tem por fim a transcendência, ou seja, a superação constante da nossa condição humana. Desde o nascimento até o nosso último dia passamos pelas experiências que desenvolvam as nossas aptidões inatas, em todos os sentidos. A criança recém-nascida cresce dia a dia, desenvolve o seu organismo, aprende a comunicar-se com os outros, a falar e a raciocinar, a querer e a agir para conseguir o que quer. Transcende a condição em que nasceu e passa para as fases superiores da infância, entrando depois na adolescência e depois na mocidade, na madureza e na velhice. Ao fazer todo esse trajeto ela desenvolveu suas forças orgânicas e psíquicas, sua afetividade, sua capacidade de compreender o que se passa ao seu redor e seu poder de dominar as circunstâncias. Isso é transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu. É para isso que vivemos. E isso nos mostra que o sentido da vida é transcendência.

Hoje, a Filosofia Existencial sustenta esse mesmo princípio no campo filosófico. Os existencialistas consideram o homem como um projecto, ou seja, um ser projetado na existência como uma flecha em direção a um alvo, que é a transcendência. Mas no Espiritismo as existências são muitas e sucessivas, de maneira que em cada existência terrena atingimos um novo grau de transcendência. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre a reencarnação confirmam esse princípio. O fato de vivermos muitas vidas na Terra, e não apenas uma, mostra, que temos no inconsciente uma armazenagem de lembranças e conhecimentos, aspirações, frustrações e traumas muito maior que a descoberta por Freud.

É bom anotar na memória este dado importante: quando Kardec descobriu as manifestações do inconsciente, através de suas pesquisas sobre os fenômenos anímicos, Freud tinha apenas um ano de idade. Isso não desmerece Freud, que não conhecia as pesquisas de Kardec, mas nos prova a segurança das pesquisas espíritas do psiquismo humano. A concepção espírita da vida humana na Terra não é imaginária, mas real, baseada em pesquisas científicas. Os que consideram o Espiritismo como uma doutrina supersticiosa, gerada pela ignorância, revelam ser mais ignorantes do que poderiam pensar de si mesmos. A Doutrina Espírita está hoje comprovada cientificamente pelos cientistas mais avançados. Dizemos isto para mostrar aos leitores que o sentido da vida, a que nos referimos, não é uma hipótese, mas uma realidade.. Se não compreendermos que a vida é transcendência, elevação e desenvolvimento constante e comprovado do ser espiritual que somos, não poderemos encarar com naturalidade o problema da obsessão e lutar para resolvê-lo.

O PASSE: MAGIA E RELIGIÃO (Pág. 45).

O passe nasceu nas civilizações da selva como um elemento de magia selvagem, um rito das crenças primitivas. A agilidade das mãos em fazer e desfazer as coisas, sugeria a existência, nelas, de poderes misteriosos, praticamente comprovados pelas ações cotidianas da fricção que acalmava a dor, da pressão dos dedos estancando o sangue ou expulsando um espinho ou o ferrão de uma vespa ou o veneno de uma cobra. Os poderes mágicos das mãos se confirmavam também nas imprecções (rogo, súplica) aos deuses, que eram simplesmente os espíritos. As bênçãos e as maldições foram as primeiras manifestações típicas dos passes. O selvagem primitivo não teorizava, mas experimentava instintivamente e aprendia a fazer e desfazer com o poder das mãos. Os deuses o auxiliavam, socorriam, instruíam em suas manifestações mediúnicas naturais. A sensibilidade mediú-

nica aprimorava-se nas criaturas mais sensíveis e assim surgiam os pajés, os feiticeiros, os xamãs, os mágicos terapeutas, curadores.

A descoberta do passe acompanhava e auxiliava o desenvolvimento do rito, da linguagem e da descoberta de instrumentos que aumentavam o poder das mãos. Podemos imaginar, como o fez André Lang, um homem primitivo olhando intrigado o emaranhado de riscos da palma de sua mão, sem a mínima idéia do que aquilo poderia significar. Seus descendentes iriam admitir, mais tarde, que ali estavam traçados os destinos de cada criatura. O mistério da mão humana foi um elemento essencial do desenvolvimento da inteligência e especialmente da descoberta lenta e progressiva, pelo homem, dos seus poderes internos. Dos tempos primitivos até aos nossos dias, a mão é o símbolo do fazer que nos leva ao saber. Enquanto a Lua, o Sol, as Estrelas atraíam os homens para o mistério do cosmos a mão os levava a mergulhar nas profundezas da natureza humana.

Dessa dialética do interior e do exterior nasceram a Magia e a Religião. A Magia é prática, nasceu das mãos e funcionava através delas. A Religião é teórica, nasceu dos olhos, da visão abstrata do mundo e funciona no plano das idéias. Na Magia, os homens submetem os deuses ao poder humano, obrigam a Divindade a obedecê-los, a fazer por eles. Na Religião, os homens se submetem aos deuses, suplicam a proteção da Divindade. Mas, apesar dessa distinção, as religiões não se livraram dos resíduos primitivos das fórmulas mágicas. Todas as Igrejas da atualidade, mesmo após as reformas recentes, apegam-se ao fazer dos mágicos, através de seus sacramentos. O exemplo mais claro disso é o sacramento da Eucaristia, na Igreja Católica, pelo qual o sacerdote obriga Deus a materializar-se nas espécies sagradas da hóstia, para que o crente possa absorvê-lo e purificar-se com a sua ingestão.

No Espiritismo os resíduos mágicos não podiam existir, pois trata-se de uma doutrina racionalista, mas o grande número de adeptos provindos dos meios religiosos, sem a formação filosófica e científica da Doutrina, carregavam esses resíduos para o nosso meio, numa tentativa de padronização de práticas espíritas e de transformação dos passes num fazer dos médiuns e não dos espíritos. É tipicamente mágica a atitude do médium que pretende, com sua ginástica, limpar a aura de uma pessoa ou limpar uma casa. As tentativas de cura através desses bailados mediúnicos revela confiança mágica do médium no rito que pratica. Por isso Jesus ensinou simplesmente a imposição das mãos acompanhada da oração silenciosa. As orações em voz alta e em conjunto é também um resíduo mágico, pelo qual se tenta obrigar a Deus ou aos Espíritos a atenderem os clamores humanos. A religião racional e portanto consciente baseia-se na fé esclarecida pela razão, que não comporta de maneira alguma essas e outras práticas formais e carregadas de misticismo igrejaireiro.

A DOCTRINAÇÃO. PSICOLOGIA DA DOCTRINAÇÃO. (Pág.73)

O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência a ESCALA ESPÍRITA (Livro dos Espíritos) para bem informar-se dos tipos de espíritos com que vai defrontar-se nas sessões. A escala nos oferece um quadro psicológico da evolução espiritual, que podemos também aplicar aos encarnados. No trato com os espíritos o conhecimento desse quadro facilita grandemente a doutrinação. Os espíritos inferiores usam geralmente de artimanhas para nos iludirem e se divertem quando conseguem, prejudicando-se a si mesmos e fazendo-nos perder tempo. Temos de encará-los sempre como necessitados e tratá-los com o desejo real de socorrê-los. Mas precisamos de psicologia para conseguirmos ajudá-los. A tipologia que a Escala nos oferece é de grande valia nesse sentido. Por outro lado, a leitura dos casos de doutrinação relatados por Kardec na REVISTA ESPÍRITA nos oferece exemplos valiosos de como podemos nos conduzir, auxiliados pelos espíritos protetores da sessão, para atingir bons resultados.

A prática da doutrinação é uma arte em, em que o bom doutrinador vai se aprimorando na medida em que se esforça para dominá-la. Enganam-se os que pensam que basta dizer aos espíritos que eles já morreram para os sensibilizar. Não basta, também, citar-

lhes trechos evangélicos ou fazê-los orar repetindo a nossa prece. É importante também explicar-lhes que se encontram em situação perigosa, ameaçados por espíritos malfeitores que podem dominá-lo e submetê-los aos seus caprichos. A ameaça de perda da liberdade os amedronta e os leva geralmente a buscar melhor compreensão da situação em que se encontram. Mas não se deve falar disso em tom de ameaça e sim de explicação pura e simples. Muitos deles já estão dominados por espíritos maldosos, servindo-lhes de instrumentos mais ou menos inconscientes. O médium que recebe a entidade sente as suas vibrações, percebe o seu estado e pode ajudar o doutrinador, procurando absorver os seus ensinamentos. Através da compreensão do médium o espírito sofredor ou obsessivo é mais facilmente tocado em seu íntimo e desperta para uma visão mais real da sua própria situação. Doutrinador e médium formam um conjunto que, quando bem articulado, age de maneira eficiente para a entidade.

O doutrinador deve ter sempre em mente todo esse quadro, para agir de acordo com as possibilidades oferecidas pela comunicação do espírito. Com os espíritos rebeldes, viciados na prática do mal, só a tríplice conjugação da autoridade moral do doutrinador, do médium e do espírito protetor poderá dar resultados positivos e quase sempre imediatos. Se o médium ou o doutrinador não dispuser dessa autoridade, o espírito se apegará à fraqueza de um deles ou de ambos para insistir nas suas intenções inferiores. Por isso Kardec acentua a importância da moralidade na relação com os espíritos. Essa moralidade, como já dissemos, não é formal, mas substancial, decorre das intenções e dos atos morais dos praticantes de sessões, não apenas nas sessões, mas em todos os aspectos de suas vidas.

Os espíritos sofredores são mais facilmente doutrinados, pois a própria situação em que se encontram favorece a doutrinação. Se muito erraram na vida terrena, permanecendo por isso em situação inferior, o fato de não se entregarem à obsessão depois da morte já mostra que estão dispostos a regenerar-se. Só a prática abnegada da doutrinação, com o desejo profundo de servir aos que necessitam, dará ao médium e ao doutrinador a sensibilidade necessária para distinguir rapidamente o tipo de espírito com que se defrontam. O doutrinador intuitivo aprimora rapidamente a sua intuição, podendo perceber, logo no primeiro contato, a condição do espírito comunicante. A psicologia da doutrinação não tem regras específicas, dependendo mais da sensibilidade do doutrinador, que deverá desenvolvê-la na prática constante e regular. Mesmo que o doutrinador seja vidente, não deve confiar apenas no que vê, pois há espíritos maus e inteligentes que podem simular aparências enganadoras, que a percepção psicológica apurada na prática facilmente desfará. Não é preciso ser psicólogo para doutrinar com eficiência, mas é indispensável conhecer a ESCALA ESPÍRITA, que nos dá o conhecimento básico indispensável.

Livro: O CONSOLADOR. (EMMANUEL). MEDIUNIDADE: DESENVOLVIMENTO – Questões 382 a 391.

382. *Qual a verdadeira definição da mediunidade?* – A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra. A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos. Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

383. *É justo considerarmos todos os homens como médiuns?* – Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos. Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no

campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa vontade.

384. *Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?* – Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas. A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

385. *A mulher ou o homem, em particular, possuem disposições especiais para o desenvolvimento mediúnico?* – No capítulo do mediunismo não existem propriamente privilégios para os que se encontram em determinada situação; porém, vence nos seus labores quem detiver a maior porcentagem de sentimento. E a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão e sentido de beleza, as mensagens dos planos invisíveis.

386. *Qual a mediunidade mais preciosa para o bom serviço à Doutrina?* – Não existe mediunidade mais preciosa uma que a outra. Qualquer uma é campo aberto às mais belas realizações espirituais, sendo justo que o médium, com a tarefa definida, se encha de espírito missionário, com dedicação sincera e fraternidade pura, para que o seu mandato não seja traído na improdutividade.

387. *Qual a maior necessidade do médium?* – A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

388. *Nos trabalhos mediúnicos temos de considerar, igualmente, os imperativos da especialização?* – O homem do mundo, no círculo de obrigações que lhe competem na vida, deverá sair da generalidade para produzir o útil e o agradável, na esfera de suas possibilidades individuais. Em mediunidade, devemos submeter-nos aos mesmos princípios. O homem enciclopédico, em faculdade, ainda não apareceu, senão em gérmen, nas organizações geniais que raramente surgem na Terra, e temos de considerar que a mediunidade somente agora começa a aparecer no conjunto de atributos do homem transcendente. A especialização na tarefa mediúnica é mais que necessária e somente de sua compreensão poderá nascer a harmonia na grande obra de vulgarização da verdade a realizar.

389. *A mediunidade pode ser retirada em determinadas circunstâncias da vida?* – Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

390. *É justo que um médium confie em si mesmo para a provocação de fenômenos, organizando trabalhos especiais com o fim de converter os descrentes?* – Onde o médium em tão elevada condição de pureza e merecimento, para contar com as suas próprias forças na produção desse ou daquele fenômeno? Ninguém vale, na Terra, senão pela expressão da misericórdia divina que o acompanha, e a sabedoria do plano superior co-

nhece minuciosamente as necessidades e méritos de cada um. A tentativa de tais trabalhos é um erro grave. Um fenômeno não edifica a fé sincera, somente conseguida pelo esforço e boa vontade pessoal na meditação e no trabalho interior. Os descrentes chegarão à Verdade, algum dia, e a Verdade é Jesus. Anteciparmo-nos à ação do Mestre não seria testemunho de confusão? Organizar sessões medianímicas com o objetivo de arrebanhar prosélitos é agir com demasiada leviandade. O que é santo e divino ficaria exposto aos julgamentos precipitados dos mais ignorantes e ao assalto destruidor dos mais perversos, como se a Verdade de Jesus fosse objeto de espetáculos, nos picadeiros de um circo.

391. *Os irracionais possuem mediunidade?* – Os irracionais não possuem faculdades mediúnicas propriamente ditas. Contudo, têm percepções psíquicas embrionárias, condizentes com o seu estado evolutivo, através das quais podem indiciar as entidades deliberadamente perturbadoras, com fins inferiores, para estabelecer a perplexidade naquelas que os acompanham, em determinadas circunstâncias.

V – FILOSOFIA GERAL

Livro: ENSINAMENTOS BÁSICOS DOS GRANDES FILÓSOFOS.

NATUREZA DO UNIVERSO

(O mundo, no qual você e eu vivemos, já existia muito antes de nós. Como surgiu? Foi criado ou sempre existiu? Quem ou o que o fez e como foi feito? As árvores, estrelas, homens e mulheres existem realmente ou são simples criações de nosso espírito ou do espírito de Deus? Como veio a existir o universo e de que é feito?)

Não existe quem não tenha indagado como surgiu o mundo. Ele, com suas flores, rios, rochas, céu, estrelas, sol e lua, tudo isso não surgiu por mero acaso, costumamos raciocinar. Tudo o que vemos em torno de nós, tudo que conhecemos, deve ter-se transformado, no que é hoje, por algum processo. Se pudéssemos compreender esse processo, compreenderíamos a natureza do universo.

Os primeiros homens, dos quais temos registro, tinham teorias sobre o começo e a natureza das coisas. Teceram-nas para suas religiões, e os sacerdotes e religiosos explicaram-nas aos jovens que, por sua vez, as transmitiram aos filhos. Uma dessas teorias encontra-se no *Gênese*, o primeiro livro da Bíblia. Ele nos diz que Deus criou o mundo do nada em seis dias, fez a luz e as trevas, o sol, a lua e as estrelas, a terra e as águas e, finalmente, fez todas as coisas vivas, inclusive o homem. Depois, quando tudo ficou terminado e o homem e a mulher foram colocados num belo jardim, Deus veio ao mundo e passeou pelo jardim, satisfeito com Sua obra.

Teoria dos Primeiros Filósofos Gregos

Os primeiros filósofos, os gregos, mostraram-se grandemente interessados no problema da natureza do universo. Realmente, foi o primeiro que atacaram. Assim como as crianças costumam quebrar os brinquedos para descobrir de que são feitos, aqueles filósofos da infância da raça humana procuraram *quebrar* no espírito, o universo e penetrar no mistério da formação de todas as coisas nele encontradas. “De que *matéria* provêm todas as coisas?” inquiriam a si mesmos. ?” “Como se explica que existam tantas coisas no universo?”

Tales. Que viveu em Mileto, na Grécia antiga (cerca de 600 A.C.), foi o primeiro a propor uma solução para esse problema. Declarou aos vizinhos que a água é a *matéria* donde tudo se origina. Via-a transformando-se em sólido – gelo – quando congelada, e em ar – vapor – quando aquecida. Raciocinava, pois, que tudo, desde a rocha mais dura até ao mais leve ar, se origina da água e para ela acaba voltando.

Anaximandro. Pouco tempo depois, outro cidadão de Mileto, *Anaximandro*, escrevia que a primeira *matéria*, de que tudo é feito, não era a água, conforme Tales havia sugerido, porém, uma massa viva que enche todo o espaço. A essa massa deu o nome de *infinito*. No começo dos tempos, dizia ele aos companheiros, essa massa, esse *infinito*, era inteiriço, não estava partido em pedaços. Continha, porém, *movimento*. O *movimento* fê-lo começar a agitar-se para cima e para baixo, para a frente e para trás, e em volta. Lentamente, foram as peças destacando-se da massa, surgindo assim, eventualmente, as coisas que agora temos no universo. Acreditava ele que, à medida que o movimento prosse-

guia, aqueles inúmeros pedaços começaram a voltar e foram-se reunindo, e a massa, o *in-finito*, reassumiu a forma inteiriça original. Anaximandro fez uma exposição muito minuciosa sobre a maneira como acreditava se tivessem originado dessa massa o mundo, o sol, as estrelas, o ar, os animais, os peixes e o homem.

Anaxímenes. Um terceiro filósofo de Mileto, *Anaxímenes*, não se satisfez com as teorias expostas pelos dois pensadores que o haviam precedido. Aventou a idéia de ser o ar a primeira *matéria* de que tudo o mais, no universo, é feito. Compreendeu que o homem e os animais respiram o ar e podem viver, e, raciocinando, declarou que o ar se transforma em carne, osso e sangue. Prosseguindo em seu raciocínio, disse que o ar pode transformar-se em vento, nuvens, água, terra e pedra.

Esses três filósofos de Mileto, estavam interessados em descobrir a *matéria* de que é feito tudo o mais. Seguiu-os um grupo de filósofos que, conquanto se interessasse pelo mesmo problema, tinha mais interesse em descobrir os processos a que as muitas coisas, no universo, se acham relacionadas. Foram os *pitagóricos*, um grupo ou escola fundada por *Pitágoras*.

Pitágoras. Pitágoras e os pitagóricos impressionaram-se com o fato de muitas coisas, no mundo, se acharem ligadas por processos que podiam ser enunciados pelos números. Por exemplo: a resistência de um fio ou de um pedaço de tripa acha-se relacionada ao seu comprimento, num modo que pode ser expresso em número. Por isso – raciocinavam – o número deve ser a *matéria* que os filósofos procuram. Para eles, os números passaram a ser coisas e entidades; começaram, então, a ensinar que todo o universo fora construído de números. Acreditavam que, abrangendo a oitava harmônica oito notas, o algarismo oito representa amizade. O ponto – afirmavam – é o um, e a linha, o dois. E assim prosseguiram e desenvolveram um complicadíssimo sistema de números, em seus esforços para demonstrar que tudo é realmente feito de números.

O Movimento e as Transformações.

Todos os filósofos até aqui mencionados admitiam que as coisas sofrem transformações. Viam transformar-se tudo à volta deles e não consideravam isso um problema. A água transforma-se em gelo ou em vapor, o ar em vento, os números passam a ser coisas e o movimento acha-se presente em tudo que produz tais transformações. Para eles, isso era um fato, por que se preocupar com a questão?

Mas, à proporção que os filósofos continuavam a estudar o problema da natureza do universo, começaram a reconhecer que a transformação era, por si mesma, outro problema. Que era ela? Como surgiu? Há verdadeiramente transformação, ou apenas imaginamos que as coisas se transformam? Essas indagações começaram a martelar-lhes a cabeça e a exigir uma resposta.

Heráclito. A questão impressionou tanto a *Heráclito*, filho de uma nobre família de Éfeso, que ele chegou à conclusão de que o fogo é a *matéria* primitiva, da qual tudo o mais é feito. O fogo, acreditava, está sempre se transformando, não se aquieta jamais e é sempre o mesmo. Uma vez que tudo se vai transformando constantemente, pois a transformação é a característica fundamental do universo, aquele fogo, de perene transformação, deve ser o material do universo. “Não se pode banhar duas vezes nas mesmas águas de um rio, pois elas estão sempre se renovando.” Nada existe que seja permanente, estável. Tudo se transforma.

Podemos pensar que vemos coisas que não se transformam, ensinava Heráclito, mas é puro engano. Se pudéssemos realmente enxergar o que acontece, se tivéssemos olhos bastante poderosos para ver exatamente o que está acontecendo, compreenderíamos que até a coisa mais estável está, de fato, sempre se transformando. É, pois, a *luta* que governa o universo. No momento em que uma coisa é feita, começa a *luta* a rompê-la. Todas as coisas estão constantemente se transformando. Nada é permanente.

A Permanência e a Imutabilidade

Xenófanes, Parmênides, Zenão. Enquanto Heráclito pregava a teoria de que a transformação é a essência de todas as coisas, filósofos gregos, que viviam em Eléia, ensinavam que a transformação é impossível. Nada pode realmente transformar-se, diziam. Se pensarmos ver transformações, é engano nosso, pois elas não existem. *Xenófanes*, o mais antigo desses eleatas, acreditava que o universo é uma massa sólida, imutável, imóvel. As partes podem transformar-se, o que jamais se pode dar com o todo. *Parmênides*, outro membro da escola de Eléia, pregava que toda transformação é inconcebível. Se houvesse, raciocinava, algo teria que originar-se do nada, e isso é impossível. Aquilo que vemos com os olhos não é verdadeiro, porém ilusão. O universo é intransformável e imutável. *Zenão*, um terceiro membro da escola, tentou provar que todo aquele que procure provar a existência da transformação contradiz a si próprio.

O Enigma da Permanência e Transformação

Esses argumentos de Heráclito e dos eleatas eram tão interessantes para os filósofos, que alguns resolveram ver se as posições de ambas as partes podiam ser de certo modo conciliadas. Achavam que aquele *enigma da permanência e transformação* precisava ser resolvido, e volveram a atenção para a tarefa.

Empédocles: Mistura e Separação. Empédocles concordou com os eleatas quando declarou que, num sentido estrito, não podia haver transformação; mas também concordou com Heráclito ao sustentar que havia *mistura e separação*. O mundo, disse ele, compõe-se de quatro elementos ou *raízes de coisas*: terra, ar, fogo e água. Há milhões e milhões de pequeníssimas partículas de cada elemento. Estas se agregam de vários modos para formar todas as coisas do universo. À medida que elas se decompõem, os elementos separam-se. Podem depois vir juntos ou misturar-se novamente com outros. Os elementos jamais se transformam. São permanentes. Assim, não há verdadeiramente transformação, mas, apenas, mistura e separação dos elementos. Essa mistura e separação, acreditava ele, é causada pelo Amor e pelo Ódio. O amor une os elementos para formar as coisas. O Ódio separa-os.

Anaxágoras. A solução de Empédocles para o problema da *transformação e permanência* interessou *Anaxágoras*, mas não o satisfiz. Após muito estudo, chegou à conclusão de que devia haver mais que quatro elementos. Na realidade, acabou convencendo-se de que há inúmeros milhões de elementos ou substâncias. Cada um deles é resultado de um sem-número de milhões de minúsculas partículas. A carne resulta de milhões de elementos de carne que se unem num lugar. O osso, o resultado de milhões de elementos de osso que se combinam. É o que se dá com todas as coisas no mundo. Inúmeros elementos vêm juntos e a coisa se forma. Nenhum elemento pode transformar-se em outro. Não há, portanto, na realidade, transformação alguma. Nenhum elemento pode transformar-se em outro. Não há, portanto, na realidade, transformação alguma. Mas como esses elementos se agregam, separam e tornam a agregar-se, temos a transformação. Agregam-se e separam-se não por causa de algo neles, mas por causa da rotação dos corpos celestes. Como se produziu na primeira massa de elementos, que jaziam imóveis, um movimento turbilhante, os elementos começaram a agrupar-se e, assim, formaram-se muitas coisas no universo.

Os Atomistas: Leucipo e Demócrito. Todas essas idéias prepararam caminho para outro importante grupo dos primeiros pensadores gregos, os *atomistas*. Os membros desse grupo que mais sobressaíram foram *Leucipo* e *Demócrito*. Eles concordaram com seus predecessores em que a transformação resulta da mistura e da separação de pequeníssimas unidades. Discordavam, porém, quanto à natureza desses elementos. Todos os pensadores que haviam antecedido aos atomistas tinham ensinado que os elementos diferem em qualidade. Havia elementos de carne, de osso, de cabelo, etc. Os de carne são diferentes dos de osso ou dos de cabelo. Os atomistas pregavam que todas as unidades ou átomos são iguais no tocante à qualidade. Uns têm ganchos; outros, olhos e outros, ainda, ranhuras, corcovas ou depressões. À medida que esses átomos se unem de diferentes mo-

dos e em diferentes números, formam-se as coisas. Cada átomo tem um movimento no seu interior, de maneira que se move por sua própria vontade e se liga aos demais.

A transformação, pois, para os atomistas, era uma questão de mistura e desagregação de átomos. Estes não se transformam: são eternos, minúsculos e iguais. A transformação é verdadeiramente impossível. A única transformação possível está em se agruparem para formar uma coisa ou em se desagregarem.

Assim, os gregos da Antigüidade, estudando o problema da natureza do universo, durante cerca de 250 anos, chegaram à conclusão de que tudo, no universo, se compõe da união, por vários meios e em número variado, de minúsculos átomos, todos eles iguais.

Teoria de Platão Sobre o Universo (no próximo capítulo)

LICEU ALLAN KARDEC**“CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO” – 1^o. ANO.****CAPÍTULO IV.****I – RELIGIÃO ESPÍRITA**

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “SINCRETISMO RELIGIOSO”. Pág.108.

O surto, realmente notável, de propagação da Umbanda em nosso país, nos últimos anos, provocou numerosas confusões a respeito do Espiritismo. Os adversários da doutrina aproveitaram a oportunidade para acentuar e ampliar essas confusões. Por outro lado, nos próprios meios espíritas, muitos confrades deixaram-se envolver. Houve mesmo um momento em que instituições doutrinárias respeitáveis não foram capazes de resistir à onda confusionista. De tudo isso, resultou que ainda agora, nos meios doutrinários, há quem pergunte se Umbanda é ou não é Espiritismo.

Desde o início das confusões tratamos do assunto, procurando esclarecê-lo à luz dos princípios doutrinários, dos estudos sociológicos e dos dados históricos. Entendemos haver demonstrado, sobejamente e rigorosamente, que não há possibilidade de confusões a respeito, e que estas decorrem, fatalmente, de ausência de conhecimento. Somente os que não conhecem o Espiritismo, não sabem o que é a doutrina espírita, e não possuem noções dos trabalhos de investigação sociológicas realizados no país e no estrangeiro, a respeito dos sincretismos religiosos afro-católicos, podem ficar confusos ante o fenômeno de propagação da Umbanda entre nós.

Que nos perdoem as pessoas ilustres, algumas de projeção no meio espírita, levadas na onda de confusões. O simples fato de se terem deixado envolver demonstra que, indiscutivelmente, não estavam seguras no terreno doutrinário. Um sólido conhecimento espírita não permite a mais leve discrepância nesse sentido. Porque o Espiritismo é uma doutrina espiritual de bases científicas, de estrutura filosófica bem definida e de consequências morais ou religiosas enquadradas nas exigências da razão. Uma doutrina, portanto, que não comporta superstições, resíduos do irracionalismo primitivo ou apegos místicos a fórmulas rituais e sacramentais.

Do ponto de vista doutrinário, é simples absurdo, verdadeira aberração, dizer que Umbanda é Espiritismo. Se, por outro lado, encaramos o problema do ponto de vista histórico, a confusão se torna impossível, pois os dados históricos nos mostram que o Espiritismo é uma doutrina recente, formulada na França em meados do século XIX, que só se transplantou para o Brasil nos fins daquele século, enquanto a Umbanda é uma forma de religião primitiva dos negros africanos, que veio ao Brasil com o tráfico negreiro. Nada menos de três séculos separam as primeiras manifestações de Umbanda em nosso país, do aparecimento dos primeiros núcleos espíritas. Do ponto de vista sociológico, os estudos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre, e outros, documentam poderosamente a origem afro-católica de Umbanda.

Recentemente, a Cia. Editora Nacional publicou, como volume 280 da 5^a. série de sua famosa coleção Brasileira, um estudo atualizado do prof. Waldemar Valente, catedrático de antropologia e etnologia na Universidade do Recife e na Universidade Católica de Pernambuco, intitulado “Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro”, com prefácio do prof. Amaro Quintas. Trata-se de volume relativamente pequeno, de 164 páginas de texto, seguido de bibliografia valiosa e numerosas ilustrações. Apesar de fazer ainda certa confusão entre Espiritismo e formas fetichistas de religiões africanas e indígenas, confusão muito comum entre os eruditos que não conhecem Espiritismo, o livrinho do prof. Waldemar Valente, escrito em linguagem popular, esclarece bem o problema da origem e natureza da Umbanda.

Na bibliografia espírita, temos o importante trabalho de Alfredo d'Alcântara, "Umbanda em Julgamento", e o de Deolindo Amorim, "Africanismo e Espiritismo", que são bastante elucidativos. Há pouco, a Federação Espírita do Paraná lançou um opúsculo de Deolindo Amorim, "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas", em que aparece um confronto esclarecedor entre Umbanda e Espiritismo. Nestes livros, de orientação doutrinária, o leitor encontra maiores elucidações quanto às diferenças de uma e outra doutrina. Aliás, a doutrina umbandista está ainda em fase de elaboração, e reproduz em nossos dias o esforço medieval de construção das doutrinas cristãs tradicionais: a luta para racionalizar o dogma ou adaptar sistemas racionais ao misticismo primitivo.

Há, pois, um aspecto curioso em Umbanda, que ainda não foi estudado. Ela aparece como uma fase de medievalismo psíquico, um período de passagem de largas camadas populares do animismo e do fetichismo para as formas racionalizadas do sentimento religioso. O Espiritismo, pelo contrário, oferece-nos a última fase do desenvolvimento desse sentimento, que aparece despido de formas imaginárias, de resíduos supersticiosos ou fetichistas, de sistemas rituais, litúrgicos, sacramentais, e até mesmo de organização sacerdotal. O Espiritismo supera o medieval e o moderno, abrindo perspectivas para o futuro. A religião que dele resulta nada tem a ver com os rituais de Umbanda, e muito menos com a assimilação de todo o formalismo católico pelo fetichismo africano.

Quanto ao fato de haver médiuns em Umbanda, é preciso compreender que a mediunidade não é uma invenção espírita. Médiuns sempre os houve, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos, as pitonisas, os profetas, como o são os xamãs e os pagés dos povos selvagens ou semi-selvagens atuais. Espiritismo não é mediunismo. A mediunidade é uma condição da natureza humana, que permite o intercâmbio de vivos e mortos, ou de encarnados e desencarnados, ou ainda dos homens com os espíritos. O Espiritismo estuda essa condição e procura discipliná-la, para esclarecer, dentro da razão e através de métodos experimentais, o problema da sobrevivência humana e do destino do homem após a morte.

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. CAP. XIV, Item 8: "Parentesco Corporal e Espiritual".

Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços espirituais. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque este existia antes da formação do corpo. O pai não gera o Espírito do filho: fornece-lhe apenas o envoltório corporal. Mas deve ajudar seu desenvolvimento intelectual e moral, para o fazer progredir.

Os Espíritos que se encarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são o mais freqüentemente Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se traduzem pela afeição durante a vida terrena. Mas pode ainda acontecer que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns para os outros, separados por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem por seu antagonismo na Terra, a fim de lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, portanto, os da consangüinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que unem os Espíritos, *antes, durante e após* a encarnação. Donde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem, pois, atrair-se, procurar-se, tornar-se amigos, enquanto dois irmãos consangüíneos podem repelir-se, como vemos todos os dias. Problema moral, que só o Espiritismo podia resolver, pela pluralidade das existências. (Ver cap. IV, n. 13 de ESE).

Há, portanto, duas espécies de famílias: *as famílias por laços espirituais e as famílias por laços corporais*. As primeiras, duradouras, fortificam-se pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das diversas migrações da alma. As segundas, frágeis como a própria matéria, extinguem-se com o tempo, e quase sempre se dissolvem moralmente desde a vida atual. Foi o que Jesus quis fazer compreender, dizendo aos dis-

cípulos: “Eis minha mãe e meus irmãos”, ou seja, a minha família pelos laços espirituais, pois “quem quer que faça a vontade de meu Pai, que está nos céus, é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa no relato de São Marcos, desde que, segundo este, eles se propunham a apoderar-se d’Ele, sob o pretexto que perdera o juízo. Avisado de que haviam chegado, e conhecendo o sentimento deles a seu respeito, era natural que dissesse, referindo-se aos discípulos, em sentido espiritual: “Eis os meus verdadeiros irmãos”. Sua mãe os acompanhava, e Jesus generalizou o ensino, o que absolutamente não implica que ele pretendesse que sua mãe segundo o sangue, nada lhe fosse segundo o Espírito, só merecendo a sua indiferença. Sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

NA ERA DO ESPÍRITO. (F. C. XAVIER E J. HERCULANO PIRES).

a) “Familiares Problemas”. (Emmanuel)

Desposastes alguém que não mais te parece a criatura ideal que conheceste. A convivência te arrancou aos olhos as cores diferentes com que o noivado te resguardava o futuro que hoje se fez presente. Em torno, provações, encargos renascentes, familiares que te pedem apoio, obstáculos por vencer. E sofres.

Entretanto, recorda que antes da união falavas de amor e te mostravas na firme disposição em que assumiste os deveres que te assinalam agora os dias, e não recues da frente de trabalho a que o mundo te conduziu. Se a criatura que te compartilha transitariamente o destino não é aquela que imaginaste e sim alguém que te impõe difícil tarefa a realizar, observa que a união de ambos não se efetuará sem fins justos e dá de ti quanto possível para que essa mesma criatura venha a ser como desejas.

*

Diante de filhos ou parentes outros que se valem de títulos domésticos para menosprezar-te ou ferir-te, nem por isso deixes de amá-los. São eles, presentemente na Terra, quais os fizemos em outras épocas, e os defeitos que mostram não passam de resultados das lesões espirituais causadas por nós mesmos, em tempos outros, quando lhes orientávamos a existência nas trilhas da evolução. É provável tenhamos dado um passo à frente. Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser. Isso, porém, é motivação para auxílio, não para fuga.

Atentos ao princípio de livre arbítrio que nos rege a vida espiritual, é claro que ninguém te impede de cortar laços, sustar realizações, agravar dívidas ou delongar compromissos. O divórcio é medida perfeitamente compreensível e humana, toda vez que os cônjuges se confessam à beira da delinquência, conquanto se erija em moratória de débito para resgate em novo nível. E o afastamento de certas ligações é recurso necessário em determinadas circunstâncias, a fim de que possamos voltar a elas, algum dia, com o proveito preciso.

Reflete, porém, que a existência na Terra é um estágio educativo ou reeducativo e tão só pelo amor com que amamos, mas não pelo amor com que esperamos ser amados, ser-nos-á possível trabalhar para redimir e, por vezes, saber perder para realmente vencer.

b) “Assim os Fizemos”. (Irmão Saulo).

Os familiares desagradáveis são hoje o que deles fizemos ontem. Nada acontece por acaso, sem razão, em nossas vidas. Por isso diz Emmanuel: “Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser”. Nesta própria existência terrena isso acontece com frequência. Ao nos tornarmos adultos não suportamos as peraltices das crianças, sem nos lembrarmos das que também fizemos quando crianças. Ao nos enriquecermos não toleramos os peditórios ou a incapacidade dos parentes pobres, esquecidos do que fazíamos quando necessitados. Ao nos ilustrarmos não suportamos nos outros a ignorância em que ontem vivíamos.

Educamos mal os nossos filhos e muitas vezes os deseducamos a gritos e pancadas. Mas quando eles crescem não suportamos o seu comportamento desrespeitoso, pelo qual somos responsáveis. Não os corrigimos em criança nem os ajudamos na adolescência, mas os fizemos desorientados e depois não os toleramos. Nas vidas sucessivas, através das reencarnações, procedemos também dessa maneira. E quando eles voltam ao nosso convívio não queremos aceitar e muito menos corrigir os seus defeitos.

Na verdade, se não os aceitarmos hoje como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo ensinou Jesus, que nos entendamos com os companheiros “enquanto estivermos a caminho com eles”. A fuga aos deveres atuais será paga mais tarde com os juros devidos. Usando o livre arbítrio podemos rejeitá-los hoje, mas a contabilidade divina anotarà o nosso débito para depois, com os acréscimos legais. O item 8 do Capítulo XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* trata do problema das famílias corporais e espirituais e o item 9 desse mesmo capítulo nos explica a mecânica dos pagamentos de dívidas morais através da reencarnação. Os que desejarem aprofundar este problema devem ler com atenção os dois tópicos citados.

O Céu e o Inferno. (ALLAN KARDEC). 1ª. Parte. Item 14.

“O Porvir e o Nada” (a unidade de crença quanto ao futuro).

Por instinto tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que deram causa à diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro – não sendo uma obra da imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista – congraçarà, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou hesitantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza. **A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.**

JUSTIÇA DIVINA. (EMMANUEL).

“Espiritismo explicando”.

Indagamos quanto ao Grande Porvir. A Doutrina Espírita sossegou-te as ânsias, explicando que te encontras provisoriamente no mundo, a serviço do próprio burilamento, para a imortalidade vitoriosa.

Perguntavas sobre os amargos desajustes entre corpo e alma, quando a enfermidade ou a mutilação aparece. A Doutrina Espírita asserenou-te a aflitiva contenda íntima, explicando que a individualidade eterna se utiliza, temporariamente, de um corpo imperfeito, como alguém que se vale de instrumento determinado para determinada tarefa de corrigenda a si mesmo.

Inquirias com respeito à finalidade dos problemas domésticos. A Doutrina Espírita harmonizou-te o pensamento, explicando que o lar é instituto de regeneração e de amor, onde retomas a convivência dos amigos e desafetos das existências passadas, para a construção do futuro melhor.

Interrogavas em torno dos entes amados, além do túmulo. A Doutrina Espírita dissipou-te as dúvidas, explicando que o sepulcro não é o fim, tanto quanto o berço não é o princípio, e que toda criatura, ao desenfaixar-se dos laços físicos, prossegue na marcha de aprimoramento e ascensão, do ponto evolutivo em que se achava na Terra.

Interpelavas o campo religioso, acerca da Justiça Divina. A Doutrina Espírita suprimiu-te a inquietação, explicando que Deus não concede privilégios, e que, em qualquer estância do Universo, a alma recebe, inelutavelmente, da vida o bem ou o mal que dá de si própria.

Torturavas a mente, qual se devesse respirar em cárcere de mistério, toda vez que cogitavas das questões transcendentais da fé. A Doutrina Espírita acalmou-te, explicando que ninguém pode violentar aos outros, em matéria de crença, acentuando, porém, que toda fé, para nutrir-se de luz, deve ser raciocinada, em bases de lógica, porquanto, diante das Leis Divinas, cada consciência é responsável pelos próprios destinos.

É necessário valorizar a Doutrina que, generosamente, nos valoriza. Sustentar-lhe a integridade e a pureza, perante Jesus que a chancela, é procurar o nosso aperfeiçoamento e trabalhar por nossa união.

A GÊNESE. (A.KARDEC)

GÊNESE ORGÂNICA – CAP. X.

Primeira Formação dos Seres Vivos.

1. Houve um tempo em que os animais não existiam, e portanto tiveram começo. Vimos cada espécie aparecer à medida que o globo adquiriu as condições necessárias à sua existência: eis o que é positivo. Como é que se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que a partir de um primeiro casal, os indivíduos se multiplicassem; mas, este primeiro casal, de onde saiu? Este é um dos mistérios que se entrosam com o princípio das coisas, e a cujo respeito somente se podem formular hipóteses. Se a ciência ainda não pode resolver completamente o problema pelo menos pode examiná-lo.

2. Uma primeira questão que se apresenta é esta: Cada espécie animal deriva de um **primeiro casal**, ou de diversos casais criados, ou se assim o preferirmos, **germinados** simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável; poder-se-ia mesmo dizer que ela deriva da observação. Com efeito, o estudo das camadas geológicas atesta a presença, em terrenos da mesma formação, e isso em proporções enormes, da mesma espécie, sobre os pontos mais afastados do globo. Esta multiplicação tão geral, e de alguma forma contemporânea, teria sido impossível com um tipo primitivo único.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo nascente, é sujeita a tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ser comprometida, sem a pluralidade dos tipos, o que implicaria numa imprevidência inadmissível da parte do soberano Criador. Aliás, se num ponto pôde formar-se certo tipo, o mesmo tipo pôde ser formado em diversos pontos, pela mesma causa. Tudo concorre, pois, para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos pode se deduzir, por analogia, da mesma lei segundo a qual os corpos inorgânicos foram formados, e ainda são formados todos os dias. À medida que aprofundamos o conhecimento das leis da natureza, percebem-se os meios que, à primeira vista parecem tão complicados, simplificarem-se e se confundirem na grande lei de unidade que preside a toda obra da criação. Ela será melhor compreendida quando houvermos tomado conhecimento da formação dos corpos inorgânicos, de que ela é o primeiro grau.

4. A Química considera como elementares certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o fluor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Mediante sua combinação, formam os corpos compostos: os óxidos (substância resultante da união do oxigênio, seja com um elemento, seja com um radical – raiz -), os álcalis (substâncias com as propriedades da base), os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes. A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige o concurso particular de circunstâncias: seja um grau determinado de calor, de secura ou de umidade, seja o movimento, ou o repouso, seja uma corrente elétrica, etc. Se tais condições não existirem, a combinação não se realiza.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, ao passo que o composto que daí resulta possui qualidades novas, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio, que são gases invisíveis, sendo combinados quimicamente, formam a água, que é líquida, sólida ou em vapor, segundo as variações da temperatura. Falando de modo adequado, na água não há mais oxigênio e hidrogênio, mas sim um novo corpo; esta água sendo decomposta, os dois gases, voltando a ser livres, recuperam suas propriedades, e não há mais água. A mesma quantidade de água pode assim ser alternadamente decomposta e recomposta, de modo infinito.

6. A composição e a decomposição dos corpos se realizam em conseqüência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns pelos outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; porém se colocarmos em contato com a água um corpo que tenha pelo oxigênio afinidade maior que a afinidade do hidrogênio por este, a água se decompõe; o oxigênio é absorvido, o hidrogênio torna-se livre, e a água não existe mais.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, é necessária uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio são combinadas com duas de hidrogênio, ao invés de água, obteremos o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado no entanto com os mesmos elementos da água, porém numa outra proporção.

8. Tal é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade de tais corpos resulta de um número pequeno de princípios elementares, combinados em proporções diferentes.

Assim é que o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro, ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, todos os dois inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com as matérias chamadas cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cálcio ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a gres, os estalactitos das grutas; unida a cal ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso, e o alabastro; ao ácido fosfórico, resultam: o fosfato de cálcio, base sólida dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidro-clorídrico; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações, e milhares de outras, se obtêm artificialmente, em pequena escala, nos laboratórios de Química; elas se operam espontaneamente, em grande escala, no grande laboratório da Natureza. A Terra, em sua origem, não continha tais matérias combinadas, mas unicamente seus princípios constitutivos, volatizados. Quando as terras calcárias e outras, tornadas por fim pedregosas foram depositadas em sua superfície, elas não existiam como produtos acabados; mas no ar se encontravam, no estado gasoso, todas as substâncias primitivas; tais substâncias precipitadas por efeito do resfriamento sob o império de circunstâncias favoráveis, se combinaram segundo o grau de sua afinidade molecular; é então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio dissolvido nas águas, e depois depositados na superfície do solo.

Suponhamos que por uma causa qualquer, a Terra volte a seu estado de incandescência primitiva; tudo isso se decomporá. Os elementos se separarão, todas as substâncias fusíveis se fundirão; todas as voláteis se volatilizarão. Depois, um segundo resfriamento resultará numa segunda precipitação, e as antigas combinações se formarão novamente.

(Itens 10 a 15, no próximo capítulo)

O CONSOLADOR (EMMANUEL)

VELHO TESTAMENTO – PROFETAS. Questões 275 a 281.

275 – *Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem?* – Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo, desde a primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus.

276 – *A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo?* – Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Ele poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados, para sondar com precisão as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus.

277 – *Os Espíritos elevados, como os profetas antigos, devem ser considerados como anjos ou como Espíritos eleitos?* – Como missionários do Senhor, junto à esfera de atividade propriamente material, os profetas antigos eram também dos “chamados” à luminosa sementeira. Para a nossa compreensão, a palavra “anjo”, neste passo, deve designar somente as entidades que já se elevaram ao plano superior, plenamente redimidas, onde são “escolhidos” na tarefa sagrada d’Aquele cujas palavras não passarão. O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo. A compreensão do homem, todavia, em se tratando de angelitude, generalizou a definição, estendendo-a a todas as almas virtuosas e boas, nos bastidores da sua literatura, o que se justifica, entendendo-se que a palavra “anjo” significa “mensageiro”.

278 – *Devemos considerar como profetas somente aqueles a que se referem as páginas do Velho Testamento?* – Além dos ensinamentos legados por um Elias ou um Jeremias, temos de convir que numerosos missionários do plano superior precederam a vinda do Cristo, distribuindo no mundo o pão espiritual de suas verdades eternas. Um Çakyamuni, um Confúcio, um Sócrates, foram igualmente profetas do Senhor, na gloriosa preparação dos seus caminhos. Se desenvolveram ação distante do ambiente e dos costumes israelitas, pautaram a missão no mesmo plano universalista, em que as tribos de Israel foram chamadas a trabalhar, mais particularmente, pelo progresso religioso do mundo.

279 – *Os profetas hebraicos representavam o papel de sacerdotes dos crentes da Lei?* – Em todos os tempos houve a mais funda diferença entre o sacerdócio e o profetismo. Os antigos profetas de Israel nunca se caracterizaram por qualquer expressão de servilismo às convenções sociais e aos interesses econômicos, tão ao gosto do sacerdócio organizado, em todas as eras e em todos os lugares. Extremamente dedicados ao esforço próprio, não viviam do altar de sua fé, mas do trabalho edificante, fosse na indumentária dos escravos oprimidos, ou no insulamento do deserto que as suas aspirações religiosas sabiam povoar de um santo dinamismo construtivo.

280 – *Os profetas do Cristo têm voltado à esfera material para trazer aos homens novas expressões de luz para o futuro da Humanidade?* – Em tempo algum as coletividades humanas deixaram de receber a sublime cooperação dos enviados do Senhor, na solução dos grandes problemas do porvir. Nem sempre a palavra da profecia poderá ser trazida pelas mesmas individualidades espirituais dos tempos idos; contudo, os profetas de Jesus, isto é, as poderosas organizações espirituais dos planos superiores, têm estado convosco, incessantemente, impulsando-vos à evolução em todos os sentidos, multiplicando as vossas possibilidades de êxito nas experiências difíceis e dolorosas. É verdade que os novos enviados não precisarão dizer o que já se encontra escrito, em matéria de revelações religiosas; todavia, agem nos setores da Ciência e da Filosofia, da Literatura e da Arte, levantando-vos o pensamento abatido para as maravilhosas construções espirituais do porvir. Igualmente, é certo que os missionários novos não encontraram o deserto de figueiras bravas, onde os seus predecessores se nutriam apenas de gafanhotos e de mel

selvagem, mas ainda são obrigados a viver no deserto das cidades tumultuosas, entre corações indiferentes e incompreensíveis, cercados pela ingratidão e pela zombaria dos contemporâneos, que, muitas vezes, lhes impõem o pelourinho e o sacrifício. O amor de Jesus, todavia, é a seiva divina que lhes alimenta a fibra de trabalho e realização, e, sob as suas bênçãos generosas, as grandes almas solitárias atravessam o mundo, distribuindo a luz do Senhor pelas estradas sombrias.

281 – *A leitura do Velho Testamento e do Evangelho, nos círculos familiares, como é de hábito entre muitos povos europeus, favorece a renovação dos fluidos salutarres de paz na intimidade do coração e do ambiente doméstico?* – Essa leitura é sempre útil, e quando não produz a paz imediata, em vista da heterogeneidade de condições espirituais daqueles que a ouvem em conjunto, constitui sempre proveitosa sementeira evangélica, extensiva às entidades do plano invisível, que a assistem, sendo lícito esperar mais tarde o seu florescimento e frutificação.

*

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – LEI DE LIBERDADE.

Liberdade Natural – Questões 825 a 828-a.

825 – Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta? – *Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, os pequenos como os grandes.*

826 – Qual seria a condição em que o homem pudesse gozar de liberdade absoluta? – *A do eremita no deserto. Desde que haja dois homens juntos há direitos a respeitar e não terão eles, portanto liberdade absoluta.*

827 – A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o direito de se pertencer a si mesmo? – *Absolutamente, pois esse é um direito que lhe vem da natureza.*

828 – Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o seu freqüente despotismo no lar e com os seus subordinados? – *É que possuem a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Sabem o que devem fazer, quando não transformam os seus princípios numa comédia bem calculada, mas não o fazem.*

828-a – Os princípios que professaram nesta vida lhes serão levados em conta na outra? – *Quanto mais inteligência tenha o homem para compreender um princípio, menos escusável será de não o aplicar a si mesmo. Na verdade vos digo que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que aparenta o que não é.*

NA ERA DO ESPÍRITO (F.CÂNDIDO XAVIER E J. HERC. PIRES)

a) Honrarás a Liberdade (Emmanuel).

Honrarás a liberdade, não para voltar às brumas do passado em cujos desvarios já nos submergimos muitas vezes, e que te impeliram a tomar novo corpo no plano físico, mas, freqüentemente, para resgatar as conseqüências infelizes dos atos impensados.

Estimarás a liberdade para cultivar a consciência tranqüila pelo exato desempenho dos compromissos que esposaste.

Muitos companheiros da Humanidade se farão ouvir, diante de ti, alinhando teorias brilhantes em se referindo a independência e progresso, quase sempre para justificar o desgovernado predomínio do instinto sobre a razão, como se progresso e independência constituíssem retorno ao primitivismo e à animalidade.

Ouvirá a todos eles com tolerância e bondade, observando, porém, as ciladas que se lhes ocultam sob o luxo verbalístico, à maneira de armadilhas recobertas de flores, e seguirás adiante de coração atento à execução dos encargos que a vida te reservou.

Sabes que a inteligência, quando se propõe desregrar-se no esquecimento dos princípios que lhe ditam comportamento digno, inventa facilmente vocábulos cintilantes, de modo a disfarçar a própria deserção.

Aceitarás o trabalho no grupo doméstico ou na equipe de ação edificante aos quais te vinculas, na produção do bem geral, doando o melhor de ti mesmo em abnegação aos companheiros que te compartilham a experiência, na certeza de que unicamente nas lutas e sacrifícios em que somos obrigados a viver e a conviver, uns à frente dos outros, é que conseguiremos a carta de alforria no cativoiro que nos aprisiona aos resultados menos felizes das existências passadas.

Orarás e vigiarás, segundo os ensinamentos de Jesus, e honrarás a liberdade qual ele mesmo a dignificou, amando aos semelhantes sem exigir o amor alheio e prestando auxílio sem pensar em recebê-lo. Serás, enfim, livre para obedecer às Leis Divinas, e sempre mais livre para ser cada vez mais útil e servir cada vez mais.

*

b) Condições da Liberdade. (Irmão Saulo).

O princípio da liberdade é um anseio natural do homem e constitui o fundamento de todas as realizações duradouras. Sabemos que o homem é, na Terra, entre os seres visíveis que a povoam, o único realmente dotado de livre arbítrio. Mas a liberdade é condicionada pela responsabilidade, sendo que a responsabilidade, por sua vez, não pode existir sem liberdade. Estamos diante do que poderíamos chamar a dialética da autonomia. Da interação de liberdade e responsabilidade surge a síntese da independência, tanto em plano individual como no coletivo. A questão 825 de *O Livro dos Espíritos* é a seguinte: “Pergunta: Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de liberdade absoluta? – Resposta: Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, assim os pequenos como os grandes”. Esse problema foi amplamente analisado por Kardec no estudo “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, publicado em *Obras Póstumas*. Ali encontramos esta proposição: “Do ponto de vista do bem social a fraternidade figura em primeira linha, é a base. Sem ela não poderá haver igualdade nem liberdade verdadeiras. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é uma consequência das duas”.

Temos assim duas condições sociais para a liberdade, que são os princípios de igualdade e fraternidade, e uma condição moral que é a responsabilidade. A essas condições Emmanuel propõe os corolários (consequência necessária e evidente) da obediência e do serviço. Sem obediência às leis divinas, que nos mandam servir ao próximo por amor, não há liberdade. Por outro lado, a liberdade absoluta não existe, é apenas um sofisma (engano, logro, raciocínio vicioso, cuja base repousa num hábil jogo de palavras, é um argumento sedutor, aparentemente correto, mas na realidade falso, destinado a induzir o interlocutor a erro). Vivemos no relativo e não no absoluto.

Mas o que são as leis divinas? Um código de moral escrito? Para o Espiritismo as leis divinas são as próprias leis naturais, criadas por Deus. Os sofistas modernos pedem a liberdade dos instintos animais do homem, mas o Espiritismo nos adverte da existência dos instintos espirituais que constituem as exigências da consciência. E entre esses acen-tua a presença da *lei de adoração* que nos impulsiona a todos em direção a Deus.

*

LIVRO “O CONSOLADOR” (EMMANUEL)

FILOSOFIA – EXPERIÊNCIA (Questões 136 a 145, continuação do Cap.II)

136 – *Existem seres agindo na Terra sob determinação absoluta?* – Os animais e os homens quase selvagens nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amor, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal. Sem saberem amar os irracionais e os irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados na Terra exterminam os primeiros, para a sua alimentação, e escravizam os segundos para objeto de explorações grosseiras, com exceções, de modo a mobilizá-los a serviço do seu egoísmo e da sua ambição.

137 – *O homem educado deve exercer vigilância sobre o seu grau de liberdade?* – É sobre a independência própria que a criatura humana precisa exercer a vigilância maior. Quando o homem educado se permite examinar a conduta de outrem, de modo leviano ou inconveniente, é sinal que a sua vigilância padece desastrosa deficiência, porquanto a liberdade de alguém termina sempre onde começa uma outra liberdade, e cada qual responderá por si, um dia, junto à Verdade Divina.

138 – *Em se tratando das questões do determinismo, qualquer ser racional pode estar sujeito a erros?* – Todo ser racional está sujeito ao erro, mas a ele não se encontra obrigado. Em plano de provações e de experiências como a Terra, o erro deve ser sempre levado à conta dessas mesmas experiências, tão logo seja reconhecido pelo seu autor direto, ou indireto, tratando-se de aproveitar os seus resultados, em idênticas circunstâncias da vida, sendo louvável que as criaturas abduquem a repetição dos experimentos, em favor do seu próprio bem no curso infinito do tempo.

139 – *Se na luta da vida terrestre existem circunstâncias por toda parte, qual será a melhor de todas, digna de ser seguida?* – Em todas as situações da existência a mente do homem defronta circunstâncias do determinismo divino e do determinismo humano. A circunstância a ser seguida, portanto, deve ser sempre a do primeiro, a fim de que o segundo seja iluminado, destacando-se essa mesma circunstância pelo seu caráter de benefício geral, muitas vezes com o sacrifício da satisfação egoística da personalidade. Em virtude dessa característica, o homem está sempre habilitado, em seu íntimo, a escolher o bem definitivo de todos e o contentamento transitório do seu “eu”, fortalecendo a fraternidade e a luz, ou agravando o seu próprio egoísmo.

140 – *Os astros influenciam igualmente na vida do homem?* – As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece.

141 – *Há influências espirituais entre o ser humano e o seu nome, tanto na Terra, como no Espaço?* – Na Terra ou no plano invisível, temos a simbologia sagrada das palavras; todavia, o estudo dessas influências requer um grande volume de considerações especializadas e, como o nosso trabalho humilde é uma apologia ao esforço de cada um, ainda aqui temos de reconhecer que cada homem recebe as influências a que fez jus, competindo a cada coração renovar seus próprios valores, em marcha para realizações cada vez mais altas, pois que o determinismo de Deus é o bem, e todos os que se entregarem realmente ao bem, triunfarão de todos os óbices do mundo.

142 – *Poderíamos receber um ensinamento sobre o número sete, tantas vezes utilizado no ensino das tradições sagradas do Cristianismo?* – Uma opinião isolada nos conduzirá a muitas análises nos domínios da chamada numerologia, fugindo ao escopo de nossas cogitações espirituais. Os números, como as vibrações, possuem a sua mística natural, mas, em face de nossos imperativos de educação, temos de convir que todos os nú-

meros, como todas as vibrações, serão sagrados para nós, quando houvermos santificado o coração para Deus, sendo justo, nesse particular, copiarmos a antiga observação do Cristo sobre o sábado, esclarecendo que os números foram feitos para os homens, porém, os homens não foram criados para os números.

143 – *Deve acreditar-se na influência oculta de certos objetos, como jóias, etc., que parecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?* – Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão por que parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão-somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.

144 – *Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro?* – Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus. Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham à demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

145 – *Que dizermos da cartomancia em face do Espiritismo?* – A cartomancia pode enquadrar-se nos fenômenos psíquicos, mas não no Espiritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram, ou pelos fatos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

*

LIVRO “EMMANUEL”. (EMMANUEL).

O LABOR DAS ALMAS

Descerradas as pesadas cortinas materiais que aí na Terra nos cobriam os olhos do Espírito, experimentamos, aliados às comoções de êxtase diante da imensidade, o desejo de comunicar a verdade a todas as criaturas. Como, porém, atingir semelhante desiderato?

Obstáculos inúmeros se nos antolham, avultando o da falta de um estabelecimento direto entre o plano material e o espiritual, que somente poderíamos obter através de poderosa mediunidade generalizada, capaz de registrar de maneira palpável todas as maravilhas do mundo psíquico. Todavia, o porvir humano nos faz entrever essa ligação mais íntima dos Espíritos, pertençam ou não ao orbe carnal.

DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO

Na atualidade, quase todo fato mediúnico constitui o fenômeno, o mistério, o acontecimento que exorbita das leis naturais, considerado, portanto, erradamente pelos seus observadores. Daí o nascerem numerosas dificuldades para que muitas entidades atuem de forma sensível em vossas existências. Mas, se lhes é impossível a comunicação direta, é fácil a sua participação em vossos afazeres, estudos, pensamentos e preocupações. Os Espíritos, prepostos a esse ou àquele mister no seio da Humanidade e da Natureza, formam um conjunto harmonioso e muito maior do que julgais.

Rompido o laço que a une à matéria, um dos primeiros pensamentos da alma é para os seres queridos que ficaram à distância, e a ansiedade de revê-los constitui um dos mais santos objetivos de suas aspirações. Nem sempre isso lhes é permitido, porquanto

uma ordem indefectível preside às leis cósmicas que são as leis divinas. Fazem tudo, porém, para que se tornem dignas da confiança superior, e é assim que inúmeras criaturas desencarnadas se entregam, em vossos ambientes, a misteres dignificantes e redentores.

O TRABALHO DOS ESPÍRITOS

Em vossa vida, tomam parte as entidades do Além: sem que as vejais, perambulam em vosso meio, atuam em vossos atos, sem que os vossos nervos visuais lhes registrem a presença.

Edificante é observarmos o sacrifício de tantos seres evolvidos que se consagram a sagrados labores, no planeta das sombras, quais os da regeneração de individualidades obcecadas no mal, operando abnegadamente a serviço da redenção de todas as almas, atirando-se com destemor a tarefas penosas, cheios de renúncia santificadora.

NECESSIDADE DO SACRIFÍCIO

Fora da carne, compreende-se a excelência da abnegação e do sacrifício a prol de outrem. A maioria das nossas obras pessoais são como bolhas de água sabonada que se dispersam nos ares, porque, visando ao bem-estar e ao repouso do “eu”, têm como base o egoísmo que atrofia a nossa evolução. Toda a felicidade do Espírito provém da felicidade que deu aos outros, todos os seus bens são oriundos do bem que espalhou desinteressadamente.

Compreendendo essas verdades, muitas vezes após as transformações da morte, nós as assimilamos tardiamente, porque, de posse das realidades próximas do Absoluto, concatenamos as nossas possibilidades. laborando ativamente na obra excelsa do bem comum e do progresso geral, encontrando, assim, forças novas que nos habilitam a merecido êxito em novas existências de abnegação que nos levarão às esferas felizes do Universo.

Venturosos são os raros Espíritos que sentem a excelsitude dessas verdades na vida corporal. Sacrificando-se em benefício dos semelhantes, experimentam, mesmo sob a cruz das dores, a suave emoção das venturas celestes que os aguardam nos planos aperfeiçoados do Infinito.

DESENVOLVIMENTO DA INTUIÇÃO

Faz-se mister, em vossos tempos, que busqueis desenvolver todas as vossas energias espirituais – forças ocultas que aguardam o vosso desejo para que desabrochem plenamente. O homem necessita das suas faculdades intuitivas, através de sucessivos exercícios da mente, a qual, por sua vez, deverá vibrar ao ritmo dos ideais generosos.

Cada individualidade deve alargar o círculo das suas capacidades espirituais, porquanto, poderá, como recompensa à sua perseverança e esforço, certificar-se das sublimes verdades do mundo invisível, sem o concurso de quaisquer intermediários. O que se lhe faz, porém, altamente necessário é o amor, o devotamento, a aspiração pura e a fé inabalável, concentrados nessa luz que o coração almeja fervorosamente: esse estado espiritual aumentará o poder vibratório da mente e o homem terá então nascido para uma vida melhor.

*

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J.Herculano Pires). Tema: “DA MAGIA AO MITO”. Pág.54.

Num curioso estudo comparativo sobre a vida e a obra de Mark Twain e Monteiro Lobato, o prof. Cassiano Nunes, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, assinala o interesse de dois escritores, o norte-americano e o brasileiro, pelo Espiritismo.

E buscando uma explicação para esse interesse, em dois espíritos pragmáticos, voltados intensamente para a atividade prática, lembra uma observação de Otto Maria Carpeaux, quanto ao que pode haver de paradoxalmente materialista no interesse pelo Espiritismo.

Logo mais, analisando a posição de Lobato, nota Cassiano Nunes que ele entendia “o advento do Espiritismo como progresso da ciência.” Não era, pois, o sentimento religioso, mas o racionalismo materialista de Lobato que o levava a interessar-se pelos “fatos surpreendentes”. Algumas frases de Lobato provariam isso: “Um dia, esses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, serão conhecidos e fichados, como tantos da química”. Ou ainda: “Os compêndios de física trarão o capítulo novo da metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo novo da termodinâmica”.

A observação de Carpeaux, que vai correndo o mundo, pois já a vimos citada algumas vezes, precisa de melhor análise. Qual a razão do materialismo no interesse do Espiritismo, se este é exatamente a negação do materialismo? A razão estaria nos fatos materiais que demonstram a existência do espírito, ou seja, nos chamados fenômenos físicos do Espiritismo, como os “raps”, as materializações, a movimentação de objetos, as levitações. Mas a recíproca não prova o contrário? Pois o que os interessados buscam nessas manifestações materiais não é exatamente o espírito, a prova da sobrevivência? Não é a demonstração da existência espiritual?

Muito mais de materialismo existe no espiritualismo formalista, que se traduz pelas formas de religião natural ou positiva.

Porque nesse espiritualismo, além dos fenômenos materiais, existem os símbolos materiais, cujo poder de concretização chega, em geral, a absorver o sentido espiritual. A evolução espiritual do homem, atestada pela História das Religiões, revela-nos esse processo dialético, através do qual o espírito humano se desprende da fascinação mágica primitiva para ligar-se às ideias mitológicas. Nosso espiritualismo religioso, que tem sempre uma acusação de materialismo para os processos espirituais diferentes, está densamente impregnado de magia e mitologia. Sacramentos, objetos sagrados, instrumentos de culto, efígies, medalhas e imagens, ídolos, constituem o seu complicado aparelhamento material.

O Espiritismo, ao contrário disso, não admite o culto material, a adoração idólatra, o apego às fórmulas mágicas. Na mesma linha da evolução religiosa a que nos referimos acima, o Espiritismo afasta deliberadamente o acervo material do espiritualismo antigo, para que o homem possa voltar-se livremente em direção ao espírito. Os fenômenos psíquicos pelos quais se interessa não têm sentido mágico, nem religioso, mas científico. São encarados como fatos naturais, e não sobrenaturais. Fatos que servem para demonstrar a realidade espiritual no próprio plano do material, pois este nada mais é do que uma conseqüência daquela.

Haverá, por exemplo, maior tendência materialista no interesse por fenômeno de materialização, do que no interesse pelo ato mágico da consagração de um objeto, no qual o próprio Deus “é obrigado” a materializar-se, para que o homem o absorva em forma de alimento? Bastaria este exemplo para mostrar a falta de fundamento e até mesmo a injustiça que estigmatiza a observação de Carpeaux. O interesse pelo Espiritismo nada tem de materialista, nem de paradoxal. É uma conseqüência natural da evolução do homem, que a partir do materialismo primitivo, vai se libertando pouco a pouco daquilo que Hunters-teinem chamou “a fisiologia do mito”, para racionalmente buscar a espiritualidade, nos próprios processos da vida. Veja-se o contraste: o Espiritismo atrai pela evidência dos fenômenos psíquicos, enquanto o Espiritualismo tradicional atrai pela materialização do psíquico no formalismo religioso, materialização que resulta numa “fisiologia do mito”.

Quanto à posição de Lobato, impregnada de interesse científico, está de pleno acordo com o próprio sentido do Espiritismo. No seu livro “A Gênese”, logo no primeiro capítulo, Kardec esclarece o motivo porque o Espiritismo só apareceu em meados do século passado: porque era necessário o desenvolvimento das ciências, para lhe preparar

condições. Kardec faz mais: afirma, no próprio “Livro dos Espíritos”, aquilo mesmo que Lobato afirmava, ou seja, que o Espiritismo é o desenvolvimento natural da ciência. Mas, precisamente por ser um desenvolvimento, não é simples prolongamento do materialismo científico. É, pelo contrário, o rompimento desse materialismo, para que a ciência se espiritualize.

As comparações de Kardec correspondem bem às de Lobato. O problema espiritual, envolto nas névoas do mágico e do mitológico, deve racionalizar-se, na era nova que surge a partir do Renascimento. Racionalizar não é materializar, mas espiritualizar. A razão se sobrepõe à matéria, é ação do espírito sobre a matéria. Basta nos lembrarmos de Hegel, para compreendermos isso. Racionalizar o problema espiritual é depurá-lo da ganga grosseira da superstição primitiva. É libertá-lo das formas materiais da magia e idolatria, desembaraçá-lo do misticismo alegórico, em que as alegorias, formas de comparação do espiritual com o material, impedem a verdadeira compreensão espiritual.

Carpeaux poderia dizer que as fórmulas mágicas do chamado “baixo-espiritismo” contradizem o que estamos afirmando. Mas, nesse caso, teríamos de lembrar que o Espiritismo é uma doutrina racional, não uma prática religiosa de tipo sincrético, segundo pretendem os seus adversários. O chamado “baixo-espiritismo” nada tem de Espiritismo. É simplesmente a forma de larvar as chamadas religiões positivas.

*

III – CIÊNCIA ESPÍRITA

“O LIVRO DOS MÉDIUNS” – Primeira Parte: HÁ ESPÍRITOS.

Questão n. 3 - Perispírito

(...) Tudo isto não passa de uma teoria mais racional do que a outra. Mas já não é bastante ser uma teoria que a razão e a ciência não contradizem? Além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a sanção da lógica e da experiência. Encontramos os fatos nos fenômenos de manifestações espíritas, que nos dão a prova positiva da existência e da sobrevivência da alma. Há muita gente, porém, que nega a possibilidade dessas comunicações com os Espíritos. São pessoas que acreditam na existência da alma, e conseqüentemente na dos Espíritos, mas sustentam a teoria de que os seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Trata-se de uma dúvida originada pela ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, da qual geralmente se faz uma idéia falsa, considerando-os seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é verdade.

Consideremos o Espírito, antes de mais nada, na sua união com o corpo. O Espírito é o elemento principal dessa união, pois é o *ser pensante e que sobrevive à morte*. O corpo não é mais que um acessório do Espírito, um invólucro, uma roupagem que ele abandona depois de usar. Além desse envoltório material o Espírito possui outro, semimaterial, que o liga ao primeiro. Na morte, o Espírito abandona o corpo, mas não o segundo envoltório, a que chamamos de *perispírito*. Este envoltório semimaterial, que tem a mesma forma humana do corpo, é uma espécie de corpo fluídico, vaporoso, invisível para nós no seu estado normal, mas possuindo ainda algumas propriedades da matéria. (O apóstolo Paulo, como podemos ver na I Epístola aos Coríntios, chama o perispírito de *corpo espiritual*, que é o corpo da ressurreição. As investigações científicas da Metapsíquica e da Parapsicologia tiveram também de enfrentar, malgrado o materialismo dos pesquisadores, a existência desse corpo semimaterial. Nota de J. Herculanô Pires, tradutor).

Não podemos, pois, considerar o Espírito como uma simples abstração, mas como um ser limitado e circunscrito, a que só falta ser visível e palpável para assemelhar-se às criaturas humanas. Por que não poderia ele agir sobre a matéria? Pelo fato de ser fluídico o seu corpo? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, como a eletricidade, por exemplo, e os que se consideram mais imponderáveis, que encontramos as mais poderosas forças motoras? A luz imponderável não exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos ainda a natureza íntima do perispírito, mas podemos supô-lo cons-

tituído de substância elétrica, ou de outra espécie de matéria tão sutil como essa.. Por que separado não poderia agir da mesma maneira, dirigido pela vontade? (Além das ações químico-físicas dos elementos imponderáveis, a Parapsicologia moderna provou, em experiências de laboratório, a ação da mente sobre a matéria. O prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, chegou à conclusão de que a mente não é física, mas age por *via-extrafísica*, sobre o mundo material. Os parapsicólogos soviéticos, materialistas, comprovaram a ação mental sobre a matéria, afirmando que o córtex cerebral deve possuir uma energia material ainda não conhecida pelas ciências. Nota de J. Herculano Pires, tradutor).

*

LIVRO “SEARA DOS MÉDIUNS” (EMMANUEL)

Ensino Espírita

Se abraçaste na Doutrina Espírita o roteiro da própria renovação, em toda parte é naturalmente chamado a fixar-lhe os ensinamentos.

Administrador, não te limitarás ao controle de patrimônios físicos, porque sabrás aplicá-los no bem de todos. **Legislador**, não te guardarás na galeria dos privilégios, porque humanizarás os estatutos do povo. **Juiz**, não te enquistarás na autoridade de convenção, porque serás em ti mesmo a garantia do Direito correto. **Médico**, não estarás circunscrito ao órgão enfermo, porque auscultarás, igualmente, a alma que sofre. **Professor**, não terás nos discípulos meros associados no estudo dos números e das letras, mas verdadeiros filhos do coração. **Negociante**, não farás do comércio a feira dos interesses inferiores, mas a escola da fraternidade e do auxílio. **Operário**, não furtarás o tempo, no exercício da rebeldia, mas vigiarás, satisfeito, o desempenho das próprias obrigações. **Lavrador**, não serás sanguessuga insaciável da terra, mas recolher-lhe-ás os produtos, ajudando-a, nobremente, a reverdecer e florir.

Seja qual for a profissão em que te situes, vives convidado a enobrecê-la com o selo de tua fé, moldada nos valores humanos, porquanto, na responsabilidade espírita, toda ação bem precisa ultrapassar o dever para que o ato de servir se converta em amor. Hoje e agora, onde estivermos, segundo os nossos princípios, somos constantemente induzidos a lecionar disciplinas de entendimento e conduta. Aqui é a solidariedade, ali é a fidelidade aos compromissos, adiante é a compreensão, mais além, é a renúncia... Aqui é o devotamento ao trabalho, ali é a paciência, adiante é o perdão incondicional, mais além é o espírito de sacrifício...

Doutrina Espírita, na essência, é universidade de redenção. E cada um de seus profíctos ou alunos, por força da obrigação no burilamento interior, é obrigado a educar-se para educar. É por isso que, se lhe esposaste as tarefas, seja esse ou aquele o setor de tuas atividades, estarás, cada dia, ensinando o caminho da elevação, na cadeira do exemplo.

*

LIVRO “O CONSOLADOR”. (EMMANUEL)

CIÊNCIAS FUNDAMENTAIS: BIOLOGIA. Questões 27 a 41.

27 – *Como devemos compreender a Natureza?* – A Natureza é sempre o livro divino, onde as mãos de Deus escrevem a história de sua sabedoria, livro da vida que constitui a escola de progresso espiritual do homem, evoluindo constantemente com o esforço e a dedicação de seus discípulos.

28 – *As manifestações de vida nos vários reinos da Natureza, abrangendo o homem, significam a expressão do Verbo Divino, em escala gradativa nos processos de aperfeiçoamento da Terra?* – Sim, em todos os reinos da Natureza palpita a vibração de Deus, como o Verbo Divino da Criação Infinita; e, no quadro sem-fim do trabalho da experiência, todos os princípios, como todos os indivíduos, catalogam os seus valores e aquisições sagradas para a vida imortal.

29 – *Os Espíritos cooperam no desenvolvimento do embrião do corpo em que se vão reencarnar? E, em caso afirmativo, chegam a operar nos complexos celulares da herança física, para que os corpos futuros sejam dotados de certos elementos aptos a satisfazerem as circunstâncias da prova ou missão que hajam de cumprir?* – No caso dos Espíritos evolucionados, senhores de realizações próprias, inalienáveis, essa cooperação quase sempre se verifica, junto ao esforço dos prepostos de Jesus, que operam nesse sentido, com vistas ao porvir de suas lutas no ambiente material. Temos de considerar, todavia, que os Espíritos rebeldes, ou indiferentes, desprovidos dos valores próprios indispensáveis, têm de aceitar a deliberação dos prepostos referidos, os quais escolhem as substâncias que merecem ou que lhes são imprescindíveis no processo de resgate ou de evolução.

30 – *Há órgãos no corpo espiritual?* – Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo.

31 – *A reencarnação inicia-se com as primeiras manifestações de vida do embrião humano?* – Desde o instante primeiro de tais manifestações, a entidade espiritual experimenta os efeitos da sua nova condição. Importa reconhecer, todavia, que o espírito mais lúcido, em contraposição com os mais obscurecidos e ignorantes, goza de quase inteira liberdade, até a consolidação total dos laços materiais com o novo nascimento na esfera do mundo.

32 – *Quando o embrião está sendo formado, existe uma interpenetração de fluidos entre a gestante e a entidade então ligada ao feto? Existem conseqüências verificáveis?* – Essa interpenetração de fluidos é natural e justa, ocasionando, não raras vezes, fenômenos sutilíssimos, como os chamados “sinais de nascença” que, somente mais tarde, poderão ser entendidos pela ciência do mundo, enriquecendo o quadro de valores da Biologia, no estudo profundo das origens.

33 – *O Espírito, em cada uma de suas encarnações, faz recapitulação das suas etapas evolutivas, assim como se verifica com o embrião material que recorda, antes do nascimento, toda a evolução da sua espécie?* – Essa recapitulação se verifica, na maioria dos casos, pela oportunidade que oferece à alma encarnada de se portar retamente, nas mesmas circunstâncias do passado culposo; porém, não constitui regra geral, salientando-se que, quanto maiores as aquisições de sabedoria e de amor, mais afastado se encontrará o Espírito, em aprendizado na Terra, dessa rememoração das experiências materiais, de cuja intimidade dolorosa poderá então prescindir, pela sua expressão superior de espiritualidade.

34 – *A denominada árvore genealógica dos seres humanos tem idêntica significação no plano espiritual?* – Na esfera espiritual persiste o mesmo esforço na conservação e dilatação dos afetos familiares e, ora nos trabalhos regeneradores da Terra, ora na luz santificante dos planos siderais, transformam-se as paixões ou sentimentos ilegítimos em sagrados liames do espírito. A árvore genealógica, porém, como se conhece na luta planetária, não se transporta ao plano invisível, porque, aí, os vínculos de sangue são substituídos pelas atrações dos sentimentos de amor sublime, purificados no patrimônio das experiências e lutas vividas em comum.

35 – *A genética está submetida a leis puramente materiais?* – As leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas. Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis por que, aos geneticistas, comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações.

36 – *Pode a genética estatuir medidas que melhorem o homem?* – Fisicamente falando, a própria natureza do orbe vem melhorando o homem, continuamente, nos seus processos de seleção natural. Nesse sentido, a genética só poderá agir copiando a própria natureza material. Se essa ciência, contudo, investigar os fatores espirituais, aderindo aos elevados princípios que objetivam a iluminação das almas humanas, então poderá criar um vasto serviço de melhoramento e regeneração do homem espiritual no mundo, mesmo porque, de outro modo, poderá ser uma notável mentora da eugenia, uma grande escultora das formas celulares, mas estará sempre fria para o espírito humano, podendo transformar-se em títere (fantoche, marionete) abominável nas mãos impiedosas dos políticos racistas.

37 – *As combinações de “genes”, aconselhadas pela genética, podem imprimir no homem certas faculdades ou certas vocações?* – Alguns cientistas da atualidade proclamam essas possibilidades, esquecendo, porém, que a vocação ou faculdade é atributo da individualidade espiritual, inacessível aos seus processos de observação. Os geneticistas podem realizar numerosas demonstrações nas células materiais; todavia, essas experiências não passarão dessa zona superficial, em se tratando das conquistas, das provações ou da posição evolutiva dos Espíritos encarnados.

38 – *Se a genética está orientada por elementos psíquicos, como esclarecer as conclusões tão exatas do mendelismo?* – O mendelismo realizou experiências notáveis, porém, ainda encontra fenômenos inexplicáveis no processo de suas observações positivas. Faz-se mister considerar, igualmente, que, em escala decrescente, nos reinos da Natureza, a genética apresenta resultados felizes nas suas demonstrações, pelo material simples e primitivo tomado para as suas observações práticas, tais como os complexos celulares de plantas e de animais, constituídos por expressões rudimentares. Em escala ascendente, contudo, onde a evolução psíquica apresenta as suas características de intensidade e realização, a genética encontrará sempre os fatores espirituais, convocando-a para um campo mais vasto e mais sublime de operações.

39 – *Quais as causas do nascimento de monstruosidades entre os homens e entre os animais?* – Não podemos olvidar que entre os homens esses fenômenos dolorosos decorrem do quadro de provações purificadoras, sem nos esquecermos, igualmente, de que o mundo terrestre ainda é escola preparatória de aperfeiçoamento. Os produtos teratológicos constituem luta expiatória, não só para os pais sensíveis, como para o Espírito encarnado sob penosos resgates do pretérito delituoso. Quanto aos animais, temos de reconhecer a necessidade imperiosa das experiências múltiplas no drama da evolução anímica. Em tudo, porém, busquemos divisar a feição educativa dos trabalhos do mundo. A Terra é uma vasta oficina. Dentro dela operam os prepostos do Senhor, que podemos considerar como os orientadores técnicos da obra de aperfeiçoamento e redenção. Em determinadas seções de esforço, os homens são maus alunos ou trabalhadores rebelados. Nesses núcleos, os prepostos de Jesus podem edificar o mesmo trabalho de sempre; todavia, encontram a perturbação e a resistência dos próprios beneficiados, razão pela qual a fonte de energias puras não pode ser responsabilizada pelos fenômenos que a deturpam, operados pela indiferença, pela intenção criminoso ou pela perversidade das próprias criaturas humanas, objeto constante do carinho desvelado do Senhor, em todos os caminhos dos seus destinos.

40 – *A fecundidade e a esterilidade são provas?* – No quadro de interpretações da Terra, esses conceitos podem indicar situações de prova para as almas que se encontram em experiências edificadoras; todavia, se considerarmos a questão no seu aspecto espiritual, somos obrigados a reconhecer que a esterilidade não existe para o espírito que, na Terra, ou fora dela, pode ser fecundo em obras de beleza, de aperfeiçoamento e de redenção.

41 – *A idéia de evolução, que tem influído na esfera de todas as ciências do mundo, desde as teorias darwinianas, representa agora uma nova etapa de aproximação en-*

tre os conhecimentos científicos do homem e as verdades do Espiritismo? – Todas as teorias evolucionistas no orbe terrestre caminham para a aproximação com as verdades do Espiritismo, no abraço final com a verdade suprema.

*

LIVRO: A GÊNESE (A. KARDEC)

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA. Itens 11 a 19.

11. Que diferença existe entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa a outra? Será o instinto uma inteligência rudimentar, ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos à realização de atos espontâneos e involuntários, em vista à sua conservação. Nos atos instintivos, não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, gira em direção à luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha alternativamente, segundo sua necessidade; que as plantas trepadeiras se enrolam em torno de seu apoio, ou se enroscam com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou prejudicial; que, nas estações propícias, se movimentam em direção aos climas propícios; que, sem lições preliminares, constróem, com mais ou menos arte, segundo as espécies, acomodações macias e abrigos para sua descendência, ou armadilhas para prender a presa de que se nutrem; que manejam com habilidade as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe incuba seus filhotes e que estes procuram o seio materno. Quanto ao homem, o instinto domina com exclusividade, no começo da vida; é pelo instinto que o infante faz seus primeiros movimentos, que agarra seu sustento, que chora para exprimir suas necessidades, que imita o som da voz, que ensaia a fala e o andar. Mesmo no adulto, certos atos são instintivos: os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para se livrar de um desastre, para manter o equilíbrio; tais são ainda, o piscar das pálpebras para diminuir o brilho da luz, a abertura maquinal da boca para respirar, etc.

12. A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias. Incontestavelmente, isto é um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; o que denota reflexão, combinação, uma deliberação, é intelectivo; um é livre o outro não o é.

O instinto é um guia seguro, que jamais se engana; a inteligência, pelo fato de ser livre, é por vezes sujeita a erro.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, não obstante, revela uma **causa inteligente**, essencialmente previsora. Admitindo que o instinto tem sua fonte na matéria será preciso admitir que a matéria é inteligente, e mesmo mais seguramente inteligente e providente que a alma, eis que o instinto não se engana jamais, ao passo que a inteligência se engana.

Se considerarmos o instinto como uma inteligência rudimentar, como é que assim poderá ser, quando, em certos casos, ele se demonstra superior à inteligência racional? Como é que proporciona a possibilidade de executar coisa que a razão não pode produzir?

Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, o que é feito deste princípio? Depois que o instinto se apaga, esse princípio seria pois anulado? Se os animais apenas são dotados de instinto, seu futuro não tem saída; seus sofrimentos não teriam nenhuma compensação. Tal não seria conforme à justiça e à bondade de Deus. (Cap. II, n. 19).

13. Segundo um outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, este princípio, que começaria

apenas com as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe conferiria as qualidades da inteligência livre.

Sendo assim, no homem inteligente que perde a razão, e apenas é guiado pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo; e, desde que recupere a razão, o instinto voltaria a ser inteligência, e assim alternativamente em cada acesso, o que não é admissível.

Além disso, a inteligência e o instinto se apresentam freqüentemente ao mesmo tempo, no mesmo ato. Com o andar, por exemplo, as pernas se movem de modo instintivo; o homem coloca um pé adiante do outro, maquinalmente, sem nada considerar; porém, quando quer diminuir ou acelerar sua marcha, erguer o pé ou desviar-se para evitar um obstáculo, aí há cálculo, combinação; ele age de modo deliberado. **O impulsamento involuntário do movimento é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente.** O animal carniceiro é impelido pelo instinto a nutrir-se de carne; porém, as precauções que ele toma, as quais variam segundo as circunstâncias, a fim de agarrar sua presa, sua previsão com relação às eventualidades, são atos de inteligência.

14. Uma outra hipótese que, por fim, alia-se perfeitamente à idéia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente previsor do instinto, e concorda com o que o Espiritismo nos ensina, a respeito das relações do mundo espiritual e do mundo corporal.

Atualmente, sabe-se que há Espíritos desencarnados que têm por missão velar sobre os encarnados, de quem são protetores e guias; que eles os rodeiam com seus eflúvios fluídicos; que o homem age de maneira **inconsciente** sob a ação de tais eflúvios.

Por outro lado, sabe-se que o instinto, que por si próprio produz atos inconscientes, predomina nas crianças, e em geral nas criaturas cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria um atributo da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas sim, seria um **efeito** da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como as andadeiras com as quais se sustenta a criança que ainda não sabe andar. No entanto, da mesma forma que se suprime gradualmente o uso das andadeiras, à medida que a criança se sustenta por si, os Espíritos protetores deixam seus protegidos entregues a si mesmos, à medida em que eles possam se guiar por sua própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria o efeito de uma inteligência estranha na plenitude de sua força; seria uma inteligência protetora, que supriria a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem, que ela impeliria à realização inconsciente de seu bem, que ainda seria incapaz de obter por si própria, seja de uma inteligência madura, mas momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, o que ocorre no homem em sua infância, e no caso de idiotia, ou de afecções mentais.

Proverbialmente se diz que há um deus para as crianças, os loucos e os bêbados; este ditado é mais certo do que por vezes se crê; este deus não é senão o Espírito protetor que vela sobre o ser, incapaz de se proteger por sua própria razão.

15. Nesta ordem de idéias, pode-se ir mais longe. Esta teoria, embora seja racional, não resolve todas as dificuldades da questão.

Se observarmos os efeitos do instinto, nota-se a princípio uma unidade de vista e de conjunto, uma segurança de resultados que não existem mais, desde que o instinto seja substituído pela inteligência livre; além disso, na adequação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, reconhecemos uma profunda sabedoria. Esta unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e a unidade de pensamento é incompatível com a diversidade das aptidões individuais; somente ela poderia produzir este conjunto tão perfeitamente harmonioso que se estende desde a origem dos tempos e em todos os climas, com regularidade e precisão matemáti-

cas, sem falhar jamais. A uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um traço característico, que implica necessariamente na **unicidade da causa**; se esta causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instinto quantos indivíduos há, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que demonstra a sabedoria e a providência deve ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa sábia e providente será necessariamente inteligente, e não pode ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir tal resultado, é preciso subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação que foi dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (Cap. II, n. 24); se figurarmos todos os seres como penetrados pelo fluido divino, soberanamente inteligente, logo se compreenderá a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto o indivíduo tenha menos recursos em si mesmo e em sua própria inteligência; é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta com os animais e com os seres inferiores do que com o homem.

Conforme essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia certo e seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, acha-se novamente elevado e enobrecido. Em razão de suas consequências, não seria preciso que ele (instinto maternal) fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre arbítrio. **Através dos órgãos da mãe, o próprio Deus vela sobre suas criaturas nascentes.**

16. Esta teoria não destrói de modo nenhum o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é um fato verificado e provado pela experiência; porém, deve-se notar que a ação deles é essencialmente individual, que ela se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido, e que não tem parte alguma na uniformidade e na generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz os cegos, mas confia a inteligências livres o cuidado de conduzir os que enxergam, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente, e que para eles é um meio de progresso, segundo a maneira pela qual a executam.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma delas tem um caráter suficiente de autenticidade para ser dada como solução definitiva. A questão será certamente resolvida algum dia, quando se houver reunido os elementos de observação que agora ainda faltam; até então, é preciso que nos limitemos a apresentar as opiniões diversas ao cadinho da razão e da lógica e aguardar que se faça a luz; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que melhor corresponda aos atributos de Deus, isto é, à sua soberana bondade e à sua soberana justiça (Cap. II, n. 19).

18. O instinto é o guia e as paixões são as molas das almas no primeiro período de seu desenvolvimento, e por isso são por vezes confundidos em seus efeitos. No entanto, há entre estes dois princípios diferenças que é preciso considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; num certo tempo, pode tornar-se inútil, porém jamais nocivo; enfraquece, pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm isso de comum com o instinto, que os seres são por elas solicitados, por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo, e mais que o instinto, se prendem ao organismo. O que as distingue do instinto, sobretudo, é que são individuais e não produzem efeitos gerais e uniformes, como este; ao contrário, vemos que elas variam de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. Elas são úteis, como estimulantes, até que se dê a eclosão do senso moral, o qual, de um ente passivo, faz um ser razoável; nesse momento, elas se tornam não só inúteis, mas também prejudiciais ao progresso dos Espíritos de

quem retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que não agisse senão pelo instinto, de modo constante, poderia ser bom, mas deixaria dormir sua inteligência; seria como o menino que não abandonasse as andadeiras e não saberia servir-se de seus membros. Aquele que não se assenhoreia de suas paixões pode ser muito inteligente, mas ao mesmo tempo, poderá ser muito mau. O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões não são domadas senão pelo esforço da vontade.

*

LIVRO: OBRAS PÓSTUMAS (ALLAN KARDEC)

A CRIAÇÃO. Itens 10 a 29.

10. **Deus é o criador de todas as coisas.** Esta proposição decorre da prova da existência de Deus.

11. **O princípio das coisas é segredo de Deus.** Tudo atesta que Deus é o autor de todas as coisas; mas quando e como as fez? A matéria existe de toda a eternidade, como Ele? É o que não sabemos. Não podemos formular senão hipóteses, mais ou menos prováveis, sobre o que não julgou oportuno revelar-nos. Dos efeitos que vemos, podemos chegar a certas causas; mas há um limite, que nos é impossível transpor, e tentar fazê-lo seria perder tempo e arriscar-se a cair em erro.

12. **O homem tem um farol para a procura do desconhecido: são os atributos de Deus.** No tentame de devassar, pelo raciocínio, os mistérios da criação, temos um critério infalível, um guia seguro: os atributos de Deus. Uma vez admitido que Deus não pode deixar de ser **eterno, imutável, imaterial, uno, onipotente, soberanamente justo e bom**, infinito em todas as suas perfeições, toda a doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que deprimir, ainda que infinitesimalmente, qualquer daqueles predicados, é necessariamente falsa, pois tende à negação do próprio Deus.

13. **Os mundos materiais tiveram princípio e não de ter fim.** Em qualquer das hipóteses, ou de existir a matéria de toda a eternidade, como Deus, ou de ter sido criada em uma dada época, é evidente, á vista do que se passa constantemente a nossos olhos, que as transformações pelas quais ela passa são temporárias, resultando de tais transformações diferentes corpos que nascem e se destróem incessantemente.

Sendo os diversos mundos produzidos pela aglomeração e transformação da matéria, devem, como todos os corpos materiais, ter princípio e fim, segundo leis que nos são desconhecidas.

A ciência pode, até certo ponto, determinar as leis da sua formação e chegar até ao estado primitivo. Toda teoria filosófica, em contradição com os fatos demonstrados pela ciência, é necessariamente falsa, salvo se se provar que a ciência está em erro.

14. Deus criou, juntamente com os mundos materiais, seres inteligentes, que chamamos Espíritos.

15. Não conhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; sabemos somente que são criados simples e ignorantes, isto é, sem sabedoria e sem o sentimento do bem e do mal, sendo, porém, dotados de perfectibilidade e igual aptidão para adquirir sabedoria e moralidade. No princípio, são como crianças, sem vontade própria, nem consciência perfeita da sua existência.

16. À medida que o Espírito se afasta do ponto inicial, desenvolvem-se-lhe as idéias, como acontece às crianças, e com as idéias rompe o livre arbítrio, isto é, a liberdade de ação consciente para escolher o caminho a seguir em sua marcha – o que constitui um dos atributos essenciais do Espírito.

17. O termo final da caminhada dos Espíritos, o destino de todos, é a conquista da perfeição, de que é susceptível a criatura, e o resultado ou consequência dessa conquista é o gozo da suprema felicidade, que se alcança lenta ou rapidamente, segundo o uso que se faz do livre arbítrio.

18 Os Espíritos são os agentes do poder divino, constituem a força inteligente da natureza, concorrem para a realização dos desígnios do Criador, no intuito de manter-se a harmonia geral do universo e das leis imutáveis da criação.

19. Para concorrerem, como agentes do poder divino, à obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem temporariamente um corpo material. Os Espíritos encarnados constituem a humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado.

20. A vida normal dos Espíritos é a espiritual, que é eterna; a corpórea é transitória e passageira, um verdadeiro instante na eternidade.

21. A encarnação dos Espíritos deriva de lei natural, é uma necessidade, tanto para o seu progresso, como para a realização dos planos de Deus.

Pelo trabalho, função necessária da vida corporal, aperfeiçoam a inteligência e adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que lhes proporcionam a eterna felicidade. Resulta do exposto que os Espíritos, concorrendo para a obra geral da criação, trabalham ao mesmo tempo em seu próprio progresso.

22. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu trabalho, ele o alcança na razão da atividade e boa vontade que emprega para a aquisição das qualidades que lhe faltam.

23. Não podendo o Espírito adquirir em uma única existência corpórea todas as qualidades intelectuais e morais, que devem conduzi-lo ao fim para que foi criado, precisa, para conseguir esse fim, de uma série de existências, em cada uma das quais adianta um passo nas vias do progresso e se limpa de algumas imperfeições.

24. Em cada uma dessas existências, o Espírito traz o cabedal adquirido nas anteriores, quer intelectual, quer moralmente; do mesmo modo como traz os germens das imperfeições de que não conseguiu expurgar-se.

25. O Espírito, que emprega mal uma existência, não adiantando uma linha no caminho do bem, nenhum proveito colhe e tem de recomeçar o trabalho em condições mais ou menos penosas, em consequência de sua negligência e má vontade.

26. Uma vez que o Espírito adquire alguma coisa de bom e se despoja de algo de mau, em cada existência corpórea, segue-se que, ao fim de certo número de encarnações, se encontra depurado e chega ao estado de Espírito puro

27. O número de existências corporais é indeterminado e depende da vontade do Espírito no trabalho ativo do aperfeiçoamento moral.

28. No intervalo das existências corporais, o Espírito fica **errante** e vive a vida espiritual. A erraticidade não tem duração determinada.

29. Os Espíritos, que adquiriram o progresso compatível com o mundo em que estiveram, deixam-no para se encarnarem em outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim vão fazendo a sua excursão, até chegarem ao ponto de não mais precisarem de um corpo material, vivendo exclusivamente a vida espiritual, em que progridem ainda noutro sentido e por outros meios.

Desde que chegam ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. São admitidos aos conselhos do Onipotente, cujo pensamento recebem, e constituem-se seus diretos ministros para o governo dos mundos, tendo sob as ordens Espíritos de variados graus de adiantamento.

LIVRO: EMMANUEL (EMMANUEL)

O CORPO ESPIRITUAL

De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.

A VIDA CORPORAL – EXPRESSÃO DA MORTE

Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais.

A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos.

Não dispodes, dentro da exigüidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat.

A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.

INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica (formação dos órgãos no interior de um ser vivo em via de desenvolvimento) que estabelece a idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma (primeiros rudimentos de vida organizada); nos domínios da vida, essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização (formação dos órgãos), e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos (impulsos internos) O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplásmicas (proto = primeiro nível, prioridade; plasma = componente líquido do sangue no qual as células ficam em suspensão), o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular.

RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES

Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos do reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdaram, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente.

De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida (ou via?) seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das molé-

tias, inclusive a dipsomania (propensão mórbida ao uso de bebidas alcoólicas), são transmissíveis; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo.

Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo (instintos hereditários, hábitos ancestrais) psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica.

Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo de que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental.

ATRAVÉS DOS ESCANINHOS (gavetas) DO UNIVERSO ORGÂNICO

De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente. Além das operações comuns, que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos (reprodução a partir de um óvulo ou de uma oosfera não fecundados) de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.

Essa força é o que denominamos princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas.

Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.

O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA

O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.

O PRODIGIOSO ALQUIMISTA

(Alquimia: nome dado à química medieval, que se empenhava em buscar a pedra filosofal, capaz de transformar em ouro ou prata todos os outros metais, e a Panacéia e o Elixir da Longa Vida, capazes de curar todas as enfermidades. Alquimista: praticante da alquimia)

Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transsubstanciações? Para que se manifeste o pensamento – que desconhece as glândulas que o segregam, porquanto constitui a vibração

do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência – quantas células se consomem e se queimam?

O cérebro assemelha-se a complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes.

É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si.

ALMA E CORPO

Tem-se procurado explicar, pela prática dos neurologistas, toda a classe de fenômenos intelectuais, através das ações combinadas do sistema nervoso; e, de fato, a Ciência atingiu certezas irrefutáveis, como, por exemplo, a de que uma lesão orgânica faz cessar a manifestação que lhe corresponde e que a destruição de uma rede nervosa faz desaparecer uma faculdade.

Semelhante asserto (proposição afirmativa), porém, não afasta a verdade da influência de ordem espiritual e invisível, porque se faz mister compreender, não a alma insulada do corpo, mas ligada a esse corpo, o qual representa a sua forma objetivada, com um aglomerado de matérias imprescindíveis à sua condição de tangibilidade, animadas pela sua vontade e por seus atributos imortais.

Algumas escolas filosóficas fizeram da alma uma abstração, mas a psicologia moderna estabeleceu a verdade, unindo os elementos psíquicos aos materiais, reconhecendo no corpo a representação da alma, representação material necessária, segundo as leis físicas imperantes na Terra, as quais colocaram no sensorio o limite das percepções humanas, que são exíguas em relação ao número ilimitado das vibrações da vida, que para elas se conservam inapreensíveis.

É, pois, o corpo espiritual a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, a fim de materializar-se no mundo palpável. Sem ele, a fecundação consistiria de uma composição amorfa e todas as manifestações inteligentes e sábias da Natureza, que para todos nós devem significar a expressão da vontade divina, constituiriam uma série de fatos irregulares e incompreensíveis, sem objetivo determinado.

A EVOLUÇÃO INFINITA

E como se tem operado a evolução do corpo espiritual?

Remontai ao caos telúrico do vosso Globo nas épocas primárias.

Cessadas as perturbações geológicas, estabelecido o repouso em algumas grandes extensões de matéria resfriada, eis que, entre as forças cósmicas associadas, aparece o primeiro rudimento de vida organizada – o protoplasma. Eis que os séculos se escoam... eis as amebas, os zoófitos, os seres monstruosos das profundidades submarinas... Recapitulemos os milênios passados e acharemos a nossa própria história; a individualidade, o nosso “ego” constitui o nosso maior triunfo. E, chegados ao raciocínio e ao sentimento da Humanidade, através de vidas inumeráveis, teremos atingido o zênite (auge, apogeu) da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores – os irracionais -, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade, que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar.

*

Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J.Herculano Pires.). Tema: “SEQUÊNCIA DAS CIÊNCIAS”. Pág. 19.

Pergunta-nos um leitor amável: “Se os fatos espíritas sempre existiram, por decorrermos de leis naturais, por que o Espiritismo só pôde aparecer e se definir em meados do século dezenove, segundo leio em sua última crônica?” A resposta nos é dada por Kardec, no primeiro capítulo de seu admirável livro “A Gênese”, para o qual remetemos o leitor. Para antecipar-lhe, entretanto, a informação que naquele texto irá obter de maneira completa e minuciosa, diremos alguma coisa a respeito.

Kardec nos lembra que “todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional, nascendo umas das outras, à medida em que encontrem pontos de apoio nos conhecimentos anteriores”. E acrescenta: “O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências, e não podia aparecer senão depois da elaboração delas.” Da mesma maneira por que a Sociologia não poderia aparecer e se definir nos séculos anteriores, embora os fatos sociais e a Sociedade sempre existissem, o Espiritismo não poderia fazê-lo antes, embora os Espíritos e os fatos espíritas sempre existissem.

O objeto do Espiritismo é o princípio espiritual. Este princípio, porém, não poderia ser encarado de maneira positiva, pelo homem encarnado, senão depois do seu progresso no conhecimento do princípio material. A mente humana se eleva progressivamente de um plano a outro. Não precisamos senão de observar o processo natural do desenvolvimento do conhecimento, tanto do ponto de vista psicológico, quanto do epistemológico, para verificarmos isso. Sem o desenvolvimento das ciências materiais e o conhecimento das leis gerais da matéria, o homem não estaria em condições de enfrentar a investigação das leis gerais do espírito.

Há quem estranhe a falta de desenvolvimento da ciência espírita, em face do rápido avanço das ciências materiais, no correr da última centúria. Mas Augusto Comte já observava, em seu “Curso de Filosofia Positiva”, que as ciências materiais “se desenvolvem mais rapidamente”, por serem estudadas com isenção de ânimo, uma vez que o seu objeto é exterior e estranho ao homem. A ciência espírita tem por objeto o próprio homem, naquilo que constitui a sua substância, o seu próprio ser. Comte transferia a substância do homem para o social, reduzindo o indivíduo a uma estrutura fisiológica. O homem, como espírito, como expressão psíquica, como entidade cultural, se encontrava na sociedade. Por isso, considerava a física social, mais tarde denominada sociologia, como a última ciência na escala do conhecimento, a que mais tardiamente teria de ser elaborada.

Kardec, descobrindo a autonomia do espírito, ‘ser’ individual que se desenvolve em sociedade mas não se absorve nesta, - pelo contrário, a transcende, - abriu as portas de uma ciência nova, de mais difícil desenvolvimento que a sociologia, e que realmente é a última a ser atingida pelo homem, pois é a sua própria ciência.. Evidente que seu progresso tem de ser mais lento, mais laborioso, e até mais doloroso que o das ciências anteriores. A observação de Comte, referente ao mais fácil desenvolvimento das ciências exteriores, cujos objetos estão fora do homem e distanciados dele, lembra-nos um trecho de Kardec em “A Gênese”, capítulo primeiro, que acentua alguns motivos de retardamento do progresso da ciência espírita. São motivos decorrentes da condição apontada por Comte para a física social. Diz Kardec: “O simples fato da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual tem conseqüências incalculáveis e da maior gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela, e cuja importância é tanto maior, quanto a ele se destinam todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento não pode deixar de produzir, ao se generalizar, profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças, que exercem tão grande influência sobre as relações sociais.”

Bastariam essas conseqüências para justificarem o aparecimento, por assim dizer tardio, do Espiritismo, bem como a falta de maior impulso no seu desenvolvimento, a par das demais ciências. O oráculo de Delfos já ensinara a Sócrates que a ciência mais eleva-

da é a do “conhecimento de si mesmo”, e o tempo se incumbiu de provar a verdade do ensino. A última das ciências é a que nos liberta da matéria.

IV – PRÁTICA MEDIÚNICA

O LIVRO DOS MÉDIUNS. 2ª. Parte. Cap.XVII

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE: Questões 211 a 218

211. A dificuldade encontrada pela maioria dos médiuns iniciantes é a de ter que tratar com os Espíritos inferiores, e eles devem considerar-se felizes quando se trata de Espíritos apenas levianos. Toda a sua atenção deve ser empregada para não os deixar tomar pé, porque uma vez firmados nem sempre é fácil afastá-los. Esta é uma questão capital, sobretudo no início, quando, sem as precauções necessárias poder-se-á pôr a perder as mais belas faculdades.

A primeira precaução é armar-se o médium de uma fé sincera, sob a proteção de Deus, pedindo a assistência do seu anjo guardião. Este é sempre bom, enquanto os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou até mesmo maus.

A segunda precaução é dedicar-se com escrupuloso cuidado a reconhecer, por todos os indícios que a experiência oferece, a natureza dos primeiros Espíritos comunicantes, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se esses indícios forem suspeitos, deve-se apelar com fervor ao anjo guardião e repelir com todas as forças o mau Espírito, provando-lhe que não conseguiu enganar, para o desencorajar. Eis porque o estudo prévio da teoria é indispensável, se o médium pretende evitar os inconvenientes inseparáveis da falta de experiência. As instruções a respeito, bem desenvolvidas, estão nos capítulos sobre a *Obsessão* e a *Identidade dos Espíritos*.

Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, podemos considerar como *provas da inferioridade dos Espíritos*: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, irregular, intencionalmente deformada, de tamanho exagerado ou em formas ridículas e estranhas. Mas a escrita pode ser muito ruim, até mesmo pouco legível o que depende mais do médium que do Espírito, sem ter nada de insólita (incomum, extraordinária). Temos visto médiuns enganados de tal maneira que medem a superioridade dos Espíritos pelo tamanho das letras, dando grande importância às letras bem modeladas, como caracteres de imprensa, puerilidade realmente incompatível com a superioridade real..

212. Se o médium deve evitar cair, sem querer, na dependência de Espíritos maus, mais ainda deve evitar de entregar-se voluntariamente a eles. Uma vontade incontida de escrever não deve levá-lo a crer no primeiro Espírito que se apresenta, a menos que pretenda livrar-se dele mais tarde, quando não mais lhe convier. Mas não se pede impunemente a assistência, seja para o que for, de um Espírito mau, que pode exigir pagamento muito caro dos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o seu desenvolvimento mediúnico, que acham muito lento, lembram-se de pedir o auxílio de qualquer Espírito, *mesmo que seja mau*, contando mandá-lo embora depois. Muitas foram logo atendidas e escreveram imediatamente. Mas o Espírito, não se importando de haver sido chamado nessas condições, mostrou-se indócil na hora de sair. Sabemos das que foram punidas em sua presunção, julgando-se fortes para afastá-los à vontade, por anos de obsessão de toda a espécie, pelas mistificações mais ridículas, por uma fascinação tenaz ou mesmo por desastres materiais e pelas mais cruéis decepções. O Espírito mostrou-se de início francamente mau, depois tornou-se hipócrita, tentando fazer crer na sua conversão ou fingindo acreditar no pretenso poder do seu subjogado para expulsá-lo quando quisesse.

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiuns é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário

habituar-se a ela. Muito freqüentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomencá-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios freqüentes e regulares, *feitos com muita força de vontade* e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrada e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos detalhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que dissemos se refere à escrita mecânica. É a faculdade que todos os médiuns, com razão, querem desenvolver. Mas a função mecânica pura é muito rara, juntando-se a ela, muito freqüentemente, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade: não sabe se a escrita é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente reconhecerá nos escritos muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem da sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não pode ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão inúteis, mas ele erraria se por isso se julgasse deserdado. Se possui apenas mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitá-la ao invés de repudiá-la.

Se depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo, não houver nenhum indício de movimento involuntário, ou se esses movimentos forem muito fracos para produzir resultados, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, nem inquietar-se se é dele ou de outro: a experiência lhe ensinará a fazer a distinção. Muito freqüentemente, aliás, o movimento mecânico se desenvolve mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado realiza por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa que então se atribua um pensamento que lhe foi sugerido. Se boas idéias lhe ocorrem, que as agradeça ao seu bom gênio e ele lhe sugerirá outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos que procurarão explorar-lhe a presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, o essencial para o médium é não abusar dela. A satisfação que proporciona a alguns iniciantes provoca um entusiasmo que precisa ser controlado. Devem pensar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfazer a curiosidade vã. É conveniente, portanto, que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante. Os Espíritos não estão constantemente às suas ordens e eles correm o risco de ser enganados pelos mistificadores. É bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúcnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores disposições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se tiver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

*

LIVRO: “OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO”. (J.HERC. PIRES)

A) OBSESSÃO. “As Dimensões da Vida” (Págs. 13/14)

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da antimatéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física, bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos thêta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem a diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do prof. Rhine) e semimateriais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano da matéria densa até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

B) O PASSE. “Magia e Religião”. (Págs. 45 a 48).

O passe nasceu nas civilizações da selva como um elemento de magia selvagem, um rito das crenças primitivas. A agilidade das mãos em fazer e desfazer as coisas, sugeria a existência, nelas, de poderes misteriosos, praticamente comprovados pelas ações cotidianas da fricção que acalmava a dor, da pressão dos dedos estancando o sangue ou expulsando um espinho ou o ferrão de uma vespa ou o veneno de uma cobra. Os poderes mágicos das mãos se confirmavam também nas imprecações (rogativas) aos deuses, que eram simplesmente os espíritos. As bênçãos e as maldições foram as primeiras manifestações típicas dos passes. O selvagem primitivo não teorizava, mas experimentava instintivamente e aprendia a fazer e desfazer com o poder das mãos. Os deuses o auxiliavam, socorriam, instruíam em suas manifestações mediúnicas naturais. A sensibilidade mediúcnica aprimorava-se nas criaturas mais sensíveis e assim surgiram os pajés, os feiticeiros, os xamãs, os mágicos terapeutas, curadores.

A descoberta do passe acompanhava e auxiliava o desenvolvimento do rito, da linguagem e da descoberta de instrumentos que aumentavam o poder das mãos. Podemos

imaginar, como o fez André Lang, um homem primitivo olhando intrigado o emaranhado de riscos da palma de sua mão, sem a mínima idéia do que aquilo poderia significar. Seus descendentes iriam admitir, mais tarde, que ali estavam traçados os destinos de cada criatura. O mistério da mão humana foi um elemento essencial do desenvolvimento da inteligência e especialmente da descoberta lenta e progressiva, pelo homem, dos seus poderes internos. Dos tempos primitivos até aos nossos dias, a mão é o símbolo do fazer que nos leva ao saber. Enquanto a Lua, o Sol, as Estrelas atraíam os homens para o mistério do cosmos a mão os levava a mergulhar nas profundezas da natureza humana.

Dessa dialética do interior e do exterior nasceram a Magia e a Religião. A Magia é prática, nasceu das mãos e funcionava através delas. A Religião é teórica, nasceu dos olhos, da visão abstrata do mundo e funciona no plano das idéias. Na Magia, os homens submetem os deuses ao poder humano, obrigam a Divindade a obedecê-los, a fazer por eles. Na Religião, os homens se submetem aos deuses, suplicam a proteção da Divindade. Mas, apesar dessa distinção, as religiões não se livraram dos resíduos primitivos das fórmulas mágicas. Todas as Igrejas da atualidade, mesmo após as reformas recentes, apegam-se ao fazer dos mágicos, através de seus sacramentos. O exemplo mais claro disso é o sacramento da Eucaristia, na Igreja Católica, pelo qual o sacerdote obriga Deus a materializar-se nas espécies sagradas da hóstia, para que o crente possa absorvê-lo e purificar-se com a sua ingestão.

No Espiritismo os resíduos mágicos não podiam existir, pois trata-se de uma doutrina racionalista, mas o grande número de adeptos provindos dos meios religiosos, sem a formação filosófica e científica da Doutrina, carregavam esses resíduos para o nosso meio, numa tentativa de padronização de práticas espíritas e de transformação dos passes num fazer dos médiuns e não dos espíritos. É tipicamente mágica a atitude do médium que pretende, com sua ginástica, limpar a aura de uma pessoa ou limpar uma casa. As tentativas de cura através desses bailados mediúnicos revela confiança mágica do médium no rito que pratica. Por isso Jesus ensinou simplesmente a imposição das mãos acompanhada da oração silenciosa. As orações em voz alta e em conjunto é também um resíduo mágico, pelo qual se tenta obrigar a Deus ou aos Espíritos a atenderem os clamores humanos. A religião racional e portanto consciente baseia-se na fé esclarecida pela razão, que não comporta de maneira alguma essas e outras práticas formais e carregadas de misticismo igrejeiro.

C) A DOCTRINAÇÃO. “Psicologia da Doutrinação”. (Págs. 73 a 76).

O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência a ESCALA ESPÍRITA (Livro dos Espíritos) para bem informar-se dos tipos de espíritos com que vai defrontar-se nas sessões. A escala nos oferece um quadro psicológico da evolução espiritual, que podemos também aplicar aos encarnados. No trato com os espíritos o conhecimento desse quadro facilita grandemente a doutrinação. Os espíritos inferiores usam geralmente de artimanhas para nos iludirem e se divertem quando conseguem, prejudicando-se a si mesmos e fazendo-nos perder tempo. Temos de encará-los sempre como necessitados e tratá-los com o desejo real de socorrê-los Mas precisamos de psicologia para conseguirmos ajudá-los. A tipologia que a Escala nos oferece é de grande valia nesse sentido. Por outro lado, a leitura dos casos de doutrinação relatados por Kardec na REVISTA ESPÍRITA nos oferece exemplos valiosos de como podemos nos conduzir, auxiliados pelos espíritos protetores da sessão, para atingir bons resultados.

A prática da doutrinação é uma arte em que o bom doutrinador vai se aprimorando na medida em que se esforça para dominá-la. Enganam-se os que pensam que basta dizer aos espíritos que eles já morreram para os sensibilizar. Não basta, também, citar-lhes trechos evangélicos ou fazê-los orar repetindo a nossa prece. É importante também explicar-lhes que se encontram em situação perigosa, ameaçados por espíritos malfeitores que podem dominá-lo e submetê-los aos seus caprichos. A ameaça da perda da liberdade os amedronta e os leva geralmente a buscar melhor compreensão da situação em que se

encontram. Mas não se deve falar disso em tom de ameaça e sim de explicação pura e simples. Muitos deles já estão dominados por espíritos maldosos, servindo-lhes de instrumentos mais ou menos inconscientes. O médium que recebe a entidade sente as suas vibrações, percebe o seu estado e pode ajudar o doutrinador, procurando absorver os seus ensinamentos. Através da compreensão do médium o espírito sofredor ou obsessor é mais facilmente tocado em seu íntimo e desperta para uma visão mais real da sua própria situação. Doutrinador e médium formam um conjunto que, quando bem articulado, age de maneira eficiente para a entidade.

O doutrinador deve ter sempre em mente todo esse quadro, para agir de acordo com as possibilidades oferecidas pela comunicação do espírito. Com os espíritos rebeldes, viciados na prática do mal, só a tríplice conjugação da autoridade moral do doutrinador, do médium e do espírito protetor poderá dar resultados positivos e quase sempre imediatos. Se o médium ou o doutrinador não dispuser dessa autoridade, o espírito se apegará à fraqueza de um deles ou de ambos para insistir nas suas intenções inferiores. Por isso Kardec acentua a importância da moralidade na relação com os espíritos. Essa moralidade, como já dissemos, não é formal, mas substancial, decorre das intenções e dos atos morais dos praticantes de sessões, não apenas nas sessões, mas em todos os aspectos de suas vidas.

Os espíritos sofredores são mais facilmente doutrinados, pois a própria situação em que se encontram favorece a doutrinação. Se muito erraram na vida terrena, permanecendo por isso em situação inferior, o fato de não se entregarem à obsessão depois da morte já mostra que estão dispostos a regenerar-se. Só a prática abnegada da doutrinação, com o desejo profundo de servir aos que necessitam, dará ao médium e ao doutrinador a sensibilidade necessária para distinguir rapidamente o tipo de espírito com que se defrontam. O doutrinador intuitivo aprimora rapidamente a sua intuição, podendo perceber, logo no primeiro contato, a condição do espírito comunicante. A psicologia da doutrinação não tem regras específicas, dependendo mais da sensibilidade do doutrinador, que deverá desenvolvê-la na prática constante e regular. Mesmo que o doutrinador seja vidente, não deve confiar apenas no que vê, pois há espíritos maus e inteligentes que podem simular aparências enganadoras, que a percepção psicológica apurada na prática desfará. Não é preciso ser psicólogo para doutrinar com eficiência, mas é indispensável conhecer a ESCALA ESPÍRITA, que nos dá o conhecimento básico indispensável.

*

LIVRO: O CONSOLADOR (EMMANUEL).

MEDIUNIDADE. DESENVOLVIMENTO. PREPARAÇÃO. Questões 392 a 401.

392. *Pode contar um médium, de maneira absoluta com os seus guias espirituais, dispensando os estudos?* – Os mentores de um médium, por mais dedicados e evolucionados, não lhe poderão tolher a vontade e nem lhe afastar o coração das lutas indispensáveis da vida, em cujos benefícios todos os médiuns resgatam o passado delituoso e obscuro, conquistando méritos novos. O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade.

Se um médium espera muito dos seus guias, é lícito que os seus mentores espirituais muito esperem do seu esforço. E como todo progresso humano, para ser continuado, não pode prescindir de suas bases já edificadas no espaço e no tempo, o médium deve entregar-se ao estudo, sempre que possível, criando o hábito de conviver com o espírito luminoso e benéfico dos instrutores da Humanidade, sob a égide de Jesus, sempre vivos no mundo, através dos seus livros e da sua exemplificação.

O costume de tudo aguardar de um guia pode transformar-se em vício detestável, infirmando as possibilidades mais preciosas da alma. Chegando-se a esse desvirtuamento, atinge-se o declive das mistificações e das extravagâncias doutrinárias, tornando-se o médium preguiçoso responsável pelo desvio de sua tarefa sagrada.

393. *Como entender a obsessão? É prova inevitável, ou acidente que se possa afastar facilmente, anulando-lhe os efeitos?* – A obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual. No seu exame, contudo, precisamos considerar os méritos da vítima e a dispensa da misericórdia divina a todos os que sofrem. Para atenuar ou afastar os seus efeitos, é imprescindível o sentimento do amor universal no coração daquele que fala em nome de Jesus. Não bastarão as fórmulas doutrinárias. É indispensável a dedicação, pela fraternidade mais pura. Os que se entregam à tarefa da cura das obsessões precisam ponderar, antes de tudo, a necessidade de iluminação interior do médium perturbado, porquanto na sua educação espiritual reside a própria cura. Se a execução desse esforço não se efetua, tende cuidado, porque, então, os efeitos serão extensivos a todos os centros de força orgânica e psíquica. O obsidiado que entrega o corpo, sem resistência moral, às entidades ignorantes e perturbadas, é como o artista que entregasse seu violino precioso a um malfeitor, o qual, um dia, poderá renunciar à posse do instrumento que lhe não pertence, deixando-o esfacelado, sem que o legítimo, mas imprevidente dono, possa utilizá-lo nas finalidades sagradas da vida.

394. *Será sempre útil, para a cura de um obsidiado, a doutrinação do Espírito perturbado, por parte de um espírita convicto?* – A cooperação do companheiro vale muito e faz sempre grande bem, principalmente ao desencarnado; mas a cura completa do médium não depende tão-só desse recurso, porque, se é fácil, às vezes, o esclarecimento da entidade infeliz e sofredora, a doutrinação do encarnado é a mais difícil de todas, visto requisitar os valores do seu sentimento e da sua boa-vontade, sem o que a cura psíquica se torna inexecutável.

395. *Pode a obsessão transformar-se em loucura?* – Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando a lei das provações assim o exige, como também na hipótese de o obsidiado entregar-se voluntariamente ao assédio das forças nocivas que o cercam, preferindo esse gênero de experiências.

396. *Tratando-se da necessidade de preparação para a tarefa mediúnica, é justo acreditarmos na movimentação de fluidos maléficos em prejuízo do próximo?* – É o caso de vos perguntarmos se não haveis movimentado as energias maléficas, no decurso da vida, contra a vossa própria felicidade. Num orbe como a Terra, onde a porcentagem de forças inferiores supera quase que esmagadoramente os valores legítimos do bem, a movimentação de fluidos maléficos é mais que natural; no entanto, urge ensinar aos que operam, nesse campo de maldade, que os seus esforços efetuam a sementeira infeliz, cujos espinhos, mais tarde, se voltarão contra eles próprios, em amargurados choques de retorno, fazendo-se mister, igualmente, educar as vítimas de hoje na verdadeira fé em Jesus, de modo a compreenderem o problema dos méritos na tarefa do mundo. A aflição do presente pode ser um bem a expressar-se em conquistas preciosas do futuro, e, se Deus permite a influência dessas energias inferiores, em determinadas fases da existência terrestre, é que a medida tem sua finalidade profunda, ao serviço divino da regeneração individual.

397. *Por que razão alguns médiuns parecem sofrer com os fenômenos da incorporação, enquanto outros manifestam o mesmo fenômeno, naturalmente?* – Nas expressões de mediunismo existem características inerentes a cada intermediário entre os homens e os desencarnados; entretanto, a falta de naturalidade do aparelho mediúnico, no instante de exercer suas faculdades, é quase sempre resultante da falta de educação psíquica.

398. *É natural que, em plenas reuniões de estudo, os médiuns se deixem influenciar por entidades perturbadoras que costumam quebrar o ritmo de proveitosos e sinceros trabalhos de educação?* – Tal interferência não é natural e deve ser muito estranhável

para todos os estudiosos de boa vontade. Se o médium que se entregou à atuação nociva é insciente dos seus deveres à luz dos ensinamentos doutrinários, trata-se de um obsidiado que requer o máximo de contribuição fraterna; mas, se o acontecimento se verifica através de companheiro portador do conhecimento exato de suas obrigações, no círculo de atividades da Doutrina, é justo responsabilizá-lo pela perturbação, porque o fato, então, será oriundo da sua invigilância e imprevidência, em relação aos deveres sagrados que competem a cada um de nós, no esforço do bem e da verdade.

399. *Quando a opinião irônica ou insultuosa ataca uma expressão da verdade, no campo mediúnico, é justo buscarmos o apoio dos Espíritos amigos para revidar?* – Vossa inquietação no mundo costuma conduzir-vos a muitos despautérios (despropósitos). Semelhante solicitação aos desencarnados seria um deles. Os valores de um campo mediúnico triunfam por si mesmos, pela essência de amor e de verdade, de consolação e de luz que contenham, e seria injustificável convocar os Espíritos para discutir com os homens, quando já se demasiam as polêmicas dos estudiosos humanos entre si. Além do mais, os que não aceitam a palavra sincera e fraternal dos mensageiros do plano superior terão, igualmente, de buscar o túmulo algum dia, e é inútil perder tempo com palavras, quando temos tanto o que fazer no ambiente de nossas próprias edificações.

400. *Poderá admitir-se que um médium se socorra de outro médium para obter o amparo dos seus amigos espirituais?* – É justo que um amigo se valha da estima fraternal de um companheiro de crença, para assuntos de confiança íntima e recíproca, mas, na função mediúnica, o portador dessa ou daquela faculdade deve buscar em seu próprio valor o elemento de ligação com os seus mentores do plano invisível, sendo contraprodente procurar o amparo, nesse particular, fora das suas próprias possibilidades, porque, de outro modo, seria repousar numa fé alheia, quando a fé precisa partir do íntimo de cada um, no mecanismo da vida. Além do mais, cada médium possui a sua esfera de ação no ambiente que lhe foi assinalado. Abandonar a própria confiança para valer-se de outrem, seria sobrecarregar os ombros de um companheiro de luta, esquecendo a cruz redentora que cada Espírito encarnado deverá carregar em busca da claridade divina.

401. *A mistificação sofrida por um médium significa ausência de amparo dos mentores do plano espiritual?* – A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo. Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.

*

V – FILOSOFIA GERAL

LIVRO: “ENSINAMENTOS BÁSICOS DOS GRANDES FILÓSOFOS”

NATUREZA DO UNIVERSO

TEORIA DE PLATÃO SOBRE O UNIVERSO

Nenhuma das primeiras teorias satisfaz Platão, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Na sua concepção, o mundo que contemplamos, em que tocamos e que percebemos através de outros sentidos, não é real, porém, uma cópia. Nele encontramos coisas que se transformam, vêm e vão, e em grande abundância. É um mundo repleto de erros, deformações e males. Existe e nós o sentimos todos os dias, mas não é real.

Há, entretanto, um mundo real no qual devem encontrar-se as verdadeiras coisas, das quais tudo aquilo por que passamos é mera cópia. Platão chama-o *mundo das idéias*. Nele é que se encontra a árvore ideal, da qual todas as árvores são cópias, a casa ideal e as idéias de todos os outros objetos existentes. São perfeitos, não se transformam de modo algum, não desaparecem nem morrem; ao contrário, permanecem para sempre.

Essas *idéias* ou *formas* (Platão emprega ambas as palavras para a sua descrição) não foram criadas, existem desde os primeiros tempos, justamente no estado perfeito em que sempre existirão. São independentes de todas as coisas e não se acham influenciadas pelas mudanças que se verificam no mundo que sentimos, através dos sentidos. Os objetos que percebemos são reflexos desses *modelos eternos*.

Todas as *idéias* estão dispostas em ordem no *mundo ideal*; a *idéia superior*, *idéia da bondade perfeita*, acha-se na parte mais alta.

Há, entretanto, outro princípio no universo, o da *matéria*. É tudo o que as *idéias não são*. Pode ser considerado como a matéria-prima, na qual as *idéias* se acham impressas. Consideremos, por exemplo, a obra de um escultor. Ele forma a *idéia* de uma figura que deseja, digamos, reproduzir no mármore. Ora, essa *idéia* é independente de todo o mármore do mundo. Mas o mármore é necessário para a realização da obra, a fim de que outros possam senti-la através dos sentidos. O escultor toma então um bloco de mármore e cria a estátua. O mármore, como matéria-prima, fica com a *idéia* impressa nele. O escultor poderá fazer muitas estátuas sem afetar sua *idéia* por pouco que seja.

Era assim que Platão concebia a criação do mundo. A natureza – tudo aquilo que sentimos através dos sentidos – deve sua existência à influência do mundo das *idéias* sobre a *matéria*. Não o mundo *real*, porém uma impressão do mundo *real* sobre a *matéria*. Por conseguinte, todos os erros, todas as transformações e todas as imperfeições do mundo de nossos sentidos são devidos à *matéria* e não às *idéias*.

Num dos famosos *Diálogos* de Platão, o *Timeu*, conta-nos ele como se criou o mundo de nossos sentidos. Houve um *Arquiteto*, o *Demiurgo*, que uniu o mundo ideal e a *matéria*, da mesma maneira que um escultor uniria sua *idéia* e o mármore para produzir a estátua. Esse *Demiurgo* tinha *idéias* perfeitas de tudo e grande quantidade de *matéria*. Platão não nos diz donde se originaram o *Demiurgo*, as *idéias* e a *matéria*. Já existiam quando as coisas começaram. À medida que o *Demiurgo* tinha uma *idéia* e a punha em contato com alguma *matéria*, criava-se uma coisa. Na realidade, muitas coisas foram oriundas da mesma *idéia*. Existe *idéia* perfeita num carvalho; há, no entanto, milhões de carvalhos. O mesmo se dá com tudo o mais. Tudo, no universo, é a combinação de uma *idéia* perfeita com a *matéria*. A *idéia* não é, absolutamente, afetada por esta última. Permanece perfeita e eternamente imutável.

Platão foi chamado idealista porque julgava que o verdadeiro mundo é o mundo das *idéias*. Alguns estudantes de sua filosofia dizem que seria mais exato chamá-lo *ideísta*, porquanto estava interessado nas *idéias*. Mas, qualquer que seja o nome que escolhermos para chamá-lo – idealista ou ideísta – reconhecemos que ele acreditava que o universo consistia em um reino de *idéias* perfeitas e imutáveis, e *matéria*. Para ele, o das *idéias* era o verdadeiro mundo, o mundo real. Aquilo que sentimos através dos sentidos era, segundo ele, uma cópia, um *mundo irreal*, um mundo de objetos produzidos pela impressão de *idéias* perfeitas sobre a *matéria*. Todas as suas imperfeições advinham do fato de ser impossível imprimir, com perfeição, a *idéia* sobre a *matéria*; esta é imperfeita e, por isso, deforma até certo ponto a *idéia*, desfigura-a.

LICEU ALLAN KARDEC

“CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO”. 1^o. ANO

CAPÍTULO V

I – RELIGIÃO ESPÍRITA

1) Livro: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. Cap. XIII. item 18:
Tema: “Os Órfãos”. Um Espírito Protetor. Paris, 1860.

Meus irmãos, amai os órfãos! Se soubésseis quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo quando criança! Deus permite que existam órfãos, para nos animar a lhes servirmos de pais. Que divina caridade, a de ajudar uma pobre criaturinha abandonada, livrá-la da fome e do frio, orientar sua alma, para que ela não se perca no vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque demonstra compreender e praticar a sua lei. Lembrai-vos também de que, freqüentemente, a criança que agora socorreis vos foi cara numa encarnação anterior, e se o pudésseis recordar, o que fazeis já não seria caridade, mas o cumprimento de um dever. Assim, portanto, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade. Não a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão que a recebe, pois os vossos óbolos são freqüentemente muito amargos! Quantas vezes eles seriam recusados, se a doença e a privação não os esperassem no casebre! Dai com ternura, juntando ao benefício material o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso amigo. Evitai esse ar protetoral, que revolve a lâmina no coração que sangra, e pensai que, ao fazer o bem, trabalhais para vós e para os vossos.

2) Livro: NA ERA DO ESPÍRITO.

a) Tema: “Crianças e Nós”. Emmanuel.

Muitos setores das ciências psicológicas asseveram que é indispensável preservar a criança contra a mínima coação, a fim de que venha a se desenvolver sem traumas que lhe prejudicariam o futuro. Isso, no entanto, não significa que deva crescer sem orientação.

Independência desregrada gera violência, tanto quanto violência gera independência desregrada.

Releguemos determinada obra arquitetônica ao descontrole e teremos breve a caricatura do edifício que nos propúnhamos construir.

Abandonemos a sementeira a si própria e a colheita se nos fará desencanto.

Exigimos a instituição de um mundo melhor. Solicitamos a concretização da felicidade comum. Sonhamos com o levantamento da paz de todos. Esperamos o reino da fraternidade. Como atingir, porém, semelhantes conquistas sem a criança no esquema do trabalho a realizar?

Não mergulhará teu filho nas ondas revoltas da ira quando a dificuldade sobrevenha, e sim não te omitirás no socorro preciso, sem deixá-lo à feição de barco desarvorado ao sabor do vento. Não erguerás contra ele a palavra condenatória nos dias de desacerto, a insuflar-lhe, talvez, ódio e rebeldia nos recessos da alma, e sim procurarás sustentá-lo com a frase compreensiva e afetuosa que desejarias ter recebido em outro tempo, nas horas da infância, quando te identificavas nas sombras da indecisão.

Sabes conduzir a criança ao concurso da escola, à assistência do pediatra, ao auxílio do costureiro ou ao refazimento espiritual nos espetáculos recreativos. Por isto mesmo não lhe sonegues apoio ao sentimento para que o sentimento se lhe faça correto.

Concordamos todos em que a criança necessita de amor para crescer patenteando mente clara e corpo sadio, entretanto, é impossível efetuar o trabalho do amor – realmente

amor – sem bases na educação. (Formação do caráter – moral -, renovação de hábitos adquiridos, combate ao egoísmo e orgulho, procurando as causas dos mesmos. Estimular a abnegação, a renúncia e a humildade. A Instrução fala ao intelecto, a Educação fala ao sentimento).

b) Tema: “Educação Moderna”. Irmão Saulo (José Herculano Pires).

Uns condenam a educação moderna, saudosos dos tempos em que as crianças obedeciam aos pais pelo olhar e tremiam diante do mestre. Outros aprovam a nova educação sem a conhecer e fazem do seu princípio de liberdade uma forma de abandono. Não há liberdade irrestrita, pois a liberdade só pode existir dentro das condições necessárias. Um homem solto no espaço, livre até mesmo da gravitação, não pode fazer coisa alguma e perecerá na desolação. Para que ele tenha liberdade é preciso que esteja condicionado pelo meio físico, pisando a terra e aspirando o ar, condicionado pelo corpo e pelo meio familiar e social, e assim por diante.

A educação antiga era uma forma de domesticação. As crianças eram tratadas como animais. A educação moderna, a partir de Rousseau, é uma forma de compreensão. O seu princípio básico não é a liberdade, mas a compreensão da criança como um ser em desenvolvimento. O seu objetivo não é o abandono da criança a si mesma e sim o cultivo paciente da criança, para que possa crescer sadia no corpo e no espírito. Os maus juízos sobre a nova educação provêm do seu desconhecimento pelos pais e pelos mestres, muitos dos quais não possuem aptidão para educar.

Para os órfãos, o trecho citado de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* prescreve-nos *ajudá-los, livrá-los da fome e do frio, orientar suas almas para que não se percam no vício*. Esse o programa da nova educação. Seria um contra-senso convertermos os nossos filhos em órfãos, entregues a si mesmos, ao invés de vigiá-los, descobrir-lhes os maus pendores, corrigir-lhes as arestas morais e orientá-los para o futuro.

Os depositários de bens materiais cuidam deles para que não se deteriorem. O lavrador cuida das suas plantações para que produzam. Os pais, depositários de almas, têm responsabilidade muito maior e mais grave que a daqueles. Precisam cuidar de seus filhos e ajudá-los para que sejam úteis no futuro.

3) Livro: O CÉU E O INFERNO (Allan Kardec). 1ª. parte, Cap. VII. Par. 27. Tema “Código Penal da Vida Futura - Faltas”.

O único meio de evitar ou atenuar as conseqüências futuras de uma falta está no repará-la, desfazendo-a no presente. Quanto mais nos demormos na reparação de uma falta, tanto mais penosas e rigorosas serão no futuro as suas conseqüências.

4) Livro: JUSTIÇA DIVINA. (Emmanuel). Tema: “Faltas”.

É possível que o constrangimento do companheiro tenha surgido do gesto impenhado de tua parte. O gracejo impróprio ou o apontamento inoportuno teria tido o efeito de um golpe. Decerto, não alimentaste a intenção de ferir, mas a desarmonia partiu de bagatela, agigantando-se em conflito de grandes proporções.

De outras vezes, a mente adoece, conturbada. Teremos ofendido, realmente. A cólera ter-nos-á cegado o discernimento e brandimos o tacape da injúria. Pretendemos aconselhar e cortamos o coração de quem ouve. Alegando franqueza, envenenamos a língua. No pretexto de consolar, ampliamos chagas abertas. E começa para logo a distância e a aversão.

Se a consciência te acusa, repara a falta, enquanto é cedo. Chispa de fogo gera incêndio. Leve alfinetada prepara a infecção. Humildade é caminho. Entendimento é remédio. Perdão é profilaxia. Muitas vezes, loucura e crime, dispersão e calamidade nascem de pequeninos desajustes acalentados. Não hesites rogar desculpas, nem vaciles apagar-te, a favor da concórdia, com aparente desvantagem particular, porquanto, na maioria dos ca-

sos de incompreensão, em que nos imaginamos sofrer dores e ser vítimas, os verdadeiros culpados somos nós mesmos.

5) Livro: A GÊNESE (A.Kardec). Cap.X: Tema: “A Gênese Orgânica”, PRIMEIRA FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS: itens 10 a 15, continuação do cap. anterior.

10.Estas considerações provam o quanto a Química era necessária para a compreensão da Gênese.

Antes do conhecimento das leis de afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência esclareceu a questão sob um ponto de vista completamente novo, tal como a Astronomia e a Geologia o fizeram, sob outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização que consiste na forma regular que certas substâncias apresentam, quando passam do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Esta forma, que varia segundo a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todos conhecem cristais de açúcar cãndi; os cristais de rocha, a sílica cristalizada, são prismas de seis lados, terminados por uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, cristalizado. Os desenhos que se produzem sobre as vidraças, no inverno, são devidos à cristalização do vapor d'água, durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais se refere à forma particular das moléculas de cada corpo; essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que nem por isso deixam de ocupar um certo espaço, solicitadas umas pelas outras pela atração molecular, se dispõem e se justapõem, segundo a exigência de sua forma, de maneira a que cada uma tome seu lugar em redor do núcleo ou primeiro centro de atração, e de modo a formar um conjunto simétrico.

A cristalização não se opera senão sob o império de certas circunstâncias favoráveis, fora das quais elas não podem se realizar; o grau de temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permite se condensarem, e pela agitação, opondo-se a seu arranjo simétrico, elas não formariam senão massa confusa e irregular, e portanto sem cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química nos mostra todas as substâncias vegetais e animais, compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Os elementos que desempenham o papel principal são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros não se encontram senão de modo acessório. Como no reino mineral, a diferença das proporções na combinação desses elementos produz toda a variedade das substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas não entra nenhum corpo especial que não seja igualmente encontrado no reino animal. (Vide quadro de análise de algumas substâncias e seus componentes em nota de rodapé no livro A Gênese).

13. Alguns exemplos usuais farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico, unicamente pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco de uva, não há ainda nem vinho nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando este suco chega à maturidade, e é colocado em circunstâncias propícias, ali se produz um trabalho íntimo, ao qual se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho,

uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam nas proporções convenientes para formar álcool; de modo que ao beber o suco da uva, na realidade não se bebe álcool, pois ele ainda não existe; forma-se com as partes constitutivas da água e do açúcar, sem que haja, em suma, nem uma molécula a mais nem a menos.

No pão e nos legumes que comemos, não há certamente nem carne, nem sangue, nem ossos, nem matéria cerebral, e no entanto estes mesmos elementos vão produzir essas diversas substâncias pela transformação de seus elementos constitutivos, mediante a sua decomposição e recomposição do trabalho da digestão e elaborações orgânicas.

Na semente de uma árvore não há certamente nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, e é um erro supor que a árvore inteira, sob forma microscópica, se encontra na semente; quase não há sequer a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono necessária para formar uma só folha de árvore. A semente encerra um gérmen que brota quando encontra as condições favoráveis; esse gérmen cresce à custa dos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar; tais sucos que não são madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, formam sua seiva, tal como os alimentos, nos animais, formam o sangue. Essa seiva, conduzida pela circulação a todas as partes do vegetal, seguindo os órgãos onde vai ter e onde recebe uma elaboração especial, se transforma em madeira, folhas, frutos, tal como o sangue se transforma em carne, ossos, bÍlis, etc., e no entanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais, não podem pois se operar senão nos ambientes e nas circunstâncias propícias; fora de tais circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Porém, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, se agitam, se atraem, se aproximam, se separam em virtude da lei das afinidades, e por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade de substâncias. Se tais condições cessarem, o trabalho paralisa-se subitamente, para recomeçar quando novamente elas se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, se retarda, cessa e recomeça a trabalhar, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio e da seca; que tal planta prospera num clima ou num dado terreno, e estiola ou perece noutro.

15. O que se passa diariamente sob nossos olhos pode nos indicar o que tem se passado desde a origem dos tempos, pois as leis da Natureza são invariáveis.

Verificado que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos; que nós os vemos sem cessar sob o império de certas circunstâncias formar as pedras, as plantas e os frutos, pode-se concluir que os corpos dos primeiros seres vivos foram formados, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei da afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a tal ou qual espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução de indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o império da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

(Continuação no próximo Capítulo: PRINCÍPIO VITAL, itens 16 a 19).

*

6) Livro: O CONSOLADOR (Emmanuel). EVANGELHO. JESUS. Questões 282 a 291.

282 – *Se devemos considerar o Velho Testamento como a pedra angular da Revelação Divina, qual a posição do Evangelho de Jesus na educação religiosa dos homens?* – O Velho Testamento é o alicerce da Revelação Divina. O Evangelho é o edifício da re-

denção das almas. Como tal, devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do Divino Mestre no terreno definitivo do Espírito.

283 – *Com referência a Jesus, como interpretar o sentido das palavras de João: - “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade”?* – Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.

284 – *O apóstolo João recebeu missão diferente, na organização do Evangelho, considerando-se a diversidade de suas exposições em confronto com as narrações de seus companheiros?* – Ainda aí, temos de considerar a especialização das tarefas, no capítulo das obrigações conferidas a cada um. As peças nas narrações evangélicas identificam-se naturalmente, entre si, como partes indispensáveis de um todo, mas somos compelidos a observar que, se Mateus, Marcos e Lucas receberam a tarefa de apresentar, nos textos sagrados, o Pastor de Israel na sua feição sublime, a João coube a tarefa de revelar o Cristo Divino, na sua sagrada missão universalista.

285 – *“Jesus-Cristo é sem pai, sem mãe, sem genealogia.” – Como interpretar essa afirmativa, em face da palavra de Mateus?* – Faz-se necessário entendermos a missão universalista do Evangelho de Jesus, através da palavra de João, para compreender tal afirmativa no tocante à genealogia do Mestre Divino, cujas sagradas raízes repousam no infinito do amor e da sabedoria em Deus.

286 – *O sacrifício de Jesus deve ser apreciado tão-somente pela dolorosa expressão do Calvário?* – O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão remontar ao calvário de suas dores, no momento oportuno.

287 – *Numerosos discípulos do Evangelho consideram que o sacrifício do Gólgota não teria sido completo sem o máximo de dor material para o Mestre Divino. Como conceituar essa suposição em face da intensidade do sofrimento moral que a cruz lhe terá oferecido?* – A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais. Homens do mundo, que morreram por uma idéia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal. Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela. De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem. Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia por toda a Humanidade.

Examinados esses fatores, a dor material teria significado especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constitui o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens? Nesse particular, contudo, as criaturas humanas prosseguirão discutindo, como as crianças que somente admitem as realidades da vida de um adulto, quando se lhes fornece o conhecimento tomando para imagens o cabedal imediato dos seus brinquedos.

288 – *“Meu Pai e eu somos Um.” – Poderemos receber mais algum esclarecimento sobre essa afirmativa do Cristo?* – A afirmativa evidenciava a sua perfeita identi-

dade com Deus, na direção de todos os processos atinentes à marcha evolutiva do planeta terrestre.

289 – *São muitos os Espíritos em evolução na Terra, ou nas esferas mais próximas, que já viram o Cristo, experimentando a glória da sua presença divina?* – Toda a comunidade dos Espíritos encarnados na Terra, ou localizados em suas esferas de labor espiritual mais ligadas ao planeta, sentem a sagrada influência do Cristo, através da assistência de seus prepostos; todavia, pouquíssimos alcançaram a pureza indispensável para a contemplação do Mestre no seu plano divino.

290 – *Podem-se reconhecer nas parábolas de Jesus a expressão fenomênica das palavras, guardando a eterna vibração de seu sentimento nos ensinamentos?* – Sim. As parábolas do Evangelho são como as sementes divinas que desabrocharam, mais tarde, em árvores de misericórdia e de sabedoria para a Humanidade.

291 – *Como interpretar o Anticristo?* – Podemos simbolizar como Anticristo o conjunto das forças que operam contra o Evangelho, na Terra e nas esferas vizinhas do homem, mas, não devemos figurar nesse Anticristo um poder absoluto e definitivo que pudesse neutralizar a ação de Jesus, porquanto, com tal suposição, negaríamos a providência e a bondade infinita de Deus.

*

7) Livro: OS TRÊS CAMINHOS DE HÉCATE. (José Herculano Pires). Tema: “O Impacto Espírita”.

A tese das três revelações, colocada e definida pelo Espiritismo, implica certos problemas, que em geral não são bem compreendidos. Há quem pergunte, por exemplo: “Antes da I Revelação, a mosaica, Deus não havia revelado nada aos homens?” É claro que sim. O Espiritismo ensina que o processo da revelação é contínuo, incessante, realizando-se através da mediunidade. Mas acontece que a revelação de Moisés assinalou o primeiro momento decisivo da espiritualização do mundo, foi o marco histórico da concepção monoteísta. Com Moisés, e conseqüentemente com a Bíblia (codificação da I Revelação), os homens aprenderam a substituir os deuses formais do passado pelo Deus verdadeiro e único, em espírito e verdade. E aprenderam também que Deus é providência, criou o mundo e o dirige, conduzindo os homens através da História.

Até Moisés, o mundo é politeísta e mágico. O pensamento humano não é histórico, mas mitológico. Com a I Revelação surge o monoteísmo e o historicismo. Essa a razão de a chamarmos “primeira”, pois é decisiva quanto à modificação dos rumos humanos, em direção a um futuro de constante progresso. O monoteísmo unificará, daí por diante, o sentimento e a vontade, e o historicismo dirigirá a razão. Não se trata mais de revelações parciais, de ensaios preliminares, mas de uma revelação que abre as portas da universalidade, da compreensão total do universo e da vida. Com essa revelação inicia-se aquilo que hoje chamamos de Civilização Cristã do Ocidente. No Oriente continuarão ainda a desenvolver-se as revelações parciais e locais, até que o impacto do pensamento ocidental comece a modificar o panorama de suas velhas concepções.

O desenvolvimento natural da primeira revelação é o aparecimento de Cristo. Sua mensagem é codificada nos Evangelhos, seguidos dos demais livros que, com aqueles, formam o Novo Testamento. Ao monoteísmo e ao historicismo, a II Revelação adiciona o ingrediente moral da salvação. A concepção do Deus único e espiritual, e do desenvolvimento histórico do mundo, dirigido pela Providência, enriquece-se com um elemento novo: o finalismo. Deus fez o mundo e o dirige com uma finalidade definida. O dogma bíblico da queda revela o seu sentido, que a alegoria ocultava: o homem surgiu, na Terra, simples e ignorante, para adquirir por si mesmo a complexidade moral e a sabedoria espiritual, tornando-se digno do Criador. Esse finalismo trás em si mesmo o impulso do universalismo. Deus não é apenas o Criador, mas é principalmente o Pai. Nunca essa palavra

havia tido tão amplo sentido. Nos Evangelhos, Deus é Pai. Em conseqüência, todas as criaturas são irmãs.

Claro que uma revelação tão profunda não poderia realizar-se num dia, nem mesmo num século ou num milênio. A mensagem cristã, que completava a mosaica, teria de penetrar o mundo como a água da chuva penetra o chão, misturando-se a ele e à suas impurezas. Primeiro, haveria o barro. E desse barro, dessa mistura do politeísmo com o monoteísmo, do mito com a história, do acaso com o finalismo, do acidental com a providência, do incerto com a salvação (certeza da fé), surgiria o novo homem, feito à imagem e semelhança do novo Deus. Mas um homem ainda incompleto, em fase de modelagem. Por isso Jesus anunciou uma nova revelação, que ainda viria, depois que ele fosse “para o Pai”, formulando a promessa do Consolador, no Evangelho de João.

Somente decorridos quase dois milênios, amassado esse barro de terra e luz, de elementos humanos e divinos, pôde então surgir a III Revelação. E o que trouxe ela? Um novo ingrediente, para misturar os anteriores, completando a fórmula divina: o monismo. Essa palavra, interpretada em sentido espiritual, resume a concepção espírita do universo. A paternidade universal de Deus deixa de ser uma formulação teórica, para tornar-se prática. A fraternidade universal não decorre mais de um princípio abstrato. A reencarnação justifica o mandamento do amor do próximo, no plano imediato da vida física. A lei de causa e efeito mostra a unidade fundamental do cosmos. O túmulo vazio dos relatos evangélicos adquire um sentido simbólico, pois a morte é substituída pela ressurreição, e essa se despoja do aspecto mítico do passado, para apresentar-se com um sentido histórico, na sucessão temporal imediata das formas vitais. Por outro lado, a concepção monista do universo abre as portas à compreensão do processo de intercâmbio espiritual. Desaparece a barreira que separava o plano espiritual do plano material. Homens e espíritos podem confabular, permutar experiências conscientemente, marchar de mãos dadas rumo à perfeição espiritual, que é o objetivo comum.

É evidente que todos esses ingredientes reunidos pelas revelações sucessivas sempre existiram no mundo. Mas somente com elas, e graças a elas, puderam juntar-se numa forma vital e portanto dinâmica, eficiente, constituindo aquilo que Dilthey chamaria “a consciência metafísica do ocidente”. No desenrolar histórico das três revelações, esses ingredientes passaram de potência a ato, para usarmos a linguagem aristotélica. E assim chegamos ao momento em que esses elementos entram em ação efetiva no mundo, para transformá-lo. À III Revelação, ao Espiritismo, coube a função de completar o sistema, dar-lhe a demão final e dinamizá-lo na prática. Este gigantesco trabalho ainda não está realizado, mas desenvolve-se de maneira auspiciosa. O mundo inteiro está sofrendo o impacto do Espiritismo, em nosso século, como no século primeiro sofreu o impacto do Cristianismo.

*

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

1) Livro: OS TRÊS CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “Um Divisor de Águas”.

A 18 de abril de 1857, a primeira edição de “O Livro dos Espíritos” aparecia nas livrarias de Paris, e com ela raiava para o mundo uma nova fase da vida humana, a que hoje damos o nome de “era espírita”. O responsável pela publicação era um ilustre professor francês, discípulo de Pestalozzi, autor de várias obras didáticas, largamente conhecido pela sua vasta cultura e seu invejável equilíbrio de espírito. Assinava o livro com pseudônimo por dois motivos: para diferenciar a sua atividade nas letras didáticas da sua atividade no campo espiritual, e ao mesmo tempo para confirmar a sua crença na reencarnação anterior, quando sacerdote druida, entre os celtas.

Até esse momento, esse dia exato, - 18 de abril de 1857 -, não se conhecia no mundo a palavra “Espiritismo”. Os fenômenos de Hydesville, com as irmãs Fox, ocorri-

dos dez anos antes nos Estados Unidos, puseram na ordem do dia o problema da sobrevivência. As explicações, as hipóteses, as teorias brilhantes ou não, e mesmo as tentativas de formulação doutrinária, repetiram-se por toda parte. Videntes numerosos assumiam atitudes de mestres, na linha mística de Swedenborg. Mas, com tudo isso, a confusão era cada vez maior. De um lado, as religiões tradicionais impugnavam a novidade, baseadas em sua autoridade cegamente aceita. De outro lado, os homens de ciência recusavam-se a aceitá-la. Falava-se em Néó-Espiritualismo, mas em geral esta palavra não definia nada, a não ser o surto de um movimento confuso.

Com “O Livro dos Espíritos”, essa fase de transição foi superada. Kardec lançava uma palavra nova, “Spiritisme”, que definia uma doutrina já perfeitamente estruturada em seu livro. Esta doutrina, ao contrário da confusão reinante no chamado Néó-Espiritualismo, não se baseava na autoridade pessoal de um vidente, de um profeta ou coisa semelhante, mas “nas instruções dos Espíritos Superiores”, dadas através de vários médiuns, e nas observações e experiências de um pesquisador competente e culto.

Aquilo que dizem os marxistas a respeito de sua doutrina, no tocante à evolução do problema socialista, podemos dizer a propósito de “O Livro dos Espíritos”: com ele surgiu o Espiritualismo Científico, superando a fase confusa do Espiritualismo Utópico. Dalí por diante, falar em espíritos não era mais falar em bruxas e gnomos, em figuras de ficção ou de lenda, mas em entidades inteligentes, criaturas humanas que haviam sobrevivido à morte do corpo.

As próprias religiões tradicionais, que então lutavam desesperadamente contra o progresso do materialismo, nada de concreto e positivo podendo opor a esse progresso, foram imediatamente beneficiadas com o aparecimento do Espiritismo. Os homens de cultura, de pensamento, que não sabiam como sustentar a sua fé, diante da impossibilidade de defendê-la perante a ciência, viram-se amparados por uma nova arma. O Espiritismo, como acentuou Kardec em seus livros, tornou possível às religiões enfrentarem o materialismo em seu próprio terreno e com suas próprias armas. Já se podia falar em verificação experimental da existência da alma. E os grandes cientistas do século sentiram-se animados a tratar do problema espiritual como coisa séria, e não mais como simples superstição.

O que “A Origem das Espécies”, de Darwin, representou para o progresso da concepção antropológica; o que “O Discurso do Método”, de Descartes, significou na mudança de posição do pensamento medieval para o moderno; o que “A Psicologia Como Ciência”, de Herbart, e os “Elementos de Psicofísica”, de Fechner, representaram na transição da psicologia clássica para moderna, “O Livro dos Espíritos” representa, na transição ainda em curso, do espiritualismo clássico para o espiritualismo moderno.

Agora mesmo nos chegam notícias da França, relativas à organização de uma Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos, empenhada no esclarecimento dos fenômenos espíritas. Não fosse a publicação do livro de Kardec em 1857, e não teria sido possível o aparecimento da Metapsíquica, de Richet, da qual surgiu a Parapsicologia de Rhine, agora vitoriosa nos meios universitários da América e da Europa, despertando o interesse dos próprios círculos católicos.

A importância de “O Livro dos Espíritos”, no pensamento moderno é simplesmente fundamental. Esse livro, que é a obra básica do Espiritismo, representa o marco de uma nova era, no tocante aos problemas espirituais. Com ele, o mundo superou, por assim dizer: de um golpe, o longo passado mítico e dolorosamente místico da humanidade, para abrir as portas dos antigos mistérios ao pensamento racional e à investigação científica. Foi por isso que Kardec chamou o Espiritismo de III Revelação, acentuando que se trata de uma revelação de dupla natureza, ao mesmo tempo divina e humana. Revelação divina, porque dada ao homem através das manifestações espirituais, e humana ou científica, porque elaborada e desenvolvida pelo homem no plano da razão e da experimentação.

2) Livro: O LIVRO DOS ESPÍRITOS. (A.Kardec). Questões 890 a 892: Tema: “Amor Maternal e Filial”.

890. O amor maternal é uma virtude ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais? – *É uma coisa e outra. A Natureza deu à mãe o amor pelos filhos, no interesse de sua conservação; mas no animal esse amor é limitado às necessidades materiais: cessa quando os cuidados se tornam inúteis. No homem ele persiste por toda vida e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem virtudes; sobrevive mesmo à própria morte, acompanhando o filho além da tumba. Vedes que há nele alguma coisa mais do que no animal.* (Ver itens 205-385).

891. Se o amor materno é uma lei natural, porque existem mães que odeiam os filhos e frequentemente desde o nascimento? – *É às vezes uma prova escolhida pelo Espírito do filho ou uma expiação, se ele tiver sido um mau pai, mãe ruim ou mau filho em outra existência.* (Ver item 392). *Em todos esses casos, a mãe ruim não pode ser animada senão por um mau Espírito, que procura criar dificuldades ao do filho para que ele fracasse na prova desejada. Mas essa violação das leis naturais não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que tiver superado.*

892. Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, não são escusáveis de não terem por eles a ternura que teriam caso contrário? – *Não, porque se trata de um encargo que lhes foi confiado e sua missão é a de fazer todos os esforços para os conduzir ao bem.* (Ver itens 582-583). *Por outro lado, esses desgostos são quase sempre consequência dos maus costumes que os pais deixaram os filhos seguir desde o berço; eles colhem, portanto, o que semearam.*

*

3) Livro: NA ERA DO ESPÍRITO.

a) Tema: “PALAVRA ÀS MÃES” (Emmanuel).

Se o Senhor te concedeu filhos ao coração de mulher, por mais difícil se te faça o caminho terrestre, não largues os pequeninos à ventania da adversidade.

É possível que o companheiro haja desertado das obrigações que ele próprio aceitou, bandeando-se para a fuga sob a compulsão de enganos, dos quais um dia se desvencilhará. Não lhe condenes, porém, a atitude. Abençoa-o e, quanto possível, ampara os filhos inexperientes que te ficaram nos braços fatigados de espera. Quem poderá, no mundo, calcular a extensão das forças negativas que assediam, muitas vezes, a criatura enfrascada no corpo físico, induzindo-a a transitório esquecimento dos encargos que abraçou? Quem conseguirá, na Terra, medir a resistência espiritual da pessoa empenhada ao resgate complexo de compromissos múltiplos a lhe remanescerem das existências passadas?

Se foste sentenciada à indiferença e, em muitas ocasiões, até mesmo à extremada penúria, ao lado de pequeninos a te solicitarem proteção e carinho, permanece com eles e, esposando o trabalho por escudo de segurança e tranqüilidade, conserva a certeza de que o Senhor te proverá com todos os recursos indispensáveis à precisa sustentação.

Natural preserves a própria independência e que não transformes a maternidade em cativeiro no qual te desequilibres ou em que venhas a desequilibrar os entes amados, através do apego doentio. Mas enquanto os filhos ainda crianças te pedirem apoio e ternura, de modo a se garantirem na própria formação da qual consigam partir em demanda ao mar alto da experiência, dispensando-te a cobertura imediata, auxilia-os, quanto puderes, ainda mesmo a preço de sacrifício, a fim de que marchem, dentro da segurança necessária, para as tarefas a que se destinam.

Teus filhos pequeninos!... Recorda que as Leis da Vida aguardam do homem a execução dos deveres paternos que haja assumido diante de ti; entretanto, se és mãe, não olvides que a Providência Divina, com relação ao homem, no que se reporta a conheci-

mento e convívio, determinou que os filhos pequeninos te fossem confiados nove meses antes.

b) Tema: “INSTINTO E VIRTUDE”. (Irmão Saulo).

Seria o amor materno uma virtude ou apenas um instinto que tanto se manifesta na Humanidade quanto nos animais? Kardec propôs essa questão aos Espíritos Superiores e podemos encontrá-la, com a resposta dada, na pergunta 890 de *O Livro dos Espíritos*. Na reunião a que se refere Chico Xavier, aberto o livro ao acaso, foi essa a questão que caiu para os estudos.

Os Espíritos respondem que o amor materno é instinto nos animais e também na criatura humana, mas nos animais é limitado à necessidades de conservação e desenvolvimento da prole, desaparecendo em seguida. E acrescentam: “Na criatura humana persiste por toda a vida e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem virtudes, pois sobrevivem à própria morte, acompanhando o filho além da tumba. Vede que há nele (amor materno) alguma coisa mais do que no animal”.

Nas sessões mediúnicas, quando nos defrontamos com espíritos endurecidos, vemos quase sempre que eles são socorridos pelas mães que se desvelam no mundo espiritual a ampará-los e desviá-los do erro. É o amor materno acompanhando-os além da tumba. São fatos assim que nos dão a segurança da verdade espírita, pois de Kardec até hoje os princípios doutrinários são confirmados em todas as experiências sérias e bem dirigidas.

Na mensagem de Emmanuel temos também o problema do amor fraterno, que é essencial para a evolução humana. Esse amor, que abrange a todas as criaturas, depende da nossa capacidade de superação do egoísmo, de nos elevarmos acima de nós mesmos para podermos perdoar e aceitar os outros. É o caso da esposa abandonada pelo marido que a deixa em dificuldades para criar e educar os filhos. Emmanuel lembra a carga de forças negativas procedentes de existências anteriores e a fragilidade da criatura humana para vencê-las em certas circunstâncias. Daí aconselhar à mulher que não condene o tráfugo, para não aumentar essa carga, auxiliando-o a vencê-la com os seus bons pensamentos e sentimentos de amor.

A mãe está biológica e espiritualmente mais ligada aos filhos do que o pai. Nela, portanto, o instinto natural e a virtude moral se conjugam de maneira mais profunda. Grande é a responsabilidade paterna pelos filhos, mas a responsabilidade materna é ainda maior.

*

4) Livro: O CONSOLADOR (Emmanuel). Tema: “TRANSIÇÃO – MORTE”. Questões 146 a 160.

146 – *É fatal o instante da morte?* – Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto

os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

147 – *Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?* – A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginaí um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos. Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

148 – *Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?* – A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra. Daí a necessidade de encarmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

149 – *Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?* – Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave. Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro. É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

150 – *É possível que os espíritistas venham a sofrer perturbações depois da morte?* – A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da ver-

dade e do amor dos que viveram na Terra tão-somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças. Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica – “muito se pedirá de quem muito recebeu”, preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.

151 – *O Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cada-véricos?* – Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tônus vital”, nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

152 – *A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada “morte natural”?* – A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis. Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuízos do excessivo apego à Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto somente com o seu concurso precioso pode o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranqüilamente os umbrais da vida do Infinito.

153 – *Se a hora da morte não houver chegado, poderá o homem perecer sob os perigos que o ameacem?* – Nos aspectos externos da vida, e desde que o Espírito encarnado proceda de conformidade com os ditames da consciência retilínea e do coração bem-intencionado, sem a imponderação dos precipitados e sem o egoísmo dos ambiciosos, toda e qualquer defesa do homem reside em Deus.

154 – *Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio?* – A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que não se extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia. Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido. De todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.

155 – *O receio da morte revela falta de evolução espiritual?* – Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição. No que se refere a esses receios, somos obrigados a reconhecer, muitas vezes, as razões aduzidas pelo amor, sempre sublimes na sua manifestação espiritual. Todavia, não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.

156 – *Os Espíritos logo após a sua desencarnação ficam satisfeitos pela possibilidade de se comunicarem conosco?* – De um modo geral, muito reduzido é o número das criaturas humanas que se preparam para as emoções da morte, no desenvolvimento dos seus trabalhos comuns na Terra e, freqüentemente, as meditações da enfermidade não bastam para uma situação de perfeita tranqüilidade, nos primeiros tempos do além-túmulo. Eis o motivo por que tão salutares se fazem as vossas reuniões de estudo e de evangelização, às quais concorre grande número de irmãos nossos, ansiosos por uma palavra da Terra, porquanto as impressões que trazem do mundo não lhes permitem a percepção dos mentores elevados, das mais altas esferas espirituais.

157 – *Os Espíritos desencarnados podem ouvir-nos e ver-nos quando querem? Como procedem para realizar semelhante desejo?* – Isso é possível, não quando querem, mas quando o mereçam, mesmo porque, existem espíritos culpados que, somente muitos anos após o desprendimento do mundo, conseguem a permissão de ouvir a palavra amiga e confortadora dos seus irmãos ou entes amados, da Terra, a fim de se orientarem no labirinto dos sofrimentos expiatórios. O comparecimento de uma entidade recém-desencarnada, às reuniões do Evangelho, já significa uma bênção de Deus para o seu coração desiludido, porquanto essa circunstância se faz acompanhar dos mais elevados benefícios para a sua vida interior.

Quanto ao processo do seu contato convosco, precisamos considerar que os seres do Além-Túmulo, em sua generalidade, para se comunicarem nos ambientes do mundo, adaptam-se ao vosso modo de ser, condicionando suas faculdades à vossa situação fluídica na Terra; razão pela qual nesses instantes, na forma comum, possuem a vossa capacidade sensorial, restringindo as suas vibrações de modo a se acomodarem, de novo, ao ambiente terrestre.

158 – *Se uma criatura desencarna deixando inimigos na Terra, é possível que continue perseguindo o seu desafeto, dentro da situação de invisibilidade?* – Isso é possível e quase geral, no capítulo das relações terrestres, porque, se o amor é o laço que reúne as almas nas alegrias da liberdade, o ódio é a algema dos forçados, que os prende reciprocamente no cárcere da desventura. Se alguém partiu odiando, e se no mundo o desafeto faz questão de cultivar os germens da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível, perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, a fim de que a fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

159 – *No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a ação deles se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?* – As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam à revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz. As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.

160 – *Os Espíritos desencarnados se dividem, igualmente, nas esferas mais próximas da Terra, em seres femininos e masculinos?* – Nas esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material, considerando-se que algumas, que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores à reencarnação, então enriquecidas, se bem souberam cumprir os seus deveres no plano das dores e das dificuldades materiais. Dilatando, porém, a questão, devemos ponderar que os Espíritos, com esses ou

aqueles traços característicos, estão em marcha para Deus, purificando todos os sentimentos e embelezando as próprias faculdades, a fim de refletirem a luz divina, transformando-se, então, nessas ou naquelas condições, em perfeitos executores dos desígnios do Eterno.

*

5) Livro: J. HERCULANO PIRES – O APÓSTOLO DE KARDEC (Autor: Jorge Rizzini, Editora Paidéia-SP, 1ª. edição, 2001). Tema: “HERCULANO PIRES REVELA UMA SUA ENCARNAÇÃO” – Apêndice, pág. 283.

Na noite de 14 de julho de 1972 gravei em fita magnética a conversa que mantive com Herculano Pires em seu lar após os trabalhos mediúnicos. Trata-se de uma entrevista longa e informal, improvisada, durante a qual ele revelou uma sua encarnação. Eu lhe havia prometido que somente a divulgaria após sua passagem para o Grande Além. Eis o trecho em questão (A entrevista completa encontra-se em meu livro “Imortalidade”)?

- Suponhamos que você, Herculano, estivesse vivendo no século dezenove na França e visse nas livrarias de Paris “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, lançado nesse dia nas livrarias, qual a sua impressão após a leitura da obra?

Herculano – Jorge Rizzini, você me dá a oportunidade de fazer aqui uma revelação (já que você não pretende divulgar imediatamente; esta é uma fita que vai ficar para o futuro. Eu nunca pensei que tivesse a oportunidade de falar para o futuro. Acho que é uma pretensão muito grande. Mas, em todo o caso, como você está abrindo essa porta, eu vou falar para o futuro). Eu queria dizer que no século passado (dezenove) e isto não é um sonho, uma ilusão, é uma convicção adquirida através de pesquisas que eu fiz e que nunca revelei a ninguém, levado por uma revelação. Uma revelação inesperada através de um médium inteiramente ignorante do assunto e que me abriu o caminho para uma possibilidade muito interessante. Vamos esclarecer isto. No século dezenove eu estive na França, realmente, mas não era francês. Eu era português. Eu morava em Portugal, onde tive uma encarnação. Eu fui para a França como exilado. E como exilado tomei conhecimento do Espiritismo, mas não o aceitei porque eu era católico. E era um tipo católico muito comum, aliás, em Portugal naquela época. Discordava dos padres, brigava com o clero e não aceitava muito o catolicismo. O meu desejo era encontrar uma forma de fazer o cristianismo voltar ao seu estado primitivo, quer dizer, voltar à verdade pura do Cristo. Era este o meu desejo. Como naquela época eu era também jornalista, como sou hoje, isso ficou gravado em alguns jornais portugueses, o que se pode constatar.

Rizzini – Um pormenor, Herculano. Você se lembraria do nome que tinha?

Herculano – Eu não quero dizer, Rizzini. Você me perdoa isso, mas eu não quero dizer. Eu sei que nessa ocasião...

Rizzini – Mas esta é uma entrevista para o futuro.

Herculano – Sim, eu sei, mas o futuro depois verá. Mas eu tive, então, oportunidade de saber que estava se processando uma nova revelação, mas Portugal era um país profundamente católico e qualquer infiltração de outra religião lá seria prejudicial, porque o povo não estava à altura, segundo eu pensava, de aceitar uma nova concepção de Deus. Então, não adotei o Espiritismo. Continuei católico até o fim, mas um católico às avessas porque continuamente em luta com o próprio clero. Então, eu diria a você: não tenho certeza que eu vi algum livro espírita, mas sei que tive conhecimento do Espiritismo. Mas se eu visse o “Livro dos Espíritos” em Paris, nesse dia 14 de julho, naquela época (na data da tomada da Bastilha) eu, certamente, não teria o impacto que hoje me provocaria essa visão. Porque não sabia ainda o que era o Espiritismo, nem tinha possibilidade de saber que ele realizava aquele meu –sonho: o sonho da volta ao cristianismo primitivo. Só depois de passar para o mundo espiritual foi que eu tive contato pleno com a nova revelação. Interessante: foi no Espaço que eu me tornei espírita. Quando eu vim para a Terra, portanto, nascendo aqui no Brasil desta vez – e nascendo em Avaré, no Estado de São Paulo, no dia 25 de setembro de 1914...

Rizzini – E no meio católico...

Herculano – Também numa família católica. Tendo educação católica eu, entretanto, já trazia idéias espíritas bem acentuadas, que se foram revelando em mim independentemente de qualquer influência exterior. De maneira que, agora sim, se eu tivesse de-

pois disso um encontro com o “Livro dos Espíritos” numa livraria de Paris, para mim seria uma grande emoção; uma emoção extraordinária.

Rizzini – E se você encontrasse em uma das ruas do centro de Paris, de súbito, ao dobrar uma esquina, a figura de Allan Kardec?

Herculano – Bem... Se eu o encontrasse agora, nesta época, quer dizer, depois que sou espírita, então para mim seria uma coisa extraordinária porque Allan Kardec representa a figura exponencial dos novos tempos na Terra. Jesus veio para implantar no mundo o Reino de Deus – e realmente ele realizou esse trabalho maravilhoso, pois o implantou no coração e na consciência dos poucos homens que foram capazes de compreendê-lo até hoje – e o Reino de Deus vai desenvolvendo-se lentamente através dos séculos, vai realizando-se apesar dos homens. De maneira que Jesus representou essa figura extraordinária, e Kardec é o seu continuador. Kardec foi aquele que veio trabalhar na era decisiva da implantação do Reino de Deus em maior amplitude. Kardec é quem trouxe a revelação que o Espírito de Verdade transmitiu; ele trouxe essa possibilidade extraordinária de abrir as perspectivas do mundo para uma era inteiramente nova que está nascendo aos nossos olhos neste momento, neste século vinte.

Herculano Pires, certamente tomado por um súbito sentimento de pejo não revelou o nome que tivera na existência anterior em Portugal; mas anos após sua desencarnação pesquisei a vida dos grandes vultos da literatura lusitana do século dezenove e descobri inúmeros pontos de contato (a começar pelo nome) entre ele o célebre jornalista, romancista, poeta e historiador Alexandre Herculano, o qual ao tempo de Allan Kardec se exilara na França. O mesmo caráter ímpoluto e inflexível; o sentimento religioso; a oposição ao clero; o amor à literatura, particularmente à poesia e ao romance; e, sobretudo, a fidelidade à Verdade.

A propósito da extrema fidelidade à Verdade medite o leitor sobre o seguinte texto, mas procurando descobrir se o autor é o Herculano nascido em Portugal ou o brasileiro:

“Quando a justiça de Deus põe a pena na destra do historiador, ao passo que lhe põe na esquerda os documentos indubitáveis de crimes que pareciam escondidos para sempre debaixo das lousas, ele deve seguir avante sem hesitar, embora a hipocrisia ruja em redor, porque a missão do historiador tem nesse caso o que quer que seja de divina”. (Nota: Texto extraído do volume terceiro, página 192, da obra “Opúsculos”, de Alexandre Herculano; autor, inclusive, da “História da Origem e estabelecimento da inquisição em Portugal”).

Parece-nos evidente tratar-se de um só Espírito.

As informações sobre a reencarnação de Herculano Pires guardei-as, sigilosamente, durante décadas. Somente dias atrás, em conversa com Heloísa Pires referi-me à pesquisa, mas antes que lhe revelasse o resultado ela exclamou, sorrindo:

- Meu pai é a reencarnação de Alexandre Herculano. O pai, certa vez, comentou isso!

Não foi, pois, por outra razão que quatro anos antes da desencarnação Herculano Pires redigira um extenso e belo artigo exaltando sua antiga pátria e o renascimento do movimento espírita lusitano. (Nota: Vide a revista “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, edição de junho de 1975).

Não estamos, porém, dogmatizando, mesmo porque o julgamento final cabe, evidentemente, ao leitor.

*

6) Livro: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Editora NOVA CULTURAL – 1995 – Volume 12, Pág. 2.949. Tema: “ALEXANDRE HERCULANO”.

HERCULANO (Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, dito **Alexandre**), escritor português (Lisboa 1810 – Val-de-Lobos 1877). Adversário do absolutismo miguelista, foi obrigado a exilar-se na França, onde freqüentou a biblioteca de Rennes. Pertencem a essa época alguns dos seus melhores poemas. Regressando a Portugal (1832), tornou-se segundo bibliotecário da Biblioteca Municipal do Porto. Com a derrubada do governo cartista pelos setembristas (1836), demitiu-se do cargo e foi para Lisboa, onde escreveu *A voz do profeta* (1836), poemas religiosos e patrióticos em tom profético e bíblico, que prenunciam a coletânea *A harpa do crente* (1838). Dedicou-se às atividades jornalísticas e de historiador, com que viria a projetar seu nome, a ponto de se tornar a figura de maior prestígio intelectual e moral de sua geração. No jornal *Panorama*, que dirigiu por sete anos, durante a década de 1840, publicou suas obras de ficção: *Lendas e narrativas* (reunidas em volume em 1851); alguns capítulos do romance *O monge de Cister* (publicado em 1848), *O bobo* (publicado em 1848), *Eurico, o prebítero* (publicado em 1844). *A história de Portugal*, publicada em quatro volumes (1846, 1847, 1850 e, 1853), abrange somente o período que vai da fundação da nacionalidade até a obtenção de representação às cortes, concedida aos municípios por Afonso III. *As cartas sobre a história de Portugal*, publicadas em 1842, obedecem à sugestão das de Thierry sobre a história da França: *Eu e o clero*; *Considerações pacíficas*; *Solemnia verba* (opúsculos, 1850). Foi atacado pelo clero quando publicou *História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* (1854-1859). A partir de 1856, por sua iniciativa, foi iniciada a publicação sistemática dos mais antigos documentos históricos portugueses, na coleção *Portugaliae monumenta historica*. Além das obras já citadas, deixou *Do estado das classes servas na Península*; *Apontamentos para a história dos bens da Coroa*; *Da existência do feudalismo em Portugal*; diversos estudos econômicos e políticos, bem como trabalhos sobre a literatura, estética, etc. Suas obras menos relevantes foram reunidas sob o título geral de *Opúsculos*.

*

7) Livro: EMMANUEL (Emmanuel). Tema: “SOBRE OS ANIMAIS”. Pág. 93.

Com o desenvolvimento das idéias espiritualistas no mundo, torna-se um estudo obrigatório, e para todos os dias, o grande problema que implica o drama da evolução anímica.

Teria sido a alma criada no momento da concepção, na mulher, segundo as teorias anti-reencarnacionistas? Como será a preexistência? O espírito já é criado pela potência suprema do Universo, apto a ingressar nas fileiras humanas? E os pensadores se voltam para os vultos eminentes do passado. As autoridades católicas valem-se de Tomás de Aquino, que acreditava na criação da alma no período de tempo que precede o nascimento de um novo ser, esquecendo-se dos grandes padres da antigüidade, como Orígenes, cuja obra é um atestado eterno em favor das verdades da preexistência. Outras doutrinas religiosas buscam a opinião falível da sua ortodoxia e dos seus teólogos, relutando em aceitar as realidades luminosas da reencarnação. Pascal, escrevendo na adolescência o seu tratado sobre os cones, e inúmeros Espíritos de escol, laborando com a sua genialidade precoce nas grandes tarefas para as quais foram chamados à Terra, constituem uma prova eloqüente, aos olhos dos menos perspicazes e dos estudiosos de mentalidades tardas no raciocínio, a prol da verdade reencarnacionista.

O homem atual recorda instintivamente os seus labores e as suas observações do passado. Sua existência de hoje é a continuação de quanto efetuou nos dias do pretérito. As conquistas de agora representam a soma dos seus esforços de antanho, e a civilização é a grande oficina onde cada um deixa estereotipada a própria obra.

A SOMBRA DOS PRINCÍPIOS

Contempla-se, porém, até hoje, a sombra dos princípios como noite insondável sobre abismos. Os desencarnados de minha esfera não se acham indenados, por enquanto, do socorro das hipóteses. A única certeza obtida é a da imortalidade da vida e, como não

é possível observar a essência da sabedoria, sem iniciativas individuais e sem ardorosos trabalhos, discutimos e estudamos as nobres questões que, na Terra, preocupavam o nosso pensamento.

Um desses problemas, que mais assombram pela sua singular transcendência, é o das origens. Se na Terra o progresso humano se verifica, através de dois caminhos, o da Ciência e o da Revelação espiritual, ainda não encontramos, em identidade de circunstâncias, em nossa evolução relativa, nenhuma estrada estritamente científica para determinar o Alfa do Universo, senão a das hipóteses plausíveis. Contudo, saturada da mais profunda compreensão moral, copiosa é a nossa fonte de revelações, a qual constitui para nós um elemento granítico, servindo de base à sabedoria de amanhã.

OS ANIMAIS – NOSSOS PARENTES PRÓXIMOS

Se bem haja no próprio círculo dos estudiosos dos espaços o grupo dos opositores das grandes idéias sobre o evolucionismo do princípio espiritual através das espécies, sou dos que o estudam, atenta e carinhosamente.

Eminentes naturalistas do mundo, como Charles Darwin, vislumbraram grandiosas verdades, levando a efeito preciosos estudos, os quais, aliás, se prejudicaram pelo excessivo apego à ciência terrena, que se modifica e se transforma, com os próprios homens; e, dentro das minhas experiências, posso afirmar, sem laivos de dogmatismo, que, oriundos na flora microbiana, em séculos remotíssimos, não poderemos precisar onde se encontra o acume das espécies ou da escala dos seres, no pentagrama universal. E, como o objetivo desta palestra é o estudo dos animais, nossos irmãos inferiores, sinto-me à vontade para declarar que todos nós já nos debatemos no seu acanhado círculo evolutivo. São eles os nossos parentes próximos, apesar da teimosia de quantos persistem em o não reconhecer.

Considera-se, às vezes, como afronta ao gênero humano a aceitação dessas verdades. E pergunta-se como poderíamos admitir um princípio espiritual nas arremetidas furiosas das feras indomesticadas, ou como poderíamos crer na existência de um raio de luz divina na serpente venenosa ou na astúcia traiçoeira dos carnívoros. Semelhantes inquirições, contudo, são filhas de entendimento pouco atilado. Atualmente, precisamos modificar todos os nossos conceitos acerca de Deus, porquanto nos falece autoridade para defini-Lo ou individualizá-Lo. Deus existe. Eis a nossa luminosa afirmação, sem poder, todavia, classificá-Lo em sua essência. Os que nos interpelam por essa forma, olvidam as histórias de calúnias, de homicídios, no seio das perversidades humanas. Para que o homem se conservasse nessa posição especial de perfectibilidade única, deveria apresentar todos os característicos de uma entidade irrepreensível, dentro do orbe onde foi chamado a viver. Tal não se verifica e, diariamente, comentais os dramas dolorosos da Humanidade, os assassínios, os infanticídios nefandos, efetuados em circunstâncias nas quais, muitas vezes, as faculdades imperfeitas dos irracionais agiriam com maior benignidade e clemência, dando testemunho de melhor conhecimento das leis de amor que regem o mecanismo do mundo.

A ALMA DOS ANIMAIS

Os animais têm a sua linguagem, os seus afetos, a sua inteligência rudimentar, com atributos inumeráveis. São eles os irmãos mais próximos do homem, merecendo, por isso, a sua proteção e amparo. Seria difícil ao médico legista determinar, nas manchas de sangue, qual o que pertence ao homem ou ao animal, tal a identidade dos elementos que o compõem. A organização óssea de ambos é quase a mesma, variando apenas na sua conformação e observando-se diminuta diferença nas vértebras. O homem está para o animal, simplesmente como um superior hierárquico. Nos irracionais desenvolvem-se igualmente as faculdades intelectuais. O sentimento de curiosidade é, na maioria deles, altamente avançado e muitas espécies demonstram as suas elevadas qualidades, exemplificando o amor conjugal, o sentimento de paternidade, o amparo ao próximo, as faculdades de imi-

tação, o gosto da beleza. Para verificar a existência desses fenômenos, basta que se posua um sentimento acurado de observação e de análise.

Inúmeros espíritos trouxeram à luz o fruto de suas pacientes indagações, que são para vós elementos de inegável valor. Entre muitos, citaremos Darwin, Gratiolet e vários outros estudiosos dedicados a esse notáveis problemas. Os mais ferozes animais têm para com a prole ilimitada ternura. Aves existem que se deixam matar, quando não se lhes permite a defesa das suas famílias. Os cães, os cavalos, os macacos, os elefantes deixam entrever apreciáveis qualidades de inteligência. É conhecido o caso dos cavalos de um regimento que mastigavam o feno para um de seus companheiros, inutilizado e enfermo. Conta-se que uma fêmea de cinocéfalo (que tem cabeça de cão), muito conhecida pela sua mansidão, gostava de recolher os macaquinhos, os gatos e os cães, dos quais cuidava com desvelado carinho; certo dia, um gato revoltou-se contra sua benfeitora, arranhando-lhe o rosto, e a sua mãe adotiva, revelando a mais refletida inteligência, examinou-se as patas, cortando-lhe as unhas pontiagudas com os dentes. Constitui um fato observável a sensibilidade dos cães e dos cavalos ao elogio e às reprimendas. Longe iríamos com as citações. O que podemos assegurar é que, sobre os mundos, laboratórios da vida no Universo, todas as forças naturais contribuem para o nascimento do ser.

TODOS SOMOS IRMÃOS

De milênios remotos, viemos todos nós, em pesados avatares (transformações, metamorfoses). Da noite dos grandes princípios, ainda insondáveis para nós, emergimos para o concerto da vida. A origem constitui, para o nosso relativo entendimento, um profundo mistério, cuja solução ainda não nos foi possível atingir, mas sabemos que todos os seres inferiores e superiores participam do patrimônio da luz universal. Em que esfera estivemos um dia, esperando o desabrochamento de nossa racionalidade? Desconheceis ainda os processos, os modismos dessas transições, etapas percorridas pelas espécies, evoluindo sempre, buscando a perfeição suprema e absoluta, mas sabeis que um laço de amor nos reúne a todos, diante da Entidade Suprema do Universo.

É certo que o Espírito jamais retrograda, constituindo uma infantilidade as teorias da metempsicose dos egípcios, na antigüidade. Mas, se é impossível o regresso da alma humana ao círculo da irracionalidade, recebi como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta. Estendei até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida.

*

ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS

A GÊNESE. CAPÍTULO X

24. Entre o reino vegetal e o reino animal não há delimitação nitidamente traçada. Nos confins dos dois reinos estão os **zoófitos** ou **animais-plantas**, cujo nome indica que têm algo de um e do outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, se nutrem, respiram, se reproduzem e morrem. Como eles, para viver, elas têm necessidade de luz, de calor e de água; se forem privadas disso, estiolam e morrem; a absorção de ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais nítida, é a de serem presas ao solo e daí extraírem sua nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior de uma planta; como planta, agarra-se ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; extrai sua nutrição do meio ambiente.

Um grau acima, o animal é livre e vai procurar sua alimentação: em primeiro lugar, encontram-se as inumeráveis variedades de pólipos, de corpo gelatinoso, sem órgãos bem distintos, e que não diferem das plantas senão pela faculdade de locomoção; depois vêm, na ordem de desenvolvimento de seus órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, dos quais uns são nus, como as lesmas, as polpas, ou polvos; outros são providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida duma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, nos quais a vida tem prodigiosa atividade e se manifesta o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros, enfim os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. Se se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, não há nenhuma analogia entre tais seres; porém de passarmos de um anel para o outro, sem solução de continuidade, chegaremos da planta aos animais vertebrados sem transição brusca. Compreende-se então que os animais de organização complexa possam não ser mais que uma transformação, ou se assim o preferirmos, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior, e assim, de aproximação em aproximação, até o ser primitivo elementar. Entre a bolota e o carvalho, a diferença é grande, e não obstante, se acompanharmos passo a passo, o desenvolvimento da bolota, chega-se ao carvalho, e já não será mais motivo de admiração que ele resulte de uma semente tão pequena. Se, pois a bolota encerra os elementos latentes próprios à formação de uma árvore gigante, por que não aconteceria o mesmo ao inseto e ao elefante?

Do que foi exposto, compreende-se que não haja geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam o produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, à medida que as condições climáticas lhe tivessem sido propícias. Cada espécie adquirindo a faculdade de se reproduzir, seus cruzamentos resultarão em inumeráveis variedades; e depois, uma vez instalada a espécie, nas condições de vitalidade durável, quem diz que os germes primitivos de onde ela saiu não desapareceram daí em diante como inúteis? Quem diz que nosso oução atual seja o mesmo que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Assim se explicaria porque não há geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Esta teoria, sem ser admitida de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar atualmente na ciência; e aceita por observadores sérios, como a mais racional.

O HOMEM CORPORAL

A GÊNESE – CAPÍTULO X

26. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, da qual não difere senão por alguns detalhes da forma exterior; quanto ao mais, tem a mesma composição química que os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução; nasce, vive, morre nas mesmas condições, e com a morte seu corpo se decompõe como o de tudo quanto vive. Não há em seu sangue, sua carne, seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram nos corpos dos animais; como esses, ao morrer, ele entrega à terra o hidrogênio, o oxigênio, o

azoto e o carbono que estavam combinados para o formar, e vão, por meio de novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que as funções orgânicas do homem são estudadas em certos animais, quando as experiências não possam ser feitas nele mesmo.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos **bímanos**. Imediatamente abaixo dele vêm os **quadrúmanos** (animais de quatro mãos) ou macacos, dos quais alguns, como o orangotango, o chimpanzé, o mono, têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que por muito tempo foram designados como **homens da floresta**; tal como o homem, caminham eretos, servem-se de paus, constroem cabanas, e levam seus alimentos à boca com a mão, o que são sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista de seu organismo, reconhece-se que, desde o líquen até à árvore, e do zoófito ao homem, há uma cadeia que se eleva por graus, sem solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente; **segundo passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior**. Verificado que o corpo do homem está em condições idênticas aos outros corpos, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, deve ter sido formado nas mesmas condições.

29. Embora isto fira seu orgulho, o homem deve se resignar a ver em seu **corpo material** o último elo da animalidade **sobre a Terra**. O inexorável argumento dos fatos aí está, e será em vão levantar protestos contra tal situação.

Porém, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual ganha importância; se o primeiro o nivela com os brutos, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo onde o animal se detém; não vemos o limite que possa alcançar o Espírito do homem.

30. O materialismo pode por aí perceber que o Espiritualismo, longe de por em dúvida as descobertas da ciência, e sua atitude positiva, vai mais à frente e as provoca, pois é certo que o princípio espiritual, **que tem sua existência própria**, não pode sofrer nenhum dano.

O Espiritismo caminha a par com o materialismo, no terreno da matéria; admite tudo o que este admite; porém, onde o materialismo se detém, o Espiritismo prossegue. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo do mesmo ponto; chegados a uma certa distância, um diz: “Não posso ir mais longe”; o outro continua sua rota e descobre um mundo novo. Por que, pois, o primeiro diz que o segundo é louco, pois este, entrevendo novos horizontes, quer franquear o limite onde o outro acha conveniente se deter? Cristóvão Colombo também não foi considerado louco, porque acreditava existir um mundo além do Oceano? E quantos mais a História registra, desses loucos sublimes que fizeram avançar a humanidade, aos quais se tecem coroas, depois de se lhes ter atirado lama?

Bem! O Espiritismo, esta loucura do século XIX, segundo os que querem permanecer na praia terrestre, nos revela todo um mundo, mundo de importância muito maior para o homem que a América, pois nem todos os homens vão para a América, ao passo que todos, sem exceção, vão para o mundo dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de uma região para a outra.

Chegados ao ponto em que estamos da Gênese, o materialismo se detém, ao passo que o Espiritismo prossegue suas pesquisas no domínio da **Gênese espiritual**.

GÊNESE ESPIRITUAL
A GÊNESE. CAPÍTULO XI
PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita de demonstração, tanto quanto o princípio material; de alguma forma, é uma verdade axiomática: ele se afirma por seus efeitos, como a matéria, pelos que lhe são próprios.

Segundo o princípio “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino, destinado a dar um sinal, uma advertência, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode vir à idéia de ninguém, atribuir pensamento à matéria do sino, conclui-se que ele é movido por uma inteligência, à qual serve de instrumento para se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém tem a idéia de atribuir o pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivo pensa, é porque nele há alguma coisa que já não há mais, quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino, é que a inteligência que faz mover este, está fora dele, enquanto que aquela que faz o homem agir está nele mesmo.

2. O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem este princípio, Deus não teria razão de ser, pois não seria mais possível conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade unicamente sobre a matéria bruta, tanto quanto não seria lícito tal supor em relação a um monarca terrestre que reinasse toda sua vida apenas sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se apenas devessem ser exercidas sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis, para os votar ao nada depois de alguns dias de sofrimentos sem compensações, entretendo sua vida com essa sucessão indefinida de seres que nascem sem o ter solicitado, que pensam um instante para apenas conhecer a dor, e se extinguem para sempre, depois de uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis porque o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando a causa não podem admitir o efeito; negando o efeito não podem admitir a causa. O materialismo é, pois, coerente consigo mesmo, se bem que não esteja com a razão.

4. A idéia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; ela existe nele, no estado de intuição e de aspiração; ele compreende que unicamente nisto está a compensação das misérias da vida: é devido ao fato de que tal idéia sempre existiu, que há e sempre haverá mais espiritualistas que materialistas, e mais deístas que ateus.

À idéia intuitiva e à potência do raciocínio, o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, de sua sobrevivência, de sua imortalidade e de sua individualidade; ele dá exatidão e definição ao que esse pensamento tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente agindo fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são uma e a mesma coisa?

Como sempre, partindo da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão em confundi-los; porém, desde que se vêem seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos que ainda estão animados com a vida orgânica, ao passo que neles já não existe mais nenhuma manifestação do pensamento; que se produzem no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato de vontade; que durante o sono a vida orgânica está em toda sua atividade, ao passo que a vida intelectual não se manifesta por qualquer sinal exterior, há lugar para se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do espírito, torna-se evidente que esta dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes (Cap. X, ns. 16 a 19).

6. O princípio espiritual teria sua fonte no elemento cósmico universal? Não seria senão uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se assim fosse, o princípio espiritual estaria sujeito às vicissitudes da matéria; ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente não teria senão uma existência momentânea como sucede ao corpo, e com a morte ele reentraria no nada, ou, o que vem a dar no mesmo, no todo universal; isso seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades **sui generis** que são reconhecidas no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria independente, pois, se tivesse sua origem na matéria, não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se a essa conclusão, remontando os efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são dois princípios constitutivos do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados Espíritos assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. Admitindo-se o ser espiritual, e se sua fonte não pode estar na matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação faltam de modo absoluto, assim como tudo o que diz respeito ao princípio das coisas. O homem não pode constatar senão o que existe; quanto a tudo o mais, apenas pode emitir hipóteses; e Deus não lhe deu tal conhecimento, seja porque tal conhecimento ultrapassa o alcance de sua inteligência atual, seja porque seria atualmente inútil ou inconveniente que ele o possuísse no momento.

O que Deus lhe transmite por seus mensageiros, e o que por outro lado o próprio homem tem podido deduzir, partindo do princípio da soberana justiça que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos temos um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com aptidão igual para progredir mediante sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfei-

ção compatível com a criatura, através de seus esforços pessoais; que todos, sendo os filhos de um mesmo Pai, são o objeto de igual solicitude; que não há nenhum favorecido ou melhor dotado que os demais, e dispensado do trabalho que seria imposto a outros para atingir seu alvo.

8. Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais, desde toda a eternidade, igualmente criou seres espirituais desde toda a eternidade: sem isso, os mundos materiais teriam sido sem objetivo. Seria mais fácil conceber-se os seres espirituais sem os mundos materiais, que estes sem os seres espirituais. São os mundos materiais que teriam que fornecer aos seres espirituais, elementos de atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa é a finalidade que devem alcançar; ora, tendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando sem cessar, por toda a eternidade também terá havido aqueles que alcançaram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tinham sucedido a mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço era povoado por seres espirituais em todos os graus de progresso, desde aqueles que nasciam para a vida, até aqueles que, de toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

A GÊNESE – CAP. XI - (continuação)

10. Desde que a matéria seria o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse agir sobre ela; por isso é que ele veio habitar a matéria, como o lenhador habita a floresta. Desde que a matéria deve ser ao mesmo tempo a finalidade e o instrumento de trabalho, Deus, em vez de ligar o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade, e de se prestar a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, ao mesmo tempo o envoltório e o instrumento do Espírito, e à medida que este adquire novas aptidões, reveste um invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, tal como se dá a um trabalhador instrumentos menos grosseiros, à medida que ele seja capaz de fazer um trabalho mais delicado.

11. Para ser mais exato, será preciso dizer que é o próprio Espírito que fabrica seu envoltório e o torna adequado às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo à medida que sente a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, ele o talha conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais; fica por sua conta, colocá-los em função; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se assim o preferirmos, um instrumento cerebral mais aperfeiçoado que as raças primitivas. Assim se explica igualmente o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia, e às linhas do corpo. (Cap. VIII, n.7: **A Alma da Terra**).

12. Desde que um Espírito nasce na vida espiritual, para seu progresso, deve fazer uso de suas faculdades, as quais são a princípio rudimentares; é por isso que ele é revestido de um envoltório corporal apropriado a seu estado de infância intelectual, envoltório este que ele deixa para se revestir de outro, à medida

que suas forças aumentam. Ora, como houve mundos, desde todo o tempo, e que tais mundos têm dado nascimento a corpos organizados, adequados a receber Espíritos, desde todos os tempos os Espíritos têm encontrado os elementos necessários à sua vida carnal qualquer que fosse seu grau de progresso.

13. Sendo o corpo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Depois de haver funcionado durante certo tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não encontrando mais elemento para sua atividade, extingue-se e o corpo morre. O Espírito, visto que o corpo privado de vida é, a partir de então, sem utilidade, deixa-o como se abandona uma casa em ruína ou uma vestimenta imprestável.

14. O corpo não é, pois, senão um envoltório destinado a receber o Espírito; desde então, pouco importa sua origem, e os materiais dos quais ele é construído. Quer o corpo do homem seja ou não uma criação especial, nem por isso deixa de ser formado pelos mesmos elementos que os dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, (em outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo), assim como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: sobre este ponto não há contestação.

Se apenas considerarmos a matéria, fazendo abstração do Espírito, o homem não terá nada que o distinga do animal; porém tudo muda de aspecto se se faz a distinção entre a **habitação** e o **habitante**.

Um grande senhor, numa cabana, ou vestido com os simples vestuários do campônio, nem por isso deixará de ser o grande senhor. O mesmo sucede com o homem; não é seu vestuário de carne quem o eleva acima do bruto, e faz dele um ser à parte: é seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO (O CORPO DO HOMEM E O CORPO DO MACACO) –

A GÊNESE – CAPÍTULO XI – Continuação.

15. Da semelhança de formas exteriores existentes entre o corpo do homem e do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro não era senão uma transformação do segundo. Nada há de impossível nisso, nem que afete a dignidade do homem, caso assim seja. Corpos de macacos teriam sido muito adequados a servir de vestimentas aos primeiros Espíritos humanos necessariamente pouco avançados, que vieram encarnar-se na Terra; tais corpos terão sido os mais apropriados a suas necessidades, e mais próprios ao exercício de suas faculdades, que o corpo de qualquer outro animal. Em lugar de ter sido necessário fazer-se um vestuário especial para o Espírito, ele já encontrou um feito. Pôde, pois, vestir a pele do macaco, sem cessar de ser Espírito humano, como o homem, se reveste às vezes da pele de certos animais, sem cessar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui não se trata senão de uma hipótese, a qual de modo nenhum é formulada como princípio, porém oferecida apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica na paridade entre seu Espírito e o do macaco.

16. Admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou seus detalhes, sempre conservando a forma geral do conjunto (n. 11, vide

abaixo). Os corpos melhorados, ao se procriarem, reproduziram-se nas mesmas condições, como se tratasse de árvores enxertadas; deram nascimento a uma nova espécie, a qual pouco a pouco se afastava do tipo primitivo, à medida que o Espírito progredia. O espírito do macaco, o qual não foi aniquilado continuou a procriar corpos de macaco para seu uso tal como o fruto da árvore silvestre reproduz as mesmas; e o Espírito humano procriou corpos humanos, variantes do primeiro molde onde se estabeleceu. O tronco se bifurcou; produziu vergôntees, que se tornaram troncos.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a Terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior, e sem dúvida também quanto à sua inteligência. Mesmo atualmente ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés, e pela conformação da cabeça, certamente têm traços de macaco, faltando apenas serem peludos para completar a semelhança.

N. 11: Para ser mais exato, será preciso dizer que é o próprio Espírito que fabrica seu envoltório e o torna adequado a suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo à medida que sente a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, ele o talha conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais; fica por sua conta colocá-los em função; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se assim o preferirmos, um instrumento cerebral mais aperfeiçoado que as raças primitivas. Assim se explica igualmente o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia, e às linhas do corpo.

*

O ELO PERDIDO DE DARWIN

REVISTA ESPÍRITA. JULHO/1860. Págs. 226/7.

Examinando a série dos seres vivos, encontra-se uma cadeia ininterrupta, desde a madrépora, a própria planta, até o animal mais inteligente. Mas entre o animal mais inteligente e o homem há uma evidente lacuna, que em algum lugar deve ser preenchida, porque a Natureza não deixa vazios. De onde vem essa lacuna? – Essa lacuna dos seres é apenas aparente; não existe na realidade: vem das raças desaparecidas (São Luís).

Tal lacuna pode existir na Terra, mas certamente não existe no conjunto do Universo e deve ser preenchida em alguma parte. Não o seria por certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem aproximar-se muito do homem terreno pela forma, a linguagem e outros sinais? – Nas esferas superiores o germe surgido da Terra desenvolveu-se e jamais se perde. Tornando-vos Espíritos reencontrareis todos os seres criados e desaparecidos nos cataclismos do vosso globo (São Luís).

OBSERVAÇÃO: Desde que essas raças intermediárias existiram na Terra e dela desapareceram, justifica-se o que disse Charlet pouco antes, que quanto mais novo o mundo, mais ele se lembra. Se só houvessem existido nos mundos superiores, o homem da Terra, menos adiantado, não lhes poderia guardar a lembrança.

AS QUESTÕES MORAIS, CIENTÍFICAS, ETC., E A OPINIÃO DOS ESPÍRITOS. *Idem* Pág. 234

Um Espírito realmente superior não pode contradizer-se; assim, se duas comunicações contraditórias forem dadas sob um mesmo nome respeitável, uma

delas necessariamente é apócrifa, e se uma for verdadeira, será aquela em que nada desmente a superioridade do Espírito cujo nome a encima.

A conseqüência a tirar destes princípios é que, fora das questões morais, só se deve acolher com reservas o que vem dos Espíritos, e que, em todo caso, jamais devem ser aceitas sem exame. Daí decorre a necessidade de ter a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, sobretudo quando, pela estranheza das doutrinas que contêm, ou pela incoerência das idéias, podem prestar-se ao ridículo. É preciso desconfiar da inclinação de certos Espíritos para as idéias sistemáticas e do amor-próprio que buscam espalhar. Assim, é sobretudo nas teorias científicas que precisa haver extrema prudência e guardar-se de dar precipitadamente como verdades alguns sistemas por vezes mais sedutores do que reais e que, mais cedo ou mais tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se forem lógicos, e como podendo servir-se a observações ulteriores, vá; mas seria imprudência tomá-los prematuramente como artigos de fé. Diz um provérbio: “Nada mais perigoso que um amigo imprudente”. Ora, é o caso dos que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido. (ALLAN KARDEC).

*

DESTRUIÇÃO RECÍPROCA DOS SERES VIVOS

REVISTA ESPÍRITA. ABRIL/1865. Pág.95

(...) Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, nos quais a inteligência ainda está no estado de instinto, a luta não poderia ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas necessidades materiais é a da alimentação. Assim, lutam unicamente para viver, isto é, para apanhar ou defender uma presa, desde que não poderiam ser estimulados por um móvel mais elevado. É neste primeiro período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Quando atingiu o grau de maturidade necessário à sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, numa palavra a centelha divina, que dão um novo curso às suas idéias, a dotam de novas percepções. Mas as novas faculdades morais de que é dotada só se desenvolvem gradativamente, pois nada é brusco na natureza; há um período de transição, no qual o homem apenas se distingue do bruto; nas primeiras idades domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; então o homem luta, não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar. Para isto ainda lhe é necessário destruir. Mas, à medida que o senso moral ganha força desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruição, acabando mesmo por se tornar odiosa e apagar-se: o homem cria horror ao sangue. Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito porque, mesmo chegado a este ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; só ao preço de sua atividade é que adquire conhecimentos, experiência, e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas então a luta, de sangrenta e brutal, que era, torna-se puramente intelectual: o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes. Allan Kardec.

NOTA: Esta explicação, como se vê, se liga ao grave problema do futuro dos animais. Nós a trataremos proximamente e a fundo, desde que nos parece suficientemente elaborada e cre-

mos que se pode, desde já, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensino. Allan Kardec.

*

DA PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS

REVISTA ESPÍRITA. MARÇO/1864 – Pág.68.

(...) A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente – isto é incontestável. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma a outra espécie? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber, mais tarde, novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é que ainda é prematuro; o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É verdade que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva. **Assim, até nova ordem, não podem ser consideradas senão como sistemas individuais. Só a concordância lhes pode dar a consagração, pois nisto está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis porque estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos uns aos outros, sem sofrer as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela sua elevação de pensamento, o alto alcance de seus ensinamentos, jamais se contradizendo e jamais dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Assim é que foram controladas as diversas partes da doutrina, formulada no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns*. Tal não é ainda o caso da questão dos animais. Eis por que ainda não o decidimos. Até a constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão como inventário, e esperar sua confirmação ou sua negação.**

Em geral nunca seria demasiada a prudência em face a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos desde a origem do Espiritismo que, publicadas prematuramente, apenas tiveram vida efêmera! Assim será com todas as que apenas tiveram caráter individual e não tiveram passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, disseminados em diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, observamos nas comunicações, vindas de vários lados, quer da França, quer do estrangeiro, uma tendência para entrar numa via nova, através de revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, muitas vezes em palavras veladas, passaram inapercebidas a muitos dos que as receberam; muitos outros se supuseram os únicos a recebê-las; consideradas isoladamente, para nós não teriam valor; mas a sua coincidência lhes dá alta importância, que terá de ser julgada mais tarde quando vier o momento de as levar à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle a serem usados. Em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, seria presunção crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o de ser feita em toda parte ao mesmo tempo. Assim aconteceu com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência a provar que todas as teorias aventurosas por Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma tornou-se geral e não suportou o controle da concordância; várias, mesmo, caíram no ridículo, prova evidente que não estavam certas. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina.

Esta digressão afastou-nos um pouco do assunto, mas era útil, para dar a conhecer a maneira por que procedemos no caso de teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de haver dado a última palavra sobre todas as coisas. Jamais as emitimos antes que tenham recebido a sanção de que acabamos de falar, razão por que algumas pessoas, um tanto impacientes, se admiram de nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa virá a seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, venha de onde vier, pois sabemos a sorte dos que querem ir muito depressa e têm em si mesmo e em suas próprias luzes uma confiança muito grande. Não queremos colher fruto antes de maduro; mas é preciso ter certeza de que, quando estiver maduro, não o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta a dizer sobre a questão proposta, embora o ponto capital ainda não possa ser resolvido.

O sofrimento dos animais é constante. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência de Deus ou de uma falta de bondade de sua parte pelo fato de a causa escapar à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solicitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação adequados ao meio onde devem viver? Não se vê que a sua pelagem desenvolve-se mais ou menos, conforme o clima? Seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença destes fatos, tão multiplicados, e cujas conseqüências só escapam ao olho do materialista, é-se levado a dizer que não há Providência para eles? Não, por certo, posto nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos envolve, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas quando nos elevarmos pelo pensamento acima do horizonte terreno, apagar-se-ão essas irregularidades ante a harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada, é a destruição de uns seres pelos outros. Desde que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, é forçoso admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, não se exagera a importância dessa destruição senão porque se liga à matéria, sempre por força do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o invólucro; o princípio inteligente não é aniquilado; também o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos; mas o princípio inteligente não é atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse invólucro. Ensinamos o Espiritismo, e nos prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais não tem utilidades? Que na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, não seja causa de progresso? É certo que não passa de hipótese, mas ao menos se apóia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

A questão da criação dos seres perfeitos, tendo sido debatida em sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Erasto ditou, a seguinte comunicação.

SOBRE A NÃO-PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS

REVISTA ESPÍRITA. MARÇO/1864.

(SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS, 5 DE FEVEREIRO DE 1864 - MÉDIUM: SR. D'AMBEL) – Pág.71.

Por que não criou Deus todos os seres perfeitos? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a economia desta lei. Aquele que marcha está no movimento, isto é, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que por essência se acha estacionário, incontestavelmente não pertence à gradação ou à hierarquia humanitária. Explico-me. Quem nasce numa posição mais ou menos elevada, acha em sua situação nativa um dado estado de ser. Ora! Está certo de que se sua vida inteira decorresse nessa situação de ser, sem que lhe tivesse trazido modificações por sua ação ou pela de outrem; declararia que a sua existência é monótona, aborrecida, fatigante, numa palavra, insuportável. Acrescento que teria perfeita razão, visto como o bem só é bem relativamente ao que lhe é inferior. Isto é tão certo que se puserdes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progride mais, em dado tempo ele achará a existência insustentável e aquele repouso um impiedoso inferno. Daí resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente; isto é, que todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a mesma lei humana.

Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus! Ora, pedir ao Ser Supremo a criação de Espíritos perfeitos seria pedir-lhe que criasse algo de semelhante e igual a si. Emitir semelhante proposição, não é a condenar previamente? Ó homens! Porque perguntar sempre qual a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre que só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade gigantesca. É o *summum* e o *máximum* de todas as coisas, o *alpha* e o *Omega* de toda a vida. Ah! Crede-me, filhos, jamais busqueis levantar o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da criação não abordam sem tremor. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação tudo o que vos posso afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus, ou do Criador e que o homem e tudo o que é criado têm como atributo a mobilidade. Compreendei, se o puderdes, ou esperai a hora de uma explicação mais inteligível, isto é, mais ao alcance do vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, pois vos quis provar apenas que não tinha ficado estranho à vossa discussão. Sobre todo o resto, reporto-me ao que foi dito, pois todos me pareceram da mesma opinião. Em breve falarei de outros casos que foram assinalados (os casos de Poitiers).

ERASTO.

III – CIÊNCIA ESPÍRITA

1) Livro: OS 3 CAMINHOS DE HÉCATE. (J. Herculano Pires). Tema: “FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO”. Pág.22.

Vários leitores nos fazem perguntas sobre os fenômenos de materialização de espíritos. “Isso é verdade? Os espíritos se materializam, se tornam tangíveis e podem ser fotografados? Esses fenômenos são de fácil obtenção? Até mesmo em círculos incultos é possível o aparecimento de materializações legítimas? E por que o escuro? Por que não aparecem as materializações em plena luz? Essa fotofobia (horror à luz) não justifica as acusações de fraude, formuladas em todos os casos?

O problema das materializações é realmente um dos mais complexos da ciência espírita. Todas essas perguntas têm razão de ser. Mas, por outro lado, todas elas têm resposta, e as respostas já foram dadas há muito tempo, por investigadores espíritas e não espíritas, alguns deles representando nomes honrosos nas ciências materiais. Para começar, diremos que é verdade. Sim, os espíritos realmente se materializam, e quanto a isso não pode haver a menor dúvida, por parte das pessoas que tenham procurado conhecer o problema. Já não somos nós, os espíritas, que dizemos isso: são os cientistas que realizaram experiências a respeito, no passado e no presente.

Que as materializações são tangíveis e podem ser fotografadas, também é indiscutível. Aí estão as experiências de Crookes e Richet; o “Tratado de Metapsíquica”, com suas magníficas ilustrações; as investigações atuais, realizadas nos Estados Unidos e na Europa; as experiências felizes efetuadas em nosso país. Desde o caso célebre da médium Ana Prado, no Pará, até o das materializações luminosas do médium Peixotinho, no Rio e Belo Horizonte, atestadas pelo livro recente do delegado Ranieri.

Quanto à facilidade na obtenção dos fenômenos, tudo depende, como em todos os casos em que desejarmos “interrogar a natureza”, seja no plano das ciências materiais, seja no Espiritismo, da existência de condições favoráveis e de aparelhagem suficiente. Não podemos obter fenômenos de materialização se não dispusermos de um médium especial, de um grupo de pessoas capazes de nos auxiliarem em trabalho sério e persistente, de local adequado para as experiências. Dispondo de todos esses elementos, e se o médium estiver em condições físicas e psíquicas normais, obteremos os fenômenos com relativa facilidade.

A produção desses fenômenos em círculos incultos é também possível. Acontece, porém, que nesses círculos não há condições para verificação da legitimidade das aparições. Por outro lado, não havendo conhecimento das dificuldades para obtenção dos fenômenos, nem uma compreensão ampla da sua significação, esses círculos são mais sujeitos a fraudes e mistificações, não raro produzidas pelos próprios espíritos. A bibliografia espírita, e mesmo a não espírita, registram numerosos casos de fenômenos de materialização em tribos selvagens. O prof. Ernesto Bozzano escreveu um belo livro a respeito, recentemente reeditado em Verona, por Edizioni Europa, com o título: “Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali”.

No tocante ao problema da luz, devemos acentuar que a escuridão não é condição obrigatória. As sessões de Crookes, por exemplo, foram quase todas com luz. Atualmente, nos Estados Unidos, segundo relatos da sra. Marshall, para a “Revista Internacional de Espiritismo”, numerosas experiências foram realizadas, com pleno êxito, à luz do dia. No Brasil também há casos de materializações nessas condições.

Em geral, os médiuns sensíveis à luz precisam submeter-se a uma espécie de treinamento, para suportá-la. Em muitos casos, a luz afeta as formações ectoplásmicas, prejudicando o médium, mas há o recurso de conservar-se o médium num gabinete escuro, do qual saem as formas materializadas para uma sala com luz tênue. De qualquer manei-

ra, o problema da luz não justifica as acusações de fraude, pois sabemos que muitos fenômenos químicos e biológicos somente se realizam no escuro. As materializações envolvem melindrosos e ainda não esclarecidos problemas nesses dois campos da ciência.

O médico italiano Enrico Imoda efetuou numerosas experiências, na primeira década do nosso século (XX), para obtenção de fotografias mediúnicas. Obteve êxito notável nas sessões realizadas com a médium Linda Gazzera, uma jovem de vinte e dois anos, e elaborou um trabalho que foi publicado logo após a sua morte, com o título de “Fotografie di Fantasmì”. Essas fotografias foram tiradas pelo antigo sistema de lâmpadas a magnésio, o que basta para confirmar que as formas materializadas resistem à luz, por mais forte que esta se apresente. Embora se tratasse, em geral, de fenômenos ideoplásticos, a prova tem o mesmo valor, pois a ideoplastia é também materialização, não de espíritos, mas de formas mentais produzidas pelo médium ou pelos espíritos que o assistem.

A srta. Linda Gazzera apresentava uma mediunidade curiosa, capaz de produzir fenômenos físicos com extrema rapidez, mal se apagava a luz. Guillaume de Fontenay, experimentador francês, que participou das sessões observou que em menos de um minuto os fenômenos começavam a produzir-se de maneira intensa e variada. Entretanto, a médium não suportava a luz, e o seu guia espiritual, Vincenzo, exigia sempre que se fizesse plena escuridão na sala de trabalhos. Fontenay entendia que essa fotofobia (horror à luz) da médium podia ser vencida aos poucos. De qualquer maneira, os fenômenos obtidos por Imoda, e depois também por Richet, com Linda Gazzera, provam a excelência dos seus dons mediúnicos.

Temos, portanto, dois casos clássicos de materializações que se realizavam em condições contrárias: o de William Crookes, com a jovem médium Florence Cook, cujas aparições se produziam com luz, e o de Enrico Imoda, com Linda Gazzera, que exigia escuridão. Vê-se que o problema da luz está ligado, de certa forma, às condições pessoais do médium, seja no plano psíquico, seja no fisiológico. Outras numerosas experiências, e várias ocorrências de aparições espontâneas em pleno dia, mostram que não há uma fotofobia generalizada, nos casos de materialização. Não se pode dizer, portanto, que o escuro seja condição essencial para a produção dos fenômenos, que podem realizar-se também em plena luz.

Guillaume de Fontenay, que foi vice-presidente da Seção de Paris da Sociedade Universal de Estudos Psíquicos, formulou uma curiosa teoria sobre os fenômenos de materialização. Segundo essa teoria, os fenômenos apresentam vários estados, dos quais se destacam três fundamentais. Desses três, os dois primeiros podem ser considerados como estágios, como fases preparatórias da materialização completa. Parece que a luz exerce influência negativa apenas no primeiro estágio. A teoria de Fontenay foi confirmada por experiências de Ochorowicz em Varsóvia, com a médium Stanisława. Fontenay, pelo menos, assim considerou o resultado daquelas experiências.

Em carta dirigida a Demaison, e publicada no livro de Enrico Imoda, “Fotografie di Fantasmì” (Edições Fratelli Bocca, Turim, 1912), Fontenay expõe a sua teoria nos seguintes termos: “Considero que as materializações de formas apresentam vários estados. O primeiro, e, o segundo creio, o mais fácil de obter-se, é o estado em que elas são tangíveis, consistentes, capazes de se moverem e de movimentar objetos, mas permanecem invisíveis, mesmo em plena luz. Num segundo estado, as formas materializadas são, ao contrário, visíveis, mas inconsistentes. Pode-se atravessá-las com a mão, sem experimentar nenhuma sensação tátil, a não ser, por vezes, a que alguns observadores chamaram “sensação de teia de aranha”. Afinal, num terceiro estado, que parece ser o mais difícil de obter-se, a materialização se completa, o que quer dizer que as formas criadas revestem todos os atributos normais da matéria: consistência, poder mecânico, visibilidade.”

Essas explicações de Fontenay, segundo nos parece, respondem às perguntas de vários leitores sobre o problema da luz nos fenômenos de materialização. Ao caso particular de Linda Gazzera, a teoria se aplica de maneira admirável. Linda não tolerava a luz,

mas os fenômenos produzidos pela sua mediunidade apresentavam mobilidade, força mecânica e consistência. Daí a conclusão de Fontenay, de que a médium podia desenvolver a capacidade de produzir fenômenos completos em plena luz.

*

2) Livro: O LIVRO DOS MÉDIUNS. (A. KARDEC). Questões ns. 30 e 31: “CONVENCER UM INCRÉDULO OBSTINADO”?

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, nossa insistência em persuadi-lo o leva a crer na sua importância pessoal, o que é uma razão para mais se obstinar. Aquele que não se convence pelo raciocínio nem pelos fatos, deve ainda sofrer a prova da incredulidade. Devemos deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há muita gente que deseja receber a luz, para estarmos perdendo tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo destes, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras. Ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem. Há corações aflitos a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação. O Espiritismo impregna a atmosfera: expande-se pela própria força das circunstâncias e torna felizes aqueles que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoando ao seu redor, entre os seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar ou a se renderem.

31. Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se faz nas ciências ordinárias, seria necessário passar em revista toda a série de fenômenos que podem produzir-se, a começar dos mais simples até chegar, sucessivamente, aos mais complicados. Ora, isso é impossível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química. Nas Ciências Naturais opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e quase sempre se consegue determinar os efeitos. No Espiritismo, tem-se de lidar com inteligências dotadas de liberdade e que provam, a cada instante, não estarem sujeitas aos nossos caprichos. É necessário, pois, observar, esperar os resultados e colhê-los na ocorrência.

Por isso declaramos energicamente que: *todo aquele que se vangloriar de obtê-los à vontade não passa de ignorante ou impostor*. Eis porque o verdadeiro Espiritismo jamais servirá para exposições nem subirá jamais aos palcos. É mesmo ilógico supor que os Espíritos se entreguem a exposições e se submetam à pesquisa como objetos de curiosidade. Os fenômenos, por isso mesmo, podem não ocorrer quando mais os desejamos ou apresentar-se de maneira muito diversa da que pretendíamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, necessitamos de pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito, segundo a aptidão de cada indivíduo. Ora, sendo extremamente raro que uma mesma pessoa tenha todas as aptidões, a dificuldade aumenta, pois, seria necessário dispormos sempre de uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

É muito simples o meio de evitar estes inconvenientes. Basta começar pela teoria. Nela, todos os fenômenos são passados em revista, são explicados e se pode conhecê-los e compreender a sua possibilidade, as condições em que podem ser produzidos e os obstáculos que podem encontrar. Dessa maneira, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias nos fizerem vê-los, nada terão que possa surpreender-nos. E há ainda outra vantagem: a de evitar muitas decepções ao experimentador. Prevenido quanto às dificuldades, pode manter-se vigilante e poupar-se das experiências à própria custa.

Desde que nos ocupamos de Espiritismo foram tantas as pessoas que nos acompanharam, que seria difícil apreciar o seu número. Entre elas, quantas permaneceram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais evidentes, só se convencendo mais tarde através de uma explicação racional. Quantas outras foram predispostas a aceitar por meio do raciocínio; e quantas, afinal, acreditaram sem nada terem visto, levadas unicamente

pela compreensão. Falamos, portanto, por experiência, e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, do que só temos que nos felicitar. **(NOTA do tradutor J. Herculano Pires:** Ao pé da página, Kardec acrescentou esta nota: “Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito” Com isso, evitava interpretações maldosas e dava o exemplo que foi sempre seguido pelos espíritas responsáveis em todo o mundo. O verdadeiro ensino espírita é sempre gratuito.)

*

3) Livro: SEARA DOS MÉDIUNS. (EMMANUEL). Tema: “ANTE A MEDIUNIDADE”. (Questão 30 de O Livro dos Médiuns).

No trato da mediunidade, não andemos à cata de louros terrestres, nem mesmo esperemos pelo entendimento imediato das criaturas. Age e serve, ajuda e socorre sem recompensa. Recordemos Jesus e os fenômenos do espírito.

Ainda criança, ele se submete, no Templo, ao exame de homens doutos que lhe ouvem o verbo com imensa admiração, mas a atitude dos sábios não passa de êxtase improdutivo. João Batista, o amigo eleito para organizar-lhe os caminhos, depois de vê-lo nimbado de luz, em plena consagração messiânica, ante as vozes diretas do Plano Superior, envia mensageiros para lhe verificarem a idoneidade. Dos nazarenos que lhe desfrutam a convivência, apenas recebe zombaria e desprezo. Dos enfermos que lhe ouvem o sermão do monte, buscando tocá-lo, ansiosos, na expectativa da própria cura, não se destaca um só para segui-lo até à cruz. Dos setenta discípulos designados para misteres santificantes, não há lembrança de qualquer deles, na lealdade maior. Dos seguidores que comeram os pães multiplicados, ninguém surge perguntando pelo burilamento da alma. Dos numerosos doentes por ele reerguidos à bênção da saúde, nenhum aparece, nos instantes amargos, para testemunhar-lhe agradecimento. Nicodemos, que podia assimilar-lhe os princípios, procura-lhe a palavra, na sombra noturna, sem coragem de liberar-se dos preconceitos. Dos admiradores que o saudam em regozijo, na entrada triunfal em Jerusalém, não emerge uma voz para defendê-lo das falsas acusações, perante a justiça. Judas, que lhe conhece a intimidade, não hesita em comprometer-lhe a obra, diante dos interesses inferiores.

Somente aqueles que modificaram as próprias vidas foram capazes de refleti-lo, na glória do apostolado. Pedro, fraco, fez-se forte na fé, e, esquecendo a si mesmo, buscou servi-lo até à morte. Maria de Magdala, tresmalhada na obsessão, recupera o próprio equilíbrio e, apagando-se na humildade, converte-se em mensageira de esperança e ressurreição. Joana de Cusa, amolecida no conforto doméstico, olvida as conveniências humanas e acompanha-lhe os passos, sem vacilar no martírio. Paulo de Tarso, o perseguidor, aceita-lhe a palavra amorosa e estende-lhe a Boa-Nova em suprema renúncia.

Não detenhas, assim, qualquer ilusão à frente dos fenômenos medianímicos. Encontrarás sempre, e por toda parte, muitas pessoas beneficiadas e crentes, como testemunhas convencidas e deslumbradas diante deles; mas, apenas aquelas que transfiguram a si mesmas, aperfeiçoando-se em bases de sacrifício pela felicidade dos outros, conseguem aproveitá-los no serviço constante em louvor do bem.

*

4) Livro O CONSOLADOR (Emmanuel). Tema “PSICOLOGIA”. Questões 42 a 53.

42 – *Como poderemos compreender, pelo Espiritismo, o preceito da Psicologia que afirma a experiência dos nossos cinco sentidos como todo o fundamento de nossa vida mental?* – O Espiritismo esclarece que o homem é senhor de um patrimônio mais vasto, consolidado nas suas experiências de outras vidas, provando que o legítimo fundamento da vida mental não reside, de maneira absoluta, na contribuição dos sentidos corporais, mas também nas recordações latentes do pretérito, das quais os fenômenos da inteligência prematura, na Terra, são os testemunhos mais eloquentes.

43 – *Estabelecendo a psicologia do mundo como sede da memória, do julgamento e da imaginação, as partes do cérebro humano, cujas funções não são ainda devidamente conhecidas pela Ciência, retardam a solução de um problema que só pode ser satisfeito pelos conhecimentos espiritistas?* – Distante das cogitações de ordem divina, a psicologia terrestre efetua essa procrastinação, até que consiga atingir o profundo estuário da verdade integral.

44 – *Poderá a Psicologia chegar a uma solução cabal do problema das desordens mentais, denominadas anormalidades psicológicas?* – Movimentando tão-somente os materiais da ciência humana, a Psicologia não atingirá esse desiderato, conservando-se no terreno das definições e dos estudos, distantes da causa. Os conhecimentos do mundo, porém, caminham para a evolução dessa ciência à luz do Espiritismo, quando, então, seus investigadores poderão alcançar as soluções precisas.

45 – *A psicanálise freudiana, valorizando os poderes desconhecidos do nosso aparelhamento mental, representa um traço de aproximação entre a Psicologia e o Espiritismo?* – Essas escolas do mundo constituem sempre grandes tentativas para aquisição das profundas verdades espirituais, mas os seus mestres, com raras exceções, se perdem na vaidade dos títulos acadêmicos ou nas falsas apreciações dos valores convencionais. Os preconceitos científicos, por enquanto, impossibilitam a aproximação legítima da Psicologia oficial e do Espiritismo. Os processos da primeira falam da parte desconhecida do mundo mental, a que chamam subconsciência, sem definir essa cripta (caverna, gruta) misteriosa da personalidade humana, examinando-a apenas na classificação pomposa das palavras. Entretanto, somente à luz do Espiritismo poderão os métodos psicológicos apreender que essa zona oculta, da esfera psíquica de cada um, é o reservatório profundo das experiências do passado, em existências múltiplas da criatura, arquivo maravilhoso onde todas as conquistas do pretérito são depositadas em energias potenciais, de modo a resurgirem no momento oportuno.

46 – *Como poderemos compreender os chamados complexos ou associações de idéias no fenômeno mental?* – Sabemos que as associações de idéias não têm causa nas células nervosas, constituindo antes ações espontâneas do espírito dentro do vasto mecanismo circunstancial; ações essas, oriundas do seu esforço incessante, projetadas através do cérebro material, que não é mais que um instrumento passivo.

47 – *Por que, relativamente ao estudo dos processos mentais, se encontram divididos no campo da opinião os psicologistas do mundo?* – Os psicologistas humanos, que se encontram ainda distantes das verdades espirituais, dividem-se tão-só pelas manifestações do personalismo, dentro de suas escolas; mesmo porque, analisando apenas os efeitos, não investigam as causas, perdendo-se na complicação das nomenclaturas científicas, sem uma definição séria e simples do processo mental, onde se sobrelevam as profundas realidades do espírito.

48 – *O Espiritismo esclarecerá a Psicologia quanto ao problema da sede da inteligência?* – Somente com a cooperação do Espiritismo poderá a ciência psicológica definir a sede da inteligência humana, não nos complexos nervosos ou glandulares do corpo perecível, mas no espírito imortal.

49 – *Como devemos conceituar o sonho?* – Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia, quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável. Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação *inter vivos*, e, quanto possível, as visões proféticas de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.

50 – *A vocação é uma lembrança das existências passadas?* – A vocação é o impulso natural oriundo da repetição de análogas experiências, através de muitas vidas. Suas características, nas disposições infantis, são o testemunho mais eloqüente da verdade reencarnacionista.

51 – *A loucura é sempre uma prova?* – O desequilíbrio mental é sempre uma prova difícil e dolorosa. Essa realidade, contudo, podendo representar o resgate de uma dívida do pretérito escabroso e desconhecido pode, igualmente, constituir uma resultante da imprevidência de hoje, no presente que passa, fazendo necessária, acima de todas as exortações, aquela que recomenda a oração e a vigilância.

52 – *A alucinação é fenômeno do cérebro ou do espírito?* – A alucinação é sempre um fenômeno intrinsecamente espiritual, mas pode nascer de perturbações estritamente orgânicas, que se façam reflexas no aparelho sensorial, viciando o instrumento dos sentidos, por onde o espírito se manifesta.

53 – *Os bons ou maus pensamentos do ser encarnado afetam a organização psíquica de seus irmãos na Terra, aos quais sejam dirigidos?* – Os corações que oram e vigiam, realmente, de acordo com as lições evangélicas, constroem a sua própria fortaleza, para todos os movimentos de defesa espontânea. Os bons pensamentos produzem sempre o máximo bem sobre aqueles que representam o seu objetivo, por se enquadrarem na essência da Lei única, que é o Amor em todas as suas divinas manifestações; os de natureza inferior podem afetar o seu objeto, em identidade de circunstâncias, quando a criatura se fez credora desses choques dolorosos, na justiça das compensações. Sobre todos os feitos dessa natureza, todavia, prevalece a Providência Divina, que opera a execução de seus desígnios de equidade, com misericórdia e sabedoria.

*

5) Livro: A GÊNESE. (A. KARDEC). Tema: ORIGEM DO BEM E DO MAL - “DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS”. Itens 20 a 23.

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da Natureza, a qual, à primeira vista, menos parece conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se o porquê da necessidade de entredestruição, para que uns se nutram à custa dos outros.

Para aquele que não considera senão a matéria, que limita sua visão à vida presente, isso parecerá com efeito uma imperfeição na obra divina. É que em geral os homens julgam a perfeição de Deus por seu próprio ponto de vista; sua própria opinião é a medida de sua sabedoria, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles próprios o fariam. Sua visão curta não lhes permite julgar o conjunto, e eles não compreendem que um bem real pode resultar de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação é o único que pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde ele não enxergava senão uma anomalia e uma contradição.

21. **A verdadeira vida, do animal, tal como a do homem, não se encontra no envoltório corporal, como também não se encontra em seu vestuário; ela está no princípio inteligente, que preexiste, e que sobrevive ao corpo.** Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo se gasta neste trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, dele sai cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos de envoltório! Nem por isso, ele será menos Espírito; é exatamente como se um homem renovasse cem vezes suas roupas no decurso de um ano; nem por isso seria menos homem.

Pelo incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco apreço que devem dar a seu veículo material, e suscita neles a idéia da vida espiritual, fazendo com que eles a desejem como compensação. Dir-se-á: E Deus não poderia chegar ao

mesmo resultado por outros meios, sem obrigar os seres vivos a se entredestruírem? Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que esta sabedoria não deve apresentar falha neste ponto, assim como nos demais; se não a compreendemos, devemos experimentar procurar a justificativa tomando por bússola este princípio: **Deus deve ser infinitamente justo e sábio**; procuremos pois, em tudo, sua justiça e sua sabedoria, e inclinemo-nos diante do que ultrapassa nosso conhecimento.

22. Uma primeira utilidade que se apresenta nesta destruição, utilidade puramente física, certamente, é esta: os corpos orgânicos não se alimentam senão com a ajuda de matérias orgânicas, uma vez que estas matérias são as únicas que contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, têm necessidade de ser incessantemente renovados; a Providência os faz servir a seu mútuo alimento; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; então, é o corpo que se nutre do corpo, porém o Espírito não se aniquilou, nem se alterou; apenas despojou-se de seu invólucro. (Ver a Revue Spirite, agosto, 1864, pág. 241. “Extinção das raças”).

23. Além disso, há considerações morais de ordem mais elevada. A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. Aquele que ataca a fim de obter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, fazem uso da habilidade e da inteligência, e por isso mesmo, aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que é que, na realidade, o mais forte ou o mais hábil levou do mais fraco? Seu vestuário de carne, nada mais; o Espírito, que não morre, mais tarde retomará outra vestimenta.

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que não existe o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não teria por móvel senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; lutam, pois, unicamente para viver, isto é, para tomar ou defender uma presa, pois não seriam estimulados por um móvel mais elevado. É neste primeiro período que a alma se elabora e se ensaia na vida. No homem, há um período de transição no qual mal ele se distingue do bruto; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta tem ainda por móvel a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam, o homem então luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, à necessidade de dominar; para isso, ainda lhe é necessário destruir. Porém, à medida que o senso moral predomina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; termina mesmo por se extinguir e por tornar-se odiosa; então, o homem passa a ter horror do sangue.

Entretanto, a luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegado a este ponto que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; não é senão à custa de sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência e que se despoja dos derradeiros vestígios da animalidade; mas a partir desse momento, a luta, que era sangrenta e brutal, torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra seus semelhantes. (Nota de rodapé: Sem nada prejudicar a respeito das conseqüências que se poderiam extrair deste princípio, unicamente temos pretendido demonstrar, mediante esta explicação, que a destruição dos seres vivos, uns pelos outros, em nada enfraquece a sabedoria divina, e que tudo se encadeia nas leis da natureza. Este entrelaçamento é necessariamente rompido se fizermos abstração do princípio espiritual; devido a isto é que tantas perguntas ficam sem resposta, se apenas considerarmos a matéria.)

As doutrinas materialistas trazem em si, o princípio de sua destruição; contra elas, têm não somente seu antagonismo com as aspirações da universalidade dos homens e suas conseqüências morais, que as tornarão repulsivas, como dissolventes da sociedade, mas, ainda, a necessidade que se experimenta, de tomar em consideração tudo o que nasce do progresso. O desenvolvimento intelectual leva o homem à pesquisa das causas; ora, por pouco que ele reflita, não demora a reconhecer a impotência do materialismo a tudo explicar. Como jamais poderiam prevalecer doutrinas que não satisfazem o coração, nem a razão, nem a inteligência, que conservam problemáticas as questões mais vitais, o progresso das idéias matará o materialismo, como já extinguiu o fanatismo.

*

CIÊNCIA ESPÍRITA

I - MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS; DOS PACTOS; PODER OCULTO; TALISMÃS; FEITICEIROS; BÊNÇÃO E MALDIÇÃO

II – SINCRETISMO RELIGIOSO: UMBANDA; CANDOMBLÉ; QUIMBANDA; OUTRAS VARIÁVEIS DO SINCRETISMO.

6) Livro: OBRAS PÓSTUMAS. (A. Kardec). Tema: “MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS”. – Caráter e conseqüências religiosas de manifestações de Espíritos. (Itens 1 a 6).

1. As Almas ou Espíritos dos homens, que viveram na Terra, constituem o mundo invisível no espaço que nos cerca. Resulta daí que, desde que há Espíritos e que, se estes têm o poder de se manifestar, deveriam tê-lo em todo tempo. É o que provam a história e as religiões de todos os povos.

Últimamente, porém, as manifestações de Espíritos têm adquirido enorme desenvolvimento e maior autenticidade, sem dúvida por querer a Providência curar a chaga da incredulidade e do materialismo por evidentes provas, permitindo aos que deixaram a Terra virem comprovar a sua existência e revelar-nos as condições felizes ou penosas em que vivem.

2. O mundo visível, sendo envolvido pelo invisível, com o qual vive em perpétuo contato, age incessantemente sobre ele e recebe dele a reação. Esta reciprocidade é origem de uma multidão de fenômenos, considerados sobrenaturais, por se lhes ignorar a causa. A ação e a reação de um mundo sobre outro é uma das leis, uma das forças da natureza, necessárias à harmonia universal, como por exemplo a lei de atração. Se aquela força deixasse de obrar, perturbar-se-ia a ordem universal, como em um maquinismo, de que se tirasse uma roda. Não têm, portanto, o caráter de sobrenatural os fenômenos produzidos por semelhante força ou lei da natureza, julgados mais por não se lhes conhecer a causa, como acontece com certos efeitos da luz, da eletricidade, etc.

3. Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por objetivo o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de interesse capital, está necessariamente ligado à existência do mundo invisível; e é por isso que em todos os tempos a humanidade tem feito do conhecimento desse mundo o principal objeto dos seus estudos e preocupações. A sua atenção era naturalmente arrastada para todo o fenômeno indicativo daquele mundo, e nenhum havia tão positivo como o das manifestações dos Espíritos, pelos quais os seus habitantes nos revelam a sua existência. É por isso que os fenômenos se tornaram a base da maior parte dos dogmas das religiões.

4. Havendo o homem tido em todos os tempos a intuição de um poder superior, foi induzido a atribuir à ação direta dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida, considerando-os prodígios e efeitos supernaturais. Essa tendência é pelos incrédulos considerada obra do amor do homem pelo maravilhoso, mas não lhe procuram os motivos. Se se dessem a esse trabalho, reconheceriam que o amor do maravilhoso procede da intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorporais.

Com o progresso da ciência e o conhecimento das leis da natureza, aqueles fenômenos têm, pouco a pouco, passado do domínio do maravilhoso ao dos efeitos naturais; e por isso o que se supunha outrora sobrenatural não o é mais atualmente, nem mais o será de ora em diante. Os fenômenos dependentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua própria natureza, um contingente aos fatos considerados maravilhosos; devia porém chegar o tempo em que fosse conhecida a lei, que os rege, e eles entrassem como quaisquer outros na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, fazendo conhecer aquela lei, trouxe a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras Sagradas, que aludiam a ela e aos fatos reputados miraculosos.

5. O caráter de um fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é ser uma derrogação das leis da natureza. Desde que um fenômeno se reproduza em identidade de condições, é porque obedece a uma lei e portanto não é miraculoso. Essa lei pode ser ignorada, mas nem por isso deixa de existir, competindo ao tempo torná-la conhecida. O movimento do sol, ou antes da Terra, parado por ordem de Josué, seria um verídico milagre, por ser uma manifesta derrogação da lei, que rege o movimento dos astros; se porém o mesmo fato se reproduzisse, em dadas condições, é porque obedeceria a uma lei e deixaria de ser um milagre.

6. A Igreja não tem razão de perturbar-se por se ir estreitando o círculo dos fatos miraculosos. Deus afirma muito mais a sua grandeza e poder, com o admirável conjunto das suas leis, do que com a infração delas; tanto mais atribuindo ela ao demônio o poder de fazer prodígios, o que implica ser o demônio tão poderoso quanto Deus, uma vez que tem a faculdade de interromper o curso das leis divinas.

É blasfêmia e sacrilégio dizer que o Espírito do mal pode suspender a ação das leis de Deus! A religião ganha, em vez de perder, autoridade com a classificação na ordem natural dos fatos reputados miraculosos e isto porque, se um deles é falsamente considerado milagre, nasce dali um erro e a religião, obstinando-se em mantê-lo, só tem que perder. Além disso, ainda é prejudicada porque muitas pessoas não admitem a possibilidade dos milagres; donde resulta negarem os fatos tidos como tais e a religião, que os sustenta. Pelo contrário, admitidos os fatos como efeitos de leis naturais, nenhuma razão há para se lhes recusar fé, tanto como à religião, que os proclama.

7. Os fatos, que a ciência demonstra peremptoriamente, não podem ser negados por nenhuma crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las. Um dogma fundado na negação de uma daquelas leis é necessariamente falso. O Espiritismo, firmado no conhecimento de leis ainda não compreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, mas torná-los mais aceitáveis, dando-lhes explicação racional. O que ele vem destruir são as falsas deduções tiradas daquelas leis, por erro ou ignorância.

8. A ignorância das leis da natureza, induzindo o homem a procurar causas fantásticas para os fenômenos, que não compreende, é a origem das idéias supersticiosas, entre as quais algumas são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos. O conhecimento das leis, que regem fenômenos, destrói essas idéias supersticiosas, dando às coisas o seu caráter real e demarcando os limites do possível e do impossível.

*

CIÊNCIA ESPÍRITA

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Caráter e conseqüências religiosas de manifestações de Espíritos

I – DOS PACTOS; PODER OCULTO; TALISMÃS;

FEITICEIROS; BÊNÇÃO E MALDIÇÃO.

II – SINCRETISMO RELIGIOSO: UMBANDA; CANDOMBLÉ;

QUIMBANDA; OUTRAS VARIÁVEIS DO SINCRETISMO.

(A ignorância das leis da natureza, induzindo o homem a procurar causas fantásticas para os fenômenos, que não compreende, é a origem das idéias supersticiosas, entre as quais algumas são devidas aos fenômenos espíritos mal compreendidos. O conhecimento das leis, que regem fenômenos, destrói essas idéias supersticiosas, dando às coisas o seu caráter real e demarcando os limites do possível e do impossível.)

I – DOS PACTOS; PODER OCULTO; TALISMÃS; FEITICEIROS; BÊNÇÃO E MALDIÇÃO.

1) Livro: O LIVRO DOS ESPÍRITOS (ALLAN KARDEC): Questões 549 a 557.

Dos Pactos:

549. Há alguma coisa de verdadeiro nos pactos com os maus Espíritos? – *Não, não há pactos, mas uma natureza má simpatiza com Espíritos maus. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como fazê-lo; chamas então os Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal, e para te ajudar querem que também os sirvas nos seus maus desígnios. Mas disto não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles por uma conjuração (evitar, um mal iminente, por meio de práticas religiosas, cabalísticas, mágicas) contrária ou pela sua própria vontade. Aquele que deseja cometer uma ação má, pelo simples fato de o querer chama em seu auxílio os maus Espíritos, ficando obrigado a servi-los como eles o auxiliam, pois eles também necessitam dele para o mal que desejam fazer. É somente nisso que consiste o pacto. (Nota de Kardec: A dependência em que o homem se encontra, algumas vezes, dos Espíritos inferiores, provém da sua entrega aos maus pensamentos que eles lhe sugerem e não de qualquer espécie de estipulações feitas entre eles. O pacto, no sentido comum atribuído a essa palavra, é uma alegoria que figura uma natureza má simpatizando com Espíritos malfazejos).*

550 Qual o sentido das lendas fantásticas segundo as quais certos indivíduos teriam vendido sua alma a Satanás em troca de favores? – *Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral e o vosso erro é tomá-los ao pé da letra. Essa é uma alegoria que se pode explicar assim: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos para deles obter os dons da fortuna ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência, renuncia à missão que recebeu e às provas que deve sofrer neste mundo e sofrerá as conseqüências disso na vida futura. Isso não quer dizer que sua alma esteja para sempre condenada ao sofrimento. Mas, porque em vez de se desligar da matéria ele se afunda cada vez mais, o gozo que preferiu na Terra não o terá no mundo dos Espíritos, até que resgate a sua falta através de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Por seu amor aos gozos materiais coloca-se na dependência dos Espíritos impuros: estabelece-se entre eles um pacto tácito (automático), que o conduz à perdição, mas que sempre lhe será fácil romper com a assistência dos bons Espíritos, desde que o queira com firmeza.*

Poder Oculto, Talismãs, Feiticeiros:

551. Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe for devotado, pode fazer o mal ao seu próximo? – *Não, Deus não o permitiria.*

552. Que pensar da crença no poder de enfeitiçar que certas pessoas teriam? – *Algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso poderão ser secundadas por maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse pretensão poder mágico que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos.*

553. Qual pode ser o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos? – *O de as tornar ridículas, se são de boa-fé; no caso contrário são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são charlatanices; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.*

553.a. Certos Espíritos não ditaram, algumas vezes, fórmulas cabalísticas (relativas às ciências ocultas em geral; manobras secretas, maquinações; Cabala: conjunto de comentários místicos e esotéricos judaicos de textos bíblicos e de sua tradição oral)? – *Sim, tendes Espíritos que vos indicam signos, palavras bizarras, ou que vos prescrevem certos atos, com a ajuda dos quais fazeis aquilo que chamais conjuração (práticas religiosas cabalísticas, mágicas, para provocar ou combater o mal)). Mas ficai bem seguros de que são Espíritos que zombam de vós e abusam de vossa credulidade.*

554. Aquele que, com ou sem razão, confia naquilo a que chama virtude de um talismã, não pode, por essa mesma confiança, atrair um Espírito? Porque então é o pensamento que age; o talismã não é um signo que ajuda a dirigir o pensamento? – *Isso é verdade; mas a natureza do Espírito atraído depende da natureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, é difícil que aquele que é tão simplório para crer na virtude de um talismã não tenha um objetivo mais material do que moral. Que qualquer que seja o caso, isso indica estreiteza e fraqueza de idéias, que dão azo aos Espíritos imperfeitos e zombadores.*

555. Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro? – *Esses a que chamais feiticeiros são pessoas quando de boa fé, que possuem certas faculdades como o poder magnético ou a dupla vista. Como fazem coisas que não compreendeis, os julgais dotados de poder sobrenatural. Vossos sábios não passaram muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?* (Nota de Kardec: O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma infinidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu muitas fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que se resumem numa só, mostrando a realidade das coisas e sua verdadeira causa é o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de crença ridícula.)

556. Certas pessoas têm realmente o dom de curar por simples contato? – *O poder magnético pode chegar até isso, quando é secundado pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos auxiliam. Mas é necessário desconfiar da maneira porque as coisas são contadas por pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É necessário também desconfiar dos relatos interesseiros por parte de pessoas que exploram a credulidade em proveito próprio.*

Bênção e Maldição:

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aqueles a quem são lançadas? – *Deus não escuta uma maldição injusta e aquele que a pronuncia é culpável aos seus olhos. Como temos as tendências opostas do bem e do mal, pode nesses casos haver uma influência momentânea, mesmo sobre a matéria; mas essa influência nunca se verifica sem a permissão de Deus e como acréscimo de prova para aquele que a sofre. De resto, o mais freqüentemente se maldizem os maus e se bendizem os bons. A bênção e a maldição não podem jamais desviar a Providência da senda da justiça: esta não fere o amaldiçoado se ele não for mau e sua proteção não cobre aquele que não a mereça.*

II – SINCRETISMO RELIGIOSO: UMBANDA; CANDOMBLÉ; QUIMBANDA; OUTRAS VARIÁVEIS DO SINCRETISMO.

1) Livro: ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE. (Durval Ciamponi, Edições FEESP, 1ª. edição, 1996).

Sincretismo Religioso. Síntese Histórica. Págs. 192-196.

No capítulo 7 estudamos os fatores condicionantes da mediunidade, sua diferença com o mediunismo empírico e, também, porque o Sincretismo floresceu tão intensamente no Brasil. Não fora a necessidade de complementar este trabalho deixaria de escrever este capítulo, recomendando ao amigo leitor a obra excelente de Deolindo Amorim “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, especialmente seu cap. III, onde é feita uma comparação pormenorizada entre o Espiritismo e a Umbanda, com uma análise profunda da origem e fundamentos filosóficos deste grupo espiritualista e suas diferenças com a Doutrina Espírita.

De modo geral, em todos os estudos realizados, este conjunto de crenças e ritos que se formou por um processo de aculturação, tem sido designado no Brasil, de Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro; mas este mesmo sincretismo tem-se desenvolvido em outros países, como Cuba, México, Argentina, Estados Unidos etc., de modo que teríamos tantos Sincretismos quantos países em que existisse este mesmo processo de miscigenação de elementos religiosos diferentes. Imaginei designá-lo mais genericamente de “Sincretismo Religioso Afro”, mas também temos outras influências não africanas. Para evitar, portanto, mal-entendidos conceituais generalizamos mais ainda, ficando somente com “Sincretismo Religioso”.

No Brasil ele é resultante de um caldo cultural decorrente do entrelaçamento de diferentes etnias e estruturas religiosas originárias dos sub-grupos que formaram a população brasileira, com predominância do elemento afro. Ele decorre de diferentes grupos, Jêje ou Gegê (Daomeanos), Nagô (Yorubanos), Angolanos, Sudaneses etc., que por um processo de submissão escrava sofre a influência católica, face à catequese imposta pelos Jesuítas, sob a batuta dos Senhores-de-Engenho.

Tinham sofrido, antes do início da escravidão no Brasil, a influência judaica, egípcia, islâmica, especialmente os sudaneses, dominados pelos mouros há muito tempo. Aqui assimilaram, de início, a influência dos indígenas nativos, e, por fim, especialmente neste século XX, a influência do Espiritismo.

Assim, em decorrência da origem dos diferentes grupos, de sua localização no território brasileiro, ou da maior ou menor liberdade concedida pelos senhores-de-engenho, observam-se diferenças existentes dentro do próprio Sincretismo Religioso, caracterizando a Umbanda, o Candomblé, a Quimbanda e outras variações menores, em razão de rituais, fetiches (objeto, natural ou artificial, ao qual são atribuídas propriedades mágicas ou o qual se venera como sobrenatural), liturgias próprias etc.

Consideramos de fundamental importância para a divulgação do Espiritismo a vinda dos africanos para o novo continente, tendo em vista sua peculiar comunicação com os Espíritos, praticamente única no mundo, àquela altura da Era Cristã, ainda não maculada pelos dogmas criados pelos homens. Repetimos que, a nosso ver, a escravatura não foi tão somente uma carta jogada pelos homens, por seu livre-arbítrio, objetivando resolver um problema econômico, mas sim um coringa colocado por Jesus no jogo da evolução anímica, para que aqui se formasse uma nova geração, liberta dos costumes e tradições religiosas arraigadas na velha civilização européia, e avançadas pelas vias do Sincretismo na direção do Espiritismo, a meta maior.

Não vamos estudar os detalhes práticos das manifestações sincréticas, mas seus fundamentos filosóficos ou religiosos, como formas místicas e culturais dos povos africanos que, conduzidos ao novo continente, aqui vincaram seus comportamentos num amálgama que deu origem ao povo do Brasil atual. Nina Rodrigues, especialmente em “Os Africanos no Brasil”, Gilberto Freyre, em “Estudos Afro-Brasileiros”, ou Edison Carneiro, em “Religiões Negras” e “Candomblés da Bahia”, relatam minuciosamente sua formação e evolução histórica.

Depois de vistos os fundamentos básicos dessa evolução cultural fica mais fácil compreender o porquê de suas semelhanças e diferenças com o Espiritismo. Em linhas gerais os diversos segmentos religiosos africanos que aportaram no Brasil eram politeístas, como todo processo religioso primitivo. À semelhança da mitologia grega e romana, os povos da África estavam convencidos de um ente superior que governava o mundo e que se manifestava como forças da natureza nas mais diversas formas. Personificando estas forças, chamavam-nas de **Orixás**, entre os Nagôs, de **Voduns**, entre os Gêges e de **Bacuros**, entre os Angolanos.

A grande dificuldade de se definir harmoniosamente as diferentes linhas ou vibrações existentes na sua manifestação, dentro do Sincretismo Religioso no Brasil, decorre, em princípio, de três coordenadas fundamentais:

Primeira – influências recebidas dos muçulmanos, judeus, egípcios e orientais, ao longo dos milênios, antes da vinda dos africanos ao Brasil;

Segunda – diferentes nomes dados a estas forças da Natureza em sua origem, conforme a nação a que pertenciam;

Terceira – símbolos associados a elas, variáveis de um lugar para outro.

Toda sua história é transmitida nos rituais, principalmente do Candomblé, onde nas cantigas e danças narram as lendas de origem, estilizando a vida de cada Orixá. Contam, por exemplo,

que Xangô tinha o domínio dos raios e do fogo; apaixonou-se e casou-se com Oxum, a divindade que tinha o domínio da beleza e do amor. Mas Iansã, que controlava o vento e as tempestades, luta pelo amor de Xangô; este a repele, justificando-se, desta forma, a simbologia dos raios, relâmpagos e trovões, dos ventos e tempestades, nas chuvas, como se fosse um embate entre Xangô e Iansã.

Contam que Oxum, de tanto chorar de amor por Xangô, transforma-se nas lágrimas que vão formar os rios e lagos de água doce. Contam, também, as lendas que Nanã (Deusa do regime matriarcal de Daomé), tinha o poder sobre os mortos e Oxalá o roubou (Oxalá era o Deus patriarcal dos Nagôs, conquistadores de Daomé). “É a síntese mítica do processo que consagra à Nanã o poder de recolher os espíritos dos mortos e retalhá-los, preparando-os para uma nova encarnação. Mas, depois da conquista, apenas Oxalá permite esse novo nascimento, determinando de qual matéria-prima básica será feita cada essência energética que animará um corpo humano, ou seja, qual será seu Orixá de cabeça. Só dele vem a determinação se tal pessoa será feita do metal (Ogum), da água doce (Oxum), dos ventos (Iansã) etc”.

Originariamente estas forças da natureza, como manifestações de divindades, eram independentes umas das outras, isto é, sem a idéia de bem ou de mal, mas devido à influência posterior de outras religiões, começou a prevalecer a idéia de um Ser Supremo, como forma monoteísta. Entre os Sudanese surge a figura de **Olorum**, como o Deus todo poderoso e Único, sendo as demais divindades suas manifestações. No Brasil, sob a influência católica, prevalece, conforme os grupos, a figura de **Zambi**, de origem angolana, de **Tupã**, de origem ameríndia, como o Deus Supremo, ou de **Oxalá**, também como Deus, na figura de Nosso Senhor Jesus Cristo, por causa da Santíssima Trindade.

O Sincretismo amplia-se ainda mais com as inter-relações entre os escravos de diferentes origens associados às influências dos silvícolas brasileiros e do catolicismo que lhes era imposto. Assim, devido à convivência dos heterogêneos grupos e religiões, fundem-se os costumes, alteram-se reflexos condicionados de tradições anteriores e os novos comportamentos surgem diferenciados, conforme seja maior ou menor a influência desta ou daquela nação africana (Gêge ou Jêje, Nagô ou Yorubá, Angola, Banto, Sudão etc.), ou de sua localização mais ao norte, região da Bahia, ou ao sul, entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Deste amálgama brotam as diferentes manifestações do denominado Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro predominantes: a Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda, principalmente. Diz o autor citado (Byron Torres de Freitas e Wladimir Cardoso de Freitas, livro Os Orixás e o Candomblé, Ed. Eco, RJ.) que “os cultos afro-brasileiros não foram inventados nem descobertos, por homem algum. Resultaram da lenta acumulação das cerimônias ritualísticas, da observação dos fenômenos terrestres e celestes”.

UMBANDA. Págs. 196 a 201.

(Umbanda: do quimb. *u' mana*, de *u*, prefixo para termos abstratos + *mana*, preceito)

Registram os livros que estas manifestações e influências deram origem aos diferentes núcleos, designados como Umbanda **verdadeira**, Umbanda de **influência esotérica**, de **influência católica**, ou de **influência espírita**, afora a conceituação em grupos de **linha branca** ou de **linha negra**.

1. Umbanda sob influência esotérica (Esoterismo: parte de certas filosofias cuja prática devia permanecer desconhecida pelos profanos. Esotérico: peculiar aos íntimos, aos de dentro; qualificação dada, nas escolas dos antigos filósofos, à sua doutrina secreta; incompreensível às pessoas não iniciadas).

Há um predomínio de influências orientais ligadas à numerologia, ao **karma**, aos elementais e elementares, sinais riscados, etc, conforme cita W.W. da Matta e Silva (livro Umbanda de Todos Nós, ed. Freitas Bastos, RJ, 1979), colocando sua origem no alfabeto **Adâmico** ou **Vatan**, cujas letras “dão a base para a formação dos termos litúrgicos, sagrados, vibrados, místicos, que identifica as **sete vibrações originais** ou as **sete linhas** em relação com os **sete Orixás** que chefiam cada uma das ditas Linhas”.

Estas vibrações originais “são as exteriorizações do **Absoluto**; não é Ele em si, vêm Dele, mas ainda não são Ele Próprio”; complementa serem sete os **Orixás** que “coordenam essas vibrações que regem o movimento no Cosmos para todos os sistemas planetários”, sendo eles os **Sete Espíritos de Deus**, ou sete maneiras diferentes pelas quais o Ser Supremo, **Olorum**, que nunca é

representado por “ídolos ou fetiches de espécie alguma”, se exterioriza, originando as sete Linhas: Orixalá, Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxossi, Yori e Yorimá.

Cada uma destas Linhas manifesta-se em atividades classificadas em três planos distintos ou sete vibrações descendentes, formando, pois, a cúpula espiritual dirigente. Assim, cada uma das Linhas é constituída de sete Legiões que se subdividem cada uma em sete Falanges e cada uma destas, em sete Sub-Falanges. Cada uma destas em sete Agrupamentos subdivididos, por sua vez, em sub-agrupamentos, até o nível da sétima vibração.

A numerologia (Ocultismo: estudo do significado oculto dos números e sua influência no comportamento dos indivíduos) exerce papel significativo no misticismo (Mistério Divino. Disposição para crer nas realidades invisíveis ou sobrenaturais) e na simbologia da Umbanda esotérica e o número sete é cabalístico (Cabala: conjunto de comentários místicos e esotéricos judaicos de textos bíblicos e de sua tradição oral; misterioso; relativo às ciências ocultas em geral).

As Legiões agrupam-se em três Bandas diferentes: dos **Caboclos** (Orixalá, Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxossi). A estas bandas associam-se os **Sinais Riscados** ou Lei de Pemba ou Grafa Celeste pelas quais os Espíritos manifestantes se apresentam para identificação, seja por suas Bandas, seja pelas Vibrações ou Linhas que pertencem.

Os Umbandistas esotéricos admitem a existência dos espíritos elementais (mortais) e dos elementares (imortais). Os elementais correspondem às formas-pensamentos ou criações mentais, como se conhece no Espiritismo, somente que estas criações são utilizadas pelos Exus e macumbeiros, como força negativa, em seus trabalhos. Elementares são espíritos imortais (humanos) em sua fase mais primária de evolução, como que ainda presos a coletividades em busca da individualização, e “tudo fazem para constituir um carma próprio”, diz da Matta e Silva.

Este mesmo autor diz que os elementares apresentam-se em três níveis evolutivos diferentes ou três sub-planos: no 3º. plano estão os **Pagãos**, onde se colocam os espíritos mais rudimentares; em 2º. plano, os **Umuluns**; e em 1º. plano, os **Exus**, espíritos já em última fase de libertação.

Estes espíritos elementares não têm, ainda, a noção de causa e efeito, e atuam como “empregados” na mão de patrões, isto é, obedecem instruções. É por isso que temos Exus atuando para o bem ou para o mal, em decorrência da oferenda que se lhes propõe.

Diz Decelso (Celso Alves Rosa – Decelso -, livro *Umbanda Para Todos*; Ed. Eco, 2ª. edição, RJ.) que “a Umbanda Esotérica e Iniciática divide-se em duas partes principais, denominadas **Reinos**. Esses reinos, obedecendo à forma esotérica da Umbanda, significam duas forças: o bem e o mal, ou ainda: o **Céu**, pólo positivo, princípio ativo masculino; e a **Terra**, pólo negativo, princípio passivo feminino. Essas duas forças têm a denominação de **Reino de Obatalá** e **Reino de Odum**”. Ao reino de Obatalá correspondem 49 legiões chefiadas por Orixás e ao reino de Odum, 49 legiões chefiadas por Exus.

Escreve W.W. da Matta e Silva que “os Exus são os principais intermediários entre a Quimbanda e a Lei de Umbanda. Trabalham invariavelmente dentro da Magia, embora elementar, tendo sempre como pontos de fixação, as oferendas dessa ou daquela forma e sabem usar da Lei de Pemba, no âmbito que lhes é próprio”. Complementa este autor que “os Exus são obedientes aos **Senhores do Karma** (os Orixás) e que eles “são tão necessários à Umbanda, como os serviços aos patrões”.

Estas informações mostram por que na Umbanda, os Orixás, na linha do bem, se servem de Exus para trabalhos de limpeza e proteção, à semelhança do Espiritismo, onde os Espíritos inferiores atuam, muitas vezes, como auxiliares dos Superiores, e, também, porque eles, viciosos e devedores se subordinam à vontade de outras entidades umbralinas, conforme narram, em muitas oportunidades, André Luiz e outros autores espirituais.

2. Umbanda sob influência católica

Desde a catequese dos escravos africanos e dos silvícolas nacionais, em decorrência da ação dos Jesuítas e padres católicos, a cada Orixá foi associado um Santo da Igreja. Diz Maria Helena Farelli (Livro: *As 7 Forças da Umbanda*. Ed. Eco, RJ, 4ª. edição) que “os Orixás no Brasil se sincretizam com os santos católicos apenas por acharem os africanos que certos santos católicos possuíam as qualidades de determinados Orixás. Daí o subterfúgio para evitar os ataques dos feitores do clero. Mas os Orixás não são os santos católicos”. Diz a autora que “nos cultos africanos os Orixás não eram representados materialmente, isto é, não havia imagem de Orixás nem imagem alguma era aceita na religião nagô ou gêge”.

Com a influência católica surgem as imagens, os altares, Oxalá, como Deus, na figura de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Exu, como figura do diabo e dos demônios e de diferentes classificações de linhas, associadas aos nomes africanos ou indígenas com os santos católicos.

Tem-se assim as linhas de Oxalá (Jesus Cristo), de Yemanjá (Virgem Maria), do Oriente (São João Batista), de Oxossi (São Sebastião), de Xangô-Agôdô (São Jerônimo), de Ogum (São Jorge) e a Africana (São Cipriano), conforme menciona a autora citada.

Os Orixás são, nos diferentes níveis de Legião e Falanges, ligados aos santos da Igreja, numa relação extensa com muitas divergências nas citações entre um autor e outro, neste estudo do Sincretismo Religioso.

Dentro dessa corrente umbandista escreve Decelso: por diferentes motivos que “acarretaram a infiltração do Catolicismo nas hostes da Umbanda, não somente devido às imposições dos Tribunais de Inquisição, como também pelo domínio exercido sobre os negros pelos missionários católicos, considerou-se como fazendo parte da Suprema corte de Aruanda, todos os Santos que a Igreja Católica canonizou. Entretanto, na **verdadeira Umbanda**, qualquer Espírito purificado pode se tornar um Orixá, independentemente de ser ou não ser canonizado pela Igreja.

3. Umbanda sob a influência do Espiritismo

Há uma crescente utilização de termos específicos da Doutrina Espírita aplicados na linguagem e na prática umbandista. Diversos livros, tratando da Umbanda, falam das diferentes faculdades mediúnicas dentro da linguagem tipicamente espírita, considerando, inclusive, o Consolador como a 3ª. Revelação divina. O Babalorixá, Jamil Rachid, da União das Tendias de Umbanda e Candomblé do Brasil, utiliza, em seu livro (A Força Mágica da Mediunidade na Umbanda, 2ª edição, Empresa Jornalística Aruanda Ltda. 1985) toda a classificação da faculdade mediúnica, conforme a Codificação de Allan Kardec, sendo enfático ao dizer que “a Umbanda repousa na prática da mediunidade, e não há um só umbandista que discorde do conceito de mediunidade”, definida por ele como “a faculdade inerente a determinadas pessoas, cuja organização psíquica assegure possibilidades de percepção hiperfísica, isto é, o intercâmbio entre o mundo material e o mundo espiritual”.

Como já vimos há uma diferença conceitual muito grande entre o que os espíritas chamam de mediunidade e de mediunismo, dado que este continua preso a uma série muito grande de rituais, como:

a) **Pontos Cantados:** “são hinos de relevante importância na Umbanda, de evocação a um determinado Orixá ou falanges espirituais, aos quais pertencem determinadas Entidades”.

b) **Pontos Riscados:** “representam o emblema da entidade que se apresenta para trabalhar. São os verdadeiros sinais de imantação e controle, conhecidos pelos **Orixás** e Guias Espirituais. Os Pontos Riscados são a grafia celeste, expressam ordens e identificam quem está ordenando”;

c) **Banhos:** “desde a mais remota era, os **Banhos** funcionam como veículos de purificação”. Para o desenvolvimento e prática da **mediunidade** os umbandistas prendem-se a diferentes tipos de banhos: de **Eliminação** ou Descarga, de **Fixação** ou Ritualístico e de **Elevação** ou Litúrgico;

d) **Defumadores:** “as defumações usadas, tais como os Banhos devem ser de acordo com o Anjo de Guarda da pessoa”.

Conclui o autor que “generalizados estes cerimoniais, contidos na liturgia Umbandista, visamos dar aos médiuns uma idéia sucinta do que representa este ritual, dentro da condição mediúnica”.

Além destes rituais, os médiuns de Umbanda são induzidos a praticarem outros, para melhoria de suas condições vibratórias:

- pintar o quarto de dormir com teto branco e paredes claras; utilizar lençol e cobertores claros;

- deverá colocar na cabeceira de sua cama, todas as noites, um copo com água, tendo um pires em baixo do copo de vidro, novo e liso, e outro pires na sua boca, tendo a água por finalidade “proteger o médium no caso de haver uma descarga negativa muito grande durante a noite”. Na manhã, tomar metade da água e a outra metade jogar fora;

- seu lar “deve ser defumado (limpo espiritualmente) pelo menos a cada 30 dias;
- “o médium não deve sair de casa com o estômago vazio”;
- deve respeitar a 2^a. feira, especialmente a primeira 2^a. feira de cada mês, pois disto dependerá a sua fortificação espiritual. “É de relevante importância o uso de roupas brancas ou claras neste dia, fugindo de vestuários de cores escuras”.

O autor de “Umbanda de Todos Nós” (3, 2^a. parte, cap. 2^o.) também faz referências frequentes ao Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, à “Mediunidade” de Edgard Armond e a “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz.

Uma das grandes diferenças, pois, entre o Espiritismo e a Umbanda está justamente no exercício da faculdade mediúnica; nele não há rituais, nem dias mais ou menos importantes, nem posições litúrgicas, dado que a ligação mediúnica se faz pelo pensamento, isto é, pela associação de correntes mentais.

Há um esforço constante do médium espírita para libertar-se dos reflexos condicionados ou adquiridos empiricamente ao longo da vida, das tradições e costumes, como consequência da reforma íntima a que se propõe, através da evangelização e do aprendizado dos ensinamentos de Jesus que, reprovando as manifestações exteriores, sugeria entrar no quarto, fechar a porta, e orar em secreto ao Pai em espírito e verdade. Aí não havia altar, nem imagem, nem ritual, nada além do pensamento ligando a criatura ao Criador.

*

CANDOMBLÉ. Págs. 201 a 203.

(De origem africana: Religião e culto de origem africana praticado no Brasil, mais intensamente na Bahia, desde a escravidão)

No Candomblé a manifestação dos Orixás não se dá através da comunicação mediúnica. Os médiuns são **possuídos** pelas divindades que se manifestam através do jogo de búzios (moluscos marinhos que têm grandes conchas retorcidas, em forma de corneta), principalmente. Dizem os candomblecistas que o Pai ou Filho-de-Santo **não fala** nestas **incorporações**, porque sendo o Orixá uma força da Natureza, ela não tem condições de falar.

Em entrevista, o Babalorixá Zenildo d’Bessem, jornalista, nos disse que no Candomblé:

- a) – Não se usam charutos ou aguardentes. Há comida, legumes, verdura sempre crua, grãos, na preparação dos ebós (oferendas), quando se passam tais ingredientes no corpo dos clientes para a satisfação de Exus e Eguns perturbadores, caracterizando o **despacho**, conforme a orientação do jogo de búzios;
- b) – Não há pretos-velhos nem caboclos;
- c) – Nas oferendas são sempre feitos sacrifícios de animais de cor clara: bode, cabrito, galinha d’angola, pombos, patos, conforme a entidade;
- d) – Não existem altares, imagens ou sinais riscados;
- e) – As mulheres vestem não só roupas brancas, mas também coloridas ou brocados, tipicamente **baianas**; dançam e cantam chamando os Orixás. As cantigas são sempre de lendas relativas ao surgimento e vida destas divindades.

Há uma diferença muito grande, como se vê, entre a Umbanda e o Candomblé, tanto como “religião” em si, quanto aos aspectos filosóficos. Na Umbanda as almas dos homens podem chegar a categoria de chefia, como protetores, guias ou Orixás, conforme sua elevação espiritual, enquanto no Candomblé isto não acontece, gerando, muitas vezes, dificuldades de entendimento.

Diz o Prof. José Ribeiro de Souza (Livro: Cerimônias da Umbanda e do Candomblé, 3^a. edição, RJ., Ed. ECO), Sacerdote do Culto Nagô, com mais de 50 anos de experiência que “egum ou egum-gum em Nagô, quer dizer osso. Mas seu significado se estende um pouco mais e passa a ser, também, **alma de pessoa morta**. Assim, Egum é o espírito de uma pessoa falecida. Por tal motivo, não recebe o mesmo tratamento que um Orixá. Os Caboclos e Pretos-Velhos são Eguns. Entretanto, esses, embora evidentemente Eguns, já que são espíritos de pessoas falecidas – índios de qualquer tipo ou africanos de qualquer nação – são recebidos, reverenciados e respeitados dentro dos terreiros. São espíritos de muita luz que, na sua rusticidade e simplicidade, são possuidores de grande luz espiritual, muita sabedoria e força”. Complementa o autor que o egum “não baixa

em missão, não trabalha. Muitas vezes, até inconscientemente, são prejudiciais ao próximo. Daí, a serem imediatamente afastados”.

Na identificação das almas dos mortos, Espíritos, aparece outra grande diferença entre o Espiritismo e o Sincretismo. Eles são vistos de diferentes maneiras dentro do Sincretismo Religioso, conforme sua atividade ou reconhecimento dentro da Umbanda ou do Candomblé.

José Alberto Varanda (Livro: Os Eguns do Candomblé, 1^a. Ed., RJ, Ed. ECO) descreve todo o ritual para **despachar** os bens e a alma do falecido que foi membro do Candomblé. Esse ritual chama-se **axexé**, variando de acordo com o grau hierárquico.

No livro “Os Orixás e o Candomblé” o autor diz que “o espírito desencarnado tem o nome de **egum**. Se atrasado, nós lhe damos a denominação de **kiumba**”.

*

QUIMBANDA – Págs. 203/4

(Do quimb. *kimbanda*, curandeiro. – Culto afro-brasileiro com influências do espiritismo e do ocultismo, que difere da umbanda apenas em alguns aspectos. Dicionário Larousse Cultural)

Diz Maria Helena Farelli que “os Exus e Pombas Giras são entidades ainda sem luz, em fase de evolução e trabalham tanto para o bem como para o mal, dependendo de quem comanda a Gira (nome dado à rota ritual, nos terreiros de Umbanda, com cânticos e danças, destinadas a cultuar os santos e as entidades espirituais). Se for uma Gira de Caboclo ou de Preto-Velho os “compadres” fazem o Bem e estão recebendo luz, mas numa Gira de Quimbanda aí a coisa muda: a magia negra só trabalha para o mal”.

Da Matta e Silva, falando de Quimbanda, diz que ela “é composta de Sete Planos Opostos ou Negativos da Lei”, estando aí as Linhas das Almas, dos Cemitérios, das Encruzilhadas e outras. Diz ainda que “é deprimente ver como a ignorância gera o fanatismo, irmão gêmeo do fetichismo. Causa espécie vermos milhares de criaturas, em pleno século XX, venerarem estátuas esquisitas, modeladas segundo as descrições citadas e apoiadas por videntes”. Conclui suas anotações dizendo que “em realidade, os Exus, pela aparência natural de seus corpos astrais, **são bem diferentes**. Suas emanações vibratórias são pesadas, perturbadores seus aspectos fluídicos; suas irradiações magnéticas causam sensações de pavor”.

Como se observa, são espíritos malévolos (tanto os desencarnados que fazem o mal, quanto os encarnados que a eles se associam). São ainda viciosos e apegados à natureza animal, precisando de doutrinação e evangelização.

*

OUTRAS VARIÁVEIS DO SINCRETISMO. Págs. 204 a 206.

No Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro existem outras variáveis sincréticas, como a Pajelança, o Catimbó, o “Umbandoblé”, mistura de Umbanda com Candomblé, e a prática de diferentes trabalhos numa mesma casa etc.

Pajelança

Diz José Ribeiro que “é uma forma de religião no Amazonas, Pará e Piauí. Sua prática consta de uma mistura heterogênea de rituais de várias outras religiões”. Diz, ainda, que “é curioso consignar que a alma dos bichos, quando incorporada ao Pajé, costuma desejar brincar e divertir-se”.

Isto é um verdadeiro absurdo para a Doutrina Espírita, porquanto é impossível a associação mediúnicamente de animais com o homem.

Catimbó

Diz Byron T. de Freitas, em seu vocabulário sintético afro-brasileiro: é um “ritual de origem indígena, conhecido sob a denominação de Catimbó do Nordeste” e que “é um ritual sincrético da Pajelança e do Kardecismo, misturado com a Linha das Almas”. Diz Decelso que a **Linha das Almas** “se divide em sete falanges de espíritos chamados Omulus, cobertos de pelos, de cor cinza-escuro, com unhas em forma de garras, orelhas pontudas, dentes afiados e também pontudos, trazendo um ou dois chifres”.

Canjerê

É um ritual próprio de pequenos núcleos de influência tipicamente africana, para a prática da feitiçaria. Algo parecido com Quimbanda.

Umbandomblé

Alguns pais-de-santo, muitas vezes iniciados da Umbanda, com consciência da mediunidade e acostumados a dar passividade a Espíritos, passam à prática do Candomblé, levados pelos rituais diferentes, cantigas e danças, jogo de búzios. Aí, sincretizando ambos numa prática multiforme, com passividade mediúnica e psicofonia, dão origem ao que se denomina popularmente de umbandomblé, como nos disse o Babalorixá Zenildo d'Bessem.

Associação de Trabalhos na Mesma Casa

Corresponde à prática mediúnica mista, com certos rituais, especialmente o uso de roupa branca, os defumadores e banhos, mas com a passividade de diferentes Espíritos, além das categorias de pretos-velhos, caboclos ou crianças.

Estive numa Tenda de Umbanda, para estudos, e conversando com o médium fui informado que ali se recebiam também Espíritos de hindus, marinheiros e outros. Ele tinha plena consciência dessa multiplicidade de entidades comunicantes, além das três bandas típicas da chamada Umbanda.

Em outro local, designado de “Casa Espírita de Umbanda”, os trabalhos são divididos em duas etapas distintas, dado que o médium tem dois mentores: um, o Caboclo Zé Pilintra, que se apresenta com todas as características da Umbanda e outro, o Espírito de um médico japonês, que trabalha dentro de um procedimento espírita; apenas com uma diferença interessante, pois ele fala em Buda, como nós falamos de Jesus. Em certos dias da semana o trabalho é de Umbanda, em outros, tipicamente espírita.

Como se vê, o Sincretismo Religioso inicial está cada vez mais sincretico e na sua prática percebe-se a influência muito grande dos reflexos condicionados e das sugestões, seja das entidades comunicantes, seja dos médiuns em si, como ensina André Luiz.

Não é fácil, às vezes, esclarecer com precisão o que é o mediunismo e o que é mediunidade, quando se observa o exercício da intermediação, segundo os umbandistas ou os espíritas, dentro dessa progressiva caminhada do homem em busca de seus irmãos da Humanidade Espiritual, pois, nem sempre conseguimos nos libertar dos rituais que tipificam nossas tendências de comportamento.

Sigamos, acima de tudo, o ensinamento de Jesus: amemo-nos uns aos outros, como ele nos amou, respeitando cada um as diferenças de comportamento do outro, sem emitir juízos de valor.

*

III – O ESPIRITISMO E O SINCRETISMO RELIGIOSO – Págs. 207-218

A análise histórica do Sincretismo evidencia a evolução religiosa dos diferentes grupos étnicos, dentro do novo agrupamento social, com preciosas notas de variações comportamentais, face à modificação de reflexos adquiridos anteriormente.

Aí aparece ao estudioso de psicologia toda a motivação condicionada do homem na busca de seu instinto de sobrevivência, desde a conquista do prazer evitando a dor, como falava Epicuro, passando pela tese de Thorndike, para quem o organismo aprende novo comportamento, principalmente quando se lhe permite obter o prazer e evitar a dor, ou pela teoria do reforço de Skinner, que afirma que o comportamento é guiado e controlado pelos reforços apresentados, como no caso do pombo que erguia o pescoço ao máximo, na busca do grão que o alimentava.

Warden, em 1931, demonstra que não só os instintos inatos como a fome, a sede e o sexo são importantes, mas também a motivação para o domínio e a aprovação dos outros. Wolfe, em 1936, estudando o comportamento dos chimpanzés, condicionando prêmios à apresentação de fichas de pôquer, descobre que os animais fazem o máximo de empenho para conseguirem as fichas, mesmo que os alimentos não estejam disponíveis; por isso os maiores tomam as fichas dos menores e os machos, das fêmeas, reforçando mais uma vez o instinto de sobrevivência.

Verplanck e Carl Rogers mostram que para muitas pessoas a aprovação social é mais forte do que as necessidades biológicas. Marlowe e Crowne, com os testes do **certo** ou **errado**, revelam que muitas pessoas optam por respostas socialmente desejáveis, ainda que não intimamente verdadeiras.

Recentemente estudos ligados ao intercâmbio de comportamentos trazem à tona a transação interpessoal, mostrando que **A** pode ter total controle sobre **B**, caracterizando o **controle do destino**; pode haver **competição** entre **A** e **B**, ou a **cooperação** entre ambos, para a obtenção dos melhores resultados.

Todas estas alternativas de comportamento estiveram presentes na formação religiosa do povo brasileiro, decorrentes da associação de interesses grupais e individuais, de modo que o comportamento de origem dos africanos escravos, submetidos a novas e diferentes condições, conforme o grupo étnico e religioso e sua localização de trabalho, no Brasil, permitiu substancial alteração em suas atitudes, nem tanto para a conquista do prazer ou da aprovação social, mas muito mais para evitar a dor.

O controle do destino que tinham os senhores-de-engenho e o clero influenciou decisivamente no rompimento da tradição religiosa dos negros, conquanto às escondidas procurassem a satisfação do “prazer” íntimo, praticando sua religião-pátria ou associando-a aos ritos impostos, dando origem, então, às diversas formas em que se apresenta, no Brasil, o Sincretismo Religioso.

Seqüencialmente, pode-se dizer que temos os elos de uma progressão constante desde o mediunismo primitivo, ou animismo africano, até a mediunidade positiva apresentada pelo Espiritismo. Saímos do politeísmo dos Orixás para o Candomblé monoteísta; da Umbanda verdadeira para a Umbanda esotérica, desta para a católica, desta para a espírita. Neste conjunto, fica difícil definir com clareza quais são as diferenças entre um e outros, dada a própria formação empírica do Sincretismo e suas variações internas, dificultando aos seus mais profundos conhecedores a organização de uma filosofia e orientação única para cada grupo.

Penso que o Sincretismo foi uma terra fértil para a implantação final do Espiritismo no mundo; é uma parte do seu caminho, mas nunca será, em definitivo, um porto de chegada. É tão somente uma simples estalagem de encontro, onde os hóspedes reexaminam os novos reflexos adquiridos, para a nova caminhada, alterando progressivamente a parábola infinita de sua evolução espiritual na busca do amor a Deus, em Espírito e Verdade, por meio de um trabalho cooperativo.

O Espiritismo não é o Sincretismo, como o porto não é a estrada. O umbandista não é um espírita como um inglês não é um americano, conquanto sejam irmãos em raiz. O Espiritismo decorre de uma Codificação de princípios científicos, filosóficos e religiosos, orientada pelos Espíritos e coordenada por Allan Kardec, enquanto o Sincretismo, em suas diferentes formas de apresentação, é a resultante de um conhecimento empírico. Este foi plasmado ao longo do tempo, através de experiências individuais repetidas nas ações futuras, por reflexos condicionados, tanto por imposições de outros homens, como por lendas, fetiches e superstições associadas, é claro, às sugestões dos “mortos” por meio de um mediunismo natural, sem um plano de vôo definido para a descoberta da Humanidade Espiritual.

Existem alguns princípios comuns, como já se observou anteriormente, mas existem também grandes diferenças que devem ser examinadas por ambos os lados, com o devido respeito ao comportamento de cada um, pois todos somos irmãos, que amam a Deus e ao próximo, conforme seu entendimento (Mt. 22:34 a 40).

*

IV – DIFERENÇAS ENTRE ESPIRITISMO E SINCRETISMO. Págs. 209-218

Conhecemos a importância dos estudos de Pavlov na análise dos reflexos condicionados no campo das relações humanas. André Luiz ao estudá-los, associados à sugestão, como elementos indispensáveis do processo evolutivo das almas, diz que é neles que “princípios para o homem de pensamentos elementares os processos inconscientes da conjugação mediúnica, porquanto, emitindo as ondas das idéias que lhe são próprias ao redor dos temas que lhe sejam afins, exterioriza na direção dos outros as imagens e estímulos que acalenta consigo, recebendo, depois, sobre si mesmo, os princípios mentais que exteriorizou, enriquecidos de outros agentes que se lhe sintonizam com as criações mentais”.

Em decorrência, pois, desse reflexo adquirido, criaram-se tendências de comportamentos, gerando costumes religiosos, tidos e havidos como verdades e que hoje passam às gerações seguintes como tradições a serem mantidas, ainda que em conflito íntimo, por causa do medo, da ignorância e da credulidade. Uns não raciocinam com medo do inferno, outros supõem comprar um pedacinho do céu; aqui, presos aos compromissos da barganha, alguns têm medo de romper o vínculo espiritual com as entidades inferiores, ali, muitos se detêm atados à aprovação social. As estatísticas revelam este comportamento heterodoxo da população, conforme registram os recenseamentos e as pesquisas de opinião pública.

A **primeira** grande diferença entre as práticas mediúnicas do Sincretismo e o Espiritismo reside justamente na utilização dos muitos instrumentais catalizadores indispensáveis, que servem como elos de ligação e sustentadores na conjugação mental. São as roupas brancas, os colares e amuletos, as danças, objetos sagrados, incensos, pontos cantados, caracterizando um processo ritualístico que assegura e sustenta a ação espiritual.

O Espiritismo liberto de preconceitos, símbolos, paramentos (adornos, enfeites), rituais, altares, imagens, fumo, bebidas, talismãs etc., próprios do Sincretismo, realiza práticas mediúnicas pelas quais o médium coloca-se à disposição dos Espíritos, para que eles tragam aos homens as informações que julgarem necessárias, nas diversas facetas em que a mediunidade se apresenta: cura, vidência, psicofonia, psicografia etc. O médium torna-se um intérprete dos Espíritos e estes, agindo conforme seu saber e moral, transmitem seus ensinamentos aos homens, pelo pensamento, sem que sejam necessários quaisquer instrumentais catalizadores, salvo a concentração e associação das correntes mentais.

A **segunda** grande diferença está nos meios empregados para que essa ação se efetive em seus resultados. Enquanto no Espiritismo os médiuns e Espíritos, na mediunidade curativa, se associam pelo pensamento combinando e projetando fluidos magnéticos, espirituais ou da natureza, no Sincretismo, predominantemente são utilizados o fumo, a bebida e os banhos de ervas.

Escreve Carlos de Brito Imbassahy (Livro: Quem Pergunta Quer Saber, cap. IV, 1ª. Ed. S.P., PETIT, 1992) “que geralmente as fontes mais comuns para fornecimento das energias capazes de permitir que as entidades envolvidas em um trabalho dito de macumba realizem suas tarefas ou influam sobre os desavisados são as ectoplásmicas desprendidas no ato do sacrifício pela imolação de um animal, o desprendimento energético durante a queima de material combustível, obtidos de pólvora, velas etc. e mais as radiações etélicas, muito comuns pelo uso de bebidas, até mesmo os alimentos sofisticados que envolvem a oferenda. Tudo libera energias as quais, com auxílio do médium, podem ser manipuladas pelos Espíritos”.

A **terceira** grande diferença está no pagamento do trabalho realizado pelas entidades espirituais. Enquanto no Espiritismo vale para encarnados e desencarnados da relação mediúnica o “dai de graça o que de graça recebestes”, opondo-se a qualquer retribuição pelo exercício da mediunidade, no Sincretismo há predominantemente a exigência de oferendas de bolos, doces, frutas e até sacrifício de animais. Há que se esclarecer que estas diferenças se acentuam, para mais ou para menos, conforme sejam as práticas realizadas na Umbanda, na Quimbanda ou no Candomblé e em rituais de trabalhos, variando entre o bem e os de magia negra.

A **quarta** grande diferença está na própria preparação do ambiente, onde se realizam as práticas mediúnicas. No Espiritismo, mesmo antes da presença dos homens, os Espíritos preparam o ambiente, “levando a efeito a ionização da atmosfera” (Livro: Missionários da Luz, André Luiz, cap. 10)), promovendo a proteção do ambiente contra a penetração de entidades malévolas e perturbadoras da ordem. Os participantes encarnados, invariavelmente, iniciam as reuniões com a prece inicial, leitura e comentário de um trecho do Evangelho de Jesus ou outra obra compatível e pedido ao Mestre de Nazaré e aos Espíritos Superiores, para a proteção do ambiente, enquanto se processa a reunião. No Sincretismo não se lê o Evangelho nem se faz propriamente uma prece inicial, mas utilizam-se defumadores e ervas aromáticas como elementos de higienização ambiental. É hábito também tirarem-se os sapatos para entrar na área dos trabalhos.

A **quinta** grande diferença está nas características das manifestações da entidade comunicante, associada ao mediunismo empírico do médium. Este, sem a educação mediúnica, deixa-se levar por gestos, linguajar e outros sinais indicativos que definem as linhas a que pertencem as entidades. Uma médium de Umbanda que estudava o Espiritismo nos disse que lá, quando incorporada, fazia gestos e trejeitos muito mais por uma aparência exterior para caracterizar a entidade, do que intimamente sentia como necessário. São comportamentos individuais comuns, associados a outros. Diz um autor (W.W. Da Matta e Silva, livro: Umbanda Para Todos Nós), comentando a

mediunidade na Lei de Umbanda, “é comum, assim, representarem a Lei de Umbanda, sempre com festanças, batuques e músicas esquisitas, quando não são plagiadas do ritual de outras religiões, como é observação trivial em muitos **centros**”.

A **sexta** grande diferença está na finalidade da relação mediúnica. No Espiritismo busca-se a cura dos corpos físico e espiritual e o reequilíbrio da alma, ensinando-se-lhe a renovação de conduta, por meio do perdão, do esquecimento das faltas, da tolerância, da paciência, da resignação aos desígnios de Deus etc. No Sincretismo, com muito mais ênfase e frequência, as práticas mediúnicas estão voltadas para a obtenção de vantagens materiais de ambos os lados, numa permuta singular de “trabalhos” a serem realizados. A entidade, pede sacrifícios de animais e oferendas aos homens, e estes querem melhores empregos, ajustes amorosos, aquisição de bens, sem se preocuparem, quase sempre, com os direitos dos outros.

A **sétima** grande diferença está na concepção do processo evolutivo da alma. No Espiritismo o espírito é criado simples e ignorante, evoluindo através dos reinos inferiores da Natureza, chegando ao reino hominal e caminhando na direção do angélico, passando pelas diferentes classes de Espíritos, caracterizando seus vários níveis evolutivos. Não há criação de seres especiais e todos têm iguais possibilidades de progresso. Não há divindade, anjo, arcanjo, serafim, guias ou protetores que não tenham passado por essa fieira da evolução anímica (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, itens 96 a 131 e 540).

No Candomblé as almas dos homens não estão submetidas a esta mesma evolução, pois nele não há um processo reencarnatório definido. Disse-nos o Babalorixá Zenildo d’Bessem que no Candomblé genuíno não há a idéia de reencarnação; mas outros autores, todavia, dizem “na prática dos Candomblés mais sincretizados é comum se dizer que se alguém tem Exu na cabeça é porque está sendo castigado por erros cometidos em encarnações anteriores” (Carlos Lombardi; livro: Os Orixás – Exu, 1^a. ed., SP., Editora TRÊS). Este mesmo autor diz que “Exu é um orixá ou apenas uma entidade diferente, que ficaria entre a classificação de orixá e ser humano. Sua função mítica é a de mensageiro – é o que leva os pedidos e oferendas dos homens aos orixás, já que o único contato direto entre essas diferentes categorias só acontece no momento da incorporação, **quando o corpo do ser humano é tomado pela energia e pela consciência do seu orixá pessoal**”.

Na Umbanda as almas dos homens passam pelo processo evolutivo das vidas sucessivas, inclusive a dos Exus que são espíritos ainda em nível de libertação das influências da matéria e sem consciência do bem e do mal. Aqui a reencarnação é melhor definida e as almas progredem, atingindo as hierarquias de Protetores e Guias.

A **oitava** grande diferença está no procedimento da cura associado ao comportamento do homem para solução de seus problemas.

O egoísmo e o orgulho ainda predominam nas atitudes, por isto, muitos dão preferência aos interesses próprios, fazendo seu jogo na mesa do bem ou do mal, segundo as circunstâncias que aparentemente lhes pareçam as melhores para si.

Assim, homens e Espíritos associam-se, cada um buscando a solução de seus problemas mais imediatos, desprestigiando as lições da resignação e do devotamento, da paciência e da tolerância, do esforço individual e do trabalho, para a conquista da própria evolução. De modo frequente, os homens ligam-se a Espíritos inferiores, a Exus ou a Orixás para solução mais rápida de seus problemas, ou para alívio de suas aflições, ou para a conquista de interesses materiais ou pessoais. Esta ação reflete-se, pois, de forma diferente nos meios espíritas, umbandistas e candomblecistas.

Na Umbanda há um predominante interesse para a solução imediata destas aflições ou atendimento de desejos dos homens ligados à materialidade, mediante troca de favores com os Orixás e Exus. É muito comum o homem pedir nas Tendinhas de Umbanda, solução de conflitos familiares, ajustes entre marido e mulher e filhos, pedidos de empregos, ganhos em loterias, compras de casas etc, ou, ainda, soluções para dores e sofrimentos decorrentes de doenças, como se tudo ocorresse num “passe de mágica”.

A ação das entidades espirituais é prometida mediante pagamentos solicitados, tais como iguarias em geral, alimentos, bebidas alcoólicas etc. Em que pesem alguns comportamentos não admitidos no Espiritismo, na Umbanda, conforme a ação do Pai-de-Santo e sua vinculação com entidades espirituais, praticam-se excelentes trabalhos para o bem.

No Candomblé, além das oferendas diversas que se fazem aos Orixás, são eles cultuados em festas onde, após as cantigas e danças características de cada divindade, oferecem-se churrascos ou feijoadas aos convidados.

No Espiritismo também se busca solução dos problemas pessoais nos trabalhos de passes, desobsessão, vibrações, em que se solicitam aos Espíritos a ajuda, mas dado ao lema “dai de graça o que de graça recebeste”, predomina a idéia da renovação interior de cada um para fazer jus ao auxílio dos Amigos Espirituais. No Espiritismo procura-se muito mais ensinar ao homem **pescar** do que **dar-lhe o peixe**, para que ele mesmo liberte-se de sua aflição.

Diz Deolindo Amorim (O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas) que no Espiritismo “a principal atividade espírita não é propriamente o intercâmbio com os **mortos**, como erroneamente se propala, mas o esclarecimento doutrinário, visando à reforma moral do ser humano através do conhecimento de uma filosofia de vida”.

A **nona** grande diferença consiste na forma pela qual os Espíritos se manifestam. Na Umbanda os Espíritos se apresentam com freqüência quase total nas figuras de pretos-velhos, caboclos e crianças, diferentemente do Espiritismo, onde as entidades espirituais comunicam-se de preferência com o nome que tiveram na última encarnação, sem dar nome algum, ou com nomes que adotam na esfera espiritual. Qual seria a razão desta diferença?

Admito que a resposta esteja na formação histórica do Sincretismo Religioso, estruturado nas bases do mediunismo africano e dos silvícolas nacionais. O povo africano não era de brancos. A religião não era de brancos e, como em todas as outras, a adoração ou culto aos ancestrais somente poderia ser, evidentemente, de pretos-velhos, caboclos ou crianças, símbolos da sabedoria e humildade ou da simplicidade e pureza.

Não seriam, em princípio, as almas de “brancos” que viriam manifestar-se nesse meio, mas se o fizessem, dado que os Espíritos não têm cor, certamente, associar-se-iam ao mediunismo empírico dos médiuns, com seu linguajar e trejeitos próprios de africano ou indígena, afora sua forte influência anímica, para a obtenção dos melhores resultados possíveis.

Sabemos também que os Espíritos reúnem-se em comunidades por afinidades culturais, religiosas, nacionais, de modo que se “branco” tivesse de participar num meio de “pretos” ou de “índios” deveria, por respeito às tradições e costumes, assumir as características do grupo para levar seus ensinamentos, sem ferir susceptibilidades dos próprios Espíritos do grupo em que se apresenta e dos homens para os quais se manifesta.

Estruturada foi assim a base inicial desse Sincretismo; estabelecidas as “Bandas” (preceitos), a tradição vincou suas marcas nesse processo místico. Com o passar do tempo, os descendentes ainda que sustentando a tradição, foram introduzindo alterações e hoje nas tendas de Umbanda já se têm manifestações de outros Espíritos, como marinheiros, orientais, hindus, japoneses etc. Há, evidentemente, um predomínio das três Bandas, como decorrência dos costumes e dos reflexos psíquicos, bem como de muitos Espíritos, ainda envergando a personalidade de sua última existência, ainda pretos-velhos ou caboclos.

Não dá, pois, como se percebe, para mudar da noite para o dia esta ordem, pois a natureza não dá saltos, nem o aprendizado do homem em seu processo de maturação.

A Umbanda aproxima-se cada vez mais do Espiritismo nos trabalhos de passes e nas comunicações dos Espíritos mas, porque se prende às tradições de sua formação histórica, pelas influências recebidas, de negros de diferentes origens, de brancos, de silvícolas ou de religiosos islâmicos, católicos e judeus, ainda está presa aos artifícios das roupas brancas, turbantes, imagens, altares, defumadores, incenso, velas, charutos, bebidas alcoólicas e tantos outros rituais, como despachos com Exus, banhos de ervas, pontos cantados, sinais riscados etc.

Ela é um dos caminhos principais, tendo em vista o exercício da mediunidade, para que as almas cheguem ao Espiritismo, senão em uma, em mais de uma encarnação, considerando a mudança das tendências individuais de comportamento, ao longo das vivências. Suas tradições serão tão importantes como o são em outras religiões, cada uma cumprindo o seu papel nos níveis de entendimento e das necessidades das criaturas em relação ao Senhor da Vida e à existência do Mundo dos Espíritos.

A **décima** grande diferença decorre da análise dos resultados práticos. Fala-se, com certa freqüência, que os trabalhos de Umbanda e Candomblé são mais eficientes que aqueles do Espiritismo, especialmente quando se refere à desobsessão. Existe verdade nesta afirmação?

A resposta é **depende**. Depende do comportamento de cada um, para não dizer da fé, do mérito e da boa-vontade de melhorar-se. A fé é a convicção de que o **pedido** será atendido; o mérito decorre dos valores adquiridos do passado e a boa-vontade de melhorar corresponde à tendência de comportamento no presente, em relação ao futuro, e do esforço que se faz para conseguir a libertação.

Esses fatores condicionantes da eficácia da desobsessão dependem, pois, da vida de cada um; se forem efetivos, a desobsessão ocorre dentro do Espiritismo ou da Umbanda, porque os Espíritos Superiores favorecem a libertação, para que o obsedado tenha condição de mostrar sua boa-vontade de progredir.

Tais fatores estão, assim, intimamente associados à busca da reforma íntima, proposta como prioridade dentro do Espiritismo, de modo que cada um possa ser o arquiteto de seu próprio futuro.

Faltando a fé que remove montanhas ou a boa-vontade em melhorar, sucede o que tem sido muito comum nos ensinamentos doutrinários espíritas: nos trabalhos de desobsessão os Espíritos aliviam as aflições dos obsedados, mas estes, tão logo afastam-se dos trabalhos, atraem novamente os obsessores que, pela lei de sintonia, retornam ao “convívio” comum, seja para continuação da “vingança”, seja para a vampirização de energias.

Desta forma o trabalho de desobsessão, dentro do Espiritismo parece menos eficiente, não pela falha dos Espíritos, mas pela fraqueza mesma de quem pede, que não tendo paciência e força de vontade para vencer a si mesmo, busca socorro em outras alternativas.

Os trabalhos de desobsessão de Umbanda e Candomblé, em princípio, parecem mais efetivos. Qual seria a razão? No Sincretismo não existe a proposta de melhoria por meio da reforma íntima, mas a de resolver o problema de cada um no momento. Quando alguém pede uma ajuda, por exemplo, aos Orixás, ou Exus, estes “despacham” e “prendem” o obsessor, libertando o obsedado de sua influência, mesmo que este não tenha a fé e a boa-vontade de melhorar-se na prática do bem. Isto é feito mediante o pagamento das oferendas (doces, alimentos, aguardentes, sacrifícios de animais etc), conforme sejam as preferências da entidade (orixás, exus, eguns, etc.).

Assim a desobsessão aparece como se fosse mais efetiva, momentaneamente, no Sincretismo Religioso; todavia, o obsedado liberto também se “prende” pela Lei de Causa e Efeito a essas entidades que o ajudaram na libertação, pelo vínculo da sintonia mental e fluídica.

Existem muitas outras pequenas diferenças ou semelhanças que se evidenciam nas práticas do Sincretismo, que ao leigo pode confundir. O uso dos termos **Espiritismo** e **espírita**, por exemplo, nos meios umbandistas ou na mídia revela ignorância, boa-fé e até má intenção de alguns em confundir uma coisa com outra.

*

V – SINCRETISMO RELIGIOSO (LIVROS DE JOSÉ HERCULANO PIRES)

1. RAÍZES AFRICANAS. (Livro: O Centro Espírita, J.H.Pires, 3ª. ed., LAKE, SP, 1990), págs. 23 a 31.

Os dirigentes de Centros e sua responsabilidade com a pureza doutrinária.

O Centro Espírita apresenta-se, às vezes, entre nós, na dupla forma de centro e de Terreiro. Isso repugna à maioria dos espíritas que vêem no Terreiro uma explosão de práticas supersticiosas africanas, inegavelmente de origem selvagem. Na verdade, isso acontece por falta de estudo da Doutrina Espírita nos Centros. Os culpados desse fato não são as pessoas simples que acreditam mais na *força* dos Orixás do que na ajuda inteligente dos Espíritos esclarecidos. A culpa é dos dirigentes de Centros que se atrevem a dirigi-los sem tomar conhecimento dos mais rudimentares princípios do Espiritismo. Em última instância, a culpa é da nossa pobreza cultural. O que não deve escandalizar tanto, pois também nas altas camadas da cultura nacional e mundial, muitos doutores em coisas várias fazem a mesma confusão. Mesmo nas Universidades do Brasil e do Mundo, onde os problemas culturais são ampla e minuciosamente examinados, os doutores em Sociologia revelam, até mesmo em suas teses de doutoramento, pasmosa ignorância a respeito, usando a palavra Espiritismo, nome culturalmente consagrado da Doutrina Espírita, para designar as mais variadas manifestações de magia primitiva e de mediunismo popular.

Ante essa ignorância generalizada, não podemos condenar a nossa gente humilde por tais confusões. A palavra Espiritismo foi criada por Kardec para designar a Doutrina que ele formulou, com os dados da revelação dos Espíritos Superiores, transmitidos por médiuns em suas sessões experimentais, e com os dados de suas pesquisas pessoais e das ilações que delas naturalmente tirara. Essa Doutrina, como o reconheceram todos os estudiosos sérios no Mundo, constitui-se de partes sucessivas, referentes aos do Conhecimento: a Ciência, a Filosofia, a Moral e a Religião. Kardec sempre considerou a Religião, no Espiritismo, como uma conseqüência das partes anteriores. Por isso, e para não confundir a Doutrina Espírita com as confusas e perecíveis Teologias da época, tão perecíveis que chegaram aos nossos dias discutindo em torno de um problema sem sentido, com o desenvolvimento da Teologia Radical da Morte de Deus. “Deus morreu”. Essa foi a grande conclusão dos teólogos de nosso tempo.

Ciência e Filosofia: os cernes positivos da Doutrina Espírita.

Restringindo-se à Ciência e à Filosofia Espíritas, como cerne positivo da Doutrina, Kardec considerou a Moral e a Religião Espíritas como derivações naturais e necessárias da nova concepção do Mundo, do Homem e da Vida que a Doutrina estabelecia. Em suas discussões com os sábios, na Universidade de França, em que foi diretor de estudos, e posteriormente na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, com seus companheiros de pesquisas e com sábios que a visitavam, colocou de maneira precisa esse problema. O Instituto de França reconheceu a Filosofia Espírita. No Brasil, em livro publicado pela Universidade de São Paulo e pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, a Filosofia Espírita é apresentada como parte integrante e ativa do nosso panorama filosófico.

Os dirigentes de Centros Espíritas precisam tomar conhecimento deste assunto para evitarem a mistura de práticas africanas em suas sedes. Não se pode misturar uma Doutrina Científica e Filosófica com práticas de magia primitiva das selvas. Não se trata de um repúdio ao mediunismo e sua mentalidade mágica, mas de uma questão de método e cultura.

Os trabalhos de Umbanda e Candomblé são mais fortes que os trabalhos espíritas?

A idéia popular de que os trabalhos de Umbanda e Candomblé são mais fortes e eficazes do que os trabalhos espíritas decorre de desconhecimento dos problemas espirituais. Quando se trata de questões espirituais, como Kardec ensinou de maneira bastante clara, de nada valem os objetos e ingredientes materiais usados nos cultos africanos e indígenas do Brasil. Não se resolve nenhum problema espiritual com explosões de pólvora, pontos riscados no chão, bebedeiras de marafo (pinga) pés descalços no terreiro, queima de velas, lançamento de flores e objetos vários no mar, raspança de cabelo, batismo com sangue de galinha preta e outras superstições dessa natureza. Que os negros africanos selvagens acreditassem em tudo isso e na *força* dessas práticas, era natural e justo. Mas que pessoas civilizadas, ou pelo menos nascidas em meio civilizado, ainda se apeguem a essas coisas, é simplesmente de espantar. Todas as práticas africanas foram trazidas ao Brasil e a outros países americanos pelo tráfico negreiro da escravidão. Já na África essas religiões primiti-

vas foram misturadas com o Catolicismo dos missionários brancos e com o Islamismo dos árabes. Aqui no Brasil foram acrescentadas as contribuições das religiões primitivas dos nossos índios. Desenvolveu-se então o que cientificamente se chama de Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro. Os santos católicos foram assimilados aos deuses africanos. Jesus passou a chamar-se Oxalá, Nossa Senhora tornou-se Iemanjá, Santa Bárbara virou Iansã e assim por diante. Das nossas religiões indígenas, a prática que mais se infiltrou no sincretismo foi a da Poracê, parceira nacional do Candomblé africano.

Todas as religiões primitivas são voltadas para os interesses materiais.

Como todas as religiões primitivas são voltadas para os interesses materiais – solução de problemas materiais através de processos mágicos – a credence popular apegou-se a essas práticas, dando enorme expansão ao sincretismo entre nós. Por outro lado, as encenações rituais criadas pelo povo, enriquecendo o nosso folclore, atraíram multidões, incluindo estrangeiros de cultura europeia. Graças a isso, já estamos exportando Umbanda, Candomblé e Quimbanda para o mundo. É uma vitória do primitivo sobre o civilizado, que traz sempre em si mesmo as raízes africanas do primitivismo.

Compreendem-se as razões de tudo isso, mas não se pode compreender que num Centro Espírita, iluminado pelas luzes da Doutrina Espírita, admita-se a introdução dessas práticas primitivas. As energias espirituais superiores, empregadas pelos Espíritos Benevolentes nos trabalhos espíritas são muito mais poderosas do que todas as fórmulas mágicas das selvas. Não desprezamos essas práticas nem as condenamos, pois elas nos revelam as tentativas dos homens selvagens para dominar a magia da Natureza. Mas esse domínio já foi conseguido pelas Ciências, que depois de sua fase materialista já penetraram nas entranhas da matéria e atingiram a essência espiritual do homem, dos seres e das coisas. O próprio Espiritismo, tão ferrenhamente combatido pelas Ciências, hoje está comprovado pelas conquistas científicas do nosso século (XX). Os dirigentes de Centros Espíritas precisam conhecer esses problemas, se quiserem realmente dirigi-los. Se insistirem na ignorância, no cultivo de suas superstições, na falta de leitura e estudo, convencidos de que tudo sabe a respeito do assunto, acabarão como o cego da parábola, caindo no barranco e levando os outros com eles ao fundo dos precipícios.

O nível mental de uma criatura civilizada não pode estar tão baixo que se misture com o nível mental dos selvagens. Há, portanto, um problema grave de defasagem cultural, de desnível mental, que os espíritas precisam encarar com seriedade, em face da lei de evolução. O sincretismo é um retorno à mentalidade da selva. Os que a ele se entregam, geralmente por interesses inferiores, de ordem material, estão tentando regredir na sua evolução. Desse esforço retrógrado resulta sempre o efeito negativo ao atraso mental e espiritual. Dessa maneira, o Centro Espírita infestado por essas práticas torna-se um organismo em deterioração. Vira no avesso a sua finalidade superior, apegando-se cada vez mais aos interesses passageiros da vida terrena. Admite-se a existência dos terreiros, em que os homens e os espíritos ainda apegados ao primitivismo podem fazer suas experiências retardadas. Mas não se pode admitir a mistura de práticas contraditórias num local espírita. Quem prefere o sincretismo que vá para os terreiros, mas quem sente o anseio de elevação espiritual que não se iluda com a suposta força das práticas selvagens. Muitos alegam que nessas práticas estão presentes os espíritos. Convém lembrar que os espíritos estão por toda parte, pois são, como ensina Kardec, elementos naturais, como as pedras, as plantas, os animais, mas cada qual está em seu nível de evolução. O homem é o espírito que se elevou sobre todos os estágios naturais e atingiu os planos superiores da consciência. Sua responsabilidade espiritual, como dizia Léon Denis, é grande e pesada. No Centro Espírita a compreensão desse problema deve ser permanente, pelo menos de parte dos que o dirigem.

Manifestações de espíritos de negros e de índios: processo histórico.

Ao mesmo tempo, precisamos aprofundar a nossa compreensão do problema dos negros entre nós. Os adversários do Espiritismo costumam alegar que nas práticas doutrinárias sempre aparecem espíritos de negros e índios, numa prova da condição inferior da Doutrina e do meio espírita. Podemos lembrar a influência do negro e do índio na cultura norte-americana e a supremacia do espírito negro Silver Bicher no movimento espírita inglês. Os motivos disso são historicamente visíveis. Nós, os brancos, estabelecemos o tabu da superioridade racial do branco no mundo. Invadimos a África para explorá-la e caçar os seus filhos como bichos, submetendo-os à escravidão. Até hoje mantemos no mundo posições racistas intransigentes. Depois de séculos de exploração e humilhação do negro, abrimos mão do colonialismo africano por motivos econômicos e após devastações e crueldades. Não deixamos na África a herança de civilização que devíamos deixar,

mas uma herança de barbárie, com que as nações africanas lutam desesperadamente. Não somos credores da África, mas devedores. É natural que os deuses negros, espíritos protetores das raças negras, tenham invadido a nossa área cristã. O que a catequese branca não conseguiu fazer com negros e índios, as leis sociais da miscigenação fizeram através do sincretismo religioso. Se não houve conversão do negro pela sujeição da força, houve mistificação racial e cultural pela fusão das mitologias negra e branca. As religiões mestiças a que se referiu Euclides da Cunha em “Os Ser-tões”, consumaram a fusão fraterna no plano dos interesses imediatistas dos dois lados.

No processo natural da reencarnação a mestiçagem se dilui, de século a século, pela encarnação de espíritos das raças brancas em corpos negros e vice-versa. Muitos brancos orgulhosos do passado se manifestam hoje na mediunidade como negros e índios, pois tiveram, em encarnações dessa natureza a possibilidade de aprender as lições necessárias de humildade, corrigindo seus desmandos e sua arrogância de outros tempos. Os terreiros do sincretismo religioso conservam as raízes africanas e indígenas de nossa formação, propiciando a brancos e negros oportunidades para revisões anímicas e conscienciais. Brancos beneficiados por espíritos de negros e índios e vice-versa reajustam-se no plano do respeito à dignidade do homem, sem pretensiosas discriminações epidérmicas. Essa superação do passado é muito mais importante para o futuro do Mundo do que os avanços tecnológicos com suas conseqüências altamente negativas.

Os espíritas têm uma dívida moral e espiritual com as religiões negras e mestiças.

Entretanto, cabe ao Centro Espírita a responsabilidade de vigilância na defesa da pureza doutrinária, estudando, criteriosamente, o problema do sincretismo, evitando, assim, envolvimento com suas práticas.

Por outro lado, os espíritas têm uma dívida moral e espiritual para com as religiões negras e mestiças. Quando Luíz Olímpio Telles de Menezes lançou na Bahia o primeiro jornal espírita, “O Eco de Além-Túmulo”, no século passado (XIX), a *Revista Espírita* de Kardec registrou o fato com espanto, por considerar o Império Brasileiro, estreitamente ligado à Igreja Católica, como um dos países mais refratários ao Espiritismo, como realmente o era. Mas nesse mesmo instante as práticas de Macumba no Brasil rompiam as barreiras católicas e abriam a brecha necessária para a penetração do Espiritismo em nossa terra. Não podemos esquecer essa contribuição importante de negros e índios para o arejamento do nosso asfixiante clima religioso. O próprio aparecimento do primeiro jornal espírita já era prova de que os tambores da selva rompiam trincheiras até então in-xpugnáveis. Sinhás e sinhazinhas socorridas, em angustiosos momentos familiares, pelas; práticas negras e indígenas, amoleciam as barbas hirsutas dos Sinhôs, que diminuíam a ferocidade racista. As práticas negras e indígenas constituíam então o socorro do Céu à nova nação que surgia. Esse problema histórico foi esquecido por quase todos os sociólogos da nossa formação racial e cultural fundada no processo da mestiçagem racial e cultural. Foi por essas e outras que o ditado brasileiro *Deus escreve direito por linhas tortas* surgiu e propagou-se entre nós.

Ante esses fatos históricos inegáveis temos de respeitar as formas do sincretismo religioso afro-brasileiro como elementos pertencentes genésicamente à nossa formação nacional. O sincretismo religioso é um recurso natural da evolução cultural dos povos para elevar as culturas inferiores ao nível das mais adiantadas. Foi assim que a Grécia elevou-se ao nível do Egito Antigo, que Roma absorveu a religião e a cultura gregas. Mas essas ascensões coletivas dependem do tempo. O ritmo do sincretismo religioso afro-brasileiro acelerou-se entre nós no meio da Segunda Guerra Mundial, vindo até os nossos dias em constante progressão. O nosso crescimento industrial de após-guerra, as inquietações políticas e as flutuações financeiras, a crise religiosa do Catolicismo e, sobretudo, a explosão demográfica, com a invasão das grandes cidades por levas sucessivas de populações rurais são os fatores desse aceleração, mostrando a íntima ligação entre o desenvolvimento social e o sincretismo. Claro que, da mesma maneira e pelos mesmos fatores, cresceu o movimento espírita em todo o país. As massas da imigração rural, particularmente do Norte e Nordeste, vinham impregnadas de misticismo caboclo e sobrecarregadas de formas sincréticas. Essas massas estão carregando grande número de criaturas mais sensíveis aos Centros Espíritas e a religiões de tipo mediúnico, como as seitas pentecostais e seitas orientais, particularmente japonesas, ligadas a práticas espiritóides, ou seja, semelhantes às práticas espíritas de manifestações espirituais, mas sem o controle racional da Doutrina. A assimilação é visível: através dos Centros Espíritas e outras instituições doutrinárias as massas de várias procedências vão assimilando os ensinamentos espíritas e integrando-se nas suas práticas.

Temos, assim, toscamente esboçado, o panorama de quatro séculos da evolução espiritual do Brasil. As raízes africanas do sincretismo, que são as mais importantes, já apresentam hoje uma gama crescente de formas sincréticas que vão desde o terreiro negro-caboclo, com seus rituais tipi-

camente selvagens, até os mais voltados para a imitação católica, e os grupos intelectualizados que se esforçam ingratamente para dar à Umbanda (principalmente a esta) uma origem indiana, através de teorias pretensiosas que deformam a verdade histórica e social. O impulso de ascensão torna-se palpável na realidade desse processo. Cabe ao Centro Espírita a responsabilidade de vigilância na defesa da pureza doutrinária do Espiritismo, ante a violência e confusão dessa fase crítica do desenvolvimento do sincretismo. Por isso, o estudo do problema nos Centros torna-se um imperativo do momento espírita nacional. Mas é necessário critério lógico, muita compreensão, humildade e amor para que os Centros possam cumprir a sua missão esclarecedora e orientadora.

*

2. - MAGIA E MISTICISMO. Livro “Agonia das Religiões”, Editora Paidéia, 3ª. edição, 1989.

O ser do corpo e o ser espiritual

O homem primitivo não via o mundo, mas a magia da Natureza. Não tendo ainda o pensamento desenvolvido, o raciocínio metodizado, não podia sequer conceber o mundo. Tinha mais sensações e mais emoções do que idéias. Seus sentimentos germinavam no plano larvar dos instintos. E os instintos animais o dominavam, sem dar lugar aos instintos espirituais. Era mais corpo que alma. Kardec assinala dois seres na estrutura humana: o *ser do corpo* e o *ser espiritual*. No homem atual esses dois seres se equilibram e sua psicologia pode ser medida pela predominância de um ou de outro ou pela sua equivalência. As pessoas em que predomina o *ser do corpo* estão mais próximas do primitivismo. Aqueles em que os dois seres se equivalem apegam-se mais às coisas materiais e têm dificuldade em conceber a realidade do espírito. As pessoas em que predomina o *ser espiritual* dão mais importância às questões espirituais. As primeiras estão apegadas ao passado humano, as segundas à pragmática do presente e as terceiras tendem para o futuro. Mas entre uma e outra dessas posições evolutivas existem numerosas variações que podem ser classificadas em fases intermediárias de múltiplas nuances. A *escala espírita* de “*O Livro dos Espíritos*” oferece-nos um quadro psicológico geral dessas talvez inumeráveis variações tipológicas.

A magia simpática ou simpatética: o feitiço, o feiticeiro; os ídolos, os sacramentos, os sacerdotes e as religiões ritualísticas

A percepção mágica do mundo (restrita ao ambiente tribal ou do clã) levou o homem primitivo às práticas mágicas. Seu pensamento se desenvolvia na experiência, revelando-lhe progressivamente as relações existentes entre as coisas e os seres. Podemos supô-las assim, como simples dados exemplificativos: *vida-alimento, bicho-mato, peixe-água, ave-céu, fruta-árvore, flecha-caça-inimigo, homem-mulher-criança, dia-sol, noite-escuro-lua*. Essas relações primárias lhe davam a possibilidade de agir com eficiência no meio físico. Através delas ele começou a agir instintivamente no plano espiritual e nasceu a *magia simpática ou simpatética*, a arte incipiente de atingir o inimigo através de reproduções de sua figura em barro ou madeira e de evocar as forças benéficas através de símbolos correspondentes a elas. Nascia o feitiço e conseqüentemente o feiticeiro. E de ambos nasceriam mais tarde os ídolos, os sacramentos, os sacerdotes e as religiões com seus rituais. Esses processos rudimentares arrancavam o homem da selva e do gelo e o lançavam na direção da civilização. Um longo caminho a percorrer no aprimoramento dessas técnicas primitivas através dos milênios.

A idéia de Deus. A lei de adoração. Os pagés e xamãs e a evocação dos espíritos benfazejos e malfazejos

Mas os homens não estavam sós nem abandonados a si mesmos em nenhuma dessas fases. A idéia de Deus pairava obscura sobre o fundo nebuloso de suas experiências filogenéticas e a lei de adoração os levava a reverenciar o mistério da terra, das águas, do céu estrelado, das montanhas coroadas de nuvens. Do fundo escuro das matas surgiam o bem e o mal, as forças e os seres benéficos e maléficos. Muitos desses seres não tinham a consistência das criaturas de carne e osso. Apareciam e desapareciam como as chamas noturnas dos fogos-fátuos. Uns os auxiliavam e eram considerados deuses benfazejos. Outros os ameaçavam e eram os deuses malfazejos. Espíritos bons velavam pelas tribos e orientavam os seus chefes. Pagés e xamãs tinham o dom de evocá-los e consultá-los. Como nas cidades cósmicas da Grécia arcaica, de que tratou Durkheim, homens e deuses conviviam numa espécie de intermúndio. Essa situação perdurou nas civilizações agrárias, no ciclo das grandes civilizações orientais, no mundo clássico, gerando as religiões mitológicas com seus oráculos e suas pitonisas. No Judaísmo e no Cristianismo temos a sua continuidade, o que se pode verificar pelos textos bíblicos e evangélicos.

O Paganismo: a prática mística dos Mistérios e o Misticismo. O Espiritismo

Já no Paganismo encontramos as práticas místicas dos chamados Mistérios, com rituais específicos para levar os *iniciados* à relação direta com o mundo espiritual e especialmente com Deus. No Egito antigo e nas religiões dos impérios americanos dos aztecas, maias e incas havia o emprego de sumos vegetais que originariam as drogas atuais como a mesalina e o ácido-lisérgico, para a produção do estado de *êxtase*, que é o fenômeno central dessas práticas. Pelo êxtase, provocado ou espontâneo, o místico se desliga de toda a realidade sensível, do mundo material, e mergulha no inteligível, no mundo espiritual.

O Misticismo tem suas origens remotas no êxtase dos pagés, que em meio às selvas procuravam o contato direto com os espíritos protetores das tribos. O pressuposto do misticismo nas eras civilizadas é a possibilidade humana de superação dos sentidos e da razão para obter-se o conhecimento superior nas fontes divinas. Esse pressuposto conduz os homens a uma fuga da realidade. No Espiritismo as práticas místicas são condenadas por dois motivos fundamentais: 1º.) porque o homem está no mundo para viver o mundo com o fim de desenvolver na experiência da vida de relação, as suas potencialidades internas; 2º.) porque a ligação do homem com Deus se faz através do amor ao próximo, na prática da caridade (que é o amor em ação) e de maneira natural, sem a necessidade de práticas rituais ou do emprego de excitantes de qualquer espécie. As pessoas que consideram o Espiritismo como doutrina mística confundem a fenomenologia mediúnica com as práticas do misticismo. Não sabem que a mediunidade – como hoje está confirmado pelas pesquisas parapsicológicas – é simplesmente uma faculdade humana natural que permite a todos o exercício da percepção extra-sensorial. O misticismo nasceu das manifestações naturais dessa faculdade e da falta de condições culturais para o seu estudo racional. A mística *experiência de Deus* das religiões dogmáticas depende das práticas místicas e de uma concepção anti-racional do mundo e da vida. Por isso Ranzolli propõe a limitação do termo *misticismo* às filosofias religiosas, substituindo-o no campo filosófico geral por expressões como *irracionalismo* e *intuicionismo* ou *sentimentalismo*.

O Cristianismo nascente e a mediunidade racionalista. Jesus e os ensinamentos racionais

O *Cristianismo* – que os árabes chamavam *religião do livro* – utilizou-se em sua origem da mediunidade, mas sua posição em face das religiões anteriores foi nitidamente racionalista. Todos os ensinamentos de Jesus, mesmo quando ele se referia a Deus, chamando-o de Pai, são racionais. Sua condenação constante do irracionalismo judeu foi sempre seguida de explicações racionais, através de exemplos em forma de parábolas tiradas da própria vida diária do povo. Ao tratar do dogma judaico da ressurreição ele se referia claramente ao *nascer de novo*, usando exemplos históricos como a volta de Elias reencarnado em João Batista. Suas referências às potencialidades divinas do homem eram exemplificadas pelos fenômenos produzidos por ele mesmo e pelos seus seguidores. Nunca falou da sua ressurreição como um privilégio, mas ligando-a à ressurreição de todos. O Apóstolo Paulo incumbiu-se de formular a teoria racional da ressurreição, não da carne, mas do espírito, explicando que o corpo espiritual do homem, hoje descoberto pelas ciências como *corpo-bioplásmico*, é o corpo da ressurreição.

O Espiritismo retoma a tradição racionalista do Cristianismo primitivo que fora prejudicada pelas influências pagãs e judaicas, bem como pelas igrejas cristãs da atualidade

Esse racionalismo foi posteriormente prejudicado pelas influências pagãs e judaicas do misticismo, que atingiram nas igrejas cristãs um refinamento intelectualista paradoxal, opondo o intelecto a si mesmo. Todo o esforço de Jesus no combate à mitologia foi anulado pelos teólogos, que transformaram ele mesmo em novo mito, fazendo de sua natureza humana uma espécie de simples manifestação pragmática da sua divindade. O Espiritismo retoma a tradição racionalista do Cristianismo primitivo e, da mesma maneira que os antigos cristãos, prova na prática os ensinamentos teóricos de Jesus através das manifestações espíritas, da prova concreta das materializações e das *aparições tangíveis* (como a de Jesus para os apóstolos no cenáculo) dos fenômenos de voz direta (como o da voz que soou no espaço na hora do batismo) e dos casos pesquisáveis de reencarnação, hoje em pauta na pesquisa científica mundial. Nada disso se refere ao misticismo, a práticas místicas através de processos mágicos, de excitantes específicos e de tentativas antinaturais de transformar o homem vivo em morto-vivo que nega o mundo para viver como espírito desencarnado, desligado dos processos necessários da razão. O homem é deus em potência, não em ato, e não pode querer antecipar a sua atualização fugindo aos compromissos e experiências da vida terrena. Seus deveres estão aqui, neste mundo, por enquanto, e suas possibilidades de evolução, de trans-

condência não se encontram na alienação, na fuga, mas na integração consciente em suas tarefas sociais.

O tempo das igrejas está chegando ao fim: na proporção em que as camadas retrógradas da população terrena vão sendo afastadas do planeta cresce o esvaziamento das igrejas e os seminários vão sendo fechados por falta de alunos

O tempo das igrejas está chegando ao fim, como chegou o dos Mistérios na Antiguidade. Elas foram necessárias e tanto serviram como desserviram à Humanidade, revelando sua estrutura imperfeita como a de todas as obras humanas. Em vão se arrogaram investidas divinas. A mente humana se abre hoje para novas dimensões e as igrejas não têm condições para acompanhá-la nesse avanço. A luta sem tréguas que sustentaram e ainda sustentam contra o Espiritismo e em especial contra a mediunidade provou a sua incapacidade para enfrentar os novos tempos. A dinâmica da concepção espírita se opõe à mecânica ritual das igrejas como a Física moderna se opõe à Física do passado. Na proporção em que as camadas retrógradas da população terrena vão sendo afastadas do planeta, na sucessão inevitável das gerações, cresce o esvaziamento das igrejas e os seminários vão sendo fechados por falta de alunos. Foi o que aconteceu com as religiões mitológicas do mundo greco-romano. Para poderem sobreviver, as igrejas têm de desigresar-se, suprimindo o profissionalismo sacerdotal, as suas dogmáticas absurdas, as liturgias vazias de sentido. Antes que possam pagar esse preço demasiado elevado, as forças da evolução as varrerão da face da Terra. Isto não é uma profecia espírita, é uma profecia evangélica de Jesus, no episódio com a mulher samaritana. Que ninguém me acuse de responsável por essa previsão que elas mesmas, as igrejas, por dois mil anos fizeram ler no Evangelho em seus cultos sem a entenderem. Também não entenderam a questão das muitas moradas da Casa do Pai, nem a do batismo espiritual, nem a do nascer de novo, nem a condenação das exigências rituais dos fariseus. O que podem esperar ou reclamar agora?

O Espiritismo e a reelaboração da experiência mediúnica

Respeitáveis pensadores religiosos, reconhecidamente cultos, não conseguem ainda libertar-se da magia das selvas, cujos resíduos impregnam de misticismo as religiões em agonia. Esse apego os impede de socorrer as instituições religiosas no momento crucial. Desesperados, acusam o Espiritismo e os espíritas de incapazes de compreender as sutilezas da fé e exigirem provas materiais do que não é material. Chegam mesmo a considerar como profanação a pesquisa espírita dos fenômenos mediúnicos. De outras vezes acusam o Espiritismo de práticas primitivas e o confundem com as formas do sincretismo-religioso afro-brasileiro. O materialismo, proclamam, leva os espíritas a quererem materializar espíritos. Perdem a perspectiva cultural do nosso tempo e mergulham no passado, acusando-nos de uma posição retrógrada no campo do Espiritualismo.

Nossas ligações com a selva realmente existem e são as mesmas que constatamos nas religiões em agonia, mas há uma diferença fundamental entre a nossa posição e a delas: *a reelaboração da experiência*. Essa reelaboração não foi feita pelas religiões, que se limitaram a refinar as práticas selvagens e cobri-las com o verniz da civilização. Até mesmo a tentativa de submeter a Divindade ao poder misterioso dos págés sobrevive em sacramentos das igrejas, dando aos sacerdotes o poder (que foi negado aos anjos) de obrigar o próprio Deus a materializar-se em substâncias materiais do culto, bem como o poder de obrigar o Espírito Santo a manifestar-se nos adeptos para o batismo do espírito.

No Espiritismo, o que sobrevive das selvas é o fenômeno, o fato natural da manifestação dos espíritos através da mediunidade, como todos os fenômenos físicos e químicos, botânicos e biológicos ou psíquicos sobrevivem obrigatoriamente nas ciências. Mas o Espiritismo não permanece apegado às superstições da experiência selvagem, reelabora essa experiência à luz da cultura e descobre as suas leis para poder usá-las em função do progresso. A capacidade humana de conhecer não tem limites e a divisão absoluta entre espírito e matéria já foi superada nas pesquisas físicas.

O materialismo morreu por falta de matéria, como afirmou Einstein, e as religiões agonizam, como podemos ver, por falta de espírito. Há mais apego à matéria nas práticas e nos conceitos das religiões em agonia do que nos ritos selvagens, pois nestes a crença ingênua e instintiva manifestava-se naturalmente, enquanto naquelas é puro artifício, tentativa de racionalização psicológica de heranças atávicas.

3. – A HERANÇA MÁGICA. Livro “Revisão do Cristianismo” Ed. Paidéia. 3ª. Ed. 1990. (Pág. 113).

A Magia dos números. O Mistério da Santíssima Trindade.

A Trindade, como já vimos, é uma constante nas religiões antigas. Sua relação com a magia dos números é evidente. Pitágoras considerava o número 1 como o princípio de todas as coisas. Imóvel no Inefável, o número 1 era preexistente a tudo quanto iria existir. Súbito, sem que se possa saber como nem porque, o número 1 estremeceu. Nesse movimento misterioso projetou a sua imagem de um lado, dando origem ao número 2, e logo a seguir de outro lado formando o número 3. Continuando o estremecimento, do número 3 saíram os demais, completando a década. O número 10 completou a magia matemática da criação do Universo com todas as coisas e todos os seres. Restaria saber como surgira no Inefável o hierático (sagrado) número 1, fonte de toda a realidade, mas isso é um mistério. No Cristianismo o número 3 tomou a forma antropológica de três pessoas distintas num só Deus verdadeiro. O dogma foi aprovado no Concílio de Nicéia, no ano 325 depois de Cristo, contra a doutrina de Ario, que estabelecia a subordinação das pessoas (o filho subordinado ao pai) sem considerar a terceira pessoa. Como se vê, o prestígio do número 3 prevaleceu. São Tomás definiu a relação das três pessoas distintas em forma de relações humanas, e identificou-as numa substância única. A trindade matemática de Pitágoras, à maneira das trindades egípcia e induísta, convertia-se num mito antropológico. Nos últimos tempos da Escolástica, Ockam considerou esse dogma como inacessível a qualquer forma de entendimento. Essas pesadas cargas mágicas, expressas em fórmulas que são verdadeiros jogos de palavras, contaminariam toda a liturgia cristã, na adaptação progressiva de quase todos os ritos das civilizações agrárias e pastoris.

O desenvolvimento da Razão: a magia das palavras.

O desenvolvimento da razão na Idade Média e o conseqüente aprimoramento da linguagem favoreciam a criação de novas e mais complexas formas para os ritos antigos e os complementava com explicações sibilinas, dando ao povo a impressão de ordenações divinas recebidas pelos teólogos e os servos de Deus, padres, frades e freiras, na penumbra colorida dos vitrais das naves sagradas ou no silêncio místico dos mosteiros e das celas dos conventos. Praticamente, podemos dizer que os humildes servos do Senhor se inflaram de vaidade divina, perdendo-se nas teias de palavras e raciocínios sofisticados (na verdade sofisticados) sobre questões que estavam muito além das suas possibilidades de conhecimento. A magia das palavras socorria a escassez do saber. O mito do Verbo se impunha, e o próprio Cristo foi transformado em mito que se encarnara para redimir a humanidade pecadora com o seu sangue derramado no suplício infamante da cruz. A própria cruz os santificava, como símbolo de redenção, e o martírio do Justo se perpetuava na idolatria da crucificação. E aí daqueles que se opusessem à fé em Cristo Crucificado, pois cometeriam o crime sem perdão de querer penetrar os mistérios sagrados.

O culto exterior. A simonia (tráfico das coisas sagradas). A santidade das coisas: crucifixos, medalhas, bentinhos, rosários, velas, cálices de ouro, etc.

O problema do sagrado e do profano, que para Jesus não existia, pois ele violava a santidade do sábado e não teve medo de se hospedar na casa do publicano Zaqueu, tornou-se uma das questões mais graves do Cristianismo. Ao invés de se buscar a santidade da alma, buscava-se a santidade das coisas: crucifixos, medalhas, escapulários, bentinhos, rosários, fitas, velas, véus, paramentos, cálices de ouro e assim por diante. A simonia (tráfico de coisas sagradas) sustentava e até hoje sustenta os servos de Deus, para que pudessem louvá-lo dia e noite em suas orações e cânticos, ao som dos órgãos sagrados. O culto exterior objetivava a fé, que devia ser, como Jesus ensinara, puramente subjetiva. E como parte importante do culto exterior e da economia da Igreja multiplicavam-se os sacramentos: o batismo de água e sal, o crisma para confirmar o batismo, o matrimônio religioso, as bênçãos que servem para todas as cerimônias religiosas (quanto mais suntuosas, mais eficazes) com a impregnação invariável da magia em todas elas. Do nascimento à morte o cristão está sujeito aos poderes mágicos da Igreja. Os óleos da extrema-unção garantem magicamente a passagem do morto pelas portas do Céu. A água purifica, o óleo santifica. Pela magia da água livra-se a criança inocente da mancha do pecado original. Deus se manifesta na hóstia sagrada pelas mãos mortais de um sacerdote mágico, e não pode desobedecer à evocação sagrada do padre, que nesse momento é maior do que Deus. Nunca Jesus se atreveu a tanto. Falava a Deus como o filho ao pai, segundo o esquema de relações de Ario, o renegado. O perdão dos pecados não era dado por ele, mas pelo Pai. Quando dizia a um sofredor curado de alguma moléstia: “Perdoados são os teus pecados”, referia-se ao final de uma prova existencial que se esgotara. A inver-

são de valores e de posições realizada pelos teólogos só pode justificar-se no processo histórico pela incompreensão absoluta do sentido espiritual dos ensinamentos de Jesus.

O que distingue a religião da magia é precisamente a posição do homem em relação aos poderes divinos. O religioso suplica humildemente a proteção divina, o mágico entrega-se a práticas de evocação e imantação para submeter a divindade aos seus caprichos. O religioso adora a Deus, o mágico o utiliza como fonte de poder ao seu alcance.

Os ensinamentos do Cristo ainda não foram devidamente compreendidos.

Todo o ensino do Cristo, por palavras e exemplos, revela a sua permanente reverência a Deus. Mas os cristãos se atrevem a fazer Deus baixar das alturas infinitas por meio de palavras mágicas e objetos materiais do culto. O Cristianismo continua a ser, na grandiosidade de suas catedrais, a humílima seita religiosa dos galileus, que as heranças judaicas e pagãs asfixiaram sob o esplendor fictício e perecível de seus aparatos materiais. A própria ressurreição do Cristo não foi ainda compreendida. Acredita-se que ele ressuscitou na carne, apesar da advertência de Paulo em Coríntios I, segundo a qual enterra-se o corpo material e ressuscita o espiritual, pois o corpo espiritual é o corpo da ressurreição. Como se isso não bastasse, inventa-se a ascensão de Maria ao Céu em seu corpo carnal. O renascimento nas vidas sucessivas, a que Jesus se referiu no caso de João Batista como reencarnação de Elias, no episódio do cego de nascença que não pagava pecados dos pais e assim por diante, é condenado pelas igrejas cristãs como superstição pagã. A mitologia católica e o formalismo protestante rejeitaram igualmente os pontos principais da verdadeira doutrina cristã exposta nos Evangelhos. São eles a única fonte real dos ensinamentos de Jesus. Os pesquisadores universitários, livres de tendências sectárias, chegaram à mesma conclusão de Renan: os Evangelhos têm suas raízes no tempo de Jesus, nasceram do meio de seus familiares e discípulos, da sua intimidade. Foram redigidos com dados provindos da fase de suas pregações. Renan cita uma comóvente anotação de Pedro que mostra o carinho e a fé com que os apóstolos guardavam de memória os ensinamentos do Mestre. Pedro declara que nunca dormia sem antes repetir os ensinamentos para que eles não se apagassem da sua memória. A validade dessa documentação é inegável. Como puderam os teólogos reformular o Cristianismo claro e preciso que ali se encontra, rejeitando princípios básicos e acrescentando enxertos espúrios? Onde encontraram autorização válida para introduzir no Cristianismo a idolatria, as várias formas míticas, a sistemática clerical pagã, os sacramentos de religiões mágicas primitivas, os rituais suntuosos, as vestes sacerdotais que nem Jesus nem os apóstolos adotavam, as indulgências e o perdão dos pecados pela concessão de poderes especiais aos clérigos, a substituição da Cadeira de Moisés pela Cátedra de Pedro, o dogma da salvação exclusiva pela fé, com desprezo às obras e assim por diante? O problema da fé é colocado, nos ensinamentos de Jesus, em termos explícitos. A fé cristã é direta, dirigida a Deus, que é o Pai, e não aos dogmas desta ou daquela igreja. A mulher com fluxo de sangue não precisou inscrever-se em qualquer instituição humana para que a sua fé a curasse. Bastou-lhe tocar a fimbria das vestes do Mestre, sem sequer lhe pedir licença, para que fosse curada.

A fé vale pelas obras (caridade). Adulteração dos textos da Bíblia e dos Evangelhos.

No tocante às obras, Paulo deixou claro que a fé vale pelas obras. Mas os teólogos confundiram as obras cristãs, que eram a prática da caridade, com as obras da lei do Judaísmo, referentes aos compromissos dos fiéis com a Sinagoga e o Templo de Jerusalém. Nunca se viu um texto tão pequeno e claro ser tão mal compreendido pelos que o adotaram como válido, e durante tanto tempo, através de dois milênios. No tocante à caridade, Jesus deixou claro nos seus ensinamentos que ela não se reduzia à esmola, como se vê no episódio do óbulo da viúva. E Paulo formulou a mais perfeita e precisa definição da caridade como prática do amor ao próximo, num texto insuperável. As passagens míticas e históricas dos Evangelhos, caracteristicamente fabulosas e incorretas, refletindo o clima mental dos tempos mitológicos, serviram para a criação de uma mística avessa ao ensino racional de Jesus. Ninguém se lembrou de separar o joio do trigo, de corrigir os erros de datas e as descrições de episódios da vida de Jesus, e nem mesmo de corrigir as parábolas convertidas em realidades impossíveis, como no caso da figueira seca. É evidente que não queríamos a correção dos textos, que não deviam ser tocados por ninguém, mas a correção no emprego dos textos como fontes legítimas para a elaboração da Doutrina Cristã. Pelo contrário, tudo o que servia para a institucionalização igrejeira do Cristianismo foi aceito com entusiasmo, como se nenhuma dúvida pairasse sobre os dados errados. Além disso, as adulterações dos textos por conveniência sectária continuam a ser feitas ainda hoje, em edições da Bíblia e dos Evangelhos, sob o pretexto de atualização da linguagem. A nenhuma obra clássica de literatura se pode aplicar essa forma de adulteração, mas aos textos fundamentais do Cristianismo tudo se aplica, desde que as modificações profanadoras correspondam a interesses sectários.

A luta de Paulo contra os apóstolos judaizantes, na preservação dos ensinamentos renovadores de Jesus, morreu na era apostólica. Hoje, as Igrejas Cristãs consideram a Bíblia como a palavra de Deus, mas não temem nem tremem ao autorizar modificações dessa palavra sagrada a critério puramente humano, desde que interesse aos grupos sectários. O apego extemporâneo à Bíblia, e a própria inclusão arbitrária dos textos Evangélicos na Bíblia, quando o próprio Paulo declarou que ela fora suplantada pelo Novo Testamento, devendo passar à condição de documento histórico, provam que os judaizantes continuam em ação sem qualquer impedimento. A veneração dos fiéis pela Palavra de Deus é ambivalente. Eles a preservam na medida em que possa servir aos interesses de suas igrejas, e a violam e deturpam quando isso for conveniente à sustentação de suas opiniões grupais. A Palavra de Deus é absoluta, mas condicionada à palavra dos homens. Dizia-nos um pastor que na sua igreja a Bíblia era respeitada e cumprida de capa a capa. Citamos-lhe algumas ordenações absurdas e ele respondeu tranquilamente: “Na medida do possível”. Reconhecia – e isso num programa de televisão, que usava de duas medidas, uma no uso externo e outra no uso interno.

A Feitiçaria Cristã.

O clima espiritual da magia impregnou o Cristianismo Medieval de tal maneira que a chamada Feitiçaria Cristã mereceu estudos especiais de sociólogos, antropólogos, psicólogos e pesquisadores espíritas. O Cel. Albert De Rochas, do Exército francês, diretor do Instituto Politécnico de Paris, realizou pesquisas sobre a magia em relação com o hipnotismo, nos fins do século passado (XIX), e publicou seus resultados num livro sobre a Goécia ou Magia Negra, relatando também as experiências de William Barret, Faraday, Maxwell, Ochorovicz e outros eminentes cientistas da época. Pesquisando a infiltração da magia na Igreja, a tradição mágica, diz ele, vinda das mais antigas civilizações, conservou-se entre os cristãos primitivos e penetrou fundamente no meio eclesiástico. Descreve numerosos casos de feitiçaria constantes dos arquivos do Vaticano, em que padres, bispos e cardeais entregaram-se a essa prática para afetar adversários religiosos ou políticos, atingir príncipes, reis, rainhas e figuras importantes da nobreza. Certos clérigos usaram, segundo relatam os processos arquivados, a chamada magia simpática ou simpatética, o antiquíssimo processo de moldar imagens de cera, das pessoas visadas, e agir sobre elas à distância, ferindo as imagens. Deu-se mesmo a mistura do bem e do mal, quando sacerdotes mágicos aplicavam sacramentos aos bonecos de cera “chamando o Demônio em seu auxílio pela profanação das espécies sagradas”, ou seja, dos materiais empregados nos sacramentos. Já Tertuliano se referira, no Cristianismo primitivo, às práticas mágicas entre os cristãos. Os mesmos motivos que levaram os judeus a adorar o bezerro de ouro enquanto Moisés recebia, no alto do Sinai, as tábuas da Lei, mantinham ainda os cristãos apegados aos processos mágicos. Mas que isso se passasse no povo, era natural. Porque se dava o mesmo entre os clérigos? A pesada carga mágica dos sacramentos, adotados das religiões pagãs, entre os quais o da transubstanciação da hóstia, o da purificação pelo batismo, o da bênção de imagens e medalhas levava os clérigos a acreditar na eficácia dos ritos. O homo faber é ainda o tipo mais comum da espécie humana. O homo sapiens chega a ser considerado pela maioria como ave estranha na paisagem. O ritual é um fazer, um ato prático que dispensa o conhecer. E como Jesus fazia, não pelos meios mágicos, mas pelo poder do espírito, pela influência psíquica e mental, e como esse fazer do Mestre impressionava mais do que o seu ensino, a Igreja apegou-se à herança mágica e desenvolveu-a no seu culto, revestida sempre de tonalidades culturais. Essa é, talvez, a razão principal do desvirtuamento completo do Cristianismo formalista e oficial, hoje felizmente abalado por salutares crises, ante as exigências de renovação dos novos tempos.

O Cristianismo Ateu!? Revisão do Cristianismo ou volta às selvas!

A revisão do Cristianismo impõe-se dentro das próprias igrejas cristãs que o deformaram. As transformações que subitamente ocorreram nelas, após a Segunda Guerra Mundial, surpreendendo os crentes que dormiam no seio de Abraão dos condicionamentos tradicionais, decorrem do fracasso de suas doutrinas híbridas e confusas ante a derrocada moral da chamada Civilização Cristã, devolvida à barbárie pelos títeres ridículos e trágicos do nazi-fascismo. A incapacidade das igrejas falsificadas para enfrentar o avanço das idéias políticas deformadoras do homem e deter a fúria assassina no mundo teria provado a falência total do Cristianismo, se elas realmente representassem a doutrina do Cristo. Seus dirigentes formalmente santificados e seus teólogos embriagados pela vaidade de um saber ilusório tiveram de recorrer a medidas de emergência, entre as quais a reforma teológica que gerou a monstruosidade lógica e ontológica do Cristianismo ateu. Essa proposição aloucada representa um duplo golpe contra o pensamento e contra o ser humano, violentando o desenvolvimento filosófico e aviltando o ser. Ao invés de reconhecerem a falência de suas interpretações do ensino cristão, de suas concepções antiquadas e incongruentes de Deus, apelaram pa-

ra a loucura de Nietzsche. É evidente que chegou a hora em que a volta a Cristo, como queria Lutero, terá de ser empreendida com rapidez e coragem. Ou voltamos à simplicidade lógica e à pureza espiritual do Cristianismo do Cristo ou teremos de voltar à selva para recomeçar a experiência falida de dois mil anos de sofismas, vaidade e ganância desenfreada, de simonia desenfreada no comercialismo dos valores espirituais.

A fascinação da magia aniquilou as esperanças dos crentes e inutilizou o sacrifício dos mártires. O ensino do Cristo, transformado em artigo de consumo falsificado, decepcionou os frequentadores ignorantes mas espertos do mercado religioso. Essa é a realidade indisfarçável desta hora do mundo, em que os cogumelos atômicos, de potencialidade aumentada pela física nuclear, esperam os rebanhos sem pastores na Porta do Aprisco do Templo de Jerusalém, para o último e definitivo sacrifício em massa e sem proveito. Os cristãos que hoje rejeitam o Espírito da Verdade, como rejeitaram os judeus o seu Messias, candidatam-se à diáspora dos mundos inferiores. Não se trata de uma profecia apocalíptica, mas de uma previsão racional, evidente por si mesma no panorama da atualidade. Se não abandonarmos a magia da selva, para reformular nossos conceitos e nossas posições cristãs, na base exclusiva do ensino espiritual de Jesus de Nazaré, teremos de fazer o penoso caminho de volta ao marco zero da selva, para a reeducação em novo ciclo de vidas sucessivas. A magia é o marco do começo, do início da Civilização. Nosso apego a ela mostra que não estamos aptos a passar nos exames finais do curso espiritual.

O ensino moral de Jesus: o único roteiro a seguir.

Mais de vinte civilizações passaram pela Terra e se transformaram em poeira e ruínas, como ensina Toynbee. Dessas ruínas, segundo Cassirer, pudemos tirar a essência de todas elas e promover o Renascimento que deu início à civilização atual. Na Idade Média, ensina Dilthey, elaboramos a consciência moderna, estruturada com as contribuições da Grécia, de Roma e do Cristo. Aprendemos o necessário para pisar no portal da Era Cósmica. Mas não fizemos o necessário para nela entrar. Aproveitemos o tempo que ainda nos resta para nos libertarmos do egoísmo dos primatas e nos elevarmos à compreensão de nossa própria consciência. Ela é o tribunal de Deus instalado em nós mesmos. Não existimos para a violência, mas para o amor. O ensino moral de Jesus, livre dos acréscimos da nossa vaidade, da sabedoria infusa dos sábios pretensiosos, é o roteiro único, mas seguro, de que ainda dispomos. Para segui-lo nesta hora extrema. Para segui-lo enquanto é tempo, revisemos a nossa herança cristã à luz da Verdade.

*

4. – MAGIA, EXORCISMO E OBSESSÃO. Livro: “No Limiar do Amanhã”. Textos de José Herculano Pires organizados por Altamirando Carneiro. Editora Camille Flammarion, 1ª. Ed. 2001.

O que é magia simpática?

Chama-se *magia simpática*, em sociologia, aquela conhecida forma de magia pela qual os selvagens procuravam transmitir doenças e situações dolorosas e difíceis, a uma pessoa, fazendo um bonequinho de cera, com a figura aparente da pessoa que eles queriam atingir.

Essas práticas se propagaram na Idade Média, dando motivos até a numerosos processos de feitiçaria, principalmente em Roma, onde se intensificou muito a luta pelo poder. Houve, naquele tempo, e vimos através da História, numerosos clérigos e nobres envolvidos em práticas de feitiçarias, para derrubar os poderosos do tempo, substituí-los no poder, uma espécie de guerra mágica que se processava. Numerosos processos encontram-se nos arquivos do Vaticano, realizados para descobrir quem estava fazendo magia, contra quem. O coronel Alberto De Rochas, que era um professor do Instituto Politécnico de Paris e foi o seu diretor, publicou um livro interessante, que existe no Brasil, editado pela Edicel, SP, com o título: *A Feitiçaria*, em que ele evoca todo esse tempo de luta com essa espécie de magia.

Praticamente, é a magia simpática, quer dizer: a magia que age por simpatia, adotando-se um processo de ligação e afinidade com a pessoa. Então, através dessa simpatia que se estabelece, quer dizer, dessa relação simpática, entre a pessoa e o feiticeiro, o feiticeiro tendo em mãos um pouco de cabelo da pessoa, um objeto de uso dela, ou qualquer coisa, e fazendo a imagem da pessoa através da qual ela age, pode atingir a pessoa. Isto é o que se chama *magia simpática*, em Sociologia.

A prática do exorcismo não deveria ser proibida pelo Papa?

Eu não compreendo, meu caro ouvinte, como você quer que o Papa proíba a prática do exorcismo. Sua Santidade, o Papa, é o chefe supremo da Igreja Católica. De maneira que ele não teria motivo nenhum, de decretar essa proibição. Além disso, a prática do exorcismo, que vem das religiões mais antigas do Oriente e mesmo do Cristianismo procede diretamente do Judaísmo. Os judeus praticavam e praticam até hoje uma forma de exorcismo, a mesma que deu origem à forma de exorcismo do Catolicismo. Não há motivo, pois, do ponto de vista da pergunta, que o Papa visse a proibir o exorcismo, a menos que o mesmo estivesse prejudicando a sua igreja.

Tem certos sacerdotes, ou padres, que procuram combater o Espiritismo através do exorcismo, expulsando os demônios, que não existem. Nós devemos, sim, orar àqueles pobres Espíritos. Não é verdade, professor?

Sim. Porque são Espíritos inferiores, sofredores e que se servem do nome do diabo como uma forma de amedrontar mais, não só aquela pessoa que eles estão atingindo, como as outras pessoas que querem salvar o obsedado, o perseguido. É necessário que, ao invés de afastarmos os Espíritos com práticas de expulsão, que pertencem a um passado longínquo, remoto, da humanidade, nós, que compreendemos o problema e sabemos que os Espíritos que atuam sobre uma pessoa são nossos próprios irmãos em humanidade, criados por Deus, filhos de Deus como nós mesmos, venhamos a dar um pouco de atenção a eles, porque estão num plano bastante inferior da Espiritualidade. Neste plano, eles não têm felicidade, não têm alegria e sofrem. Eles levam uma vida, muitas vezes, de mais sofrimento, do que aqui na Terra. Se eles procuram atacar aquela pessoa, é porque querem vingar-se de alguma coisa, que em vidas anteriores lhes fora feita.

É necessário que nós compreendamos e deixemos de lado as práticas violentas de expulsão dos Espíritos, apelando para as práticas espíritas de desobsessão, que são práticas de doutrinação, através das quais tanto se doutrina o obsedado, quanto o obsessivo. E o nome do diabo fica praticamente excluído, porque, se nós chamamos um Espírito desses de diabo, de demônio, eles ficam satisfeitos com isso. Porque eles acham que estão se impondo, que nos estão atemorizando, ao passo que, tratando-os como criaturas humanas, o que na realidade eles são, conseguimos tocar-lhes o coração e a consciência. Pois todas as criaturas, encarnadas e desencarnadas, mesmo aquelas que nos pisam e nos maltratam, têm consciência, afetividade e sentimentos. E quando tocamos nestes pontos de suas personalidades, elas se arrependem do que fizeram, se convertem ao bem.

Às vezes, eu fico toda esquisita e me vem um pensamento assim: “não gosto deste Planeta. Gostaria de ir logo para outro”. Então, vem à minha mente a imagem de um lugar que parece que conheço. Isto se passa logo e parece que saí de um sono hipnótico.

É bom que a senhora tenha cuidado com essa situação, pelo seguinte: porque em geral isso decorre de uma condição do nosso próprio Espírito. A senhora não se sente bem, na vida terrena; o seu Espírito desejaria coisas que não encontra aqui na Terra. Pode ter saudades, reminiscências de paragens do espaço, onde viveu, de uma vida mais feliz do que aqui. Então o seu Espírito, ao lembrar-se dessas coisas, numa lembrança vaga que parece uma aspiração secreta, que sobe do íntimo, cai num estado de melancolia.

Há em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* um capítulo chamado *Melancolia*, que a senhora deve ler. Este capítulo esclarece bem esse problema. *Melancolia* é um tópico no meio do capítulo V – *Bem Aventurados os Aflitos*, onde a senhora encontra a mensagem de um Espírito, interessante e esclarecedora a respeito desse problema.

Nós estamos na Terra, porque precisamos. O seu espírito pediu para vir aqui. Porque nós todos precisamos vir à Terra, a fim de recompormos certas situações que criamos em vidas anteriores e desenvolvermos melhor as nossas potencialidades internas, aperfeiçoando-nos moral e espiritualmente. Temos, então, de enfrentar os problemas aqui na Terra, na vida em que estamos. Mas quando estas sensações, dando-nos um desejo de fuga, como no seu caso, nos atingem e nos querem levar para longe da realidade, nos querem afastar dos nossos deveres, do cumprimento dos nossos deveres imediatos, aqui na Terra, isto acontece, também, porque existe a influência de Espíritos interessados em perturbar a nossa evolução, de Espíritos que vêm atrapalhar-nos e que incentivam isso, com suas idéias.

Esses Espíritos começam a nos transmitir pensamentos favoráveis àquilo que estamos pensando e vamos nos aprofundando, cada vez mais, nesta situação de abandono, nesta situação aleatória, aliando-nos ao ambiente, à realidade, procurando uma felicidade impossível neste mundo, ou querendo escapar deste mundo para outro mundo, ou então, querendo escapar deste mundo para outro melhor.

Estes pensamentos nos fazem deixar de cumprir muitos dos pontos principais aqui na Terra e, então, teremos que ficar mais apegados, ainda, ao Planeta, pela necessidade de cumprir, em vidas posteriores, o que deixamos inacabado. Fuja, portanto, cara ouvinte, disso. Evite essas situações. Quando isso ocorrer, leia a mensagem: *Melancolia*, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, eleve seu pensamento a Deus. Peça forças para a senhora continuar. E não se entregue a essas sensações, porque isso depende, principalmente, da senhora. Se a senhora se recusar a entregar-se, não cairá neste estado.

*

5 – NEGROS E ÍNDIOS TERAPEUTAS. Livro: “A Ciência Espírita”. Editora Paidéia, 1ª. Edição, 1979, pág. 99.

O que vale no espírito não é a sua qualificação social, mas a sua condição moral.

As manifestações espíritas de negros e índios são comuns, não raro intervindo nos processos de cura. Isso causa espécie a pessoas ainda impregnadas de antigos preconceitos. “Como podem esses espíritos primários ainda apegados à era do barro – dizia-nos famoso jornalista – manifestarem-se como orientadores e terapeutas num meio de civilização superior?” Acontece que a população espiritual da Terra é semelhante à sua população encarnada. Não existem discriminações injustas no tocante às possibilidades de intercâmbio espiritual. O que vale no espírito não é a sua qualificação social, mas a sua condição moral. O processo da reencarnação elimina os motivos dos preconceitos terrenos. Um negro velho que se manifesta como tal, poderia também manifestar-se apenas como espírito, ou até mesmo como espírito de uma encarnação de amarelo ou de branco por que já passara. Na Inglaterra supercivilizado do século passado o famoso escritor, médico e historiador Arthur Conan Doyle gostava de conversar mediunicamente com espíritos de negros e índios. A entidade hoje considerada, pelos espíritas ingleses, como orientadora do movimento espírita britânico é precisamente Sylvers Bicherm, um índio. Sua prudência e sabedoria tornaram-se proverbiais. No Brasil as manifestações de negros e índios são altamente consideradas no meio culto. Um episódio curioso deve ser lembrado como altamente significativo. O cirurgião-dentista católico, Dr. Urbano de Assis Xavier, começou a sofrer inesperadamente de ocorrências mediúnicas, que atribuiu a manifestações epileptóides. Um espírito de negro velho, que dava o nome de Pai Jacó, aconselhou-o a procurar em Matão (SP), o farmacêutico Cairbar Schutel, de origem alemã, diretor de um jornal e uma revista espíritas. Schutel resolveu submetê-lo a uma experiência mediúnica, mas, disse, “não me agrada a presença desse preto velho”. Realizada a experiência, Schutel disse a Urbano: “Nunca gostei dessas manifestações de negros e índios, mas o seu Pai Jacó encheu-me as medidas, revelando um conhecimento doutrinário que me assombrou”. Mais tarde Pai Jacó explicou a Schutel que ele havia sido um médico holandês em encarnação anterior, mas na última viera como negro. E como nela aprendera e desenvolvera a virtude da humildade, preferia manifestar-se como preto velho.

A famosa médium Ivone Pereira relata o caso de um índio brasileiro que a auxiliava em seus desprendimentos mediúnicos, salvando-a de dificuldades diversas. Um ilustre magistrado da Justiça Paulista recebia, ele mesmo, como médium em seus trabalhos regulares de Espiritismo, o espírito de um índio. São muitos os casos dessa natureza, e as explicações a respeito, dadas pelos próprios espíritos manifestantes reportam-se sempre às aquisições de virtudes morais que fizeram em encarnações humildes. Parece haver também, nessas manifestações, por sua constância e regularidade, uma ação programada no sentido de mostrar a iniquidade das discriminações raciais. O espírito moralmente elevado não se prende aos tolos condicionamentos e preconceitos dos homens. No Brasil e em toda a América a influência das religiões primitivas de negros e índios são bem marcantes. A terapêutica ingênua dos rituais negros e das beberagens indígenas domina praticamente toda a medicina popular. As credências mais primitivas gozam de enorme prestígio.

O processo de depuração através dos estudos das obras fundamentais de Allan Kardec.

As manifestações de espíritos de negros e índios têm contribuído, de maneira ambivalente, para o repúdio e a procura das organizações espíritas. A peneira doutrinária, usada sempre por pessoas de nível cultural acima do vulgar, vai aos poucos corrigindo os excessos do sincretismo religioso, já bastante pesquisado e estudado pelos nossos sociólogos. A mentalidade espírita, já desenvolvida em extensas camadas da população, vai demarcando as linhas evolutivas do processo de depuração. Cabe aos líderes espíritas acelerarem esse processo, com uma difusão mais acentuada e segura dos princípios doutrinários, através das obras fundamentais de Allan Kardec. Negros e índios têm o mesmo direito de colaborar nesta hora de transição, como brancos e amarelos. Mas

sem a orientação segura do pensamento doutrinário, nas bases sólidas, lógicas e altamente culturais de Kardec, estaremos ameaçados de cair nos barrancos do caminho pelas mãos pretensivas de cegos condutores de cegos.

Essa exigência de Kardec nas atividades espíritas é tão natural como a do Cristo no desenvolvimento do Cristianismo. Porque ambos, encarnaram em suas manifestações ônticas (que se refere ao ente, ser) e existenciais, cada qual a seu tempo, os princípios fundamentais da revolução conceptual cristã-espírita que ora se realiza de maneira decisiva na preparação da Era Cósmica. Esta não é uma afirmação gratuita, pois visível no processo histórico, nas revelações da pesquisa espírita mundial, nas manifestações de entidades espirituais superiores e na constatação dos examinadores conscientes cultural e espiritualmente capacitados das coordenadas Cristãs e espíritas no mundo. Kardec não é dogma, é razão. Temos de nos orientar pela sua obra, porque não existe outra que coloque os problemas cristãos e espíritas com tanta clareza e segurança, sem mistificações e alucinações, impondo-se a todas as mentes racionais e clarividentes que tomaram contato, em todo o mundo, com a obra kardeciana. É ingênuo ou pretensioso, louco ou megalômano todo aquele que se atreve a tocar na obra de Kardec com a intenção estúpida de adaptá-la aos tempos atuais, para os quais ela foi especialmente elaborada. Essas criaturas insensatas e autoconvencidas de uma lucidez que não possuem, da qual jamais deram a mínima prova, só fizeram até hoje confundir as mentes submissas, acostumadas ao pastoreio clerical. Viciadas a submeterem-se aos reformadores providenciais que ensangüentaram a Terra, essas criaturas desviam-se do roteiro cristão e espírita.

A história recente das loucuras de reformadores insensatos está diante de nós no panorama atual do mundo. Os que rejeitam Kardec para aceitar renovadores grotescos de sua obra fazem o papel dos porcos do Evangelho, que refugam as pérolas da verdade porque só desejam o milho da vaidade. Não podem provar os seus dons de profecia, porque só possuem as alucinações de uma vaidade desmedida. As teclas falsas de suas pianolas grotescas só não ferem os ouvidos entorpecidos pela ignorância.

Espíritos de negros e de índios dotados de humildade: voluntários de boa vontade.

Negros e índios dotados de humildade, não apegados às suas religiões de origem selvagem, formam na linha humilde dos voluntários de boa-vontade que nada querem para si mesmos e tudo almejam de verdadeiro e bom, de legítimo e puro para toda a Humanidade. Igualam-se na simplicidade natural dos povos primitivos. Levados à lei de adoração, deslumbram-se com as manifestações dos espíritos superiores e mostram-se sensíveis à doutrinação espírita. A bondade natural do homem antes da queda social da teoria de Rousseau, renasce nesses espíritos que aprenderam a solidariedade tribal na selva. Aprenderam na educação tribal, que as pesquisas antropológicas e pedagógicas revelaram ser sempre tocada de bondade e paciência, o respeito pelos companheiros e aliados, só considerando como maldosas as criaturas inimigas. Essa ingenuidade selvagem, desenvolvida no contato com a natureza, como observou Ernesto Bozzano em *Popoli Primitive e Manifestazioni Supernormale*, permite as relações paranormais entre homens e espíritos, numa cosmossociologia semelhante à que Durkahem assinalou na condição natural das cidades gregas antigas, em que deuses e homens conviviam em plena Natureza. Dessa maneira, os espíritos de negros e índios utilizam-se também, quando permitido pelos espíritos superiores, de sua terapêutica primitiva e natural, misturando práticas das selvas da América e da África. É a contribuição paranormal ou espírita à medicina folclórica ou popular.

Essa miscigenação cultural corre por conta dos brancos. O Espiritismo esclarece: toda grandeza do homem está no seu espírito.

Essa miscigenação cultural, amplamente difundida em toda a América, não corre por conta dos negros e índios, mas dos brancos que, por interesses subalternos e de maneira cruel os arrancaram de suas nações para submetê-los à escravidão. Espíritos europeus arrogantes, que se encharcaram de orgulho nas civilizações de guerras de conquistas, reencarnam-se nas selvas para obterem a cura de suas deformações morais e preferem, nas suas relações de pós-morte com os brancos, apresentarem-se como negros ou índios, pois, como disse um deles a Ivone Pereira, não gostaria de apresentar-se como bandoleiro, assaltante e assassino que foi nas civilizações ditas refinadas.

O Espiritismo explica a complexidade desse problema e revela a sua grandeza moral no desenvolvimento espiritual da humanidade. É precisamente no plano social terreno, onde a dispersão da unidade humana gera as discriminações, que a reintegração na unidade vai se processar no difícil aprendizado do princípio do amor ao próximo. Negros, amarelos, vermelhos, pardos e brancos desenvolvem suas aptidões humanas de maneira progressiva, em comum no processo existen-

cial, tendendo sempre para o restabelecimento da unidade. Todas as características do homem, desde a sua constituição física, o desenvolvimento corporal, os desejos, a vontade e as aspirações, até a estrutura da consciência são do mesmo padrão em todas as raças e sub-raças de cada era do mundo. Cassirer podia acrescentar, à sua teoria da noite e do dia, dos homens noturnos e dos homens diurnos, a teoria da miscigenização universal para a restauração da unidade espiritual e material das espécies num futuro já hoje perceptível. A fragmentação platônica dos arquétipos na matéria se apresenta, à luz do Espiritismo, como um processo de dinamização das potencialidades arquetípicas dos seres na multiplicidade, para uma volta enriquecida à unidade dinâmica visualizada da teoria de Geley. Por isso Leon Denis considerou, em seu livro *O Gênio Celta e o Mundo Invisível*, o Espiritismo, na sua expressão teórica, como doutrina, e na sua realidade prática, como uma síntese factual do Todo Universal. E isso muito antes de *A Grande Síntese* de Ubaldí e da obra de Teilhard de Chardin sobre o processo da evolução humana. A visão do Druida da Lorena, como Conan Doyle chamava a Denis, foi uma precognição espantosa, como as que ocorriam no mundo celta.

O homem, com todo o seu orgulho, não passa de um fragmento de ser. A lenda socrática dos andróginos, que Zeus cortou em duas metades equivale à lenda bíblica de Adão e Eva, criados separadamente para se ligarem na parelha humana. A grandeza do homem não está no seu físico, que não passa de uma metade biológica, necessitando da outra metade para reproduzir-se. Toda a grandeza do homem está no seu espírito, que cria por si mesmo, acima e além das exigências materiais. É no espírito que as unidades perdidas se reencontram e se refundem, como na lenda balzaquiana de *Seraphite*, o ser total.

LICEU ALLAN KARDEC - BURI**CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO. 1º. Ano.****CAPÍTULO V – CONTINUAÇÃO****IV – PRÁTICA MEDIÚNICA**

1) O LIVRO DOS MÉDIUNS – 2ª. PARTE (Cap.XVII): Desenvolvimento da Mediunidade. Q. 219:

MUDANÇA DE CALIGRAFIA.

219. Fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é o da mudança de caligrafia, segundo os Espíritos que se comunicam. E o mais notável é que a mesma caligrafia se repete sempre com o mesmo Espírito e às vezes é idêntica à que ele tinha em vida. Veremos mais tarde as conseqüências que se podem tirar disso, no tocante à identificação. Essa mudança só ocorre com os médiuns mecânicos e semimecânicos, porque nesses o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito. Não se dá o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois nestes o Espírito age apenas sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, como nas circunstâncias comuns.

Mas a uniformidade da escrita, mesmo num médium mecânico, nada prova absolutamente contra a sua faculdade, pois a mudança de caligrafia não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos, mas decorre de uma aptidão especial, de que os médiuns mais decisivamente mecânicos nem sempre são dotados. Designamos os que a possuem por *médiuns polígrafos*. (Nota do tradutor José Herculano Pires: Os casos de reprodução mediúnica de caligrafia de mortos são numerosos e, como sempre, suscitaram hipóteses e explicações fantásticas dos negadores. Quanto mais dotado de conhecimentos científicos o negador, mais se empenham em “explicar” os casos a seu modo. No campo religioso dá-se o mesmo. O prof. e rev. Otoniel Mota relata em seu livro “Temas Espirituais” um caso de comunicação escrita recebida pelo Dr. Felício dos Santos (“que por algum tempo se entregou à prática do Espiritismo, mas morreu católico praticante”) nesta capital. O Espírito comunicante havia sido professor e amigo do autor, que identificou a caligrafia do mestre, embora explicando que se tratava do Demônio. (“Temas Espirituais”, Imprensa Metodista, São Paulo, 1945).

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE.

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, tanto para as manifestações físicas, quanto para a escrita. Eis a resposta dos Espíritos a algumas perguntas feitas a propósito:

1. Os médiuns podem perder a faculdade? – Isso acontece com freqüência, qualquer que seja o gênero da faculdade. Mas quase sempre, também, não passa de uma interrupção momentânea, que cessa com a causa que a produziu.

2. A causa da perda da mediunidade seria o esgotamento do fluido? – Qualquer que seja a faculdade do médium, ele não tem poder sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta, mas freqüentemente são os Espíritos que não querem ou não podem servir-se dele.

3. Qual a causa do abandono do médium pelos Espíritos? – O uso que ele faz da mediunidade é o que mais influi sobre os Espíritos bons. Podemos abandoná-lo quando ele a emprega em futilidades ou com finalidades ambiciosas, e quando se recusa a transmitir as nossas palavras ou a colaborar na produção dos fenômenos para os encarnados que apelam a ele ou que precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para o seu prazer, e menos ainda para servir às suas ambições, mas para servir ao seu progresso e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium não corresponde mais aos seus propósitos, nem aproveita as instruções e os conselhos que lhe dá, afasta-se e vai procurar um protegido mais digno.

4. O Espírito que se afasta não pode ser substituído, e nesse caso como se poderia compreender a suspensão da faculdade? – Não faltam Espíritos que desejam acima de tudo comunicar-se e estão sempre prontos a substituir os que se retiram. Mas quando este é

um Espírito bom, pode ter se afastado momentaneamente, privando-o por algum tempo de toda comunicação para que isso lhe sirva de lição e lhe prove que a sua faculdade *não depende dele* e por isso mesmo não lhe deve servir para envaidecimento. Essa privação momentânea tem ainda o fim de provar ao médium que ele escreve sob influência de outro, pois de outro modo não haveria intermitências. De resto, a interrupção da faculdade não é sempre uma punição, demonstrando às vezes a solícitude do Espírito pelo médium a quem se afeiçoou, e ao qual deseja proporcionar um repouso que julga necessário. Nesse caso ele não permite que outros Espíritos o substituam.

5. Mas existem médiuns de muito merecimento, moralmente falando, que não sentem nenhuma necessidade de repouso e ficam muito contrariados com a interrupção, cujo objetivo não compreendem. – Serve para experimentar-lhes a paciência e avaliar a sua perseverança. É por isso que os Espíritos geralmente não marcam o fim da suspensão, pois querem ver se o médium desanima. Muitas vezes também é para lhe deixar tempo de meditar sobre as instruções que lhe deram. É por essa meditação que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos considerar assim os que, na verdade, são simples amadores de comunicações.

6. É então necessário que o médium prossiga nas tentativas de escrever? – Se o Espírito o aconselhar, sim; mas se lhe disse que se abstenha, deve obedecê-lo.

7. Ele teria um meio de abreviar a prova? – A resignação e a prece. No mais, basta fazer diariamente uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil desperdiçar tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa tem apenas o fim de verificar se já recobrou a faculdade.

8. A suspensão implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam? – De maneira alguma. O médium se acha na situação da pessoa que tivesse perdido a vista momentaneamente, mas não foi abandonada pelos amigos, embora não os veja. O médium pode e deve continuar a conversar pelo pensamento com os Espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações por meio material com certos Espíritos, não o priva das comunicações mentais.

9. Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre é uma censura dos Espíritos? – Não, sem dúvida, pois pode ser uma demonstração de benevolência.

10. Por que meio se pode reconhecer uma censura na interrupção? – Que interrogue a sua consciência e pergunte a si mesmo que uso tem feito da sua faculdade, que bem disto tem resultado para os outros, *que proveito tem tirado dos conselhos que lhe deram*, e terá a resposta.

11. O médium impedido de escrever não pode recorrer a outro? – Isso depende da causa da interrupção. Essa é quase sempre a necessidade de vos deixar tempo para meditação, após os conselhos que vos foram dados, a fim de não vos deixar acostumado a nada fazer sem nós. Nesse caso ele não encontrará o que procura com outro médium, e isso tem ainda um fim, que é o de provar a independência dos Espíritos, que não podeis fazer agir à vossa vontade.

É também por essa razão que os que não são médiuns nem sempre obtêm todas as comunicações que desejam.

Observação – *Deve-se observar, com efeito, que os que recorrem a um terceiro para obter comunicações, muitas vezes nada obtêm de satisfatório, enquanto, noutras ocasiões, as respostas obtidas são bastante explícitas. Isso de tal maneira depende da vontade dos Espíritos, que nada se consegue mudando de médium. Parece que os próprios Espíritos obedecem, nesse caso, a uma palavra de ordem, pois o que não se consegue de um, de outro não se obterá melhor. Deve-se então evitar de insistir e de se impacientar, para não ser vítima de Espíritos enganadores, que responderão se o desejarmos ardentemente, pois o bons deixarão que o façam, para punirem a nossa teimosia.*

12. Com que fim a Providência dotou certas pessoas de mediunidade, de uma maneira especial? – É uma missão de que as encarregou e de que elas se sentem felizes: são intérpretes entre os Espíritos e os homens.

13. Mas há médiuns que só empregam a sua faculdade com má vontade. – São médiuns imperfeitos. Não sabem o valor da graça que lhes foi concedida.

14. Se é uma missão, porque não se apresenta como privilégio dos homens de bem, sendo dada a pessoas que não merecem nenhuma consideração e que podem abusar dela? – Precisamente porque essas pessoas necessitam dela para se aperfeiçoarem, e para que tenham a possibilidade de receber bons ensinamentos. Se não a aproveitarem, sofrerão as conseqüências. Jesus não falava de preferência aos pecadores, dizendo que é preciso dar aos que não têm?

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não o conseguem, podem chegar a conclusões negativas contra si mesmas, no tocante à boa vontade dos Espíritos para com elas? – Não, porque Deus pode haver-lhes recusado essa faculdade, como pode haver-lhes recusado o dom da poesia ou da música, mas se não gozam desses favores, podem gozar de outros.

16. Como um homem pode aperfeiçoar-se pelo ensinamento dos Espíritos, quando não tem, seja por seu intermédio ou de outros médiuns, a possibilidade de receber esse ensino direto? – Não têm eles os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus os cristãos não precisam ter ouvido as palavras da própria boca do mestre. (Nota do tradutor José Herculano Pires: A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extrasensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribuiu segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. O *ensino direto* dos Espíritos não é dado apenas através dos médiuns propriamente ditos, ou seja, das pessoas investidas de *mediunato* (missão mediúnica), mas também e principalmente pelas intuições boas que todos recebem, e que podem receber em maior quantidade, quanto mais as aproveitarem. Nossas relações com os Espíritos são permanentes, constituindo um aspecto da Natureza que só agora as Ciências começam a pesquisar. E o ensino espiritual, como se vê na resposta acima, encontra-se também nos livros religiosos e nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, ao alcance de todos).

*

2) Livro: “OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO”. De José Herculano Pires, Editora Paidéia, 8ª. Ed., 2002.

A) OBSESSÃO. “FREUD E KARDEC”. Pág.15.

(Livro de André Luiz, Ação e Reação, pg. 204: Freud e a teoria da libido – a energia através da qual o instinto sexual se revela na mente. Freud pretendeu explicar o campo emotivo das criaturas pela medida absoluta das sensações eróticas. ...Não podemos limitar às loucuras humanas a função do sexo... Impulso sexual como procura de prazer? Sim, para as experiências primárias do Espírito, no mundo físico. A energia criadora do amor assegura a estabilidade do Universo... a alma busca sempre prazeres mais nobres, em se aperfeiçoando...)

Muitos psicólogos e psiquiatras acusam o Espiritismo de invadir os seus domínios científicos nos casos de perturbações mentais e psíquicas. Desconhecendo a Doutrina Espírita e sua história, não sabem que se deu exatamente o contrário. Afirmam que a Obsessão é uma perturbação decorrente de desequilíbrios endógenos, ou seja, das próprias estruturas psico-mentais do paciente em relação com os fatores ambientais. Atribuem quase tudo à constituição do paciente, a disfunções orgânicas e particularmente cerebrais ou afetivas. O inconsciente é geralmente a sede de todos os distúrbios psíquicos. Entendem que os espíritos confundem os fantasmas imaginários gerados por manifestações patológicas do paciente com fantasmas reais das mais antigas superstições mágicas e religiosas da Humanidade. Acham que o Espiritismo representa um processo de volta ao mundo da superstição.

Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec levantou o problema do inconsciente em termos científicos, nas suas pesquisas dos fenômenos espíritos, hoje cha-

mados cientificamente de paranormais. Kardec foi mais fundo do que Freud no assunto, atingindo o problema dos arquétipos individuais e coletivos, que somente Adler e Jung iriam pesquisar mais tarde. **(Observação:** Arquétipo, no Espiritismo=resíduos de experiências vividas em outras vidas, reminiscências. Arquétipo (psicologia de Jung), modelo do qual se faz uma obra imaterial, ou intelectual; modelo, padrão. Idéia ou pensamento proveniente do inconsciente coletivo, que aparece nos mitos, nos contos e em todas as produções imaginárias de qualquer indivíduo sadio, neurótico ou psicótico. Jung distingue dois inconscientes: o individual e o coletivo; o inconsciente coletivo – arquétipos – seria herdado dos antepassados que se manifestam através de símbolos religiosos. No Espiritismo, arquétipo=resíduos de experiências vividas em outras vidas, reminiscências).

Na pesquisa do problema do animismo (o espírito do médium interfere na comunicação do espírito) nas manifestações mediúnicas, e das infiltrações anímicas em manifestações reais, Kardec acentuou devidamente a importância das manifestações do inconsciente no comportamento individual e coletivo. Freud encarou a questão dos sonhos nos limites da sua doutrina. Kardec, durante nada menos de doze anos, já havia realizado intensivas pesquisas de psicologia experimental (pioneirismo absoluto nesse campo) na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Hoje, as pesquisas parapsicológicas, realizadas nos maiores centros universitários de todo o mundo, comprovam inteiramente o acerto de Kardec.

Damos essas informações históricas unicamente para que as vítimas de obsessões e os familiares por elas responsáveis não se deixem levar por enganos fatais em casos difíceis de obsessão. A Ciência Espírita não se opõe às Ciências Materiais em nenhum campo, tentando apenas ajudá-las com a necessária complementação das suas pesquisas e conquistas próprias. É fácil verificar a verdade destas informações na simples consulta às obras de Kardec, incluindo-se os relatos sobre obsessões e desobsessões em seus trabalhos publicados na coleção da Revista Espírita, hoje inteiramente traduzida e publicada em nossa língua.

B) O PASSE. “A TÉCNICA DO PASSE”. Pág. 49.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante. Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento – e, portanto, charlatanismo – querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual. As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

C) DOUTRINAÇÃO. “OS RECÉM-DESENCARNADOS”. Pág. 77.

As manifestações de espíritos recém-desencarnados ocorrem com freqüência nas sessões destinadas ao socorro espiritual. Revelam logo seu estado de angústia ou confusão, sendo facilmente identificáveis como tal. Muitas vezes são crianças, o que provoca estranheza, pois parecem desamparadas. Quando esses espíritos se queixam de frio, pon-do, às vezes, o médium a tremer, com mãos geladas é porque estão ligados mentalmente ao cadáver. Se o doutrinador lhes disser cruamente que morreram ficam mais assustados e confusos. É necessário cortar a ligação negativa, desviando-lhes a atenção para o campo espiritual, fazendo-os pensar em Jesus e pedir o socorro do seu espírito protetor. Trata-se a entidade como se ela estivesse doente e não desencarnada. Muda-se a situação mental e

emocional, favorecendo a sua percepção dos espíritos bons que a cercam; em poucos instantes a própria entidade percebe que já passou pela morte e que está amparada por familiares e espíritos que procuram ajudá-la.

Nos casos de crianças desamparadas que chamam pela mãe o quadro é tocante, emocionando as pessoas sensíveis. Mas a verdade é que essas crianças estão assistidas. O fato de não perceberem a assistência decorre de motivos diversos: a incapacidade de compreender por si mesmas a situação, a completa ignorância do problema da morte em que foram mantidas ou conseqüências do passado reencarnatório em que abandonaram as crianças ao léu ou mesmo que as mataram. A reação moral da lei de causa e efeito as obriga a passar pelas mesmas condições a que submeteram outros seres em vida anterior. O doutrinador deve lembrar, nessas ocasiões, que o Mundo Espiritual é perfeitamente organizado e que essas provas de resgate e ensino passam rapidamente. Tratado com amor e compreensão, esses espíritos logo percebem a presença de entidades que na verdade já o socorriam e a levaram à sessão para facilitarem a sua percepção do socorro espiritual. Ninguém fica ao desamparo depois da morte. Essas mesmas situações chocantes representam socorro ao espírito para despertar-lhes a piedade que não tiveram em vida.

Quanto às manifestações de crianças que são consideradas como espíritos pertencentes às legiões infantis de socorro e ajuda, o doutrinador não deve deixar-se levar por essa aparência, mas doutriná-lo para que ele retome com mais facilidade a sua posição natural de adulto, o que depende apenas de esclarecimento doutrinário. As correntes de crianças que se manifestam nas linhas de Umbanda e outras formas de mediunismo popular são formadas por espíritos que já estão capazes de ser encaminhados como espíritos adultos no plano espiritual. Se lhe dermos atenção, continuarão a manifestar-se dessa maneira, entregando-se a simulações que, embora sem intenções malévolas, prejudicam a sua própria e necessária reintegração na vida espiritual de maneira normal. Esses espíritos, apegados à forma carnal em que morreram (como crianças) entregam-se a fantasias e ilusões que lhe são agradáveis, mas que, ao mesmo tempo, os desviam de suas obrigações de após-morte. O mesmo acontece com espíritos que se manifestam como debilóides ou loucos. Precisam ser chamados à razão, pois entregam-se comodamente à lei de inércia, querendo continuar indefinidamente como eram na sua encarnação já finda. Ocorre o mesmo no caso de espíritos que se manifestam em condições larvares (animal que surge da eclosão do ovo) ou animais. O doutrinador não pode aceitá-los como se apresentam, pois estão simplesmente tentando fugir às suas responsabilidades, através de ardis a que se apegam e com os quais muitas vezes se divertem.

Todos os espíritos, ao passarem pela morte, têm o dever de reintegrar-se na posse de sua consciência e dos seus deveres. Gozando do seu livre arbítrio, apegados às condições que lhe parecem favoráveis para viverem à vontade, entregam-se a ilusões que devem ser desfeitas pela doutrinação. É para isso que são levados às sessões, e não para serem acocados em suas fantasias. Os espíritos que os protegem recorrem ao ambiente mediúnico para que eles possam ser mais facilmente chamados à realidade, graças às condições humanas em que mergulham no fluido mediúnico das sessões.

*

3) LIVRO “O CONSOLADOR” (EMMANUEL). MEDIUNIDADE. DESENVOLVIMENTO – “APOSTOLADO”. Questões 402 a 411.

402 – *Seria justo aceitar remuneração financeira no exercício da mediunidade?*
 – Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais. A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos. A mediunidade não é ofício do mundo, e os Espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos da carne, as necessidades dos seus intermediários.

403 – *É razoável que os médiuns cogitem da solução de assuntos materiais junto dos seus mentores do plano invisível?* – Não se deve esquecer que o campo de atividades materiais é a escola sagrada dos Espíritos incorporados no orbe terrestre. Se não é possível aos amigos espirituais quebrarem a lei de liberdade própria de seus irmãos, não é lícito que o médium cogite da solução de problemas materiais junto dos Espíritos amigos. O mundo é o caminho no qual a alma deve provar a experiência, testemunhar a fé, desenvolver as tendências superiores, conhecer o bem, aprender o melhor, enriquecer os dotes individuais.

O médium que se arrisca a desviar suas faculdades psíquicas, para o terreno da materialidade do mundo, está em marcha para as manifestações grosseiras dos planos inferiores, onde poderá contrair os débitos mais penosos.

404 – *Deve o médium sacrificar o cumprimento de suas obrigações no trabalho cotidiano e no ambiente sagrado da família, em favor da propaganda doutrinária?* – O médium somente deve dar aos serviços da Doutrina a cota de tempo de que possa dispor entre os labores sagrados do pão de cada dia e o cumprimento dos seus elevados deveres familiares. A execução dessas obrigações é sagrada e urge não cair no declive das situações parasitárias, ou do fanatismo religioso. No trabalho da verdade, Jesus caminha antes de qualquer esforço humano e ninguém deve guardar a pretensão de converter alguém, quando nas tarefas do mundo há sempre oportunidade para o preciso conhecimento de si mesmo. Que médium algum se engane em tais perspectivas. Antes sofrer a incompreensão dos companheiros, que transigir com os princípios, caindo na irresponsabilidade ou nas penosas dívidas de consciência.

405 – *Poder-se-á admitir que os espíritistas se valham de um apostolado mediúnico, para solução de todas as dificuldades da vida?* – O médium não deve ser sobrecarregado com exigências de seus companheiros, relativamente às dificuldades da sorte. É justo que seus irmãos se socorram das suas faculdades, em circunstâncias excepcionais da existência, como nos casos de enfermidade e outros que se lhe assemelhem. Todavia, cercar um médium de solicitações de toda natureza é desvirtuar a tarefa de um amigo, eliminando as suas possibilidades mais preciosas e, além do mais, não se deverá repetir no Espiritismo sincero a atitude mental dos católico-romanos, que se abandonam junto à “imagem” de um “santo”, olvidando todos os valores do esforço próprio.

Os núcleos espíritistas precisam considerar que em seus trabalhos há quem os acompanhe do plano superior e que receberão sempre o concurso espiritual de seus irmãos libertos da carne, dependendo a satisfação desse ou daquele problema particular dos méritos de cada um. Proceder em contrário é eliminar o aparelho mediúnico, fornecendo doloroso testemunho de incompreensão.

406 – *Quando um investigador busque valer-se dos serviços de um médium, é justo que submeta o aparelho medianímico a toda sorte de experiência, a fim de certificar-se dos seus pontos de vista?* – Depende do caráter dessas experiências e, quaisquer que elas sejam, o médium necessita de muito cuidado, porquanto, no caminho das aquisições espirituais, cada investigador encontra o material que procura. E quem se aproxima de uma fonte espiritual, tisonando-a com a má-fé e a insinceridade, não pode, por certo, saciar a sede com uma água pura.

407 – *Para que alguém se certifique da verdade do Espiritismo, bastará recorrer a um bom médium?* – Os estudiosos do Espiritismo, ainda sem convicção valorosa e séria no terreno da fé, precisam reconhecer que em trabalhos dessa ordem não basta o recurso de um bom médium. O medianeiro não fará milagres dentro da natureza. Faz-se mister que o investigador, a par de uma curiosidade sadia, possua valores morais imprescindíveis, como a sinceridade e o amor do bem, servindo a uma existência reta e fértil de ações puras.

408 – *Seria proveitosa a criação de associações de auxílio material aos médiuns?* – No Espiritismo é sempre de bom aviso evitar-se a consecução de iniciativas ten-

dentes a estabelecer uma nova classe sacerdotal no mundo. Os médiuns, nesse ou naquele setor da sociedade humana, devem o mesmo tributo ao trabalho, à luta e ao sofrimento, indispensáveis à conquista do agasalho e do pão material. Ao demais, temos de considerar, acima de toda proteção precária do mundo, o amparo de Jesus aos seus trabalhadores de boa-vontade. Toda expressão de sacrifício sincero está eivada de luz divina, todo trabalho sincero é elevação e toda dor é luz, quando suportada com serenidade e confiança no Mestre dos mestres.

409 – *Como deverá proceder o médium sincero para a valorização do seu apostolado?* – O médium sincero necessita compreender que, antes de cogitar da doutrinação dos Espíritos, ou de seus companheiros de luta na Terra, faz-se mister a iluminação de si próprio pelo conhecimento, pelo cumprimento dos deveres mais elevados e pelo esforço de si mesmo na assimilação perfeita dos princípios doutrinários. No desdobramento dessa tarefa, jamais deve descuidar-se da vigilância, buscando aproveitar as possibilidades que Jesus lhe concedeu na edificação do trabalho estável e útil. Não deve cultivar o sofrimento pelas queixas descabidas e demasiadas e nem recorrer, a todo instante, à assistência dos seus guias, como se perseverasse em manter uma atitude de criança inexperiente. O estudo da Doutrina e, sobretudo, o cultivo da auto-evangelização devem ser ininterruptos. O médium sincero sabe vigiar, fugindo da exploração material ou sentimental, compreendendo, em todas as ocasiões, que o mais necessitado de misericórdia é ele próprio, a fim de dar pleno testemunho do seu apostolado.

410 – *Onde o maior escolho do apostolado mediúnico?* – O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Frequentemente é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, fatores de inferioridade moral que, não raro, o conduzem à invigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Contra esse inimigo é preciso movimentar as energias íntimas pelo estudo, pelo cultivo da humildade, pela boa-vontade, com o melhor esforço de auto-educação, à clareza do Evangelho.

O segundo inimigo mais poderoso do apostolado mediúnico não reside no campo das atividades contrárias à expansão da Doutrina, mas no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, as suas paixões inferiores, tendências nocivas, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exiguidade dos seus cabedais íntimos. Habitado ao estacionamento, esses irmãos infelizes desdenham o esforço próprio – única estrada de edificação definitiva e sincera – para recorrerem aos Espíritos amigos nas menores dificuldades da vida, como se o apostolado mediúnico fosse uma cadeira de cartomante. Incapazes do trabalho interior pela edificação própria na fé e na confiança em Deus, dizem-se necessitados de conforto. Se desatendidos em seus caprichos inferiores e nas suas questões pessoais, estão sempre prontos para acusar e escarnecer. Falam da caridade, humilhando todos os princípios fraternos; não conhecem outro interesse além do que lhes lastreia o seu próprio egoísmo. São irônicos, acusadores e procedem quase sempre como crianças levianas e inquietas. Esses são também aqueles elementos da confusão, que não penetram o templo de Jesus e nem permitem a entrada de seus irmãos.

Esse gênero de inimigos do apostolado mediúnico é muito comum e insistente nos seus processos de insinuação, sendo indispensável que o missionário do bem e da luz se resguarde na prece e na vigilância. E como a verdade deve sempre surgir no instante oportuno, para que o campo do apostolado não se esterilize, faz-se imprescindível fugir deles.

411 – *Onde a luz definitiva para a vitória do apostolado mediúnico?* – Essa clareza divina está no Evangelho de Jesus, com o qual o missionário deve estar plenamen-

te identificado para a realização sagrada da sua tarefa. O médium sem Evangelho pode fornecer as mais elevadas informações ao quadro das filosofias e ciências fragmentárias da Terra; pode ser um profissional de nomeada, um agente de experiências do invisível, mas não poderá ser um apóstolo pelo coração. Só a aplicação com o Divino Mestre prepara no íntimo do trabalhador a fibra da iluminação para o amor, e da resistência contra as energias destruidoras, porque o médium evangelizado sabe cultivar a humildade no amor ao trabalho de cada dia, na tolerância esclarecida, no esforço educativo de si mesmo, na significação da vida, sabendo, igualmente, levantar-se para a defesa da sua tarefa de amor, defendendo a verdade sem transigir com os princípios no momento oportuno.

O apostolado mediúnico, portanto, não se constitui tão-somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus-Cristo.

LICEU ALLAN KARDEC

CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO. 1º. ANO.

CAPÍTULO V – FILOSOFIA GERAL

Livro: ENSINAMENTOS BÁSICOS DOS GRANDES FILÓSOFOS

“CONCEPÇÃO DE ARISTÓTELES SOBRE O UNIVERSO” – Pág.20

Demócrito e os atomistas, conforme vimos, explicaram o universo em termos de átomos idênticos que se movimentam. Platão explicou-o em termos de idéias perfeitas que, de um modo qualquer, se imprimem sobre a matéria. *Aristóteles*, que figura com Platão entre os maiores filósofos do mundo, procurou chegar a uma teoria sobre o universo que seria meio-termo entre as dos atomistas e a de Platão.

Aristóteles estava propenso a admitir que a matéria existe. Como discípulo de Platão acreditava que as idéias existem. Queria, porém, unir ambas as teorias de modo a satisfazer mais que a solução sugerida por Platão. Seu problema era então: “Como podem idéias perfeitas, imutáveis e eternas ser impressas sobre a matéria sem vida?”. E sua resposta foi que as idéias ou *formas*, conforme as chamava, não estão fora nem acima das coisas; não são *transcendentes*, mas estão *dentro* das coisas. Ensinava que a forma e a matéria se acham sempre e eternamente juntas. Por conseguinte, o mundo, que sentimos, através dos sentidos, não é, como ensinava Platão, mera cópia do mundo real e, sim, o *verdadeiro mundo*. Aqui a forma e a matéria acham-se unidas, não podendo ser sentidas separadamente. Só pelo pensamento podemos separá-las; na verdade, encontramos-las sempre juntas.

Tomemos como exemplo, uma bolota. É uma unidade de forma e matéria. Reconhecemos a forma *bolota*, que é característica de todas as bolotas. Sempre que vemos uma, descobrimos essa forma. Mas o exemplo se refere especialmente a *uma* bolota. Tampouco temos a forma *bolota* separada de outra, especial. Mas, além da forma, a que tomamos por exemplo, tem matéria. A forma *bolota* procura concretizar-se em matéria e o resultado é a que temos. Quanto mais perfeita a bolota, tanto mais perfeitamente a forma é realizada.

Mas a bolota poderá vir a ser um carvalho. Assim, a que temos na mão é matéria e a forma que ela procura realizar é o carvalho. Ao ser plantada e ao desenvolver-se está procurando realizar a forma do carvalho; procura transformar-se em carvalho. Analogamente, este pode transformar-se em tábuas usadas para a feitura de mesas, cadeiras ou outras peças de mobiliário. Nisso, o carvalho é matéria, e a peça especial de mobiliário é a forma que ele procura realizar.

Em cada caso – a bolota, o carvalho e a peça de mobiliário – temos matéria e forma. Em cada fase, o objeto existente é a realização de uma forma e também a matéria para a realização de outra forma. As formas, portanto, não mudam; são eternamente as mesmas. A forma *bolota* é sempre a mesma e não se torna a forma *carvalho*. Mas a matéria assume formas diferentes ao transformar-se. Primeiramente assume a de uma bolota, depois a do carvalho e, depois, a de uma peça de mobiliário. E esse processo prossegue indefinidamente, à medida que se opera a transformação. A matéria está sempre assumindo formas; está sempre se esforçando para realizá-las.

Onde quer que olhemos na natureza, no universo, ensinava Aristóteles, encontramos matéria e forma. Para ele, não pode haver matéria separada da forma, tampouco esta separada daquela. E ambas são eternas, não sendo criadas nem destruídas. Explica-se assim todo o universo, acreditava ele, como o processo pelo qual a matéria constantemente procura realizar forma diferente para tornar-se aquilo que deve ser.

Se desejarmos, pois, compreender o universo, podemos pensar nele em termos do escultor, que produz uma estátua. Mas, enquanto no caso de Platão o escultor é indepen-

dente, livre de seu mármore, no de Aristóteles, ele depende do mármore. Sua idéia de uma estátua perfeita está no mármore, a forma que este procura realizar.

Ensinava, portanto, Aristóteles que todo objeto, no universo, tem quatro causas. A primeira corresponde à idéia da estátua que o artista tem antes de começar a obra, a forma que deve ser realizada. É o que ele chamava *causa formal*. Vem depois o mármore com o qual o artista deve trabalhar, a matéria. É a *causa material*. A terceira é aquela com a qual se faz a estátua, os instrumentos empregados para fazê-la. É o que ele chama *causa eficiente* ou *causa motriz*. A quarta é o objetivo da estátua, aquilo para que é feita a obra. Aristóteles denominou-a *causa final*.

Para Aristóteles, todas as causas operam à medida que a coisa se desenvolve, transforma, cresce e fica. Não devemos pensar num artista separado do mármore, mas preferivelmente, como parte do mármore. Um exemplo melhor é o do homem que procura ser, digamos, médico. Procura transformar-se em algo mais. Sua idéia sobre o *médico* é a *causa formal*; seu corpo, com todas as características, é a *causa material*; aquilo que ele faz para transformar-se, a *causa eficiente*; e a razão por que se transforma em médico, a *causa final*. Aqui, o homem está dentro daquilo que se transforma e é aquilo que se criou.

Segundo Aristóteles, todo movimento deve ser explicado como a união da forma à matéria. Quando esta oferece resistência àquela, temos deformidades, erros e males. Contudo, a matéria é também um auxílio para a forma, pois procura realizá-la e ser alguma coisa.

Evidencia-se, pelo que já expusemos, que o mundo de Aristóteles não é uma coisa puramente mecânica. Não é uma simples massa de unidades ou átomos movimentando-se e formando objetos, como pregavam os atomistas. Ao contrário, caracteriza-se pelos objetivos que a matéria procura atingir. Há uma luta neste mundo, uma busca para ser alguma coisa. Chamamos *teleológico* tal mundo; não é um mundo de mero acaso, porém com determinado fim.

Se a bolota procura ser carvalho e este uma peça de mobiliário, onde termina o processo? Está tudo procurando ser alguma coisa e não haverá fim a essa cadeia? Aristóteles acreditava que havia. Era o que julgava como a primeira causa ou o *motor imóvel*. É pura forma sem qualquer matéria. Nada mais causa, apenas existe. Não está na matéria e não procura imprimir-se nela. Não podemos senti-lo, porém, podemos concebê-lo.

Assim, num extremo, podemos pensar na matéria pura sem qualquer forma, matéria informe. E, noutro, podemos pensar na forma pura, a forma sem matéria. Mas não podemos senti-las. O mundo que sentimos, o mundo das cadeiras, das estrelas, da terra, do homem e de todas as demais coisas, é um mundo no qual a matéria e a forma se acham unidas. Cada objeto é a realização de uma forma e é matéria para a realização de outra forma. Assim procurou Aristóteles solver o problema do universo.

*

NILISMO

(ENCICLOPÉDIA LAROUSSE)

NILISMO: 1. Tendência revolucionária da *intelligentsia* russa dos anos 1860, caracterizada pela rejeição dos valores da geração precedente. 2. Atitude de negação dos valores intelectuais e morais comuns a um grupo social, de recusa do ideal coletivo desse grupo. 3. Redução a nada; aniquilamento. Descrença absoluta.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE. História. Rompendo com o idealismo dos anos 1830-1840, a nova geração russa dizia-se realista. Adotou o materialismo de Feuerbach, Büchner e Darwin, e procurou reconstruir a sociedade em bases racionais, como pregava Tchernichevski em *Que fazer?* (1863). Uma parte da *intelligentsia* passou para a ação política e pregou a revolução camponesa, mas a prisão, a partir de 1861, dos principais líderes, dentre os quais Pissarev e Tchernichevski, abalou o entusiasmo revolucionário.

NILISMO – TEORIA DO CONHECIMENTO

(DICIONÁRIO DE FILOSOFIA)

1. A negação de todo o fundamento ou base objetiva pela verdade de uma afirmação ou negação. 2. Todo o conhecimento é irrealizável ou ao menos é relativo e, portanto, insignificante. 3. Todo conhecimento é impossível. Conseqüentemente, não há valores éticos, religiosos, políticos ou sociais absolutos. 4. A distinção real/irreal; conhecimento/erro; vir-a-ser/não ser; o real/ilusório é sem sentido.

Nilismo ético 1. Os valores morais não se justificam. 2. Os valores são expressões do comportamento arbitrário e capcioso. São reflexos de sentimentos fúteis e irrazoáveis do condicionamento social. 3. São sem significado e, portanto, são irracionais.

Nilismo metafísico 1. O universo é sem sentido e finalidade. 2. A vida e a existência humanas e suas atividades são sem valor ou significado.

Nilismo político 1. A organização social é tão corrupta que é preferível a sua destruição. 2. De comum acordo com o anarquismo, é impossível qualquer forma construtiva de organização social. Portanto, o terrorismo, as atividades revolucionárias violentas, inclusive o assassinato, são meios permitidos para se acabar com todos os sistemas sócio-políticos vigentes.

FENOMENOLOGIA

(DICIONÁRIO DE FILOSOFIA)

Fenomenalismo 1. Só fenômenos (dados sensíveis) podem ser conhecidos, e são efetivamente conhecidos, tais como aparecem à consciência. 2. Não podemos conhecer a natureza mais profunda da realidade em si. 3. Aquilo que conhecemos depende da atividade da consciência. A realidade de um objeto externo, físico, baseia-se no fato de ele ser percebido por alguém. 4. Objetos materiais são seqüências ou grupos de sensações atuais ou possíveis. 6. A matéria é a possibilidade permanente da sensação. 7. Não se pode afirmar que o mundo físico existe fora das sensações atuais ou possíveis, pois nada existe fora dos dados sensíveis atuais ou possíveis de alguém que os percebe. 8. Objetos físicos (materiais) são construções lógicas baseadas na percepção (dados sensíveis). 9. Os significados de proposições têm por objeto padrões de dados sensíveis (fenômenos).

Fenômeno (Husserl) 1. Termo que se estende a tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja. Portanto, não só os objetos da consciência, mas também os próprios atos enquanto conscientes, sejam eles intelectivos, volitivos ou afetivos. 2. Refere-se, na acepção mais rigorosa, ao conteúdo intencional da consciência.

Intencionalidade de Husserl. Toda a consciência é consciência de algo. Supera-se, portanto, a oposição entre racionalismo e empirismo, pois se trata de uma união indissolúvel. A consciência dirige-se para um objeto, ato em que a atenção dirige-se para o significado do objeto.

Fenômeno (Kant). O objeto da percepção. Aquilo que é percebido. 2. O objeto, tal como aparece à consciência. 3. O objeto da experiência sensível. Aquilo que aparece aos sentidos. 4. Qualquer fato ou evento observável.

Fenomenologia (Heidegger). 1. Fazer ver, a partir de si mesmo, aquilo que se manifesta, tal como se manifesta efetivamente. 2. Para tanto, exige a volta para as próprias coisas. 3. É seguindo esse caminho que se encontram as possibilidades do caminho para o Ser, pois o Ser é aquilo que se oculta naquilo que se manifesta, mas constitui o fundamento de tudo o que se manifesta.

Fenomenologia (Husserl). 1. Um método de análise descritiva das formas da consciência e da experiência imediata: conceitual, sensível, estética, moral, etc. 2. O principal ponto de referência é a exploração do mundo da vivência ou da vida subjetiva interior. 3. Enfatiza-se o caráter intencional da consciência sem, no entanto, assumir os pressupostos conceituais das ciências empíricas.....6. A sua dupla preocupação consiste em dar fundamentação objetiva, absoluta, à filosofia e, ao mesmo tempo, fazer uma análise da objetividade da consciência. 7. Será, em primeiro lugar, e antes de tudo, um método de evidênciação, uma filosofia primeira destinada a renovar todos os problemas filosóficos: será o estudo dos fenômenos puros ou absolutos, isto é, uma fenomenologia pura. 8. Pretende descrever com toda a fidelidade, numa atitude penetrante, os fenômenos, as coisas consideradas como puros aparecimentos na consciência.

A FENOMENOLOGIA

(FILOSOFANDO. INTROD. À FILOSOFIA. MARIA LÚCIA....)

A fenomenologia surgiu no final do século XIX, com Franz Brentano, cujas principais idéias foram desenvolvidas por Edmund Husserl (1859-1958). Outros representantes foram: Heidegger, Max Scheler, Hartmann, Binswanger, De Waelhens, Ricoeur, Merleau-Ponty, Jaspers, Sartre.

Seu postulado básico é a noção de *intencionalidade*, pela qual é tentada a superação das tendências racionalistas e empiristas surgidas no século XVII. A fenomenologia pretende realizar a superação da dicotomia razão-experiência no processo de conhecimento, afirmando que toda consciência é *intencional*. Isso significa que, contrariamente ao que afirmam os racionalistas, não há pura consciência, separada do mundo, mas *toda consciência tende para o mundo*; toda consciência é *consciência de alguma coisa*. Mas também, contrariamente aos empiristas, os fenomenólogos afirmam que não há objeto em si, já que *o objeto só existe para um sujeito que lhe dá significado*.

Com o conceito de intencionalidade, a fenomenologia se contrapõe à filosofia positivista do Século XIX, presa demais à visão objetiva do mundo. A crença na possibilidade de um conhecimento científico cada vez mais neutro, mais despojado de subjetividade, mais distante do homem, a fenomenologia contrapõe a retomada da “humanização” da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerados pólos inseparáveis.

Se examinarmos o próprio conceito de *fenômeno*, que em grego significa “o que aparece”, podemos compreender melhor que a fenomenologia aborda os objetos do conhecimento tais como aparecem, isto é, como se apresentam à consciência. Isso significa que deve ser desconsiderada toda indagação a respeito de uma realidade em-si, separada da relação com o sujeito que a conhece. Não há um puro ser “escondido” atrás das aparências ou do fenômeno: a consciência desvela progressivamente o objeto por meio de seguidos perfis, de perspectivas as mais variadas. A consciência é doadora de sentidos, fonte de significado para o mundo. Conhecer é um processo que não acaba nunca, é uma exploração exaustiva do mundo. No entanto, é bom lembrar que a consciência que o homem tem do mundo é mais ampla que no mero conhecimento intelectual, pois a consciência é fonte de intencionalidades não só cognitivas, mas afetivas e práticas. O olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual o homem experiencia o mundo, percebendo, imaginando, julgando, amando, temendo etc.

A fenomenologia, como Nietzsche, critica a filosofia tradicional por desenvolver uma metafísica cuja noção de ser é vazia e abstrata, voltada para a explicação. Ao contrário, a fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de sua reflexão o próprio homem, num esforço de encontrar o que realmente é dado pela experiência, e descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta. Nesse sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência.

Heidegger (1889-1976) faz também a crítica do pensamento analítico que procede por decomposição, enumeração e categorização dos objetos, fragmentando-o. Para recuperar a integridade e a compreensão do Ser, propõe uma relação poética, extra-racional, até mesmo irracional.

Assim, tijolo a tijolo, vai se demolindo o conceito clássico de racionalidade.

LICEU ALLAN KARDEC

ESCOLA DO ESPIRITISMO MORAL, FILOSÓFICO E CRISTÃO

1º. ANO.

CAPÍTULO VI

“I – RELIGIÃO ESPÍRITA”

1 – EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

III - CIÊNCIA ESPÍRITA

1 – REVISTA ESPÍRITA. NOV/1864 - A CIÊNCIA ESPÍRITA - O Espiritismo é uma Ciência Positiva – (Alocução do Sr. Allan Kardec aos Espíritos de Bruxelas e Antuérpia, em 1864 – Revista Espírita, Novembro de 1864, Editora Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho, págs. 319-326) –

(...) Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar os irmãos em crença em suas tarefas. Assim, as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. O fim dessas visitas é sério e exclusivamente no interesse da doutrina; assim, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais a gente se pode entreter sem constrangimento e se esclarecer mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um leva o contributo de suas próprias observações. Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para o catequizar. Numa palavra, não vou fazer propaganda: só apareço em reuniões de adeptos, nas quais meus conselhos são desejados e podem ser úteis; eu os dou de boa vontade aos que julgam deles necessitar; abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Só me dirijo aos homens de boa vontade. Se nessas reuniões, excepcionalmente, se insinuam pessoas apenas atraídas pela curiosidade, ficarão desapontadas, pois aí nada encontrarão que as pudesse satisfazer; e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou de denegrimiento, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembléia e dos assuntos aí tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões a que devo assistir, a fim de que se não equivoquem quanto às minhas intenções.

O Espiritismo tem sua fonte nos fatos da natureza: fatos positivos - Disse de começo que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão a vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Certo que, vendo o rápido progresso desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria seu crédito; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas certamente não teria, em poucos anos, adquirido o caráter de universalidade que a distingue. Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não: o Espiritismo não é concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Tem sua fonte nos fatos da natureza mesma, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos e a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza, a que reside na ação do Espírito sobre a matéria - O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na natureza. Newton não inventou a lei da gravitação: esta lei universal existia antes dele; cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, posto não a conhecessem. Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, contudo ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis no momento de sua descoberta. É que os homens geralmente sentem dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes concordar que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles próprios não encontraram. Mas como, em definitivo, esta lei repousa sobre fatos e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão que render-se à evidência, como os mais recalcitrantes tiveram que o fazer quanto ao movimento da terra, à formação do globo e aos efeitos do vapor. Por mais que taxem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

O médium: instrumento de pesquisa do Espiritismo - Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todas as épocas, se produziram de maneira espontânea. Mas o que, sobretudo, o favoreceu nessas pesquisas, é que lhe foi dado o

poder de os produzir e os provocar, até um certo ponto. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Compreende-se que isto é uma comparação e não uma analogia. Há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual, para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu pela via da análise e da observação; ‘dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se apresentou como força ativa; só o proclamou depois de o haver constatado’.

O Espiritismo deverá provocar uma Revolução Moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo - **Como força e como lei da natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à ciência, dando-lhe a chave de uma porção de problemas incompreendidos. Mas se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob um outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento e o homem, em vez de se arrastar na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao infinito; sabe de onde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que aqui adquire em saber e moralidade lhe é perdido, e que o seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da presente existência, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que nem mesmo tem por compensação a duração, que ninguém pode aumentar à sua vontade, desde que podemos cair amanhã, em uma hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de os desfrutar.**

Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isto mesmo, abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas idéias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza, que dá um outro curso às idéias, uma significação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista.

Os detratores do Espiritismo, quando o conhecerem, o aclamarão como um socorro providencial - **Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de o atacar, como o fazem, de lançar incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhes serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto melhor constatada quanto mais tiver que combater. Um dia deles dirão – o que não será para sua glória – o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem o seu curso, como todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da natureza.**

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo, que lhe censuram os detratores ou, pelo menos, os que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da natureza, enriquecido por uma lei

nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados do conhecimento humano.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não é nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as consequências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui apenas um instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem querido servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por me tornar digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para a realizar segundo a sua santa vontade. A tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que podem supô-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado ante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício; será a obra de minha vida até meu último dia, pois ante um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como pontos diante do infinito.

*

2 - REVISTA ESPÍRITA – MARÇO/1868 –

ENSAIO TEÓRICO DAS CURAS INSTANTÂNEAS – Pág. 84.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, sem qualquer dúvida, o das curas instantâneas. Compreende-se as curas produzidas pela ação continuada de um bom fluido. Mas pergunta-se como esse fluido pode operar uma transformação súbita no organismo e, sobretudo, porque o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos os que são atingidos pela mesma moléstia, admitindo que haja especialidades. A simpatia dos fluidos é uma razão, sem dúvida, mas não satisfaz completamente, porque nada tem de positivo, nem de científico. Entretanto, as curas instantâneas são um fato que se não poderia pôr em dúvida. Se se não tivesse em apoio senão os exemplos dos tempos remotos, poder-se-ia, com alguma aparência de fundamento, considerá-los como lendários ou, pelo menos, como ampliados pela credulidade; mas quando os mesmos fenômenos se reproduzem aos nossos olhos, no século mais cético a respeito das coisas sobrenaturais, a negação já não é possível, e se é forçado a neles ver não um efeito miraculoso, mas um fenômeno que deve ter sua causa nas leis da natureza, ainda desconhecidas.

A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em sonambulismo espontâneo, está baseada em considerações fisiológicas, que nos parecem jogar luz nova sobre a questão. Ela foi dada por ocasião de uma pessoa atingida por graves enfermidades e que perguntava se um tratamento fluídico poderia ser-lhe salutar.

Por mais racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como tema de estudo, até que tenha recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas e que possa assegurar-lhe a perpetuidade.

Na medicação terapêutica são necessários remédios apropriados ao mal. Não podendo o mesmo remédio ter virtudes contrárias: ser, ao mesmo tempo, estimulante e calmante, aquecer e esfriar, não pode convir a todos os casos. É por isto que não existe um remédio universal.

Dá-se o mesmo com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam conforme o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem. Há fluidos que superexcitam e outros que acalmam, fluidos fortes e outros suaves e de muitas outras nuances. Conforme as suas qualidades o mesmo

fluido, como o mesmo remédio, poderá ser salutar em certos casos, ineficaz e até prejudiciais em outros; de onde se segue que a cura depende, em princípio, da adequação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal. Eis o que muitas pessoas não compreendem e porque se admiram que um curador não cure todos os males. Quanto às circunstâncias que influem nas qualidades intrínsecas dos fluidos, foram suficientemente desenvolvidas no Cap. XIV, da *Gênese*, para que seja supérfluo aqui as lembrar.

A esta causa inteiramente física das não-curas, há que acrescentar uma, inteiramente moral, que o Espiritismo nos dá a conhecer. É que a maioria das moléstias, como todas as misérias humanas, são expiações do presente ou do passado, ou provações para o futuro; são dívidas contraídas, cujas conseqüências devem ser sofridas, até que tenham sido resgatadas. Não pode ser curado aquele que deve suportar sua provação até o fim. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma excusa para que o médico procurasse, na necessidade da provação, um meio cômodo de abrigar a sua ignorância.

Consideradas unicamente do ponto de vista fisiológico, as doenças têm duas causas, que até hoje não foram distinguidas, e que não podiam ser apreciadas antes de novos conhecimentos, trazidos pelo Espiritismo. É da diferença destas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas, em casos especiais, e não em todos.

Certas doenças têm sua causa original na alteração mesma dos tecidos orgânicos; é a única admitida pela ciência até hoje. E como, para as remediar, até hoje só conhece as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável, tendo a vontade como propulsor. Entretanto, aí estão os curadores magnéticos, para provar que não é uma ilusão.

Na cura das moléstias desta natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias. É a história de casa velha, cujas pedras carcomidas são substituídas por boas pedras: tem-se sempre a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dame de Paris acabam de sofrer um tratamento deste gênero.

A substancia fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com a diferença que, sendo maior a sua penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constitutivos, age mais diretamente sobre as moléculas primeiras do organismo do que o podem fazer as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, porque suas qualidades são *modificáveis pelo pensamento*, ao passo que as da matéria são fixas e invariáveis e não se podem aplicar senão a casos determinados.

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Ajuntemos sumariamente, e de memória, pois não podemos aqui aprofundar o assunto, que a ação dos remédios homeopatas em doses infinitesimais (extremamente pequenas), é baseada no mesmo princípio: a substância medicamentosa, levada pela divisão ao estado atômico, até certo ponto adquire as propriedades dos fluidos, menos, entretanto, o princípio anímico (espiritualizado), que existe nos fluidos animalizados e lhes dá qualidades especiais (os remédios homeopatas não chegam a tanto).

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia (orgânica), de materiais sãos, substituindo materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos ordinários *in natura*; por esses mesmos medicamentos em estado de divisão homeopática; enfim pelo fluido magnético, que não é senão matéria espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na natureza, e têm sua utilidade, conforme os casos especiais, o que explica porque um tem êxito onde outro fracassa, porque seria parcialidade negar os serviços prestados pela medicina ordinária. Em nossa opinião, são três ramos da arte de curar, destinados a se suplementar e se completar, conforme as circunstâncias, mas das quais nenhum tem o direito de se julgar a panacéia universal do gênero humano.

Cada um dos meios poderá, pois, ser eficaz, se empregado a propósito e adequado à especialidade do mal; mas, seja qual for, compreende-se que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, só se pode operar gradualmente, e não por encanto e por um golpe de batuta; se possível, a cura não pode deixar de ser senão o resultado de uma ação contínua e perseverante, mais ou menos longa, conforme a gravidade dos casos.

Entretanto as curas instantâneas são um fato; e como não podem ser mais miraculosas que as outras, é preciso que se realizem em circunstâncias especiais. O que o prova é que não se dão indistintamente para todas as doenças, nem para todos os indivíduos. É, pois, um fenômeno natural, cuja lei há que buscar. Ora, eis a explicação que se lhe dá. Para a compreender, era preciso ter o ponto de comparação que acabamos de estabelecer.

Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido, que as desagrega, por assim dizer, e perturba a sua economia.

Há aqui como num relógio, cujas peças todas estão em bom estado, mas cujo movimento é parado ou desregulado pela poeira; nenhuma peça deve ser substituída e, contudo, ele não funciona; para restabelecer a regularidade do movimento basta purgar o relógio do obstáculo que o impedia de funcionar.

Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos, dos quais é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos terapêuticos, por sua natureza destinada a agir sobre a matéria, não tenham eficácia sobre um agente fluídico. Assim, a medicina ordinária é inoperante em todas as doenças causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode opor-se a matéria, mas a um fluido mau há que opor um fluido melhor e mais poderoso. A *medicina terapêutica* naturalmente falha contra os agentes fluídicos; pela mesma razão a *medicina fluídica* falha onde há que opor matéria à matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente ter êxito nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

Seja qual for a pretensão de cada um destes sistemas à supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado, obtém incontestáveis sucessos, mas

que, até agora, nenhum justificou estar na posse exclusiva da verdade; de onde há que concluir que todas têm sua utilidade, e que o essencial é as aplicar adequadamente.

Não temos que nos ocupar aqui dos casos em que o tratamento fluídico é aplicável, mas da causa pela qual esse tratamento por vezes pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos exige uma ação continuada.

Esta diferença se deve à mesma natureza e à causa primeira do mal. Duas afecções que apresentam, na aparência, sintomas idênticos, podem ter causas diferentes; uma pode ser determinada pela alteração das moléculas orgânicas e, neste caso, é necessário reparar, substituir, como me disseram, as moléculas deterioradas por outras sãs, operação que só se pode fazer gradualmente; a outra, por infiltração, nos órgãos sãos, de um fluido mau, que perturba as suas funções. Neste caso não se trata de reparar, mas expulsar. Esses dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes. No primeiro, é preciso um fluido mais suave que violento, sobretudo rico em princípios reparadores; no segundo, um fluido enérgico, mais próprio à expulsão do que à reparação; segundo a qualidade desse fluido, a expulsão pode ser rápida e como por efeito de uma descarga elétrica. Subitamente livre da causa estranha que o fazia sofrer, o doente sente-se aliviado imediatamente, como acontece na extirpação de um dente estragado. Não estando mais obliterado, o órgão volta ao seu estado normal e retoma as suas funções.

Assim podem explicar-se as curas instantâneas, que não são, na realidade, senão uma variedade da ação magnética. Como se vê, elas repousam num princípio essencialmente fisiológico e nada têm de mais miraculoso que os outros fenômenos espíritos. Compreende-se desde logo porque essas espécies de curas não são aplicáveis a todas as doenças. Sua obtenção se deve, ao mesmo tempo, à causa primeira do mal, que não é a mesma em todos os indivíduos, e às quantidades especiais do fluido que se lhe opõe. Disso resulta que tal pessoa que produz efeitos rápidos, nem sempre é indicada para um tratamento magnético regular, e que excelentes magnetizadores são impróprios para curas instantâneas.

Esta teoria pode assim resumir-se: “Quando o mal exige reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo instantânea.”

Para simplificar a questão, não consideramos senão os dois pontos extremos; mas entre os dois há nuances infinitas, isto é, uma multidão de casos em que as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus, e com mais ou menos preponderância de cada uma; em que, por conseqüência, é necessário, ao mesmo tempo expulsar e reparar. Conforme aquela das duas causas que predomina, a cura é mais ou menos lenta; se for a do mau fluido, após a expulsão é preciso reparação; se for a desordem orgânica, após a reparação é necessária a expulsão. A cura só é completa após a destruição das duas causas. É o caso mais comum; eis porque os tratamentos terapêuticos muitas vezes necessitam ser completados por tratamento fluídico e reciprocamente; eis, também, porque as curas instantâneas, que ocorrem nos casos em que a predominância fluídica é, por assim dizer, exclusiva, jamais poderão tornar-se um meio curativo universal; não são, conseqüentemente, chamadas a suplantarem nem a medicina, nem a homeopatia, nem o magnetismo ordinário.

A cura instantânea radical e definitiva pode ser considerada como um caso excepcional, visto que é raro: 1º. – que a expulsão do mau fluido seja completa no primeiro golpe; 2º. – que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica, o que obriga, num caso, como no outro, a olhar várias vezes.

Enfim, não podendo os maus fluidos provir senão de maus Espíritos, sua introdução na economia se liga muitas vezes à obsessão. Daí resulta que, para obter a cura é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

Estas considerações mostram quantas coisas há que levar em conta no tratamento das moléstias, e quanto ainda resta a aprender a tal respeito. Além, disso, vêm confirmar um fato capital, que ressalta da obra a *Gênese*, é a aliança do Espiritismo e da ciência. O Espiritismo marcha no mesmo terreno que a ciência, até os limites da matéria tangível; mas, ao passo que a ciência se detém neste ponto, o Espiritismo continua seu caminho e procede suas investigações nos fenômenos da natureza com o auxílio dos elementos que colhe no mundo extra-material; só aí está a solução das dificuldades contra as quais se choca a ciência.

Nota. A pessoa cujo pedido motivou esta explicação está no caso das doenças de causa complexa. Seu organismo está profundamente alterado, ao mesmo tempo que saturado de fluidos os mais perniciosos, que a tornam incurável apenas pela terapêutica ordinária. Uma magnetização violenta e muito enérgica apenas produziria uma super excitação momentânea, logo seguida de maior prostração, ativamente o trabalho da decomposição. Ser-lhe-ia necessária uma magnetização suave, continuada por muito tempo, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que abala, mas nada repara. Ela é, pois, inacessível à cura instantânea.

ALLAN KARDEC.

*

3 – O LIVRO DOS MÉDIUNS. Cap. VIII. Laboratório do Mundo Invisível.

AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA. “A VONTADE” – Item 131.

FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA. (...) Esta teoria nos dá a solução de um problema do magnetismo, bem conhecido mas até hoje inexplicado, que é o fato da modificação das propriedades da água pela vontade. O Espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes assistido por um Espírito desencarnado. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. E se ele pode produzir uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente fazê-lo no tocante aos fluidos orgânicos, do que resulta o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida.

Sabe-se o papel capital da vontade em todos os fenômenos magnéticos. Mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é uma entidade, uma substância e nem mesmo uma propriedade da matéria mais eterizada: é o atributo essencial do Espírito, ou seja, do ser pensante. Com a ajuda dessa alavanca ele age sobre a matéria elementar e em seguida reage sobre os seus componentes, com o que as propriedades íntimas podem ser transformadas.

A vontade é atributo do Espírito encarnado ou errante. Daí o poder do magnetizador, que sabemos estar na razão da força da vontade. O Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar e, portanto modificar as propriedades

das coisas dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de curar pelo contacto e a imposição das mãos, que algumas pessoas possuem num elevado grau. (Ver no capítulo sobre os *Médiuns* o tópico referente a *médiuns curadores*. Ver ainda na *Revista Espírita*, nº. de julho de 1859, os artigos *O zuavo de Magenta e Um Oficial do Exército da Itália*.)

(**Nota do tradutor J. Herculano Pires:** Os estudos de Hipnotismo científico definiram a hipnose como simples sugestão, relegando ao passado o problema da *ação fluídica*, considerada como superstição. Mas o magnetismo é elemento natural, cujas manifestações e aplicações não se limitam ao tipo de hipnose clínica. Nesta, ele se manifesta em função autógena (que se gera a si mesma), mas a maioria de suas manifestações são exógenas (que cresce exteriormente ou para fora). A modificação das propriedades da água pode ocorrer como simples sugestão, limitada ao paciente, mas há também fenômenos materiais de alteração dessas propriedades perceptíveis por todos. No primeiro caso não houve modificação alguma na água, mas apenas na percepção do paciente. No segundo, as modificações são reais. Os casos dessa natureza ocorrem facilmente com médiuns de efeitos físicos. Atualmente os parapsicólogos procuram explicar esses fenômenos como *ação da mente sobre a matéria*, com a denominação técnica de *psicocinesia*. Também neste campo a tese espírita permanece e a Ciência vai aos poucos se reaproximando dela. René Sudre, anti-espírita irreductível, ainda recentemente, no seu “Tratado de Parapsicologia”, anota o seguinte: “A descoberta dos elétrons materiais leva-nos mais ou menos à teoria newtoniana da emissão. Eis, pois, que o fluido reaparece no próprio coração da Física contemporânea.”

*

MÉDIUNS CURADORES

(O Livro dos Médiuns, Cap. XIV – itens 175/176)

175. Somente para mencioná-la trataremos aqui desta variedade de médiuns, porque o assunto exigiria demasiado desenvolvimento para o nosso esquema. Estamos, aliás, informados de que um médico nosso amigo se propõe a tratá-la numa obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que esse gênero da mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. É evidente que o fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de mais alguma coisa.

A magnetização comum é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida seqüência, regular e metódica. No caso referido, as coisas se passam de maneira inteiramente diversa. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem cuidar do assunto convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e às vezes a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias. E o é, sobretudo, quando consideramos que a maioria das pessoas qualificáveis como médiuns curadores recorrem à prece que é uma verdadeira evocação. (Ver o nº. 131).

176. Eis as respostas que obtivemos dos Espíritos, a perguntas feitas a respeito:

1. – Podemos considerar as pessoas dotadas de poder magnético como formando uma variedade mediúnica? - Não podes ter dúvida alguma.

2. – Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e os homens, mas o magnetizador, tirando sua força de si mesmo, não parece servir de intermediário a nenhuma potência estranha. – É uma suposição errônea. A força magnética pertence ao homem, mas é aumentada pelo ajuda dos Espíritos a que

ele apela. Se magnetizas para curar, por exemplo, e evocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo doente, ele aumenta a sua força e a tua vontade, dirige os teus fluidos e lhes dá as qualidades necessárias. (**Nota de J.Herculano:** A ação dos Espíritos é que realmente dá eficácia curadora ao magnetismo humano. Preste-se atenção à dinâmica do auxílio espiritual, revelada nessa esclarecedora resposta.)

3. – Há, porém, excelentes magnetizadores que não acreditam nos Espíritos. - Pensas, então, que os Espíritos só agem sobre os que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados pelos Espíritos bons. Todo homem que aspira ao bem os chama sem o perceber, da mesma maneira que, pelo desejo do mal e pelas más intenções chamará os maus.

4. – O magnetizador que acreditasse na intervenção dos Espíritos agiria com maior eficiência? – Faria coisas que seriam consideradas milagres.

5. – Algumas pessoas têm realmente o dom de curar por simples toques, sem o emprego dos passes magnéticos? – Seguramente. Não tens tantos exemplos?

6. – Nesses casos trata-se de ação magnética ou somente de influência dos Espíritos? – Uma e outra. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois agem sob a influência dos Espíritos, mas isso não quer dizer que sejam médiuns escreventes, como o entendes.

7. – Esse poder é transmissível? – O poder, não, mas sim o conhecimento do que se necessita para exercê-lo, quando se o possui. Há pessoas que nem suspeitariam ter esse poder se não pensarem que ele lhe foi transmitido. (**Nota de J. Herculano:** Os Espíritos colocam aqui um problema comum de psicologia. Há magnetizadores e médiuns, hipnotizadores e sujeitos paranormais que só acreditam em suas faculdades e as desenvolvem sob a ação de outras pessoas. Trata-se de falta de confiança em si mesmas e não de poder das outras pessoas, que muitas vezes se julgam poderosas. Ilusão muito freqüente dos que se dizem capazes de desenvolver a mediunidade dos outros.)

8. – Podem-se obter curas apenas pela prece? – Sim, às vezes Deus o permite. Mas talvez o bem do doente esteja em continuar sofrendo, e então se pensa que a prece não foi ouvida.

9. – Existem fórmulas de preces mais eficazes do que outras, para esse caso? – Só a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras. E somente os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem entreter essas idéias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, pode acontecer que para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de entender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes infundir confiança. Nesse caso, a eficácia não é da fórmula, mas da fé que foi aumentada pela crença no uso da fórmula.

*

4 – REVISTA ESPÍRITA. ABRIL/1865.

PODER CURATIVO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL (ESPÍRITO DO DOUTOR DEMEURE – Págs. 109-112).

Em nosso artigo do mês passado sobre o Dr. Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma prova de sua benevolência, ao mesmo tempo que constata o poder curativo do magnetismo espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

O Espírito do bom pai Demeure, vindo engrossar o número de nossos amigos invisíveis, que nos cuidam da moral e do físico, quis manifestar-se desde os primeiros dias por um benefício. A notícia de sua morte ainda não era conhecida dos nossos irmãos de Montauban, quando ele empreendeu espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, apenas pela ação fluídica. Vedes que ele não perdia tempo e continuava como Espírito, assim como dizeis, sua obra de alívio da humanidade sofredora. Entretanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam dados às suas ocupações terrenas, sem consciência de seu estado, sempre se julgando vivos. É próprio dos Espíritos pouco adiantados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente e age voluntariamente como Espírito, com a consciência de, neste estado, ter maior força.

Tínhamos ocultado a morte do Sr. Demeure à Sra. G..., médium vidente sonâmbula muito lúcida, para poupar sua extrema sensibilidade. E o bom doutor, percebendo nosso ponto de vista, sem dúvida tinha evitado manifestar-se a ela. A 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a Sra. G... de um entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto, e estávamos longe de esperar a surpresa que nos preparavam. Apenas caída em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas as suas feições ficavam ocultas; operava fricções e massagens, fazendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não teve longa duração; ao cabo de dez minutos todo o traço de entorse havia desaparecido, não mais inflamação, o pé tinha tomado sua aparência normal; a Sra. G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção deste gênero, os mais dotados magnetizadores, os mais exercitados, sem falar da medicina oficial, que disto não cura, é necessário um tratamento cuja duração nunca é de menos de trinta e seis horas, consagrando três sessões espirituais, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, como diz o próprio Espírito numa comunicação que se encontra a seguir, que era de sua parte uma experiência feita visando uma aplicação posterior, em caso de êxito.

Entretanto o Espírito continuava desconhecido do médium e persistia em não mostrar suas feições; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um pulo, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se lança no meio da sala para apertar a mão do seu médico espiritual. Neste momento a Sra. G... solta um grito e cai extenuada: acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope recebeu os cuidados dedicados de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonâmbula, conversou com os Espíritos trocando fortes apertos de mão, principalmente com o Espírito do Doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição, penetrando-a de um fluído reparador.

Não é uma cena empolgante e dramática, na qual parecia serem vistas todas as personagens representando seu papel na vida humana? Não é uma prova entre mil que os Espíritos são seres reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar o nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Em vida ele tinha sido médico do mé-

dium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se sua filha fosse. Esta prova de identidade dada àqueles a quem o Espírito amava não é tocante e apta para fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador? Eis a comunicação recebida do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

“Meus bons amigos, estou ao vosso lado e vos amo sempre como no passado. Que felicidade poder comunicar-me com os que me são caros! Como fui feliz, ontem à noite, por me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! É uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, sempre que se apresentar uma ocasião favorável. Hoje seu filho está muito doente, mas espero que logo o curaremos. Tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (O filho da Sra. G... realmente foi curado de uma angina inflamatória, com medicação homeopática, ordenada pelo Espírito).

“Daqui a algum tempo poderemos fornecer-vos ocasião de testemunhar fenômenos que ainda não conheceis, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Serei feliz em poder contribuir a essas manifestações, que teria tido tanto prazer de ver quando vivo. Mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira muito particular e que me prova evidentemente a verdade do que se passa entre vós. Crede, meus bons amigos, que sinto sempre um verdadeiro prazer em me tornar útil aos meus semelhantes, e os ajudar a propagar estas belas verdades, que devem mudar o mundo, trazendo-o a melhores sentimentos. Adeus, meus amigos; até à vista.

ANTOINE DEMEURE

Não é curioso ver um Espírito, já sábio na Terra, como Espírito fazer estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que confere o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios geralmente são presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como dada em Montauban a 1º. de fevereiro. Foi a 26 de janeiro que ela foi ditada; em minha opinião a data tem uma certa importância porque foi ao dia seguinte à sua morte. No segundo parágrafo diz ele:... “Gozo de uma lucidez rara nos Espíritos há pouco desprendidos da matéria.” Com efeito, essa lucidez prova um rápido desprendimento, só peculiar a Espíritos moralmente muito adiantados.

OBSERVAÇÃO: A cura referida acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura do magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluído. Aí estão os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal, e a natureza dos Espíritos, pelos quais são assistidos. Conhecemos em Paris uma pessoa há oito meses atingida de exostoses na anca e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a prendem ao leito. Um de seus jovens amigos, dotado desta preciosa faculdade, lhe deu cuidados pela simples imposição das mãos, durante alguns minutos, sobre a cabeça e pela prece, que o doente acompanhava com fervor edificante. Este experimentava, no momento, uma crise muito dolorosa, análoga à sentida pela Sra. G..., logo seguida de uma calma perfeita. Então sentia a impressão enérgica de várias mãos, que massageavam e estiravam a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. Nele já há uma melhora muito sensível, porque começa a andar; mas a antiguidade e a gravidade do mal necessariamente tornam a cura mais difícil e demorada que um simples entorse.

Fazemos observar que a mediunidade curadora ainda não é apresentada, ao que saibamos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, que o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o papel capital que representam as afinidades fluídicas em todos os fenômenos de mediunidade. Algumas pessoas só a

gozam acidentalmente (dessa mediunidade) e para um determinado caso. Seria, pois, um erro crer, por isso, que por se obter uma cura, podem ser obtidas todas, pela razão que o fluído próprio de certas doenças é refratário ao fluído do médium; a cura é tanto mais difícil quanto a assimilação dos fluidos não se opera naturalmente. Assim, é surpreendente que algumas pessoas frágeis e delicadas exerçam uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. Então é que essas pessoas são bons condutores do fluído espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser maus condutores. Têm seu fluído pessoal, fluído humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluído depurado dos bons Espíritos.

De acordo com isto, compreendem-se as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para dela fazer ocupação, seria preciso ser dotado de uma faculdade universal. Ora, só Espíritos encarnados da mais elevada ordem poderiam possuí-la nesse grau. Ter essa presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, por si só, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta: faz o bem sem ostentação e apaga-se em vez de procurar o brilho; o renome vai buscá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre à busca do renome que muitas vezes lhe escapa. Jesus dizia aos que havia curado: “Ide, daí graças a Deus e não o digais a ninguém.” É uma grande lição para os médiuns curadores.

Lembraremos aqui que a mediunidade curadora está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea; que não deve ser confundida com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. Estes últimos são apenas *médiuns médicos*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

ALLAN KARDEC.

*

5 – REVISTA ESPÍRITA. SETEMBRO/1865

DA MEDIUNIDADE CURADORA – Págs. 249-255.

Escrevem-nos de Lyon, a 12 de julho de 1865:

“Caro Senhor Kardec,

“Na qualidade de espírita, venho recorrer à vossa gentileza e pedir alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a respeito na *Revista Espírita*, contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, tenho certeza, com grande interesse, não apenas pelos que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem a leitura poderia inspirar o desejo de também dela se ocupar. Lembro-me sempre das palavras de uma sonâmbula que eu tinha formado. Eu a mandava durante o sono magnético, visitar uma doente à distancia e à minha pergunta como poderia ser curada, disse ela: “Há alguém em sua aldeia que o poderia. É fulano. Ele é médium curador, *mas não o sabe.*”

“Não sei até que ponto essa faculdade é especial; e vos cabe, mais que a qualquer outro, apreciá-la. Mas se realmente o for, quanto seria desejável que sobre tal ponto chamásseis a atenção dos Espíritas. Todos aqueles que, mesmo fora de nossas opiniões, vos lessem, não poderiam sentir qualquer repugnância em experimentar uma faculdade que apenas requer fé em Deus e a prece. Que de mais geral e mais universal? Não é mais questão de Espiritismo e cada um, no seu terreno, pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores! É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Aceita por toda a parte, essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em vez de ficar como apanágio de alguns, cairia, se assim me posso exprimir, no domínio público. Seria um belo dia para os que sofrem; e os há tantos!

“Mas para exercitar essa faculdade, independentemente de uma fé viva, e da prece, podem existir condições a reunir, processos a seguir para se agir o mais eficazmente possível. Qual a parte do médium na imposição das mãos? Qual a dos Espíritos? É necessário empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou limitar-se a orar, deixando a influência oculta agir à vontade? Essa faculdade é, realmente, especial ou acessível a todos? O organismo aí representa um papel? E que papel? Essa faculdade é desenvolvível? E em que sentido?”

“É aqui que vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem e, enfim, os documentos que recolheis de todos os recantos do mundo vos podem permitir esclarecer-nos e instruir-nos. Ninguém como vós está colocado nessa posição única. Todos os que se ocupam deste assunto desejam vossos conselhos tanto quanto eu, disto tenho certeza, e creio fazer-me o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou curar-se-á o corpo; e pelo alívio ou pela cura achar-se-á o caminho do coração, onde muitas vezes a lógica havia falhado. Que recursos possui o Espiritismo! Como é rico de meios a que está chamado a servir! Não deixemos nenhum improdutivo; que tudo contribua para elevá-lo e espalhá-lo. Para tanto nada poupareis, caro senhor Kardec; e depois de Deus e dos bons Espíritos, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa neste mundo pela simpatia e pela afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera no mundo melhor.

“Tenho a honra, etc.

“A. D.”

O que nos pede o honrado correspondente é nada menos que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada no *Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da *Revista*, a propósito dos casos de cura e de obsessões; está resumida no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, a propósito das preces pelos doentes e dos médiuns curadores. Se um tratado regular e completo ainda não foi feito, isto se deve a duas causas: a primeira é que, a despeito de toda a atividade que desenvolvemos em nossos trabalhos, é-nos impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência de noções que a respeito se possuem. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais decorrem novos princípios, que vêm corroborar ou completar os já conhecidos, mas é necessário tempo material para tudo. A mediunidade curadora deveria ter a sua vez; posto que parte integrante do Espiritismo, ela é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e complexas de obsessões que, também, estas influem no organismo. Não é, pois, nalgumas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em todas as outras partes do Espiritismo; mas como aí nada queremos introduzir de pessoal e de hipotético, procedemos por via de experiência e de observação. Não nos permitindo os limites deste artigo lhe dar o desenvolvimento que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais, que a experiência consagrou.

1. – Os médiuns que recebem indicações de remédios, da parte dos Espíritos, não são o que se chama médiuns curadores, pois eles próprios não curam; são simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que os outros,

para esse gênero de comunicações e que, por isto mesmo, podem ser chamados *médiuns consultores*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização de fato, ou pelo pensamento.

2. – Quem diz *médium* diz *intermediário*. A diferença entre o magnetizador, propriamente dito, e o médium curador, é que o primeiro magnetiza com o seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; o que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual*.

3. – O fluido magnético tem, pois, duas fontes distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos.

O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado de impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos bons Espíritos é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas, que acarretam uma cura mais pronta. Mas, passando através do encarnado, pode alterar-se como um pouco de água límpida passando por um vaso impuro, como todo remédio se altera se demorou bastante num vaso sujo e perde, em parte, suas propriedades benéficas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade *absoluta* de trabalhar a sua depuração, isto é, o seu melhoramento moral, segundo o princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servirdes dele, se quiserdes ter algo de bom. Só isto basta para mostrar que o primeiro que aparecer não poderá ser um médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for puro e desprendido da matéria. Compreende-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do fluido do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam nuanças infinitas, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o seu semelhante, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual.

Assim, seria um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmitir fluidos. Nisto, como em todas as coisas, o produto está na razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. – Sendo o fluido humano menos ativo, exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se esgota e se fatiga, pois dá de seu próprio elemento vital. Por isso deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, por vezes, quase instantâneos. Não sendo esse fluido do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.

6. – O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, como foi constatado em muitas ocasiões, quer para o aliviar e o curar, se possível; quer para produzir o sono sonambúlico. Caso aja por um intermediário, trata-se *mediunidade curadora*.

7. – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador tudo tira de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção da palavra, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente ante a ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só esses podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas, que nos parecem prodigiosas. Muito poucas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se gabam de possuir esse dom, que vão a toda parte contando curas maravilhosas que fizeram, ou dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o proveito, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é o privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o digais a ninguém.

8. – Sendo, pois, a mediunidade curadora uma exceção aqui na Terra, resulta que há quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; quer dizer que os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou do outro fluido e na cura mais ou menos rápida. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. – Os Espíritos vêm aos que querem; nenhuma vontade pode constrangê-los; eles se rendem à prece, se esta for fervorosa, sincera, mas nunca por injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém e não *por sua pretensão de o ser*.

10. – Mas se a vontade for ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem mole e *distraído*, a corrente é mole, a emissão é fraca; o fluido espiritual paira nele, mas sem que o aproveite; no homem de vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha*. Não se deve confundir vontade enérgica com a teimosia, porque esta é sempre resultado do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento*.

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à qualidade do mal. Este ponto, que é capital, se liga a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo: o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como se vêem ser produzidas sob a influencia da eletricidade, da luz, ou do calor.

11. – A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando o concurso dos bons Espíritos, mas dirigindo ao doente uma salutar corrente fluídica. À respeito cha-

mamos a atenção para as preces contidas no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pelos doentes ou pelos obsedados.

12 – Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de os curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não é indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e *querer* o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trouxer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entre - ajudam orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula. Às vezes, mesmo, a isto misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve emprestar o valor que merecem.

13 – Mas, porque se obtiveram resultados satisfatórios, uma ou mais vezes, seria temerário considerar-se médium curador e daí concluir que se pode vencer toda espécie de mal. A experiência prova que, na acepção restrita da palavra, entre os melhores dotados não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada fará sobre outro; aquele terá curado um mal numa pessoa e não curará o mesmo mal outra vez, no mesmo doente ou em outro; aquele outro terá a faculdade hoje e não a terá amanhã; e poderá recuperá-la mais tarde, conforme as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontre.

14 – A mediunidade curadora é uma *aptidão*, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão independe de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício, sobretudo pela prática do bem e da caridade; mas como não poderia ter a fixidez, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo, e do qual se é sempre senhor, não poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que alguém se apresentasse ao público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles e têm a liberdade de dela dispor.

15 – É um erro crer que os que não partilham de nossas idéias não terão a menor repugnância em experimentar esta faculdade. A mediunidade curadora *racional* está intimamente ligada ao Espiritismo, desde que repousa essencialmente no concurso dos Espíritos. Ora, os que nem crêem nos Espíritos, nem na alma, e, ainda menos, na eficácia da prece, não poderiam colocar-se nas condições requeridas, pois isto não é coisa que se possa experimentar maquinalmente. Entre os que acreditam na alma e em sua imortalidade, quantos ainda hoje não recuariam de medo ante um apelo aos bons Espíritos, por medo de atrair o demônio e ainda julgam de boa-fé que todas as curas sejam obra do diabo? O fanatismo é cego; não raciocina. Certamente não será sempre assim, mas ainda passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. Enquanto se espera, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com a ingratidão. É o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é tão negro como alguns pretendem.

*

CURA DE UMA FRATURA PELA MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL – Pág. 255-260.

Sem dúvida os leitores se lembram do caso de uma cura quase instantânea de um entorse, operada pelo Espírito do Dr. Demeure, poucos dias após a sua morte e que relatamos na *Revista* de março último, como a descrição da cena tocante ocorrida na ocasião. Esse excelente Espírito vem ainda assinalar a sua boa vontade, por uma cura ainda mais maravilhosa, na mesma pessoa. Eis o que nos escrevem, de Montauban, a 14 de julho último:

O Espírito do Dr. Demeure acaba de dar-nos uma prova de sua solicitude e de seu profundo saber. Eis em que ocasião.

Na manhã de 26 de maio último, a Sra. Maurel, nosso médium vidente e escrevente mecânico, deu uma queda desastrosa e quebrou o ante-braço, um pouco abaixo do cotovelo.

A fratura complicada por distensões no punho e no cotovelo, estava bem caracterizada pela crepitação dos ossos e inchaço, que são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida pelo acontecimento, os pais da Sra. Maurel iam procurar o primeiro médico que aparecesse quando esta, retendo-os, tomou de um lápis e escreveu mediunicamente, com a mão esquerda: “Não procureis um médico; eu me encarrego disto. Demeure.” Então esperaram com confiança.

Conforme as indicações do Espírito, faixas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Em seguida foi feita uma magnetização espiritual praticada pelos bons Espíritos que, provisoriamente, ordenaram repouso.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos, convocados pelos Espíritos, reuniram-se em casa da Sra. Maurel que, adormecida por um médium magnetizador, não demorou a entrar em sonambulismo. Então o Dr. Demeure continuou o tratamento que havia iniciado pela manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado.

Já sem outro recurso aparente, além de sua mão esquerda, nossa doente tinha tirado rápido o primeiro aparelho, deixando apenas as faixas, quando se viu insensivelmente e sob a influência da atração magnética, o membro tomar diversas posições, próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia, então, ser objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde devia operar-se a soldadura dos ossos; depois se alongava, sob a ação de trações longitudinais.

Após alguns instantes dessa magnetização espiritual, a Sra. Maurel procedeu sozinha à consolidação das faixas e a uma nova aplicação do aparelho, consistente de duas tabuinhas ligadas entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, se havia passado como se um hábil cirurgião tivesse, ele próprio, operado visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho as palavras que, em sua dor, escapavam da boca da paciente: “Não aperte tanto!... Vós me maltratais!... “Ela via o Espírito do doutor e era ele que se dirigia, suplicando poupar sua sensibilidade. Era, pois, um ser invisível para todos, exceto para ela, que lhe fazia apertar o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Aos nossos olhos parecia inativo; com a mão direita apoiada na espádua da sonâmbula, contri-

buía com sua parte para o fenômeno, pela emissão de fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, tendo a Sra. Maurel desarranjado o braço, em consequência de uma posição falsa, tomada durante o sono, declarou-se uma febre alta, pela primeira vez. Era urgente remediar esse estado de coisas. Assim reuniram-se novamente no dia 28 e, uma vez declarado o sonambulismo foi formada a cadeia magnética, a pedido dos bons Espíritos. Após diversos passes e manipulações, em tudo como as acima descritas, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter a pobre senhora experimentado dores muito cruéis. Apesar do novo incidente, o membro já se ressentia do efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores. O que se segue, aliás, o prova. Momentaneamente desembaraçado das tabuinhas, repousava sobre almofadas, quando de repente se levantou alguns centímetros em posição horizontal e dirigido suavemente para a esquerda e para a direita; depois baixou obliquamente e foi submetido a uma nova tração. A seguir os Espíritos se puseram a girá-lo e tornar a girá-lo em todos os sentidos e, de vez em quando, fazendo trabalhar direito as articulações do cotovelo e do punho. Tais movimentos automáticos imprimidos a um braço fraturado, inerte, contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só podiam ser atribuídos à ação fluídica. Se não tivesse havido a certeza da existência dessa fratura, bem como os gritos dilacerantes dessa pobre senhora, confesso que teria tido muita dificuldade em admitir o fato, um dos mais curiosos que a ciência possa registrar. Assim, posso dizer, com toda a sinceridade, que me sinto feliz por ter testemunhado semelhante fenômeno.

Nos dias 29, 30, 31 e seguintes, as magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras trouxeram sua sensível melhora no estado geral de nossa doente. Diariamente o braço adquiria novas forças. Sobretudo o dia 31 deve ser assinalado como marcando o primeiro passo para a convalescença. Naquela noite dois Espíritos, que se faziam notar pelo brilho de sua radiação, assistiam ao nosso amigo Demeure. Pareciam dar-lhes conselhos, que este se apressava em por em prática. Um deles, até, de vez em quando se punha à obra e, por sua suave influência produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite as tabuinhas foram definitivamente abandonadas e ficaram só as faixas, para sustentar o braço e mantê-lo em determinada posição. Devo acrescentar que, além disso, um aparelho de suspensão vinha aumentar a solidez do enfaixamento. Assim, no sexto dia após o acidente e, mau grado a recaída sobrevinda a 27, a fratura estava em tal via de cura, que o emprego dos meios usados pelos médicos durante trinta ou quarenta dias, teria se tornado inútil. A 4 de junho, dia fixado pelos bons Espíritos para a redução da fratura complicada de distensões, reunimo-nos à noite. A Sra. Maurel, apenas em sonambulismo, pôs-se a desenrolar as faixas, ainda enroladas no braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que dificilmente o olho seguia os contornos da curva descrita. A partir desse momento, servira-se do braço como habitualmente. Estava curada.

No fim da sessão houve uma cena tocante, que merece ser relatada. Os bons Espíritos, em número de trinta, no começo formavam uma cadeia magnética, paralela à que nós próprios formávamos. Tendo-se levantado, a Sra. Maurel, pela mão direita, punha-se em comunicação direta, sucessivamente, com cada dois Espíritos; colocada no interior das duas cadeias, recebia a ação benéfica da dupla corrente fluídica enérgica. Radosa de satisfação, aproveitava a ocasião para agradecer com efusão o poderoso concurso que tinham prestado à sua cura. Por sua

vez, recebia encorajamento a perseverar no bem. Terminado isto, ela experimentou suas forças de mil modos; apresentando o braço aos assistentes, fazia-os tocar nas cicatrizes da soldadura dos ossos; apertava-lhes a mão com força, indicando com alegria a cura operada pelos bons Espíritos. Ao despertar, vendo-se livre em todos os movimentos, desfaleceu, dominada por profunda emoção!...

Quando se foi testemunha de tais fatos não se pode deixar de os proclamar alto e bom som, pois merecem atrair a atenção da gente séria.

Por que, então, no mundo inteligente se encontra tanta resistência em admitir a influência do Espírito sobre a matéria? Por que se encontram pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, mas lhes recusam a possibilidade de se manifestar? É porque não se dão conta das faculdades físicas do Espírito, que se lhes afigura imaterial de maneira absoluta. Ao contrário, a experiência demonstra que, por sua própria natureza, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis e, por conseguinte, sobre os fluidos ponderáveis, e, mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador ordinário? Suponhamos que queira agir, por exemplo, sobre um braço. Concentra sua atenção sobre esse membro e, por um simples movimento dos dedos, executado à distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, dirige uma corrente fluídica sobre o ponto desejado. O Espírito não age diversamente. Sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e desse ao corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, graças ao desprendimento do perispírito, que melhor se identifica com a natureza fluídica do Espírito, e sofre, então, a influência magnética espiritual, elevada ao seu maior poder.

Toda a cidade ocupou-se desta cura, obtida sem auxílio da ciência oficial, e cada um dá o seu palpite. Uns pretenderam que o braço não se tinha quebrado; mas a fratura tinha sido bem e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras o Dr. D... visitou a doente durante o tratamento. Outros disseram: “É muito surpreendente!” e pararam nisto. Inútil acrescentar que alguns afirmavam que a Sra. Maurel tinha sido curada pelo diabo. Se ela não estivesse entre mãos profanas, nisso teriam visto um milagre. Para os Espíritas, que se dão conta do fenômeno, aí vêem muito simplesmente a ação de uma força natural, até agora desconhecida, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

OBSERVAÇÕES: Se há fatos espíritas que, até certo ponto, poderiam ser atribuídos à imaginação, como, por exemplo, os das visões, neste já não seria o mesmo. A Sra. Maurel não sonhou que tivesse quebrado o braço, como não sonharam as diversas pessoas que acompanharam o tratamento; as dores que sentia não eram alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, pois se serve de seu braço; fato que no estado atual dos conhecimentos parece impossível. Mas não foi assim sempre que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? Mas não terá a medicina descoberto inúmeros agentes mais ativos do que os que conhecia, para apressar certas curas? Nos últimos tempos não foram achados meios de cicatrizar certas feridas quase que instantaneamente? Não se encontrou o de ativar a vegetação e a frutificação: Por que não se poderia ter um para ativar a soldagem dos ossos? Então conheceis todos os agentes da natureza? Deus não tem mais segredos para vós? Não há mais lógica em negar hoje a possibilidade de uma cura rápida do que havia, no século passado, de negar a possibilidade de fazer nalgumas horas o caminho que se levavam dez dias para percorrer. Direis que este meio não está no codex; é verdade; mas antes que a vacina nele fosse inscrita, seu inventor não foi tratado como louco? Os remédios homeopáticos também lá não se acham, o que não impede que os médicos homeopatas se encontrem em toda a parte e curem. Aliás, como aqui não se trata de uma preparação farmacêutica, é mais provável que esse meio de cura não figure por muito tempo na ciência oficial.

Dirão, porém, se os médicos vêm exercer sua arte depois de mortos, querem fazer concorrência aos médicos vivos; é bem possível; entretanto, que estes últimos se garantam; se eles lhes arrancam algumas práticas, não é para os suplantarem, mas para lhes provar que não estão absolutamente mortos, e lhes oferecer o concurso desinteressado aos que quiserem aceitá-lo. Para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos e os haverá sempre; apenas os que aproveitarem as novidades que lhes trouxerem os desencarnados terão uma grande vantagem sobre os que ficarem para trás. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la.

Na cura da Sra. Maurel, um fato que surpreenderá, talvez, ainda mais que a rápida soldura dos ossos, é o movimento do braço fraturado, que parece contrário a todas as leis conhecidas da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; desde que existe, tem uma causa; desde que se renova, está submetido a uma lei. Ora, é essa lei que o Espiritismo nos vem dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Aquele braço que, submetido só às leis da gravidade, não podia erguer-se, supõe-o mergulhado num líquido de uma densidade muito maior que a do ar; fraturado como está, uma vez sustido por esse líquido que lhe diminui o peso, poderá aí mover-se sem esforço, e até erguido sem o menor esforço. É assim que num banho, o braço que parece muito pesado fora da água, parece muito leve dentro da água. Substituí o líquido por um fluido que goze das mesmas propriedades e teréis o que se passa no caso presente; fenômeno que repousa no mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Esse fluido é o fluido perispiritual, que o Espírito dirige à vontade, e cujas propriedades modifica pela simples ação da vontade. Na circunstância presente, deve-se, pois, imaginar o braço da Sra. Maurel mergulhado num meio fluídico que produz o efeito do ar sobre os balões.

Alguém perguntava a respeito, se na cura dessa fratura o Espírito do Dr. Demeure teria agido com ou sem o concurso da eletricidade e do calor.

A isto respondemos que a cura foi produzida, no caso, como em todos os casos de cura pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido, posto que etéreo, não deixa de ser matéria; que pela corrente que lhe imprime o Espírito pode

Parapsicologia

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ir para: [navegação](#), [pesquisa](#)

A **Parapsicologia**, também conhecida como [Pesquisa Psi](#), é o estudo de certos fenômenos presumivelmente não creditados pelas outras ciências. Da forma como é tratada no [Brasil](#), trata-se de uma [pseudociência](#), que até o presente momento não possui embasamento [empírico](#) ou trabalhos publicados em periódicos científicos internacionais. Uma nova disciplina científica, no entanto, sucessora da Parapsicologia clássica, toma as alegações [paranormais](#) como objeto de estudo: [Pesquisa Psi](#). A Pesquisa Psi distingue-se da Parapsicologia (como compreendida popularmente no Brasil) por não ter objetivos religiosos e por usar exclusivamente o método científico como meio de avaliar as alegações paranormais. No Brasil, o principal grupo de Pesquisa Psi - introdutor do termo no país.

Índice

[\[esconder\]](#)

- [1 Definição](#)
- [2 O que não é Parapsicologia](#)
- [3 Ver também](#)
- [4 Ligações externas](#)

 [\[editar\]](#) Definição

A Parapsicologia é a área e conhecimento que estuda certos eventos raros associados à experiência humana.

Há uma tradição dentro do senso-comum que sustenta que os mundos subjetivo e objetivo são completamente distintos, sem que haja qualquer imbricação entre eles. O subjetivo existe “aqui, dentro da cabeça”, enquanto que o objetivo existe “lá, no mundo externo”. A Parapsicologia é o estudo de fenômenos que sugerem que a dicotomia estrita entre objetivo/subjetivo pode ser, ao contrário, parte de um conjunto, com alguns fenômenos entremeando ocasionalmente o que é puramente subjetivo e o que é puramente objetivo. Chamamos tais fenômenos de “anômalos” porque são difíceis de serem explicados pelos modelos científicos atuais. Ex.: a psicocinesia (PK) e os fenômenos sugestivos da sobrevivência após a morte, incluindo as experiências próximas da morte, as aparições e a reencarnação. A maioria dos parapsicólogos, atualmente, espera que estudos adicionais venham finalmente explicar essas anomalias em termos científicos, apesar de não estar claro se eles podem ser completamente compreendidos sem expansões significativas (poderia se dizer revolucionárias) do estado atual do conhecimento científico. Outros pesquisadores assumem a posição de que modelos científicos já existentes, tais como os de percepção e de memória, são adequados para explicar alguns dos fenômenos parapsicológicos.

Tradicionalmente, a Parapsicologia é definida como a disciplina científica que tem como objeto de estudo a possível interação extra-sensório-motora entre o ser humano e o meio (que inclui outros seres humanos e outros seres vivos). Dizendo de outra maneira, a Parapsicologia estuda: a) a hipótese da existência de uma forma de obtenção de informações (comunicação) que prescindia da utilização dos sentidos humanos conhecidos (ESP [percepção extra-sensorial](#): telepatia, clarividência e precognição) e, b) a hipótese da existência de uma forma de ação humana sobre o meio físico em que não seriam utilizados quaisquer mediadores ou agentes (músculos ou forças físicas) conhecidos (PK [psicocinesia](#)). Um dos problemas cruciais em Parapsicologia é a utilização de uma definição negativa de seu objeto de estudo, ou seja, a diz-se o que os fenômenos parecem não ser e não o que eles de fato sejam. Este problema reflete a falta de uma teoria unificadora para os fenômenos psi. Não que não existam teorias e modelos, o que não existe é uma teoria que possa dar conta, ao mesmo tempo, das observações de casos espontâneos e dos dados oriundos da pesquisa experimental.

[\[editar\]](#) O que não é Parapsicologia

Apesar do que a mídia costuma sugerir, a Parapsicologia não é o estudo de “qualquer coisa paranormal” ou bizarra. A Parapsicologia não está preocupada com a Astrologia, os OVNIS, a busca do Pé-Grande, o paganismo, os vampiros, a alquimia ou a bruxaria.

Muitos cientistas vêm a Parapsicologia com grande suspeita também porque o termo “parapsicologia” tem sido associado a uma vasta variedade de fenômenos misteriosos, tópicos marginais e pseudo-ciência. A Parapsicologia também é freqüentemente associada - e mais uma vez inadequamente - com um grande grupo de indivíduos que promovem entretenimentos parapsicológicos, prestidigitadores e os assim chamados “investigadores do paranormal”. Além disso, alguns dos que se auto-proclamam “paranormais” chamam a si mesmos de parapsicólogos, porém isto não tem nada a ver com o que fazemos, como este material ajudará a esclarecer.

A Parapsicologia não é um instrumento para a defesa ou ataque de credos religiosos, apesar de ter sido ostensivamente utilizada para tal finalidade no Brasil. Nem tem, a Parapsicologia, condições de dar a última palavra em questões religiosas, como a diferenciação entre “verdadeiros e falsos milagres”, o que também tem sido divulgado com certa freqüência entre alguns setores religiosos brasileiros. À Parapsicologia, como ciência, cabe analisar fatos e procurar, mediante a aplicação da metodologia científica de pesquisa, compreendê-los desde o ponto de vista das teorias científicas. Se um fenômeno não pode ser compreendido desde esse ponto de vista, a Parapsicologia não pode descartá-lo, tampouco pode atribuir-lhe uma interpretação sobrenaturalista.

E é bom sempre ressaltar que não existe parapsicologia clínica. Que o pesquisador psi possa orientar (no sentido pedagógico) pessoas que alegam ter experiências psi é uma coisa, mas afirmar-se a existência de uma “Parapsicologia Clínica” de duas uma: ou é ingenuidade científica ou charlatanismo.

A Pesquisa Psi é uma ciência pura, no sentido de ainda não ter conhecimentos aplicáveis. Não existem “métodos parapsicológicos” que, na verdade são vendidos com parapsicológicos para dar legitimidade a técnica (como se fossem científicos) e para encobrir a falta de habilitação do auto-alegado “parapsicólogo” (uma vez que geralmente não é formado em áreas de saúde).

As técnicas vendidas propositalmente como parapsicológicas são, via de regra, pseudocientíficas, são “terapias alternativas” cuja validação não foi feita. Caso de polícia, de irresponsabilidade ou, no mínimo, de desinformação.

[[editar](#)] Ver também

- [Pesquisa Psi](#)

[[editar](#)] Ligações externas

- [Blog Linha Cética: a empiria contra a retórica pseudocética e pseudocientífica](#)
- [Pesquisa Psi \(site mantido pelo Inter Psi/PUC-SP\)](#)
- [Perguntas e respostas frequentes sobre parapsicologia](#)
- [Artigo: Introdução ao conceito de PSI](#)
- [Métodos de pesquisa em parapsicologia](#)
- [A questão da nomenclatura na parapsicologia](#)
- [O Estatuto científico da parapsicologia](#)
- [Lista de Instituições de pesquisa](#)
- [Definição cética da Parapsicologia](#)
- [Parapsychological Association, Associação de parapsicologia internacional -site em inglês](#)
- [Vídeo:Wellington Zangari-Pesquisa Psi: Objeto de Estudo e Perspectiva Científica](#)
- [Outros vídeos introdutórios sobre parapsicologia](#)

Retirado de "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Parapsicologia>"

- Esta página foi modificada pela última vez a 06:15, 29 Janeiro 2007.
- O texto desta página está sob a [GNU Free Documentation License](#). Os direitos autorais de todas as contribuições para a Wikipédia pertencem aos seus respectivos autores (mais informações em [direitos autorais](#)).

*

Marcello Truzzi, publicado no The Zetetic Scholar, #12-13, 1987

Publicado em português no [Ceticismo Aberto](#)

Ao longo dos anos, tenho condenado o mau uso do termo "cético" quando usado para se referir a todos os críticos de alegações sobre anomalias. Infelizmente o termo tem sido abusado desta forma tanto por proponentes quanto por críticos do paranormal. Às vezes os usuários do termo distinguem entre os assim chamados céticos "leves" [soft] contra os céticos "duros" [hard], e eu reavivei em parte o termo "zetético" por causa deste mau uso. Mas agora penso que os problemas criados vão além de mera terminologia e a situação precisa ser passada a limpo. Uma vez que "ceticismo" corretamente se refere à dúvida em lugar da negação -- não-crença em lugar de crença -- críticos que tomam a posição negativa em lugar da agnóstica, mas ainda se chamam "céticos", são de fato pseudo-céticos e têm, creio eu, ganhado uma falsa vantagem usurpando esse rótulo.

*

[Jung e a Pesquisa Psi](#)

Camargo, Mônica de (2005). Jung e a Pesquisa Psi. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, vol 2.

Mônica de Camargo

Inter Psi / CENEP / COS / PUC-SP
monycamel@yahoo.com.br

Jung nasceu na Basileia, Suíça. De origem humilde e filho de pastor luterano, desde sua infância Jung guardava interesses incomuns a garotos de sua idade, despontando para um caminho voltado ao auto-conhecimento e à pesquisa da natureza do psiquismo humano. Formou-se médico psiquiatra e foi discípulo de Freud, do qual separou-se após divergências teóricas. Seguindo suas próprias idéias em relação ao funcionamento do mundo mental formulou a Psicologia Analítica.

Jung valorizava o universo de acontecimentos interiores como a parte mais significativa da realidade, sendo este a fonte de seu maior interesse e o material a partir do qual formulou os conceitos da Psicologia Analítica. O conteúdo de suas vivências e das de seus pacientes demarcaram um campo de estudos e investigação que outros cientistas e teóricos do mundo mental não contemplavam.

Desde cedo, Jung entrou em contato com experiências de natureza parapsicológica, ou que até então não poderiam ser explicadas cientificamente. Embora imbuído de espírito científico, ele não descartou o material de sua experiência, rica em ocorrências de telepatia, clarividência, precognição e psicocinesia, pela impossibilidade da aceitação acadêmica imediata de tais fenômenos. Outrossim, despontou como um pesquisador destas questões, às quais lançou a luz da compreensão através dos fundamentos de sua Psicologia Analítica.

[- Leia Mais -](#)
[A Psicologia do Poltergeist](#)

Zangari, W. & Machado, F. R. . A Psicologia do Poltergeist. *Jornal de Parapsicologia*, Braga, nº. 12 (pp. 13-19) _

Fátima Regina Machado & Wellington Zangari

RESUMO: O fenômeno poltergeist ou RSPK (psicocinesia recorrente espontânea), como é tecnicamente chamado em Parapsicologia, é ainda um dos mais intrigantes assuntos estudados na área. Esse fenômeno envolve ocorrências físicas tais como chuvas de pedras, movimentação, quebra, aparecimento e desaparecimentos de objetos, pirogenia, aparecimento de água, sons e luzes sem nenhuma explicação "normal" para esses eventos. A Psicologia tem contribuído para o estudo dessas ocorrências propiciando, através de testes psicológicos, traçar um perfil das pessoas que são ou foram agentes desses fenômenos a fim de tentar detectar o que faz com que certas pessoas passem por esse tipo de experiência e outras não. Scott Rogo alerta para a importância do contexto social em que o agente está envolvido, sugerindo a avaliação psicológica de todos os membros da família envolvidos na ocorrência e não só do agente. Ainda não se chegou a um consenso, porém a hipótese de explicação mais aceita é a teoria psicodinâmica, adotada por William Roll e outros. Um fato interessante é que a psicoterapia tem se mostrado eficiente na tentativa de cessar o fenômeno.

[- Leia Mais -](#)
[A Mulher na Parapsicologia](#)

Vera Lúcia Barrionuevo[*]

Resumo

Este trabalho pretende reportar-se à luta feminina no sentido de validar sua influência junto à comunidade Ibero-americana de Parapsicologia; mais especialmente, junto à comunidade brasileira, com exemplos de mulheres cujo trabalho foi precursor, na maioria das vezes, dentro da própria Parapsicologia; outras vezes, apenas limítrofe à área. Pretende descrever o desafio e a afirmação que representam sua presença e contribuição neste campo, que, como o das demais ciências, ainda é de predominância masculina. Propõe-se, a levantar e reunir dados sobre as experiências e feitos de algumas das pioneiras que a briram as portas para o caminho que apresenta, hoje, menos obstáculos ao reconhecimento de sua participação. Propõe-se, também, a evidenciar suas vitórias e enfatizar a importância de seu papel, realçando os resultados positivos advindos do trabalho em parceria de ambos os sexos. Os dados apresentados tiveram como fonte de informação a literatura internacional a respeito do assunto, bem como números fornecidos por diversos Institutos de Ensino e Pesquisa Ibero-americanos contemporâneos. Estes dados se referem aos percentuais masculinos e femininos de integração aos quadros técnicos e administrativos, bem como de novos candidatos ao campo e levanta uma promissora hipótese de pesquisa.

[- Leia Mais -](#)
[Ceticismo, Dogmatismo e Paranormofilia](#)

(Escrito em 30 de Abril de 2002)
 Por Wellington Zangari
 Inter Psi / PUC-SP

Nas últimas semanas, por ocasião do quadro "Desafio Paranormal", do Programa Fantástico, tenho recebido várias mensagens inquirindo-me a respeito das posições ali expressas e pedindo para que eu me posicionasse frente a elas. Aproveitei o ensejo para refletir, um pouco mais, a respeito de certos conceitos e atitudes que, abaixo, espero tornar claras de maneira resumida.

Uma das perguntas que me chegaram: "Vi apresentar-se uma pessoa que se dizia cética. Mas o que ela disse é exatamente o que você sempre disse. Então, você também é um cético?" Minha resposta: "Claro, sou um cientista!" Todo cientista é (ou deve ser) um cético. Adotar a posição cética significa não aceitar qualquer alegação de maneira apriorística. No caso específico de pessoas que afirmam ser possuidoras de certa habilidade "paranormal", a atitude científica é de não aceitar tal alegação sem demonstrações empíricas construídas de maneira a se verificar, experimentalmente, se a alegação se sustenta ou não. Nesse sentido, o que faz o mágico (canadense, não americano como o programa vive a repetir) James "Amazing" Randi é exatamente o que fazemos nós, cientistas que investigamos tais alegações.

[- Leia Mais -](#)

[Incidência e Relevância Social das Experiências Psi de Estudantes Universitários Brasileiros](#)

Zangari, W. & Machado, F. R. (1996). Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students's Psychic Experiences. *European Journal of Parapsychology*, Edimburgh, v. 12. (pp. 75-87)

Wellington Zangari & Fátima Regina Machado

Resumo

O principal objetivo deste trabalho é relatar a incidência e relevância sociológica de experiências parapsicológicas na vida diária de estudantes universitários brasileiros, e chamar a atenção dos pesquisadores, especialmente dos que fazem pesquisa no Brasil, para a promissora oportunidade que este país oferece para se fazer estudos de campo produtivos. O presente estudo compreende a análise de dados obtidos através da aplicação de um questionário de 72 itens, em parte traduzido do questionário de 46 itens de Palmer (1979) com algumas adaptações de acordo com a cultura brasileira. O restante do questionário compreende 27 questões da Escala de Experiências de Dissociação (Scale Experience Dissociative), desenvolvida por Bernstein e Putnam (1986). Essas questões também foram traduzidas e incluídas no questionário para uma posterior análise dos dados. Os resultados foram muito interessantes: 89,5% dos respondentes disseram ter passado por pelo menos uma experiência psíquica. Detalhes descritivos dos resultados do questionário são apresentados. Em um trabalho futuro, pretendemos analisar todos os itens do questionário, comparando-os aos resultados de outros questionários. Pretendemos também ampliar o estudo para conseguir uma amostra quantitativamente significativa da população brasileira para maiores análises.

[- Leia Mais -](#)

[A investigação parapsicológica na cátedra koestler](#)

Morris, Robert L. & Watt, Caroline (1997) A investigação parapsicológica na cátedra koestler. *Revista Argentina de Pesquisa Paranormal*, Vol 8 (3) (pp 147-166)

Traduzido do Espanhol por Vitor Moura.
 ([Tambien disponible en Español](#))

Fundação da Cátedra

Quando o célebre escritor Arthur Koestler, e sua esposa Cynthia, faleceram em 1982, manifestaram seu desejo de fundar uma Cátedra de Parapsicologia numa universidade britânica. A Cátedra foi eventualmente situada no Departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo, e o Professor Robert L. Morris se tornou seu titular para fins de 1985. Pouco tempo depois, o Professor Morris contratou uma secretária administrativa, a Sra. Helen Sims, e três pesquisadores, a Dra. Deborah Delanoy, Presidente da PA em 1994, Dra. Julie Milton e Dra. Caroline Watt. Nossa causa oficial ante a Universidade foi flexível; a parapsicologia foi definida como 'o estudo científico dos fenômenos paranormais, em particular a presumível capacidade de algumas pessoas de interagir em seu meio físico por outro meios que os canais sensorio-motores conhecidos.' Nossa causa extraoficial foi trabalhar sobre esta definição para desenvolver um programa de investigação sistemático e responsável. Este programa expõe os fundamentos que integram a parapsicologia no ensino universitário e nas atividades de investigação como um princípio básico. Se nos pediu, em breve, desenvolver uma parapsicologia viável no futuro. O que segue é uma descrição de nossas atividades de investigação, e a filosofia que nos sustenta.

[- Leia Mais -](#)

Designed by allmambo.com

Este Website é uma realização do [Inter Psi](#) e é mantido por Leonardo Stern e Wellington Zangari

© 2007 Pesquisa Psi

[Joomla!](#) is Free Software released under the GNU/GPL License.

*

O Inter Psi Esclarece

A relação entre o objeto de estudo do [Inter Psi - Grupo de Semiótica, Interconectividade e Consciência \(CENEP / COS / PUC-SP\)](#) com o objeto de estudo da assim chamada Parapsicologia é, por um lado, evidente e, por outro, aparente. Reconhecemos que há parapsicólogos(as) que realizam pesquisas de psi empregando metodologia científica (exs. <http://anson.ucdavis.edu/~utts/91rmp.html> e http://www.psych.cornell.edu/dbem/does_psi_exist.html), o que é admitido, inclusive, por críticos(as) da Parapsicologia. (exs: <http://anson.ucdavis.edu/~utts/91rmp-c3.html> e <http://www.csicop.org/si/9603/claims.html>).

Por outro lado, reconhecemos também que muito do que é divulgado como sendo “Parapsicologia”, sobretudo no Brasil, nada tem de científico, aproximando-se mais da religião, do assim chamado movimento “New Age” e do charlatanismo. Sustentamos que não há nada que, no presente estado da pesquisa de psi, nos permita sustentar ou rejeitar qualquer alegação religiosa. E ainda: não há, até o momento, conhecimento científico suficiente para sustentar qualquer aplicação prática de psi.

O objetivo do Inter Psi é exclusivamente científico. A literatura empregada para os estudos do grupo compreende artigos de pesquisadores que afirmam não ter encontrado evidências de psi e/ou que sustentam sua impossibilidade teórica e daqueles que alegam ter encontrado evidências de psi e/ou que sustentam sua possibilidade teórica.

O Inter Psi não é um grupo exclusivamente formado nem por críticos nem por parapsicólogos. É um grupo interdisciplinar, cujo objetivo é avaliar as alegação a respeito da existência de psi da maneira mais isenta possível, com certa dose de ceticismo, e seguindo critérios metodológicos científicos. Entendemos que qualquer posição favorável ou desfavorável a psi é, no atual estado da pesquisa, prematura.

A versão original dessa FAQ, produzida por um importante proponente de psi, Dr. Dean Radin, do [Consciousness Research Laboratory](#), apesar de apresentar a posição dos críticos da Parapsicologia, não oferece material suplementar para que o leitor possa se aprofundar nos argumentos contrário à existência de psi. Para alcançar o equilíbrio na apresentação desses dois pontos de vista distintos, introduzimos recursos que a versão original dessa FAQ não continha. Foram agregados hyperlinks para que o leitor possa, não apenas obter maiores informações a respeito do tema tratado do ponto de vista dos proponentes de psi, mas também para que ele possa ter acesso a textos que fundamentam a posição dos críticos da Parapsicologia e seus estudos. Acrescentamos, ainda, perguntas e hyperlinks que conduzem o leitor aos principais centros de pesquisa, associações e fundações, experimentos on-line.

Assim, mais do que uma FAQ, o material abaixo se constitui em um guia para todos os interessados em obter informações a respeito do desafio chamado psi. Considere-se essa FAQ em construção, uma vez que novas questões e hyperlinks poderão ser agregadas à medida em que haja material relevante para ser inserido. Os organizadores agradecem sugestões de modificações da FAQ (pesquisapsi@gmail.com).

Hyperlinks adicionados pelo Inter Psi

O conteúdo das “Perguntas Frequentes sobre Fenômenos Psi”, foi editado pelo Dr. Dean Radin, do [Consciousness Research Laboratory](#). O [Inter Psi - Grupo de Semiótica, Interconectividade e Consciência \(CEPE / COS / PUC-SP\)](#) recebeu dele autorização expressa para publicar este material em português. Adequações lingüísticas foram feitas, hyperlinks e perguntas e adendos às respostas originais (abaixo apresentadas em preto) foram inseridas (conforme esclarecimento acima) pelo Inter Psi.

[\(Versão em Inglês\)](#)

Sobre o FAQ

- [Quem compilou este material?](#)
- [Qual é o público alvo?](#)

Parapsicologia

- [O que é Parapsicologia?](#)
- [O que não é Parapsicologia?](#)
- [O que os parapsicólogos estudam?](#)
- [Por que a Parapsicologia é interessante?](#)
- [Quais são as aplicações práticas de psi?](#)
- [Quais são as principais abordagens de pesquisa?](#)
- [Por que a Parapsicologia é cronicamente controversa?](#)
- [Qual o estado atual da demonstração empírica de psi?](#)
- [Qual o estado atual do desenvolvimento de uma teoria sobre psi?](#)
- [Se psi é real, como os cassinos ganham tanto dinheiro?](#)
- [Qual é a história da Parapsicologia?](#)
- [Onde eu posso estudar ou conseguir um emprego em Parapsicologia?](#)
- [Alguém vai ganhar um milhão de dólares do Randi?](#)

Mágica e a Pesquisa Psi

- [Qual é a validade de um mágico reproduzir um fenômeno psi utilizando truques de mágica ??](#)
- [Ao expor um truque supostamente realizado por um alegado paranormal, o mágico não estaria violando o código de ética dos mágicos ?](#)
- [Como um mágico deve proceder para colaborar com a Pesquisa Psi sem violar o código de ética dos mágicos ?](#)

Escolas e Terapias Parapsicológicas

- [Existem diferentes escolas ou linhas de Parapsicologia ?](#)

Experimentos

- [Quais são os principais experimentos da atualidade ??](#)
- [A influência da PK sobre geradores de números aleatórios](#)
- [A influência da PK sobre sistemas vivos](#)
- [A ESP no ganzfeld](#)
- [Visão Remota](#)
- [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#)

Psicocinese (PK)

- [Os efeitos psicocinéticos \(PK\) de grandes proporções, como a levitação, são reais?](#)

Respostas a Críticas

- [Sucessos parapsicológicos se devem a Falhas Experimentais ?](#)

- [Os fenômenos psi são cientificamente impossíveis ?](#)
- [A Parapsicologia ainda não tem um experimento “replicável”.](#)
- [Supostas evidências dos fenômenos psi podem ser explicadas por "puro acaso".](#)
- [Significância estatísticas dos experimentos psi são explicados pela omissão de resultados negativos.](#)
- [Pesquisadores Psi não publicam em periódicos indexados ??](#)

Fantasmas e Poltergeists

- [Os fantasmas são reais?](#)
- [Os poltergeist são reais?](#)

Espiritismo e Mediunidade

- [Espíritos existem ?](#)
- [A mediunidade é real?](#)
- [Reencarnação existe?](#)

Assuntos Correlatos

- [Técnica de Regressão de memória](#)

Questões levantadas por pseudo-céticos

- [Se as pesquisas que sugerem a existência de fenômenos psi são verdadeiras, basta envia-las ao Randi e receber US\\$ 1.000.000.](#)
- [Nenhum cientista \(também aparece como físico ou neurocientista\) leva a sério a Pesquisa Psi](#)
- [A Pesquisa Psi não obteve nenhum progresso depois de mais de 1 século de pesquisas](#)

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on September 17, 2006, at 07:11 AM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

O QUE É PARAPSIKOLOGIA?

A Parapsicologia é a ciência e o estudo acadêmico de certos eventos raros associados à experiência humana.

Há uma tradição dentro do senso-comum que sustenta que os mundos subjetivo e objetivo são completamente distintos, sem que haja qualquer imbricação entre eles. O subjetivo existe “aqui, dentro da cabeça”, enquanto que o objetivo existe “lá, no mundo externo”. A Parapsicologia é o estudo de fenômenos que sugerem que a dicotomia estrita entre objetivo/subjetivo pode ser, ao contrário, parte de um conjunto, com alguns fenômenos entremeando ocasionalmente o que é puramente subjetivo e o que é puramente objetivo. Chamamos tais fenômenos de “anômalos” porque são difíceis de serem explicados pelos modelos científicos atuais. Ex.: a psicocinesia (PK) e os fenômenos sugestivos da sobrevivência após a morte, incluindo as experiências próximas da morte, as aparições e a reencarnação. A maioria dos parapsicólogos, atualmente, espera que estudos adicionais venham finalmente explicar essas anomalias em termos científicos, apesar de não estar claro se eles podem ser completamente compreendidos sem expansões significativas (poderia se dizer revolucionárias) do estado atual do conhecimento científico. Outros pesquisadores assumem a posição de que modelos científicos já existentes, tais como os de percepção e de memória, são adequados para explicar alguns dos fenômenos parapsicológicos.

Adendo do Inter Psi: tradicionalmente, a Parapsicologia é definida como a disciplina científica que tem como objeto de estudo a possível interação extra-sensório-motora entre o ser humano e o meio (que inclui outros seres humanos e outros seres vivos). Dizendo de outra maneira, a Parapsicologia estuda: a) a hipótese da existência de uma forma de obtenção de informações (comunicação) que prescindia da utilização dos sentidos humanos conhecidos (ESP [extra-sensory perception / percepção extra-sensorial]: telepatia, clarividência e precognição) e, b) a hipótese da existência de uma forma de ação humana sobre o meio físico em que não seriam utilizados quaisquer mediadores ou agentes (músculos ou forças físicas) conhecidos (PK [psychokinesis / psicocinesia]). Um dos problemas cruciais em Parapsicologia é a utilização de uma definição negativa de seu objeto de estudo, ou seja, a diz-se o que os fenômenos parecem não ser e não o que eles de fato sejam. Este problema reflete a falta de uma teoria unificadora para os fenômenos psi. Não que não existam teorias e modelos, o que não existe é uma teoria que possa dar conta, ao mesmo tempo, das observações de casos espontâneos e dos dados oriundos da pesquisa experimental.

*

O QUE NÃO É PARAPSIKOLOGIA?

Apesar do que a mídia costuma sugerir, a Parapsicologia não é o estudo de “qualquer coisa paranormal” ou bizarra. A Parapsicologia não está preocupada com a Astrologia, os OVNIS, a busca do Pé-Grande, o paganismo, os vampiros, a alquimia ou a bruxaria. Muitos cientistas vêm a Parapsicologia com grande suspeita porque o termo “parapsicologia” tem sido associado a uma vasta variedade de fenômenos misteriosos, tópicos marginais e pseudo-ciência. A Parapsicologia também é frequentemente associada – e mais uma vez inadequadamente – com um grande grupo de indivíduos que promovem entretenimentos parapsicológicos, prestidigitadores e os assim chamados “investigadores do paranormal”. Além disso, alguns dos que se auto-proclamam “paranormais” chamam a si mesmos de parapsicólogos, porém isto não tem nada a ver com o que fazemos, como este material ajudará a esclarecer.

Adendo do Inter Psi: a Parapsicologia não é um instrumento para a defesa ou ataque de credos religiosos, apesar de ter sido ostensivamente utilizada para tal finalidade no Brasil. Nem tem, a Parapsicologia, condições de dar a última palavra em questões religiosas, como a diferenciação entre “verdadeiros e falsos milagres”, o que também tem sido divulgado com certa frequência entre alguns setores religiosos brasileiros. À Parapsicologia, como ciência, cabe analisar fatos e procurar, mediante a aplicação da metodologia científica de pesquisa, escarta-los desde o ponto de vista das teorias científicas. Se um fenômeno não pode ser compreendido desde esse ponto de vista, a Parapsicologia não pode escarta-lo, tampouco pode atribuir-lhe uma interpretação sobrenaturalista.

*

<< [O que é Parapsicologia?](#) | [FAQ](#) | [O que os parapsicólogos estudam?](#) >>

O aspecto dos fenômenos parapsicológicos que causa mais estranheza e interesse a muitas pessoas é que eles parecem não sofrer as conhecidas limitações de espaço e tempo. Além disso, eles “turvam” a clara distinção que se faz entre a mente e a matéria. Popularmente, os fenômenos parapsicológicos básicos são categorizados da seguinte forma:

Telepatia: Comunicação direta de mente para mente.

Precognição: Também chamada de premonição. Obtenção de informações sobre eventos futuros, em que a informação não possa ter sido inferida através de meios normais. Muitas pessoas relatam sonhos que parecem ser precognitivos.

Clarividência: Algumas vezes chamada de visão à distância; obtenção de informação sobre eventos em localizações distantes, ou seja, além da possibilidade de apreensão sensorial normal.

ESP: Do inglês *extra-sensory perception* (percepção extra-sensorial); um termo geral que designa a obtenção de informações sobre eventos que se encontram além da possibilidade de percepção sensorial normal. Esse termo inclui a telepatia, a clarividência e a precognição.

Psicocinesia : Também conhecida como PK (do inglês *psychokinesis*) é a interação mental direta com objetos físicos, animados ou inanimados.

Bio-PK: Interações mentais diretas com sistemas vivos.

Experiência próxima da morte : Também conhecida como NDE (do inglês *near-death experiences*) é a experiência relatada por aqueles que reviveram de uma quase-morte. Frequentemente se refere a uma experiência profunda que abrange sentimentos de paz, experiências fora-do-corpo, visão de luzes e outros fenômenos.

Experiência fora-do-corpo : Também conhecidas como OBE (do inglês *out of body experiences*) é a experiência de se sentir separado do corpo, frequentemente acompanhada por percepções visuais, como se a pessoa estivesse acima do corpo físico.

Reencarnação: Relatos, tipicamente infantis, de aparente lembrança de vidas anteriores.

Assombração: Fenômeno repetitivo que se diz estar associado a uma localização em particular e que inclui aparições, sons, movimentos de objetos e outros efeitos.

Poltergeist: Fenômenos psicocinéticos (PK) de grandes proporções, frequentemente atribuídos aos espíritos, mas que são compreendidos atualmente como sendo produzidos por pessoas vivas, frequentemente adolescentes.

Psi: Um termo neutro para designar os fenômenos parapsicológicos. “Psi” e “parapsicológico” também são usados como adjetivos sinônimos.

Nota técnica: Termos básicos

Os termos acima são representativos do uso comum, mas os parapsicólogos geralmente definem o fenômeno psi em termos mais neutros ou termos operacionais. Isto porque, em geral, os rótulos carregam fortes conotações que podem levar a más interpretações.

Por exemplo, pensa-se, geralmente, que a telepatia é um tipo de “leitura mental”. Entretanto, na prática, e em algumas pesquisas de laboratório, as experiências de telepatia raramente envolvem percepções de pensamentos reais, e a experiência em si mesma, de um modo geral, não requer uma comunicação entre duas mentes, mas pode ser “explicada” como clarividência ou precognição. Lembre-se de que os nomes e conceitos usados para descrever psi, na verdade, dizem mais sobre as situações em que os fenômenos são observados do que sobre qualquer propriedade fundamental dos fenômenos em si mesmos. O fato de dois eventos serem classificados da mesma forma não significa que eles sejam, na realidade, os mesmos.

Além disso, na prática científica, muitos dos termos básicos usados acima são acompanhados de adjetivos como “aparente”, “suposto”, e “ostensivo”. Isto ocorre porque muitas das alegações de fenômenos que supostamente envolvem psi podem não envolver psi, mas causas normais.

Adendo do Inter Psi: é importante salientar a diferença entre experiência e interpretação de um fenômeno. O fato de uma pessoa sentir-se fora do corpo, não significa, necessariamente, que algo, de fato, tenha deixado seu corpo. O mesmo acontece com as experiências de reencarnação, em que pessoas relatam lembrar-se de vivências que interpretam como sendo de vidas passadas. Tais interpretações são fundamentais para a pesquisa, uma vez que mostram de que forma a cultura e o conhecimento científico de uma pessoa pode influenciar na maneira como ela interpreta suas experiências. Essas interpretações são, ainda, importantes por gerarem hipóteses científicas. A ciência não deve, por outro lado, nem descartar, nem apoiar quaisquer interpretações de maneira apriorística, sem que dados de pesquisas rejeitem ou aceitem hipóteses testadas de maneira científica.

<< [O que não é Parapsicologia?](#) | [FAQ](#) | [Por que a Parapsicologia é interessante](#)

A Parapsicologia é interessante principalmente devido às suas implicações. Para listar alguns poucos exemplos, os fenômenos psi sugerem (a) que o conhecimento da ciência sobre o universo é incompleto; (b) que as pretensas capacidades e limitações do potencial humano têm sido subestimadas; (c) que as hipóteses fundamentais e as crenças filosóficas sobre a separação entre mente e corpo podem estar incorretas e (d) que as suposições religiosas sobre a natureza divina dos “milagres” podem estar equivocadas.

Como um aparte, devemos notar que muitos parapsicólogos científicos, da atualidade, incluindo a maioria dos autores deste material, abordam os fenômenos psi de forma empírica, de acordo com os dados colhidos, e evitam especialmente especular sobre implicações que não são sustentadas por esses dados. Entretanto, alguns pesquisadores consideram que os resultados atuais da Parapsicologia têm uma ampla variedade de implicações fundamentais, incluindo aquelas sobre a natureza espiritual da humanidade. Assim, em consideração à ampla gama de expectativas dos leitores deste documento, apresentaremos, a seguir, nas Notas Técnicas, algumas das possíveis implicações de psi, reconhecendo que esta seção é meramente especulativa.

Nota técnica: Implicações

Os físicos, em geral, tendem a se interessar por Parapsicologia por deduzirem que não entendemos nada sobre espaço, tempo e transmissão de energia e informação. Os biólogos estão interessados porque psi implica na existência de métodos inexplicados e suplementares de sentir o mundo. Os psicólogos estão interessados pelas implicações de psi sobre a natureza da percepção e da memória. Os filósofos se interessam porque os fenômenos psi apontam muitos problemas filosóficos antigos, incluindo o papel da mente no mundo físico e a natureza do objetivo *versus* a natureza do subjetivo.

Os teólogos e o público em geral tendem a se interessar porque suas experiências psi pessoais são freqüentemente acompanhadas de sentimentos de expressão inefável e pro-

funda. Como resultado disso, pensa-se que psi tem implicações “espirituais”. De uma perspectiva materialista, que é um dos fundamentos da visão de mundo científica, a consciência humana nada mais é do que um produto emergente do funcionamento do cérebro, do corpo e do sistema nervoso (CCSN). Isto é, não importa quão diferente a mente possa parecer do material corporal, ela é gerada somente pelo funcionamento eletroquímico do CCSN e, dessa forma, é absolutamente dependente dele. Quando o CCSN morre, morre a consciência. Dessa perspectiva, alegações de sobrevivência à morte corporal, ou fantasmas, ou aparições, devem-se à criação ilusória de fatos que se desejaria que fossem verdade. Além disso, os limites do funcionamento material automaticamente determina os limites definitivos do funcionamento mental. Assim, ESP e PK parecem ser impossíveis, dado nosso atual conhecimento sobre o funcionamento do mundo.

Além disso, os fenômenos psi têm ocorrido em todas as culturas ao longo da história, continuam a ocorrer e alguns fenômenos relatados têm sido verificados de forma convincente através de métodos científicos. Devido ao fato de psi aparentemente transcender os pressupostos limites do funcionamento material, e portanto do CCSN, alguns interpretam que psi representa um apoio à idéia de que há alguma coisa a mais na mente do que apenas CCSN, de que existe algum tipo de “alma” ou algo semelhante. Esse aspecto “não-físico”, um aspecto que não parece estar tão estreitamente limitado pelo espaço e pelo tempo como requerem os modelos científicos atuais, poderia sobreviver à morte corporal. Se for assim, podem haver importantes verdades contidas em algumas idéias e práticas espirituais. É claro que a Parapsicologia está muito longe de ser capaz de dizer que “os dados mostram que os “X” (substitua X pelo nome de seu grupo religioso favorito) estão especificamente certos sobre as doutrinas religiosas A, B e C, mas totalmente errados sobre os dogmas P, Q e R.

Devemos enfatizar que há uma grande diferença entre simplesmente notar que os resultados da Parapsicologia podem ter implicações em conceitos religiosos e a idéia de que os parapsicólogos são guiados por algum plano secreto a nível espiritual. Alguns críticos da Parapsicologia parecem acreditar que todos os parapsicólogos têm motivações religiosas ocultas e que eles têm, na verdade, a intenção de provar a existência da alma. Isto é tão verdade quanto alegar que todos os químicos, na realidade, nutrem ambições secretas sobre a alquimia e assim seu real compromisso seria com a transmutação do mercúrio em ouro. As razões pelas quais os investigadores sérios são atraídos por qualquer disciplina são tão diversas quanto suas experiências.

<< [O que os parapsicólogos estudam?](#) | [FAQ](#) | [Quais são as aplicações práticas de psi?](#)

>>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:31 AM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

QUAIS SÃO AS APLICAÇÕES PRÁTICAS DE PSI?

Estudos sobre a interação mental direta com sistemas vivos sugerem que técnicas tradicionais de cura mental, como, por exemplo, as rezas, podem estar baseadas em genuínos efeitos mediados por psi. No futuro, pode ser possível desenvolver métodos sofisticados de cura com base nesses fenômenos.

Psi pode estar implicada na *Lei de Murphy*: “Se alguma coisa pode dar errado, isso acontece”. Isto é, máquinas modernas baseadas em circuitos eletrônicos sensíveis, tais como copiadoras e computadores, podem às vezes interagir com a intenção humana e, como resultado, inexplicavelmente falhar em momentos inoportunos. É claro que o inverso pode ser verdadeiro. Existe a possibilidade de consertar ou controlar máquinas sensíveis somente por meios mentais. Tais tecnologias seriam de grande benefício para as pessoas deficientes.

Outras aplicações em potencial incluem métodos aperfeiçoados de tomada de decisões, localização de pessoas ou valores perdidos e descrição de eventos em cuja localização não podemos chegar devido à distância, ao tempo, ou à dificuldade de acesso. Isto inclui a possibilidade da realização de trabalhos em História e de prognósticos baseados em psi.

Habilidades psi altamente desenvolvidas podem beneficiar a psicoterapia e outras formas de aconselhamento. Psi pode ser usada para fornecer uma margem estatística em negócios financeiros e na localização de tesouros arqueológicos.

([Um exemplo de como considerar psi pode beneficiar a psicoterapia](#)) – Texto técnico: “Psicanálise e Surto Psicótico: Considerações sobre Aspectos Técnicos”, por Roosevelt M. S. Cassorla, da Associação Brasileira de Psicanálise. *Este é um arquivo Ms Word? Executável, e está “zipado”. Depois de fazer o download para o seu disco rígido é necessário “deszipá-lo” antes de poder lê-lo.*

<< [Por que a Parapsicologia é interessante?](#) | [FAQ](#) | [Quais são as principais abordagens de pesquisa?](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:33 AM
[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ABORDAGENS DE PESQUISA?

Como em qualquer domínio multidisciplinar, há muitos modos de se conduzir pesquisas. Os cinco métodos principais usados em Parapsicologia são:

1. a pesquisa acadêmica, incluindo a discussão de temas filosóficos e levantamentos históricos;
2. a pesquisa analítica, incluindo análise estatística de grandes bancos de dados.
3. os estudos de casos, incluindo estudos aprofundados de experiências psi pessoais, pesquisas de campo e comparações trans-culturais de crenças e práticas relacionadas a psi;
4. a pesquisa teórica, incluindo modelos matemáticos, descritivos e fenomenológicos de psi;
5. a pesquisa experimental, incluindo estudos dos efeitos psi em laboratório.

Apesar de todas essas cinco abordagens contribuírem para o campo, atualmente a fonte fundamental de “forte demonstração empírica” em Parapsicologia são os experimentos laboratoriais controlados. Aplicando os rigorosos padrões do método científico, pesquisadores desenvolveram, durante as últimas seis décadas, um conjunto de dados cada vez mais convincente de certos tipos de fenômenos.

Vários projetos experimentais especiais têm sido desenvolvidos durante esse tempo e alguns poucos experimentos selecionados têm sido atualmente repetidos centenas de vezes por dezenas de pesquisadores no mundo todo. Algumas vezes esses experimentos são realizados apenas como replicações, mas de um modo geral, são experimentos conceitualmente semelhantes que adicionam controles ou estendem o espectro de questões lançadas.

<< [Quais são as aplicações práticas de psi?](#) | [FAQ](#) | [Por que a Parapsicologia é cronicamente controversa?](#) >>

*

POR QUE A PARAPSIKOLOGIA É CRONICAMENTE CONTROVERSA?

A Parapsicologia permanece polêmica ainda hoje, mesmo com resultados substanciais, persuasivos e cientificamente aceitáveis, por três razões principais:

1ª.) A mídia e grande parte do público frequentemente confunde Parapsicologia com crenças sensacionais e não científicas e histórias sobre “o paranormal”. A difusão dessas idéias confusas tem levado muitos cientistas a simplesmente rejeitar o campo como sendo indigno de estudo sério e, assim, pensam que não valeria a pena gastar seu tempo para examinar a demonstração empírica existente. Além disso, compreender a natureza da demonstração empírica existente em Parapsicologia está longe de ser fácil. Apesar de os resultados meta-analíticos serem consistentes e persuasivos, a meta-análise requer conhecimento especializado para que se compreenda esse tipo de demonstração empírica. Para pessoas que não estão familiarizadas com a Estatística, ou não confiam nela (o que geralmente é sinal de mal entendimento), a demonstração não parecerá muito convincente. Essas mesmas pessoas podem, então, ter em mãos um bom material, estar com a psi “bem debaixo de seus narizes”, ou ter acesso a provas auto-evidentes, e, mesmo assim, elas vão encontrar grandes quantidades de demonstrações factuais, mas quase nenhum dado cientificamente confiável. Elas podem então entender as longas discussões sobre Parapsicologia, como esta que você está lendo neste material, como prova de que ninguém sabe o que está se passando e que os cientistas ainda estão basicamente “enrolando”, indecisos sobre esse assunto. Nossa resposta é simples: as demonstrações científicas para algumas formas de psi é extremamente convincente. Em essência, psi existe e estamos começando a aprender um pouco mais sobre ela e sobre quem a possui. Leia todo este material e cheque as referências.

2ª) Mesmo que alguém procure estudar as demonstrações empíricas, muitos dos trabalhos persuasivos estão publicados em revistas profissionais especializadas que têm uma circulação limitada. Essas revistas podem ser encontradas nas bibliotecas das grandes universidades mas, em muitos casos, os estudantes devem procurar reedições e relatórios técnicos dos autores. Este material que você está lendo foi preparado em parte para amenizar esse problema e para fornecer referências de fontes variadas.

3ª) Algumas pessoas têm medo de que psi possa existir de verdade. O medo da psi surge, por exemplo, porque as pessoas pensam o seguinte:

1. A psi está associada a forças diabólicas, à abe e à bruxaria.
2. A psi sugere a perda dos limites normais do ego.
3. As pessoas podem ser capazes de ler sua mente e saberem que você, secretamente (ou inconscientemente), alimenta pensamentos sexuais, agressivos ou coisas piores.
4. Se você fala sobre psi, as pessoas podem pensar que você está louco(a).
5. Se você pensa que vivencia fenômenos psi, talvez você esteja louco(a).
6. Antes de você completar seis anos de idade, seus pais desaprovaram suas pequenas demonstrações de telepatia.
7. Refletir sobre psi nos leva a uma mentalidade supersticiosa medieval que, por sua vez, irá manter uma corrente crescente de pensamentos primitivos e perigosos.
8. Com a ESP você pode saber coisas que você não quer saber sobre você e sobre outras pessoas – isto é, acidentes que estão por acontecer e coisas que você preferiria não ter a responsabilidade de abe-las.
9. Se isso (8) acontece com você, especialmente se você é uma criança, há uma tendência de que você se sinta responsável pelo que fato que você previu.
10. A psi pode interferir nos processos humanos normais de separação e desenvolvimento do ego. Portanto, nós planejamos estratégias sutis para a inibição cultural.
11. Se você for um telepata, como vai distinguir seus próprios pensamentos dos pensamentos dos outros? Talvez isto leve a doenças mentais.
12. Muitas pessoas têm um traço auto-destrutivo de personalidade. Que danos poderiam ocorrer se a psi fosse usada a serviço desse fator? Jule Eisenbud escreveu sobre isto em seu livro: “A Parapsicologia e o Inconsciente”.
13. Se psi existe, quais das minhas crenças terei que abandonar?
14. Se psi existe, isto significa que um agente psi (pessoa que tem habilidades psi, popularmente chamado de “paranormal”) poderia me ver enquanto eu estivesse usando o banheiro?
15. Se psi existe, então talvez eu não possa me isolar tão facilmente da dor e do sofrimento do mundo.

A lista acima foi uma cortesia de Jeffrey Mishlove, Diretor da Rede de Intuição do [Instituto de Ciências Noéticas](#).

<< [Quais são as principais abordagens de pesquisa?](#) | [FAQ](#) | [Qual o estado atual da demonstração empírica de psi?](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:35 AM
[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

QUAL O ESTADO ATUAL DA DEMONSTRAÇÃO EMPÍRICA DE PSI?

Para sermos precisos, quando dizemos que “X” existe, queremos dizer que o conjunto de dados estatísticos acumulados sobre experimentos que estudam “X” disponíveis atualmente oferecem uma demonstração cientificamente forte e confiável de efeitos do tipo “X”, anômalos e replicáveis.

Tendo isso em mente, a ESP existe, a precognição existe, a telepatia existe e a PK existe. A ESP é estatisticamente forte, o que quer dizer que podemos demonstrá-la de forma confiável por meio de testes repetidos. Porém, tal demonstração tende a ser frágil quando símbolos geométricos simples são usados como alvos. Alvos fotográficos ou em vídeo freqüentemente produzem efeitos muitas vezes maiores e há alguma demonstração de que a ESP em relação aos próprios locais ao invés das fotos dessas localizações e a contextos naturais, pode ser ainda mais forte.

>Alguns efeitos psicocinéticos (PK) também têm sido demonstrados. Quando indivíduos focalizam a sua atenção em dispositivos eletrônicos ou mecânicos que se alteram aleatoriamente, essas alterações mudam de direção conforme a intenção mental dessas pessoas. Sob condições controladas, quando os indivíduos dirigem sua atenção a algum outro lugar, as alterações se dão de acordo com o que se espera pelo acaso.

Note que estamos usando os termos ESP, telepatia e PK no sentido técnico e não no sentido popular. Veja : “(5) O que os parapsicólogos estudam?”.

([Mais a respeito das demonstrações empíricas de Psi](#)) - Texto técnico: “Experimental Evidence Suggestive of Anomalous Consciousness Interactions”, por **Deborah' L. Delaney, Department of Psychology, University of Edinburgh**. **'Originalmente publicado em:** Ghista, Dhanjoo N. (Ed.): Biomedical and Life Physics, pp. 398-410. **Proceedings of the Second Gauss Symposium**, 2-8 August, 1993, Munich. xvi, 545pp. Vieweg, Braunschweig/Wiesbaden, 1996

<< [Por que a Parapsicologia é cronicamente controversa?](#) | [FAQ](#) | [Qual o estado atual do desenvolvimento de uma teoria sobre psi?](#) >>

*

QUAL O ESTADO ATUAL DO DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA SOBRE PSI?

As opiniões sobre os mecanismos de psi são de muito variadas. Devido ao fato de o campo ser multidisciplinar, há teorias físicas, teorias psicológicas, teorias psicofísicas, teorias sociológicas e combinações entre elas.

Em um extremo, os “fiscalistas” tendem a acreditar que a “capacidade de sensibilidade psi” funciona como qualquer outro sistema sensorial humano e, como tal, será mais provavelmente explicada pelos princípios conhecidos da biofísica, da química e das ciências cognitivas. Esses teóricos esperam que psi seja acomodada na estrutura científica existente, talvez com algumas modificações ou ampliações.

No outro extremo, os “mentalistas” defendem a idéia de que a realidade não existiria se não fosse pela consciência humana. Para esses teóricos, a natureza do universo é muito

mais efervescente e, para acomodar psi dentro dos modelos científicos existentes serão necessárias modificações significativas da ciência tal como a conhecemos. Fortes debates teóricos são comuns em Parapsicologia, em parte por que o espírito, a religião, o sentido da vida e outros enigmas filosóficos confrontam-se com a mecânica quântica, com a teoria da probabilidade e com os neurônios.

Alguns teóricos têm tentado relacionar os fenômenos psi com os conceitos semelhantes aos da mecânica quântica, incluindo a não-localidade, as correlações instantâneas à distância e outras anomalias. Tais sugestões sempre acendem vigorosos debates e, em alguns momentos, parece que os críticos são inevitavelmente acusados de não compreenderem a mecânica quântica de forma adequada. (É por isso que não vamos discutir as teorias da mecânica quântica de psi aqui.)

Mais informações a respeito das teorias físicas de psi:

[Mind Matter Unification Project.](#)

([Mais sobre teorias de psi](#)) - Texto introdutório ao tema, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

<< [Qual o estado atual da demonstração empírica de psi?](#) | [FAQ](#) | [Se psi é real, como os cassinos ganham tanto dinheiro?](#) >>

*

SE PSI É REAL, COMO OS CASSINOS GANHAM TANTO DINHEIRO?

A teórica “vantagem da casa” para alguns jogos de cassino é bem pequena, por exemplo, cerca de 1% por jogo de dados favoravelmente jogado. Isto significa que depois de um bom tempo e várias tentativas, bons jogadores de dados podem conseguir recuperar 99 centavos para cada um dolar que jogarem. Se eles acertarem um *hot streak*, podem até mesmo ganhar algum dinheiro. Na prática, a parte de dinheiro que realmente fica para a casa é bem grande (cerca de 25% de cada mesa de jogo) porque raramente as pessoas jogam consistentemente e o ambiente do cassino é projetado intencionalmente para ser barulhento e visualmente dispersivo. Assim, para que uma “pessoa dotada de Psi” provoque qualquer diferença notável nos lucros do cassino em um longo período, essa pessoa deveria: (a) entender as estratégias de cada jogo, (b) jogar de forma consistente de acordo com essas estratégias e (c) aplicar consistentemente psi com força e segurança.

Por um longo tempo, os lucros (ou vantagens) do cassino são previsivelmente estáveis, mas dado que alguns efeitos psi são conhecidos como genuínos, uma “pessoa dotada de psi” consistente (que sabe como jogar os jogos do cassino) pode ganhar algum dinheiro fazendo apostas. Além disso, muitas pessoas aplicando uma “psi fraca” podem causar pequenas flutuações nos lucros da casa. Para testar isto seria necessário analisar uma enorme quantidade de dados sobre o cassino, dados estes muito difíceis de serem obtidos.

<< [Qual o estado atual do desenvolvimento de uma teoria sobre psi?](#) | [FAQ](#) | [Qual é a história da Parapsicologia?](#) >>

*

QUAL É A HISTÓRIA DA PARAPSIKOLOGIA?

Nota: Esta história está limitada ao resumo de uma parte do desenvolvimento da Para-

psicologia que ocorreu nos países de língua inglesa. Como um fenômeno antigo e trans-cultural, a psi tem sido estudada por muitos grupos e de muitas maneiras, ao longo da história. [N.ts. Um texto a respeito da história da Pesquisa de Psi no Brasil pode ser encontrado na seção Artigos, da [Revista Virtual de Pesquisa de Psi?](#), no Portal Psi].

1880

A Parapsicologia, como é praticada no mundo ocidental, originou-se de um interesse sério e científico pelo espiritismo no final do século XIX na Grã Bretanha e nos Estados Unidos.

A [Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres](#) (Society for Psychical Research, SPR), fundada em 1882 e a [Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas](#) (American Society for Psychical Research, ASPR), fundada em 1885, foram criadas por cientistas eminentes da época para estudar médiuns que diziam poder entrar em contato com os mortos ou produzir outros efeitos paranormais. precognitivos, descrições de levitações de mesas, narrativas de visões de fantasmas e assim por diante.

Grande parte das primeiras demonstrações empíricas foram descritivas e casuais, incluindo relatos de sonhos

Alguns membros das Sociedades de Pesquisas Psíquicas projetaram instrumentos especiais para testar os fenômenos que os médiuns de efeitos físicos diziam realizar.

Alguns dos estudos de casos e livros publicados por membros dessas sociedades, mais notavelmente por Frederic Myers no Reino Unido e William James nos Estados Unidos, são clássicos da literatura parapsicológica.

1900 à década de 1960

Em 1917, J. E. Coover, um psicólogo da Universidade de Stanford, foi um dos primeiros investigadores a aplicar técnicas experimentais para estudar as habilidades psi em laboratório. Mas apenas em 1927 a nova era da pesquisa de psi foi estabelecida pelo biólogo J.B.Rhine. Rhine e seus colegas desenvolveram técnicas experimentais originais e ajudaram a popularizar os termos “ESP” (*extrasensory perception*, em português, percepção extra-sensorial) e “parapsicologia”. Contaram também com a colaboração da esposa de Rhine, a bióloga Louisa E. Rhine, mais dedicada ao estudo de casos espontâneos.

O laboratório de Rhine, que inicialmente fazia parte do Departamento de Psicologia da Universidade de Duke em Durham, Carolina do Norte, desenvolveu uma reputação mundial de pioneirismo e pesquisa cientificamente ortodoxa de psi. Em 1935, Rhine criou o primeiro laboratório independente de Parapsicologia, tendo sua base acadêmica na Universidade de Duke. Sua pesquisa mais conhecida envolveu testes de ESP utilizando um baralho especial e testes de PK utilizando dados de jogar. Em 1965, Rhine se aposentou da Duke e mudou seu laboratório para fora do campus. Hoje, o legado de Rhine, o Instituto de Parapsicologia do [Centro de Pesquisas Rhine](#) (Rhine Research Center) conduz ativamente pesquisas psi, tendo como diretor, John Palmer.

Década de 1960

O interesse em Parapsicologia explodiu na década de 60, resultante do estabelecimento dos seguintes programas: William G. Roll fundou a Fundação de Pesquisa Psíquica (Psychical Research Foundation) na Carolina do Norte, EUA. Roll é mais conhecido por seus estudos sobre fenômenos poltergeists e assombrações. Atualmente, Roll está ativo na pesquisa de psi na Georgia.

Ian Stevenson deu início à Divisão de Parapsicologia como parte do Departamento de Psiquiatria da Escola Médica da Universidade de Virgínia. Stevenson enfatizou a pes-

quisa sobre os casos espontâneos, incluindo sonhos precognitivos e impressões telepáticas, e é mais conhecido pelo trabalho pioneiro sobre os fenômenos relacionados à sobrevivência - basicamente, casos de reencarnação em crianças de países como a Índia, Birmânia e Tailândia. A seção chama-se, agora, [Divisão de Estudos da Personalidade](#) (Division of Personality Studies) e Stevenson está trabalhando ativamente em pesquisa. Karlis Osis se tornou o Membro Pesquisador Chester Carlson na Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, na Cidade de Nova York. Osis conduziu pesquisas sobre EFC (experiências fora do corpo), pesquisas de levantamentos de dados sobre crenças e atitudes, estudos de casos de aparições e talvez seja mais conhecido por seu trabalho original sobre visões no leito de morte. Osis é falecido.

A pesquisa parapsicológica foi iniciada no Departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo por John Beloff. Em 1985, a [Cátedra Koestler de Parapsicologia](#) foi estabelecida no departamento devido a uma doação feita por Arthur Koestler e sua esposa Cynthia. O Professor Robert L. Morris é o primeiro chefe dessa cátedra. Morris, sua equipe de pesquisa e os estudantes pós-graduandos estão insistindo ativamente em uma abordagem que enfatiza a compreensão e a facilitação das interações psi.

Um programa especializado de pesquisa foi instituído por Montague Ullman e Stanley Krippner no Maimonides Hospital no Brooklyn, Nova York, EUA. Essa equipe, que mais tarde incluiu Charles Honorton, é mais conhecida por seu trabalho com sonhos telepáticos. Como o programa do Maimonides terminou em 1979, Charles Honorton abriu um novo laboratório, chamado Laboratórios de Pesquisa Psicofísicas (Psychophysical Research Laboratories), em Princeton, Nova Jersey, EUA. O laboratório de Honorton, que continuou operando até 1989, foi o mais conhecido pela pesquisa sobre telepatia em ganzfeld, pelos testes de micro-PK e pelo trabalho meta-analítico. Krippner está atualmente engajado em pesquisa ativa no [Saybrook Institute](#), São Francisco, CA. Honorton morreu tragicamente em 1992, enquanto tentava seu Ph.D em Parapsicologia na Universidade de Edimburgo.

[Charles Tart](#), um professor de Psicologia mais conhecido por seu trabalho pioneiro sobre estados alterados de consciência, lecionou e conduziu pesquisas parapsicológicas na Universidade da Califórnia, em Davis. Agora ele está aposentado das funções que exercia na universidade, mas leciona e faz pesquisas no Instituto de Psicologia Transpessoal em Palo Alto, CA, entre outros lugares.

Década de 1970

Em 1972, iniciou-se um esforço para a especialização na pesquisa de psi na Califórnia, EUA, no SRI Internacional, em Menlo Park, anteriormente chamado de Instituto de Pesquisas de Stanford (Stanford Research Institute). O programa foi estabelecido pelos físicos Harold Puthoff e por Russel Targ; mais tarde, o físico Edwin May juntou-se à equipe. O programa SRI concentrava-se em pesquisa de visão à distância (e cunhou o termo). May assumiu o programa em 1985, quando Puthoff o deixou para assumir uma outra posição. Quando May deixou o SRI Internacional em 1989, reinstalou um programa semelhante em Palo Alto, no [Laboratório de Ciências Cognitivas](#) da Corporação Internacional de Aplicações da Ciência (Science Applications International Corporation, SAIC). Esse programa ainda está envolvido com a pesquisa e é mais conhecido por usar tecnologias sofisticadas, como, por exemplo, magnetoencefalógrafos para estudar o funcionamento do cérebro enquanto indivíduos desempenham tarefas psi. O laboratório também desenvolve modelos teóricos de micro-PK e trabalha na pesquisa de visão remota, fundamentalmente da perspectiva “fiscalista”.

Também em 1979, um outro programa de pesquisa começou em Princeton, Nova Jersey, dentro da Escola de Engenharia da Universidade de Princeton. Foi fundado por

Robert Jahn, que era, na época, Reitor da Escola de Engenharia. O [Laboratório de Pesquisas de Anomalias da Engenharia de Princeton](#) (Princeton Engineering Anomalies Research, PEARL) ainda está realizando pesquisas, e é mais conhecido por seu grande banco de dados sobre testes de micro-PK, testes de PK envolvendo outros sistemas físicos, experimentos de “percepção precognitiva à distância” e seu trabalho teórico na tentativa de relacionar metáforas da física quântica ao funcionamento de psi.

Anos 90

No final de 1993, Dean Radin instituiu o [Laboratório de Pesquisas da Consciência](#) (Consciousness Research Laboratory), um programa de pesquisa de psi dentro do Centro Harry Reid para Estudos Ambientais na Universidade de Nevada, Las Vegas. O laboratório conduzia pesquisas básicas e aplicadas sobre os efeitos psi. Atualmente o Consciousness Research Laboratory continua suas atividades privadamente.

Em 1995, Richard Wiseman iniciou um programa de pesquisa de psi no [Departamento de Psicologia na Universidade de Hertfordshire](#), Reino Unido, e Susan Blackmore iniciou um programa semelhante no Departamento de Psicologia da Universidade de West England, em Bristol, também Reino Unido.

<< [Se psi é real, como os cassinos ganham tanto dinheiro?](#) | [FAQ](#) | [Onde eu posso estudar ou conseguir um emprego em Parapsicologia?](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:41 AM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

ONDE EU POSSO ESTUDAR OU CONSEGUIR UM EMPREGO EM PARAPSIKOLOGIA?

Muitas pessoas gostariam de estudar a consciência humana, Parapsicologia, Psicologia Transpessoal ou uma combinação desses campos. Apesar desses tópicos serem de grande interesse, o número de cursos universitários disponível é - surpreendentemente - muito pequeno. As pessoas frequentemente acreditam que existem programas de graduação e pós-graduação em universidades conhecidas por terem mantido laboratórios de Parapsicologia, especialmente a Duke University, mas a Duke não oferece esses cursos. Por outro lado, apesar de poucos saberem, tanto a Harvard quanto a Stanford University mantêm bolsas de estudo destinadas explicitamente à pesquisa parapsicológica, o que não é divulgado. Além disso, a maior parte dos fundos para essa finalidade tem sido usada para outros propósitos.

Historicamente, a academia tem considerado os fenômenos parapsicológicos como algo embaraçoso pelo fato de eles serem sensacionalisticamente explorados pela indústria de entretenimento, além de estarem também presentes nos testemunhos dos divulgadores das idéias esotéricas do movimento “Nova Era”. Como resultado disso, apesar de haver fundos disponíveis para criar cursos e programas de pesquisa, eles vêm diminuindo há anos.

No momento, não há, nos Estados Unidos, nenhum curso universitário de Parapsicologia que seja reconhecido. Isto não significa que não sejam oferecidas aulas de Parapsicologia, até mesmo em importantes universidades, ou que você não possa fazer um doutorado reconhecido com ênfase em Parapsicologia. A questão é que você não pode obter nenhum grau acadêmico *especificamente* nessa disciplina.

Atualmente, a única universidade dos Estados Unidos com um programa *ativo* em estudos da consciência - o que, neste caso, significa uma sub-área da Parapsicologia - é a Universidade de Nevada, Las Vegas, onde aulas de Parapsicologia têm sido ministradas sob os auspícios da relativamente nova [Cátedra Bigelow de Estudos da Consciência](#). Entretanto, assim como os empregos para pesquisadores em Parapsicologia na Harvard e na Stanford (e vários outras universidades) se extinguíram após a morte de seus benfeitores, o eventual destino dessa nova cátedra também é obscuro. Ao contrário disso, a [Cátedra Koestler de Parapsicologia](#), do Departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo, Escócia surgiu após a morte de Arthur Koestler e sua esposa, que manifestaram o desejo e doaram uma grande quantia em seu testamento para que fosse criada uma cátedra voltada à pesquisa de fenômenos parapsicológicos em uma universidade da Grã Bretanha. Assim, em 1984 a Universidade de Edimburgo foi escolhida para abrigar essa cátedra e desde 1985 o Dr. Robert Morris é o catedrático responsável por ela. Graças a essa cátedra, mais de dez de estudantes de pós-graduação já realizaram seu doutoramento com ênfase em tópicos parapsicológicos. A maior parte desses estudantes atualmente ocupa postos de docência e pesquisa em universidades da Grã-Bretanha.

de instituições da Grã-Bretanha que abrigam novos centros de pesquisa e ensino em Parapsicologia:

Sites

[Nene, University College Northampton](#), Nene University, UK.

[Perrot-Warwick Research Unit](#), University of Hertfordshire, UK., Liverpool John Moores University, UK

Consciousness and Transpersonal Psychology Research Unit

[Parapsychology Studies Group, Coventry University](#), 'UK

Se o seu interesse pela pesquisa da consciência se concentra em um tema relativamente bem aceito pela comunidade científica (digamos, por exemplo, “pesquisa de *biofeedback*”) você poderá encontrar um professor de alguma universidade importante realizando pesquisas sobre esses tópicos e poderá estudar com ele.

Verifique as fontes de referência, como o [Psychological Abstracts](#) e o [MedLine](#) para ver quem está realizando trabalhos nessas áreas e em quais instituições e, então, escreva para eles. Se o seu principal interesse é Parapsicologia, então as coisas ficam muito mais difíceis.

Você pode, virtualmente, esquecer todas as principais instituições acadêmicas se você quiser se envolver seriamente com o tema de forma profissional.

Em termos bem realistas quanto à questão profissional, você pode perceber que a Parapsicologia é considerada “marginal”, no melhor dos casos, pelas principais linhas da Psicologia, ao menos nos Estados Unidos.

Se seu objetivo é conseguir dar aulas em uma importante universidade, com tempo para a realização de pesquisas, então uma pós-graduação com ênfase em Parapsicologia não será bem vista (para não dizer o pior).

Felizmente, a situação é dramaticamente diferente em alguns países europeus, especialmente a Grã-Bretanha e a Alemanha, onde a Parapsicologia está rapidamente se tornando um tema acadêmico respeitável.

Outras instituições européias que abrigam grupos de estudo parapsicológicos:

[University of Amsterdam Anomalous Cognition Group](#)[[[]],

University of Amsterdam, The Netherlands

[Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene \(IGPP\)](#) , Freiburg, Alemanha

A maioria dos parapsicólogos (e por “parapsicólogos” significa aqui: cientistas treinados profissionalmente, não os tais “populares investigadores do paranormal”) em geral realizam uma atividade de docência ou têm algum emprego convencional. Apenas 30 ou 40 pessoas em todo o mundo estão empregadas em regime de tempo integral nessa área como pesquisadores e um número ainda menor recebe salários razoáveis. Falando francamente, as chances de se conseguir um emprego decente são *extremamente pequenas*, apesar de, como já foi mencionado, a situação na Europa ser melhor do que nos Estados Unidos. Se, apesar de tudo isso, você continuar interessado em prosseguir, ótimo!

A maioria dos estudantes resolve os problemas citados acima ingressando em uma instituição acadêmica reconhecida, onde sabiamente eles se mantêm discretos quanto aos seus reais interesses. Eles aprendem a realizar pesquisas em alguma disciplina científica bem aceita, obtêm um grau acadêmico, e então, afiliam-se à [Parapsychological Association \(PA\)](#) e começam a ler as principais revistas especializadas em Parapsicologia. Isso pode não satisfazer a paixão dos estudantes, mas, no momento, muitos acadêmicos não consideram esse tópico como digno de ser tratado cientificamente.

Há poucas exceções: estudos psicológicos e sociológicos das *crenças* em fenômenos parapsicológicos são tópicos de pesquisa marginalmente aceitos, como o são os estudos antropológicos de práticas e rituais “paranormais” de sociedades indígenas.

Adotar a Parapsicologia como uma carreira requer (1) grande habilidade para lidar com tarefas difíceis, (2) enorme persistência, criatividade e capacidade de encontrar saídas, (3) sólido treinamento em uma ou mais ciências que tenham grande aceitação ou em uma atividade docente e, (4) a habilidade de reconhecer, mas não aquiescer ante aos modismos do paradigma atual e aos dogmas acadêmicos. Esta não é uma carreira para pessoas sem coragem ou para adeptos da ortodoxia.

A recompensa é que a Parapsicologia, como outras áreas científicas fronteiriças, é uma disciplina extremamente desafiadora e aberta à exploração de idéias criativas e a avanços significativos ao seu estado da arte. Se você espera soluções rápidas para problemas fáceis ou respostas absolutas para questões claras, então a Parapsicologia, definitivamente, não é para você. Se você tem prazer em explorar um amplo espectro do potencial humano e possui talento criativo para lidar com os limites apontados acima, então não há melhor disciplina do que a Parapsicologia.

Trechos da discussão acima são uma contribuição do Dr. Charles Tart, com adições de Dean Radin.

Mais sobre a Parapsicologia como carreira:

[Parapsychology as a Career](#), (Arquivo PDF [pode ser aberto com Acrobat Reader], impresso com permissão da *Parapsychology Review*), é um texto curto escrito pelo Dr. Rex Stanford, que contém excelentes informações para pessoas interessadas em se pro-

fissionalizarem em Parapsicologia. O autor apresenta e discute: (a) oportunidades de trabalho para quem quer seguir carreira em Parapsicologia; (b) custos e recompensas; (c) qualificações necessárias; (d) treinamento específico necessário; (e) dicas para conseguir um emprego na área (Texto traduzido e adaptado. O original em inglês pode ser encontrado no site do [Rhine Research Center](#).)

Cursos introdutórios altamente recomendados:

[Curso Acadêmico on-line](#): “Introduction into Empirical and Theoretical Parapsychology”, ministrado pelo Dr. Dick J. Bierman, University Utrecht, Utrecht, Holanda.

[Curso de Verão de Parapsicologia](#), do Rhine Research Center, dirigido pelo Dr. John Palmer.

<< [Qual é a história da Parapsicologia?](#) | [FAQ](#) | [Alguém vai ganhar um milhão de dólares do Randi?](#) >>

*

ALGUÉM VAI GANHAR UM MILHÃO DE DÓLARES DO RANDI?

"James Randi é fundador do James Randi Educational Foundation. Essa fundação oferece o prêmio de 1 milhão de dólares para quem demonstrar ter poderes paranormais genuínos. Muitos já se candidataram, mas ninguém conseguiu! Para quem quiser saber mais à respeito, e quem sabe se candidatar leia mais [aqui](#)"

[Blog : "O Bruxo de Santos - Desafio aos Paranormais](#)

Pergunta :

Como vocês avaliam o desafio do Randi ?

Resposta :

Somos totalmente favoráveis ao trabalho do Randi, ele é muito bom para desmascarar charlatões e para incentivar o uso do pensamento crítico. Nas palavras de Leonardo Stern :

O trabalho dele é sensacional e admiro a agilidade mental e o preparo que ele demonstra ao desmascarar alguns charlatões. Apesar de existir um certo sensacionalismo e de espetáculo em torno do seu trabalho, mas acredito que são ingredientes necessários para que se consiga algum espaço na mídia televisiva (sobretudo na americana) e que isso vem sendo feito adequadamente por Randi.

Randi provavelmente já deu algumas “pisadas de bola” e para aumentar a credibilidade de seu trabalho acredito que ele deveria buscar mais apoio junto a Parapsychological Association e escalar um time de consultores filiados a esta instituição. Estes consultores garantiriam maior imparcialidade das pesquisas e diminuiriam as chances de uma declaração incorreta ou desatualizada ser divulgada.

Possíveis pisadas de bola

Existem alguns incidentes que deixam margem à dúvidas sobre a total isonomia do trabalho desenvolvido por Randi. Rupert Sheldrake, por exemplo, afirma que Randi desqualificou um vídeo contendo um experimento envolvendo cães mas na verdade não teria nem ao menos assistido ao vídeo.

<http://www.sheldrake.org/controversies/randi.html>

Existem outras alegações parecidas ... se estão falando a verdade ou não, não temos como saber ao certo mas, pelo simples fato de haver dúvida, é motivo de cautela. Considere, no entanto, que existem críticas mais sérias e relevantes que envolvem desatualiza-

ção, desinformação e precipitação por parte de Randi. Parece ser o caso da pesquisa envolvendo Ted Sérios, mencionada no link abaixo :

<http://listas.pucsp.br/pipermail/pesquisapsi/2001-December/001098.html>

Um resumo de outros possíveis casos, pode ser encontrado em

<http://listas.pucsp.br/pipermail/pesquisapsi/2003-October/007474.html>

Desconheço qualquer alegação séria de que Randi tenha fraudado ou tenha cometido algum desvio mais sério, o tipo de crítica apontada no exemplo do caso Ted Sérios indica que Randi precisa se integrar mais a comunidade psi e de forma nenhuma invalida ou lança dúvidas sobre o excelente trabalho realizado por ele e sua fundação.

Pergunta :

Quais seriam as principais diferenças entre o trabalho de Randi e o da Pesquisa Psi, executado pelo Inter Psi ?

Resposta :

Embora Randi não faça parte da comunidade psi, que publica artigos e participa de experimentos conjuntos, defendo que trata-se de um pesquisador psi genuíno. O Inter Psi define Pesquisa Psi como investigação de alegações de paranormal e é exatamente isto é feito pela fundação Randi. A principal diferença residiria na formação básica dos pesquisadores e na composição dos grupos de pesquisa. No Inter Psi procuramos manter contato com grupos céticos, conhecer a literatura cética e convidar céticos para participem de experimentos (embora também sejamos céticos, estamos nos referindo a ativistas céticos), temos impressão que o inverso não é verdadeiro.

Outra diferença importante é que apesar de investigar alegações de paranormal, o Inter Psi reconhece e apóia a pesquisa experimental que é independente das existências alegações paranormais. O acúmulo de relatos coletados pelo pesquisadores permitiu a identificação de similaridades e classificação dos relatos. A identificação de fatores comuns deu origem a teorias sobre a existência de um fenômeno anômalo real que seria responsável por algumas das alegações de paranormal. Experimentos que buscam testar estas teorias se tornaram praticamente independentes das alegações e são muito frequentes atualmente. Pelo que se tem notícia, a Fundação Randi não participa de tal linha de pesquisa.

Pergunta :

Alguém vai ganhar um milhão de dólares do Randi ?

Resposta :

É bem provável que não! Nas palavras do Dr. Wellington Zangari :

"Meu palpite é de que não! Mas aqui apelo não à minha "intuição" ou ao meu desejo, mas ao meu conhecimento. Os fenômenos que estudamos, via de regra, se "demonstram" indiretamente, por meio de medidas, ou de maneira espontânea e incontrolável, sem que saibamos quando e como se manifestarão. Não estou assumindo a existência de fenômenos parapsicológicos ou paranormais (termo, aliás, que abomino). Tenho sérias dúvidas a respeito de sua existência. Mas, ao avaliar toda a história empírica de tais anomalias estou, neste momento, propenso a aceitar como boas as evidências existentes em seu favor.

Ainda que eu seja testemunha ocular do movimento anômalo de uma tampa de bule (além de outros objetos) sem contato aparente em uma assim chamada "casa mal-assombrada", e ainda que eu seja também testemunha direta de sonhos alegadamente precognitivos riquíssimos em detalhes, não considero tais experiências como evidências aceitas cientificamente. Estas são importantes no sentido de inspirarem estudos experi-

mentais nos quais tenho pessoalmente estado envolvido nas últimas décadas. Não sofro de paranormofilia. Não me apresento como cético. Sou um cientista. Interesse-me pelo estudo de certas alegações que convencionamos denominar de "aparentemente extra-sensório-motoras". As estudo aplicando o método científico, submetendo hipóteses à experimentação e controlando variáveis."

<< [Técnica de Regressão de memória](#) | [FAQ](#) | [Nenhum cientista \(também aparece como físico ou neurocientista\) leva a sério a Pesquisa Psi](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*

TÉCNICA DE REGRESSÃO DE MEMÓRIA./FAC/ NENHUM CIENTISTA (TAMBÉM APARECE COMO FÍSICO OU NEUROCIENISTA) LEVA A SÉRIO A PESQUISA PSI.

A regressão de fato é eficaz para lembrar-mos de fatos de infância e etc

Sim, mas o processo de lembrar, como todos os processos psicológicos, são altamente sobredeterminados, ou seja, recebem influência de múltiplos fatores psicológicos, como os desejos, as fantasias, as lembranças correlatas, etc.

Quanto de interferência existe neste processo ?

Muito e é sempre muito difícil saber se o que é dito é apenas o que aconteceu e/ou também uma reelaboração atual da pessoa que viveu algo no passado! Às vezes é possível checar as informações e sabemos o quanto houve de interferência. Mas nem sempre isso é possível de ser feito.

Até quando podemos "regredir" ? 2 anos de idade ? 1 ano ?

Sabemos que o processo de mielinização cerebral (mielina é uma substância que "permite que o cérebro funcione") se dá por volta dos 3 meses de vida intra-uterina, de modo que, antes disso, dificilmente podemos falar de registro de memórias!

A regressão é comprovada cientificamente ?

A regressão de memória é, na verdade, um aumento da memória que a pessoa hipnotizada pode apresentar. Há pessoa que efetivamente têm um grande avivamento da memória. Nesse sentido, mais do que "regressão", prefiro falar em aumento da memória durante a seção hipnótica.

>>

Afirmativa :

Nenhum cientista acredita em Pesquisa Psi !

Comentário :

A afirmativa muitas vezes aparece em uma versão alternativa como : "nenhum físico acredita em Pesquisa Psi" ou "nenhum neurocientista..."

É uma afirmativa improcedente, a Pesquisa Psi possui muitos colaboradores com sólida formação científica que participam ativamente de suas áreas de formação, algumas vezes merecendo destaque especial nestas.

Uma breve olhada no [currículo de alguns membros](#) da *Parapsychological Association* é suficiente para coletar alguns exemplos :

- [Daryl Bem](#) é formado em Física e em Psicologia social. Ele é um das principais figuras relacionadas aos experimentos Ganzfeld.
- [Helmut Schmidt](#) é formado em Física. Foi um dos pioneiros nos testes de micro-psicocinesia (ou micro-PK), desenvolvendo alguns aparelhos (RNG) para realizar testes automáticos deste tipo.
- [Brian Josephson](#), Físico, ganhador do prêmio Nobel de Física em 1973 pela descoberta do [Efeito Josephson](#).
- [Edwin May](#), Físico, especializado em Física de baixas energias.
- [G. Scott Hubbard](#), Físico, diretor do Centro Espacial AMES, da NASA.
- [Walter von Lucadou](#), Sc.D. em Física
- [Vernon Neppe](#) é especialista em Neuropsiquiatria e em Psicofarmacologia.
- [Michael Persinger](#), organizador do "Behavioral Neuroscience Program" da Laurentian University.
- [Charles Robert Richet](#), fisiologista, ganhador do prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1913, uma das principais figuras da era pré-Rhine na Pesquisa Psi.

É considerado válido que o debatedor peça informações para se certificar de que a Pesquisa Psi possui profissionais com a "expertise" necessária para conduzir adequadamente os experimentos, bem como avaliar os resultados experimentais.

Não se pode, no entanto, argumentar que não existem profissionais qualificados, sem conhecer o campo. Em geral, quem lança mão destes argumentos costumam fazer uso da "[falácia do escocês](#)" em resposta ao fornecimento de uma lista de profissionais qualificados.

Alguns pseudo-céticos, não satisfeitos com a [falácia do escocês](#), lançam mão do seguinte [argumento circular](#) :

"Existem cientistas, até hoje, que acham que a relatividade está errada. Em todas as épocas existem pessoas assim. Porém, retirando esse tipo de personalidade que está fora da linha mais aceita, todos eles compreendem perfeitamente que a paranormalidade não existe."

Em outras palavras :

"Tirando os cientistas que acreditam em paranormalidade, todos compreendem que ela não existe"

Ou vir na forma :

"Existem cientistas que acreditam em todo tipo de teoria falsa, tirando estes, nenhum leva a sério a parapsicologia"

<< [Se as pesquisas que sugerem a existência de fenômenos psi são verdadeiras, basta enviá-las ao Randi e receber US\\$ 1.000.000.](#) | [FAQ](#) | [A Pesquisa Psi não obteve nenhum progresso depois de mais de 1 século de pesquisas](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)

- List Group

*

A PESQUISA DE PSI NÃO OBTEVE NENHUM PROGRESSO DEPOIS DE MAIS DE 1 SÉCULO DE PESQUISAS.

Crítica :

A Parapsicologia obteve nenhum avanço depois de mais de 1 século de pesquisas.

Resposta :

No núcleo dos argumentos atuais dos críticos está a afirmação retórica de que 100 anos de investigação falharam em fornecer evidência convincente dos fenômenos parapsicológicos. Enquanto os parapsicólogos não tiveram a oportunidade de responder, afirmaram que 130 anos da investigação não produziram a evidência de psi (Druckman e Swets, 1988). Um crítico inglês que foi designado recentemente para um período de 4 anos por 100.000 libras esterlinas para investigações psíquicas na faculdade de Darwin de Cambridge para que escrevesse um livro sobre o porque das pessoas acreditarem em coisas impossíveis, foi mencionado na *New Scientist* dizendo que após 150 anos de investigações psíquicas "não há evidência alguma de que haja um fenômeno" (Marrom, 1992). Tais conhecimentos são afirmações extraordinárias, já que a investigação psíquica não existiu até 1882 e as investigações sistemáticas em laboratório que usam métodos quantitativos não começaram até princípios dos anos 1930. Através da história a investigação parapsicológica foi mantida através de pouquíssimos recursos. O psicólogo Sybo Schouten da Universidade de Utrecht (na imprensa) comparou os patrocínios financeiros da parapsicologia com aqueles da psicologia americana. Encontrou que o total dos recursos financeiros e humanos dedicados à parapsicologia desde 1882 no melhor dos casos, apenas são iguais às despesas por dois meses da investigação psicológica convencional no ano de 1873.

Como se pode reconciliar o argumento de "um século de falhas" com a admissão da parte dos críticos de que existem efeitos "astronomicamente significativos" e a falha em demonstrar ao menos alguma explicação alternativa possível para estes efeitos?

A resposta dizem eles, é que falta à parapsicologia "acumulação". "Toda a ciência exceto a parapsicologia," diz Hyman "constrói sobre seus dados precedentes. A base de dados se expande outra vez com cada geração e as investigações originais são ainda incluídas. Na parapsicologia, a base de dados expande muito pouco porque as experiências antigas são rejeitadas continuamente e as novas tomam seu lugar".

Os efeitos astronomicamente significativos para os quais não existe uma explicação alternativa razoável são, diz Hyman, baseados em meta-análises "retrospectivas" de muitas experiências similares.

Todo o leitor verdadeiramente cético seria alarmado pela contradição lógica neste argumento: se a parapsicologia fosse "não-acumulativa" e cada geração nova os parapsicólogos rejeitassem os resultados da geração precedente, como poderia ter efeitos "astronomicamente significativos" nas meta-análises que são, pela definição, a acumulação dos resultados de muitos estudos precedentes? Hyman se refere somente a meta-análises relativas a duas áreas de investigação, Ganzfeld e das experiências de geradores de número aleatório (Honorton, 1985; Hyman, 1985; Randi e Nelson, 1989). Ele deprecia

outras meta-análises, como discutido por Broughton e por Morris, que envolvem as experiências do precognição (Honorton e Ferrari 1989) e a investigação do psicoquinese com dados (Radin e Nelson, 1989) que envolvem a acumulação dos resultados das investigações que datam dos anos 1930. Na seção 3, eu apresento um exemplo detalhado de uma linha da investigação da parapsicológica que foi construída sistematicamente em investigações precedentes.

Direitos Autorais

Este artigo foi publicado originalmente no livro “Charles Honorton and the Impoverished state of Skepticism. Essays on a Parapsychological Pioneer.” [Mc Farland?](#) & Company, Inc. Publishers North Carolina 28640 (1994). Traduzido para o português por Vitor Visioni.

*

EXISTEM DIFERENTES ESCOLAS OU LINHAS DE PARAPSIKOLOGIA?

Parapsicologia é uma ciência e a ciência, enquanto saber universal, não tem partidos, não tem facções, não tem segmentações! Correntes ou linhas são abordagens distintas, ênfases que cientistas adotam em suas teorias e práticas. Mas todos são cientistas e nunca “independentes”. Não existe uma “Parapsicologia católica” ou a “Parapsicologia espírita” assim como não existe uma “Química Protestante” ou uma “Sociologia Adventista”!!! O que existe é o uso (indevido) da Parapsicologia para objetivos religiosos e, portanto, bastante diferentes dos objetivos científicos reais.

A existência de uma escola implicaria na existência de teorias distintas de lidar com o objeto em questão. Como se sabe, a Pesquisa Psi não dispõe de UMA teoria amplamente aceita por ser suficiente para integrar os dados das pesquisas (tanto de casos quanto de laboratório). O problema é que existem VÁRIAS teorias, cada uma procurando dar conta de uma parte da realidade psi. Mas, cada uma dessas teorias não foi capaz de arremessar grupos de pesquisadores delas afiliados. Se isso tivesse ocorrido, talvez pudéssemos falar em escolas.

Mas... não há dúvidas que cada grupo pode ter ênfases distintas. O grupo de pesquisadores de Virginia está interessado sobretudo no estudo de fenômenos que possam contribuir com a questão da sobrevivência após a morte. Essa ênfase não significa desprezo, desconhecimento, ou mesmo oposição aos demais grupos. Ao contrário. O grupo de Virginia (<http://www.healthsystem.virginia.edu/internet/personalitystudies/>) está em contato com outros grupos, recolhe muito do que é feito na pesquisa experimental, por exemplo, para poder avaliar os casos que estuda de maneira ampla. Vamos a outro grupo, o de Ciências Noéticas, nos Estados Unidos, que conta atualmente com alguns pesquisadores de ponta, como Dean Radin e Marilyn Schlitz, interessados sobretudo na ação fisiológica de psi (bio-PK, staring effect)

(<http://www.noetic.org/research/capacities.cfm>) Este último grupo, tem como principal base a futura aplicação de psi, a ampliação das capacidades humanas. Um terceiro grupo-exemplo é a Unidade Koestler de Parapsicologia

(<http://moebius.psy.ed.ac.uk/index.php3>). Como se trata de um grupo formado basicamente de alunos de mestrado e doutorado, não há uma ênfase temática, mas conceitual: todos estão interessados nas relações entre Psicologia e Psi, mesmo porque o grau oferecido é o de Mestre e Doutor em Psicologia, com ênfase em estudos psi.

Muito bem, tais ênfases formam a Pesquisa Psi. Nenhum dos grupos diria não fazerem parte da área psi. Não há oposição, mas, novamente, ênfases que representam diferentes interesses, distintos aspectos do campo como um todo.

Assim, o que ou qual é a “verdadeira Parapsicologia”: aquela feita por cientistas que, empiricamente, dão sua contribuição para a compreensão de alegações paranormais. A “verdadeira Parapsicologia” é feita por quem não tem interesses outros que não a avaliação imparcial de psi por meio do Método Científico. A “verdadeira Parapsicologia” não se contoe com retórica e objetivos escusos, mas de um fiel apego aos objetivos que norteiam e nortearão o campo rumo ao conhecimento desprendido de dogmatismos.

<< [Como um mágico deve proceder para colaborar com a Pesquisa Psi sem violar o código de ética dos mágicos ?](#) | [FAQ](#) | [Quais são os principais experimentos da atualidade ??](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on February 21, 2006, at 04:10 PM

*

QUAIS OS PRINCIPAIS EXPERIMENTOS DA ATUALIDADE?

A INFLUÊNCIA DA “PK” SOBRE GERADORES DE NÚMEROS ALEATÓRIOS.

O advento das tecnologias relativas à eletrônica e à informática tem permitido aos pesquisadores desenvolverem experimentos automatizados para estudar a interação entre a mente e a matéria. Em um desses experimentos, um Gerador de Números Aleatórios (GNA), que funciona com base em um ruído radioativo ou eletrônico, produz um fluxo de dados que são registrados e analisados por um programa de computador.

Em um típico experimento em que o GNA é utilizado, um sujeito tenta alterar mentalmente a distribuição dos números aleatórios. Seria praticamente o mesmo que tentar tirar mais caras do que coroas a partir do lançamento de moedas. Obviamente, os experimentos eletrônicos e computadorizados têm grandes vantagens sobre os antigos experimentos em que se utilizava arremessos de dados ou moedas. Em um experimento com GNA, uma grande flexibilidade é combinada com um cuidadoso controle científico, aliados a um alto índice de aquisição de dados.

Uma meta-análise do conjunto de dados obtidos por esse tipo de experimento, publicada em 1989, examinou 800 experimentos realizados por mais de 60 pesquisadores ao longo dos 30 anos anteriores. O tamanho do efeito encontrado foi muito pequeno, mas notavelmente consistente, resultando em um desvio estatístico global de aproximadamente 15 erros padrão do efeito esperado pelo acaso. A probabilidade de que o efeito observado fosse realmente zero (isto é, não relacionado a psi) foi menor do que uma parte em um trilhão, verificando-se que a consciência humana pode, de fato, afetar o comporta-

mento de sistemas físicos aleatórios. Além disso, embora a qualidade experimental melhorasse significativamente com o passar do tempo, isto não teve correlação com o tamanho do efeito, ao contrário da freqüente, mas aparentemente infundada crítica dos céticos.

([Mais sobre Micro-PK I](#) - Texto introdutório ilustrado, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Mais sobre Micro-PK II](#) - Texto introdutório ao tema: “*Micro-Pk*”, por Davis Plunkett e Kristen Seikel, do Franklin Peirce College.

([Mais sobre Micro-PK III](#) - Texto técnico: “Observation of a Psychokinetic Effect Under Highly Controlled Conditions”, por Helmut Schmidt, publicado originalmente no *Journal of Parapsychology*, Vol. 57, Dec. 1993.

([Mais sobre Geradores de Eventos Aleatórios](#) - Texto introdutório ilustrado sobre [GE As?](#), produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Participe de um experimento on-line de Micro-PK](#)) - Nesta página do Anomalous Cognition Group (Universidade de Amsterdam, Holanda) podem ser encontrados vários experimentos on-line de Micro-PK

<< [Quais são os principais experimentos da atualidade ??](#) | [FAQ](#) | [A influência da PK sobre sistemas vivos](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:49 A

*

A INFLUÊNCIA DA “PK” SOBRE SISTEMAS VIVOS

Esse tipo de experimento é também conhecido como bio-PK e, mais recentemente alguns pesquisadores se referem a ele como Interações Mentais Diretas com Sistemas Vivos (IMDCV). A possibilidade de monitorar funções internas do corpo, inclusive atividades do sistema nervoso usando as tecnologia do EEG (eletroencefalógrafo) e do bio-feedback (retro-alimentação), tem oferecido uma oportunidade de verificar se os sistemas biológicos também podem ou não ser afetados pela intenção de forma semelhante à ação da PK sobre Geradores de Números Aleatórios (GNA).

Um experimento de IMDCV que particularmente tem alcançado bons resultados é o que analisa a “sensação de estar observado”, relatada com freqüência. O “observador” e o “observado” são isolados em diferentes localizações. Pede-se periodicamente ao observador que simplesmente olhe fixamente para o observado por intermédio de um circuito fechado de vídeo. Enquanto isso, a atividade do sistema nervoso do observado é monitorada de forma automática e contínua. O conjunto de dados cumulativo desses experimentos e de outros semelhantes provê forte demonstração empírica de que a atenção de uma pessoa diretamente voltada para uma outra que está isolada e distante pode

‘ativar ou ‘acalmar’ significativamente o sistema nevososo da segunda, de acordo com as instruções dadas ao observador.

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos I](#)) - Texto introdutório, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos II](#)) - Trecho de: D. Delanoy: "Experimental Evidence Suggestive of Anomalous Consciousness Interactions", 2nd Gauss Symposium, Munich, August 1993

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos III](#)) - Estudo realizado por um cético de psi. "Can We Tell When Someone Is Staring at Us?", por Robert A. Baker. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : March/April 2000

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos IV](#)) - Estudo realizado por um cético critica o método de aleatorização utilizado por Rupert Sheldrake em suas pesquisas de *staring' effect*: "**The Psychic Staring Effect: "An Artifact of Pseudo Randomization**", por David F. Marks and John Colwell. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : September/October 2000

([Página de Rupert Sheldrake](#)) - O leitor poderá encontrar nesta página artigos de Sheldrake, inclusive comentando algumas das críticas que seus trabalhos têm recebido.

<< [A influência da PK sobre geradores de números aleatórios](#) | [FAQ](#) | [A ESP no ganzfeld](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:50 AM

*

ma teoria a respeito de como a psi perceptiva funciona sustenta que os “sinais” psi estão freqüentemente presentes no cérebro, mas é difícil atendê-los conscientemente devido ao ruído da entrada sensorial normal. A técnica *ganzfeld* (“campo completo”) foi desenvolvida para “silenciar” esse ruído externo, proporcionando um campo sensorial ameno e não padronizado, para mascarar o ruído do mundo externo. Em um experimento *ganzfeld* típico, o “emissor” e o “receptor” telepáticos são isolados. O receptor é colocado no estado *ganzfeld* e apresenta-se ao emissor um vídeo-clipe ou uma figura e pede-se que ele envie mentalmente aquela imagem ao receptor.

Pede-se ao receptor que, enquanto ele estiver em *ganzfeld*, relate continuamente em voz alta todos os seus processos mentais, inclusive imagens, pensamentos e sentimentos. Ao fim do período de emissão, que se estende, geralmente, de 20 a 40 minuto, o receptor é retirado do estado *ganzfeld*. São, então, mostradas a ele, quatro imagens ou trechos de vídeos, sendo que um deles é o alvo verdadeiro, enquanto que os demais são meras “armadilhas”. O receptor tenta selecionar o verdadeiro alvo, utilizando as percepções experimentadas durante o estado *ganzfeld* como pistas para descobrir a imagem “enviada” mentalmente. Sem a ocorrência da telepatia, o resultado esperado de acordo com as regras da probabilidade seria de um acerto em quatro tentativas, o que daria uma “taxa

de acerto” de 25%. Após a contagem da taxa de acertos de tais experimentos, atualmente totalizando cerca de 700 sessões individuais realizadas por cerca de vinte pesquisadores, no mundo todo, os resultados demonstram que o alvo correto foi selecionado em uma média de 34% das vezes. Tal índice é altamente significativo, sugerindo que a telepatia, pelo menos como é definida operacionalmente neste experimento, existe.

[\(Mais sobre ganzfeld I\)](#) - Texto introdutório ilustrado, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology

[\(Mais sobre ganzfeld II\)](#) - Texto introdutório ao tema: “Reduced Sensory Input and Psi: Enter the Ganzfeld”, por Jason Brown, da Franklin Peirce College.

[\(Mais sobre ganzfeld III\)](#) - Texto técnico, “Does psi Exist? Replicable Evidence for an Anomalous Process of Information Transfer”, por Daryl J. Bem e Charles Honorton, publicado em: Psychological Bulletin, 1994, Vol. 115, No. 1, 4-18.

[\(Posição dos críticos a respeito do experimento psi-ganzfeld I\)](#) - “The Best Case for ESP?”, por Matt Nisbet

[\(Posição dos críticos a respeito do experimento psi-ganzfeld II\)](#) - “The Evidence for Psychic Functioning: Claims vs. Reality”, por Ray Hyman. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : March/April 1996.

Novo

1- Nova meta-análise realizada por Richard Wiseman e Julie Milton (“Does Psi Exist? Lack of Replication of an Anomalous Process at Information Transfer,” Psychological Bulletin 125(4): 387-391, 1999) inclui estudos não relacionados no artigo de Bem & Honorton de 1994 (ver acima) e questiona resultados favoráveis de psi em experimentos psi-ganzfeld. O artigo original de Wiseman e Milton não está disponível na web. O artigo seguinte apresenta um resumo da pesquisa e do posicionamento dos céticos sobre o referido estudo.

[“Research Review: New Analyses Raise Doubts About Replicability of ESP Findings”](#), por

Scott O. Lilienfeld. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : November/December 1999

2- Bem, Palmer & Broughton realizam uma atualização meta-analítica, incluindo estudos não considerados na meta-análise de Wiseman e Milton (ver textodisponível acima). Com estes novos estudos, os resultados voltam a ser favoráveis a psi. [Bem, D. J., Palmer, J., Broughton, R. S. \(Under editorial review\). Updating the Ganzfeld Database: A Victim of Its Own Success?](#)

<< [A influência da PK sobre sistemas vivos](#) | [FAQ](#) | [Visão Remota](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

VISÃO REMOTA

A técnica *ganzfeld* indica que uma informação pode ser enviada mentalmente depois que o receptor é colocado em um estado alterado de consciência. O experimento de visão remota, em uma de suas muitas formas, investiga se a informação pode ou não ser obtida sem a necessidade de um estado alterado especial e sem um emissor. Por exemplo, em um tipo de experimento de visão remota, um conjunto de centenas de fotografias é criado. Uma das fotografias é, então, aleatoriamente selecionada para ser a figura alvo e é colocada à parte, em um local afastado. A pessoa que participa do experimento tenta, então, esboçar através de desenhos ou descrever de alguma outra forma a imagem-alvo que se encontra à distância. Este procedimento é repetido para um total, digamos, de sete imagens diferentes. Muitas formas de avaliar os resultados desse teste têm sido desenvolvidas, inclusive alguns métodos são altamente sofisticados. Um método comum (e fácil) consiste em pegar essas sete fotografias e as respostas dadas pelo sujeito, embaralhá-los aleatoriamente, e então pedir a juízes independentes que ordenem ou combinem os alvos corretos com as respostas dos participantes. Se houve transferência real de informações, as respostas deverão ter correspondência maior com os alvos corretos do que com os demais alvos.

Muitos milhares de testes foram realizados por dezenas de investigadores nos últimos 25 anos, envolvendo centenas de participantes. O banco de dados cumulativo indica fortemente que a informação sobre fotos que se encontram à distância, cenas reais e eventos, podem ser percebidos. Alguns desses experimentos têm sido usados também para o estudo da precognição, quando o participante descreve uma foto que deverá ser selecionada aleatoriamente no futuro.

([Exemplos de Visão Remota](#)) - 9 Exemplos de imagens descritas durante as sessões experimentais realizadas com o sujeito Joe Mc Moneagle?.

([A posição dos críticos a respeito dos experimentos de Visão Remota I](#)) - Texto introdutório / entrada “Visão Remota” do Skeptic’s Dictionary, por Robert Todd Carroll. Debate entre proponentes e críticos de psi a respeito dos experimentos de Visão Remota:

([Crítica dos experimentos de Visão Remota](#)) - Texto técnico, escrito por um dos mais importantes críticos de psi: Evaluation of Program on Anomalous Mental Phenomena, pelo Dr. Ray Hyman, Depto. de Psicologia, Universidade do Oregon.

([Resposta à crítica I](#)) - Texto técnico, escrito por uma das mais importantes proponentes de psi: “Response to Ray Hyman’s Report of September 11, 1995 ‘Evaluation of Program on Anomalous Mental Phenomena’”, pela Dr. Jessica Utts, Divisão de Estatística, Universidade da Califórnia, Davis.

([Resposta às críticas II](#)) - Texto técnico escrito por um dos pesquisadores de Visão Remota, como resposta ao parecer crítico do Instituto Americano de Pesquisas: “The American Institutes for Research Review of the Department of Defense's STAR GATE Program: A Commentary”, pelo Dr. Edwin C. May, do Cognitive Sciences Laboratory. Originalmente publicado em: *The Journal of Parapsychology*. 60". 3-23. March, 1996.

<< [A ESP no ganzfeld](#) | [FAQ](#) | [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)

List Group

Page last modified on October 07, 2005, at 05:53 AM
[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

EXISTEM EXPERIMENTOS PARAPSICOLÓGICOS ON-LINE?

Sim. Aí vai uma lista dos sites com experimentos on-line:

1. [The Anomalous Cognition \(or PSI\) section of the Faculty of Psychology of the University of Amsterdam](#)
 2. [Pacific Neuropsychiatric Institute](#)
 3. [The Retropsychokinesis Project](#)
 4. [Koestler Chair of Parapsychology, Univ. of Edinburgh](#)
- << [Visão Remota](#) | [FAQ](#) | [Os efeitos psicocinéticos \(PK\) de grandes proporções, como a levitação, são reais?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 05:54 AM

*

OS EFEITOS PSICOCINÉTICOS (PK) DE GRANDES PROPORÇÕES, COMO A LEVITAÇÃO, SÃO REAIS?

Ao longo da história há muitos relatos de eventos espetaculares, tais como a levitação de indivíduos, pessoas santas que materializam objetos no ar e pessoas que são capazes de mover, entortar ou quebrar objetos sem tocá-los. Infelizmente, em muitos casos, as pessoas que alegam poder fazer essas coisas querem ganhar dinheiro com suas “habilidades”.

Devido ao fato de o potencial de fraude ser elevado, e ser relativamente fácil criar efeitos convincentes que imitam rigorosamente os efeitos paranormais (com técnicas fraudulentas), as demonstrações empíricas fidedignas para esses efeitos psicocinéticos de grandes proporções são muito pequenas. Há alguns poucos casos de aparente movimentação de pequenos objetos, mas em geral a existência de fenômenos psicocinéticos de grandes proporções (ou macro-PK, como são tecnicamente chamados) é ainda uma séria questão em aberto.

<< [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#) | [FAQ](#) | [Sucessos parapsicológicos se devem a Falhas Experimentais ?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on June 19, 2006, at 03:07 AM

*

SUCESSOS PARAPSIOLÓGICOS SE DEVEM A FALHAS EXPERIMENTAIS?

Ao longo da história há muitos relatos de eventos espetaculares, tais como a levitação de indivíduos, pessoas santas que materializam objetos no ar e pessoas que são capazes de mover, entortar ou quebrar objetos sem tocá-los. Infelizmente, em muitos casos, as pessoas que alegam poder fazer essas coisas querem ganhar dinheiro com suas “habilidades”.

Devido ao fato de o potencial de fraude ser elevado, e ser relativamente fácil criar efeitos convincentes que imitam rigorosamente os efeitos paranormais (com técnicas fraudulentas), as demonstrações empíricas fidedignas para esses efeitos psicocinéticos de grandes proporções são muito pequenas. Há alguns poucos casos de aparente movimentação de pequenos objetos, mas em geral a existência de fenômenos psicocinéticos de grandes proporções (ou macro-PK, como são tecnicamente chamados) é ainda uma séria questão em aberto.

<< [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#) | [FAQ](#) | [Sucessos parapsicológicos se devem a Falhas Experimentais ?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on June 19, 2006, at 03:07 AM

*

OS FENÔMENOS PSI SÃO CIENTIFICAMENTE IMPOSSÍVEIS

Crítica

Os fenômenos psi violam os princípios limitadores da ciência e, portanto, são impossíveis.

Resposta

Há vinte anos, essa crítica era uma réplica mordaz razoável comumente feita às alegações de existência dos fenômenos psi. Hoje, com os avanços em muitas disciplinas científicas, a visão de mundo da ciência está mudando rapidamente e os princípios limitadores básicos estão sendo constantemente redefinidos. Além disso, o substancial conjunto de dados empíricos da Parapsicologia agora apresenta anomalias que simplesmente “vieram para ficar”. Sendo assim, essa crítica não é mais persuasiva e lentamente está desaparecendo. Dada a velocidade das mudanças da ciência atual, atribuir psi ao reino do impossível agora parece imprudente, no melhor dos casos, e tolo, no pior.

Além do mais, este tipo de crítica, constitui-se o que é conhecido como "[Falácia do apelo à ignorância](#)", ou seja, consiste em afirmar que algo é falso porque não provaram sua veracidade. Este é um pontos centrais de sustentação da chamada [teoria cética](#).

Ao se deparar com este tipo de afirmativa, deve-se ter em mente que geralmente não se está falando em uma teoria psi em si mas de um conjunto de evidências experimentais que indicam a existência de uma anomalia. E é justamente por se tratar de uma anomalia, não se deve esperar que o fenômeno seja facilmente explicado pelo atual corpo de conhecimentos.

Ao invés de simplesmente ignorar os resultados apresentados, alegando impossibilidade teórica, o que é um ato de dogmatismo (comum há alguns fanáticos religiosos, mas inesperado para cientistas céticos), o mais adequado é que o protocolo experimental seja examinado em busca de possíveis falhas metodológicas que possibilitem ou facilitem a contaminação dos dados, seja através de fraude ou de fatores não previstos no desenho experimental.

<< [Sucessos parapsicológicos se devem a Falhas Experimentais ?](#) | [FAQ](#) | [A Parapsicologia ainda não tem um experimento “replicável”](#). >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on January 16, 2006, at 05:57 PM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

OS FANTASMAS SÃO REAIS?

O ponto de vista que prevalece hoje em dia é de que os misteriosos efeitos físicos atribuídos historicamente aos fantasmas (espíritos desencarnados), tais como movimento de objetos, sons estranhos, odores enigmáticos e falha no equipamento elétrico, são, na verdade, fenômenos *poltergeist* (veja abaixo). As aparições que ocorrem sem o acompanhamento de efeitos físicos são consideradas efeitos psicológicos normais (i.e., alucinações) ou possivelmente uma aquisição de informação genuinamente mediada por psi.

<< [Pesquisadores Psi não publicam em periódicos indexados ??](#) | [FAQ](#) | [Os poltergeist são reais?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 06:03 AM

OS POLTERGEIST SÃO REAIS?

Os *poltergeists* (em alemão, “espíritos barulhentos”) geralmente se manifestam na forma de estranhos efeitos elétricos e movimentos inexplicáveis de objetos. Em certa época, pensava-se que esses fenômenos ocorriam devido à ação de fantasmas, mas depois de décadas de investigação por parte de pesquisadores, e mais notavelmente por William G. Roll, os estudos empíricos atuais sugerem que os poltergeists são efeitos psicocinéticos (PK) produzidos por um ou mais indivíduos, geralmente adolescentes com problemas emocionais. O termo RSPK (do inglês *recurrent spontaneous psychokinesis*), que significa, em português, “psicocinesia recorrente espontânea”, foi cunhado para descrever esse conceito.

<< [Os fantasmas são reais?](#) | [FAQ](#) | [Espíritos existem ?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 06:04 AM

*

OS ESPÍRITOS EXISTEM?

Espíritos, Diabo, Capeta, Sacis e Boitatás...

A ciência apenas tem competência de conhecer aquilo que seu método permite. A realidade de seres espirituais está para além da capacidade dos métodos científicos! Isso significa que, se tais entidades existirem ou não, não será pela ciência que saberemos! Por outro lado, temos algo que em ciência é importantíssimo: a lei da economia das hipóteses! Se podemos explicar por hipóteses mais simples, não há porque queremos complicar! Se um fenômeno qualquer pode ser explicado por causas mundanas, naturais, prosaicas, conhecidas pelas ciências, então nada nos dá o direito científico de afirmar a existência de algo que vá para além dessas interpretações. As possessões demoníacas PODEM ser explicadas pela Psicologia e pela Psiquiatria e, dessa forma, não precisam ser interpretadas como sinal da manifestação de entidades espirituais! Se o Diabo está aposentado é porque a ciência tem feito seu papel!

<< [Os poltergeist são reais?](#) | [FAQ](#) | [A mediunidade é real?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 28, 2005, at 01:07 AM

A MEDIUNIDADE É REAL?

A “canalização” (ou *channeling*) consiste na alegação de que o espírito de alguém que morreu, ou alguma outra entidade não física, pode falar ou agir através de uma pessoa *sensitiva*. No final do século XIX, a isto deu-se o nome de mediunidade. Semelhantes alegações de comunicação com espíritos dos mortos podem ser encontradas ao longo da história e em outras culturas. Alguns pesquisadores acreditam que os casos de prodígios excepcionais, como Mozart na música ou Ramanujan na matemática, oferecem demonstrações empíricas de uma mediunidade genuína.

Embora uma parte do material supostamente canalizado por espíritos dos mortos ou por seres de outro mundo não tenham nenhum sentido, outras obras têm inspirado um grande número de pessoas e servem como fonte contínua de esclarecimento. Religiões reveladas e algumas experiências visionárias são exemplos de versões de informações canalizadas. Porém, se as informações provêm de uma fonte paranormal genuína ou do inconsciente do canalizador ou médium, é um assunto que provoca debates infundados.

<< [Espíritos existem ?](#) | [FAQ](#) | [Reencarnação existe?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

Page last modified on October 07, 2005, at 06:05 AM

A REENCARNAÇÃO EXISTE?

Há milhares de relatos,

...pessoas que dizem, alegam lembrar-se de vivências passadas. Apressadamente, alguns preferem interpretar tais alegações como prova da reencarnação, algo que nem mesmo os que têm inclinação por esta interpretação o fazem, preferindo utilizar a expressão "casos sugestivos de reencarnação".

É papel da ciência e, especificamente da Pesquisa Psi, avaliar quaisquer alegações paranormais, dentre elas as de lembranças de vidas passadas. Avaliar alegações de lembranças de vidas passadas, NÃO SIGNIFICA ASSUMIR a existência de vidas passadas. Da mesma forma como estudar qualquer outra alegação paranormal NÃO SIGNIFICA ASSUMIR a existência, de modo apriorístico, de qualquer processo paranormal.

É prematuro e, portanto, equivocado, afirmar-se que tais relatos sejam reais lembranças de vidas passadas. Minha tese básica é que, para se falar em lembranças dessa natureza, seria necessário já ter excluído alternativas mais prosaicas, como a influência do meio cultural (e, por conseguinte, do grupo mais próximo) e, ter excluído a outra alternativa que têm sido levantada por outros pesquisadores, a da percepção extra-sensorial. Relativamente à hipótese de influência do meio cultural: as pesquisas revelam prevalência de casos em regiões culturalmente "adeptas" à crença da reencarnação, o que torna essa hipótese extremamente forte. Por seu turno, a hipótese de percepção extra-sensorial ainda NÃO PODE SER EXCLUÍDA já que, nem sua existência e, portanto, nem seus possíveis limites foram estabelecidos.

Ou seja, nesse momento histórico-científico, não se pode excluir que as informações relatadas por alguém que sejam provenientes de seu ambiente cultural ou (quando as informações são confirmadas) pela possível manifestação da percepção extra-sensorial. Esta última possibilidade é aventada dada a existência de evidências empíricas da percepção extra-sensorial, ainda que sejam consideradas como prova da existência desse processo.

<< [A mediunidade é real?](#) | [FAQ](#) | [Técnica de Regressão de memória](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on October 28, 2005, at 12:54 AM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

TÉCNICA DE REGRESSÃO DE MEMÓRIA

A regressão de fato é eficaz para lembrar-mos de fatos de infância e etc

Sim, mas o processo de lembrar, como todos os processos psicológicos, são altamente sobredeterminados, ou seja, recebem influência de múltiplos fatores psicológicos, como os desejos, as fantasias, as lembranças correlatas, etc.

Quanto de interferência existe neste processo ?

Muito e é sempre muito difícil saber se o que é dito é apenas o que aconteceu e/ou também uma reelaboração atual da pessoa que viveu algo no passado! Às vezes é possível checar as informações e sabemos o quanto houve de interferência. Mas nem sempre isso é possível de ser feito.

Até quando podemos "regredir" ? 2 anos de idade ? 1 ano ?

Sabemos que o processo de mielinização cerebral (mielina é uma substância que "permite que o cérebro funcione") se dá por volta dos 3 meses de vida intra-uterina, de modo que, antes disso, dificilmente podemos falar de registro de memórias!

A regressão é comprovada cientificamente ?

A regressão de memória é, na verdade, um aumento da memória que a pessoa hipnotizada pode apresentar. Há pessoa que efetivamente têm um grande avivamento da memória. Nesse sentido, mais do que "regressão", prefiro falar em aumento da memória durante a sessão hipnótica.

<< [Reencarnação existe? | FAQ | Se as pesquisas que sugerem a existência de fenômenos psi são verdadeiras, basta envia-las ao Randi e receber US\\$ 1.000.000.](#) >>

[Edit](#)
[Page History](#)
[Source](#)
[Attach File](#)
[Backlinks](#)
[List Group](#)

Page last modified on September 17, 2006, at 07:15 AM

[skin config](#) ** pmwiki-2.0.10 **

*

DESAFIO DO RANDI

"James Randi é fundador do James Randi Educational Foundation. Essa fundação oferece o prêmio de 1 milhão de dólares para quem demonstrar ter poderes paranormais genuínos. Muitos já se candidataram, mas ninguém conseguiu! Para quem quiser saber mais à respeito, e quem sabe se candidatar leia mais [aqui](#)"

[Blog : "O Bruxo de Santos - Desafio aos Paranormais](#)

Pergunta :

Como vocês avaliam o desafio do Randi ?

Resposta :

Somos totalmente favoráveis ao trabalho do Randi, ele é muito bom para desmascarar charlatões e para incentivar o uso do pensamento crítico. Nas palavras de Leonardo Stern :

O trabalho dele é sensacional e admiro a agilidade mental e o preparo que ele demonstra ao desmascarar alguns charlatões. Apesar de existir um certo sensacionalismo e de espetáculo em torno do seu trabalho, mas acredito que são ingredientes necessários para que se consiga algum espaço na mídia televisiva (sobretudo na americana) e que isso vem sendo feito adequadamente por Randi.

Randi provavelmente já deu algumas “pisadas de bola” e para aumentar a credibilidade de seu trabalho acredito que ele deveria buscar mais apoio junto a Parapsychological Association e escalar um time de consultores filiados a esta instituição. Estes consultores garantiriam maior imparcialidade das pesquisas e diminuiriam as chances de uma declaração incorreta ou desatualizada ser divulgada.

Possíveis pisadas de bola

Existem alguns incidentes que deixam margem à dúvidas sobre a total isonomia do trabalho desenvolvido por Randi. Rupert Sheldrake, por exemplo, afirma que Randi desqualificou um vídeo contendo um experimento envolvendo cães mas na verdade não teria nem ao menos assistido ao vídeo.

<http://www.sheldrake.org/controversies/randi.html>

Existem outras alegações parecidas ... se estão falando a verdade ou não, não temos como saber ao certo mas, pelo simples fato de haver dúvida, é motivo de cautela. Considero, no entanto, que existem críticas mais sérias e relevantes que envolvem desatualização, desinformação e precipitação por parte de Randi. Parece ser o caso da pesquisa envolvendo Ted Sérios, mencionada no link abaixo :

<http://listas.pucsp.br/pipermail/pesquisapsi/2001-December/001098.html>

Um resumo de outros possíveis casos, pode ser encontrado em

<http://listas.pucsp.br/pipermail/pesquisapsi/2003-October/007474.html>

Desconheço qualquer alegação séria de que Randi tenha fraudado ou tenha cometido algum desvio mais sério, o tipo de crítica apontada no exemplo do caso Ted Sérios indica que Randi precisa se integrar mais a comunidade psi e de forma nenhuma invalida ou lança dúvidas sobre o excelente trabalho realizado por ele e sua fundação.

Pergunta :

Quais seriam as principais diferenças entre o trabalho de Randi e o da Pesquisa Psi, executado pelo Inter Psi ?

Resposta :

Embora Randi não faça parte da comunidade psi, que publica artigos e participa de experimentos conjuntos, defendendo que trata-se de um pesquisador psi genuíno. O Inter Psi define Pesquisa Psi como investigação de alegações de paranormal e é exatamente isto que é feito pela fundação Randi. A principal diferença residiria na formação básica dos pesquisadores e na composição dos grupos de pesquisa. No Inter Psi procuramos manter contato com grupos céticos, conhecer a literatura cética e convidar céticos para participarem de experimentos (embora também sejamos céticos, estamos nos referindo a ativistas céticos), temos impressão que o inverso não é verdadeiro.

Outra diferença importante é que apesar de investigar alegações de paranormal, o Inter Psi reconhece e apóia a pesquisa experimental que é independente das existências alegações paranormais. O acúmulo de relatos coletados pelo pesquisadores permitiu a identificação de similaridades e classificação dos relatos. A identificação de fatores comuns deu origem a teorias sobre a existência de um fenômeno anômalo real que seria responsável por algumas das alegações de paranormal. Experimentos que buscam testar estas teorias se tornaram praticamente independentes das alegações e são muito frequentes atualmente. Pelo que se tem notícia, a Fundação Randi não participa de tal linha de pesquisa.

Pergunta :

Alguém vai ganhar um milhão de dólares do Randi ?

Resposta :

É bem provável que não! Nas palavras do Dr. Wellington Zangari :

"Meu palpite é de que não! Mas aqui apelo não à minha "intuição" ou ao meu desejo, mas ao meu conhecimento. Os fenômenos que estudamos, via de regra, se "demonstram" indiretamente, por meio de medidas, ou de maneira espontânea e incontrolável, sem que saibamos quando e como se manifestarão. Não estou assumindo a existência de fenômenos parapsicológicos ou paranormais (termo, aliás, que abomino). Tenho sérias dúvidas a respeito de sua existência. Mas, ao avaliar toda a história empírica de tais anomalias estou, neste momento, propenso a aceitar como boas as evidências existentes em seu favor.

Ainda que eu seja testemunha ocular do movimento anômalo de uma tampa de bule (além de outros objetos) sem contato aparente em uma assim chamada "casa mal-assombrada", e ainda que eu seja também testemunha direta de sonhos alegadamente precognitivos riquíssimos em detalhes, não considero tais experiências como evidências aceitas cientificamente. Estas são importantes no sentido de inspirarem estudos experimentais nos quais tenho pessoalmente estado envolvido nas últimas décadas. Não sofro de paranormofilia. Não me apresento como cético. Sou um cientista. Interesse-me pelo estudo de certas alegações que convencionamos denominar de "aparentemente extra-sensorio-motoras". As estudo aplicando o método científico, submetendo hipóteses à experimentação e controlando variáveis."

<< [Técnica de Regressão de memória](#) | [FAQ](#) | [Nenhum cientista \(também aparece como físico ou neurocientista\) leva a sério a Pesquisa Psi](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION



What is the PA?

We are the international professional organization of scientists and scholars engaged in the study of 'psi' (or 'psychic') experiences, such as telepathy, clairvoyance, psychokinesis, psychic healing, and precognition _



Locate psi info online:

- ◉ [Online psi experiments](#)
- ◉ [Online psi surveys / questionnaires](#)
- ◉ [Psi journals and publications](#)
- ◉ [Psi-friendly links](#)



Become a "Friend of the PA"

The Parapsychological Association, Inc., is a 501©(3) charitable organization and donations are tax-deductible (in the USA). The PA urgently needs funds to continue its important work. *It is easy to make a contribution.* [Learn how.](#)



Newcomers start here

Many of the basics in parapsychology and psychic phenomena, including **career info** and **education opportunities**. FAQ is available in [English](#), [French](#) and [Portuguese](#) languages.



Member-published:

- ◉ [Books](#)
- ◉ [Audio / Video / Multimedia](#)
- ◉ [Member websites](#)
- ◉ [Member online articles](#)

PA News Items:

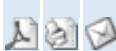
- ✂ [CALL FOR PAPERS – 2007 PA](#) (PDF)
- ✂ [2007 PA Convention Preliminary Info](#)
- ✂ ["Consciousness Today" Conference](#)
- ✂ [2006 PA Abstracts here](#)



FACTOID: 60% of American either AGREE or STRONGLY AGREE that some people either possess psychic abilities or extrasensory perception
(Source: National Science Foundation)

*

Métodos de Pesquisa em Parapsicologia



Por Administrator

21 de janeiro de 2006

Carlos S. Alvarado, Fátima Regina Machado, y Nancy L. Zingrone

Comitê de pesquisas, Associação Ibero-Americana de Parapsicologia

Como toda disciplina, a Parapsicologia utiliza diferentes métodos para estudar seus fenômenos. Neste artigo, não entraremos na história desses métodos nem em uma discussão detalhada de como aplicá-los. Nosso propósito é mais o de enumerar os métodos principais e discutir seus limites, suas vantagens e as diferenças existentes entre eles. A visão que defendemos é a de que a Parapsicologia deve ter uma pluralidade de métodos. Isto é, diferentes problemas e contextos requerem abordagens

diferentes. Mas, ao mesmo tempo, há que se ter em mente que todo método **tem usos e limitações** e que alguns métodos não podem oferecer a segurança **que alguns pretendem em seu uso** .

Os métodos de estudo de fenômenos parapsicológicos que discutimos a seguir não são os únicos em Parapsicologia. Os estudos de laboratório seguem a tradição estabelecida pela Física e pela Biologia e adotada pela Psicologia experimental, enquanto os estudos de casos utilizam métodos de disciplinas como a Psicologia social, a Sociologia e a Antropologia. Para informações adicionais sobre os métodos de algumas destas disciplinas sugerimos que os leitores consultem as referências bibliográficas que aparecem no apêndice.

Estudos Baseados em Informações Publicadas

Uma forma tradicional de estudar os fenômenos parapsicológicos é através da análise bibliográfica de estudos publicados. O básico nesta abordagem é a revisão de literatura ou o estudo de material publicado em revistas, em livros ou em **palestras apresentadas em conferências** .

Alguns desses estudos oferecem perspectivas gerais de diferentes fenômenos ou aspectos específicos, como é o caso do conhecido artigo enciclopédico de estudos laboratoriais de percepção extra-sensorial (ESP) de Palmer (1978) e tantos outros artigos sobre temas tais como: estudos de experiências fora-do-corpo espontâneas (Alvarado, 1986), casos de pessoas que dizem recordar vidas anteriores (Matlock, 1990), o efeito de deslocamento em ESP (Milton, 1988a, 1988b) ou a psicocinesia (PK) sobre sistemas biológicos (Solfvin, 1984). Em outros casos, como na obra de Quevedo (1969/1972), não apenas se resume a literatura, mas também se trata de identificar padrões e princípios específicos sobre o alcance e os limites dos fenômenos tomando como base a literatura anterior. Um caso clássico é a obra monumental de Frederic W.H. Myers *Human Personality and Its Survival of Bodily Death* (1903). Nela Myers utiliza numerosas publicações da psicologia e da pesquisa psíquica para defender seu modelo de ser subliminal e a explicação de fenômenos tais como a personalidade múltipla, a criatividade, o transe e a telepatia.

Em outros casos, como no estudo de Alvarado (1987) sobre fenômenos luminosos, ou em análises de casos publicados, tem-se como propósito estudar a fenomenologia dos efeitos em questão e avaliar as diferentes explicações possíveis de acordo com as características dos fenômenos. Enquanto estudos como os de Alvarado não defendem teorias específicas, estudos como os de Myers e de Quevedo têm como propósito servirem-se da literatura para justificar e desenvolver modelos explicativos específicos. Outros estudos sobre ESP e PK, com propósitos conceituais ou teóricos específicos, são os de Braude (1979) e de Irwin (1979), com perspectivas fundamentadas a partir da filosofia e de a psicologia cognitiva, respectivamente.

Uma versão diferente da revisão qualitativa é a moderna meta-análise. Este método consiste em uma revisão de estudos a nível quantitativo (Rosenthal, 1991). Assim, por exemplo, trata-se de verificar se no caso de estudos de PK com dados ou com geradores de eventos aleatórios a combinação dos resultados de todos os estudos de laboratório incluídos mostra significação estatística (Radin & Ferrari, 1991; Radin & Nelson, 1989). Um exemplo, no caso de ESP em hipnose, é a avaliação da possibilidade de que, quando um sujeito está sob hipnose suas pontuações em testes de ESP tenham maior magnitude que quando comparadas com a condição não-hipnótica (Stanford & Stein, 1994). O propósito deste método é quantificar todas as variáveis relevantes para combiná-las em diferentes análises. Algumas medidas são o valor de probabilidade de análises específicas e a magnitude dos efeitos associados com estes valores. Um exemplo é a análise que correlaciona a qualidade dos estudos de ESP (medida pelo número de problemas metodológicos) com a magnitude dos resultados (medida por um coeficiente ou outra medida de magnitude) ou com sua significação estatística (obtida por provas estatísticas). Para uma revisão da meta-análise e de sua aplicação em Parapsicologia, veja-se Krippner, Braud, Child, Palmer, Rao, Schlitz, White, e Utts (1993).

Não há dúvida de que os estudos realizados tendo como base a literatura anterior têm grande valor. Entretanto, estes são estudos retrospectivos, estudos que procuram encontrar ordem, procuram validar idéias ou teorias examinando o que foi feito anteriormente. Isto às vezes é problemático porque o material disponível muitas vezes não apresenta a informação necessária para que se tenha segurança de nossas expectativas. Muitos dos estudos e observações originais não foram realizados com nossos propósitos em mente. Assim, não contém a informação necessária para colocar à prova um modelo específico. Esta forma de estudar um fenômeno também é problemática porque é muito fácil que projetemos nossos interesses e nossas preferências sobre um material ambíguo. Isto inclui más interpretações e a seleção de material que é favorável às nossas idéias enquanto descartamos o material que não nos é favorável. Uma forma de controlar estes problemas é realizando estudos com os métodos discutidos nas próximas duas seções. Entretanto, devemos admitir que as idéias e os preconceitos dos/as pesquisadores(as) sempre podem afetar estudos de qualquer tipo.

Estudos de Casos

Os estudos de casos são tentativas de estudar fenômenos usualmente em um ambiente natural, espontâneo. Nestas abordagens não se manipulam variáveis, ainda que possa haver interferência com a ocorrência do fenômeno como ocorre com toda observação do comportamento humano.

Nas coleções de casos se compilam grupos de casos para estudar variáveis em comum ou para colocar à prova hipóteses específicas. Alguns exemplos incluem a célebre coleção de casos de ESP *Phantasms of the Living* (Gurney, Myers, & Podmore, 1886), os conhecidos estudos de ESP de L.E. Rhine (1954), os estudos de Green (1968) de experiências fora-do-corpo, os estudos de Stevenson (1970) de impressões telepáticas, os estudos de Gauld e Cornell (1979) com poltergeists e assom-

brações, e a recente coleção de aparições e outros fenômenos relacionados com a morte, de Piccinini e Rinaldi (1990).

Os casos não têm que ser numerosos, posto que pode se estudar as experiências de uma só pessoa (Bender, 1966). É possível obter os casos de diferentes formas. Como se pode ver na análise de Stevenson (1970), os casos podem provir da literatura parapsicológica e de pessoas que escrevem aos/às pesquisadores(a)s para informar suas experiências. Também é possível obter experiências solicitando a grupos de pessoas que indiquem seu endereço com o combinação de que receberão um questionário que devem preencher (Alvarado, 1984) ou solicitando casos através dos meios de comunicação de massa (Green, 1968). Existem outras formas de reunir casos e também é possível combinar diferentes formas.

Outro método diferente da coleção de casos é a pesquisa de levantamento de dados, na qual se seleciona um grupo de pessoas e se lhes faz as mesmas perguntas a toda(o)s utilizando questionários, entrevistas, ou ambos. Exemplos destes estudos incluem o conhecido trabalho de Palmer (1979) com amostras de estudantes e residentes de Charlottesville, Virginia (Estados Unidos), e o recente estudo de Zangari e Machado (1996) com estudantes universitários em uma universidade de São Paulo. Quando as amostras utilizadas nas pesquisa de levantamento de dados são selecionadas de maneira controlada, de forma a controlar os erros de seleção (por meio de técnicas que selecionam participantes ao acaso a partir de registros eleitorais, diretórios telefônicos e de áreas residenciais) se considera que os resultados podem ser representativos da população em general.

Uma pesquisa de campo consiste no estudo de um caso com visita à localidade onde se relatou, ou onde está ocorrendo, um fenômeno (poltergeist, aparições) com o propósito de estudá-lo. Alguns exemplos desta abordagem são as pesquisas do célebre caso de assombração de Cheltenham de Despard (Morton, 1892), as pesquisas de casos de suposta reencarnação de Stevenson (1983), e os casos poltergeist de Andrade (1988), no Brasil.

Estes métodos podem ser combinados com outros. É comum encontrar coleções de casos que se baseiam na análise da literatura porque utilizam-se de casos que se foram publicados (Alvarado, 1987; Schouten, 1979; Stevenson, 1970). Os estudos de campo se convertem em coleções de casos quando se examinam as características de muitos casos, como pode se verificar nos casos de alegada reencarnação de Andrade (1986) e de Stevenson (1983).

Também devemos mencionar o uso de outros métodos das ciências sociais através dos quais é possível estudar os casos parapsicológicos. Estes incluem a observação participante (onde um/uma pesquisador(a) participa das interações dos grupos ou de pessoas sob estudo) e as análises do discurso (análise dos textos ou das interações de outro tipo, do ponto de vista lingüístico, ou de outras perspectivas). A análise do discurso também pode ser aplicada ao material produzido no laboratório.

A vantagem principal dos estudos de casos é que se está estudando o fenômeno em seu ambiente natural, ou com pouca interferência. Isto nos ajuda a entender o funcionamento de nossos fenômenos na forma em que estes ocorrem na vida diária. Também nos permite estudar fenômenos que não ocorrem em condições controladas, fenômenos que não podem ser estudados de qualquer outra forma. Isto inclui as experiências de aparições e de movimento de objetos relacionados com mortes que ocorrem à distância (Piccinini & Rinaldi, 1990), as visões no leito de morte (Osis & Haraldson, 1986), e as experiências próximas da morte (Ring, 1980), entre outras.

Por outro lado, o estudo de casos pode ser problemático e às vezes deficiente em relação a problemas de evidência, pois sempre existe a possibilidade de que os casos possam ser explicados de uma maneira não prevista pelas/os pesquisadora(o)s. Esta falta de controle também debilita tais métodos em termos de se poder estabelecer relações de causa e efeito, ainda que estas avaliações dependam das orientações metodológicas dos(as) pesquisadores(as).

Estudos de Laboratório

Os estudos de laboratório são aqueles que se realizam em um lugar controlado pelos/as pesquisadores(as). No caso da ESP, é possível mencionar os clássicos estudos de Richet (1884), Rhine (1934) e Warcollier (1938), os estudos mais recentes de Braud e Braud (1973), Kanthamani e Rao (1973) e de Krippner (1970), e o trabalho contemporâneo de Honorton et al. (1990), Targ (1994), Thalbourne (1996) e Watt e Morris (1995).

Nem todos os estudos de laboratório são experimentos, como geralmente se presume. O experimento é o estudo de laboratório no qual se manipulam variáveis para estudar relações de causa e efeito. Os estudos correlacionais são os que não usam manipulações e se limitam a estudar possíveis relações entre as variáveis. Os exemplos apresentados a seguir ilustram estas diferenças.

Suponhamos que se queira estudar se a redução de distrações e estímulos sensoriais está relacionada com um aumento no funcionamento da ESP. Em um experimento, submeter-se-iam os participantes, ao acaso, a duas condições: uma de alta privação sensorial (como o Ganzfeld) e outra sem privação sensorial. Então se comparariam as pontuações de ESP de ambos os grupos ao final do estudo. Em um estudo correlacional não se manipulariam as condições. Todos os/as participantes estariam na mesma condição de privação sensorial e se procuraria, por exemplo, relacionar mudanças no estado de consciência dos sujeitos durante o procedimento com as pontuações de ESP. Neste caso não se manipulam as condições, apenas se relacionam as variáveis presentes no estudo.

Os estudos de ESP durante experiências fora-do-corpo de Tart (1968) e de Palmer e Vassar (1974) também ilustram estas diferenças. Tart apenas correlacionou a ocorrência de uma experiência fora-do-corpo com registros eletroencefalográficos e ESP. Por outra parte, Palmer e Vassar manipularam várias condições de indução para estudar a relação entre estas experiên-

cias e a ESP.

Alguns estudos de médiuns, tais como os que Crookes (1874) realizou com D.D. Home, poderiam ser considerados como estudos de laboratório qualitativos. Outros são menos precisos como estudos de laboratório, como foi o caso das observações de Hodgson (1892) com a Sra. Piper. Muitos dos estudos de médiuns ocupam um lugar intermediário entre o estudo de casos espontâneos e estudos de laboratório.

A grande vantagem dos estudos de laboratório é que eles possuem um nível de controle que não se encontra nos estudos de casos. Nos estudos de ESP, por exemplo, tomam-se precauções para que não exista comunicação sensorial entre o objetivo (alvo) e a pessoa que emite a resposta (por exemplo, uso de distância e barreiras físicas) e se controlam outras possíveis explicações ou erros usando técnicas tal como a aleatorização dos objetivos. Em general, se considera que a manipulação de variáveis oferece melhores possibilidades de estudar relações de causa e efeito, pois a relação se estuda usando a presença e ausência de variáveis-chave de uma forma mais ativa que as observações realizadas com os estudos de casos (para uma crítica desta posição do ponto de vista do uso de métodos qualitativos consulte-se Bannister, Burman, Parker, Taylor, & Tindall, 1994/1995). Entretanto, as vantagens destas abordagens estão acompanhadas de grandes desvantagens. Em general, os estudos de laboratório apresentam condições artificiais que não necessariamente motivam os participantes a produzir o fenômeno ou a produzir efeitos de alta magnitude. O laboratório e a relação entre o(a) pesquisador(a) e o(a)s participantes também pode afetar os resultados devido a efeitos de expectativa e a sugestões implícitas que se encontram nas instruções e no comportamento dos pesquisadores.

Nossas Próprias Experiências

Recentemente apareceram propostas para considerar o estudo de nossas próprias experiências psíquicas como uma forma de realizar a pesquisa parapsicológica (Braud, 1994; White, 1990). A literatura apresenta alguns exemplos desta abordagem. Por exemplo, Sylvan Muldoon escreveu em detalhes sobre suas experiências fora-do-corpo tratando de encontrar padrões ou pontos em comum em suas numerosas experiências (Muldoon & Carrington, 1929). Uma pesquisa mais sistemática foi a que Sandow (1988) publicou usando seus próprios sonhos precognitivos.

Esta forma de estudar os fenômenos parapsicológicos não é aceita pela comunidade parapsicológica em general. Como outros métodos e técnicas, o uso de nossas próprias experiências como matéria de estudo apresenta interessantes vantagens e desvantagens. Estes estudos oferecem a oportunidade a uma/uma pesquisador(a) de conhecer os fenômenos através da experiência direta (se tem a sorte de ter experiências recorrentes). Esta perspectiva "interna" pode nos prover de informações que talvez se perderia ou que não se tornaria clara se ignorássemos a experiência pessoal. Ninguém pode descrever melhor a impressão ou as sensações de ter uma visão precognitiva, de sentir-se fora-do-corpo, ou de observar a aura de uma pessoa, que a própria pessoa que teve a experiência. Por outra parte, esta forma de observação está limitada pela a idiosincrasia da pessoa que tem a experiência. Como nem todas as pessoas são iguais é lógico esperar que se formamos uma opinião sobre um fenômeno parapsicológico apenas tendo como base as nossas experiências poderíamos cair no erro de crer que essas experiências são similares às experiências de outras pessoas. Este problema também se aplica aos outros métodos, no sentido de que não podemos confiar em um só experimento, caso, ou pesquisa de levantamento de dados, para determinar as características ou as relações do fenômeno com outras variáveis. Mas o problema particular com a experiência pessoal é que muitas pessoas se tornam dogmáticas e não aceitam outras descrições ou conclusões se estas diferem das que sua experiência pessoal lhes apresentou.

Devemos ainda ser cuidadosos com os métodos daqueles que dependem das revelações do "além". Por exemplo, uma leitura de *O Livro dos Médiuns*, de Kardec (1861/1970), mostra que as conclusões que este autor apresentou sobre a natureza dos fenômenos dos/as médiuns eram baseadas em comunicações de supostas entidades espirituais. Este método, de nenhuma maneira científico, não é confiável e não deve ser utilizado, a menos que as idéias geradas por seu intermediário sejam postas à prova em forma de hipóteses valendo-se de estudos de casos ou estudos de laboratório.

Outras Perspectivas

Os métodos discutidos neste artigo podem ser vistos a partir de diferentes perspectivas, ênfases ou conceitualizações. Agora mencionaremos as perspectivas que consideramos mais importantes sem pretender que sejam as únicas possíveis.

Os estudos podem ser estudos piloto ou estudos formais. Os estudos piloto são estudos preliminares, geralmente com poucos participantes, cujo propósito é obter experiência com os procedimentos. Pode incluir a utilização de questionários e equipamentos de laboratório, entre outras possibilidades. Posteriormente, o estudo formal usará da experiência obtida no estudo inicial. Ou seja, às vezes são realizadas mudanças no procedimento baseados nos problemas encontrados no estudo piloto. No estudo formal colocamos à prova as nossas hipóteses.

Uma distinção clássica em Parapsicologia é a de estudos com propósito de prova e com propósito de processo. Os de prova são os que obtêm evidência de que um fenômeno existe. Em Parapsicologia muitas vezes isto significa que o fenômeno não tem explicações convencionais, ainda que se tenha que recordar que o estudo de nossos fenômenos também inclui a consideração de perspectivas convencionais (isto é, mecanismos como a memória, alucinações, a dissociação, entre outros) [sobre esta perspectiva veja-se Irwin, 1994]. Quando nos referimos ao processo, isto significa que o interesse se concentra em aprender algo sobre o funcionamento do fenômeno estudado. Por exemplo, uma coisa é comprovar que na presença de um/uma médium se movem objetos (prova) e outra é estudar possíveis mecanismos que expliquem os movimentos, tais como uma forma de energia proveniente do corpo do médium (processo). Obviamente, ambas orientações não têm que estar

separadas e, em general (especialmente em o caso de estudos de laboratório), estão juntas.

Os estudos podem ser avaliados de forma qualitativa ou de forma quantitativa. A atenção ao qualitativo implica no estudo da aparência, estrutura e contexto no qual os fenômenos ocorrem. Estes se quantificam nos casos em que contamos frequências, quando falamos de proporções (como porcentagens), ou quando usamos provas estatísticas para determinar se há diferenças significativas entre grupos, condições ou outras formas de organizar os dados de um estudo. Dois exemplos históricos do estudo da ESP ilustram estas diferenças. Warcollier (1938) realizou estudos com desenhos nos quais a avaliação do êxito da "transmissão" telepática foi avaliada por meio da similaridade entre os desenhos dos percipientes e os desenhos que outras pessoas observavam ou desenhavam à distância. Levava-se em conta as formas e os conceitos expressados nos desenhos. Em contraposição, Rhine (1934) avaliou os resultados de seus estudos de ESP com suas famosas cartas Zener usando métodos estatísticos que lhe permitiram gerar valores de probabilidade, comparando as seqüências emitidas por um participante com as esperadas pelo acaso. As análises qualitativas e quantitativas também se encontram nos estudos de casos. Enquanto Gurney, Myers, e Podmore (1886) analisaram seus casos de forma qualitativa, Schouten (1979) reanalisou a mesma coleção usando métodos estatísticos.

Existe, ainda a clássica distinção em psicologia entre o idiográfico e o nomotético. A tradição idiográfica enfatiza casos individuais, enquanto que a nomotética enfatiza grupos de casos. Mas a diferença não é apenas numérica mas de estratégia. O estudo idiográfico trata de obter informações sobre diferentes aspectos de uma pessoa. No caso de um enfoque psicológico, estudam-se as situações particulares de vida de uma pessoa e suas características específicas para tratar de entender seus fenômenos parapsicológicos. Em um enfoque nomotético não se enfatiza a individualidade de uma pessoa, mas as similaridades ou diferenças entre grupos de indivíduos. Este enfoque tende a combinar variáveis entre um número de indivíduos de forma que a individualidade de cada pessoa não seja enfatizada. Vejamos dois exemplos destes enfoques no estudo de experiências precognitivas. Bender (1966) publicou um estudo de corte idiográfico com apenas uma pessoa que tinha muitas precognições durante os seus sonhos. Neste estudo, Bender tratou de relacionar as experiências precognitivas com os aspectos da vida da pessoa em questão. Por outro lado, Hearne (1984) combinou os resultados de provas de personalidade de um grupo de pessoas que haviam tido precognições. Seus resultados se basearam na combinação de informações, sem prestar atenção ao fenômeno em relação à individualidade de seus participantes.

Há que se reconhecer que estas perspectivas podem se complementar. Certamente não tem que haver contradição entre os enfoques de prova e de processo, entre o qualitativo e o quantitativo ou entre o idiográfico e o nomotético. É possível combinar ambas as dimensões e considerá-las como diferentes formas de estudar um problema. Cada abordagem tem vantagens e desvantagens. Assim, por exemplo, a abordagem idiográfica é difícil de generalizar devido a que os resultados não necessariamente se aplicam a outras pessoas. Mas o enfoque nomotético, que tem melhores possibilidades de ser generalizado para outros indivíduos, perde aspectos importantes do ser humano. Entretanto, na prática, raras vezes vemos em Parapsicologia um esforço para combinar diferentes perspectivas.

Finalmente, queremos reconhecer brevemente que os estudos parapsicológicos refletem diferentes ênfases de acordo com as disciplinas que inspiram a pesquisa. Muitos estudos têm enfoques psicológicos nos quais variáveis de personalidade e variáveis cognitivas se estudam em relação com os fenômenos parapsicológicos. De forma similar, podemos falar dos enfoques biológicos, médicos, físicos, antropológicos, entre outros.

Comentários Finais

Seguindo recentes discussões na psicologia (Rosenthal & Rosnow, 1991) e na Parapsicologia (Alvarado, 1996) cremos que a variedade ou pluralidade de métodos é algo favorável e de grande vantagem em Parapsicologia. É importante reconhecer o valor dos diferentes métodos de pesquisa e compreender que é muito problemático (às vezes impossível) pretender que o fenômeno se adapte ao método. Dependendo de nossos propósitos e da natureza do fenômeno em questão é que devemos escolher nossos métodos. Também devemos estar conscientes de que é possível combinar diferentes métodos e abordagens para o estudo de um problema específico. Assim, por exemplo, as correlações de um fenômeno com variáveis físicas ou psicológicas poderiam ser estudadas no laboratório e através de estudos de casos. Lamentavelmente, todos tendemos a nos especializar em métodos específicos e estas combinações de métodos raras vezes se colocam em prática.

Mas também é necessário reconhecer a debilidade e os problemas de cada método. Enquanto os experimentos apresentam vantagens para o estudo de relações de causa e efeito sobre os estudos de casos, não devemos esquecer da dificuldade em realizar experimentos com alguns fenômenos e contextos específicos. Ainda que as análises de literatura de alguns sejam interessantes é importante considerar que quando se trata de estudar os mecanismos de nossos fenômenos, suas possibilidades e limites, e suas relações com outras variáveis, as análises de literatura são muito limitadas por falta de informação e pela dificuldade de colocar à prova hipóteses de forma ativa. É muito fácil nos enganarmos com análises de textos escolhendo casos que apoiam nossas expectativas e ignorando aos que não são consistentes com nossos sistemas conceituais. Em outras palavras, alguns métodos não são adequados ou são deficientes para tarefas e propósitos específicos. Este é o caso das supostas revelações dos "espíritos" em sessões espíritas sobre a natureza dos fenômenos parapsicológicos.

Obviamente, todo método é vulnerável a diferentes críticas pois todos são usados por seres humanos com compromissos conceituais e ideológicos específicos. O importante é conhecermos o melhor possível estes problemas e estarmos conscientes destas limitações quando escolhemos um método, quando realizamos uma pesquisa e quando apresentamos nossos resultados à comunidade científica.

Referências

Alvarado, C.S. (1984). Phenomenological aspects of out-of-body experiences: A report of three studies. *Journal of the*

American Society for Psychical Research, 78, 219-240.

Alvarado, C.S. (1986). Research on spontaneous out-of-body experiences: A review of modern developments, 1960- 1984. In B. Shapin & L. Coly, eds., *Current Trends in Psi Research* (pp. 140-167). New York: Parapsychology Foundation.

Alvarado, C.S. (1987). Observations of luminous phenomena around the human body: A review. *Journal of the Society for Psychical Research*, 54, 38-60.

Alvarado, C.S. (1996). The place of spontaneous phenomena in parapsychology. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 90, 1-34.

Andrade, H.G. (1986). *Reincarnação no Brasil: Oito Casos que Sugerem Renascimento*. São Paulo: Pensamento.

Andrade, H.G. (1988). *Poltergeists: Algumas de suas Ocorrencias no Brasil*. São Paulo: Pensamento.

Bannister, P., Burman, E., Parker, I., Taylor, M., & Tindall, C. (1995). *Qualitative Methods in Psychology: A Research Guide*. Buckingham: Open University Press. (Publicado originalmente em 1994)

Bender, H. (1966). The Gotenhafen case of correspondence between dreams and future events: A study of motivation. *International Journal of Neuropsychiatry*, 2, 398-407.

Braud, W.G (1994). Honoring our natural experiences. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 88, 293-308.

Braud, W.G., & Braud, L.W. (1973). Preliminary explorations of psi-conducive states: Progressive muscular relaxation. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 67, 26-46.

Braude, S. (1979). *ESP and Psychokinesis: A Philosophical Examination*. Temple: Temple University Press.

Crookes, W. (1874). *Researches on the Phenomena of Spiritualism*. London: J. Burns.

Gauld, A., & Cornell, A.D. (1979). *Poltergeists*. Boston: Routledge & Kegan Paul.

Green, C. (1968). *Out-of-Body Experiences*. London: Hamish Hamilton.

Gurney, E., Myers, F.W.H., & Podmore, F. (1886). *Phantasms of the Living* (2 vols.). London: Trübner.

Hearne, K.M.T. (1984). A survey of reported premonitions and of those who have them. *Journal of the Society for Psychical Research*, 52, 261-270.

Hodgsão, R. (1892). A record of observations of certain penomena of trance. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 8, 1-167.

Honorton, C., Berger, R.E., Varvoglis, M.P., Quant, M., Derr, P., Schechter, E.I., & Ferrari, D.C. (1990). Psi communication in the ganzfeld: Experiments with an automated testing system and a comparisão with a meta-analysis of earlier studies. *Journal of Parapsychology*, 54, 99-139.

Irwin, H.J. (1979). *Psi and the Mind: An Information-Processing Approach*. Metuchen, NJ: Scarecrow Press.

Irwin, H.J. (1994). *An Introduction to Parapsychology*. Jeffersão, NC: McFarland.

Kanthamani, B.K., & Rao, K.R. (1973). Persãoality characteristics of ESP subjects: IV. Neuroticism and ESP. *Journal of Parapsychology*, 37, 37-50.

Kardec, A. (1970). *El Libro de los Médiuns*. New York: Studium. (Publicado originalmente en francés en 1861)

Krippner, S. (1970). Electrophysiological studies of ESP in dreams: Sex differences on seventy-four telepathy sessions. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 64, 277-285.

Krippner, S., Braud, W., Child, I.L., Palmer, J., Rao, K.R., Schlitz, M., White, R.A., & Utts, J. (1993). Demonstration research and meta-analysis inparapsychology. *Journal of Parapsychology*, 57, 275-286.

Matlock, J.G. (1990). Past life memory case studies. En S. Krippner (Ed.), *Advances in Parapsychological Research* 6 (pp.

184-267). Jeffersão, NC: McFarland.

Milton, J. (1988a). Critical review of the displacement effect: I. The relationship between displacement and scoring on the intended target. *Journal of Parapsychology*, 52, 29-55.

Milton, J. (1988b). Critical review of the displacement effect: II. The relationship between displacement and psychological and situational variáveis. *Journal of Parapsychology*, 52, 127-156.

Morton, R. (1892). Record of a haunted house. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 8, 311-332.

Muldoon, S.J., & Carrington, H. (1929). *The Projection of the Astral Body*. London: Rider.

Myers, F.W.H. (1903). *Human Persãoality and Its Survival of Bodily Death* (2 vols.). London: Longmans, Green.

Osis, K., & Haraldssão, E. (1986). *At the Hour of Death* (edição revisada). New York: Hastings House.

Palmer, J. (1978). Extrasensory perception: Research findings. In S. Krippner (Ed.), *Advances in Parapsychological Research: Vol. 1: Extrasensory Perception* (pp. 59-243). New York: Plenum Press.

Palmer, J. (1979). A community mail survey of psychic experiences. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 73, 221-251.

Palmer, J., & Vassar, C. (1974). ESP and out-of-the-body experiences: An exploratory study. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 68, 257-280.

Piccinini, G., & Rinaldi, G.M. (1990). *I Fantasmí dei Morenti*. Viareggio: Il Cardo.

Quevedo, O.G. (1972). *El Rostro Oculito de la Mente*. Santander: Sal Terrae. (Publicado originalmente en 1969)

Radín, D.I., & Ferrari, D.C. (1991). Effects of consciousness on the fall of dice: A meta-analysis. *Journal of Scientific Exploration*, 5, 61-83.

Radín, D.I., & Nelsão, R.D. (1989). Evidence for consciousness-related anomalies in random physical systems. *Foundations of Physics*, 19, 1499-1514.

Rhine, J.B. (1934). *Extra-Sensory Perception*. Boston: Boston Society for Psychic Research.

Rhine, L.E. (1954). Frequency of tyESP of experience in spontaneous cases. *Journal of Parapsychology*, 18, 93-123.

Richet, C. (1884). La suggestion mentale et le calcul des probabilités. *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger*, 18, 609-674.

Ring, K. (1980). *Life at Death: A Scientific Investigation of the Near-Death Experience*. New York: Coward, McCann & Geoghegan.

Rosenthal, R. (1991). *Meta-Analytic Procedures for Social Research* (edição revisada). Newbury Park, CA: Sage.

Rosenthal, R., & Rosnow, R.L. (1991). *Essentials of Behavioral Research: Methods and Data Analysis* (segunda edição). New York: McGraw Hill.

Schouten, S.A. (1979). Analysis of spontaneous cases as reported in 'Phantasms of the Living.' *European Journal of Parapsychology*, 2, 408-455.

Solfvin, J. (1984). Mental healing. En S. Krippner (Ed.), *Advances in Parapsychological Research* 4 (pp. 31-63). Jeffersão, NC: McFarland.

Sãodow, N. (1988). The decline of precognized events with the passage of time: Evidence from spontaneous dreams. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 82, 33-51.

Stanford, R.G., & Stein, A.G. (1994). A meta-analysis of ESP studies contrasting hypnosis and a comparação condition. *Journal of Parapsychology*, 58, 235-269.

Stevenson, I. (1970). *Telepathic Impressions: A Review and Report of Thirty-Five New Cases*. Charlottesville: University

Press of Virginia.

Stevenson, I. (1983). *Cases of the Reincarnation Type: Vol. IV: Twelve Cases in Thailand and Burma*. Charlottesville: University Press of Virginia.

Targ, R. (1994). Remote-viewing replication: Evaluated by concept analysis. *Journal of Parapsychology*, 58, 271-284.

Tart, C.T. (1968). A psychophysiological study of out-of-the-body experiences. *Journal of the American Society for Psychological Research*, 62, 3-27.

Thalbourne, M.A. (1996). An attempt to predict precognition scores using transliminality-relevant variáveis. *Journal of the Society for Psychical Research*, 61, 129-140.

Warcollier, R. (1938). *Experimental Telepathy*. Boston: Boston Society for Psychic Research.

Watt, C.A., & Morris, R.L. (1995). The relationships among performance on a prototype indicator of perceptual defence/vigilance, persãoality, and extrasensory perception. *Persãoality and Individual Differences*, 19, 635-648.

White, R.A. (1990). An experience-centered approach to parapsychology. *Exceptional Human Experience*, 8, 7-36.

Zangari, W., & Machado, F.R. (1996). Incidencia e importancia social de las experiências psíquicas en los estudiantes universitarios brasileiros. *Revista Argentina de Psicologia Paranormal*, 7, 19-35.

Apêndice: Referências Sobre Métodos de pesquisa Parapsicologia

Alvarado, C.S. (1987). Comments on Case Studies in Parapsychology and on the value of research in this area. *Journal of Parapsychology*, 51, 337-352.

Alvarado, C.S. (1992). Case collections in parapsychology. *Exceptional Human Experience*, 10, 163-166.

Alvarado, C.S. (1996). The place of spontaneous cases in parapsychology. *Journal of the American Society for Psychological Research*, 90, 1-34.

Alvarado, C.S. (1996). Proof and process approaches to the study of spontaneous phenomena. *Journal of the Society for Psychical Research*, 61, 221-234.

Amadou, R. (1971). *La Parapsicologia: Historia y Crítica*. Buenos Aires: Paidós. (Publicado originalmente en francés en 1954)

Andrade, H.G. (1967). *Parapsicologia Experimental*. São Paulo: Calvario.

Bender, H. (1976). *La Parapsicologia y Sus Problemas*. Barcelona: Herder

Blackmore, S.J. (1985). Some advice on questionnaire research. *Parapsychology Review*, 16(5), 5-8.

Edge, H.L., Morris, R.L., Palmer, J., & Rush, J.H. (1986). *Foundations of Parapsychology*. Boston: Routledge & Kegan Paul.

Irwin, H.J. (1994). *An Introduction to Parapsychology*. Jeffersão, NC: McFarland.

Kreiman, N. (1977). Temas de metodología. *Cuadernos de Parapsicologia*, 10(3), 24-27.

Kreiman, N. (1994). *Curso de Parapsicologia*. Buenos Aires: Editorial Kier: Buenos Aires.

Milton, J., & Wiseman, R. (1997). *Guidelines for Extrasensory Perception Research*. Hertfordshire: University of Hertfordshire Press.

Morris, R.L. (1978). A survey of methods and issues in ESP research. En S. Krippner (Ed.), *Advances in Parapsychological Research: 2: Extrasensory Perception* (pp. 7-58). New York: Plenum.

Morris, R.L. (1982). An updated survey of methods and issues in ESP research. En S. Krippner (Ed.), *Advances in Parapsy-*

chological Research 3 (pp. 5-40). New York: Plenum.

Nash, C.B. (1986). *Parapsychology: The Science of Psiology*. Springfield, IL: Charles C Thomas.

Novillo Paulí, E. (1984). *Los Fenômenos Parapsicológicos: Psi en el Laboratorio (segunda edição)*. Buenos Aires: Kapelusz.

Parapsychological Association. (1988). Terms and methods in parapsychological research. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 82, 353-357.

Rhine, J.B. (1977). History of experimental studies. En B.B. Wolman (Ed.), *Handbook of Parapsychology* (pp. 25-47). New York: Van Nostrand Reinhold.

Rhine, J.B., & Pratt, J.G. (1970). *Parapsicologia*. Buenos Aires: Troquel. (Publicado originalmente en inglés en 1957)

Rhine, L.E. (1977). Research methods with spontaneous cases. En B.B. Wolman (Ed.). *Handbook of Parapsychology* (pp. 59-80). New York: Van Nostrand Reinhold.

Schechter, E. (1987). Meta-analysis and parapsychology. *Parapsychology Review*, 18(2), 13-15.

Schmeidler, G.R. (1977). Methods for controlled research on ESP and PK. En B.B. Wolman (Ed.), *Handbook of Parapsychology* (pp. 131-159). New York: Van Nostrand Reinhold.

Thouless, R.H. (1973). *Parapsicologia*. Buenos Aires: Hormé.

Utts, J. (1991). Replication and meta-analysis in parapsychology. *Statistical Science*, 6, 363-378.

White, R.A. (1992). Review of approaches to the study of spontaneous psi experiences. *Journal of Scientific Exploration*, 6, 93-126.

Wiseman, R., & Morris, R.L. (1995). *Guidelines for Testing Psychic Claimants*. Amherst, NY: Prometheus.

Psicologia y Otras Ciencias Sociales

Alvarado, CS (1998). Recentes publicações sobre métodos de pesquisa em psicologia. *Boletín Informativo del CEIPR*, No. 5, 1-5.

Arnaú Gras, J. (1981). *Diseños Experimentais en Psicologia y Educação*. México: Trillas.

Arnaú Gras, J. (1982). *Psicologia Experimental: Un Enfoque Metodologico*. Mexico: Trillas.

Bannister, P., Burman, E., Parker, I., Taylor, M., & Tindall, C. (1995). *Qualitative Methods in Psychology: A Research Guide*. Buckingham: Open University Press. (Publicado originalmente en 1994)

Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (1994). *Research Methods in Clinical and Counseling Psychology*. New York: Wiley.

Bayés, R. (1974). *Uma Introdução al Método Científico en Psicologia*. Barcelona: Fontanella.

Boudon, R. (1971). *Metodos Quantitativos em Sociologia*. Petropolis: Vozes.

Breakwell, G.M., Hammond, S., & Fife-Schaw, C. (Eds). (1995). *Research Methods in Psychology*. London: Sage.

Cervo, A.L., & Bervian, P.A. (1983). *Metodologia Científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda.

Chizzotti, A. (1991) *pesquisa em Ciencias Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez Editora. Goode, W., & Hatt, P.K. (1960). *Metodos em pesquisa Social*. São Paulo: Nação.

Junker, B. H. (1971). A Importancia do Trabalho de Campo. São Paulo: Lidador.

Marinho, P.A. (1980). A pesquisa em Ciências Humanas. Petropolis: Vozes.

Pereda Marín, S. (1991). Psicologia Experimental: Metodología. Madrid: Pirámide.

Richardsão, J.T.E. (Ed.). (1996). Handbook of Qualitative Research Methods for Psychology and the Social Sciences. Leicester: BPS Books.

Rosenthal, R. (1991). Meta-analytic Procedures for Social Research (edição revisada). Newbury Park, CA: Sage.

Rosenthal, R., & Rosnow, R.L. (1991). Essentials of Behavioral Research: Methods and Data Analysis (Segunda edição). New York: McGraw Hill.

Rosnow, R.L., & Rosenthal, R. (1997). People Studying People: Artifacts and Ethics in Behavioral Research. New York: W.H. Freeman.

Willems, E.P., & H.L. Raush (Eds.) (1969) Naturalistic Viewpoints in Psychological Research. New York: Holt, Rinehart and Winston.

[Próximo >](#)

[\[Voltar\]](#)

Designed by allmambo.com

Este Website é uma realização do [Inter Psi](#) e é mantido por Leonardo Stern e Wellington Zangari

© 2007 Pesquisa Psi

[Joomla!](#) is Free Software released under the GNU/GPL License.

Scientists, shamans and sages: Gazing through Six Hats.



Por Administrator

10 de setembro de 2004

Varvoglís, Mario P(2003). Scientists, shamans and sages: Gazing through Six Hats. *Journal of Parapsychology*, 67(1), (pp. 3-16)

Abstract

Most parapsychologists espouse traditional scientific methods. Overall, this approach has helped establish the legitimacy of the field, while also yielding substantial statistical evidence favoring the existence of certain anomalies. Several considerations, however, suggest that the phenomena studied may not be fully amenable to traditional research models, the latter may need to be complemented with other approaches. In this context, tools for divergent thinking can be of great use: They help people resolve complex problems by encouraging creative exploration of many novel and unusual directions. Six Thinking Hats is a divergent -thinking method that induces particularly rich explorations of solution space. The individual examines the problem not only through the familiar analytical and critical forms of thinking but also through lateral thinking, cross-disciplinary perspectives and emotional intelligence. Six Hats can thus be of considerable use to parapsychologists. Given the multifaceted nature of psi phenomena and the complexities of the research, it is essential that the full spectrum of intelligence be used to progressively construct a rich, multidimensional map of our subject matter.

[< Anterior](#)

[Próximo >](#)

[\[Voltar\]](#)

Designed by allmambo.com

Este Website é uma realização do [Inter Psi](#) e é mantido por Leonardo Stern e Wellington Zangari

© 2007 Pesquisa Psi

[Joomla!](#) is Free Software released under the GNU/GPL License.

A Questão da Nomenclatura em Parapsicologia



Por Wellington Zangari

20 de março de 2005

Machado, F. R. (1997). A Questão da Nomenclatura em Parapsicologia. *Anuário Brasileiro de Parapsicologia*, nº 2. Recife: IPPP.

Profa. Dra. Fátima Regina Machado

Este artigo visa levantar mais uma vez a questão da nomenclatura utilizada em Parapsicologia, principalmente entre os parapsicólogos brasileiros. De forma alguma tem a pretensão de esgotar o tema, visto que este tem sido conteúdo de diversas discussões na área e apresenta-se bastante complexo. Este trabalho apenas revisa alguns termos importantes que são utilizados a nível internacional, chamando a atenção para a importância de atualização dos estudiosos em Parapsicologia sobre o que ocorre no campo a nível mundial e a necessidade de falarmos “a mesma língua”.

Nossa Torre de Babel

Curiosamente, ainda figura entre os principais problemas enfrentados pela Parapsicologia no Brasil, o desacôrdo sobre como denominar os fenômenos parapsicológicos. Estudiosos da Parapsicologia que atuam no país - infelizmente, em sua grande maioria, ainda apenas em relação a discussões teóricas e não em pesquisas de campo ou de laboratório - adotam terminologias diversas para designar um mesmo tipo de fenômeno, ou, mais rigorosamente, experiência psi. Isto provoca, em especial, dois contratempos: (a) confunde o público leigo que recebe informações diversas sobre a Parapsicologia, sem solidificar um conhecimento básico e atualizado sobre o assunto; (b) dificulta a comunicação entre os próprios parapsicólogos, que vez por outra não se entendem devido ao fato de não “falarem a mesma língua”, ainda que compartilhem do português como idioma pátrio.

* A questão da nomenclatura não é muito simples de ser resolvida. Os grandes avanços no campo parapsicológico não ocorrem efetivamente em nosso país, onde o desenvolvimento de pesquisas ainda é precário por vários fatores: problemas econômicos, falta de informação, acomodação dos parapsicólogos, impedimentos por motivos políticos ligados a vaidades pessoais etc. Assim sendo, vários novos termos que vão surgindo a nível mundial - e até mesmo os que já figuram de longa data - carecem de uma tradução adequada à nossa língua. Um recurso que tem sido utilizado freqüentemente é manter a sigla em inglês, como é utilizada internacionalmente, e traduzir apenas o referido nome por extenso. (Ex. : ESP, do inglês *extra sensory perception*, que conhecemos como *percepção extra-sensorial*.)

Vale lembrar que a Parapsicologia não é provinciana: é uma ciência que se desenvolve a nível internacional e, portanto, não podemos nos fechar em nós mesmos, em nosso país, e decidir sozinhos o que faremos com ela. Estamos imersos no mundo parapsicológico - ainda que estejamos gatinhando dentro dele - por isso é preciso abrir os olhos para o que está além de nossas fronteiras. Obviamente existem barreiras de linguagem (Alvarado, 1989) que ainda dificultam a comunicação entre pesquisadores, mas ao invés de nos lamentarmos quanto a isto, está na hora de começarmos a nos mexer para resolver isto. Nada impede que reflitamos acerca do campo e façamos sugestões acerca de novas nomenclaturas ou proponhamos novos tipos de pesquisa. Isto, aliás, seria excelente! Porém, há que se ter em mente que isto deveria ser exposto a nível da comunidade científica internacional, que teria a possibilidade de conhecer nossas idéias, discuti-las, criticá-las e, talvez, aceitá-la. Que fique claro não devemos apenas receber informações estrangeiras e aceitá-las passivamente. Antes, defendendo o diálogo, através do qual, também podemos avaliar propostas e idéias dos colegas de outros países, criticar, sugerir. [2]

Voltando especificamente à questão da nomenclatura, pode-se dizer que apesar de a grande maioria dos pesquisadores em Parapsicologia adotar a terminologia proposta por Rhine, há ainda muita controvérsia sobre a denominação dos fenômenos parapsicológicos. Essa controvérsia reside principalmente no fato de os termos e denominações de fenômenos ou experiências estarem sujeitos aos avanços das pesquisas as quais, ao lançarem luz sobre determinado meandro parapsicológico, muitas vezes levam à reconsideração da terminologia referente àquele determinado estudo.

No Brasil, a desatualização quanto à terminologia mundialmente vigente - ainda que haja discordâncias - ocorre principalmente por falta de contato da grande maioria dos estudiosos da Parapsicologia com a literatura e a comunidade científica internacional, o que faz com que muitos ainda utilizem e divulguem termos arcaicos que já há muito caíram em desuso, como a denominação proposta por Richet no Tratado de Metapsíquica (1922).

Discussões sobre nomenclatura em Parapsicologia

Segundo Walter F. Prince (1921), os principais problemas que a diversidade de termos provoca são (a) diferentes significados para um mesmo termo, (b) diferentes termos para um mesmo fenômeno e (c) novas e confusas definições de palavras já em uso na linguagem comum ou científica. Isto foi discutido, entre outros autores, por Nancy Zingrone e Carlos Alvarado que afirmam ser difícil se chegar a um consenso na área. (Zingrone & Alvarado, 1987, p. 67) Vários congressos e conferências foram realizados em tentativas de padronização: Copenhague (1921), Varsóvia (1923), Paris (1927), Atenas (1930), Sienna (1949), Utrech (1953). Além disso, mais recentemente algumas conferências sobre o tema são apresentadas em congressos e artigos a respeito foram publicados. (Beloff, 1979; Lucadou, 1984; Nepe, 1984, Thalbourne, 1985; Zingrone e Alvarado, 1987; Zangari, 1993) Vários glossários foram propostos, porém, o que alcança maior consenso quanto a sua utilidade é o de Thalbourne (1982). (Zingrone & Alvarado, 1987, pp. 65 e 66)

Como já foi dito, entre as várias denominações existentes para designar os fenômenos parapsicológicos, há quem prefira a nomenclatura proposta por Charles Richet utilizada na Metapsíquica [3]. Essa nomenclatura dividia os fenômenos paranormais em dois grandes

grupos: os objetivos e os subjetivos. Estes, por sua vez, se subdividiam em várias denominações, muito semelhantes aos termos utilizados pelo Pe. Quevedo em seus livros. (Quevedo, 1982) Abrindo um parêntese, vale dizer que Quevedo utiliza a nomenclatura de Richet pelo fato de ela facilitar o cumprimento dos objetivos de Quevedo: desmascarar os chamados fenômenos espíritos. Sendo essa nomenclatura detalhada, provê recursos para encontrar explicações supostamente científicas para essas ocorrências. (Machado, 1996) Sendo, porém, a nomenclatura de Richet já obsoleta, por ora importa apenas dizer que os fenômenos subjetivos seriam aqueles ocorridos exclusivamente em termos psíquicos, sem ação dinâmica sobre os objetos materiais; os fenômenos objetivos seriam aqueles que envolvem ação física sobre o ambiente em que se manifestam.

Em 1953, foi realizado o I Congresso Internacional de Parapsicologia, na cidade de Utrech, Holanda, com a finalidade de estabelecer uma terminologia única a ser adotada pelos pesquisadores. Optou-se pela nomenclatura proposta por Thouless e Wiesner. Ficou decidido que os fenômenos parapsicológicos em geral seriam chamados de *fenômenos psi*[4], que foram subdivididos em dois grandes grupos: *psi-gamma*, correspondente aos fenômenos subjetivos, e *psi-kappa*, correspondente aos fenômenos objetivos. Alguns pesquisadores que admitem a intervenção de seres incorpóreos chamam os fenômenos que supostamente seriam produzidos por esses seres de *psi-theta*[5]. Porém, desde há muito, já não se utiliza mais, a nível internacional, os termos psi-gamma e psi-kappa, que já se tornaram, também, obsoletos.

Há ainda a questão da utilização do termo paranormal para designar os fenômenos parapsicológicos. Levanta-se uma série de discussões a respeito disso, questionando-se o sentido dessa denominação. Zangari (1993) expõe a opinião de outros parapsicólogos (Andrade, 1976; Borges, 1992; Irwin, 1989; Quevedo, 1982; Rao e Palmer, 1987; Stanford, 1977) e as discute em um artigo sobre a utilização do termo paranormal. Depois de discutir a etimologia da palavra *paranormal*, Zangari diz:

“... um fenômeno paranormal seria aquele para o qual a ciência não tem explicação, ou que se encontra fora de nossa expectativa, fora de nossas experiências do dia-a-dia, fora do padrão de experiências às quais estamos acostumados. Será que utilizando ‘fenômeno paranormal’ neste sentido poderíamos definir o campo de estudo da Parapsicologia? (...) Atribuir à Parapsicologia o dever de conhecer o que as outras ciências não conhecem seria o mesmo que imobilizar o progresso das ciências. Como sabemos, as ciências estão, a cada momento, se deparando com perguntas a respeito de seus objetos de estudo. Tais perguntas, por um lado, representam as limitações do conhecimento, mas, por outro, representam o estímulo da pesquisa científica. Se à Parapsicologia coubesse conhecer tudo o que as demais ciências não conhecem, não haveria mais necessidade de outras ciências, o que seria um absurdo. A Parapsicologia não tem tal abrangência.” (Zangari, 1993, p. 14)

Apesar de não haver consenso entre a utilização ou não da expressão *paranormal* em Parapsicologia, tenta-se amenizar os problemas de significação desse termo através de delimitações de significados que seriam próprias no caso de ele ser aplicado nesse campo de estudo.

Nomenclatura atual

Atualmente, a forma mais comum de se referir aos fenômenos pelos pesquisadores acadêmicos é aquela proposta e/ou utilizada por Joseph Banks Rhine. O Dr. Rhine adotou para denominação dos fenômenos subjetivos o termo *percepção extra-sensorial* (ESP, do inglês *extrasensory perception*) e, para os objetivos, *psicocinesia*. Essa nomenclatura se refere, sobretudo, à função psi, ou seja, à faculdade atribuída à mente capaz de produzir fenômenos psi. (Cf. Rhine, 1934, 1937, 1947, 1953; Rhine et al., 1966; Rhine & Rhine, 1943)

Os termos *percepção extra-sensorial* (ESP) e *psicocinesia* (PK) não foram cunhados por J.B.Rhine. O termo *percepção extra-sensorial* foi usado anteriormente por Pagenstecher (1924), Fisher (1926) e Sainville (1927) com o mesmo sentido empregado pelo Dr. Rhine. O termo *psicocinesia* foi usado por Holt em 1914 para designar o poder necessário para a realização da comunicação mediúmica, e Boirac usou o termo *psicocinesia vital* em 1908 com um sentido semelhante à *psicocinesia* de Rhine. (Zingrone & Alvarado, 1987, p. 51)

Segundo Joseph Rush, um dos autores de *Foundations of Parapsychology* (1987) um dos livros mais respeitados na área:

“A Parapsicologia (...) é o campo científico que estuda as interações sensoriais e motoras que aparentemente não são mediadas por nenhum mecanismo ou agente físico conhecido.” (Edge et al., 1987, p. 4)

Dependendo do modo como essas interações com o meio-ambiente ou com outros seres humanos ocorrem, há uma denominação específica para designá-las.

A percepção extra-sensorial, conhecida pela sigla ESP se refere a uma capacidade humana ligada à aquisição de conhecimento. Através da ESP as pessoas teriam a possibilidade de adquirir ou receber informações de modo diferente dos meios convencionais, isto é, sem que ninguém lhes diga nada, sem que qualquer pista de linguagem corporal contribua para que as informações sejam conhecidas ou sem que alguma mensagem escrita ou gravada seja recebida. De alguma forma, ultrapassando os limites dos sentidos

humanos conhecidos, há a possibilidade de transmissão ou captação de informações. Diz-se transmissão ou captação porque, apesar de todas as pesquisas já realizadas sobre a ESP já terem apontado muitas pistas acerca de seu funcionamento, ainda não está claro se a mensagem envolvida nesse fenômeno é transmitida ou é captada ou ambos ao mesmo tempo. Já surgiram diversas teorias para tentar explicar não apenas esse mecanismo, mas também a natureza da ESP, porém nenhuma ainda foi considerada definitiva. Os testes demonstram - apesar da objeção dos céticos - que realmente algo acontece em certas circunstâncias que parece envolver algum tipo de capacidade humana que se adequa à hipótese de utilização da ESP. Porém essa falta de uma teoria consensual entre os próprios pesquisadores do campo constitui um obstáculo para o convencimento da existência de ESP daqueles que ainda colocam em xeque essa capacidade humana.

É importante dizer que o termo percepção extra-sensorial também é questionado que não significa, porém, que devemos abandonar essa denominação imediatamente.

“Muitos parapsicólogos agora concordam que o termo ‘percepção extra-sensorial’ é uma expressão infeliz, uma vez que sugere que os referidos fenômenos são de natureza perceptiva, ou quase perceptiva. Mas, a menos que nossa visão sobre a percepção comum esteja seriamente equivocada (uma possibilidade que deve ser deixada em aberto), as várias formas de ESP aparentemente envolvem processos aparentemente bem diferentes das modalidades de sentido que nos são familiares. Não estou sugerindo que abandonemos o termo ‘ESP’; no momento ele é muito bem enrincheirado para ser amputado. Mas devemos estar alerta para não ficarmos seduzidos a pensar que a ESP seja algo parecido com a percepção comum.” (Braude, 1979, p.3)

Um dos maiores desafios para os estudiosos da ESP é a questão da violação das leis de tempo e espaço propostas pela Física clássica. A percepção extra-sensorial divide-se, didaticamente, em *telepatia* e *clarividência*. A telepatia ocorre quando há transmissão ou captação de informação entre duas pessoas. Quando a informação é obtida do meio ambiente, sem o envolvimento de uma outra mente, diz-se que ocorreu um fenômeno de clarividência. As pesquisas evidenciam que não há limites de distância entre a pessoa que “recebe” a informação e a pessoa ou local de onde ela possivelmente teria partido. Portanto, desafia os limites impostos pelo conceito de espaço em Física.

Quanto ao tempo, tanto a telepatia quanto a clarividência podem ser: (a) *precognitivas* (quando a informação se refere a um fato que ocorrerá no futuro); (b) *simulcognitivas* (quando o fato está ocorrendo no mesmo momento em que a informação é transmitida ou captada); (c) *retrocognitivas* (quando diz respeito a um evento ocorrido no passado sobre o qual a pessoa que “recebe” a informação não tinha conhecimento prévio).

Como foi dito, essa divisão é meramente didática e serve mais para estabelecer parâmetros de objetivos nos experimentos feitos em laboratórios. No caso dos fenômenos psi que ocorrem no cotidiano, muitas vezes é impossível distinguir e denominar didaticamente o que ocorreu. Por isso, Rhine introduziu a denominação *percepção extra-sensorial em geral* para englobar tanto os fenômenos de telepatia quanto os de clarividência. A sigla utilizada para a percepção extra-sensorial em geral é GESP, do inglês *general extrasensory perception*. (Beloff, 1993, p. 135)

A *psicocinesia*, outra categoria de fenômenos estudada pela Parapsicologia, diz respeito aos fenômenos extra-motores. Assim, a psicocinesia, ou PK (do inglês *psychokinesis*), está relacionada à movimentação de objetos sem a intervenção dos músculos ou utilização de algum aparelho ou mecanismo conhecido. Popularmente, a PK é conhecida como a ação da mente sobre a matéria.

A PK está envolvida nos casos das chamadas casas mal-assombradas ou poltergeist onde, tendo sido descartadas as possibilidades de fraude ou de má-interpretação de fenômenos físicos ou químicos considerados naturais, ocorre a movimentação, quebra e desaparecimento de objetos, combustão espontânea, queda de pedras dentro da casa, aparecimento inexplicável de água pelo local ou de fezes nos alimentos, comprometimento das instalações elétricas e sons e vozes cuja origem é desconhecida. A esses fenômenos que são diretamente observáveis, ainda que mais raros do que os de ESP, dá-se o nome técnico de *macro-PK*. Atualmente, o principal pesquisador dos fenômenos de macro-PK em casos espontâneos do tipo poltergeist é William Roll.

Há ainda outro tipo de PK, a chamada *micro-PK*, que se refere à influência mental sobre sistemas computadorizados, micro-organismos e sistemas vivos, em geral. Nesses casos, os efeitos da influência psicocinética não podem ser diretamente observados, dependendo do levantamento estatístico das respostas dos computadores ou de aparelhos que meçam a alteração fisiológica dos sistemas vivos. Incluem-se aqui as pesquisas relacionadas às curas através da possível atuação mental sobre um indivíduo doente e à influência no crescimento de plantas, o que é tecnicamente chamado de *influência mental direta sobre sistemas vivos* ou DMLS, do inglês *direct mental influence on living systems*.

Apesar de Joseph Banks Rhine pressupor que a psicocinesia não se trataria de algo físico, mas sim de algo não-físico, não há consenso entre os pesquisadores que se dedicam à pesquisa de PK sobre o que realmente faz com que aconteça essa modificação. (Palmer, 1993, p. 177) Já se sabe a respeito das razões e condições psicológicas que influenciam na ocorrência de tais casos, mas ainda não está definitivamente demonstrado se a natureza de PK é física ou espiritual (no sentido filosófico do termo). (Machado e Zangari, 1995)

Até o momento, há apenas definições negativas sobre os fenômenos parapsicológicos. Sabe-se o que eles não envolvem, mas não se conseguiu ainda descobrir sua verdadeira natureza. Há quem defenda que evidências obtidas através da pesquisa experimental apontam para a possibilidade de que ESP e PK teriam a mesma natureza, apenas manifestando-se de modo diferente. Talvez os termos ESP e PK também não passem apenas de uma divisão didática. (Braude, 1979)

A Parapsicologia também se ocupa do estudo dos *fantasmas* e *aparições*, e das experiências de *lembranças de vidas passadas*. Isto porque esses tipos de vivências podem constituir fenômenos psi e a situação em que esses fenômenos ou experiências ocorrem são importantes para trazer luz às pesquisas realizadas. É necessário que fique claro que a Parapsicologia não cuida apenas de fenômenos genuinamente parapsicológicos. No caso da investigação de ocorrências espontâneas, por exemplo, todos os eventos ocorridos no local são denominados de experiências psi ou parapsicológicas, e não imediatamente de fenômenos. Isto porque, muitas pessoas que têm a impressão de estar vivenciando um fenômeno psi está, na verdade, interpretando de forma errônea um evento absolutamente de acordo com os padrões considerados normais. Uma porta que se bate, por exemplo, devido à ação do vento, ou lâmpadas que se

apagam sozinhas devido a problemas elétricos corriqueiros podem ser interpretados como algum fenômeno misterioso. Daí a importância de se diferenciar *experiência parapsicológica* de *fenômeno parapsicológico*. (Irwin, 1989)

No caso das experiências de visão de fantasmas ou aparições, a explicação para a ocorrência seria que essa visão se constituiria em um modo de levar à consciência uma informação obtida inconscientemente por ESP. Ao invés de a pessoa ter uma intuição ou um sonho, ela passa pela experiência de ver alguém que já faleceu ou ainda está vivo, trazendo-lhe a informação. Ou, outra possibilidade, é de que não haja nenhum conteúdo informativo, mas, por um motivo particular, a pessoa em questão aja psicocineticamente no ambiente criando algo que pode até mesmo ser observado por outras pessoas.

Além dos fenômenos citados, a Parapsicologia também tem interesse nas *experiências fora-do-corpo*, conhecidas como viagens astrais, e nas experiências próximas da morte quando há algum indício de envolvimento de um componente psi na experiência, o que, geralmente, não acontece. (Zangari e Machado, 1995)

Quanto às pesquisas experimentais, três termos não podem deixar de ser citados, pois denominam os principais experimentos de ponta da atualidade: *ganzfeld*, *visão remota* ou *visão à distância* e *influência mental direta sobre sistemas vivos* (já citado e comentado anteriormente).

Ganzfeld, que significa *campo completo*, é uma técnica experimental que vem sendo aperfeiçoada e variada desde 1974, quando começou a ser utilizada. No experimento *ganzfeld*, desenvolvido especialmente por Charles Honorton, basicamente o sujeito é instalado confortavelmente em uma poltrona reclinável, com duas meias bolinhas de pingue-pongue sobre os olhos e uma luz vermelha iluminando o ambiente. Com os olhos abertos, ele só enxerga uma amplidão avermelhada que faz com ele perca a noção de profundidade. Além disso, fones de ouvidos com ruído branco propiciam um estado de homogeneização sensorial que facilita a formação de imagens mentais. Enquanto o sujeito se encontra nessa posição, um agente está em outra sala e tenta transmitir a ele um alvo escolhido aleatoriamente[6]. Durante o experimento, o sujeito fala tudo o que lhe vem à mente, e o seu relato é gravado em fita cassete e, ao final do experimento, é comparado com outras quatro figuras uma, dentre as quais, é o verdadeiro alvo. O sujeito escolhe a que mais se aproxima das imagens mentais ou das sensações que teve. Os resultados são, em geral, surpreendentemente bons e muito acima do esperado pela acaso em termos estatísticos. (Honorton, 1974, 1978, 1983, 1985; Honorton et. al., 1990)

No experimento de *visão remota* ou *visão à distância*, o sujeito não precisa estar em um estado alterado de consciência para acertar o alvo. O experimento de visão remota consiste basicamente em que uma pessoa se dirija a um determinado local selecionado aleatoriamente e observe todos os seus detalhes, demorando-se por determinado tempo nesse lugar. Enquanto isso, o sujeito tenta descrever onde está essa outra pessoa, narrando imagens que lhe vêm à mente ou desenhando o suposto local. Esses experimentos foram primordialmente desenvolvidos pelos físicos Russell Targ e Harald Puthoff na década de 1970, no Stanford Research Instituto, em Menlo Park, próximo a São Francisco. (Targ & Puthoff, 1978) Os resultados foram estatisticamente significativos. Recentemente foram anunciadas notícias sobre milhões de dólares que foram empregados pelos Estados Unidos durante vinte anos no projeto *Star Gate* que apoiava pesquisas de visão remota com vistas a futuras aplicações militares. Edwin May, presidente da *Parapsychological Association* (1996) esteve à frente dessas pesquisas. Os resultados foram bastante significativos. A técnica ainda está sendo aprimorada e variações do experimento têm sido testadas.

Conclusão

Como foi dito no início, este artigo representa apenas uma provocação para, mais uma vez, trazer à tona a discussão a respeito da nomenclatura em Parapsicologia. Fica claro que é de suma importância a atualização em relação aos avanços da área, que até o momento ocorrem principalmente no exterior. Por isso, sugiro a leitura dos artigos e livros sobre o assunto, indicados neste trabalho, pois são fontes riquíssimas de questionamentos e esclarecimentos de questões conceituais, que aqui não pude desenvolver com maior profundidade por questões de delimitações de laudas.

Para que consigamos acertar o passo, é imprescindível que tenhamos uma atitude de abertura em relação ao que “vem de fora” - que, a meu ver, “vem de dentro”, uma vez que, não importa em que país estejamos, fazemos parte de uma comunidade científica única - e a humildade de rever conceitos e idéias. Alegoricamente falando, já não se escreve mais *pharmácia* e, por mais clássico e elegante que julgemos essa grafia, há que se reconhecer que utilizá-la hoje seria, no mínimo, comportamento de quem parou no tempo.

Obviamente, não há um consenso entre os pesquisadores sobre a nomenclatura em Parapsicologia. E, talvez, esse consenso nunca existirá, uma vez que a ciência não é estagnada. Por isso, sempre novas idéias vão surgindo, o que modifica conceitos. No entanto, um mínimo de acordo deve haver para a utilização de conceitos e denominações, ainda que eles não sejam perfeitamente adequados. Afinal, de algum ponto em comum temos que partir para chegarmos a algum lugar. Aí, mais uma vez, está a importância da atualização, pois, caso contrário, perderemos o bonde da história da Parapsicologia, e continuaremos a usar e receitar unguentos de nossa *pharmácia*.

Este artigo foi publicado previamente no Anuário Brasileiro de Parapsicologia, nº 2 - 1997, publicado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. (<http://www.parapsicologia.org.br>) [1]

Bibliografia

Alvarado, C. (1989) *The Language Barrier in Parapsychology*. Journal of Parapsychology, Vol. 53, pp. 125-139. (Publicado em

português na Revista Brasileira de Parapsicologia, nº 1, 1992, pp. 23 a 30.)

Andrade, H.G. (1976) *Parapsicologia Experimental*. São Paulo: Livraria Espírita Boa Nova. (1ª edição: 1967)

Beloff, J. (1979) *The categories of psi: The case for retention*. European Journal of Parapsychology, 3, 69-77.

Beloff, J. (1993) *Parapsychology: A Concise History*. London: The Athlone Press.

Borges, V.R. (1992) *Manual de Parapsicologia*. Recife: Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas.

Braude, S. (1979) *Conceptual Foundations*. In *Esp and Psychokinesis: A Philosophical Examination*. Philadelphia: Temple University Press. (pp. 3-7)

Edge, H.L., Morris, R.L. Palmer, J. & Rush, J.H. (1987) *Foundations of Parapsychology*. New York: RKP.

Fisher, O. (1926) *Zur Nomenklatur und Systematik des Okkultismus*. Zeitschrift für Parapsychologie, 1, pp. 304-310.

Honorton, C. (1974) *Psi-Conducive States*. In J. White (Ed.), *Psychic Exploration*. New York: Putnam's, pp. 616-638.

Honorton, C. (1978) *Psi and Internal Attention States: Information Retrieval in the Ganzfeld*. In B. Shapin & L. Coly (Eds.), *Psi and States of Awareness*. New York: Parapsychology Foundation, pp. 79-90.

Honorton, C. (1983) *Response to Hyman's Critique of Psi Ganzfeld Studies*. In (?) (Ed.) *Research in Parapsychology 1982*. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, pp.23-26.

Honorton, C. et al. (1990) *Psi Communication in the Ganzfeld*. Journal of Parapsychology, 54, pp. 99-139.

Irwin, H. (1989) *An Introduction to Parapsychology*. Durham: McFarland.

Lucadou, W. Von (1984) *What is wrong with the definition of psi?* European Journal of Parapsychology, 5, 261-283.

Machado, F. R. (1996) *A Causa dos Espíritos: Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. Dissertação Mestrado defendida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Machado, F.R. & Zangari, W. (1995) *Conversando sobre Casas Mal-Assombradas: O Fenômeno Poltergeist*. São Paulo: Paulinas.

Machado, F.R. & Zangari, W. (1996) *Conversando sobre Aparições e Fantasmas*. São Paulo: Paulinas.

Neppe, V. M. (1984) *Extrasensory perception: An anacronism and anathema*. Journal of the Society for Psychical Research, 52, 365-370.

Pagenstecher, G. (1924) *Aussersinnliche Wahrnehmung*. Halle: C.Marhold.

Palmer, J. (1993) *The Psi Controversy*. Journal of Parapsychology, 57, pp. 176 a 189.

Prince, W.F. (1921) *The First International Congress on Psychic Research*. Journal of the American Society for Psychical Research, 15, pp. 547-558.

Quevedo, O.G. (1982) *O que é Parapsicologia?* São Paulo: Loyola. (Publicado originalmente em 1974.)

Rao, R. & Palmer, J. (1987) *The anomaly called psi: Recent research and criticism*. Behavioral and Brain Sciences, Cambridge, vol. 10, nº 4, pp. 539-551.

Richet, C. (1922) *Traité de Métapsychique*. Paris: Félix Alcan.

Rhine, J.B. (1934) *Extrasensory Perception*. Boston: Boston Society for Psychical Research. (Reimpresso pela Brandn Press em 1964)

Rhine, J.B. (1937) *New Frontiers of the Mind*. New York: Farrar & Rinehart.

Rhine, J.B. (1947) *The Reach of the Mind*. New York: William Sloane.

Rhine, J.B. (1953) *The New World of the Mind*. New York: William Slone.

Rhine, J.B., Pratt, J.G., Stuart, C.E., Smith, B.M. & Greenwood, J.A. (1966) *Extra-Sensory Perception After Sixty-Years*. Boston: Bruce Humphries. (Publicado originalmente em 1940.)

Rhine, L.E. & Rhine, J.B. (1943) *The Psychokinetic Effect: The First Experiment*. *Journal of Parapsychology*, 7, pp. 20-43.

Sainville, L.L. de (1927) *Perceptions extra-sensoriales (mes expériences)*. *Revue métapsychique*, 6, pp. 429-451.

Stanford, R. (1977) *Conceptual frameworks of contemporary psi research*. In *Handbook of Parapsychology*. Ed. B.B. Wollman.

Targ, R. & Puthoff, H. (1978) *Extensões da Mente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Thalbourne, M.A. (1982) *A Glossary of Terms Used in Parapsychology*. London: Heinemann.

Thalbourne, M.A. (1985) *The conceptual framework of parapsychology: Time for a reformation*. In R. White & Solvvin (Eds.), *Research in Parapsychology 1984* (pp. 55-59). Metuchen, NJ: Scarecrow Press. (Resumo)

Zangari, W. & Machado, F.R. (1995) *Conversando sobre Parapsicologia*. São Paulo: Paulinas.

Zangari, W. (1993) *Por que Paranormal?* *Revista Brasileira de Parapsicologia*, nº 2, pp. 14-19.

Zingrone, N. & Alvarado, C. (1987) *Historical Aspects of Parapsychological Terminology*. *Journal of Parapsychology*, Vol. 51, pp. 49-74.

*Fátima Regina Machado

Diretora-Executiva do Centro de Estudos Peirceanos,

Co-Diretora do Inter Psi

Grupo de Estudos de Semiótica,

Interconectividade e Consciência,

do CEPE, COS, PUC-SP.

E.mail: pesquisapsi@gmail.com

[1]

Este artigo é baseado em parte do primeiro capítulo (*Origens, Evolução e Estado Atual da Parapsicologia*) da Dissertação de Mestrado da autora, defendida em dezembro de 1996 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. Título da dissertação, que deverá ser brevemente publicada: *A Causa dos Espíritos - Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*.

[2]

Esta questão é melhor desenvolvida no trabalho preparado para o I Congresso Internacional e Brasileiro de Parapsicologia a ocorrer em outubro/novembro de 1997, em Recife/PE.

[3]

Variação francesa da Pesquisa Psíquica inglesa.

[4]

Psi corresponde à 23ª letra do alfabeto grego e, neste caso, vale como o X na matemática. Em Parapsicologia, psi é usada para designar os fenômenos, uma vez que sua natureza é, ainda, uma incógnita.

[5]

Theta é o nome da primeira letra da palavra *thanatos*, que significa 'morte' em grego.

[6]

Há variações deste experimento, como o ganzfeld precognitivo, feito pelo Dr. Daryl Bem. Consiste em escolher o alvo tempos depois de o sujeito ter participado da sessão experimental. Pode envolver ou não um transmissor.

Última Atualização (23 de março de 2005)

[Próximo >](#)

[\[Voltar\]](#)



Este Website é uma realização do [Inter Psi](#) e é mantido por Leonardo Stern e Welling-

ton Zangari
© 2007 Pesquisa Psi
[Joomla!](#) is Free Software released under the GNU/GPL License.